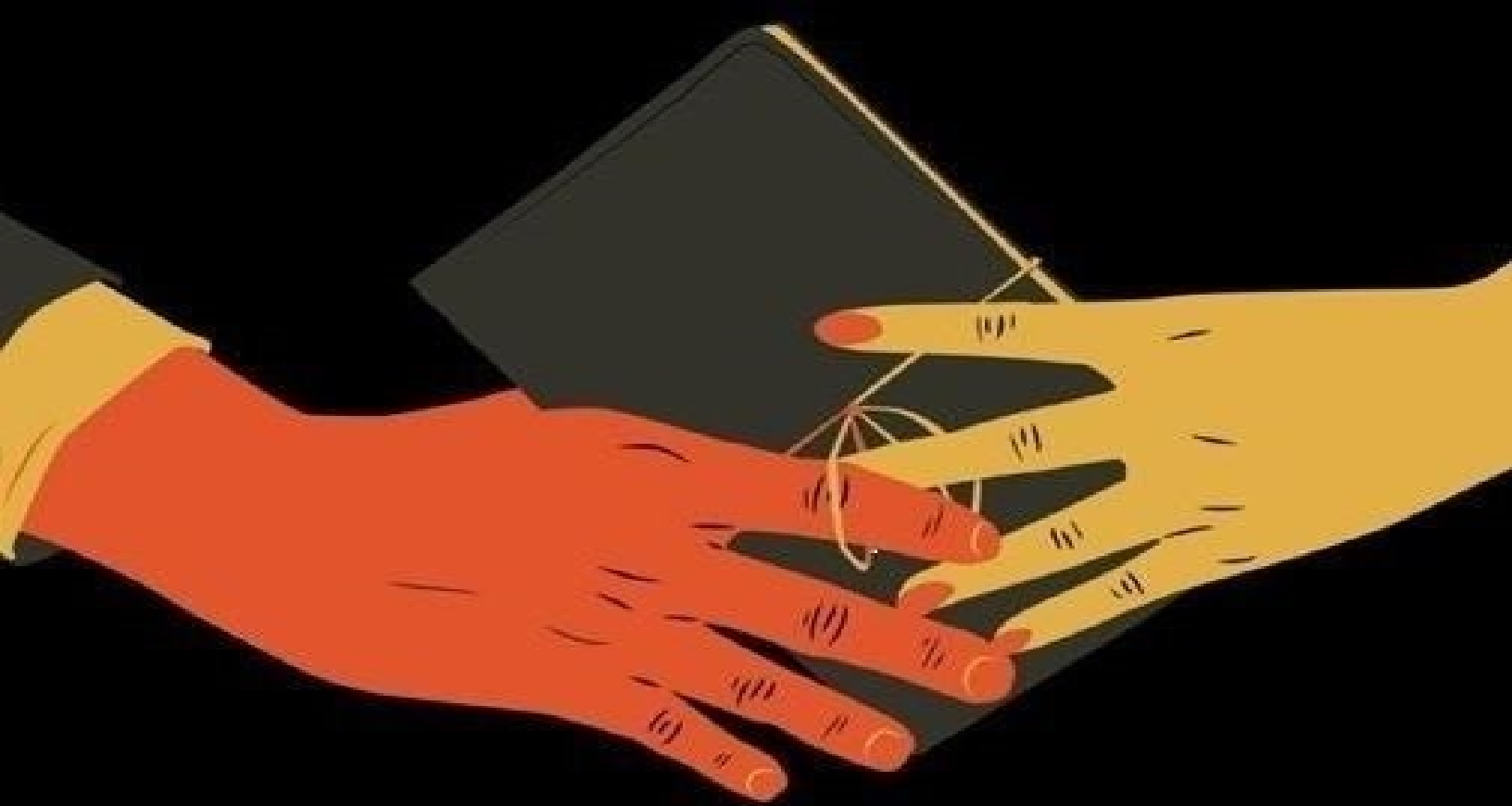




**JOHN
LE CARRÉ**
**A CASA DA
RUSSIA**



LE JOHN CARRÉ

A CASA DA RÚSSIA

Título original

The Russia House

1989

PT-PT adaptado a PT-BR

Tradução de José Vieira de Lima
John Le Carrê
A casa da Rússia
PLANETA

Ficha

Título original: The Russia House

Tradução: José Vieira de Lima 1989 by David Cornwell

Publicações Dom Quixote, Ltda. Lisboa

Editora Planeta De Agostini, S. A., Lisboa. 1999

para a presente edição especial para Placresa. S.A.

Todos os direitos reservados

Terceira edição: Julho de 2000

ISsN: 972-747-412-8

Depósito Legal: 13.5.176/99

Impressão e encadernação: Cayfosa-Quebecor;

Santa Perpétua de Mogoda (Barcelona)

Impresso em Espanha — Printed in Spain

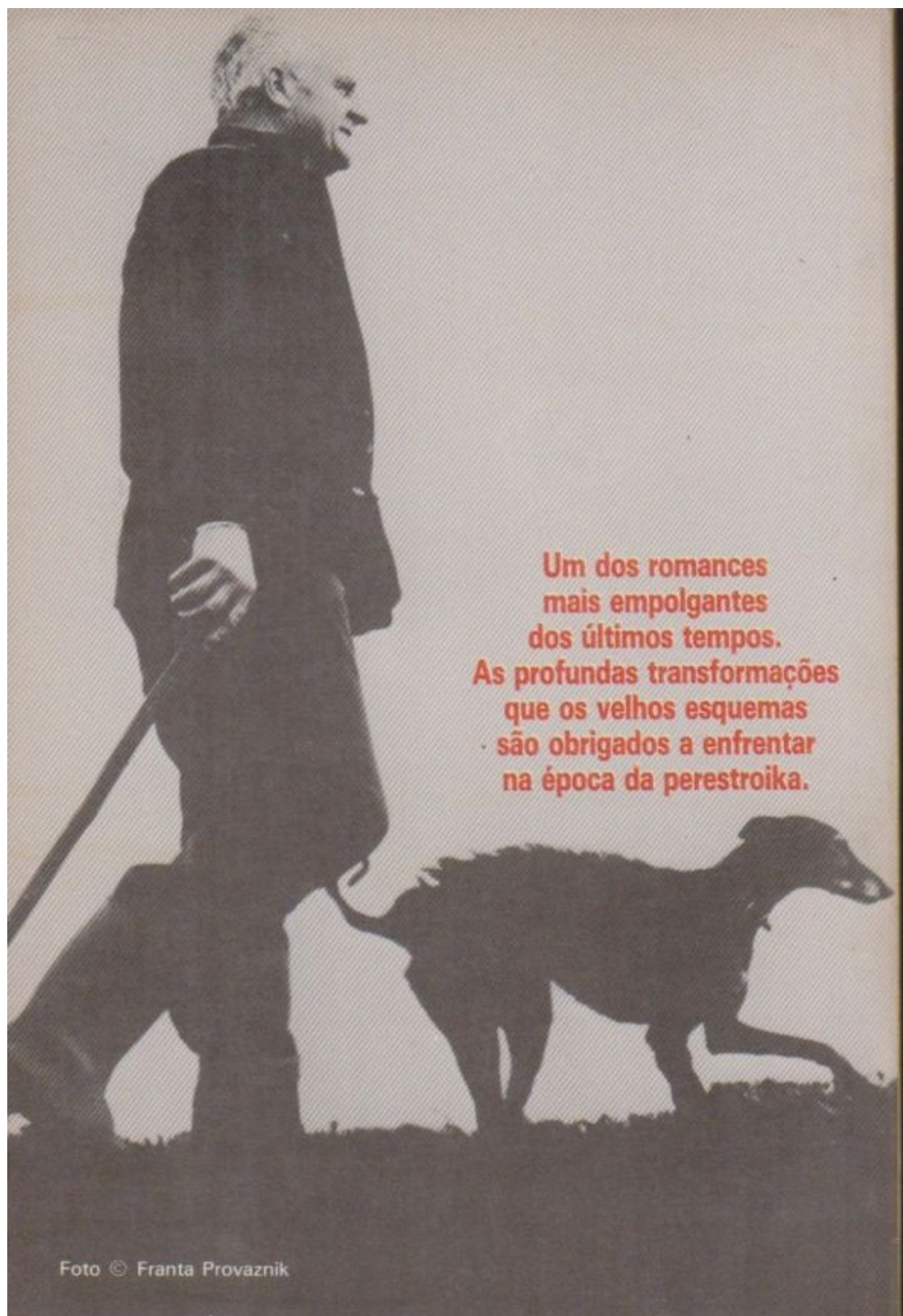
O Autor

JOHN LE CARRÉ é pseudônimo de David J. M. Cornwell. Nasceu em Poole, Inglaterra, em 1931. Estudou nas universidades de Berna e Oxford e foi professor em Eton. Em fins dos anos quarenta ingressou nos serviços secretos britânicos, destacado para a Áustria. De 1961 a 1964 foi funcionário do Foreign Office. Seu primeiro romance, *Call for the Dead* (Chamada para a Morte), foi publicado em 1961; mas alcançou fama internacional com *The Spy Who Came in from the Cold* (O Espião que Saiu do Frio), de 1963. Entre suas obras destacam-se *A Small Town in Germany*, 1968 (Uma pequena cidade na Alemanha) e *Tinker, Tailor, Soldier, Spy*, 1974 (O espião que sabia demais). Muitas obras de Le Carré deram origem a filmes, como este A Casa da Rússia, e séries de televisão.

Sinopse

No terceiro verão da Perestroika, o editor Niki Landau está em Moscou para uma feira de áudio quando recebe inesperadamente de uma jovem russa um manuscrito misterioso contendo revelações cruciais para a defesa do Ocidente, que deverá entregar com urgência em Londres ao excêntrico Barley Blair, outro editor. Agentes do MI6 e da CIA caem sobre Barley para que ele siga as instruções do remetente, um cientista soviético de alto nível. Barley Blair aparentemente concorda. Mas Barley Blair tem suas próprias regras...

No mundo secreto de John Le Carré, seja em Moscou, Leningrado, Maine, Londres ou Lisboa, às vezes há lugar para o amor.



Um dos romances
mais empolgantes
dos últimos tempos.
As profundas transformações
que os velhos esquemas
são obrigados a enfrentar
na época da perestroika.

Foto © Franta Provaznik

Le Carré passeando com seu galgo.

Para Bob Gottlieb, grande assistente editorial e amigo paciente.

Penso, efetivamente, que as pessoas desejam tanto a paz que um dia destes os governos terão de mudar de rumo e lhes dar essa paz.

DWIGHT D. EISENHOWER

Temos de pensar como heróis para nos comportarmos como seres humanos minimamente decentes.

MAY SARTON

Prefácio

Agradecimentos em romances arriscam-se a ser tão entediantes como créditos no cinema. No entanto, é comovente a presteza com que pessoas habitualmente tão ocupadas me oferecem seu tempo e seu saber para me ajudar a levar a cabo um empreendimento tão frívolo como o meu. Por isso, não posso deixar de aproveitar esta oportunidade para agradecer.

Lembro com especial gratidão a ajuda de Strobe Talbott, ilustre jornalista de Washington, soviétólogo e autor de várias obras sobre defesa nuclear. Se há erros neste livro, não são decerto de sua responsabilidade, e muitos mais haveria sem a sua colaboração. O professor Lawrence Freedman, autor de várias obras modelares sobre a guerra moderna, honrou-me também com a sua assistência, mas o meu simplismo não é obviamente culpa sua.

Frank Geritty, durante muitos anos agente do Federal Bureau of Investigation, iniciou-me nos mistérios do detector de mentiras, agora tristemente denominado polígrafo, e se minhas personagens não valorizam tanto quanto ele os poderes dessa máquina, são elas que merecem a censura do leitor, e não meu precioso colaborador.

Devo ainda uma retratação a John Roberts e a sua equipe da Associação Grã-Bretanha-URSS, que ele preside. Foi John Roberts que me acompanhou em minha primeira visita à URSS, abrindo-me todas as portas que, de outro modo, teriam se mantido fechadas. Mas ele nada sabia — nem me fez qualquer pergunta nesse sentido — sobre minhas negras intenções. De sua equipe, permitam-me mencionar em particular Anne Vaughan.

Meus anfitriões soviéticos da União de Escritores revelaram idêntica discrição e largueza de espírito que não deixaram de me surpreender. Qualquer pessoa que visite a União Soviética nestes anos extraordinários e que tenha o privilégio de manter as conversas que eu pude manter terá forçosamente que regressar com um duradouro amor por seu povo e um sentimento de respeito pela grandiosidade dos problemas que enfrenta. Espero que meus amigos soviéticos vejam refletido nesta fábula um pouco do calor que senti em sua companhia, e um pouco da esperança que partilhamos no sentido de um futuro mais sadio e amistoso.

O jazz é um grande unificador e não me faltou o apoio de amigos quando apareceu o saxofone de Barley. Wally Fawkes, o celebrado autor de comics e músico de jazz, emprestou-me seu ouvido, e John Calley, seu perfeito conhecimento tanto de letras como de músicas. Se tais homens pudessem um dia governar este mundo, talvez acabassem todos os conflitos que me têm inspirado.

JOHN LE CARRÉ

Numa movimentada rua de Moscou, a menos de duzentos metros da estação Leningrado, no último piso de um hotel ornamentado e horrendo construído por Stalin no estilo que os moscovitas denominam de *Império durante a Peste*, a primeira feira de áudio do British Council para ensino de inglês e divulgação da cultura britânica aproximava-se de seu penoso fim. Eram cinco e meia da tarde, e o tempo era de verão instável. Depois de uma série de violentos aguaceiros durante todo o dia, um sol enganador reluzia nos charcos e fazia fumegar as calçadas. Quanto aos transeuntes, os mais jovens usavam jeans e tênis, mas os mais velhos ainda se aconchegavam em seus casacos.

O salão que o British Council tinha alugado não era caro, mas também não era apropriado para o evento. Tive oportunidade de ver esse salão há não muito tempo numa missão inteiramente diferente. Subi nas pontas dos pés a grande escadaria vazia e, com um passaporte diplomático no bolso, deixei-me ficar no meio do salão, naquela obscuridade eterna que envolve todos os velhos salões de baile quando bate o sono. Com suas rotundas pilastras marrons e seus espelhos dourados, mais parecia o salão de um navio prestes a naufragar, e não propriamente o local ideal para uma grande iniciativa. No teto, russos ameaçadores, com bonés proletários, erguiam punhos fechados junto a Lênin. Seu vigor contrastava dramaticamente com as prateleiras em tinta verde já lascada, cheias de fitas, que ocupavam as paredes de uma ponta à outra, com títulos tão diversos como *Winnie-the-Pooh* e *Advanced Computer English in Three Hours*. As cabines de som, revestidas de tecido grosseiro de fabricação local e sem muitas qualidades que seriam desejáveis, tinham a tristeza de cadeiras de praia em dia de chuva. Os stands dos exibidores, aglomerados sob a vasta galeria, pareciam tão blasfemos como lojas de apostas numa igreja.

Apesar de tudo decorrerá ali uma feira, ainda que de duvidosa qualidade. Os visitantes tinham vindo, como é habitual entre os moscovitas, desde que tenham documentos e estatuto que satisfaçam os rapazes de blusões de couro e olhar duro que os esperam na porta. Vêm porque é de bom tom. Por curiosidade. Porque querem falar com ocidentais. Porque é um acontecimento. E agora, na quinta e última noite da feira, a grande festa de despedida de exibidores e convidados

começava a ficar animada. Um punhado de representantes pouco importantes da nomenclatura burocrática cultural soviética agrupava-se sob o candelabro, as mulheres nos penteados em forma de colmeia e vestidos de flores, os homens apertados em ternos reluzentes de produção francesa, o que significava acesso às lojas de roupas especiais. Apenas os anfitriões britânicos, em tons tristemente cinzentos, cumpriam a monotonia da austeridade socialista. O tumulto cresceu quando uma brigada de copeiras de avental começou a distribuir sanduíches de salame em forma de anel e vinho branco quente. Um diplomata britânico de alto nível, que não era propriamente o embaixador, distribuía cumprimentos efusivos e se dizia encantado.

Entre toda aquela gente, apenas Niki Landau se afastara das celebrações. Curvado sobre sua mesa no stand vazio, somava as últimas encomendas e verificava as cópias dos recibos e as despesas, porque uma de suas máximas era procurar diversão só depois de concluído o trabalho.

Pelo canto do olho, via uma mulher soviética que deliberadamente ignorava — uma mulher que, naquele momento, não passava de uma mancha azul e ansiosa. Encrenca, pensava ele enquanto trabalhava. A evitar.

O ambiente de festa não afetara Landau, não obstante seu temperamento festeiro. Uma das razões era que tinha aversão indestrutível por todo e qualquer funcionário britânico, sentimento que vinha dos tempos em que o pai fora obrigado a regressar à Polônia. Quanto aos britânicos em geral, disse mais tarde, nada tinha a reclamar. Era um deles por adoção e exibia a reverência formal dos convertidos. Mas os lambe-botas do Foreign Office eram outra coisa. E quanto mais se davam ares superiores, olhando-o do alto com desprezo e sorriso afetado, tanto mais ele os odiava, tanto mais ele pensava no pai. Por outro lado, por sua vontade nunca teria participado na feira. Teria antes ficado em Brighton, com uma namorada especialmente simpática chamada Lydia, que conhecera recentemente, num pequeno hotel privado não menos simpático, ideal para levar namoradas.

— É preferível nos prepararmos para a feira do livro de Moscou em setembro —, dissera Landau aos clientes na sede da empresa em Londres. — Não sei se compreende, Bernard, os russos gostam de livros, mas uma feira de áudio vai assustá-los, eles ainda não estão

preparados para isso. Com a feira do livro, é dinheiro em caixa. Com a feira de áudio, é morte certa.

Mas os clientes de Landau eram jovens e ricos e não acreditavam na morte. — Meu rapaz —, disse Bernard, aproximando-se dele e pondo a mão em seu ombro, coisa de que Landau não gostava —, no mundo de hoje, temos de exhibir bem a bandeira. Somos patriotas, Niki, entende? Como você. É por isso que somos uma companhia internacional. Hoje, com a glasnost, a União Soviética é o Everest do comércio audiovisual. E você, Niki, vai nos levar ao topo. Porque se você não o fizer encontraremos quem faça. Alguém mais jovem, certo, Niki? Alguém com a energia e a classe necessárias.

Energia Landau ainda tinha. Mas a classe, como ele era o primeiro a confessar, a classe... era melhor não falar disso. Era engraçado e gostava de ser. Era um polonês engraçado, enérgico e baixinho, e tinha orgulho disso. Era o bom Niki, o camaradinho malcriado das vendas para o Leste, capaz, como ele gostava de se vangloriar, de vender fotografias porcas a um convento georgiano ou tônico capilar a uma bola de bilhar romena. Era Landau, o atleta raquítico, que usava saltos mais altos que o normal para dar ao corpo eslavo a escala inglesa que tanto admirava, e que vestia terno caros da moda que não o deixavam passar despercebido. Quando o bom Niki acabou de montar seu stand, os colegas de negócios garantiram que se podia ouvir o tinir do sino em seu carrinho de vendedor ambulante.

E Landau, esperto como era, partilhava a piada com eles, jogava o jogo deles. — Pois é, pessoal, sou o polonês em que vocês não ousam tocar* —, declarava orgulhosamente depois de pedir mais uma rodada.

*[*No original, I'm the Pole you wouldn't touch with a barge: triplo trocadilho intraduzível. Significa "Vocês não querem se meter comigo", mas barge pole é também um rebocador que move barças, e Pole com maiúscula significa Polonês. Mas pole também é pênis. São portanto duas zonas de sentido: o tratamento dos colegas e sua fogosa sexualidade. (N. do T.)]*

Era o processo que Landau usava para que os outros rissem com ele em vez de rirem dele. Então, era de se esperar que, para demonstrar o que acabava de dizer, Landau sacaria um pente do bolso e se abaixaria, quase como se fosse ajoelhar, para, com ajuda de um quadro pendurado na parede ou outra superfície polida qualquer, domar o

cabelo muito preto, preparativo essencial para uma nova conquista, usando as duas pequeninas mãos para dar à cena um ar bem viril. — Mas quem é aquela jovem ali naquele canto? —, perguntaria ele em sua pouco ortodoxa mistura de polônês de gueto com cokney do East End. — Olá, querida! Tão solitária... Não me diga que vai passar a noite toda sozinha? — Uma em cada cinco vezes, Landau tinha sucesso, o que, em suas contas, era uma boa média. Precisava era manter a iniciativa.

Mas nesta noite Landau não pensava em sucessos ou iniciativas. O que ele pensava é que suara a semana inteira para ganhar uma ninharia — ou, como ele me disse mais explicitamente, para ganhar um beijo de puta. Ele achava também que todas as feiras, fossem de livro, de áudio ou qualquer outra, consumiam mais energia do que gostaria de admitir, como acontecia com as mulheres. Pouco recebia em troca desse dispêndio de energia. No dia seguinte regressaria a Londres, mas se pudesse apanharia o avião naquele momento. E se aquela ave russa toda de azul não desistisse de se insinuar no horizonte de sua atenção, no preciso momento em que tentava fechar as contas e se preparava para instalar o sorriso festeiro e se reunir à exultante multidão, era muito provável que lhe dissesse uma certa palavra da língua russa que ambos lamentariam toda a vida.

Que ela era russa, não havia dúvida. Só uma russa ainda por ali, com uma sacola plástica pendurada no braço, pronta para a compra ocasional que é a alegria de sua vida quotidiana, ainda que na maior parte dos casos não usassem sacolas de plástico, mas de pano. Só uma russa seria capaz de se mostrar tão intrometida, a ponto de poder verificar a aritmética de um homem. E só uma russa prefaciaria a sua interrupção com um daqueles grunhidos insuportáveis que, num homem, lhe faziam lembrar o pai apertando os laços dos sapatos e que, numa mulher, Harry, ah, numa mulher, fazem logo pensar em cama.

— Desculpe... o senhor trabalha para a firma Abercrombie & Blair? —, perguntou ela.

— Não é aqui, minha querida —, respondeu Landau sem sequer erguer a cabeça. Ela fizera a pergunta em inglês, portanto ele respondera em inglês, como aliás sempre fazia.

— O senhor é Mr. Barley?

— Barley, não, minha querida, Landau.

— Mas este é o stand de Mr. Barley.

— Não é o stand de Barley coisa nenhuma. Este é o meu stand. Abercrombie & Barley é ao lado. — Ainda de cabeça baixa, Landau apontou com o lápis para a esquerda, para o stand vazio ao lado, onde um cartaz pintado em verde e dourado anunciava a antiga casa editora de Abercrombie & Blair, Norfolk Street, Strand.

— Mas esse stand está vazio. Não há ninguém lá —, objetou a mulher. — Ontem também estava vazio.

— Correto. Corretíssimo —, respondeu Landau, num tom capaz de acabar com qualquer conversa. Então, debruçou-se ainda mais sobre seu livro-caixa, aguardando que a mancha azul desistisse e desaparecesse. Sabia que estava sendo mal-educado, mas quanto mais ela persistisse mais dava vontade de ser grosseiro.

— Mas onde está Scott Blair? Onde está o homem a quem chamam Barley? Tenho que falar com ele. É muito urgente.

Nesse momento Landau já a odiava com ferocidade cega. — Mr. Scott Blair —, disse ele erguendo de chofre a cabeça e olhando-a bem de frente, — Mr. Scott Blair, Barley para os íntimos, está ausente, minha senhora. A companhia dele reservou um stand — disso não há dúvida. E Mr. Scott Blair é diretor, presidente, governador-geral e, pelo que sei, ditador vitalício dessa companhia. No entanto, não ocupou seu stand.

Nesse momento, reparando que toda a atenção dela estava concentrada nas suas palavras, Landau começou a perder a embalagem inicial.

— Ouça, minha querida, não sei se percebeu, mas acontece que eu trabalho aqui, e não para Mr. Barley Scott Blair, por muito que goste dele.

Dito isto, parou, já que as preocupações cavalheirescas tinham abafado sua ira momentânea. A mulher estava tremendo. Não só tremiam as mãos que seguravam a sacola marrom, mas também o pescoço e a gola de renda antiga que encimava seu vestido impecavelmente azul, que Landau via tremer contra uma pele que já estava mais branca do que a renda. No entanto, a boca e os maxilares permaneciam impassíveis, numa atitude de firmeza, e a expressão dela o afetava.

— Por favor, preciso de toda sua simpatia e ajuda —, disse ela, como se não houvesse outra saída.

Acontece que Landau se orgulhava de conhecer as mulheres. Gabava-se disso, como de outras coisas, até cansar quem o ouvia, mas

a verdade é que seu orgulho tinha algum fundamento. — As mulheres, as mulheres são meu hobby, Harry, passarei a vida toda a estudá-las, são a paixão que me consome —, confidenciou-me um dia, e a convicção em sua voz era tão solene como o juramento. Não sabia quantas mulheres já tivera, mas era com grande satisfação que dizia que o total já estava nas centenas, e nenhuma delas tinha motivo de queixa. — Jogo com toda a franqueza e escolho acertadamente —, garantiu ele, batendo com o indicador numa das narinas. — Nada de pulsos cortados, casamentos desfeitos ou palavras azedas depois de tudo acabado. — Se era ou não verdade, ninguém podia saber, eu inclusive, mas não havia dúvida de que os instintos que o tinham guiado em suas aventuras o ajudavam agora a traçar rapidamente o retrato da mulher.

Era séria. Inteligente. Determinada. Estava assustada, embora em seus olhos escuros houvesse uma centelha de coragem. E tinha ainda essa rara qualidade que Landau, em seu estilo floreado, gostava de chamar a Classe Que Só A Natureza Pode Dar. Em outras palavras, a mulher era inteligente e forte. E como nos momentos de crise nossos pensamentos não seguem uma progressão lógica, mas antes nos invadem desordenadamente em ondas de intuição e experiência, Landau percebeu todas aquelas características ao mesmo tempo e estava matutando a respeito quando a mulher lhe dirigiu de novo a palavra.

— Um amigo soviético escreveu importante obra literária, muito criativa —, disse ela, depois de respirar fundo. — É um romance. Um grande romance. Sua mensagem é importante para a humanidade.

A mulher calou-se repentinamente. Landau apressou-se em manter o fio da conversa. — Um romance —, disse. E depois, sem entender bem por que, perguntou: — E qual é o título, minha querida?

Concluiu nesse momento que a força dela vinha de convicções, e não de falsa coragem ou insanidade. — Ou então, qual é a mensagem, se não tem título?

— Tem a ver com ações em vez de palavras. Rejeita o gradualismo da perestroika. Pede ação e contesta todas as falsas mudanças.

— Lindo —, disse Landau, impressionado. Ela falava como minha mãe, Harry: o queixo bem levantado.

— Apesar da glasnost e do suposto liberalismo das novas diretivas, o romance do meu amigo ainda não pode ser publicado na União Soviética —, prosseguiu ela. — Mr. Scott Blair comprometeu-se a publicá-lo com discrição.

— Minha senhora —, disse Landau num tom amável, o rosto agora quase colado ao dela. — Se o romance do seu amigo for publicado pela grande editora Abercrombie & Blair, pode ter certeza de que o segredo será total.

Landau disse isso em parte porque não podia resistir a uma piada sobre a editora, mas também porque seus instintos diziam que era melhor dar um tom informal à conversa e torná-la menos perceptível aos olhos de quem quer que fosse. Tivesse ou não percebido a piada, a verdade é que a mulher também sorriu, um sorriso breve e quente de autoencorajamento, como que uma vitória sobre seus medos.

— Então, Mr. Landau, se o senhor ama a paz, por favor leve este manuscrito para a Inglaterra e faça com que chegue logo a Mr. Scott Blair. Apenas a ele. Confio inteiramente no senhor.

O que aconteceu a seguir foi muito rápido, unia transação de esquina, de vendedor interessado para comprador interessado. A primeira coisa que Landau fez foi olhar para além do ombro dela. Sabia por experiência própria que quando os russos queriam fazer das suas havia sempre gente por perto. Mas a verdade é que seu canto estava vazio, a área sob a galeria dos stands estava quase às escuras e a festa atingia agora o auge da animação. Os três rapazes de blusões de couro da porta conversavam com ar entediado.

Completado o exame, Landau leu o nome da moça no crachá de plástico que trazia na lapela, coisa que normalmente teria feito antes, caso aqueles olhos castanhos não o tivessem distraído. Yekaterina Orlova, leu ele. E por baixo a palavra “Outubro”, em inglês e russo, nome de uma das menores editoras estatais russas, especializada na tradução de livros soviéticos para exportação, sobretudo para outros países socialistas, o que, eu receio, a condenava a uma certa mediocridade.

Em seguida, disse a ela o que devia fazer, ou talvez já estivesse dizendo no momento em que leu seu nome. Landau era um rapaz de rua, habituado a todo o tipo de truques. A mulher podia ser a coragem em pessoa e pelo ar dela talvez fosse mesmo. Mas não tinha hábitos de conspiradora. Por isso não hesitou em protegê-la. E, ao fazê-lo, falou

comoalaria a qualquer mulher que precisasse de conselhos básicos sobre como encontrá-lo no quarto do hotel ou o que dizer ao maridinho quando voltasse para casa.

— Trouxe o manuscrito, não trouxe, minha querida? —, perguntou, espreitando o conteúdo da sacola e sorrindo como amigo.

— Trouxe.

— Está aí dentro, não é?

— Está.

— Então me passe a sacola com um ar normal —, disse Landau, continuando falando enquanto ela lhe passava a sacola. — Isso. Agora me dê um beijinho russo, de amigos. Gênero formal. Isso. O que você me trouxe foi um presente de despedida oficial na última noite da feira, não sei se está entendendo. Um presente que contribuirá para estreitar as relações anglo-soviéticas e que vai resultar em excesso de peso no avião, a menos que o jogue numa lixeira do aeroporto. Uma transação perfeitamente normal. Hoje já devo ter recebido meia dúzia de presentes como o seu.

Parte deste discurso Landau o fez agachado e de costas para ela. Já tinha aberto a sacola e retirado rapidamente o embrulho de papel pardo, que guardava agora com a maior habilidade em sua pasta, daquelas que mais parecem arquivos domésticos, com grande aproveitamento de espaço nos compartimentos que se abrem em leque.

— Você é casada, Katya?

Recebeu o silêncio como resposta. Talvez ela não tivesse ouvido. Ou então estava muito ocupada em observá-lo.

— Foi seu marido que escreveu o romance? —, perguntou Landau, pouco intimidado com o silêncio dela.

— É perigoso para você —, murmurou ela. — Tem que acreditar no que está fazendo. Assim, tudo fica claro.

Como se não tivesse ouvido o aviso, Landau selecionou, de uma pilha de amostras que tinha guardado para distribuir nessa noite, uma embalagem de quatro fitas com a leitura de Sonho de uma Noite de Verão especialmente encomendada à Royal Shakespeare Company. Colocou-a sobre a mesa, escrevendo depois na embalagem de plástico com uma caneta de feltro “De Niki para Katya, Paz” —, além da data. Em seguida, colocou as fitas na bolsa com todo o cuidado, fechou e entregou à mulher, que estava ficando pálida e ele temia que desmaiasse ou acabasse muito perturbada. Só então Landau a

tranquilizou como ela parecia desejar, enquanto continuava a segurá-lhe a mão, que, segundo ele, estava fria, mas era uma bela mão.

— Todos temos de encarar riscos de vez em quando, não é, minha querida? —, disse Landau, em tom despreocupado. — Não quer vir dar um pouco de brilho à festa?

— Não.

— E que tal um restaurante simpático?

— Não convém.

— Quer que a acompanhe até à porta?

— Tanto faz.

— Acho melhor ensaiarmos um sorriso, minha querida —, disse ele, ainda em inglês, enquanto avançava com ela pelo salão, tagarelando como o vendedor eficiente que de repente voltara a ser. Ao chegar à entrada, cumprimentou-a. — Então nos vemos na feira do livro? Em setembro. E obrigado pelo aviso, hein? Não vou esquecer. Mesmo assim o que importa é que fechamos negócio. O que é sempre bom. Certo?

A mulher pareceu encontrar um pouco mais de coragem, já que voltou a sorrir e seu sorriso, apesar de desmaiado, era um sorriso grato e quase irresistivelmente afetuoso.

— Meu amigo fez um gesto importante —, explicou, afastando uma mecha de cabelo mais rebelde. — É preciso que Mr. Barley tenha consciência disso.

— Eu digo, não se preocupe —, respondeu Landau animadamente. Ele daria tudo para que a mulher lhe sorrisse uma vez mais, mas a verdade é que ela já não estava interessada em sua pessoa. Procurava na bolsa um cartão, pormenor que até esse momento — Landau sabia — não lhe tinha ocorrido. “ORLOVA, Yekaterina Borisovna”, dizia o cartão em cirílico de um lado e romano do outro, de novo com a palavra “Outubro” nos dois alfabetos. Deu-lhe o cartão e desceu com firmeza a pomposa escadaria, a cabeça erguida, uma das mãos no largo corrimão de mármore, a outra segurando a sacola. Os rapazes de blusão de couro a observaram até chegar ao hall. Enquanto guardava o cartão no bolso do casaco, ao lado de outra meia dúzia que tinha colecionado nas últimas duas horas, esperou que ela desaparecesse e então piscou-lhes o olho. Os rapazes, depois de conveniente reflexão, retribuíram a piscadela, já que também fazia parte

da nova abertura dar o devido valor a um bom par de quadris russos. Até um estrangeiro tinha o direito de apreciá-los.

Nos cinquenta minutos que restavam, Niki Landau entregou-se de corpo e alma à festa. Cantou e dançou para uma bibliotecária escocesa com pérolas no pescoço. Recitou uma divertida anedota política sobre Mrs. Thatcher para um casal de apagados ouvintes da Agência Editorial do Estado, a VAAP, até que subitamente eles desataram na gargalhada. Cortejou três senhoras das Publicações Progresso e, numa série de ágeis deslocamentos até a mesa, presenteou-as com uma recordação de sua estada, já que Landau gostava de presentear e lembrava-se sempre de nomes e promessas, bem como de muitas outras coisas, com o desembaraço de uma mente despreocupada. Durante todo esse tempo, porém, não deixou de vigiar discretamente a pasta. Antes mesmo da saída dos convidados, já a segurava com a mão disponível, enquanto fazia suas despedidas. E no ônibus particular que levou os vendedores de volta ao hotel, sentou-se com a pasta sobre os joelhos, enquanto se integrava num harmônico coro de canções de rugby, dirigido, como de costume, por Spikey Morgan.

— Atenção às senhoras —, avisou Landau e, levantando-se, ordenou silêncio nas passagens que considerava mais grosseiras. Mas mesmo no papel de grande maestro, não deixou de segurar firmemente a pasta.

Pelo hall do hotel perambulavam os habituais grupos de vagabundos e traficantes de drogas e rublos, mais os guardas da KGB. Mas Landau nada viu de preocupante no comportamento deles; de fato, não se mostravam nem muito atentos, nem muito desinteressados. O velho soldado mutilado que guardava o corredor dos elevadores pediu-lhe como de costume o passe do hotel. Landau, que já lhe tinha oferecido uma centena de Marlboros, perguntou-lhe em russo, em tom acusatório, por que não tinha ido dar uma volta com a namorada naquela noite. O homem desatou num riso estridente e bateu-lhe no ombro em sinal de camaradagem.

— Se aquilo era uma armadilha para me incriminar, então teriam que ser rápidos, pois se arriscavam a perder a presa —, disse-me ele, pondo-se na posição do caçador, que não era evidentemente a sua. — É que, Harry, quando montamos uma armadilha temos de agir rapidamente, enquanto as provas estão com a vítima —, explicou, como se tivesse montado armadilhas a vida toda.

— Então no Bar do Nacional, às nove —, combinou Spikey Morgan, num jeito entediado, ao chegarem ao quarto andar.

— Pode ser que sim, pode ser que não, Spikey —, respondeu Landau. — Para dizer a verdade, não me sinto muito bem.

— Graças a Deus —, respondeu Spikey, com um bocejo, após o que se arrastou até seu corredor escuro. A porteira do andar, enfiada em seu cubículo, seguiu-o atentamente com olhos de bruxa.

Ao chegar à porta do quarto, Landau preparou-se para o pior. É agora, pensou. Este é o melhor momento para me apanharem e ao manuscrito. Ao entrar, porém, verificou que o quarto estava vazio e sem sinal de desarrumação. Sentiu-se um idiota por suas suspeitas. Ainda estou vivo, pensou, e pôs a pasta em cima da cama.

Depois, fechou as cortinas, pouco maiores que lenços, tanto quanto era possível fechá-las, ou seja, até o meio, e pendurou o inútil “Do Not Disturb” na porta, fechando-a à chave. Esvaziou os bolsos do terno, inclusive o dos cartões de negócios, tirou o paletó e a gravata, as abotoaduras e, finalmente, a camisa. Pegou uma vodca-limão no frigobar, derramou um dedo no copo e bebeu um pequeno gole. Não era propriamente amigo da bebida, pelo que me disse, mas sempre que ia a Moscou gostava de terminar o dia com um copinho de vodca-limão. Levou o copo para o banheiro e, durante uns bons dez minutos, deixou-se ficar em frente ao espelho, examinando ansiosamente as raízes do cabelo, à procura de algum vestígio de fio branco, retocando os locais em perigo com a ajuda de um novo produto que fazia maravilhas. Satisfeito com o trabalho, enrolou a cabeça com um elaborado turbante feito de toalha, à maneira de uma touca de banho, e tomou uma ducha, enquanto cantava “I am the very model of a modern major-general”, nada mal por sinal. Depois, enxugou-se o mais vigorosamente possível para estimular o tônus muscular e pôs um roupão de banho descaradamente florido. Finalmente, e ainda cantando, voltou ao quarto.

Fez todas essas coisas em parte porque as fazia sempre e precisava da familiaridade apaziguadora de suas próprias rotinas, mas também porque se sentiu orgulhoso de ter, por uma vez, mandado às favas as precauções, por não ter encontrado vinte e cinco razões plausíveis para nada fazer, o que, nessa época, não seria de espantar.

Ela era uma senhora, ela tinha medo, ela precisava de ajuda, Harry. Já neguei alguma coisa a uma senhora? E se estava errado sobre ela, então fizera papel de idiota, e o melhor era pegar a escova de

dentes e se apresentar imediatamente à porta da Lubyanka, pronto para cinco anos de estudo de seus magníficos grafites, sem opção. Porque Landau preferiria fazer vinte vezes o papel de idiota completo a negar auxílio à mulher sem razão. E enquanto dizia isto a si mesmo, obviamente em silêncio, já que o medo dos microfones o impediria de proferir tais afirmações em voz alta, Landau tirou o embrulho da pasta e, com certo embaraço, lançou-se ao trabalho. Começou a desamarrar o barbante em vez de cortá-lo, como aprendera com a santa mãe, cuja fotografia repousava agora, fielmente, na carteira. Têm ambas o mesmo brilho, descobriu com prazer, enquanto, pacientemente, ia desfazendo o nó. É a pele eslava. São os olhos eslavos, o sorriso. Duas belas moças eslavas. A única diferença é que Katya não tinha acabado os dias em Treblinka.

O nó acabou por ceder. Landau enrolou o barbante e o deixou na cama. É assim mesmo, querida, tenho que saber o que isto contém, explicou ele a uma Yekaterina Borisovna só presente em sua cabeça. Não quero me intrometer, aliás, o intrometido não sou eu, mas se tiver de fazer alguma encenação na alfândega, é melhor saber de antemão por que, sempre ajuda.

Delicadamente, para não rasgar, usando as duas mãos, Landau retirou o papel pardo. Não se imaginava herói. Ainda não, pelo menos. O que era perigoso para uma beleza de Moscou podia não ser para ele. Era verdade que tivera uma juventude difícil. O East End não fora propriamente uma estação de repouso para um imigrante polonês de dez anos, e Landau tivera seu quinhão de lábios rachados, narizes partidos, socos dados e levados, e fome. Mas se lhe perguntassem, agora ou em qualquer momento nos últimos trinta anos, qual era sua definição de herói, teria respondido, um herói era o primeiro a fugir pela porta dos fundos quando comesçassem a gritar por voluntários.

Uma coisa ele sabia, enquanto examinava o conteúdo do embrulho: tinha o vício. Por isso, examinava uma coisa que podia examinar mais tarde, quando não tivesse nada melhor para fazer. Mas se fosse necessária alguma ação arriscada naquela noite, então Niki Landau seria o homem indicado. Porque quando Niki está com o vício, Harry, não há ninguém que o bata, como todas as moças sabem.

A primeira coisa que viu foi o envelope. Reparou que por baixo dele havia três cadernos e que o envelope e os cadernos estavam atados com elástico grosso, um daqueles elásticos que ele guardava

sempre, mas para os quais nunca achava um uso. Mas foi o envelope que mais lhe chamou a atenção, porque a caligrafia dela era perfeita e confirmava a imagem de pureza que tinha da mulher. Um envelope pardo, quadrado, sujo de cola, e dirigido a “Mr. Bartholomew Scott Blair — Pessoal — Urgente”.

Landau retirou o envelope e examinou-o à luz, mas era opaco e não revelava qualquer sombra. Explorou-o com o indicador e o polegar. Dentro, uma folha de papel fino, duas no máximo. Mr. Scott Blair comprometeu-se a publicá-lo com discrição, lembrou-se nesse momento. Mr. Landau, se o senhor ama a paz... entregue logo ao chegar a Mr. Scott Blair. Apenas a ele... Confio inteiramente no senhor. Ela também confia em mim, pensou. Virou o envelope. Nada escrito no verso.

E como Landau se recusava a ler a correspondência pessoal de quem quer que fosse e um envelope fechado nada mais podia revelar, decidiu abrir de novo a pasta, espreitou o compartimento dos artigos de papelaria, tirou dele um dos seus envelopes comuns de papel manilha, com as palavras “Do escritório de Mr. Nicholas P. Landau” — esteticamente gravadas na parte de trás. Então, introduziu o envelope pardo no de papel manilha, fechou, rabiscou nele o nome “Barley” e arquivou-o no compartimento “Social”, que continha coisas tão singulares como cartões de visita que estranhos o tinham obrigado a aceitar e notas sobre extravagantes encomendas que tinha se comprometido a satisfazer — como a daquela editora que precisava de cargas para sua Parker ou a do funcionário do Ministério da Cultura que queria uma T-shirt com o Snoopy para o sobrinho, ou ainda a daquela mulher da “Outubro”, que por mero acaso apareceu no preciso momento em que fechava o stand.

Landau meteu um envelope no outro porque, com a manha de comerciante que nele era instintiva, ou mesmo totalmente inata, sabia que a primeira coisa a fazer era manter o envelope o mais afastado possível dos cadernos. Se os cadernos implicassem encrenca, seria bom que nenhum pormenor os relacionasse à carta. E vice-versa. Landau tinha toda a razão. Os nossos mais versáteis e eruditos professores, treinados em todos os oceanos do folclore de nosso Serviço, não teriam feito de outro modo.

Só então pegou os três cadernos e tirou o elástico que os prendia, mantendo os ouvidos alertas para qualquer som de passos no

corredor. Três cadernos sujos, foi o que pensou ao examinar o de cima. Tinha capa de papelão grosseiramente ilustrada, a lombada de pano já esfiapada. Duzentas e vinte e quatro páginas de má qualidade, formato ofício, um pautado esmaecido, concluiu Landau, recorrendo às recordações da época em que revendia artigos de papelaria, preço soviético em torno dos vinte copeques, à venda em qualquer varejista do ramo, desde que a remessa tenha chegado e o comprador estivesse na fila certa no dia certo.

Finalmente, abriu o caderno e examinou a primeira página.

É doida, pensou, sentindo desgosto.

Está nas mãos de um louco. Pobrezinha.

Rabiscos sem qualquer significado, feitos por um lunático com uma caneta de ponta fina a uma velocidade louca, furiosamente angulosos. Nas margens, obliquamente e longitudinalmente, rabiscos cortando rabiscos como a letra de um médico atacado de desordem mental. Tudo isto repetidamente martelado com pontos de exclamação e sublinhados idiotas. Rabiscos em cirílico, rabiscos em inglês.

— O Criador cria os criadores —, lia-se, em inglês. — Ser. Não ser. Contra-ser. — A seguir, uma estúpida explosão de francês, acerca da guerra da loucura e da loucura da guerra, que terminava com um emaranhado de arame farpado. Muitíssimo obrigado, pensou, e passou uma página, depois outra, ambas tão cheias daquela caligrafia demente que quase não se via o papel.

— Depois de termos passado setenta anos destruindo o poder popular, não podemos esperar que de súbito esse poder se imponha e nos salve —, leu então. Uma citação? Um pensamento surgido no meio da noite? Não tinha como saber. Referências a escritores russos, latinos, europeus. Coisas sobre Nietzsche, Kafka e outros de quem nunca tinha ouvido falar, quanto mais lido. De novo a guerra, desta feita em inglês: — “Os velhos a declaram, os jovens a travam, mas hoje os bebês e os velhos também”. Virou mais uma página e deparou-se com nada mais nada menos que uma mancha redonda, marrom. Aproximou o caderno do nariz e cheirou. Álcool, pensou com desprezo. Fede que nem uma fábrica de cerveja. Não admira que o tipo seja amigo de Barley Blair. Depois, duas páginas consagradas a uma série de proclamações históricas.

— O NOSSO MAIOR PROGRESSO ESTÁ NO NOSSO ATRASO!

— A PARALISIA SOVIÉTICA É A MAIS PROGRESSIVA DO MUNDO!

— O NOSSO ATRASO É O NOSSO MAIOR SEGREDO MILITAR!

— SE NÃO CONHECEMOS AS NOSSAS PRÓPRIAS INTENÇÕES E AS NOSSAS PRÓPRIAS CAPACIDADES, COMO PODEREMOS CONHECER AS SUAS?

— O VERDADEIRO INIMIGO É A NOSSA PRÓPRIA INCOMPETÊNCIA!

E na página seguinte, um poema, esmeradamente copiado sabe-se lá de onde:

No caminho ele avança e logo recua.

E o povo continua sem saber

Se a serpente que ia por esse caminho

la para sul ou voltava para trás.

Landau ergueu-se de um salto e, furioso, correu para a janela, que dava para um quintal triste, cheio de lixo por recolher.

— Um exuberante artista da palavra, Harry. Foi o que eu pensei que ele era. Um gênio de cabelos compridos, cheio de droga, um gênio unicamente preocupado com sua pessoa, e ela, ela fez o que todas fazem, ficou eternamente rendida aos encantos dele.

Felizmente para ela que não havia lista telefônica de Moscou, pois do contrário Landau teria telefonado para dizer que raio de homem a sorte lhe tinha destinado.

Para atizar sua raiva, pegou o segundo caderno, molhou a ponta do indicador e começou a folheá-lo com o maior desprezo. Foi assim que chegou aos desenhos. Então, por um momento, ficou como que tonto de surpresa, como se estivesse vendo um filme e de repente a tela ficasse branca, enquanto se amaldiçoava por ser um eslavozinho impulsivo, e não um inglês frio e calmo. Sentou-se de novo na cama, mas suavemente, como se lá estivesse alguém descansando, alguém que ele tivesse magoado com uma condenação prematura.

Porque se Landau desprezava aquilo que frequentemente se passava por literatura, em questões técnicas seu prazer era ilimitado. Mesmo não entendendo nada de nada, gostava de olhar uma boa página de matemática por um dia inteiro. E mal olhou para aquelas páginas do caderno, percebeu, tal como acontecera vendo Katya, que tinha à frente algo de qualidade. Tudo bem que não eram desenhos feitos com régua e esquadro. Apenas esboços sem grande precisão, o

que só contava a favor do autor. Eram desenhos feitos sem instrumentos por alguém capaz de pensar com um lápis. Tangentes, parábolas, cones. Entre os desenhos, descrições metódicas, como as que arquitetos e engenheiros costumam fazer, palavras como “ponto de mira” e “alcance cativo” e “inclinação” ou “gravidade e trajetória” — algumas em inglês, Harry, outras em russo.

Embora Harry não seja meu verdadeiro nome. No entanto, quando começou a comparar a caligrafia extremamente bela do segundo caderno com a selva desconexa do primeiro, descobriu, para sua grande surpresa, que havia entre elas similaridades inegáveis. Daí a sensação de que tinha à frente uma espécie de diário esquizofrênico, em que um dos cadernos era escrito por Dr. Jekyll e o outro por Mr. Hyde.

Olhou o terceiro caderno, que se revelou tão ordenado e consistente como o segundo, embora organizado como uma espécie de tábua logarítmica, com datas e números e fórmulas, e a palavra “erro” frequentemente repetida, muitas vezes sublinhada ou acompanhada por um ponto de exclamação. Então, de repente, sua atenção se fixou numa página. Não conseguia desviar os olhos daquilo que lia. A obscuridade confortável do jargão técnico tinha acabado da forma mais estrondosa, bem como as divagações filosóficas e os desenhos devidamente anotados. Aquelas palavras destacavam-se com uma clareza impressionante.

“Os estrategistas americanos podem dormir sem sobressalto. Seus pesadelos não se tornarão realidade. O cavaleiro soviético está morrendo em sua armadura. Como vocês, britânicos, também ele é um poder secundário. Pode iniciar uma guerra, mas não pode continuá-la, nem pode ganhá-la. Acreditem no que digo.”

Landau não avançou mais. Um sentimento de respeito, misturado a forte instinto de autopreservação, advertiu-o de que já tinha vasculhado o suficiente. Pegou o elástico, juntou os três cadernos e prendeu-os de novo. É isso, pensou. Não mexo em mais nada e limito-me a cumprir meu dever. Ou seja, levo o manuscrito para o meu país de adoção e entrego logo que chegue a Bartholomew, aliás Barley, Scott Blair.

Barley Blair, quem diria, pensou, atônito, enquanto abria o armário e tirava a grande mala de alumínio onde guardava suas amostras. Quem

diria. Quantas vezes nos perguntamos se haveria um espião entre nós. Agora sabemos quem é.

Landau me garantiu que naquele momento sua calma era total.

O inglês vencera uma vez mais o polonês. “Se Barley era capaz, então eu também seria, Harry, foi o que disse a mim mesmo”. E foi isso que disse também quando, por um breve período, escolheu-me como confessor. É uma coisa que me acontece às vezes, ser escolhido como confessor. As pessoas percebem meu eu oculto e se abrem como se falassem com meu eu real.

Landau pôs a mala em cima da cama, abriu-a e tirou dois kits que os soviéticos tinham vetado para a exposição: uma história pictórica do século XX com comentários falados, arbitrariamente considerados antissoviéticos, um manual do corpo humano com fotos e uma fita de exercícios de ginástica de manutenção, que após demorada apreciação das jovens deusas em roupas de ginástica os funcionários consideraram pornográfica.

O kit de história em papel glossy era desdobrável, contendo bolsos interiores para cassetes, textos paralelos, fichas de vocabulário e notas para estudantes. Depois de esvaziar os bolsos, Landau tentou guardar neles os cadernos, mas verificou que nenhum era largo o bastante. Decidiu transformar dois bolsos num só. Tirou uma tesourinha do nécessaire e trabalhou com mãos seguras: tinha de arrancar cuidadosamente os grampos da divisória entre os dois bolsos.

Barley Blair, pensou de novo, enquanto atacava um grampo com a ponta da tesoura. Devia ter adivinhado que era ele o espião, nem que fosse pelo fato de ele ser o que menos suspeitas levantava. Mr. Bartholomew Scott Blair, derradeiro sobrevivente da Abercrombie & Blair — um espião. O primeiro grampo cedeu. Extraiu-o vagarosamente. Barley Blair, incapaz de vender feno a um cavalo rico para salvar a mãe moribunda no dia do aniversário, como costumávamos dizer, era afinal o nosso espião. Começou a puxar o segundo grampo. Barley Blair, que só fora notado uma vez, na feira do livro de Belgrado, já lá se iam dois anos, por conseguir embebedar Spikey Morgan com vodca pura sem que ele se desse conta, e depois tocara sax tenor com a banda local e tão bem que até a polícia aplaudira. Espião. Um cavalheiro espião. Pois bem, aqui vai uma carta de sua dama, como diz a canção infantil.

Landau pegou os cadernos e tentou novamente. Nada feito. Teria de abrir um terceiro bolso.

Bancando o bêbado, pensou Landau, a mente ainda em Barley. Bancando o bobo, e no fim os bobos éramos nós. Queimando os últimos níqueis da família, a velha firma se afundando cada vez mais em suas mãos. Cada vez mais. Só que, sabe-se lá como, acabava sempre por convencer um daqueles espertos bancos da City a salvá-lo no último instante, não é? E os jogos de xadrez? Essa era uma pista, se Landau tivesse dado a devida atenção. Como um homem caindo de bêbado consegue ganhar de todos? Só há uma hipótese, Harry, sejamos francos — só um espião devidamente treinado aguentaria como ele aguentou.

Os três bolsos já eram um só, os cadernos se encaixaram mais ou menos bem. “Notas do estudante”, lia-se em cima do novo bolso.

Landau imaginou-se de repente falando com o jovem e inquisitivo funcionário da alfândega do aeroporto de Sheremetyevo. “Notas, está vendo?, são notas de estudante. É por isso que há um bolso para notas. São de um estudante que está fazendo este curso. É por isso que estão aí, filho, entende? São notas de demonstração. E esses desenhos têm a ver com ... Com padrões socioeconômicos, sim, é isso mesmo, filho. Com tendências demográficas. Com estatísticas vitais, que é uma coisa que vocês, russos, veem poucas vezes, não é? Olhe, vê este aqui? É um livro sobre o corpo humano.

Tal discurso podia ou não salvá-lo: tudo dependeria da perspicácia do funcionário, do que eles sabiam e do que nesse dia sentiam em relação às respectivas mulheres.

Mas Landau ainda tinha uma longa noite à frente. E se o assaltassem de madrugada? Arrombavam a porta, apontavam-lhe as pistolas, gritavam. “Muito bem, Landau, passe para cá os cadernos!” Nesse feliz momento, o conjunto de história de nada valeria. “Cadernos, senhores? Cadernos? Ah, aquele monte e lixo que uma bela russa lunática me impingiu na feira? Ah, devem estar no cesto de lixo, se a camareira ainda não esvaziou, o que me espantaria”.

Landau preparou meticulosamente a cena para esta contingência. Retirou os cadernos do bolso do conjunto de história, colocou-os artisticamente no cesto dos papéis, como se os tivesse jogado ali com a raiva que sentira ao examiná-los da primeira vez. Para lhes fazer companhia, jogou também as sobras de livros e brochuras de propaganda, bem como de brindes perfeitamente inúteis que tinha recebido: o magro volume de mais um poeta russo, um mata-borrão com

as costas em estanho. O retoque final foi dado por um par de meias sem qualquer remendo, coisa que só um ocidental rico é capaz de jogar fora.

Este exemplo de pura engenhosidade me encantou, como aliás aconteceria mais tarde a todos nós.

Nessa noite, Landau não saiu, disse não à diversão. Suportou o aprisionamento familiar em seu quarto naquele hotel de Moscou. De sua janela acompanhou a passagem do demorado crepúsculo até a escuridão da noite, viu as tênues luzes da cidade brilhando relutantemente. Fez chá em sua pequena chaleira de viagem e comeu dois tabletes de chocolate com frutas de suas rações de combate. Deleitava-se na evocação da mais gratificante de suas conquistas. Às outras, dedicou um sorriso pesaroso. Preparou-se corajosamente para enfrentar a tristeza e a solidão e invocou a infância difícil para ajudar. Vasculhou a carteira, a pasta, os bolsos e tirou tudo o que fosse especialmente particular, tudo o que não desejaria ter de pôr em cima de uma mesa vazia, e cuja existência teria de explicar detalhadamente caso fosse detido na alfândega — uma carta apimentada que uma namorada lhe tinha enviado anos antes, ainda capaz de reavivar seus apetites... ela era membro de um certo clube de vídeo por correio a que ele também pertencia. Seu primeiro instinto foi queimar tudo, como nos filmes —, mas não o fez porque logo se lembrou dos detectores de fumaça no teto, embora tivesse certeza de que não funcionavam.

Fez de outro modo. Reduziu tudo a pedacinhos, fechou-os num saco de papel e jogou a sacola no lixo do quintal. Depois, deitou-se na cama e assistiu calmamente à passagem da noite. Por vezes sentia coragem, outras, tanto medo que tinha de cerrar os punhos até cravar as unhas para se controlar. A certa altura ligou a televisão, à espera de ver jovens e atraentes ginastas, de que tanto gostava. Mas deu precisamente com o Imperador, dizendo pela enésima vez à prole confusa que a velha ordem estava tão nua quanto o rei. E quando Spikey Morgan, na melhor das hipóteses já meio bêbado, telefonou do bar do Nacional, Landau não o deixou desligar porque queria companhia. Até que, do outro lado da linha, o bom Spikey adormeceu.

Uma vez, quando se sentiu mais atemorizado, ocorreu-lhe dirigir-se à embaixada britânica e pedir a assistência da mala diplomática. Esta fraqueza momentânea irritou-o. — O quê? Eu pedir ajuda àqueles lambe-botas? —, perguntou a si mesmo com desprezo. — Eu pedir ajuda àqueles que mandaram meu pai para a Polônia? Nem pensar. A

eles, Harry, nem um postal da Torre Eiffel eu lhes confiava. Além disso, ela não pediu isso.

Chegada a manhã, vestiu-se para a própria execução com o seu melhor terno, a fotografia da mãe dentro da camisa.

E é assim que eu continuo vendo Niki Landau, sempre que folheio seu processo, ou quando o recebo para aquilo a que chamamos balanço semestral, o momento em que ele gosta de reviver sua hora de glória, antes de assinar mais uma declaração prevista na lei dos segredos de Estado. Vejo-o sair garbosamente do hotel com a mala metálica na mão, sem fazer a mínima ideia do que leva, mas decidido a arriscar a corajosa cabeça pelo que lhe pediram que fizesse.

Não me atrevo a imaginar como ele me vê, se é que alguma vez pensa em mim. Hannah, que eu amei mas traí, não teria a mínima dúvida. — Vê você como um desses inúmeros ingleses com muita esperança no rosto e nenhuma no coração —, diria ela, com raiva. Temo de fato que atualmente ela diga tudo o que vem à cabeça. Hannah já perdeu muita da sua antiga paciência.

Whitehall em peso concordou: um caso daqueles não podia se repetir. Os ministros, doutrinados sobre o assunto, ficaram furiosos. Formaram uma comissão de inquérito assustadoramente secreta para descobrir o que tinha funcionado mal, ouvir testemunhas, apurar responsáveis, descortinar escândalos, apontar culpas, isolar lacunas, prevenir recorrências, nomear-me presidente e elaborar um relatório. As conclusões a que nossa comissão chegou, se é que chegou a alguma, continuam sob segredo, em particular para aqueles que dela fizeram parte. É que, como todos nós sabemos, a função de tais comissões consiste em dizer umas quantas coisas com a maior gravidade até a tempestade amainar, após o que os seus membros desaparecem completamente de cena. Com os sorrisos amarelos da praxe, a comissão cumpriu devida e desanimadamente essa função, deixando unicamente uma carranca secreta, um documento de trabalho provisório, sem qualquer significado, e uma quantidade de anexos secretos nos arquivos do Tesouro.

Para usar a linguagem menos comedida de Ned e seus colegas da Casa da Rússia, tudo começou com uma algazarra monumental, entre as cinco da tarde e as oito e trinta de um domingo quente, quando um tal Nikolas P. Landau, caixeiro viajante e contribuinte com os impostos em dia, apesar de origem polonesa, sem ficha, apresentou-se às portas de nada menos do que quatro ministérios pedindo entrevista urgente com um funcionário da Seção de Espionagem Britânica, como ele chamava, para em troca ser ridicularizado, posto na rua e, numa das vezes, fisicamente maltratado. Embora não possamos saber com certeza se os dois porteiros do Ministério da Defesa chegaram ao ponto de agarrá-lo pelo colarinho, pondo-o no olho da rua, como Landau afirmava, ou se se limitaram a acompanhá-lo até à porta, para usarmos as palavras deles.

Mas por que — perguntou gravemente a nossa comissão —, por que os porteiros se sentiram na obrigação de acompanhá-lo até a porta?

Landau recusou-se a mostrar o que tinha na pasta. Sim, ele propôs que ficássemos com a pasta enquanto esperava, desde que a chave continuasse com ele. Mas o regulamento não permite isso. E depois ficou sacudindo a pasta, batendo nela, jogando-a entre as mãos

como se fosse uma bola, aparentemente para mostrar que nada havia nela de perigoso. Mas o regulamento proíbe que pegássemos a pasta. E quando tentamos, sem violência, tirar dele a dita pasta, esse senhor — de fato, no testemunho dos porteiros Landau passara a ser tratado de senhor, embora tardiamente — resistiu aos nossos esforços e começou a gritar em altos berros, com sotaque estrangeiro, provocando distúrbio.

Mas o que ele gritava?, perguntamos, angustiados com a ideia de alguém gritando em Whitehall num domingo.

Bom, logo que conseguimos que saísse, ele começou a gritar que a pasta continha papéis altamente secretos. Papéis que lhe tinham sido confiados por uma russa em Moscou.

Um polonês turbulento é o que ele é, podiam muito bem ter acrescentado os porteiros. Aparecer naquele estado numa tarde de críquete, precisamente quando víamos Paquistão versus Botham numa sala dos fundos.

Mesmo no Foreign Office, sala de visitas gelada da hospitalidade britânica onde Landau, já desesperado, apresentou-se por fim com grande relutância, só com elaboradas súplicas e honestíssimas lágrimas eslavas sua voz chegou ao puríssimo ouvido do ilustre Palmer Wellow, autor de profunda monografia sobre Liszt.

E se Landau não tivesse usado uma nova tática, talvez as lágrimas eslavas de nada servissem. É que, desta vez, pôs a pasta aberta em cima do balcão, para que o porteiro, jovem mas cético, levantasse a sua cabeça até o vidro à prova de bala recentemente instalado e inspecionasse o conteúdo com olhos indolentes e o sobrolho franzido, para concluir que naquela pasta não havia bombas, apenas uns cadernos velhos e sujos e um envelope castanho.

— Volte na segunda-feira às dez para as cinco —, disse o porteiro pelo sistema de som novinho em folha, como se informasse o nome de uma estação de trem, após o que mergulhou de novo na escuridão de seu cubículo.

O portão estava entreaberto. Landau olhou para o jovem e para além dele, para o grande pórtico construído cem anos antes para amedrontar os príncipes rebeldes da Índia. Quando o porteiro viu, Landau já tinha apanhado a pasta e, vencendo todas as barreiras aparentemente intransponíveis, erguidas para prevenir avanços impetuosos, desatou numa corrida desenfreada — parecia uma maldita gazela, para citar o porteiro —, atravessando o pátio e subindo a

escadaria que conduzia ao hall. E estava com sorte. Palmer Wellow, por muitos defeitos que tivesse, pertencia à facção conciliadora do Foreign Office. E era Palmer quem estava de serviço naquele domingo.

— Olá ... —, murmurou Palmer, descendo as escadas e examinando aquele homem desarrumado, ofegante, entre dois robustos guardas. — Você está horrível... Meu nome é Wellow. Sou escriturário efetivo do Foreign Office. — Levou o punho esquerdo ao ombro, mas estendeu a mão direita para saudar Landau.

— Eu não quero um escriturário —, disse Landau. — Quero um alto funcionário, senão nada feito.

— Mas um escriturário já é um funcionário bem alto —, garantiu, modestamente, Palmer. — Espero que uma questão de palavras não o desencoraje.

Seria da maior justiça citar — como fez nossa comissão — que a atuação de Palmer Wellow, até então, tinha sido perfeita. Apesar dos gracejos, mostrara-se eficiente. Não houve em sua cortesia nada de errado. Conduziu Landau a um escritório e, o mais atenciosamente possível, convidou-o a sentar-se. Pediu um chá para ele, com açúcar por causa do choque, e ofereceu-lhe um biscoito digestivo. Com caneta especialmente cara que lhe tinha sido dada por um amigo, tomou nota do nome e do endereço de Landau, bem como dos nomes das companhias para as quais trabalhava. Anotou o número de seu passaporte britânico, data e local de nascimento, 1930, em Varsóvia. Insistiu, com sinceridade que desarmaria qualquer um, que nada sabia de assuntos de espionagem, mas que se comprometia a entregar o material de Landau às pessoas competentes que, sem a mínima dúvida, o analisariam com atenção. E como Landau. voltou a insistir, improvisou um recibo de cadernos e envelope numa folha azul do Foreign Office, assinou-o e pediu ao porteiro que carimbasse data e hora. Disse ainda a Landau que se as autoridades quisessem discutir algo mais com ele entrariam em contato possivelmente por telefone.

Só então Landau empurrou hesitantemente a pasta suja e arranhada para o outro lado da mesa. Foi com pesar que acompanhou a mão lânguida de Palmer abrindo a pasta.

— Por que não entrega simplesmente a Scott Blair? —, perguntou Palmer, ao reparar no nome escrito no envelope.

— Pelo amor de Deus, eu tentei! —, explodiu Landau, exasperado. — Já lhe disse. Telefonei, cansei de telefonar para todo

lugar e nada. Não está em casa, não está no trabalho, não está no clube dele, não está em lugar algum —, protestou Landau. — Mal cheguei ao aeroporto e comecei a procurá-lo. Eu sei que é sábado.

— Mas hoje é domingo —, objetou Palmer com sorriso condescendente.

— Mas ontem era sábado, não era? Tentei a empresa. Respondeu um chiado eletrônico. Procurei na lista telefônica. Há um em Hammersmith. Não tem as iniciais dele, mas se chama Scott Blair. Respondeu uma mulher furiosa que me mandou para o inferno. Há um vendedor que eu conheço, Archie Parr, responsável pelo Oeste na empresa de Blair. Perguntei ao Archie: “Archie, pelo amor de Deus, preciso encontrar o Barley com muita urgência, onde ele anda?” — Ele anda fugido, Niki. Fez mais uma asneira. Há semanas que não aparece na loja.” Tentei Informações. Nenhum Bartholomew na lista. Também não admira, se ele é um...

— Se ele é um quê? —, perguntou Palmer, intrigado.

— Bem, ele desapareceu, não desapareceu? E não é a primeira vez que desaparece. Deve haver razões para isso. Razões que você não conhece porque não pode conhecer. Pode haver vidas em perigo. E não só a dele. Isto é extremamente urgente. E extremamente secreto. Portanto dê seguimento, por favor.

Nessa mesma noite, como não havia nada de especial na frente mundial, exceto uma crise grave no Golfo e um escândalo na televisão sobre soldados e dinheiro em Washington, Palmer decidiu ir a uma festa em Montpelier Square dada por um grupo de ex-colegas de Cambridge — todos bacharéis como ele, mas divertidos. Chegou aos ouvidos de nossa comissão um relato dessa festa.

— A propósito, algum de vocês ouviu falar de um tal Scott Blair? —, perguntou Wellow a uma hora já tardia; é que, de repente, ao ouvir alguns compassos de Chopin, lembrara-se de Landau. — Não havia um Scott Blair em nossa turma? —, perguntou de novo, pois a primeira pergunta fora abafada pelo barulho.

— Estava uns anos à frente. No Trinity College —, respondeu uma voz já arrastada no outro lado da sala. — Estudava História. Maluco por jazz. Queria viver de saxofone. O velho dele não caiu nessa.

Wellow perguntou: — Por acaso Blair não se tornou um sacana de um espião?, arriscou.

— O pai? Já morreu.

— O filho, burro. O Barley.

Como alguém que saísse de trás de um cortinado, o interlocutor emergiu da multidão e aproximou-se dele, de copo na mão. Para sua grande satisfação, Palmer reconheceu um dos seus caros companheiros de quarto do Trinity College, uns cem anos antes.

— Na verdade, não sei se Barley é ou não um sacana de um espião —, disse o camarada, com uma aspereza habitual. — Mas um fracasso ele certamente é, se é que fracasso qualifica alguém.

Com a curiosidade aguçada, Palmer regressou ao Foreign Office e aos cadernos e ao envelope de Landau, que havia confiado ao porteiro por questão de segurança. E foi a partir desse momento que as suas ações, para usar os termos do nosso documento de trabalho provisório, começaram a seguir um rumo infeliz. Ou, para usar os termos mais rudes de Ned e dos seus colegas da Casa da Rússia, naquele momento, se vivêssemos num país civilizado, P. Wellow teria sido dependurado pelos polegares num ponto alto da cidade e aí deixado em paz, para que pudesse refletir sobre seus feitos.

O que Palmer fez a seguir foi divertir-se com os cadernos. Durante duas noites e um dia e meio. Porque os achou muito, mas muito divertidos mesmo. Não abriu o envelope amarelado — que dizia, na letra de Landau, — “Extremamente confidencial, à atenção de Mr. B. Scott Blair ou de um alto funcionário da Espionagem” — porque, tal como Landau, também ele era de uma escola que reprovava que se lesse a correspondência alheia. Fosse como fosse, o envelope estava bem colado e Palmer não era homem para se desvencilhar de um obstáculo físico. Mas aquele caderno — com todos os seus estranhos aforismos e citações, a sua inquebrantável aversão a políticos e militares, as suas múltiplas e certeiras referências a Pushkin, o renascentista puro, e a Kleist, o suicida puro, aquele caderno deixara-o fascinado.

Sentiu muito pouca pressa e nenhuma responsabilidade. Era um diplomata e não um Amigo, nome pelo qual eram conhecidos os espiões. E na sua zoologia, Amigos eram gente sem as capacidades intelectuais para serem aquilo que ele, Palmer, era. Naturalmente sentia uma sincera indignação pelo fato de o ortodoxo Foreign Office, a que pertencia, se parecer cada vez mais com uma organização de cobertura às infames atividades dos Amigos. É que Palmer era também um homem de erudição impressionante, ainda que de um tipo pouco sistemático. Estudara árabe na universidade e obtivera um “Muito Bom”

em História Moderna. Nas horas vagas estudou russo e sânscrito. Sabia de tudo, exceto matemáticas e de senso comum, o que explica o fato de ter ignorado as páginas com fórmulas algébricas, equações e diagramas, que constituíam os outros dois cadernos, e que, em contraste com as divagações filosóficas, tinham aparência fastidiosamente disciplinada. O que explica também — embora a comissão tenha dificuldade em aceitar tal explicação — que Palmer tenha ignorado os regulamentos dos escriturários efetivos relativamente a Desertores e Ofertas de Informações Secretas, solicitadas ou não, resolvendo atuar por conta própria.

— Ele faz as associações mais fantásticas acerca de tudo, Tig —, disse Palmer a um colega muito mais velho do Departamento de Investigação na terça-feira, depois de decidir que era finalmente tempo de partilhar sua descoberta. — Você tem que ler.

— Mas como sabemos que é um... ele, Palms?

— Só podia ser um homem escrevendo aquilo, Tig. Era uma questão de vibrações.

O colega de Palmer deu uma olhadela no primeiro caderno, depois no segundo, até que se deteve a examinar o terceiro. Depois, regressou aos desenhos do segundo caderno. Finalmente, seu lado profissional percebeu que estava perante uma emergência.

— Se eu fosse você, Palms, entregava isso o mais depressa possível —, disse. Mas pensou bem e correu a entregá-los ele mesmo, depois de telefonar a Ned pela linha verde, pedindo que esperasse por ele.

Dois dias depois a confusão era total. Às quatro da manhã de quarta-feira, as luzes do último piso do quartel-general de Ned, uma pequena fortaleza com paredes de tijolo conhecida como Casa da Rússia, continuavam bem acesas. Terminava a essa hora a primeira de uma série de reuniões particularmente confusas daquele que viriam a chamar, mais tarde, de grupo da Ave Azul. Cinco horas transcorridas, e depois de ter participado de mais duas reuniões no quartel-general dos Serviços, um bloco muito alto e novinho em folha junto ao Tâmis, Ned regressava a sua mesa, agora rodeado de pilhas de pastas, como se as moças dos Arquivos tivessem decidido erigir uma barricada de rua.

— É possível que os caminhos do Senhor sejam insondáveis —, terá dito Ned a Brock, o seu assistente ruivo, numa pausa do

expediente, — mas muito mais insondável é o modo como Ele escolhe estes fulanos.

Fulano, em linguagem coloquial, é um ser humano, e um ser humano, em inglês sensato, é um espião. Estaria Ned se referindo a Landau quando falou em fulanos? A Katya? Ao anônimo autor dos cadernos? Ou estaria já atento aos traços vagos e fluidos desse grande espião britânico chamado Bartholomew Scott Blair? Brock não sabia, nem procurou saber. Nascera em Glasgow, mas era de ascendência lituana e os conceitos abstratos o irritavam.

Quanto a mim, só uma semana depois é que Ned decidiu, com alguma relutância, que era tempo de convocar o velho Palfrey. Desde que me lembro sou o velho Palfrey. Até hoje não consegui entender o que terá acontecido aos meus nomes de batismo. — Onde está nosso velho Palfrey? —, dizem eles. — Onde anda nosso leão das leis? Chamem nosso velho ilusionista das leis! O melhor é passar isso ao Palfrey! Minha apresentação é coisa rápida. Não são precisos grandes rodeios, longas descrições. Horatio Benedict de Palfrey são os meus nomes, mas o leitor pode desde já esquecer os dois primeiros, e, quanto ao “de”, ninguém repara nele. Nos Serviços sou Harry. Por isso, e como sou uma criatura obediente, acontece muitas vezes de ser Harry para mim mesmo. Sozinho à noite no meu exíguo apartamento de celibatário, sinto-me inclinado a chamar Harry a mim mesmo, enquanto preparo uma costeleta. Conselheiro legal dos ilegais, é o que eu sou, e em tempos idos sócio mais novo da extinta casa Mackie, Mackie & de Palfrey, Advogados e Notários, em Chancery Lane. Mas isso foi há vinte anos. Há vinte anos que sou seu mais humilde criado secreto, pronto, em qualquer altura, a manipular os pratos da balança da mesma deusa cega que meu coração jovem aprendeu a venerar.

Um palfrey, ao que dizem, não era cavalo de batalha nem cavalo de caça, mas um cavalo de sela próprio para a montaria de senhoras. Bom, só uma senhora, e que senhora, conseguiu montar este palfrey, mas de tanto montar quase o matou. Chamava-se Hannah. E foi por Hannah que eu busquei abrigo na cidadela secreta, onde não há lugar para paixão, onde as paredes são tão grossas que deixei de ouvi-la batendo os punhos ou implorando em lágrimas que a deixasse enfrentar o escândalo que tanto aterrorizava um advogado no limiar de uma carreira respeitável.

Esperança no meu rosto e nada no meu coração, disse ela. Uma mulher mais sensata talvez tivesse guardado tais observações para você mesma, foi o que sempre pensei. Por vezes a verdade não passa de uma máscara para a autoindulgência. — Por que insistir se sou um caso desesperado? —, protestava eu. — Se o paciente está morto, porque tentar reanimá-lo?

Porque ela era uma mulher, parecia ser a resposta. Porque ela acreditava na redenção das almas masculinas. Porque eu não tinha pago o suficiente pelas minhas imperfeições. Agora já paguei, acreditem. É por Hannah que continuo a percorrer os corredores secretos, chamando dever à minha covardia e sacrifício à minha fraqueza. É por Hannah que me sento aqui até altas horas da noite, no meu escritório cinzento que diz ASSISTÊNCIA LEGAL na porta, com pastas de arquivos e gravações e filmes empilhados a minha volta, como o caso de Jarndyce v. Jarndyce antes da fita rosa que o atou e deu por encerrado, enquanto esboço a reabilitação oficial da operação a que chamamos Ave Azul e do seu protagonista, Bartholomew, aliás Barley, Scott Blair. É também por Hannah que, mesmo enquanto escrevia a justificação, este velho Palfrey arruma por vezes a caneta, ergue a cabeça e sonha.

O retorno de Niki Landau às cores britânicas, se é que alguma vez as tinha verdadeiramente abandonado, deu-se exatamente quarenta e oito horas depois de os cadernos caírem na mesa de Ned. Desde a infeliz passagem por Whitehall que Landau sentia raiva e mortificação. Não tinha ido trabalhar, e deixara até de se preocupar com seu apartamentinho de Golden Green, que normalmente arrumava como se fosse o farol de sua vida. Nem mesmo Lydia conseguira tirá-lo dos braços da melancolia. Obtive às pressas autorização do Ministério do Interior para pôr seu telefone sob escuta. Quando ela telefonou, nós o ouvimos dissuadi-la de aparecer em sua casa. E quando ela fez uma trágica aparição na porta do prédio, dizem nossos observadores que ele a deixou ficar apenas o tempo de um chá, mandando-a depois embora.

— Não sei o que te fiz, mas seja o que for, lamento —, ouviram-na dizer tristemente, quando se despediu.

Ela tinha ela acabado de sair quando Ned ligou. Mais tarde, Landau viria a se perguntar, com boa dose de sagacidade, se teria sido mesmo uma coincidência.

— Niki Landau? —, perguntou Ned com voz de poucos amigos.

— Parece que sim —, respondeu Landau, endireitando-se.

— Meu nome é Ned. Parece que temos um amigo comum. Não vale a pena mencionar nomes. Você fez o favor de lhe entregar uma carta há dias. Aliás, de uma forma inesperada. E um embrulho também.

Landau gostou imediatamente daquela voz. Eficiente e imperiosa. A voz de um funcionário como deve ser, Harry, não de um cínico.

— Bom, de fato entreguei —, disse Landau, mas Ned já estava falando de novo.

— Não temos que entrar em pormenores ao telefone, mas acho que precisamos de uma longa conversa. Rapidamente. Quando pode ser?

— Quando quiser —, disse Landau. E fez um esforço para não acrescentar “sir”.

— Em minha opinião, já é sempre melhor. O que acha?

— Acho que me sinto muito melhor, Ned —, disse Landau com um toque de ironia na voz.

— Vou mandar um carro. Não demora nada, por isso fique onde está e espere que a campainha toque. É um Rover verde, matrícula B. O condutor se chama Sam. Se quiser tranquilizar-se, peça que lhe mostre o cartão. Se isso não chegar, telefone para o número que está no cartão. Não vai haver problema, não é?

— O nosso amigo está bem, não está? —, perguntou Landau, incapaz de resistir à pergunta, mas Ned já tinha desligado.

A campainha tocou minutos depois. Deixaram o carro à espera na esquina, pensou Landau enquanto descia as escadas, flutuando como num sonho. É isso. Estou nas mãos de profissionais. A casa ficava na zona chique de Belgravia, uma casa com varanda recentemente restaurada. A fachada, pintada de branco, resplandecia como um bálsamo ao sol do fim da tarde. Um palácio excelente, um santuário para os poderes secretos que regem as nossas vidas. Uma chapa polida de latão no vão entre os pilares anunciava DEPARTAMENTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. A porta já estava aberta quando Landau chegou à metade da escadaria. E quando o porteiro, vestido de uniforme, fechou a porta atrás de si, Landau viu um homem elegante e desempenado, com quarenta e poucos anos, avançar na sua direção através dos raios de sol, primeiro uma silhueta agradável, depois os traços distintamente atraentes e saudáveis, finalmente o cumprimento: leal mas discreto, como uma saudação naval.

— Muito bem, Niki. Venha. — As vozes agradáveis nem sempre pertencem a rostos agradáveis, mas esse não era o caso de Ned. Enquanto o seguia até uma sala oval, Landau sentiu que poderia dizer qualquer coisa que Ned estaria sempre a seu lado. De fato, Landau viu em Ned uma série de coisas que lhe agradaram de imediato, e que constituíam os talentos mágicos de Ned para atrair seu semelhante: um encanto estudado, uma aparência contidamente agradável, o poder de comandar serenamente. Landau intuiu também o poliglota, porque o era. Bastava lhe jogar uma palavra ou uma frase em russo e logo Ned a entenderia e, com um sorriso, responderia com uma frase também em russo. Ele era dos nossos, Harry. Ele era o homem certo para confiarmos um segredo, e não aqueles lambe-botas do Foreign Office.

Só quando começou falando é que Landau notou o desespero que sentia por não dispor de um confidente. Abriu a boca e nunca mais parou. Tudo o que podia fazer era ouvir-se a si mesmo, e o que ouvia deixava-o espantado, porque não estava falando apenas de Katya e dos cadernos, e das razões que o tinham levado ficando com eles, e do modo como os tinha escondido, mas de toda a sua vida, das suas confusões por ser eslavo, do seu amor pela Rússia, apesar de tudo, do fato de se sentir suspenso entre duas culturas. E no entanto Ned não conduzia a conversa, nem tão pouco o interrogava. Ned era um ouvinte nato. Quase não se mexeu, a não ser para fazer algumas esmeradas notas em pequenas fichas, e se interrompeu foi apenas para esclarecer um ou outro pormenor mais estranho — por exemplo, o fato de Landau ter passado pelos controles do aeroporto de Sheremetyevo sem o mínimo problema, já que nem ele, nem bagagem, tinham sido revistados.

— Todo o grupo recebeu esse tratamento ou foi apenas você?

— Todo o grupo. Os guardas acenaram e nós passamos.

— Não sentiu que o trataram de maneira especial?

— Em que aspecto?

— Não ficou com a impressão de que lhe reservaram um tratamento diferente? De que o trataram melhor do que os outros, por exemplo?

— Passamos pelos controles como um bando de ovelhas. Um rebanho —, corrigiu Landau. — Mostramos nossos vistos e pronto.

— Reparou se outros grupos passaram com a mesma facilidade?

— Os russos pareciam não estar minimamente preocupados. Talvez por ser um sábado de verão. Ou então foi pela glasnost. Escolheram uns quantos para revista e deixaram os outros passarem. Para dizer a verdade, senti-me um idiota. Não precisava ter tomado as precauções que tomei.

— Não foi nada idiota, bem ao contrário. Portou-se maravilhosamente —, disse Ned enquanto escrevia, sem qualquer ar de superioridade. — E no avião, lembra-se de quem ficou ao seu lado?

— Spikey Morgan.

— Mais ninguém?

— Não. Eu fiquei na janela.

— Qual era o número do seu lugar?

Landau sabia muito bem qual era o número, já que o escolhia sempre que possível.

— Falaram muito durante o voo?

— De fato falamos muito.

— Sobre o quê?

— Mulheres, basicamente. Quando toca falando de mulheres, o Spikey é como uma bicicleta sem freios descendo uma ravina.

Ned soltou um riso satisfeito. — E falou dos cadernos com Spikey? Ficaria mais aliviado. Nas suas circunstâncias, falar do caso a alguém teria sido perfeitamente natural.

— Nem pensar, Ned. Não diria a ninguém. Não disse nem direi. E se conto agora o que ocorreu é porque Barley Blair está desaparecido e você é um funcionário do governo.

— E a Lydia?

Aquela ofensa à sua dignidade sufocou por momentos a admiração que sentia por Ned, bem como a surpresa perante tão grande conhecimento de sua vida íntima.

— Minhas mulheres, Ned, pouco sabem de mim. É mesmo possível que pensem que sabem mais do que realmente sabem —, respondeu. — Mas não conhecem meus segredos porque eu não permito.

Ned continuou a escrever. E, por uma razão qualquer, o movimento ordenado da caneta e a sugestão de que podia ter sido indiscreto, convenceram-no a correr o risco de avançar um pouco mais, porque já tinha reparado que, sempre que falava de Barley, uma espécie de arrepio gelado percorria o rosto descontraidamente tranquilo de Ned.

— E o Barley, está mesmo bem? Não teve nenhum acidente? — Ned pareceu não ouvir. Pegou outra ficha e continuou a escrever.

— Suponho que o Barley teria recorrido à Embaixada, não? —, disse Landau. — Sendo um profissional como ele é. Se quer que lhe diga, o xadrez é que o trai. Em minha opinião, não deveria jogar xadrez. Pelo menos em público.

Então e só então Ned ergueu a cabeça. Landau viu uma expressão dura e fria em seu rosto que era mais assustadora as palavras. — Niki, nós nunca mencionamos nomes como este —, disse Ned muito calmamente. — Nem mesmo entre nós. Você não sabia, por isso não fez nada de errado. Mas não repita, por favor.

Depois, notando talvez o efeito que suas palavras tiveram em Landau, Ned levantou-se, pegou uma garrafa e dois copos de um aparador de pau-cetim e encheu-os de sherry. — Sim, ele está bem —, disse.

E beberam o sherry, num brinde silencioso a Barley, cujo nome Landau jurou dez vezes nunca mais pronunciar.

— Não queremos que vá a Gdansk na próxima semana —, disse Ned. — Arranjamos um atestado médico e uma compensação para você. Você está doente. Suspeita-se de úlcera. Entretanto, se não se importa, afaste-se do trabalho.

— Farei o que mandar —, disse Landau. Mas antes de ir embora, assinou declaração prevista na lei dos segredos de Estado, sob o olhar afável de Ned. Era um documento tortuoso, redigido em termos legais, calculado para impressionar o signatário e mais ninguém. Mas a própria lei não abona os autores.

Depois disso, Ned desligou os microfones e as câmeras de vídeo ocultas que o décimo segundo andar tinha insistido em pôr, porque achava conveniente.

Quanto ao resto, Ned fez tudo sozinho. Como chefe da Casa da Rússia, tinha esse direito. Os homens que comandam querem-se solitários. Não chamou sequer o velho Palfrey para lhe dizer que parasse. Ainda era cedo.

Se antes dessa tarde Landau se sentira ignorado, o resto do dia seguinte, pelo contrário, viu-se rodeado de atenções. De manhã cedo, Ned telefonou pedindo, com a cortesia habitual, que se apresentasse em determinado endereço em Pimlico. Era um bloco de apartamentos dos anos trinta, com janelas de aço pintadas de verde e uma entrada que

mais parecia de um cinema. Na presença de dois homens que não apresentou, Ned fez com Landau uma revisão sumária de sua história, após o que o jogou aos lobos.

O primeiro a falar era um homem distraído, que parecia flutuar nas nuvens, com maçãs do rosto tão rosadas e olhos tão límpidos que seu rosto invocava o de um bebê. Vestia paletó de linho que condizia com o cabelo esparsos, também cor de linho. A voz flutuava também. — Disse um vestido azul, não foi? Meu nome é Walter —, acrescentou, como se tal revelação surpreendesse a ele mesmo.

— Disse, sim, sir.

— Tem certeza? —, disse ele num tom esganiçado, meneando a cabeça. Os seus olhos, sob uma testa que parecia de seda, examinavam Landau com uma ponta de suspeita.

— Certeza absoluta, sir. Um vestido azul com uma sacola marrom a tiracolo. A maior parte das sacolas é de corda. A dela era de plástico e marrom.

— Bom —, disse eu com meus botões, — hoje não é o melhor dia, Niki, mas se você algum dia voltar a encontrá-la poderia levar de Londres uma bela bolsa azul combinando, não?

— É assim que me lembro dela —, continuou Landau. — É essa a imagem que tenho na cabeça, sir.

Apesar de ter já ouvido várias vezes esta gravação, soa sempre estranho que Landau tratasse Walter por “sir”, já que tratava Ned como Ned. No entanto, este pormenor era menos um sinal de respeito do que resultado de um certo melindre que Walter inspirava ao interlocutor. Afinal de contas, Landau era mulherengo e Walter seu perfeito oposto.

— E o cabelo era preto? —, cantou Walter, como se ter cabelo preto fosse uma raridade pouco crível.

— Preto, sir. Preto e sedoso. Quase asa de corvo. Não tenho a mínima dúvida.

— Não seria pintado?

— Disso eu entendo, sir —, respondeu Landau, tocando na própria cabeça. Não era para admirar tal gesto, já que Landau estava disposto a confidenciar-lhes tudo, mesmo o segredo da sua eterna juventude.

— Disse ainda que ela era de Leningrado. Por quê?

— O porte, sir. É que nela eu vi classe, vi uma russa de Roma. É como eu a vejo. Uma mulher de Petersburgo.

— Mas por que não achou que ela era, por exemplo, armênia? Ou georgiana? Ou judia?

Landau refletiu um pouco sobre a última sugestão, mas acabou por rejeitá-la. — Repare, eu próprio sou judeu. Não digo que isso não seja evidente, mas interiormente o fato de ser judeu pouco me diz.

Um silêncio que podia tê-lo embaraçado, pareceu encorajá-lo a continuar. — Para ser franco, acho que isso de ser judeu é uma coisa requentada. Se é isso que uma pessoa quer ser, tudo bem, não vejo qualquer problema. Mas quem não precisa desse rótulo, por que cargas de água há de andar com ele? Quanto a mim, considero-me primeiro que tudo britânico, depois polonês e tudo o mais vem a seguir. Não me interessa que haja muita gente que prefira inverter essa ordem. O problema é deles.

— Muito bem dito! —, gritou Walter excitado, aplaudindo e soltando um risinho nervoso. — Isso realmente resume muito bem a questão. Mas... você disse que o inglês dela era muito bom. É verdade?

— Melhor que bom, sir. Clássico. Uma lição para todos nós.

— Como se ela fosse professora de inglês, conforme você disse.

— Fiquei com essa impressão —, disse Landau, — uma professora, talvez universitária. Sentia-se nela o saber, a erudição, o intelecto, a força.

— Talvez pudesse ser intérprete.

— Os bons intérpretes apagam-se a si mesmos, pelo menos é o que eu acho, sir. Pelo contrário, esta mulher impunha-se.

— Muito bem, parece uma boa resposta —, disse Walter, mirando num relance seus pulsos rosados. — E usava um anel de casada. Uma decisão acertada.

— Ah, sim, sem dúvida. Um anel de noivado e um anel de casamento. Foi a primeira coisa em que reparei depois de tudo o mais em que é costume reparar-se. E na Rússia não é como na Inglaterra, tem de se olhar para a mão direita porque é na mão direita que elas usam os anéis de casamento. Na Rússia, as solteiras são uma praga e o divórcio alastra. Deem-me um maridinho como deve ser e umas quantas criancinhas à espera em casa todos os dias. Então pode ser que me deixe tentar.

— A propósito disso. Você acha que ela tinha filhos, não acha?

— Estou convencido disso, sir.

— Ora, ora, não pode estar assim tão convencido —, disse Walter num tom irritado, com um súbito trejeito na boca. — Não me diga que é bruxo!

— Os quadris, sir. Os quadris, a sua dignidade mesmo quando estava assustada. Ela não era uma Juno, não era uma sílfide. Era uma mãe.

— E a altura? —, guinchou Walter, enquanto suas sobrancelhas calvas se arregalavam alarmadas. — Poderá dar uma ideia da altura dela? Compare-a com você. Quando estava falando com ela, olhava para cima ou para baixo?

— Uma altura acima do normal. Já tinha dito.

— Nesse caso, mais alta que você?

— Sim.

— Um metro e sessenta e cinco? Um metro e setenta?

— Um metro e setenta é mais provável —, disse Landau pouco à vontade.

— E a idade? Não deu uma resposta muito clara, ontem.

— Se tem mais de trinta e cinco, não parece. Tem uma pele admirável, um aspecto fino, uma mulher distinta na sua plenitude, sobretudo espiritual, sir —, respondeu Landau com um muxoxo derrotado. Além de achar Walter insípido, cultivava ainda uma fraqueza, que era polonesa, por tudo o que era invulgar.

— Domingo. Imagine que ela seja inglesa. Você a vê na missa?

— Não duvido que ela já examine esse problema maduramente —, disse Landau, para sua grande surpresa, antes de ter tempo de pensar numa resposta. — Pode ter concluído que não há Deus nenhum. Ou que existe um Deus. Mas, ao contrário do que acontece com a maior parte das pessoas, ela não se permitiria elidir a questão. Enfrentou-a, tomou uma decisão e certamente agiu de acordo.

De súbito, todos os singulares processos usados por Walter para interrogar se transformaram num sorriso longo e mole. — Ah, você é mesmo bom —, declarou, num tom invejoso. — Agora diga uma coisa, você tem conhecimentos de ciência? —, acrescentou com voz que de novo planava nas nuvens.

— Algum, tenho. Mas da ciência da cozinha. Tenho aprendido umas coisas aqui e ali.

— E de Física?

— Não passei do nível médio. Vendia os livros do curso. Acho que se fizesse exame agora passaria raspando. O problema é que não me permitiram que melhorasse, podemos pôr a questão nestes termos.

— Que significa telemetria?

— Nunca ouvi falar.

— Nem em inglês, nem em russo?

— Em língua nenhuma, sir. Nunca vi.

— E ECP?

— O quê?

— Erro circular provável. Francamente, ele cansou de escrever sobre isso nestes estranhos cadernos que você nos trouxe. Não me diga que o ECP não chamou sua atenção.

— Não reparei. Passei por cima.

— Até se deter naquele ponto em que o cavaleiro soviético morre dentro da armadura. Ali não passou por cima. Por quê?

— Eu não me detive deliberadamente nesse ponto. Aconteceu de me deter ali.

— Está bem, aconteceu. E a partir daí fez sua apreciação, certo? Apreciação sobre o que o autor queria dizer. Que apreciação?

— Creio que o autor dos cadernos se referia à incompetência. Os russos não são nada bons nessas coisas, são fraquinhos.

— Fraquinhos em quê?

— Nos mísseis. Cometem erros.

— Que tipo de erros?

— Todo tipo de erros. Erros magnéticos. Erros de direção, se é que isso existe. Não sei. Vocês é que sabem dessas coisas, não é?

Mas o enfado com que Landau se defendia servia apenas para acender suas virtudes como testemunha. Porque se queria brilhar e não conseguia, seu fracasso os tranquilizava, como o comprovava o gesto aéreo de Walter, em sinal de alívio.

— Bom, o que eu acho é que ele se saiu muito bem —, disse Walter, como se Landau não estivesse presente, erguendo de novo as mãos, desta vez num gesto teatral de conclusão. — Ele diz o que se lembra. Não inventa coisas para melhorar a história. Você não faria uma coisa dessas, não é, Niki? —, acrescentou, ansioso, descruzando as pernas como se as virilhas lhe picassem.

— Não, sir, pode ficar tranquilo.

— Espero que não, quer dizer, mais tarde ou mais cedo acabaríamos por descobrir. Nesse caso, lá se ia todo o brilho das suas declarações.

— Não, sir. Tudo aconteceu como eu disse. Não acrescentei, nem tirei.

— Estou certo disso —, disse Walter para os colegas, num tom perfeitamente confiante, enquanto se reclinava de novo na cadeira. — A coisa mais difícil no nosso trabalho ou em qualquer outro trabalho, é dizer — eu acredito. — Niki é tão puro como uma fonte, o que é uma coisa tão rara como as galinhas terem dentes. Se houvesse muitos como ele, ninguém precisaria de nós.

— Apresento-lhe o Johnny —, disse Ned, no seu papel de ajudante de campo.

Johnny tinha um cabelo ondulado grisalho, maxilares largos e uma pasta cheia de telegramas que pareciam oficiais. Com seu relógio com corrente de ouro e o seu terno cinza feito por medida, talvez correspondesse à imagem que as garçonetes estrangeiras fazem dos ingleses. Mas não era essa a imagem que Landau fazia dos compatriotas adotados.

— Niki, primeiro que tudo, nós temos que lhe agradecer, *pal** —, disse Johnny, com a sua entonação lenta da costa leste americana. Nós, os principais beneficiários, sugeria o seu tom generoso. Nós, os principais acionistas da firma. Receio que Johnny seja assim mesmo. Um bom funcionário, mas incapaz de refrear sua supremacia americana. Às vezes acho que a diferença entre os espiões americanos e os nossos consiste nisso mesmo. Os americanos, com seu desfrute sem limites de poder e dinheiro, alardeiam sua ventura. Falta-lhes o instinto de simulação que nos britânicos é tão natural. (**Amigo próximo, camarada. N. do T.*)

De qualquer modo, Landau pôs-se em posição de combate num abrir e fechar de olhos.

— Importa-se que faça umas perguntas? —, disse Johnny.

— Se Ned estiver de acordo... —, respondeu Landau.

— Claro que estou —, disse Ned.

— Bom, então vamos fazer de conta que estamos na feira, naquela noite. OK, *pal*?

— Bem, Johnny, não foi bem à noite, foi mais fim da tarde.

— Você acompanhou a tal mulher, a tal Yekaterina Orlova, até o patamar, onde estavam os guardas. E despediu-se dela.

— Ela me deu o braço.

— Ela lhe deu o braço. Ok. Fantástico. Em frente aos guardas. Você a viu descer as escadas. Mas também a viu sair para a rua, *pal*?

Nunca tinha ouvido Johnny tratar ninguém por “pal” [*meu chapa*]. Concluí que tentava espicaçar Landau, segundo um processo que os sujeitos da “Agência” aprendem com os psicólogos da casa.

— Correto —, disse Landau.

— Mas viu-a sair mesmo para a rua? Pare um pouco e pense —, sugeriu, com a falsa franqueza do advogado.

— Para a rua e para fora da minha vida.

Johnny esperou até ter a certeza de que todos entendiam que ele estava à espera, e Landau entendeu melhor do que ninguém. — Niki, *pal*, pusemos gente no alto dessa escada nas últimas vinte e quatro horas. Dali ninguém vê a rua.

O rosto de Landau ficou de súbito vermelho. Não por embaraço, mas porque estava ficando seriamente zangado. — Vi-a descer as escadas. Vi-a atravessar o hall em direção à rua. Ela não voltou. Portanto, a menos que alguém tenha mudado a rua nas últimas vinte e quatro horas, o que, nos tempos de Stalin, teria sido perfeitamente possível...

— Vamos continuar, sim? —, disse Ned.

— Viu alguém ir atrás dela? —, perguntou Johnny, irritando ainda mais Landau.

— Nas escadas ou quando ela foi para a rua?

— Nas escadas e quando ela saiu.

— Não, não vi. Não a vi sair para a rua, você acabou de me dizer que não vi. Sendo assim, por que não responde você, e eu faço as perguntas?

Enquanto Johnny se recostava indolentemente na cadeira, Ned interveio. — Niki, há aqui coisas que têm de ser examinadas com muito cuidado. Há muita coisa em jogo e Johnny tem ordens a cumprir.

— Eu também estou em jogo —, disse Landau. — É a minha palavra que está em causa e não gosto de ser ridicularizado por um americano que nem sequer é britânico.

Johnny tinha regressado à pasta. — Niki, pode descrever as disposições de segurança utilizadas na feira, tal e qual como você as

viu?

Landau respirou tensamente. — Bom —, disse, e reatou seu discurso. — Tínhamos aqueles dois policiais jovens, de uniforme, que andavam de um lado para o outro no hall do hotel. Tinham as listas com os nomes de todos os russos que entravam e saíam, o que é normal. Depois, lá em cima, no salão, tínhamos os chatos. São os caras à paisana. Os vagabundos, é como são chamados —, acrescentou, para que Johnny entendesse. — Ao fim de uns dias, nos os reconhecíamos de longe. Não compram, não roubam nada dos expositores, não pedem brindes e um deles tem sempre cabelo cor de manteiga, não me perguntem por quê. Eram três, sempre os mesmos, a semana toda. Foram eles que a viram descer as escadas.

— Eram só esses, *pal*?

— Que eu saiba, eram, mas estou à espera de que me corrijam.

— Não se deu conta de duas mulheres de idade indeterminada, de cabelo grisalho, que iam todos os dias à feira, chegavam cedo, iam embora tarde, também não compravam, não entravam em negociações com nenhum dos exibidores, não pareciam ter nenhum interesse legítimo pela feira?

— Ou me engano muito ou está falando da Gert e da Daisy.

— De quem?

— Eram duas velhas do Conselho das Bibliotecas. Vinham por causa da cerveja. Seu principal prazer era pegar brochuras dos stands e mendigar folhetos grátis. Nós a batizamos de Gert e Daisy, que era o nome de um programa de rádio muito popular nos anos da guerra e depois.

— Não lhe ocorreu que essas senhoras pudessem exercer também uma função de vigilância?

A poderosa mão de Ned estava já a postos para refrear Landau, mas era muito tarde.

— Johnny —, disse Landau, fervendo. — Estamos em Moscou, certo? Moscou, Rússia, *pal*. Se eu parasse para pensar quem estava vigiando quem não sairia da cama de manhã. Que eu saiba, até os pássaros das árvores estão sob escuta.

No entanto, Johnny voltava aos seus telegramas. — Segundo suas declarações, Yakaterina Borisovna Orlova disse que o stand vizinho da Abercrombie & Blair tinha estado vazio no dia anterior, correto?

— Foi isso mesmo que eu disse.

— Mas não a viu no dia anterior, não?

— Não.

— E no entanto você diz que uma mulher bonita não lhe passa despercebida.

— Digo e espero continuar a dizer.

— Não acha que seria natural que a tivesse visto?

— Às vezes, uma ou outra me escapa —, confessou Landau, enrubescendo de novo. — Se estou de costas, por exemplo, se estou debruçado sobre uma mesa ou se vou ao banheiro, é muito possível que a minha atenção se disperse por um momento.

Mas a calma de Johnny começava a se impor. — Você tem parentes na Polônia, não tem, Mr. Landau? — Era evidente que o tratamento por “pal” já não era necessário. Ao ouvir a gravação, percebi esse pormenor.

— Tenho.

— Não tem uma irmã mais velha altamente colocada na administração polonesa?

— Minha irmã trabalha no Ministério da Saúde polonês, é inspetora de hospitais. Não está altamente colocada e já passou da idade da aposentadoria.

— Você alguma vez foi, direta ou indiretamente, alvo consentido de pressões ou chantagem de agências de espionagem do bloco comunista ou de terceiros atuando por conta delas?

Landau virou-se para Ned. — Um alvo quê? Receio que o meu inglês não chegue para entender.

— Um alvo consciente —, disse Ned com um sorriso de aviso. — A par, ciente de que era alvo de pressões ou chantagem.

— Não, nunca fui alvo de nada.

— Nas suas viagens aos países do Leste, alguma vez foi íntimo de mulheres desses países?

— Fui para a cama com algumas. Mas íntimo nunca fui.

Como um adolescente malandro, Walter soltou um risinho chiado, sacudindo os ombros e tapando com a mão seus horríveis dentes. Mas Johnny avançava obstinadamente: — Mr. Landau, antes deste caso, alguma vez teve contatos com agências de espionagem de qualquer país, hostil ou amigo?

— Negativo.

— Alguma vez vendeu informações a alguém, seja a jornais, agências de informação, policiais, militares, para qualquer fim, ainda que inócuo?

— Negativo.

— Já foi membro de partido comunista ou de organização pacifista ou grupo similar?

— Sou um cidadão britânico —, respondeu Landau, levantando seu pequeno queixo polonês.

— E não faz ideia, ainda que vaga ou confusa, da mensagem global contida no material que manipulou?

— Eu não manipulei. Limitei-me a repassá-lo.

— Mas leu.

— Li o que pude. Li alguma coisa. Depois, desisti. Como já disse.

— Por que desistiu?

— Se quer saber, desisti por uma questão de decência. Uma coisa que não deve preocupá-lo.

Mas Johnny, em vez de corar, pôs-se a vasculhar pacientemente sua pasta. Tirou um envelope e do envelope um monte de fotografias do tamanho de postais, que dispôs sobre a mesa como cartas de baralho. Algumas eram pouco nítidas, todas granuladas. Algumas tinham elementos em primeiro plano que dificultavam a visão do resto. Mostravam mulheres descendo as escadas de um prédio de escritórios sombrio, algumas em grupos, outras sozinhas. Algumas levavam sacolas, algumas tinham a cabeça baixa e nada seguravam. Landau lembrou-se de ouvir dizer que, em Moscou, era hábito as mulheres saírem na hora do almoço para fazerem compras. Deixavam as bolsas nas mesas para que todos pensassem que estivessem no corredor.

— É esta —, disse Landau de súbito, apontando com o indicador. Era mais um dos truques de Johnny. Ele era inteligente demais para todo aquele non sense, mas isso não o impedia. Parecia desapontado e extremamente incrédulo. Estava com ar de quem tinha apanhado Landau numa mentira. O vídeo mostra-o reagindo de maneira exagerada. — Pelo amor de Deus, como pode ter tanta certeza? Você nem sequer a viu de sobretudo!

Vê-se bem no filme que Landau não ficou perturbado com essa reação. — É ela, Katya —, diz firmemente. — Eu a reconheceria em qualquer lugar. É Katya. Penteou o cabelo para cima, mas é ela. Katya. É a sacola dela também, de plástico. — E continua a examinar a foto. —

O anel de casamento. — Por um momento parece esquecer que não está sozinho. — Voltaria a fazer o que fiz por ela amanhã —, diz. — E depois de amanhã.

E assim terminou, satisfatoriamente, o hostil interrogatório de Johnny.

À medida que os dias avançavam e as enigmáticas entrevistas se sucediam, sempre em locais diferentes, sempre com entrevistadores diferentes, à exceção de Ned, Landau sentia, de forma cada vez mais nítida, que as coisas se encaminhavam para um clímax. Num laboratório de som atrás da Portland Place, puseram-no a ouvir vozes de mulheres. Russas falando russo e russas falando inglês. Mas não reconheceu a voz de Katya. Outro dia foi consagrado ao dinheiro, o que o deixou alarmado. Não o dos interrogadores, mas o dele. Seus extratos bancários — mas como conseguiram meus extratos? De suas declarações de renda, folhas de pagamento, poupança, hipoteca, seguro de vida, enfim, pior do que o Fisco.

— Confie em nós, Niki —, disse Ned com um sorriso tão honesto e tranquilizador que Landau ficou com a sensação de que Ned o defendia nos bastidores e de que as coisas estavam bem encaminhadas.

Vão me contratar, pensou ele na segunda-feira. Vão fazer de mim um espião como Barley. Estão revendo o caso do meu pai vinte anos depois de morto, pensou Landau na terça-feira. Na manhã de quarta-feira, Sam, o motorista, tocou a campainha do seu apartamento pela última vez e então tudo ficou claro.

— Para onde vamos hoje, Sam? —, perguntou Landau bem-disposto. — Para a Bloody Tower?

— Para Sing Sing —, respondeu Sam, e desataram a rir. Mas Sam não o conduziu à Torre nem a Sing Sing, mas à entrada lateral de um ministério em Whitehall que onze dias antes o repelira. Brock, o dos olhos cinzentos, conduziu-o por uma escadaria dos fundos e desapareceu. Landau entrou então numa grande sala que dava para o Tâmis. Três homens estavam a uma mesa, todos do mesmo lado. À esquerda estava Walter, com a gravata alinhada e o cabelo brilhante de gel. Ned estava à direita. Ambos exibiam ar solene. Entre eles, com as mãos juntas sobre a mesa e rugas de severidade em volta do maxilar saliente, estava um homem mais jovem, distintamente vestido que Landau concluiu, e com razão, ser o superior hierárquico dos outros

dois, e que, como mais tarde afirmou, parecia ter saído de outro filme. Era um homem de aparência cuidada e cara de poucos amigos. Parecia estar arrumado para aparecer na televisão. Tinha mais do que dinheiro. Estava pelos quarenta, mas o que nele havia de mais terrível era a inocência. Parecia muito jovem para ser acusado de crimes de adultos.

— Meu nome é Clive —, disse, numa voz sumida. — Entre, Landau. Estamos com um problema sobre o que vamos fazer com você.

E atrás de Clive — atrás deles todos, na verdade —, Niki Landau finalmente me viu. O velho Palfrey. Ned reparou que ele me viu, sorriu e, com evidente satisfação, nos apresentou.

— Ah, Niki, este é Harry —, disse, e mentia. Até então ninguém tinha sido apresentado formalmente, mas Ned tratou de fazer a minha: — Harry é o árbitro da casa. Ele providencia que todos sejam tratados de forma justa.

— Ótimo —, disse Landau.

E foi neste ponto da história que eu fiz a minha modesta entrada em cena, como representante das leis, agente de vendetas, ator de pontas, executante de favores e, finalmente, como cronista; às vezes Rosecrantz, outras Guildenstern, e só ocasionalmente Palfrey.

E para tomar conta de Landau — muito mais do que eu — havia ainda Reg, homem enorme, ruivo e com ar tranquilizador. Reg conduziu Landau para uma cadeira no centro da sala e sentou-se a seu lado. Pareciam dois alunos castigados por não saberem a lição. Landau gostou imediatamente de Reg, o que era previsível, já que Reg era por profissão assistente social e seus clientes incluíam desertores, líderes depostos e agentes acabados, e outros homens e mulheres cujos laços com a Inglaterra seriam decerto mais frouxos se o bom do Reg Wattle e a sua simpática mulher, Berenice, não tivesse a tarefa de protegê-los.

— Você fez um bom trabalho, mas não podemos dizer por que seu trabalho foi bem feito, não seria seguro —, prosseguiu Clive no seu tom árido, quando viu Landau confortavelmente instalado. — Mesmo o pouco que sabe é muito. E não podemos deixá-lo andar passeando pela Europa do Leste com nossos segredos na cabeça. É muito perigoso. Para você e para as pessoas envolvidas. Por isso, se é verdade que você realizou um serviço muito válido, não é menos verdade que se transformou num motivo de sérias preocupações. Se estivéssemos em guerra, podíamos prendê-lo num lugar qualquer ou dar-lhe um tiro, uma coisa dessas. Mas não estamos em guerra, pelo menos oficialmente.

Em sua prudente caminhada para o poder, Clive tinha treinado a técnica do sorriso. Era uma arma injusta se usada com pessoas amigas, um pouco como o silêncio ao telefone. Mas Clive nada sabia de injustiças, porque nada sabia do oposto. Quanto à paixão, era o que ele usava quando precisava persuadir as pessoas.

— É que, no fim das contas, você poderia perfeitamente apontar umas quantas pessoas importantes, não é verdade? —, prosseguiu Clive, com uma voz tão sumida que todo mundo se mantinha como que paralisado para poder ouvi-lo. — Sei muito bem que você não faria uma coisa dessas deliberadamente. O problema é que quando uma pessoa é algemada a um radiador normalmente não tem muitas saídas. E no fim, não tem nenhuma.

Quando achou que já tinha assustado Landau o suficiente, Clive olhou para mim, fez-me um sinal e seguiu os meus gestos enquanto eu abria a pomposa pasta de couro que trouxera comigo e estendia a Landau o longo documento que tinha preparado. Rezava este documento que Landau renunciaria por toda a vida a toda e qualquer viagem para lá da Cortina de Ferro, que nunca deixaria o país sem avisar primeiro Reg, com uma antecedência de um número determinado de dias, sendo os pormenores tratados entre os dois, e que Reg cuidaria do passaporte de Landau a fim de se prevenir qualquer problema. Rezava ainda que Landau aceitaria irrevogavelmente a intervenção que Reg teria em sua vida. Reg ou qualquer outra pessoa que as autoridades nomeassem em seu lugar — intervenção em que desempenharia os papéis de confidente, filósofo e árbitro discreto de todos os seus problemas, incluindo o melindroso problema de como tratar dos impostos sobre o cheque a levantar numa sucursal em Fulham de um banco britânico no valor de cem mil libras.

E ainda que, para que a Autoridade pudesse assustá-lo periodicamente, deveria apresentar-se a cada seis meses ao Consultor Legal dos Serviços, Harry, para baterem o ponto das questões envolvendo segredos de Estado — Harry, o velho Palfrey, o amante de Hannah em outros tempos, um homem que, de tão vergado pelas coisas da vida, talvez fosse o mais indicado para manter os outros na linha. E que no seguimento e em conformidade e conseqüentemente ao acima exposto, todo aquele episódio envolvendo uma determinada mulher de nacionalidade russa e o manuscrito literário de um amigo seu, bem como o conteúdo do referido manuscrito — fosse qual fosse o

entendimento que ele tinha da importância tanto dos textos como das pessoas —, e ainda o papel desempenhado por um certo editor britânico, tudo isso seria, a partir daquele momento, solenemente declarado nulo e sem efeito, morto, enterrado, inexistente, a partir daquele momento e para todo o sempre. Amém.

Deste documento havia uma cópia, que passaria a viver no meu cofre até que o rasgassem ou morresse de morte natural. Landau leu-o duas vezes, enquanto Reg, por cima de seu ombro, o acompanhava na leitura. Então, Landau refugiou-se por momentos nos seus próprios sonhos, sem se preocupar minimamente com quem o estava observando ou quem queria que ele assinasse, para que deixasse de constituir um problema. É que Landau sabia que, neste caso, ele era o comprador, e não o vendedor.

Viu-se na janela do seu quarto de hotel, em Moscou. Lembrou-se de seu desejo de deixar de uma vez por todas aquela profissão e começar uma vida menos árdua. E veio-lhe à cabeça a divertida ideia de que talvez o Criador o tivesse tomado rigorosamente ao pé da letra, realizando fielmente seu desejo, o que, para grande embaraço dos presentes, lhe provocou uma breve explosão de riso.

— Bom, Harry, espero que seja o nosso amigo Johnny, o ianque, a pagar a conta —, disse ele.

Mas a piada não recebeu o aplauso que merecia, porque era a pura verdade. Então, Landau pegou a caneta de Reg e assinou, e passou-me o documento e viu-me acrescentar a minha assinatura como testemunha, Horatio B. de Palfrey, assinatura que, ao fim de vinte anos, possui tão consistente ilegibilidade que se eu assinasse Heinzs Tomato Soup ninguém daria pela diferença. Devidamente assinado, o documento voltou à pasta de couro, que eu fechei ainda sob o olhar atento de Landau. Depois, sucederam-se os cumprimentos, trocaram-se compromissos mútuos e Clive murmurou — “estamos gratos, Niki” —, tal e qual como no filme de que Landau periodicamente acreditava participar.

Então, todos cumprimentaram de novo Landau e, depois de o verem cavalgando nobremente rumo ao pôr do Sol ou, mais precisamente, avançando airosamente pelo corredor, em animada conversa com Reg Wattle, que dava dois dele, esperaram impacientes que ligassem as escutas, para as quais eu já tinha obtido autorização com o infalível argumento dos muito fortes interesses americanos.

Puseram sob escuta os telefones do escritório e do apartamento, leram sua correspondência e colaram uma chapa eletrônica no eixo traseiro de seu tão querido Triumph. Seguiram-no nas horas de lazer e recrutaram uma datilógrafa de seu escritório para vigiar aquele estrangeiro suspeito nas últimas semanas em que lá trabalhou.

Mandaram namoradas potenciais para os bares que costumava frequentar. No entanto, apesar destas precauções desajeitadas e supérfluas, ditadas pelos mesmos muito fortes interesses americanos, o resultado foi nulo. Nem um sinal de fanfarronice ou indiscrição chegou a seus ouvidos. Landau nunca se queixou, nunca se vangloriou, nunca tentou tornar seu caso público. Seu caso acabou por constituir, de fato, um dos poucos casos rematados e perfeitamente felizes de toda a nossa história.

Ele foi o prólogo perfeito. Nunca mais pisou nosso palco. Nunca fez qualquer tentativa para conhecer Barley Scott Blair, esse grande espião britânico. Pode-se dizer que guardou respeito eterno por ele. Mesmo na grandiosa abertura da sua loja de vídeo, quando o que mais desejava era poder contar com a presença desse verdadeiro herói da espionagem britânica, mesmo nessa altura Landau não infringiu as regras. Talvez o deixasse satisfeito saber que, certa noite, em Moscou, quando a velha Inglaterra precisara dos seus serviços, também ele se comportara como o verdadeiro gentleman inglês que por vezes ansiava ser. Ou talvez o polonês que havia nele tivesse ficado contente por ter enganado o urso russo. Ou talvez a memória de Katya tivesse alimentado sua fidelidade, Katya, a forte, a virtuosa, Katya, a corajosa e bela Katya, que, apesar de todo o seu medo, tinha tido o cuidado de avisá-lo do perigo que corria. — Tem de acreditar no que está fazendo.

E Landau tinha acreditado. E Landau sentia um orgulho infindo por ter acreditado, como qualquer um de nós sentiria.

Até sua loja de vídeo floresceu. Era uma verdadeira sensação. Talvez um pouco ousada para alguns espíritos, incluindo a polícia de Golden Green, com a qual fui obrigado a ter uma conversa amistosa. Para outros, porém, era um verdadeiro bálsamo.

Mas o mais importante foi que até mesmo nós acabamos por gostar dele, precisamente porque ele nos via como queríamos que todo mundo nos visse, como zeladores oniscientes, capazes e heroicos da saúde subterrânea da nossa grande nação. Essa era uma visão que Barley parecia nunca ter sido capaz de partilhar — aliás, tal como

Hannah, embora ela não nos conhecesse por dentro, embora para ela isto fosse apenas o lugar para onde não podia me seguir, o santuário do supremo envolvimento, e, por isso, aos seus olhos inflexíveis, o santuário do supremo desespero.

— Tenho certeza de que eles não são a cura, Palfrey —, disse ela apenas umas semanas antes, quando, por uma razão qualquer de que já não me lembro, tentei enaltecer os Serviços. — Pelo contrário, parecem muito mais a doença.

Nós, os mais experientes no ramo, costumamos dizer que não há operação de espionagem que não descambe ocasionalmente em farsa. Quanto maior a operação, maiores suas potencialidades cômicas, e nos anais dos Serviços são comuns casos como o da caçada secreta movida durante uma semana a Bartholomew, aliás Barley, Scott Blair, que provocou um alvoroço, e consequente frustração, que chegavam para uma dúzia de agências de espionagem. Noviços ortodoxos, como Brock da Casa da Rússia, aprenderam a odiar a vida de Barley, mesmo antes de encontrarem o homem.

Ao fim de cinco dias de perseguição, concluíram que sabiam tudo acerca dele, exceto onde se encontrava. Conheciam a sua ascendência livre-pensadora e a sua dispendiosa educação, ambas malbaratadas, bem como as histórias pouco edificantes dos seus casamentos, todos eles desfeitos. Conheciam o café em Camden Town, onde ele jogava as suas partidas de xadrez com qualquer espírito dado à preguiça que por lá passasse. Ainda que culpado, Barley seria sempre um cavalheiro, foi o que disseram no café ao nosso agente Wicklow, disfarçado, para o caso, de advogado inquirindo sobre um caso de divórcio. Utilizando os pretextos do costume, desonestos mas eficientes, entrevistaram uma irmã de Barley, em Hove, que já estava farta dele, negociantes de Hampstead que lhe tinham escrito, uma filha casada em Grantham, que o adorava, e um filho, um D. Juan de meia-idade que trabalhava na City, tão concentrado no trabalho que parecia ter feito voto de silêncio.

Falaram ainda com membros de uma banda de jazz feita às pressas, onde Barley tinha tocado saxofone ocasionalmente, com um assistente social do hospital onde ele estava registrado como visitante e com o vigário da igreja de Kentish Town, onde, para grande surpresa de todos, cantava os trechos de tenor. — Que bela voz, é pena aparecer pouco —, disse o vigário, indulgentemente. Mas quando tentaram — de novo com a ajuda do velho Palfrey — pôr sob escuta seu telefone, para ouvirem um pouco de sua bela voz, não havia nada para pôr sob escuta porque ele não tinha pago a conta.

Encontraram mesmo vestígios dele nos nossos próprios registros. Ou melhor, quem encontrou esses vestígios foram os americanos, fato que lhes minou ainda mais o moral. Veio a saber-se, com efeito, que no

princípio dos anos sessenta, altura em que qualquer inglês que tivesse o infortúnio de possuir um nome unido por hífen corria o risco de ser recrutado pelos Serviços Secretos, o caso de Barley tinha sido enviado para Nova York, a fim de ser submetido a exame rigoroso, de acordo com um tratado de segurança bilateral só parcialmente observado.

Furioso, Brock voltou a investigar os Registros Centrais que, depois de negarem todo e qualquer conhecimento daquela pessoa, desenterraram sua ficha de uma seção do índice que ainda não tinha sido transferida para o computador. A partir dessa ficha chegou-se a uma pasta contendo todo o processo original, desde o tal exame completo feito em Nova York a correspondência variada. Brock correu ao gabinete de Ned como se tivesse descoberto a chave de tudo. Idade, 22 anos! Passatempos, teatro e música! Esportes, nada! Razões para considerarem a sua candidatura, um primo chamado Lionel que fazia parte dos Life Guards!

Só faltava o desfecho. O oficial recrutador tinha almoçado com Barley no Athenaeum e carimbado seu processo com um *Indeferido* —, dando-se ao trabalho de acrescentar à mão a palavra — definitivamente.

No entanto, este singular episódio, ocorrido mais de vinte anos antes, teve um certo efeito oblíquo na atitude de todos eles em relação a Barley, quando se debruçaram, desconcertados e apreensivos, sobre as ligações de esquerda do velho Salisbury Blair, o pai de Barley. Aos seus olhos, tal fato teria minado a independência de Barley. Não aos olhos de Ned, porque Ned era feito de matéria mais forte. Mas aos olhos dos outros, de Brock e dos mais jovens. Acabaram por sentir que lhe deviam qualquer coisa, nem que fosse por ter sido um aspirante falhado à mística que os animava.

Uma outra frustração consubstanciou-se no carro de Barley, perfeitamente impróprio para consumo, que a polícia encontrou estacionado ilegalmente em Lexham Gardens, com um para-lamas amassado, a licença caducada e uma garrafa de scotch meio cheia no porta-luvas com um feixe de cartas de amor com a letra de Barley. Os vizinhos andavam se queixando do carro há semanas.

— Rebocamos, ficamos livres dele, multamos ou muito simplesmente reduzimos a pó —, sugeriu o amável chefe da Divisão do Trânsito em conversa telefônica com Ned.

— O melhor é esquecê-lo —, respondeu Ned, já exausto. No entanto, ele e Brock apressaram-se a examiná-lo, na vã esperança de

encontrar uma pista. Concluíram que as cartas de amor tinham sido enviadas a uma mulher de Lexham Gardens, que as tinha devolvido. A mulher garantiu-lhes com um ar trágico que seria a última pessoa no mundo a saber onde Barley estaria.

Só na quinta-feira seguinte, quando Ned se pôs a examinar pacientemente o extrato bancário de Barley relativo a este mês, surgiu a luz que iluminou o caso. Entre as colunas de saldos negativos, Ned deparou com uma ordem de pagamento trimestral a uma sociedade imobiliária, cento e tal libras destinadas a uma Imobiliária Qualquer Coisa Limitada. Incrédulo, não tirava os olhos daquilo. Então, rogou uma praga, o que não era seu hábito. Telefonou logo para a seção de Viagens, pediu que verificassem listas de voo de Gatwick e Heathrow já com algum tempo. Quando Viagens respondeu, voltou a rogar praga. Tinham encontrado. Dias e dias de telefonemas, entrevistas, quase um porta a porta, normas infringidas em todos os níveis, turnos de vigilância, telegramas a serviços amigos em metade das capitais do mundo, a sua tão gabada Seção de Registros humilhada pelos americanos. No entanto, ninguém com quem tinham falado, nenhuma das investigações feitas tinha revelado o único fato crucial, indispensável e perfeitamente estúpido que eles precisavam saber: que, dez anos antes, por um capricho qualquer, Barley Blair, depois de ter herdado uns quantos milhares de uma remota tia, comprara uma casinha mais que modesta em Lisboa, onde costumava descansar periodicamente dos trabalhos de sua multifacetada alma. Poderia ter sido na Cornualha, na Provença ou em Tombuctu. Mas acontecera gostar de Lisboa, daquele lugar perto do rio, junto a um pequeno jardim um tanto mal cuidado, e muito perto do mercado do peixe, muito perto para as sensibilidades de muitas pessoas.

Com esta descoberta, instalou-se na Casa da Rússia uma calma como a que precede o reatamento dos combates. O rosto de Brock parecia ter empalidecido de raiva.

— Quem é o nosso irmão em Lisboa atualmente? —, perguntou Ned, de novo leve como brisa de verão.

Depois, telefonou ao velho Palfrey, aliás Harry, e ordenou que ficasse inteiramente à sua disposição para o caso de alguma emergência, o que, como diria Hannah, descrevia perfeitamente a minha situação.

Merridew viria a encontrar Barley no bar do hotel. Empoleirado num banco alto, ensaiava um discurso sobre a natureza humana em direção de um major de artilharia expatriado, completamente encharcado em álcool. Era o major Arthur Winslow Graves, mais tarde referenciado como contato de Barley, contato que constituía sua única intervenção na história dos homens, sem que ele alguma vez o soubesse. As costas altas e arqueadas de Barley estavam viradas para a porta aberta, e antes desta havia ainda um pátio, pelo que Merridew, que era um jovem de trinta anos, meio gordo, pôde armazenar nos pulmões algum do ar de que tanto precisava, antes de entrar em cena. Tinha andado metade do dia atrás de Barley, sem qualquer êxito, e a cada fracasso mais furioso ficava.

No apartamento de Barley, a menos de cinco minutos de caminhada, uma mulher inglesa com sotaque bem vulgar, pela abertura da caixa de correio o mandara se lixar. Na Biblioteca Britânica, a bibliotecária lhe disse que Barley tinha passado lá uma tarde folheando livros, com o que parecia sugerir — embora o negasse imediatamente, quando instada a explicar-se — que ele passara toda a tarde num estado de estupor alcoólico. E de uma horrível estalagem estilo Tudor, no Estoril, onde Barley e os amigos tinham consumido um jantar particularmente regado embaixo de mosquetões de plástico, partira em grande algazarra menos de meia hora antes.

O hotel, que humildemente preferia autodenominar-se pensão, era um antigo convento, um daqueles locais que os ingleses adoram. Para lá chegar, Merridew teve de escalar uma escadaria de pedra tapada por videiras e, tendo-a escalado e dado uma primeira olhadela cuidadosa, apressou-se a descê-la para ir dizer a Brock que corresse — Mas corre mesmo! — ao café da esquina e ligasse para Ned. Depois, escalou de novo a escadaria, razão pela qual se sentia tão ofegante e ainda mais maltratado que de costume. Cheiros de terra molhada e café acabado de moer misturavam-se com as fragrâncias noturnas das plantas. Merridew nada sentia. Faltava-lhe ar.

O soluçar dos bondes distantes e o grasnar dos barcos eram os únicos sons de fundo para o monólogo de Barley. Merridew não se apercebia desses sons.

— As crianças cegas não sabem mastigar, meu caro e encantador Gravey —, explicava pacientemente Barley, encostando a ponta do seu indicador, muito longo e fino, ao umbigo do major e

descansando o cotovelo no balcão, ao lado de uma partida inacabada de xadrez. — É um fato científico, Gravey. As crianças cegas têm de ser ensinadas a mastigar. Ora, venha cá. Feche os olhos.

Barley segurou ternamente a cabeça do major com as duas mãos, aproximou-a, abriu-lhe os maxilares frouxos e meteu-lhe na boca dois ou três caju. — Ora muito bem. Quem é um lindo menino? Quem come a papinha toda? Mastigar, mastigar! Cuidado com a língua! Mastigar de novo.

Interpretando aquela fala como sua deixa, Merridew afivelou seu sorriso caloroso de encomenda e aventurou-se a entrar no bar; onde, para sua grande surpresa, deparou-se com duas esculturas em tamanho natural, representando duas mulatas em trajes de corte, uma de cada lado do vão da porta. Cabelo castanho, olhos verdes, repetiu mentalmente, examinando as peculiaridades físicas de Barley como se de um cavalo se tratasse. Altura, um metro e oitenta e dois, barba sempre feita, bem-falante, físico elegante, indumentária original. Original uma ova, pensou o atarracado Merridew, ainda resfolegante, enquanto examinava a roupa de Barley: casaco esportivo de linho, calças de flanela cinzenta e sandálias. Mas o que aqueles loucos esperavam que ele vestisse numa noite quente em Lisboa? Arminho?

— Desculpem, sim? —, disse Merridew gentilmente. — Estou procurando uma pessoa e talvez possam me ajudar.

— O que prova, caro patetinha da sua mamãe —, resumia Barley, depois de ter cuidadosamente reconduzido o major a uma posição ereta, — para citar a famosa canção que, não obstante o fato de o grande feiticeiro nos ter feito de carne, comer pessoas não é uma atitude correta.

— Mas... desculpe, se não me engano o senhor é Bartholomew Scott Blair —, disse Merridew. — Não? Correto?

Segurando o major pela lapela do casaco, a fim de prevenir um desastre militar, Barley deu cuidadosamente meia volta e examinou atentamente Merridew, dos sapatos ao sorriso.

— Meu nome é Merridew e trabalho na Embaixada. Sou o segundo secretário comercial. Lamento muito, mas recebemos um telegrama muito urgente para você. Seria uma boa ideia se nos acompanhasse e tomasse desde já conhecimento do seu teor.

Então, imprudentemente, Merridew permitiu-se um maneirismo habitual em funcionários gorduchos. Ergueu repentinamente um braço,

deu à mão a forma de taça e passou zelosamente com ela pela cabeça (como que para confirmar que o cabelo e o chapéu ainda estavam no lugar. E este gesto largo, produzido por um homem gordo numa sala de paredes baixas, pareceu suscitar em Barley receios que, de outro modo, poderiam ter permanecido adormecidos, fazendo com que, subitamente, ele ficasse desconcertantemente sóbrio.

— Não me diga que morreu alguém, meu velho —, disse ele, com um sorriso tão tenso que parecia preparado para o mais trágico gracejo.

— Pelo amor de Deus, Mr. Blair, não seja tão sombrio, é um assunto comercial, e não consular. Caso contrário, não teria vindo parar em nossas mãos, não acha? — Merridew esboçou um sorriso apaziguador.

Mas Barley não cedera ainda. Nem um milímetro. Continuava a olhar para o vazio, pouco preocupado com o fato de Merridew estar esperando. — Mas afinal que diabos aconteceu? —, perguntou.

— Nada —, respondeu Merridew, assustado. — É apenas um telegrama urgente. Não é necessário dar tanta importância ao caso. Veio por via diplomática.

— E quem tem Essa urgência?

— É... Ninguém. Não posso dar uma ideia na frente de todo mundo. Confidencial. Só nós podemos lê-lo. — Esqueceram-se dos óculos, pensou Merridew, retribuindo o olhar atento de Barley. Lentes redondas. Armação preta. Muito pequenos para os olhos. Caem até a ponta do nariz quando nos franze o sobrolho. Quando nos fixa e nos mede.

— Nunca vi uma dívida honesta que não pudesse esperar um dia — declarou Barley, virando-se para o major. — Tenha calma, Mr. Merridew. Beba um copo com a ralé.

Merridew podia não ser o mais elegante ou o mais alto dos homens. Mas era eficiente, astuto e, como muitos gordos, tinha inesperados recursos de indignação, capazes de se transformarem numa torrente sempre que preciso.

— Ouça um momento, Mr. Blair, não tenho nada a ver com os seus problemas, e ainda bem. Não sou oficial de diligências, não sou nenhum office boy. Sou um diplomata e tenho um cargo razoavelmente importante. Passei metade do dia andando de um lado para o outro a sua procura, tenho um carro e um funcionário lá fora à espera e tenho o

direito de dispor de algum tempo para mim mesmo. Lamento, mas é assim mesmo.

O dueto poderia ter prosseguido indefinidamente, não tivesse o major ensaiado um inesperado regresso à vida. Atirando para trás os ombros, colou os punhos às bainhas das calças e apertou a boca num trejeito de respeito. — Ordens reais, Barley —, clamou ele. — A Embaixada é a Buck House* daqui. Um convite é uma ordem. Não deve insultar Sua Majestade. [*Buckingham Palace. (N. do T.)*]

— Ele não é Sua Majestade —, objetou pacientemente Barley. — Não tem coroa.

Merridew pensou se não deveria chamar Brock. Tentou pôr um sorriso cativante, mas Barley já estava olhando para um canto da parede, onde um vaso de flores secas ocultava uma grelha de lareira vazia. Tentou despertá-lo com um — Então? Está pronto? —, o que teve o mesmo efeito que as imprecações de um marido apressado diante da demora do jantar. Mas o olhar fixo e esgazeado de Barley não largava as flores. Pareci a ver toda a sua vida nas flores, todos os desvios errados, todos os passos em falso. Então, no preciso momento em que Merridew começava a perder as esperanças, Barley pôs-se a enfiar todas as suas coisas nos bolsos do paletó, como num ritual, como se fosse partir para um safári: a carteira dobrada cheia de cheques de contas sem dinheiro e cartões de crédito cancelados; o passaporte manchado de suor e das muitas viagens; o caderno e o lápis que tinha sempre à mão para a produção de pérolas de sabedoria alcoólica, em cuja contemplação se deleitava quando ficava sóbrio. E depois de ter feito tudo isso, depôs com um gesto firme uma nota amassada sobre o balcão, como alguém que não fosse precisar de dinheiro durante muito tempo.

— Não se esqueça do táxi para o major, Manuel. Ajude-o a descer as escadas e a entrar no banco de trás e pague adiantado ao motorista. Pode ficar com o troco. Até breve, Gravey. Obrigado pela boa disposição.

O sereno cobria a terra e as plantas. Uma lua jovem repousava entre um orvalho de estrelas. Desceram as escadas, Merridew à frente, interpelando Barley para que tivesse cuidado com os degraus.

O porto estava cheio de luzes errantes. Um sedan preto com matrícula C13 esperava encostado à calçada. Brock aguardava

impaciente ao lado do carro, oculto pela obscuridade. Outro carro vigiava, despercebido, a uma boa distância.

— Apresento-lhe Eddie —, disse Merridew. — Parece que demoramos, Eddie. Conseguiu fazer a ligação?

— Consegui —, disse Brock.

— Está tudo bem em casa, espero... As crianças já estão na cama? Sua mulher deve estar chateada.

— Está tudo bem —, resmungou Brock, num tom que significava — cale-se já!

Barley sentou-se no banco da frente, a cabeça colada ao descanso, olhos cerrados; Merridew dirigia. Brock sentou-se muito quieto no banco de trás. O segundo carro pôs-se em marcha lentamente, como fazem os perseguidores experientes.

— É por este caminho que costuma ir para a Embaixada? —, perguntou Barley numa aparente modorra.

— Ah, é que o funcionário que estava de serviço levou o telegrama para casa —, explicou Merridew generosamente, como se acolhesse de bom grado tal pergunta. — Lamentavelmente, nos fins de semana temos de isolar a Embaixada e deixá-la bem protegida por causa dos irlandeses. — Ligou o rádio. Uma mulher de voz sonora soluçava um fundo queixume. — Fado —, disse Merridew. — Adoro fado. Acho que é por causa do fado que estou aqui. Com certeza. Tenho certeza que incluí o fado na minha candidatura. — Dirigia com a mão livre. — Fado —, explicava.

— Por acaso não foram vocês que andaram chateando minha filha com uma quantidade de perguntas estúpidas? —, perguntou Barley.

— Ah, nós só tratamos de assuntos comerciais —, disse Merridew, e continuou a guiar com toda a atenção possível. Mas interiormente sentia-se já gravemente perturbado com a pouca inocência de Barley. Antes eles do que eu, pensou, sentindo o olhar persistente de Barley em seu rosto. Se é com sujeitos assim que a sede tem de lidar atualmente, então Deus me livre de ser realocado em Londres.

Tinham alugado a casa de Lisboa de um antigo integrante dos Serviços, um banqueiro britânico com outra casa em Sintra. O velho Palfrey tinha tratado de tudo. Não queriam propriedades oficiais, nada que mais tarde pudesse comprometê-los. Ali, no entanto, o tempo e o lugar impunham-se com eloquência muito própria. Um poste de ferro forjado iluminava a entrada abobadada. As lajes de granito tinham sido

picadas para que os cavalos não escorregassem. Merridew tocou a campainha. Brock se aproximou dos dois, para o caso de haver algum acidente.

— Olá, entrem —, disse Ned afavelmente, abrindo o portal enorme, encimado de arquivoltas.

— Bom, não precisam de mim, não é? —, disse Merridew. — Ótimo, ótimo. — Balbuciando disparatados pedidos de fogo protetor, correu para o carro antes que alguém pudesse detê-lo. Nesse momento passou lentamente o outro carro, como um bom amigo que tivesse visto outro à entrada de casa numa noite perigosa.

Durante um longo momento, enquanto Brock se punha de lado observando, Ned e Barley mediram-se como só dois ingleses da mesma altura, classe e configuração craniana podiam fazer. Embora Ned fosse, aparentemente, o arquétipo perfeito do britânico calmo, fleumático e equilibrado, e portanto, em muitos níveis, o reverso de Barley — Barley, que tinha um físico desconjuntado e ossudo, com um rosto que, mesmo em sossego, parecia determinado a explorar tudo além do óbvio —, havia entre eles semelhanças que permitiam uma identificação. De uma porta fechada veio o murmúrio de vozes masculinas, mas Ned fez de conta que não ouviu. Conduziu Barley por um corredor que dava na biblioteca, dizendo “entre”, enquanto Brock ficava no hall.

— Está muito, pouco ou razoavelmente bêbado? —, perguntou Ned, baixando a voz e estendendo a Barley um copo de água gelada.

— Não estou bêbado —, disse Barley. — Quem é o autor do meu sequestro? O que houve?

— Meu nome é Ned. Vou explicar tudo. Não há telegrama nenhum, não há crise em seus negócios além do normal. Ninguém foi sequestrado. Eu pertenço aos Serviços Secretos Britânicos. Tal como as pessoas que estão à sua espera atrás daquela porta. Há tempos você se candidatou a um lugar nos Serviços. Pois agora terá a oportunidade de nos ajudar.

Caiu o silêncio entre eles, enquanto Ned esperava a resposta de Barley. Ned tinha exatamente a mesma idade de Barley. Por 25 anos, de uma maneira ou de outra, revelava sua condição de agente secreto britânico a pessoas cuja colaboração procurava obter. Mas esta era a primeira vez que um cliente seu se mantinha calado, sem pestanejar, sem sorrir, sem recuar, sem exhibir o mínimo sinal de surpresa.

— Não sei de nada —, disse Barley.

— Talvez queiramos que descubra uma coisa.

— Descubram sozinhos.

— Não podemos. Sem você, não podemos. É por isso que estamos aqui.

Barley deu uns passos indecisos e acercou-se das estantes. Inclinando a cabeça, olhou por sobre as lentes redondas alguns os títulos, enquanto ia bebendo sua água.

— Primeiro eram do setor comercial, agora são espiões —, disse ele.

— Fale com o Embaixador —, sugeriu Ned.

— É um idiota. Fomos colegas em Cambridge. — Pegou um livro encadernado e olhou para o frontispício. — Merda —, disse com desprezo. — Deve comprá-los a quilo. De quem é esta casa?

— O Embaixador pode garantir-lhe minha identidade. Se lhe perguntar se quer jogar golfe na quinta-feira, ele responderá que só depois das cinco.

— Não jogo golfe —, disse Barley, pegando outro volume. — Aliás, não jogo nada. Retirei-me de todos os jogos.

— Exceto o xadrez —, sugeriu Ned, estendendo-lhe a lista telefônica aberta. Com um encolher de ombros, Barley discou o número. Ao ouvir o Embaixador, deu um sorriso que, apesar de zombeteiro, denotava embaraço. — Tubby? Fala Barley Blair. Que me diz de uma partidinha de golfe na quinta-feira? Faz bem ao fígado...

Uma voz ácida respondeu que na quinta-feira só depois das cinco.

— Depois das cinco não pode ser —, respondeu Barley. — Acabaríamos jogando no escuro. — A besta desligou —, queixou-se, balançando o fone, já em silêncio. Então viu a mão de Ned desligando a chamada.

— É pena, mas o caso não é para brincadeira —, disse Ned. — Aliás, é um caso realmente muito sério.

Perdido mais uma vez mais em suas contemplações, Barley recolocou lentamente o fone no lugar. — É realmente muito tênue a fronteira entre o realmente muito sério e o realmente muito cômico —, observou.

— E se passássemos essa fronteira? —, propôs Ned. A conversa atrás da porta tinha cessado. Barley abriu-a e entrou. Ned seguiu-o.

Brock ficou no hall, de guarda na porta da rua. Tínhamos ouvido tudo através do nosso aparelho de escuta.

Se Barley sentia alguma curiosidade em relação ao que o esperava naquela sala, não percebemos. É um jogo estranho, virar do avesso a vida de um homem sem nunca tê-lo visto. Barley entrou lentamente. Deu alguns passos e parou, os braços longilíneos caídos e oscilantes, enquanto Ned, a meio caminho da mesa, fazia as apresentações.

— Clive, Walter, aquele ali é o Bob, Harry. Apresento-lhes Barley.

Barley fez um aceno indistinto ao ouvir cada um dos nomes. Parecia preferir o testemunho dos olhos a tudo o que pudessem dizer.

O mobiliário pomposo e o verdadeiro matagal de plantas de interior atraíram sua atenção. Como a laranjeira. Tocou numa fruta, acariciou uma folha, depois cheirou delicadamente o polegar e o indicador como que para confirmar que era uma laranjeira de verdade. Havia nele uma raiva passiva, mais evidente do que os motivos que a provocavam. Raiva por ser perturbado, pensei. Porque o pegaram, porque o isolaram, porque o nomearam — uma das coisas que, segundo Hannah, eu mais temia.

Lembro também de ter reparado que era um homem elegante. Não pela roupa, pouco cuidada. Longe disso. Eram os gestos que o tornavam elegante, um cavalheirismo discreto, uma cortesia natural, ainda que resistisse a isso.

— Vocês não usam os sobrenomes por acaso, não é? —, inquiriu Barley, depois de ter completado a inspeção da sala.

— Receio que não —, disse Clive.

— É que na semana passada um tal Mr. Rigby telefonou para minha filha Anthea. Disse que era inspetor da Receita. Contou uma história qualquer sobre impostos mal calculados e queria regularizar. Era um dos seus palhaços?

— Pelo que diz, é provável que fosse —, disse Clive, com a arrogância de quem considera a mentira um constrangimento que não lhe deveriam impor.

Barley olhou para Clive, que tinha um desses rostos ingleses que parecem ter sido embalsamados no fulgor da juventude, para seus olhos friamente astutos e impenetráveis, para a coloração cinza da pele. Virou-se depois para Walter, tão rotundo, simples e cômico, um Falstaff que, na escola, teria sido o alvo preferido da chacota dos colegas mais ricos.

E de Walter os seus olhos passaram a Bob, repararam na aparência aristocrática, na idade mais avançada, na tranquilidade ativa, os marrons que vestia em vez dos cinzentos e azuis. Bob estava repousadamente sentado, as pernas esticadas, um braço caindo senhorialmente sobre a cadeira. Óculos de meia lente com armação dourada espreitavam no bolso superior do casaco. As solas dos sapatos cor de mogno, já um tanto gastos, pareciam ferros de engomar.

— Barley, eu sou o excêntrico nesta família —, anunciou serenamente Bob, com a entoação lenta dos bostonianos. — Creio que sou também o mais velho e não quero que haja confusões a meu respeito. Tenho cinquenta e oito anos, quanto a isso não há dúvida, trabalho para a Central Intelligence Agency, a qual, como você provavelmente sabe, tem sede em Langley, no estado de Virgínia. Tenho também um sobrenome, mas não vou insultá-lo com um inventado. — Ergueu uma mão cheia de manchas hepáticas numa saudação vagarosa. — Muito gosto em conhecê-lo. Vamos então divertir-nos um pouco? Espero que tudo corra o melhor possível.

Barley virou-se para Ned. — Não há dúvida de que está divertido —, disse, embora sem qualquer hostilidade evidente. — Então qual é o nosso objetivo? Nicarágua? Chile? Salvador? Irã? Se querem alguém para matar um líder do Terceiro Mundo, não contem comigo.

— Não faça teatro —, disse calmamente Clive, embora teatro fosse talvez a única coisa que Barley não estava fazendo. — Somos tão maus como os homens de Bob e fazemos as mesmas coisas que eles. Temos uma lei dos segredos de Estado, eles não, e esperamos que assine o documento previsto nessa lei.

Clive acenou então na minha direção, o que levou Barley a perceber minha existência, um tanto tardiamente, é certo. Em ocasiões deste tipo, procuro me manter sempre um pouco à parte, e foi isso que fiz naquela noite. Provavelmente são ainda restos de uma fantasia, da fantasia de que meu lugar é de juiz num tribunal. Barley olhou para mim e, por momentos, senti-me desconcertado com a franqueza animal de seu olhar. Este era um pormenor que não colava ao retrato mal acabado que tínhamos feito dele. E Barley, depois de ter me fitado e de ter visto não sei o que, entregou-se a um exame mais esmiuçado da sala.

Tudo aquilo tinha um ar opulento. Talvez Barley pensasse que era Clive o proprietário. De fato, era bem o gosto de Clive, pois sua identificação com a classe média se resumia ao desconhecimento de

que existe gosto mais refinado. Na sala havia tronos entalhados, sofás de chintz, velas elétricas espalhadas pelas paredes. A mesa a que estávamos sentados, e que poderia perfeitamente ser o cenário de uma cerimônia do Armistício, ficava num recanto elevado da sala, guarnecido de enormes plantas da borracha em rotundos vasos.

— Por que não foi a Moscou? —, perguntou Clive, sem esperar que Barley finalmente se instalasse. — Esperava-se que fosse. Alugou um stand, reservou voo e hotel. Mas não apareceu e não pagou. Em vez de ir para Moscou, veio para Lisboa com uma mulher. Por quê?

— Deveria vir com um homem? —, perguntou Barley. — O que interessa a vocês e à CIA que eu tenha vindo com uma mulher ou com um pato americano?

Puxou uma cadeira e sentou-se, mais por protesto do que por obediência.

Clive acenou-me e eu fiz então o número de costume. Levantei-me, dei a volta à absurda mesa e pus a sua frente o documento relativo aos segredos de Estado. Com um gesto imponente, tirei uma caneta do bolso do colete e lhe ofereci com uma gravidade fúnebre. Mas seus olhos fixavam um local longe daquela sala. Nessa noite e nos meses seguintes encontrei muitas vezes nele esse olhar, um olhar que ignorava os presentes e se instalava num território privado qualquer; e repente desatava a falar, como forma de exorcizar fantasmas que mais ninguém via; ou estalava os dedos sem razão, como se dissesse “Então está tudo resolvido” —, quando ninguém sabia de resolução nenhuma.

— Vai assinar isso? —, perguntou Clive.

— O que farão se eu não assinar? —, respondeu Barley.

— Nada. Mas digo-lhe, formalmente e perante testemunhas, que esta reunião e tudo o que ocorrer entre nós está sujeito a total sigilo. Harry é advogado.

— Efetivamente —, disse eu. Barley afastou o documento da sua frente.

— Pois digo-lhe que se me der vontade publico isso tudo em grandes manchetes —, respondeu Barley com idêntica calma.

Voltei ao meu lugar, levando minha imponente caneta.

— Em Londres, parece que também deixou tudo na maior confusão —, observou Clive, enquanto punha o documento de novo na pasta. — Dívidas por todo lado. Ninguém sabe para onde foi. Umas quantas amantes chorosas. Está tentando se destruir ou quê?

— É que eu herdei uma inclinação romântica —, disse Barley.

— Mas que diabo isso significa? —, disse Clive, pouco preocupado com sua própria ignorância. — Está disfarçando a sujeira com palavras caras?

— Meu avô conseguiu o monopólio dos romances para criadas. Era no tempo em que havia criadas. Meu pai chamava-os “Romances para as massas” e continuou a tradição.

Só Bob se sentiu na obrigação de lhe oferecer algum conforto. — Pelo amor de Deus, Barley —, exclamou, — o que há de mal na literatura cor-de-rosa? É melhor do que o esterco que publicado por aí. Minha mulher adora ler esses livros e nunca lhe fizeram mal.

— Se não gosta dos livros que publica por que não muda de livros? — perguntou Clive, que nunca lia nada a não ser os processos dos Serviços e a imprensa de direita.

— Tenho um conselho de administração —, replicou Barley agastado, como se estivesse falando com uma criança inoportuna. — Tenho administradores. Tenho acionistas da família. Tenho tias. Todos eles gostam das receitas antigas. Gostam dos “Como fazer”, de romances. Best-sellers. Pássaros do Império Britânico. — Um olhar para Bob. — De dentro da CIA.

— Por que não foi à feira de áudio de Moscou? —, repetiu Clive.

— As tias cancelaram o jogo.

— Pode me explicar isso?

— Pensei em levar a empresa para o ramo das fitas-cassete. A família descobriu e se opôs. Fim da história.

— E você desapareceu —, disse Clive. — É isso que você normalmente faz quando o contrariam? Talvez fosse melhor explicar esta carta —, sugeriu e, sem olhar para Barley, deslizou-a sobre a mesa na direção de Ned.

Não era o original. Esse estava em Langley, onde era submetido a todos os testes, desde as impressões digitais ao exame da doença dos Legionários, pelas imbatíveis forças da tecnologia. Era um fac-símile, preparado segundo as meticulosas instruções de Ned, dentro do envelope pardo selado, com a indicação “Para Mr. Bartholomew Scott Blair — Pessoal — Urgente”, na letra de Katya, e aberto com uma faca de papel para que se visse que a carta já tinha sido lida. Clive estendeu o envelope a Ned. Ned passou-o a Barley. Walter coçava a cabeça com a manopla e Bob assistia magnanimamente no papel do sujeito legal

que tinha dado o dinheiro. Barley olhou-me por um breve instante, como se se tivesse eleito meu cliente.

“O que faço com isto?”, era o que ele perguntava com aquele olhar. Leio ou devolvo? Espero ter ficado impassível nesse momento. Já não tinha clientes. Tinha os Serviços.

— Leia-a lentamente —, avisou Ned. — Demore o tempo que for preciso, Barley —, disse Bob.

O tanto de vezes que lemos aquela carta nessa semana!, pensei eu, enquanto via Barley examinando o envelope dos dois lados, afastando-o de si, aproximando-o, os óculos redondos erguidos sobre a testa como se fossem óculos de proteção. Quantas opiniões teriam sido ouvidas e rejeitadas? Tinha sido escrita num trem, concluíram seis peritos em Langley. Na cama, disseram outros três em Londres. No banco de trás de um carro. Às pressas, de brincadeira, apaixonadamente, aterrorizadamente. Por uma mulher, por um homem. O autor é canhoto, é destro. É alguém que aprendeu o alfabeto cirílico em criança, o romano, ambos, nenhum deles.

Num derradeiro lance de comédia, tinham mesmo consultado o velho Palfrey. — De acordo com a nossa lei dos direitos de autor, o destinatário possui a carta física mas o autor possui os direitos —, disse eu. — Mas não creio que os tribunais soviéticos nos processem.

Fiquei sem saber se a minha opinião os deixara apreensivos ou aliviados.

— Reconhece ou não a letra? —, perguntou Clive a Barley. Metendo seus longos dedos no envelope, Barley retirou finalmente a carta —num jeito desdenhoso, como se em parte ainda esperasse que fosse uma conta. Depois parou. Pegou seus estranhos óculos redondos e os pôs em cima da mesa. Virou a cadeira, procurando isolar-se de todos. Ao começar a ler, seu rosto se franziu. Acabou a primeira página e olhou o fim da carta, à procura da assinatura. Passou para a segunda página e leu o resto até ao fim. Depois leu tudo de novo, de um só fôlego, desde o “Meu querido Barley” até “Sua querida K.” Após o que apertou ciosamente a carta contra o peito, com ambas as mãos, e baixou o tronco sobre ela, pelo que, deliberadamente ou não, seu rosto ficou escondido e a sua madeixa caiu como um gancho e as suas orações privadas, privadas ficaram.

— É maluca —, disse, para a escuridão sob os seus olhos. — Não há dúvida, completamente doida. Ela nem sequer esteve lá.

Ninguém perguntou quem é ela ou lá onde. Até Clive conhecia o valor de um bom silêncio.

— K é a abreviatura de Katya, que por sua vez é a abreviatura de Yekaterina, parece —, disse Walter, com sua voz aflautada, após mais um tempo de espera. — O sobrenome é Borisovna. — Walter tinha um lacinho no pescoço, um tanto torto, amarelo com um desenho marrom e laranja.

— Não conheço nenhuma K, não conheço nenhuma Katya, não conheço nenhuma Yekaterina —, disse Barley. — Borisovna idem. Nunca forniquei com nenhuma, nunca namorei nenhuma, nunca pedi nenhuma em casamento, nunca casei com ninguém com esse nome. Que me lembre, nunca conheci nenhuma mulher com esse nome. Sim, conheci.

Todos ficaram à espera, eu incluído; e teríamos esperado toda a noite e nem uma cadeira rangeria, nem um pigarro se ouviria, enquanto Barley não recuperasse a lembrança dessa mulher chamada Katya.

— A vaca da Aurora —, recomeçou Barley. — Tentou me impingir edições de arte de pintores russos. Não fui na conversa. As tias teriam ficado fulas.

— Aurora? —, perguntou Clive, sem saber se era uma cidade ou uma agência estatal.

— Edições Aurora.

— Lembra-se do outro nome dela? — Barley abanou a cabeça, o rosto ainda oculto. — Barba —, disse ele. — Katya da barba. Quarenta graus à sombra.

A voz sonora de Bob tinha uma qualidade estereofônica, a sua emissão bastava para alterar as coisas. — E se a lesse alto, Barley? —, propôs, no tom familiar de um velho camarada escoteiro. — Talvez lendo em voz alta refresque sua memória. Vamos tentar, Barley?

Barley, Barley, todos menos Clive, o qual, que me lembre, sempre o tratou por Blair.

— Sim, faça-nos esse favor. Leia alto —, disse Clive, ou ordenou, e Barley, para minha surpresa, pareceu achar que se tratava de uma boa ideia. Endireitando-se com um movimento rápido das costas, endireitou de tal forma o tronco que tanto a carta como seu rosto ficaram iluminados. De rosto igualmente franzido, começou a ler a carta em voz alta, num tom de mistificação premeditada.

— Meu querido Barley —. Inclinou a carta e recomeçou. — Meu querido Barley, lembra de uma promessa que você me fez, certa noite, em Peredelkino, na varanda da dacha dos nossos amigos, depois de termos recitado um ao outro a poesia de um grande místico russo que amava a Inglaterra? Você jurou que haveria de preferir sempre a humanidade às nações e que, quando soasse a hora, agiria como um ser humano decente.

Barley parou de novo.

— Nada disso é verdade? —, perguntou Clive.

— Já disse. Nunca conheci a megera! — Havia na negação de Barley uma força nova. Estava tentando enganar alguma coisa que o ameaçava.

— Por isso peço agora que cumpra a promessa, embora não da forma que talvez tivéssemos imaginado na noite em que nos tornamos amantes. — Isto é um disparate completo —, murmurou. — Esta doida dessa vaca confundiu tudo. — Peço que divulgue este livro ao público inglês, que pensa como nós. Publique-o por mim, usando os argumentos que exprimi com tanto ardor. Mostre-o aos cientistas e artistas e intelectuais do seu país e diga-lhes que ele é a primeira pedra de uma grande avalanche e que ele devem lançar a próxima pedra. Diga-lhes que, com a nova abertura, poderemos nos mexer juntos para destruir a destruição e castrar o monstro que criamos. Pergunte o que será mais perigoso para a humanidade: conformarmo-nos como escravos ou resistirmos como homens? Aja como um ser humano decente, Barley. Amo a Inglaterra de Herzen e amo você. Sua querida K.

— Mas afinal, quem é essa mulher? Está louca. Ambos estão.

Deixando a carta em cima da mesa, Barley encaminhou-se para a parte obscurecida da sala, praguejando em surdina, gesticulando com o punho direito cerrado. — Mas que diabo essa mulher está tramando? —, protestou. — Ela pegou duas histórias completamente diferentes e misturou. Seja como for, onde está o livro? — Lembrou-se de nós e nos enfrentava de novo.

— O livro está seguro —, disse Clive, olhando-me pelo canto do olho.

— Podem me dizer onde ele está? Esse livro é meu.

— Achávamos que era do amigo dela —, disse Clive.

— Fui encarregado de publicá-lo. Vocês viram o que ele escreveu. Eu sou o editor dele. Não têm qualquer direito sobre o livro.

Barley estava entrando precisamente no terreno em que queríamos que não entrasse. Mas Clive depressa o distraiu.

— Ele? —, repetiu Clive. — Então Katya é um homem? Por que diz ele? Está nos deixando confusos. Mas você deve ser uma pessoa que confunde facilmente os outros.

Tinha esperado pela explosão mais cedo. Já havia notado de que a atitude submissa de Barley era uma trégua, não uma vitória. A cada vez que Clive tentava refreá-lo, Barley aproximava-se muito da revolta. Por isso, quando Barley se acercou lentamente da mesa, debruçou-se sobre ela e ergueu frouxamente as mãos, com as palmas para cima, no que poderia ter sido um dócil gesto de desamparo, não era de esperar que oferecesse a Clive uma resposta agradável. Mas nem mesmo eu esperava um tom tão forte.

— Não têm esse direito! —, berrou Barley bem na cara de Clive, batendo com as palmas das mãos na mesa com tanta força que meus papéis saltaram a minha frente. Brock apareceu correndo. Ned mandou-o regressar ao hall. — Esse manuscrito é meu. Foi-me enviado pelo meu autor. Para que eu o apreciasse no devido tempo. Não pode me roubar, ler ou guardar. Por isso, dê-me o livro e vá para casa, para sua miserável ilha. — Apontou um braço na direção de Bob. — E leve seu brâmane de Boston com você.

— Para a nossa ilha —, lembrou Clive. — O livro, como você chama, está longe de ser um livro e nem você nem nós temos qualquer direito sobre ele —, prosseguiu, fria e falsamente. — Não me interessa sua tão preciosa ética editorial. Ninguém aqui se interessa. O que nós sabemos é que o manuscrito em questão contém segredos militares da União Soviética que, a serem verdadeiros, se revelarão vitais para a defesa do Ocidente. A cujo hemisfério você também pertence — de bom grado, pelo que acho. O que faria você em nosso lugar? Ignorava? Jogava no mar? Ou tentaria descobrir por que o destinatário é um editor britânico decadente?

— Ele quer que o livro seja publicado! E que seja eu a publicá-lo! Não o quer escondido em suas caixas-fortes!

— Precisamente —, disse Clive, olhando-me de novo num relance.

— O manuscrito está sob proteção oficial e foi classificado como altamente secreto —, disse eu. — Está sujeito às mesmas restrições que esta reunião. E as outras. — Meu velho professor deu certamente

nesse momento uma volta no túmulo — receio mesmo que não fosse a primeira vez. Mas é sempre espantoso o que um advogado consegue quando ninguém conhece a lei,

Um minuto e catorze segundos foi o tempo que o silêncio demorou na gravação. Ned marcou com o cronômetro, já instalado na Casa da Rússia. Esperara com ansiedade por este momento, mas mesmo assim chegou a temer que se tratasse de mais uma dessas estranhas avarias que acontecem sempre aos gravadores em momentos cruciais. Porém, ao ouvir com atenção, apanhou o ronco de um carro distante e um breve riso de mulher. É que Barley, a essa altura, tinha aberto as cortinas e olhava a praça em frente. Por um minuto e catorze segundos, ficamos olhando para a silhueta estranhamente articulada de Barley emoldurada pela noite de Lisboa. Ouve-se então um estrondo impressionante, como se várias janelas se tivessem estilhaçado ao mesmo tempo, seguindo-se um jato de óleo. Ao ouvir a gravação, alguém pensaria que Barley tinha ensaiado finalmente uma fuga, levando os pratos ornamentais portugueses que estavam nas paredes, além dos vasos com flores. Mas a verdade é que todo esse estrondo medonho foi apenas o som produzido por Barley ao descobrir a garrafa e jogar três cubos de gelo e uma dose decente de scotch num copo de cristal, tudo a milímetros de um microfone que Brock, com seu zelo característico, tinha instalado num dos móveis ricamente entalhados.

Ele montara uma base própria num dos cantos da sala, numa cadeira dura e sem braços, o mais longe possível de nós. Sentou-se de lado para nós, cabeça baixa sobre o copo, que segurava com ambas as mãos, perscrutando-o como se fosse um grande pensador ou, pelo menos, um pensador solitário. Não falava conosco, mas apenas consigo mesmo, enfaticamente, severamente, não se mexendo a não ser para sorver seu uísque ou comentar com movimentos da cabeça alguns pontos da narrativa, mais privados e normalmente isolados. Falava com a mistura de incredulidade e afetação com que as pessoas costumam reconstruir os episódios desastrosos, como uma morte ou um acidente de carro. Portanto, eu estava aqui e você estava ali e o outro sujeito veio de lá.

— Foi na última feira do livro de Moscou. No domingo. Não no domingo antes, no domingo depois —, disse.

— Em setembro —, sugeriu Ned, ao que Barley respondeu virando a cabeça para ele e murmurando “Obrigado”, como se tal estímulo o deixasse sinceramente grato. Depois, franziu o nariz, mexeu nos óculos e recomeçou.

— Estávamos mortos de cansaço —, disse. — A maior parte dos exibidores tinha ido embora na sexta-feira. Só ficamos uns poucos. Os que tinham contratos para ultimar ou sem razão especial para regressar com pressa.

Além de naquele momento estar num palco, Barley sabia atrair as atenções. Era difícil não sentir alguma admiração por aquele homem que estava ali sozinho, desamparado, confrontado consigo mesmo. Era difícil não pensar, bom, vamos ver aonde ele nos leva, tanto mais que nenhum de nós sabia aonde ele nos levaria.

— No sábado à noite todos ficamos bêbados e no domingo fomos a Peredelkino no carro de Jumbo. — Uma vez mais pareceu ter de fazer um esforço para se lembrar de que tinha uma audiência. — Peredelkino é a aldeia dos escritores soviéticos —, disse, como se nenhum de nós tivesse ouvido falar do lugar. — Os escritores têm dachas nessa aldeia, pelo menos enquanto se portam bem. A União dos Escritores reserva essa aldeia para seus sócios, são eles que decidem quem deve ter uma dacha, quem escreveria melhor na prisão, quem não escreve nada.

— Quem é Jumbo? —, perguntou Ned, numa de suas poucas intervenções.

— Jumbo Oliphant. Peter Oliphant. Diretor da Lupus Books. Em particular, um fascista escocês. Cinturão negro da maçonaria. Acha que se entende muito bem com os soviéticos. Cartão dourado. — Lembrando-se de Bob, inclinou a cabeça na direção dele. — Não, não é o American Express. É o cartão dourado da feira do livro de Moscou, dado pelos organizadores russos, dizendo que ele é importante. Carro grátis, tradutor grátis, hotel grátis, caviar grátis. Jumbo nasceu com um cartão dourado na boca.

Bob deu um sorriso largo para mostrar que a piada tinha sido bem aceita. No entanto, Bob era um homem generoso e Barley tinha percebido isso. Barley, ocorreu-me nesse momento, era uma daquelas criaturas perante as quais não é possível ocultar sentimentos generosos, da mesma forma que ele não conseguia ocultar a sua própria acessibilidade.

— De maneira que fomos todos lá —, reatou Barley, de volta a seus devaneios. — Oliphant da Lupus, Emery da Bodley Head. E uma moça da Penguin, não me lembro o nome dela. Lembro, sim, Magda. Como poderia esquecer Magda? E Blair da A & B, claro. Uns nababos, parecíamos uns nababos naquela limusine idiota do Jumbo, — disse Barley.

Eram frases curtas que ia retirando da caixa de memórias como se fossem roupas velhas. Um carro vulgar não servia para Jumbo, tinha de ser um grande Chaika com cortinas, sem freios e um gorila com mau hálito de motorista. A ideia era dar uma olhada na dacha de Pasternak, pois corria o boato de que seria declarada museu, embora corresse outro boato de que seria demolida. Talvez fossem também visitar o túmulo dele. Jumbo Oliphant não sabia quem era Pasternak, mas Magda murmurou-lhe ao ouvido “Jivago”, e Jumbo tinha visto o filme, disse Barley. Não estavam com pressa, tudo o que queriam era passear um pouco e respirar ar do campo. Mas o motorista enfiou-se por um caminho diferente, reservado a corridas oficiais em Chaikas, de maneira que fizeram a viagem em mais ou menos dez segundos em vez de uma hora, estacionaram num lamaçal e com esforço subiram o caminho do cemitério, tremendo ainda de gratidão pelo passeio.

— Um cemitério numa ladeira, no meio de árvores imensas. O motorista fica no carro. Está chovendo. Não muito, mas ele não quer

molhar seu terno horroroso. Ou não sai por outra razão qualquer? — Fez uma pausa, aparentemente para contemplar a enormidade do motorista. — O macaco louco —, murmurou.

No entanto, tive a sensação de que Barley dirigia aquelas palavras a si mesmo e não ao motorista. Pareceu-me ouvir todo um coro autoacusatório em Barley, e fiquei sem saber se os outros estariam ouvindo também. Barley tinha em si criaturas que realmente o deixavam louco.

A questão é que, segundo Barley, o passeio coincidira com um daqueles dias em que as massas libertadas saem em peso para a rua. Tinha visitado o cemitério várias vezes e nunca vira ninguém lá. Só os túmulos com grades em volta e todas aquelas árvores, um cenário de arrepiar. Porém, nesse domingo de setembro, com os invulgares odores de liberdade que havia no ar, uns duzentos admiradores do escritor estavam aglomerados em volta do túmulo. E quando foram embora era uma verdadeira multidão. Uma pilha de flores chegava aos joelhos, disse Barley. As oferendas não paravam. As pessoas passavam os buquês umas às outras até chegarem à primeira fila, até caírem naquele monte impressionante.

A certa altura começaram as leituras. Um sujeito leu poesia. Uma mulher leu prosa. Até que apareceu um pequeno avião. Voou tão baixo que ninguém conseguia ouvir nada. Depois, passou no sentido oposto. E de novo.

— Vvvum! Vvvum! —, imitou Barley o aviãozinho, a mão comprida varrendo o ar. — Amm, amm! —, fez ele, voz anasalada, aborrecido.

Mas o avião não podia sufocar o entusiasmo da multidão que, aliás, já resistia à chuva. Alguém começou a cantar, o pessoal todo pegou o refrão e foi uma festa. Finalmente o avião desapareceu, possivelmente por falta de combustível. Mas não era isso que sentíamos, disse Barley. Nem por sombra. O que sentíamos era que o canto tinha expulsado dos céus aqueles porcos.

Os cânticos se tornaram cada vez mais fortes, profundos e místicos. Barley conhecia três palavras de russo, os outros, nenhuma. Isso não os impediu de cantar. Nem que Magda chorasse perdidamente. Ou que Jumbo Oliphant jurasse por Deus, com a voz trêmula, já quando desciam a ladeira, que publicaria cada palavra que Pasternak tinha escrito, não só o filme, mas todo o resto, juro, e faria isso com o seu

dinheirinho pessoal, nada a ver com a editora, trataria de tudo logo que voltasse ao seu castelo damasco junto ao rio.

— Jumbo tem destes acessos súbitos de entusiasmo —, explicou Barley, regressando ao contato com a audiência. Disse-o com um sorriso malicioso que desarmaria qualquer um. Mas essa observação era dirigida em especial a Ned. — Às vezes tais acessos chegam a durar uns minutos. — Depois, fez uma pausa, franziu de novo a testa, tirou os óculos redondos, que pareciam ser mais um incômodo do que um alívio, e olhou atentamente para todas as faces, uma a uma, como que para se lembrar do que estava fazendo ali.

Estavam ainda descendo a ladeira, recomeçou Barley, ainda muito emocionados, quando o mesmo sujeitinho russo correu até eles, segurando o cigarro na altura do rosto como se fosse uma vela, perguntando em inglês se éramos americanos.

Uma vez mais Clive adiantou-se. Sua cabeça ergueu-se lentamente. Em sua voz arrastada e autoritária havia sinal de nervosismo. — O mesmo? Mas que é esse sujeitinho russo? É a primeira vez que fala dele...

Lembrado com desagrado da presença de Clive, Barley franziu o rosto em novo sinal de desgosto. — Pelo amor de Deus —, disse, — então não entende que era ele que estava lendo os poemas? O sujeito que estava lendo os poemas de Pasternak no cemitério. Ele perguntou se éramos americanos e eu respondi, não, graças a Deus somos britânicos.

Reparei então, e creio que todos reparamos, que Barley — não Oliphant, Emery ou Magda — que se tornara, naquela situação, o porta-voz do grupo.

Barley caiu no diálogo direto. Tinha um ouvido de papagaio. Conseguia imitar o sotaque russo do homem e a voz latida e o sotaque escocês de Oliphant. Seu mimetismo fluía naturalmente, como se não tivesse consciência dele.

— São escritores? —, perguntou o homem, agora pela voz de Barley.

— Não, infelizmente. Somos só editores —, respondeu Barley.

— Editores ingleses?

— Viemos por causa da feira do livro de Moscou. Tenho uma pequena editora chamada Abercrombie & Blair e este é o diretor em

pessoa da Lupus Books. Um rapaz muito rico. Um dia há de ser cavaleiro. Cartão dourado e bar. Não é, Jumbo?

Oliphant protestou, Barley estava falando demais. Mas o sujeitinho queria mais.

— Se não é indiscrição, posso saber por que vieram visitar o túmulo de Pasternak? —, perguntou.

— Viemos por mero acaso —, respondeu Oliphant, interrompendo uma vez mais. — Por mero acaso. Vimos uma multidão, subimos para ver o que era. Foi um mero acaso. Vamos andando?

Mas Barley não tinha a mínima intenção de ir andando. Os modos de Oliphant o aborreciam e não permitiria que um gordo milionário escocês mandasse às favas um russo subnutrido.

— Viemos aqui fazer o que todo mundo faz —, replicou Barley. — Prestar nossa homenagem a um grande escritor. E também gostamos dos seus poemas. Foi emocionante. Notável. Impressionante.

— Gostam de Boris Pasternak? —, perguntou o homem.

Oliphant, o grande ativista dos direitos do homem, respondeu de novo com voz áspera e um trejeito no maxilar. — Não temos nenhuma posição sobre Boris Pasternak ou qualquer outro escritor soviético —, disse. — Estamos aqui como convidados. Unicamente como convidados. Não temos opinião sobre os assuntos internos soviéticos.

— Achamos que Pasternak é maravilhoso —, disse Barley. — De primeira. Uma verdadeira estrela.

— Mas por quê? —, perguntou o sujeito, acirrando o conflito. Barley não tinha pressa nenhuma. Pouco importava, disse, que não estivesse totalmente convencido de que Pasternak era o gênio que todo mundo proclamava. Pouco importava que, na realidade, achasse que os méritos de Pasternak não justificavam tanta idolatria. Essa era a opinião do editor. Naquela guerra, porém, essa opinião tinha pouco peso.

— Respeitamos o talento e a arte de Pasternak —, replicou Barley. — Respeitamos sua humanidade. Respeitamos sua família, sua cultura. E em quinto ou sexto lugar, ou seja em que lugar for, respeitamos sua capacidade de chegar aos corações do povo russo, apesar de um bando de burocratas ter feito tudo para lhe roubar a notoriedade, provavelmente o mesmo bando de bestas que mandou o avião.

— Pode citá-lo? —, perguntou o sujeito. Barley tinha memória dada a citações, explicou-nos, embaraçado. — Recitei os primeiros

versos de *Prêmio Nobel*. Achei que era apropriado depois daquele maldito avião.

— Não se importa de repetir os versos? —, disse Clive, como se fosse necessário esquadriñar tudo.

Barley não disse os versos, murmurou-os. Ocorreu-me nesse momento que talvez fosse afinal um homem muito tímido.

— *Como um animal encurralado, eis-me separado*

Dos meus amigos, da liberdade, do sol.

Mas os cães estão ganhando terreno.

Para onde hei de ir?

O sujeitinho, disse Barley, olhava com desagrado para a ponta acesa do cigarro, enquanto ouvia o poema. Por um momento pensou se não teriam realmente caído na armadilha de uma provocação, como Oliphant temia.

— Se respeitam tanto Pasternak, por que não vêm conhecer alguns amigos meus? —, sugeriu o sujeitinho. — Somos todos escritores. Temos uma dacha. Ficaríamos muito honrados de falar com editores britânicos tão distintos.

Oliphant só precisou ouvir a primeira metade daquele discurso para ter um forte acesso de câibras, disse Barley. Jumbo Oliphant sabia muito bem o que significava aceitar convites de desconhecidos russos. Era perito na matéria. Sabia como eles nos enrolavam, como nos drogavam, como nos comprometiam com fotografias infames, como nos obrigavam a renunciar a todos os cargos de chefia e a desistir do sonho de nos tornarmos cavaleiros do Reino. Além disso, estava metido num ambicioso negócio editorial com a VAAP e a pior coisa que lhe podia acontecer era ser encontrado na companhia de indesejáveis. Oliphant argumentou tudo isso com Barley, num jeito de confiança teatral, como se o russo fosse surdo.

— Seja como for, está chovendo —, concluiu triunfalmente Oliphant. — O que vamos fazer com o carro?

Oliphant olhou para o relógio. Magda olhava para o chão. Emery olhava para Magda e pensava que talvez houvesse outras coisas para fazer em Moscou, numa tarde de domingo. Mas Barley, pelo que nos disse, prestou mais atenção ao estranho e decidiu gostar do que via. Não tinha interesse na moça ou em títulos do Reino. Já decidira que preferia ser fotografado nu com um grupo de prostitutas russas do que vestido dos pés à cabeça de braço dado com Jumbo Oliphant. Por isso

mandou-os para o carro de Jumbo e se arriscou a acompanhar o desconhecido.

— Nejdánov —, declarou abruptamente Barley para a sala silenciosa, interrompendo seu próprio discurso. — Lembrei-me do nome do cara. Nejdánov. Dramaturgo. Dirigia uma companhia de teatro experimental, não podia encenar suas próprias peças.

A voz sonora de Walter veio perturbar a momentânea calma. — Meu caro amigo, Vitaly Nejdánov é um herói recente. Há cinco semanas precisamente que tem três peças de um ato em cartaz em Moscou, e todo mundo deposita nele as mais altas esperanças. Não que ele seja bom, longe disso. Mas não podemos dizer que não preste, porque é um dissidente. É ou era.

Pela primeira vez o rosto de Barley ganhou nesse momento uma expressão de sublime felicidade: de imediato senti que aquele era o verdadeiro Barley, aquele que muitas nuvens tinham até então escondido. — Ah, mas isso é realmente ótimo —, comentou, com o prazer simples de alguém que tinha capacidade de apreciar o êxito de outro homem. — Fantástico. Era mesmo disso que o Vitaly precisava. Obrigado pela notícia —, disse com um ar positivamente rejuvenescido.

As sombras, porém, voltaram a seu rosto. Voltou a beber seu uísque até que murmurou com um ar ausente: — Então fomos para a festa. A maior parte deles estava bêbada. Apresento-lhe meu primo, dizia um. Coma um folhado de salsicha, dizia outro —. Mas seus olhos, tal como suas palavras, estavam longe, em outras paragens da memória, como se alguma provação se aproximasse.

Olhei em torno. Bob sorria. Bob sorriria mesmo no leito de morte, embora com sinceridade de escoteiro. Clive, de perfil, um rosto afiado e quase tão penetrante como um machado. Walter não parava quieto. Walter, com a cabeça para trás, uma cabeça que irradiava inteligência, enrolava uma mecha de cabelo desarrumado e suado com o indicador gorducho, enquanto sorria maliciosamente para os ornamentos do teto. E Ned, o chefe — o eficiente, desenvolvido Ned — Ned, o linguista e o guerreiro, o executante e o planejador —, sentado como desde o princípio, atento, à espera da ordem para avançar. Para certas pessoas, refleti enquanto o observava, a lealdade em excesso pode ser uma terrível maldição. É que pode vir um dia em que não haja mais nada nem ninguém a quem servir,

Uma casa grande, de estranha construção, recitava Barley no estilo telegráfico a que se tinha agarrado. Revestimento exterior de tábuas, estilo eduardiano, varandas enfeitadas com colunas gregas, um jardim sem jardineiro, uma floresta de bétulas. Bancos caindo de podres, carvão queimando, o cheiro de um campo de críquete num dia de chuva, hera. Cerca de trinta pessoas, a maior parte homens, sentados ou passeando pelo jardim, cozinhando, bebendo, ignorando o mau tempo tal e qual os ingleses. Carros velhos, perfeitamente miseráveis, estacionados ao longo do caminho, pareciam os carros que se faziam na Inglaterra antes de os prósperos porcos de Mrs. Thatcher terem tomado conta do barco. Rostos simpáticos, vozes vivas, nomenclatura muito ligada às artes. Surge Nejdánov conduzindo Barley. Ninguém repara neles.

— A anfitriã era poeta —, disse Barley. — Tamara qualquer coisa. Com ar masculino, cabelo branco, divertida. O marido era editor de uma das revistas científicas soviéticas. Nejdánov era cunhado dele. Eram todos cunhados de todos. A cena literária tem influência naquelas paragens. Se uma pessoa tem talento e a deixam usá-lo, pode contar com um público atento.

Na sua memória arbitrária, Barley dividia agora a história em três partes. Almoço, que começou por volta das duas e meia da tarde, quando a chuva parou. Noite, ou seja, logo a seguir ao almoço. E aquilo a que ele chamou “o fim de tudo” —, que foi quando aconteceu o que aconteceu, e que, imaginávamos nós, dentro do que nos era possível, teria ocorrido nesse período obscuro que vai das duas às quatro da manhã, quando Barley, para usar seus próprios termos, vagueava sem dor entre o nirvana e uma ressaca quase terminal.

Antes do almoço, Barley tinha andado de grupo em grupo — primeiro com Nejdánov, depois sozinho. Papeando e bebendo com quem quisesse papear e beber com ele.

— Papeando e bebendo? —, repetiu Clive com um ar de suspeita, como se tivesse aprendido o nome de um novo vício.

Bob apressou-se a traduzir. — Conversando, Clive —, explicou, no seu jeito amistoso. — Conversa e bebida. Nada de sinistro.

Porém, continuou Barley, quando soou a hora do almoço, sentaram-se a uma mesa que não passava de uma prancha enorme sobre uma armação, com Barley numa cabeceira e Nejdánov na outra e garrafas de vinho branco da Georgia entre eles, e todo mundo discutindo

no seu melhor inglês sobre se a verdade seria verdade quando não fosse conveniente para a grande assim-chamada Revolução proletária, e se deveríamos regressar aos valores espirituais dos nossos antepassados, e se a perestroika estava tendo algum efeito positivo na vida do povo, e alguém dizia no meio que a melhor maneira de saber o que estava errado na União Soviética devia tentar mandar uma geladeira de Novosibirsk para Leningrado.

Clive, para minha grande irritação, obviamente secreta, voltou a interrompê-lo. Como homem afeito a toda e qualquer irrelevância, Clive queria nomes. Barley deu com a mão na testa, esquecido da hostilidade com Clive. Nomes. Clive, meu Deus, como é que eu fui me esquecer? Havia um sujeito que era professor da Universidade Estatal de Moscou, mas olhe, não consegui pegar o nome dele. Outro dedicava-se à pesquisa química, era meio-irmão de Nejdánov, apelido O Boticário. Um cara da Academia de Ciências Soviéticas, Gregori, mas não apurei o nome todo dele, menos ainda seus pontos de vista.

— Havia mulheres à mesa? —, perguntou Ned.

— Duas, mas não Katya —, respondeu Barley, e Ned, tal como eu, ficou visivelmente impressionado com uma tão rápida percepção.

— Mas havia alguém especial, não? —, sugeriu Ned. Barley inclinou lentamente a cabeça para trás e bebeu. Depois, colocou o copo entre os joelhos e deixou-se ficar de cabeça baixa, o nariz a pouca distância do copo, inalando a sabedoria do álcool.

— Claro, claro, é claro que havia alguém especial —, concordou. — Sempre há, não é? —, acrescentou, enigmaticamente. — Mas não era Katya. Era outra pessoa.

Sua voz tinha se transformado. Não consegui especificar em que consistia essa transformação. Talvez maior concisão. Uma sugestão de pesar ou remorso. Esperei, como esperamos todos. Creio que, apesar de tudo, nesse momento todos sentimos que algo de extraordinário ia surgir no horizonte.

— Um cara magro, de barba —, prosseguiu Barley, fitando a obscuridade como se dela extraísse uma figura humana. — Alto. Terno escuro, gravata preta. Rosto magro, fino. Devia ser por isso que usava barba. Mangas muito curtas. Cabelo preto. Bêbado.

— Tinha nome? —, perguntou Ned. Barley fitava ainda a semiobscuridade, descrevendo o que nenhum de nós podia ver.

— Goethe —, disse por fim. — Como o poeta. Chamavam-no Goethe. Apresento-lhe o nosso grande escritor, Goethe. Tanto podia ter cinquenta anos como dezoito. Magro que nem um rapazito. Aquelas rosáceas nas faces, muito bêbado. Barba.

Como Ned observou mais tarde, quando rodou a gravação para toda a equipe ouvir, esse foi, de um ponto de vista operacional, o momento em que a Ave Azul abriu as asas. Nenhum silêncio insuportável, ninguém respirando fundo. Em vez disso, Barley escolheu esse momento para um violento ataque de espirros, o primeiro dos muitos a que mais tarde assistimos. Começou com uma série de espirros isolados, acelerando depois até culminar numa grande salva. Depois, os espirros foram abrandando lentamente de intensidade, enquanto Barley acudia ao nariz com o lenço e praguejava entre as convulsões.

— Maldita alergia —, explicou, em jeito de desculpa.

— Portei-me de uma forma brilhante —, prosseguiu Barley. — Não cometi o mínimo deslize.

Tinha enchido de novo o copo, desta vez com água. Sorvia a água em movimentos lentos e ritmados, como um daqueles pássaros de plástico que havia em todos os tristes bares ingleses antes de aparecer a televisão para substituí-los, aqueles pássaros que no meio das miniaturas e que se curvavam em mesuras para beber e depois voltavam a posição inicial e de novo se curvavam, numa mesura perpétua.

— Eu era o centro de todas as atenções. Estrela do palco e da tela. Ocidental, simpático e especial, por isso é que fui lá, não? Os soviéticos são o único povo tolo o bastante para ouvir minhas merdas. — A madeixa caía sobre o copo. — É assim que são as coisas lá. Vamos dar um passeio no campo e acabamos discutindo com um bando de poetas bêbados a questão das intrincadas relações entre liberdade e responsabilidade. Vai-se mijar num banheiro público, normalmente imundo, e de repente uma cabeça ao lado se vira e pergunta se existe vida além da morte. Simplesmente porque somos ocidentais. E nós sabemos que é por isso. E respondemos. E eles não se esquecem. Não perdem nada do que dizemos.

Nesse momento Barley parecia em perigo de cair num mutismo total.

— Por que não conta o que aconteceu e deixa as críticas para nós? —, sugeriu Clive, deixando de certa forma implícito que a posição em que Barley estava não o autorizava a críticas.

— O que aconteceu foi que naquele cenário eu fui uma estrela. Foi um dia de ouro para uma criatura petulante como eu. Mas esqueçam.

Esquecer era precisamente o que nenhum de nós queria, como o sorriso jovial de Bob demonstrava. — Barley, creio está sendo muito duro com você mesmo. Pelo amor de Deus, ninguém deve se censurar por ser divertido. Ao que parece, você se limitou a animar a festa.

— Do que falavam? —, perguntou Clive, nada contagiado pela simpatia de Bob.

Barley encolheu os ombros. — Entre o almoço e a hora do chá discutimos a melhor forma de restaurar o Império Russo. Já bem bêbados, discutimos a paz, o progresso e a glasnost. Desarmamento imediato sem opção.

— Aborda frequentemente esses assuntos?

— Quando estou na Rússia, sim —, respondeu Barley, acirrado uma vez mais pelo tom de Clive, embora sua irritação nunca durasse muito.

— Podemos saber o que você disse? — Mas Barley não estava contando sua história a Clive. Estava contando a si mesmo e àquela sala e a quem nela estivesse, aos passageiros que o acompanhavam naquela viagem, ponto por ponto, um inventário de sua loucura. — O desarmamento não era uma questão militar, tão pouco política, foi o que eu disse. Era uma questão de vontade dos homens. Tínhamos de decidir se queríamos paz ou se queríamos guerra e preparar-nos em conformidade com a nossa escolha. E aquilo para que nos prepararmos será o que teremos de futuro. — Parou. — Eram umas coisas que eu tinha decorado —, explicou, selecionando novamente Ned. — Argumentos requentados que eu tinha lido dias antes.

Parecia sentir que precisava se explicar melhor. Recomeçou. — Por mero acaso me tornei, durante essa semana, um verdadeiro perito na matéria. Tinha pensado que talvez minha editora pudesse comprar os direitos de um livro de publicação rápida. Um agente que apareceu lá na feira queria que eu comprasse os direitos de um livro sobre a glasnost e a crise da paz. Tentativas feitas por falcões do passado e do presente, reapreciação de estratégias. Poderia a paz vencer, apesar de tudo?

Pegaram uns velhos militaristas americanos dos anos sessenta e mostraram como muitos mudaram por completo de posição depois de deixar os cargos de chefia.

Interroguei-me nesse momento sobre as razões que o levariam a se justificar. Para o que estaria nos preparando? Sentia que devia amortecer o choque antecipadamente? Bob, que não era nada bobo, apesar de toda a candura, devia estar se perguntando o mesmo. — Parece uma boa ideia, Barley. Capaz de dar dinheiro. Pode ser que até a aproveite —, disse, com um risinho malandro.

— Podemos portanto concluir que você ouviu esse arrazoado e depois o vomitou na festa —, disse Clive no seu cômico meio tom. — Foi isso que disse, não foi? Eu sei que não é fácil reconstituir devaneios alcoólicos, mas ficamos muito gratos se der seu melhor.

O que teria Clive estudado, se é que estudou?, perguntei a mim mesmo. E se estudou, onde foi? Quem eram seus pais? E onde os Serviços descobriam estas almas penadas suburbanas com todos os seus valores, ou ausência deles, perfeitamente em ordem?

No entanto, Barley mostrou-se condescendente perante esse tipo de ataque, que já conhecia. — Eu disse que acreditava em Gorbachev —, prosseguiu, sem qualquer reação aparente, bebendo um pouco mais de água. — Pouco me importava se eles não acreditavam. Eu acreditava. Disse que a tarefa do Ocidente consistia em descobrir a outra face de Gorbachev, e que a do Leste consistia em reconhecer a importância da face que lhes era oferecida. Disse que se os americanos se preocupassem com o desarmamento tanto quanto se preocuparam em mandar um pateta à Lua ou em pôr listras cor-de-rosa nos dentifrícios, há muito que teríamos desarmamento. Disse que o grande erro do Ocidente consistia em acreditar que poderia destruir o sistema soviético, subindo constantemente o lance na corrida armamentista, porque dessa forma estávamos jogando com o destino da humanidade. Disse que, ao brandir seus sabres, o Ocidente tinha dado aos dirigentes soviéticos a desculpa ideal para manterem os portões fechados e instaurarem um estado militar.

Walter soltou um riso relinchado e tapou os dentes muito espaçados com uma mão sem pelos. — Deus do céu! Então nós é que temos a culpa dos problemas da Rússia! É uma ideia espantosamente divertida! Por acaso você nunca pensou, Barley, que a culpa desses

problemas é dos próprios russos? Não acha que foram eles que se fecharam em sua própria paranoia? Não, não acha. Já vi que não acha.

Imperturbável, Barley reatou sua confissão. — Alguém me perguntou se eu não achava que as armas nucleares tinham garantido a paz durante quarenta anos. Respondi que isso era falácia jesuítica. Que, nesse caso, também podíamos dizer que a pólvora tinha garantido a paz entre Waterloo e Sarajevo. Seja como for, acrescentei, o que é afinal a paz? A bomba não impediu que houvesse uma Coreia, que houvesse um Vietnã. A bomba não impediu a opressão da Checoslováquia, o bloqueio de Berlim, a construção do muro de Berlim ou a intervenção no Afeganistão. Se isso é paz, por que não tentá-la sem bomba? Disse que não eram necessárias as experiências no espaço, mas sim as experiências com a natureza humana. As superpotências deveriam policiar o mundo juntas. Nesse momento eu já voava a grande altura.

— E acreditaram nesses disparates? —, perguntou Clive. Barley parecia não saber. De repente, via-se como uma criatura superficial por definição, e corou como que envergonhado. — Depois falamos de jazz —, disse. — Bix Beiderbecke, Lester Young. Toquei bastante.

— O quê? Não me diga que eles tinham um saxofone?! —, exclamou Bob, espontaneamente divertido. — O que tinham mais? Bateria? Uma banda? É incrível, Barley, de fato é incrível!

Pensei que Barley fosse sair da sala. Endireitou-se e levantou-se energicamente. Por um momento procurou a porta e encaminhou-se embaraçado para ela, o que deixou Ned perfeitamente alarmado, com medo de que Brock o agarrasse. Mas Barley parou no meio da sala, junto a uma mesinha entalhada. Curvado sobre a mesa, começou a bater ligeiramente com as pontas dos dedos na quina, enquanto cantava — pah-pah-paah, pah-pah-pah-pah —, com uma voz nasalada, ao som daquele acompanhamento simulado de pratos, vassourinhas e tambores.

Bob não demorou a aplaudir, tal como Walter. Também eu aplaudi e Ned desatou a rir. Só Clive não achou a cena divertida. Barley bebeu mais um gole abstinência e voltou a sentar-se.

— Depois me perguntaram o que a humanidade poderia fazer —, disse, como se nunca tivesse deixado a cadeira.

— Quem perguntou? —, disse Clive, com aquela nota exasperante de incredulidade que ele punha na voz.

— Uma das pessoas à mesa. Mas que importância tem isso?

— Temos de partir do princípio de que tudo é importante —, respondeu Clive.

Barley pôs-se de novo a falar com a sua voz russa, atabalhoada. — Muito bem, Barley. Suponhamos que as coisas ocorreram como você diz. — Quem vai conduzir essas experiências com a natureza humana?

— Vocês, respondi eu. Ficaram muito surpresos. Por que nós? Porque, disse eu, quando chegar a hora de uma mudança radical, os soviéticos terão mais facilidade em desempenhar esse papel do que os ocidentais. Têm uma pequena classe dirigente e uma intelligentsia tradicionalmente muito influente. Numa democracia ocidental seria muito mais difícil fazer ouvir nossa voz, já que é toda uma multidão falando. Eles gostaram do paradoxo. Eu também.

Nem mesmo este ataque frontal aos grandes valores democráticos conseguiu perturbar a cordial paciência de Bob. — Bom, essa sua apreciação, Barley, é pouco profunda, mas concedo que há nela alguma verdade.

— Mas você sugeriu realmente o que deveria ser feito? —, insistiu Clive.

— O que eu disse foi que só nos restava a Utopia. Disse que o que há vinte anos nos parecia um sonho perfeitamente irreal era agora a nossa única esperança, tanto em desarmamento como em ecologia ou na mera sobrevivência humana. Gorbachev compreendeu isso, o Ocidente não quis compreender. Disse que os intelectuais ocidentais tinham de encontrar sua voz. Disse que o Ocidente devia dar o exemplo, e não segui-lo. Era dever de todos desencadear a avalanche.

— Ou seja, desarmamento unilateral —, disse Clive, enlaçando os dedos. — Pois é. Tudo se reduz a isso. Sim. É isso mesmo.

Com a diferença de que não disse “siiim”, o que acontecia sempre que queria dizer não

Mas Bob estava impressionado. — E chegou a essa eloquência só por ter lido umas coisas sobre o assunto? —, disse. — Acho extraordinário, Barley. Eu me sentiria orgulhoso se conseguisse assimilar as coisas tão bem como você-

Talvez extraordinário demais, sugeria seu tom, embora Barley não notasse evidentemente as implicações dessa sugestão.

— E enquanto você tratava de nos salvar dos nossos piores instintos, o que fazia o tal Goethe? —, perguntou Clive.

— Nada. Os outros participavam da conversa. Ele não.

— Mas escutava o que diziam? De olhos arregalados, certamente.

— Passado um tempo, estávamos refazendo o mapa do mundo. Volta-se sempre a Yalta, por mais voltas que se dê. Todo mundo falava ao mesmo tempo. Exceto Goethe. Não comia. Não falava. Eu não parava de sugerir ideias a ele, porque ele simplesmente não participava. Tudo o que fazia era ficar cada vez mais pálido e beber cada vez mais vinho. De maneira que acabei desistindo.

E Goethe não falou, prosseguiu Barley, no mesmo tom de confusa autorrecreação. Nem uma palavrinha por toda a tarde, acrescentou. Goethe ouvia, enquanto fitava, de olhar absorto, uma bola de cristal invisível. Ria às vezes, mas não era do teor da conversa. Ou se levantava e seguia em linha reta até a mesa das bebidas, para se servir de mais vodca numa altura em que todo mundo bebia vinho, após o que regressava com o copo cheio, que entornava com uns quantos goles sempre que alguém propunha um brinde. Mas ele não propôs um brinde sequer, disse Barley. Era uma daquelas pessoas que exercem influência moral com seu silêncio, acrescentou, e nós ficamos sem saber se todo aquele silêncio é porque estão morrendo de uma doença misteriosa ou se apenas seu pensamento está concentrado numa grande obra.

Quando Nejdánov conduziu o grupo para dentro, para ouvir discos de Count Basie, Goethe seguiu-os obedientemente. Já era noite alta quando Barley, que já desistira de pensar nele, ouviu-o finalmente falar.

Uma vez mais Ned permitiu-se uma pergunta muito especial. — Como se comportavam os outros em relação a Goethe?

— Respeitavam-no. Goethe era a mascote deles. “Vejam o que Goethe pensa sobre isso”, dizia um. E Goethe erguia o copo e brindava a todos eles e desatavam todos a rir, exceto Goethe.

— As mulheres também?

— Todos. Para eles, as opiniões dele é que contavam. Quase abriam alas para ele passar. Atenção, afastem-se que vem aí o grande Goethe.

— E ninguém disse onde ele mora ou trabalha?

— Disseram que estava de férias num lugar onde não podia beber. Quer dizer, eram férias alcoólicas. E todo mundo brindava às

férias alcoólicas de Goethe. Ele era irmão não sei de quem. Talvez de Tamara, não sei. Talvez fosse primo. Não consegui esclarecer isso.

— Acha que o protegiam? —, disse Clive.

As pausas de Barley são únicas, pensei nesse momento. Procurando pensar nas perguntas, dominá-las a sua maneira, ainda que fragilmente. Sua mente deixa a sala e ficamos na maior expectativa até que regresse.

— Sim —, disse Barley de repente, aparentemente surpreso com a própria resposta. — Sim, eles o protegiam. Sem dúvida. Eram uma espécie de associação de defesa do Goethe, claro que eram.

— Protegiam-no de quê? — Outra pausa.

— Talvez o protegessem de ter de se explicar. Não pensei nisso na altura. Mas agora parece que era isso mesmo. Sim, era isso mesmo.

— E por que ele haveria de se explicar? Pode sugerir uma razão, sem inventar nada? —, perguntou Clive, aparentemente determinado a provocar a irritação de Barley.

Mas Barley não se irritou. — Eu não invento —, disse, e creio que todos achávamos que era verdade. Uma nova pausa; de novo a mente dele deixava a sala. — Era um homem muito forte, personalidade intensa. Sentia-se isso nele —, prosseguiu, regressando à realidade.

— O que significa isso?

— O silêncio eloquente. Tudo o que se ouve, a mais de cem por hora, é a pulsação do cérebro.

— Mas alguém lhe disse que ele era um gênio ou algo parecido?

— Ninguém me disse isso. Não era preciso. — Barley olhou de relance para Ned, à procura de um sinal de compreensão. Chefe operacional da cabeça aos pés, ainda que entre quatro paredes, Ned sabia desviar-se bruscamente de uma pessoa quando ainda se pensasse que estaria tentando apanhá-la.

Bob tinha outra pergunta. — Ninguém por acaso o levou para um canto isolado e explicou por que Goethe tinha problema de alcoolismo, Barley?

Barley desatou a rir alto e bom som. Essas momentâneas liberdades eram um tanto assustadoras. — Mas, pelo amor de Deus, na Rússia não se precisa ter uma razão para beber! Diga, se for capaz, o nome de um só russo digno de respeito que consiga enfrentar sóbrio os problemas do país!

De novo caiu em silêncio profundo, fazendo trejeitos para as sombras. Franziu os olhos e murmurou uma imprecisão qualquer, pareceu-me que contra si mesmo. Depois, repentinamente, voltou à sala. — Acordei sobressaltado por volta da meia-noite —, disse rindo. — Mas onde estou? — Deitado numa espreguiçadeira nesta maldita varanda, com este maldito cobertor em cima! No início pensei que estava nos Estados Unidos. Numa daquelas varandas de New England, protegidas com mosquiteiros de gaze, o jardim em frente. Não conseguia entender por que cargas d'água tinha ido parar tão rapidamente na América, depois de um almoço tão agradável em Peredelkino. Então lembrei que a certa altura tinham deixado de falar comigo e eu acabei por me chatear. Não foi nada pessoal. Eles estavam bêbados e cansados de estarem bêbados numa língua estrangeira. De maneira que eu me instalei na varanda com uma garrafa de uísque ao lado. Alguém me jogou um cobertor, por causa do sereno. Deve ter sido a lua que me acordou, pensei. Uma lua cheia enorme. Vermelha e vibrante. Foi então que ouvi alguém falando comigo. Um sujeito de um ar muito grave. Falava um inglês imaculado. Não me digam que apareceram mais convidados a esta hora, pensei eu. “Há males que são necessários”, disse ele, me citando. Eu tinha dito isso no almoço, durante minha tão importante conferência sobre a paz. Não sei quem eu mesmo tinha citado. Depois olhei com mais atenção a minha volta e dou com aquele vulto barbado de dois metros e meio de altura pairando lá em cima, segurando uma garrafa de vodca, o cabelo voando ao sabor da brisa. Num instante ele estava agachado ao meu lado, joelhos quase à altura do meu rosto, enchendo seu copo. — Olá, Goethe —, disse eu. — Pensei que já tinha morrido. É agradável vê-lo de volta.

O que quer que fosse que tinha lhe soltado a língua reduzia-o agora de novo ao silêncio, ao temor de falar, e seu rosto voltava a ficar sombrio. Então ele me jogou outra pérola que eu tinha dito no almoço. — “Todas as vítimas são iguais. Não há vítimas mais iguais do que outras”. Eu ri. Mas não muito. Acho que me senti embaraçado. Constrangido. Senti que estava me espionando. O sujeito passa o almoço todo bebendo, não come nada, não diz uma palavra. De repente, dez horas depois, cita minhas falas como se fosse um gravador. Convenhamos que não é agradável.

— Quem é você, Goethe? —, pergunto eu. — O que faz você na vida quando não bebe e não escuta o que os outros dizem?

— Eu sou um pária moral —, diz ele. — Negocio teorias impuras.

— É sempre agradável conhecer um escritor —, digo eu. — O que tem escrito ultimamente?

— Tudo —, diz ele. — História, comédia, mentiras, romances. — E então desata a falar de uma idiotice que escreveu sobre uma porção de manteiga que derretia ao sol porque lhe faltava uma perspectiva consistente. Só que ele não falava como um escritor. Muito tímido. Ria de si mesmo e dei-me conta que também ria de mim. Não que ele não tivesse o direito de rir de, mim, muito pelo contrário, mas é evidente que era desagradável.

Uma vez mais ficamos à espera, de olhos postos na silhueta de Barley. Éramos nós que estávamos tensos ou ele? Sorveu um pouco mais de água do seu copo. Girou com a cabeça e murmurou qualquer coisa como — nada bem — ou possivelmente — para o inferno. Nem a audiência, nem os microfones, conseguiram perceber o que ele disse. Ouvimos a cadeira dele ranger como lenha úmida. Na gravação parece o barulho de um ataque armado.

— Nesse momento ele se vira para mim e diz: “Então, Mr. Barley, você é editor, não é? Não me pergunta onde busco minhas ideias?” — E eu pensei, olha que não é bem isso que os editores costumam perguntar, mas que se dane. — Está bem, Goethe —, digo eu. — Onde você busca suas ideias?

— Mr. Barley, as minhas ideias busco primeiro — e começa a enumerar. Também Barley estendeu seus dedos longilíneos e começou a contar, usando um ligeiríssimo sotaque russo. E uma vez mais fiquei impressionado com a delicadeza da sua memória musical. Essa delicadeza não decorria apenas de uma mera repetição de palavras; Barley parecia ir buscar as palavras a uma tremenda câmara de ressonância onde nada escapava ao seu ouvido.

— As minhas ideias vêm — primeiro, das toalhas de mesa de papel dos cafés de Berlim dos anos trinta. — Nesse momento para e bebe um suspiro de vodka e um trago enorme e ruidoso de ar noturno ao mesmo tempo. Chia. Não sei se estão vendo, aqueles sujeitos que têm um peito que parece chiar. Segundo —, diz ele, — das publicações dos meus concorrentes mais dotados. Terceiro, das obscenas fantasias dos generais e políticos de todas as nações. Quarto, dos intelectos libertados dos cientistas nazistas recrutados à força. Quinto, do grande povo soviético, cujos desejos democráticos são todos filtrados pelo

poder através de consultas a todos os níveis, e depois atirados ao Neva. E sexto, e muito ocasionalmente, de um distinto intelectual ocidental que acaba de aparecer na minha vida. — Aparentemente o intelectual sou eu, porque ele cola seu olhar na minha pessoa vendo como eu reajo. Fita-me, fita-me com os olhos de uma criança precoce. Transmitindo-me sinais de importância vital. Então, subitamente, dá-se uma mudança nele. Faz um ar de suspeita. É uma coisa que acontece muitas vezes com os russos. — Você deu um belo espetáculo no almoço —, diz ele. — Como conseguiu convencer Nejdánov a convidá-lo? Está zombando de mim, dizendo que não acredita em mim.

— Eu não o convenci —, digo eu. — A ideia foi dele. O que é que você tentando insinuar a meu respeito?

— Não existe propriedade de ideias —, diz ele. — Você pôs essa ideia na cabeça dele. Você é um cara esperto. Olhe que foi um bom trabalho. Parabéns.

— Então, em vez de continuar a me provocar com observações maliciosas, agarra meus ombros como se estivesse afundando. Não sei se se sentiu mal ou se perdeu o equilíbrio. Tenho a desagradável impressão de que queria fazer o papel de doente. Tento ajudá-lo, mas não sei como. Está incrivelmente quente, todo ele é suor. Caem gotas do suor dele em mim. Tem o cabelo todo molhado. Uns olhos selvagens, de Criança. Penso desapertar-lhe o colarinho. Nesse momento a voz dele vem em cima de mim, a boca e o hálito quente, sua voz se entranha em meu ouvido. De início não consigo ouvi-lo, está muito perto. Recuo, mas ele se cola a mim de novo.

— Acredito em tudo o que você disse —, segreda. — Você falou ao meu coração. Jure que não é um espião britânico, e eu lhe faço uma promessa em troca.

— Foram exatamente estas as palavras dele —, disse Barley, como se sentisse vergonha delas. — Lembrava-se de tudo o que eu tinha dito. E eu me lembro de tudo o que ele disse.

Não era a primeira vez que Barley falava de memória como se a memória fosse sinônimo de angústia, e talvez por isso eu tenha dado comigo, como tantas vezes me acontece, pensando em Hannah.

— Pobre Palfrey —, disse ela num dos seus acessos de crueldade, enquanto examinava o corpo nu no espelho, sorvendo a vodca e preparando-se para regressar ao marido. — Com uma memória

como a sua, como você vai conseguir esquecer de uma mulher como eu?

Teria Barley esse mesmo efeito em todo mundo?, perguntei a mim mesmo enquanto ele falava — seria também ele capaz de, inconscientemente, tocar no nervo central das pessoas, levando-as automaticamente a embrenharem-se nos seus mais íntimos pensamentos? Talvez Barley tivesse tido precisamente esse efeito em Goethe.

A passagem que se seguiu nunca foi parafraseada, condensada ou — reconstituída —. Os iniciados, ou ouviram a gravação sem qualquer montagem ou então leram a transcrição integral. Para os não iniciados, tal passagem nunca existiu. Foi o ponto crucial de tudo o que se seguiu e chamaram-lhe, com deliberada ofuscação, — A Investigação de Lisboa —. Quando chegou a vez dos alquimistas e teólogos e utentes internos de ambos os lados do Atlântico, foi esta a passagem que escolheram e que meteram nas suas caixas mágicas para justificarem os argumentos previamente selecionados que caracterizavam as suas ardilosas posições.

— Não, de fato não sou nenhum espião, meu caro Goethe. Não sou, nunca fui, nem serei. Talvez seja uma coisa vulgar no seu país, mas não no meu. E se falássemos antes de xadrez? Gosta de xadrez? Falemos de xadrez.

— Ele parecia não ouvir. — E não é espião dos americanos? Não é espião de ninguém, nem sequer nosso?

— Ouça-me, Goethe —, digo eu. — Para ser sincero, estou ficando um bocado chateado com esta história toda. Eu não sou espião de ninguém. Eu sou eu. Por isso proponho-lhe que falemos de xadrez ou, caso contrário, você vai bater a outra porta, certo? — Pensei que depois desta resposta ele se calasse, mas a verdade é que não se calou. Sabia tudo de xadrez, disse ele. No xadrez, um tipo tem uma estratégia, e se o outro não a descobre ou abrande a sua vigilância, é mais certo que perde. No xadrez, a teoria é a realidade. Mas na vida, em certos tipos de vida, podem surgir situações em que um jogador tem fantasias tão grotescas acerca do outro que acaba por ver nele o inimigo de que precisa. Não concorda? Concordo totalmente, Goethe. Então, de repente, deixamos de falar de xadrez e ele começa a contar a sua vida, como os russos costumam fazer quando estão bêbados. Porque é que está neste mundo. Isto só comigo. Diz que nasceu com duas almas, tal

como o Fausto, e é por isso que lhe chamam Goethe. Diz que a mãe era pintora, mas pintava o que via, tão naturalmente que não lhe permitiam exibir as suas obras nem comprar materiais. Porque tudo o que vemos são segredos de Estado. Ainda que seja ilusão, é segredo de Estado. Mesmo que não funcione e nunca venha a funcionar, é segredo de Estado. E se é mentira do princípio ao fim, então esse é que é o maior segredo de todos. Diz que o pai esteve doze anos nos campos e morreu de um excesso de capacidade intelectual. Diz que o problema do pai é que era um mártir. As vítimas só por si já são más, os santos são piores, diz ele, mas os mártires são os piores de todos. Não concorda?

Concordo. Não sei por que razão concordo, mas acontece que sou

uma criatura civilizada e quando se me agarra à cabeça e me diz que o pai fez doze anos de campo e depois morreu, não me vou pôr a discutir com ele ainda que esteja bêbado.

Pergunto-lhe o seu nome verdadeiro. Diz que não tem. Que o pai o levou com ele. Diz que em qualquer sociedade decente matam o ignorante, mas que na Rússia é ao contrário, e por isso lhe mataram o pai, porque, ao contrário da mãe, ele se recusou a morrer de desespero. Diz que me quer fazer a promessa de que falou. Diz que ama o povo inglês. Os ingleses são os chefes morais da Europa, são os garantes secretos, os unificadores do grande ideal europeu. Diz que os ingleses compreendem a relação que existe entre palavras e ação, ao passo que na Rússia ninguém acredita já na ação, e por isso as palavras tomaram-se um substituto da ação, em todas as camadas, um substituto para a verdade que ninguém quer ouvir porque ninguém pode mudar a situação, se a quiserem mudar perdem o emprego, ou talvez não saibam, muito simplesmente, como mudar a situação. Diz que a desventura dos russos é que anseiam por se tomarem europeus mas o seu destino é tomarem-se americanos, e que os americanos envenenaram o mundo com a lógica materialista. Se o meu vizinho tem um carro, então eu tenho de ter dois. Se o meu vizinho tem uma pistola, então eu tenho de ter duas. Se o meu vizinho tem uma bomba, eu tenho de ter muitas bombas e mais potentes, pouco importa que essas bombas não possam alcançar os seus alvos. De maneira que tudo o que eu tenho a fazer é imaginar a pistola do meu vizinho e arranjar duas delas e aí encontro a justificativa para tudo o que queira fabricar. Não concorda?

Foi um milagre que ninguém tivesse interrompido aqui, nem mesmo Walter. Mas a verdade é que ele não interrompeu, refreou a língua, como todos os outros. Não se ouviu sequer uma cadeira ranger antes de Barley prosseguir.

— Claro que concordo. Sim, Goethe, concordo inteiramente com você. Tudo é preferível a que me perguntem se sou um espião britânico. Então comece falando do grande poeta e místico do século XIX, Piturin.

— Pecherin —, diz, numa voz muito aguda, Walter, que já não podia mais: transbordava.

— Isso, Pecherin —, concorda Barley. — Vladimir Pecherin. Pecherin queria sacrificar-se pela humanidade, morrer na cruz com a mãe aos seus pés. Se eu alguma vez ouvi falar dele? Não nunca ouvi falar. Pecherin foi para a Irlanda, tomou-se monge, diz ele. Mas Goethe não pode fazer isso porque não lhe dão um visto e, além do mais, não gosta de Deus. Pecherin gostava de Deus e não gostava da ciência, a menos que a ciência se debruçasse sobre a alma humana. Pergunto-lhe que idade tem, Goethe, claro, e não Pecherin. Neste momento ele está com cara de quem tem sete anos e vai fazer cem. Diz que está mais perto da morte do que da vida. Que tem cinquenta anos mas que acaba de nascer.

Walter interrompe nesse momento, mas silenciosamente, como se estivesse numa igreja. Nem parece a sua voz, habitualmente muito semelhante a um guincho. — Por que perguntou a idade dele? Podia ter feito tantas perguntas... Qual o interesse em saber a idade?

— Porque a idade dele é indefinível. Só quando franzia a testa é que as rugas apareciam.

— E ele disse “ciência”? Não falou em física? Só em ciência?

— Ciência. E depois começa a recitar Pecherin. E vai traduzindo ao mesmo tempo. Primeiro diz em russo, depois em inglês. Quão doce é odiar a terra natal e aguardar avidamente a sua ruína... e na sua ruína discernir a alvorada do renascimento universal. É possível que eu não tenha entendido tudo mas a ideia é esta. Pecherin compreendeu que era possível uma pessoa amar o seu país e ao mesmo tempo odiar o sistema vigente, diz ele. Pecherin era louco pela Inglaterra, tal e qual como Goethe. A Inglaterra como a pátria da justiça, da verdade e da liberdade. Pecherin mostrou que não havia nada de desleal na traição, desde que se traia o que se odeia e se lute pelo que se ama. Agora suponhamos que Pecherin possuía grandes segredos acerca da alma

rusa. Que faria ele com esses segredos? A resposta é óbvia. Ia confiá-los ao povo inglês.

— Enquanto ele diz isso, só penso numa coisa: em desprender as mãos dele do meu cabelo. Estou ficando em pânico. Mas ele não me larga. É cara contra cara. Chia e range como uma máquina a vapor. O coração salta no peito. Os olhos castanhos, enormes, parecem sair das órbitas.

— O que é que você andou bebendo? —, pergunto. — Cortisona?

— Sabe outra coisa que você disse ao almoço? —, pergunta ele.

— Eu não disse nada —, respondo eu. — Eu nem estive no almoço. Foram outros dois caras que estiveram lá, me deram uma surra e tomaram o meu lugar. — De novo não me ouve.

— Você disse, “hoje, temos que pensar como heróis se quisermos nos comportar como seres humanos meramente decentes”.

— Isso não fui eu —, digo. — Nada do que eu disse é original. Foram coisas que eu li. Não são da minha autoria. Agora faça-me um favor, esqueça tudo o que eu disse e volte para os seus amigos. — Não me ouve. Agarra meu braço. Tem mãos de moça, mas fortes como aço.

— Prometa que se eu alguma vez tiver coragem de pensar como herói você se comportará como um ser humano decente.

— Ouça, Goethe —, digo eu. — Acabemos com isto e vamos comer alguma coisa. Deve haver sopa lá dentro, estou sentindo cheiro de sopa. Gosta de sopa? Gosta de sopa?

Não creio que ele esteja chorando, mas tem o rosto completamente encharcado. O suor cobre sua pele branca, como se uma dor o percorresse. Agarra-se ao meu pulso como se eu fosse seu padre.

— Prometa —, diz ele.

— Pelo amor de Deus, Goethe, o que quer eu prometa?

— Prometa que se portará como um gentleman.

— Mas eu não sou um gentleman, sou um editor.

— Desata a rir. É a primeira vez que ri. Um riso sem fim, com algo de estranho, de insondável. — Você não pode imaginar a confiança que a sua rejeição me inspira —, diz ele.

— Nesse momento eu me levanto. Devagar, calmamente, para não alarmá-lo. Mesmo assim não me larga.

— Eu cometo o pecado da ciência todos os dias —, diz ele. — Transformo arados em espadas. Engano nossos mestres. Engano os

seus. Perpetuo a mentira. Todos os dias mato a humanidade em mim mesmo. Escute o que eu digo.

— Agora tenho que ir, meu caro Goethe. As porteiras do meu hotel, como você sabe, são muitíssimo simpáticas e, coitadas, devem estar preocupadíssimas comigo. Largue meu braço, quase que o quebra.

Abraça-me. Com força. Puxa-me contra ele. Faz com que me sinta gordo, ele que é tão magro. Tem a barba molhada, o cabelo molhado, todo ele arde.

— Prometa —, diz ele. Quer me forçar a uma promessa, extraí-la da minha boca. Com um fervor louco. Nunca vi nada assim. — Prometa! Prometa!

— Está bem —, digo eu. — Se você alguma vez conseguir ser um herói, eu prometo me comportar como um ser humano decente. Está combinado. Está bem? Agora seja bonzinho e me deixe ir embora.

— Prometa —, diz ele.

— Prometo —, digo eu e o afasto de mim.

Nesse momento Walter desata a gritar. Nenhum dos nossos avisos, nenhum dos olhares furiosos de Ned, de Clive ou de mim mesmo o impediu. — Mas você acreditou nele, Barley? Ele não estava trapaceando? Você lá no fundo é um cara esperto. O que você sentiu?

Silêncio. Silêncio e mais silêncio. E finalmente: — Ele estava bêbado. Em toda a minha vida terei estado duas vezes tão bêbado como ele estava naquela noite. Enfim, três vezes. Tinha estado o dia todo bebendo vodca e continuava bebendo, como se fosse água. Mas não há dúvida de que ele conseguiu me fascinar. Acreditei nele. Não se pode deixar de acreditar nele.

De novo Walter, furioso. — Mas acreditou em quê? Do que acha que ele estava falando? O que acha que ele fez? Toda essa conversa sobre coisas que não atingem os alvos, de mentir aos mestres dele e aos nossos, de xadrez que não é xadrez, mas outra coisa qualquer! Você sabe somar, não sabe? Por que não veio falar conosco? Eu sei por quê! Não veio porque meteu a cabeça debaixo da areia. “Não sei por que e não quero saber”. Foi tudo o que você pensou.

O som que se ouve a seguir na gravação é a voz de Barley, praguejando contra si mesmo enquanto dá voltas pela sala batendo com os pés. — Merda, merda, merda —, murmura. Não para de praguejar. Até que a voz de Clive se junta à dele. Se um dia calhar de Clive

ordenar a destruição do universo, creio que o tom de sua voz será igualmente árido e frio.

— Lamento muito, mas creio que vamos precisar muito de sua ajuda —, diz ele.

Ironicamente, creio que Clive de fato lamentava. Clive era um homem da tecnologia, pouco à vontade sempre que as fontes eram seres humanos, um espiocrata suburbano da escola moderna. Acreditava que os fatos eram o único tipo de informação possível e desprezava todos aqueles que os fatos não explicavam. Se gostava de alguma coisa na vida, para além das suas promoções ou do Mercedes prateado que não saía da garagem se tivesse um arranhão, então era decerto de computadores e de americanos poderosos, por esta ordem. Para Clive brilhar, a Ave Azul teria de ser um código decifrado, um satélite ou uma comissão interagências. Nesse caso, Barley nunca deveria ter nascido.

Ned era o seu reverso, e por isso mesmo corria mais riscos. Ele era, por temperamento e por treino, um chefe de agentes e um comandante de homens. Os seres humanos eram o seu elemento e, dentro dos limites que lhe eram próprios, a sua paixão. Desprezava as lutas intestinas em tomo das políticas de espionagem, de bom grado deixava tudo isso aos cuidados de Clive, tal como deixava as análises a Walter. Nesse sentido, Ned era o inabalável primitivo, como têm de ser as pessoas que lidam com a natureza humana, ao passo que Clive, para quem a natureza humana não passava de um lodaçal repugnante, gozava de reputação de modernista.

Passamos para a biblioteca onde Ned e Barley tinham começado. Brock tinha instalado um monitor e um projetor. Colocara as cadeiras em ferradura e, na sua imaginação, ordenara já a distribuição das pessoas: a cada cadeira corresponderia uma pessoa e só essa pessoa. De fato, Brock, tal como outros espíritos violentos, tinha um apetite exagerado por trabalhos servis. Ouvira a entrevista nos nossos aparelhos de escuta e, apesar das sinistras suspeitas que nutria em relação a Barley, um fulgor de excitação ardia nos seus pálidos olhos bálticos. Barley, refugiado nos seus pensamentos, recostou-se numa das cadeiras da fila da frente entre Bob e Clive, como um convidado privilegiado, ainda que um tanto distraído, de uma projeção privada. Reparei nos movimentos de sua cabeça, uma silhueta na semiobscuridade, quando Brock ligou o projetor: primeiro caída, em contemplação, depois erguida e atenta mal a primeira imagem apareceu na tela. Ned se sentou a meu lado. Não disse uma palavra, mas eu sentia a intensidade disciplinada de sua excitação. Vinte rostos de homens passaram na tela, a maior parte de cientistas soviéticos que, numa primeira e apressada investigação, foram considerados como potenciais conhecedores das informações contidas no processo Ave Azul. Alguns apareceram mais do que uma vez: primeiro de barba e depois sem. Outros apareceram com menos vinte anos, porque eram essas as fotografias que os arquivos reuniam.

— Não é nenhum deles —, anunciou Barley quando o desfile acabou, levando subitamente a mão à cabeça como se algum bicho o tivesse picado.

Bob achava tal resposta simplesmente inacreditável. Era tão encantador na incredulidade como na credulidade. — Nem um talvez, Barley? Para quem estava tão alcoolizado quando viu o homem, você parece excessivamente seguro. Francamente, Barley, olhe que eu já estive em certas festas em que nem do meu nome conseguia me lembrar .

— Nem um talvez nem um nada, meu caro amigo. Nada —, disse Barley, regressando de imediato a seus pensamentos.

Agora era a vez de Katya, embora Barley não pudesse saber; Bob avançou cautelosamente, como um bom profissional de Langley mostrando suas habilidades.

— Barley, estes são alguns dos homens e mulheres em evidência na cena editorial de Moscou —, disse ele o mais casualmente possível quando Brock começou a passar as imagens. — Pessoas com quem você talvez tenha cruzado em suas estadas na Rússia, em recepções, em feiras do livro, enfim pessoas do meio. Se vir alguém que conheça, apite.

— Valha-me Deus, aquela é a Leonora! —, interrompeu Barley com evidente agrado. Na tela tinha aparecido uma mulher esplêndida, corpulenta, com nádegas que pareciam um campo de futebol, caminhando ao longo de uma pista de aeroporto. — A Leni é a mandachuva da SK —, acrescentou Barley.

— SK? —, repetiu Clive, como se tivesse desenterrado uma sociedade secreta.

— Soyuzkniga [união de livros]. A SK encomenda e distribui livros estrangeiros destinados a todo o território da União Soviética. Se os livros chegam ou não chegam aos lugares, isso já é outro assunto. Mas a Leni é um espanto!

— Conhece o outro nome dela?

— Zinovieva.

— Confirmado, disse o sorriso de Bob para aqueles que já conheciam o nome.

Mostraram mais rostos e Barley escolheu sempre os que eles sabiam que ele reconheceria, mas quando lhe mostraram a fotografia de Katya, a mesma que Landau tinha visto — Katya de sobretudo, com o cabelo arranjado, descendo as escadas com a sacola de plástico a tiracolo, Barley murmurou “podem passar”, como tinha feito em relação a todas as faces que não conhecia.

Porém Bob estava deliciosamente inquieto. — Espere aí, Brock, por favor —, disse ele, mas de uma forma tão desastrada que mesmo uma criança de colo teria percebido que aquela fotografia tinha uma importância óbvia.

E Brock esperou, como todos nós: de respiração suspensa. — Barley, esta senhora de cabelo escuro e olhos enormes trabalha nas Edições Outubro, em Moscou. Fala um ótimo inglês, tão clássico como o seu ou como o de Goethe. Ao que sabemos, é redatora da Outubro, encomenda e aprova traduções inglesas de obras soviéticas. Não lhe diz nada?

— Infelizmente, não —, disse Barley.

Após o que Clive o deixou em minhas mãos. Com uma ligeira inclinação da cabeça, “pode ficar com ele. Palfrey. A testemunha é sua. Assuste-a.”

Nas minhas sessões de doutrinação ponho sempre uma voz especial. Em princípio, deverá ser uma voz capaz de instilar o terror do juramento matrimonial e eu a odeio porque é a voz que Hannah odeia. Se a minha profissão tivesse um lado de falso enfermeiro, este seria o momento em que eu administro uma injeção fatal. Porém, nessa noite, mal me vi a sós com ele optei por um tom mais protetor. De súbito fiquei outro, um Palfrey rejuvenescido, aquele que Hannah costumava dizer que venceria. Dirigi-me a Barley não como se ele fosse um delinquente dos piores, mas como se fosse um amigo à procura de um conselho.

O negócio é este,,comecei eu, usando o jargão menos jurídico que era possível. Esta é a corda que lhe querem pôr ao pescoço. Cuidado. Pense bem.

Aos outros, faço-os sentar. Mas Barley eu deixei que vagueasse, porque tinha percebido que se sentia mais à vontade quando podia andar de um lado para o outro, quando podia dar larga à sua inquietude, quando podia jogar os braços bem para trás numa exuberante espreguiçadela. A empatia é uma praga mesmo quando efêmera, e nem a mais terrível das leis inglesas conseguiria proteger-me dela.

E à medida que ia me aproximando dele, à medida que me interessava de fato por aquela pessoa à minha frente fui reparando numa série de coisas que me haviam passado despercebidas com mais gente à volta. Reparei na forma como o corpo dele se afastava de mim, como se quisesse se proteger de um profundo desejo de se dar à primeira pessoa que o solicitasse. Reparei como seus braços, apesar de uma luta tremenda, permaneciam desassossegados, sobretudo ao nível dos cotovelos, os quais, semelhantes a renegados, pareciam querer libertar-se do uniforme em que estavam metidos.

E reparei na frustração que senti por não poder observá-lo tão de perto como queria: atento, meu olhar procurou mesmo seu rosto nos espelhos dourados, quando passava por eles e se mirava de relance. Até hoje, sua imagem sempre me surge longe, muito longe de mim.

E reparei no seu ar pensativo quando mergulhava na minha homilia ou simplesmente a ignorava, refletindo sobre determinado ponto e virando-me logo de seguida as costas para o digerir bem digerido, de

tal modo que, a todo o momento, tinha à minha frente umas costas enormes e poderosas, tão fugidias como o mais fugidio dos rostos.

E reparei ainda que, ao virar-se para mim, os seus olhos não exibiam a subserviência que encontrara noutros destinatários das minhas sábias palavras, essa subserviência que tão frequentemente me deixava nauseado. Barley não estava assustado. Não estava sequer perturbado. No entanto os seus olhos me incomodavam, como sucedera da primeira vez que os vira me avaliando. Eram olhos muito sinceros, muito límpidos, muito sem defesas. Afinal, nenhum dos seus torturados gestos conseguia protegê-lo. Senti que eu ou qualquer outra pessoa podia avançar pelo mar daqueles olhos e reclamar a posse daquela criatura, e esse sentimento me assustou como uma ameaça. Fez-me temer por minha própria segurança.

Lembrei-me do seu processo. Tantas quedas ao comprido, tantos atos aparentemente autodestrutivos, tão pouca prudência. Uma ficha escolar de meter medo. Cenas de pugilato, em busca de uns míseros louros: acabou no sanatório da escola com o maxilar partido. Expulso por estar bêbedo quando lia a Epístola da Eucaristia cantada. — A bebedeira vinha da noite anterior, sir. Não foi intencional —. Açoitado e expulso.

Teria sido muito mais fácil — pensei —, tanto para mim como para ele, se houvesse no seu passado um grande crime, um ato qualquer de cobardia ou omissão. Mas Ned tinha-me mostrado toda a sua vida, incluindo a secreta, a sua história médica, dinheiro, mulheres, esposas, filhos. E tudo era comezinho. Não havia em toda a sua vida um único incidente invulgar, uma explosão, um grande crime. Nada de extraordinário, de invulgar, de grande — talvez este dado fosse a chave para entender Barley. Teria sido por ansiar um mar mais vasto que encalhara sucessivamente em pequenos rochedos, desafiando o Criador a que lhe proporcionasse algo de mais grandioso, pois caso contrário seria melhor que o deixasse de chatear? Mostrar-se-ia tão temerário se confrontado com outras circunstâncias, com circunstâncias menos vulgares, mais grandiosas?

Então, de súbito e antes que me dê conta disso, os nossos papéis invertem-se. Barley está de pé, ao meu lado, espreitando para o papel que tenho nas mãos. A equipe continua à espera na biblioteca, ouço os sons da sua agitação. A declaração está à minha frente, sobre a mesa. Mas sou eu quem ele está a ler, não a declaração.

— Tem algumas questões a pôr? —, pergunto eu olhando-o de baixo, consciente da sua altura. — Qualquer coisa que queira saber antes de assinar? — No fim de contas estou a usar a minha voz especial. Por uma questão de autoproteção.

De início vejo-o confuso, depois divertido. — Por quê? Há mais respostas que me queiram dar?

— O negócio é desleal —, aviso-o num tom grave. — Aconteceu que lhe confiaram um grande segredo. Você não fez nada por isso, mas a verdade é que não pode ignorar tal fato. O que você sabe chega para enforcar um homem e provavelmente uma mulher. Isso coloca-o numa determinada categoria. Traz-lhe obrigações a que não se pode furtar.

E, valha-me Deus, dou comigo pensando novamente em Hannah.

Ele acordou em mim a dor que Hannah me deixou, como se ela fosse uma ferida acabada de abrir.

Ele encolhe os ombros, desprezando a responsabilidade. — Eu não sei o que sei —, diz.

Batem à porta. — A questão é que talvez eles queiram dizer-lhe mais qualquer coisa —, digo eu, de novo num tom brando, tentando levá-lo a perceber que me interesso por ele. — O que você já sabe pode ser apenas o preâmbulo daquilo que eles querem que você descubra.

Assina. Sem ler. E um cliente de pesadelo. Podia estar a assinar a sua sentença de morte; pouco lhe importava. Estão a bater à porta mas tenho ainda de assinar como testemunha.

— Obrigado —, diz ele. — Obrigado Por quê? — Guardo a caneta. Já cá canta, penso eu, triunfante mas gélido, quando Clive e os outros entram na sala. Um rato, este freguês, mas assinou.

Mas a minha outra metade sente vergonha e um misterioso alarme. Sinto que acendi um fogo no nosso próprio campo, e ninguém sabe como alastrará nem quem o irá apagar.

A brevidade foi o único mérito do ato seguinte. Fiquei com pena de Bob. Ele não era um homem dissimulado, e muito ' menos um fanático. Era uma criatura transparente, mas isso não chega a ser um crime, mesmo neste mundo secreto. Era um homem mais da têmpera de Ned do que da de Clive, e mais próximo dos processos dos Serviços do que dos de Langley. Tempos houve em que Langley tinha muitos homens como Bob. Melhores tempos.

— Barley, você tem alguma ideia da natureza do material que a fonte a que chama Goethe nos forneceu até agora? Tem alguma ideia,

digamos, da sua mensagem global? —, perguntou Bob, embaraçado, pondo o seu sorriso franco.

Johnny tinha feito o mesmo tipo de pergunta a Landau, lembrei-me nesse momento. E tinha-se queimado.

— Como é que eu posso ter alguma ideia? —, retorqui Barley. — Nem sequer vi esse material, vocês não me deixam.

— Tem a certeza de que Goethe não lhe deu qualquer indicação, qualquer indício? Uma confiança de autor para editor, uma sugestão daquilo que ele poderia vir a fornecer-nos um dia, se ambos cumprissem as respectivas promessas? Para além daquilo que já nos contou — para além de toda aquela conversa muito genérica sobre armamentos e inimigos irreais?

— Conte-lhes tudo o que me lembro —, disse Barley, abanando a cabeça, confuso.

Tal como Johnny, também Bob se pôs a olhar de soslaio para a pasta que segurava sob a mesa. Só que Bob o fazia com genuíno embaraço. — Barley, nas seis visitas que fez à União Soviética nos últimos sete anos, manteve algum contato, ainda que breve, com pacifistas, dissidentes ou outros grupos não oficiais dessa natureza?

— Isso é um crime? — Clive interveio de imediato. — Responda à questão, sim? — Espantosamente, Barley obedeceu. Por vezes Clive era simplesmente muito insignificante para o poder impressionar. — Conhece-se todo o tipo de pessoas, Bob. Gente do jazz, gente dos livros, intelectuais, jornalistas, artistas — a sua questão não tem resposta possível. Lamento.

— Então talvez eu possa dar uma volta a essa questão e perguntar-lhe se nunca se deu com pacifistas na Inglaterra.

— Não faço ideia. — Barley, por acaso não tem ideia de que dois membros de um certo grupo de blues em que você tocou, entre 1977 e 1980, estiveram ligados à campanha a favor do desarmamento nuclear, para além de participarem noutras iniciativas pacifistas?

Barley pareceu surpreendido, embora um tanto ou quanto deliciado. — A sério? E quem são eles?

— Ficaria surpreendido se eu lhe dissesse que se trata de Maxi Burris e Bert Wunderley?

Barley desatou num riso jovial, o que deixou todo mundo divertida, à exceção de Clive. — Por amor de Deus, Bob! Não lhes chame pacifistas. O Maxi era comuna de cabeça aos pés. Se alguma

vez tivesse tido uma bomba nas mãos, pode crer que a atirava para as Câmaras do Parlamento. E o Bert apoiaria.

— É verdade que eram homossexuais? —, perguntou Bob, com um sorriso de raposa velha.

— O mais possível —, concordou Barley com um ar satisfeito. Após o que, com alívio evidente, Bob guardou a sua folha e olhou de soslaio para Clive avisando que tinha acabado, e Ned propôs a Barley que fossem tomar um ar. Walter, em jeito de convite, encaminhou-se para a porta e abriu-a. Ned devia querê-lo no papel de antagonista, pois de outro modo Walter não se teria atrevido a acompanhá-los. Barley hesitou por um momento, depois pegou numa garrafa de scotch e num copo e enfiou-os nos bolsos, num gesto com que talvez pretendesse chocar-nos. Assim equipado, seguiu-os num passo lento, deixando-nos sozinhos e em silêncio.

— As perguntas que lhe fez eram de Russel Sheriton? —, perguntei a Bob, num tom manifestamente amistoso.

— O Russel é muito brilhante para as porcarias que agora acontecem, Harry — —, respondeu Bob com evidente desagrado. — Isto não são coisas para ele.

As lutas pelo poder em Langley constituíam um mistério mesmo para aqueles que nelas estavam envolvidos, e obviamente — por muito que pretendêssemos o contrário — para os nossos barões do décimo segundo andar. Mas quando as águas andavam mais agitadas e as intrigas ferviam, o nome de Sheriton aparecia frequentemente como o que tinha mais possibilidades de ficar no topo da pirâmide.

— Então quem é que as autorizou, Bob? —, perguntei, ainda a propósito das questões que ele pusera a Barley. — Quem é que as escolheu?

— Talvez o Russell.

— Você acabou de dizer que o Russell era brilhante demais para se meter nestas coisas!

— Talvez ele precise de manter os seus boiardos calmos —, respondeu Bob, incomodado, acendendo o cachimbo e apagando o fósforo.

Acabada a conversa, preparamo-nos para a longa espera.

Era uma árvore enorme, pela sua sombra a mais procurada daquele jardim público perto do rio. Estive por várias vezes sob essa árvore, sentado ou não, admirando o nascer do sol sobre o porto, com a

gabardina cinzenta cheia de lágrimas de orvalho. Por vezes, durante o dia, pude ouvir, sem nada compreender, os discursos de um velho místico com rosto de santo que gosta de receber seus discípulos ali. Discípulos de todas as idades. Todos o chamam de O Professor. O banco foi construído em volta do tronco e braços de ferro dividem-no em vários assentos. Barley sentou-se no centro, entre Walter e Ned. Tinham estado num bar frequentado por marinheiros sonolentos e depois num mirante, isto segundo Barley, já que Ned, sabe-se lá por que, se recusa a lembrar-se do mirante. Agora tinha regressado ao vale para a conversa final. Brock ficara no carro alugado, de onde podia vê-los perfeitamente, já que só um gramado o separava deles. Dos armazéns no outro lado da rua vinham gemidos de gruas, um arfar de caminhões, gritos de pescadores. Eram cinco da manhã, mas o porto estava acordado desde as três. As primeiras nuvens da aurora ganhavam forma e irrompiam nos céus como se fosse o primeiro dia da criação.

— Arranjem outro —, disse Barley. Já o tinha dito antes várias vezes, usando outras palavras. — Eu não sou o homem de que vocês precisam.

— Não fomos nós que o escolhemos —, disse Ned. — Quem o escolheu foi Goethe. Seria uma maravilha se conhecêssemos outro processo de entrar em contato com ele sem a sua ajuda. O problema é que ele gostou de você. Provavelmente esteve uma quantidade de anos à espera que aparecesse alguém como você.

— Ele escolheu-me porque eu não era um espião —, disse Barley. — Escolheu-me porque me ouviu cantar aquela maldita ária e gostou.

— Mas você não se vai transformar num espião —, disse Ned. — Vai continuar a ser um editor. O editor dele. Não vai fazer outra coisa senão colaborar com o seu autor e conosco ao mesmo tempo. Que há de errado nisso?

— Você é um tipo que sabe prender as pessoas, Barley, para além de ser inteligente —, disse Walter. — Não admira que beba. Há vinte anos

que está subaproveitado. Esta é a sua grande oportunidade de brilhar. Teve sorte.

— Brilhar, já brilhei em Peredelkino. Sempre que brilho, os fusíveis rebentam, fica tudo às escuras.

— Inclusivamente poderá pagar as suas dívidas —, disse Ned. — Três semanas de preparação em Londres enquanto espera pelo visto, uma bela semana em Moscou e acabam-se todos os problemas.

Com a prudência que nele era inata. Ned evitara a palavra — treino.

Mas Walter intervém novamente, misturando chicotadas e ditos lisonjeiros, sempre excessivo; no entanto, Ned deixa-o falar. — Ora, não acredito que o Barley atribua assim tanta importância ao dinheiro, ele está muito acima dessas coisas! O que interessa é que é uma ação importante para o seu país. Quantas pessoas não gostariam de estar no seu lugar! Sonham com uma oportunidade destas, anseiam por ela toda a vida. Em vão. E afinal, quando você acabar o trabalho, volta para o seu país e pode gozar calmamente os benefícios de ser um cidadão britânico, sabendo que os merece ainda que deles escarneça, e que a eles tem direito, e que são algo por que temos de lutar como tudo o mais.

E Ned tinha feito bem em deixá-lo falar. Barley desatou a rir e disse a Walter qualquer coisa como — acabe-me lá com isso.

— E se pensar bem verá que é também uma ação importante para o seu autor —, interveio Ned, mais terra a terra. — Está nas suas mãos protegê-lo, salvá-lo. Se ele está decidido a divulgar segredos de Estado, o mínimo que você pode fazer por ele é colocá-lo em contato com as pessoas competentes. Você é um homem de Harrow, não é? —, acrescentou, como se tivesse acabado de se lembrar desse pormenor. — Creio que li algures que você andou em Harrow.

— Em Harrow limitei-me a ir à escola —, disse Barley e Walter soltou mais um dos seus risos piados, a que Barley se associou por uma questão de cortesia.

— Diga-me, Barley, por que você se candidatou aos Serviços, muitos anos atrás? Lembra dos motivos que o levaram a candidatar-se? —, perguntou Ned. — Terá sido por sentido do dever?

— Queria me afastar da firma do meu pai. O meu professor me aconselhou a lecionar numa escola preparatória. O primo Lionel disse para procurar a espionagem. E vocês me rejeitaram.

— Pois é. Creio que não podemos fazer-lhe esse favor uma segunda vez —, disse Ned.

Como velhos camaradas, os três homens perscrutaram em silêncio a paisagem do rio. Um grupo de navios de guerra cavalgava a

foz, os cordames visíveis na escuridão, como se fossem colares de luzes.

— Olhe que sempre pensei que isto viria a acontecer, sempre sonhei que um deles escaparia da norma —, lançou subitamente Walter, falando para o mar. — Sou de alma e coração um homem de Deus, disso não tenho dúvida. Ou então serei um marxista falhado. Sempre acreditei que mais tarde ou mais cedo a história deles acabaria por produzir um dos nossos. O que sabe de ciência? Nada. Claro. Você é daquela geração... as últimas virgens das artes. Se lhe perguntasse o que são intensidades de fogo, era capaz de pensar que eu estava falando do preparo de bolos.

— Provavelmente —, concordou Barley, rindo de novo, involuntariamente.

— E ECP? Não faz ideia do que seja?

— Infelizmente não gosto de iniciais.

— Erro circular provável. Diz-lhe alguma coisa?

— Sou um perfeito analfabeto nessas coisas —, retrucou Barley, num dos seus imprevisíveis acessos de mau humor.

— E recalibrar? Quem ou que coisa recalibramos, e com quê? — Barley nem se incomodou em responder. — Muito bem. Agora diga-me o que é o Grande Filho da Puta, vulgarmente conhecido nos meios como o GFP. Espero que esta linguagem não ofenda os seus ouvidos. É inglês do melhor ...

Barley encolheu os ombros.

— O GFP* era o supermíssil soviético SS9 —, explicou Walter.

**No original, BMF (Big MotherFucker)*

— Apareceu publicamente num Desfile de Primeiro de Maio, nos anos negros da Guerra Fria. Suas dimensões eram impressionantes e mais tarde foi creditado como uma pegada notável. Também não lhe diz nada? Não interessa, dirá. A pegada, neste caso, eram três enormes buracos nos desertos da Rússia, buracos que se assemelhavam à configuração do grupo de silos Minuteman com o seu centro de comando. A questão estava em saber se os supermísseis possuíam ogivas suscetíveis de serem disparadas independentemente e se, dessa forma, os soviéticos podiam atingir três silos americanos ao mesmo tempo. Os que não quiseram acreditar nessa eventualidade concluíram que as pegadas não passavam de mero acaso. Os que quiseram acreditar subiram o tom e disseram que as ogivas eram para destruir

idades e não silos. Os crentes venceram e logo obtiveram luz verde para o programa ABM. Pouco importa que a teoria deles tenha sido desacreditada três anos depois. A teoria passou, mas eles ficaram. Estou vendo que não consegue me seguir.

— Desde o princípio —, disse Barley.

— Não faz mal, tenho certeza que aprende depressa —, garantiu satisfeito Walter, virando-se para Ned. — Os editores pescam de tudo com facilidade.

— Mas haverá algum mal em conhecer, Barley? —, queixou-se Ned no tom de um homem simples farto de conversas complicadas. — É isso que eu não consigo fazer você compreender. Não estamos pedindo que construa os malditos mísseis nem que aperte o botão. Pedimos apenas que nos ajude a melhorar o conhecimento que temos do inimigo. Se não gosta do nuclear, tanto melhor. E se o inimigo se revela um amigo, qual é o problema?

— Pensei que a Guerra Fria tivesse acabado —, disse Barley.

— Acabado?! Pelo amor de Deus, Barley! —, exclamou Ned, quase sussurrando, num alarme aparentemente sincero.

Walter, em contrapartida, não se mostrou tão comedido. Walter queria destacar sua indignação, e é possível que estivesse mesmo indignado. Ele era capaz de fazer caretas em qualquer momento e até de fazer várias caretas ao mesmo tempo. — Isso não passa de teatro político e bem barato, tudo falsas amizades! —, bufou ele. — Estamos metidos na maior querela ideológica de toda a história e você vem me dizer que a guerra fria acabou, só porque um punhado de homens de estado acha conveniente cumprimentar-se em público e desfazer-se de meia dúzia de brinquedos obsoletos. Ah, OK, então o império do mal está de joelhos, não é? A economia, um desastre, a ideologia no prego, os quintais explodindo na cara... Mas não me venham dizer que isso é uma razão para desativarmos as nossas armas, porque não acredito. É uma razão sim para os espiarmos bem espiados vinte e cinco horas ao dia e para lhes darmos um valente pontapé nos tomates sempre que eles tentem levantar a cabeça. Deus sabe quem eles não pensarão que são daqui a dez anos!

— Suponho que entenda que, se desistir de Goethe, estará deixando-o nas mãos dos americanos —, disse Ned, numa atitude informativa meramente prática. — O Bob não o deixará escapar, por que razão haveria de fazer tal coisa? Não se deixou enganar por aqueles

modos à Yale, espero. Como você vai conseguir viver consigo mesmo, sabendo o que acontecerá nesse caso?

— Eu não quero viver comigo mesmo —, disse Barley. — Sou decerto a pior criatura com quem poderia viver.

Uma nuvem cor de ardósia trespassada pelos raios vermelhos do sol deslizou pelo céu, antes de se dispersar em fragmentos.

— A questão resume-se a isto —, disse Ned. — Sei que é rude e pouco inglês da minha parte, mas mesmo assim vou dizer. Você quer ser um participante passivo ou ativo na defesa do seu país?

Barley estava ainda a preparar uma resposta quando Walter lhe forneceu, e num jeito tão conclusivo que qualquer contestação estaria votada ao fracasso. — Você pertence a uma sociedade livre. Não tem escolha possível —, disse.

A azáfama do porto crescia com o dia, Barley levantou-se lentamente e levou as mãos às costas. Parecia ter uma dor permanente mesmo acima da cintura. Talvez daí lhe viesse o jeito inclinado das costas.

— Qualquer igreja decente já vos teria condenado à fogueira há muitos, muitos anos —, comentou, exausto. Virou-se para Ned, espreitando-o por sobre os seus óculos muito pequenos. — Eu sou o homem errado —, avisou-o. — E vocês são loucos se recorrem a um.

— Não é só você que é o homem errado. Todos somos —, respondeu Ned. — Lidamos com coisas erradas.

Barley atravessou o gramado, tateando os bolsos à procura das chaves. Entrou por uma rua secundária. Ned e Walter não o viam mais, mas Brock seguiu-o lentamente e sem dar na vista. A casa tinha forma de cunha, estreita na fachada, larga nos fundos. Barley abriu a porta da rua e fechou-a atrás de si. Acertou o relógio e começou a subir as escadas, mantendo um passo sereno porque tinha ainda um longo caminho à frente.

Era uma boa mulher, não tinha culpa de nada. Todas eram boas mulheres. Eram mulheres para quem ele significava uma missão, o mesmo que eu em tempos signifiquei para Hannah — a missão de salvá-lo, de o aliviarem de todas as preocupações, de porem a funcionar todos os seus muitos, imensos talentos, de o ajudarem a recomeçar tudo de novo e a esquecer-se de todos os recomeços que já tinha feito na vida. E Barley tinha-a encorajado, tal como tinha encorajado todas as outras. Tinha ficado ao lado delas, como se estivesse à cabeceira do

paciente, como se o paciente não fosse ele mesmo, como se ele fosse afinal um membro da equipe médica. — Então o que vamos fazer a este desgraçado para que funcione?

A única diferença é que ele nunca acreditara no remédio, tal como eu, aliás.

Ela estava deitada, de rosto colado à almofada, exausta e possivelmente a dormir. Tinha limpo o apartamento. Como os prisioneiros limpam as celas, como todos cuidados da campa de um ente querido recentemente falecido, tinha posto a brilhar a superfície de um mundo que não podia alterar. Era possível que outras pessoas dissessem a Barley que ele era muito duro consigo mesmo. As mulheres, porém, diziam frequentemente. Que ele não devia sentir-se responsável pelas duas metades de cada relação que se malograva. Mas Barley é que sabia. Conhecia a distância entre si mesmo e tudo o mais. Nesses tempos ele era ainda o grande especialista da sua própria incurabilidade.

Tocou-lhe no ombro mas ela não se mexeu. Concluiu que estava acordada.

— Tive de ir à Embaixada —, disse. — Há gente em Londres que não

me quer deixar em paz. Tenho de voltar e dar a cara, caso contrário confiscam-me o passaporte.

Retirou uma mala que estava debaixo da cama e começou a enchê-la com as camisas que ela tinha passado a ferro.

— Disseste que desta vez não voltavas —, acusou ela. — Que já tinhas servido a pátria o bastante. Que já tinhas cumprido a sentença toda. Foi isso o que disseste.

— Marcaram-me lugar no primeiro voo. Não posso fazer nada. Daqui a pouco tenho aí um carro à porta para me levar ao aeroporto —. Foi à casa de banho buscar a escova dos dentes e o estojo da barba. — Caiu-me tudo em cima —, gritou. — Não posso fazer nada.

— E eu volto para o meu marido —, disse ela. — Fica aqui. Aproveita o apartamento. E tudo o mais. Eu só demoro umas semanas. Depois, acabou-se.

— Se não me tivesses dito aquilo tudo, não havia problemas. Não me sentiria infeliz se se tratasse apenas de uma relação passageira. Devias ler as tuas cartas. Devias ouvir-te a ti mesmo.

Barley não olhou para ela. Estava curvado sobre a mala. — Não faças a mais ninguém o que me fizeste —, disse ela. Era o máximo que a calma dela permitia. Começou a soluçar e a soluçar ficou quando ele fechou a porta, e continuava a soluçar na manhã seguinte, quando lhe expliquei vagamente o que se passava e lhe pus uma declaração debaixo do nariz e lhe perguntei o que ele lhe tinha dito. Não lhe tinha dito nada. Contou a história toda, mas defendeu-o com unhas e dentes. Defendê-lo-ia até à morte. Hannah teria feito o mesmo. Fá-lo ainda, cumpre ainda uma lealdade excessiva, apesar de as suas ilusões terem morrido.

Ned e a sua gente tinham apenas três semanas para porem Barley em forma. Três fins de semana e quinze dias que só começavam às cinco da tarde, quando Barley escapulia do escritório da editora.

Mas Ned fez o trabalho como só ele poderia fazer. Ned era capaz de manter os instrutores acordados toda a noite e de ficar ele acordado toda a noite e todo o dia. E Barley, com a inconstância que nele era inata, começou por reagir mal a todas as dificuldades que lhe foram aparecendo, até que acalmou, até que ganhou uma expressão compenetrada, que se foi tomando notoriamente grave à medida que o dia da partida se aproximava. Frequentemente, parecia adotar sem qualquer objeção toda a ética da nossa atividade. No fim de contas, declarou certa vez a Walter, ser não é sempre parecer? Mas é isso mesmo!, exclamou Walter, deliciado — e isso não se aplica apenas à nossa profissão! E a identidade do homem não será sempre um disfarce?, insistia Barley; e o único mundo que vale a pena não será precisamente o mundo secreto de cada um? Walter garantia-lhe que assim era e aconselhava-o a arranjar residência permanente antes que os preços subissem.

Barley tinha gostado de Walter desde o início, tinha gostado da sua fragilidade e, vejo-o agora, da sua transitoriedade. Parecia saber desde o princípio que estava a cumprimentar um homem em permanente risco de infração e, por isso, a um passo da exclusão. Mas havia momentos em que o rosto de Barley se tomava tão vazio como um túmulo aberto. De qualquer modo, Barley era uma criatura pendular e só assim era igual a si mesmo.

Mas o mais importante foi que gostou decididamente da atmosfera familiar com que Ned, dotado de um instinto muito apurado para o apoio a hesitantes, o brindava assiduamente — as ceias com as

suas intermináveis conversas, a noção de partilha e de comunidade, o fato de ser a estrela da família, as partidas de xadrez com o velho Palfrey, para quem Ned astuciosamente empurrava Barley, de modo a contrabalançar a influência inquietantemente efêmera de Walter.

— Apareça sempre que quiser —, disse Ned com uma palmadinha amigável.

E assim passei a ser o velho Harry também para Barley. Harry, meu velho, vamos a uma partidinha de xadrez? Harry, meu velho, porque é que não fica para a ceia? Harry, meu velho, onde é que está o raio do seu copo?

Ned convidava Bob moderadamente, mas nunca convidou Clive. Aquele era o seu filme e Barley era o seu ator. E ele sabia como seduzir Barley.

Para instalar a fortaleza, Ned tinha escolhido uma bela casa de campo eduardiana em Knightsbridge, uma área de Londres onde Barley não tinha amigos ou conhecidos. Clive não gostou do preço, mas como eram os americanos que pagavam, suas reticências não faziam sentido. A casa ficava num beco, a menos de cinco minutos do Harrods. Fui eu que a aluguei, em nome do Grupo de Investigação e Ação Ética, uma associação caritativa que registrara anos antes e que entretanto suspendera as suas atividades à espera de melhores dias. Uma governanta dos Serviços especialmente simpática, Miss Coad, ficou à frente da casa depois de ter cumprido todas as formalidades relacionadas à operação Ave Azul. O piso de cima, constituído pelo quarto das crianças, foi convertido em modesta sala de conferências e, tal como todas as outras divisões, confortáveis e bem mobiliadas, ficou recheado de microfones.

— Esta será a sua casa enquanto isso durar —, disse Ned a Barley, enquanto mostrávamos os cômodos. — Aqui é seu quarto, para o caso de precisar, esta é sua chave. Use o telefone à vontade, mas lembre-se de que ouviremos as conversas. Por isso, se for algum assunto privado, recorra à cabine no outro lado da rua.

Por precaução, tinha pedido também autorização ao Ministério do Interior para pôr sob escuta a cabine telefônica. Com a justificativa de sempre: interesses americanos muito fortes.

Como não éramos grandes amantes de dormir, Barley e eu ficávamos jogando xadrez depois de todos os outros estarem deitados. Ele era um adversário impulsivo e frequentemente brilhante, mas

faltava-lhe minha veia calculista e, por outro lado, eu conhecia muito mais suas fraquezas do que ele as minhas. Afinal eu tinha lido seu processo. Mesmo assim lembro-me de alguns jogos em que ele num instante percebia tudo e com três ou quatro jogadas e um berro de prazer me forçava a desistir.

— Peguei você, Harry! Peça já desculpas! Que vergonha! — Mas quando recomçávamos, era visível que ficava impaciente. Começava andando de um lado para o outro e a dar estalos com os dedos enquanto a sua mente se ausentava para mais uma das suas viagens.

— É casado, Harry?

— Sou, mas não pareço —, retorqui.

— O que é que isso quer dizer?

— Tenho uma mulher no campo e vivo na cidade.

— Há muito tempo?

— Há uma eternidade —, disse eu descuidadamente, de imediato arrependido por não ter dado outra resposta.

— Você a ama?

— Meu caro amigo! —, repliquei eu. No entanto seu olhar fixo significava que queria uma resposta.

— Creio que sim. A distância. Sim, eu a amo —, acrescentei, relutante.

— E ela, retribui?

— Estou convencido disso. Há muito tempo que não pergunto.

— Criancinhas?

— Um rapaz. Já nos trinta.

— Vê-o regularmente?

— Recebo um postal de boas-festas no Natal, vejo-o em funerais e casamentos. À nossa maneira somos bons amigos.

— O que ele faz?

— Há tempos andou de namoro com as leis, agora faz dinheiro.

— E é feliz? — Estava ficando irritado, coisa que já não me acontecia há muito tempo. Ele não tinha nada a ver com as minhas definições de felicidade e amor. Não passava de um calouro. Eu é que tinha o direito de indagar, de enrolá-lo, o contrário não estava previsto. Mas o mais invulgar de tudo era que eu deixava transparecer a minha irritação. A verdade é que deixava, pois dei com ele fitando-me inquieto, pensando certamente que tinha mexido sem querer em alguma tragédia

familiar. Depois, corou e afastou-se, procurando um outro tema capaz de nos distrair, de salvar uma situação para ambos difícil.

— Ele não rejeita o seu papel, é o que eu acho, sir —, disse a Ned um tal Mr. Candyman, especialista na última novidade em microfones. — Não digo que tenha o temperamento certo para a função, mas a verdade é que escuta com atenção e quanto à memória, bem, a memória é uma maravilha, não se esquece de nada. — É um cavalheiro, Mr. Ned, é do que eu gosto nele —, comentou uma informadora, encarregada de ensinar a Barley os rudimentos das artes da rua. — É inteligente e tem imenso sentido de humor, o que, como eu costumo dizer, já é meio caminho andado para aprender a ter olho.

Mais tarde, viria a confessar que tinha rejeitado as suas propostas amorosas, de acordo com as regras dos Serviços, mas que, graças a ele, se tornara uma devotada leitora de Scott Fitzgerald.

— Isto é só passes de magia —, declarou Barley, enfasiado, no final de uma extenuante sessão sobre as técnicas da escrita secreta. Mas mesmo assim via-se que tinha gostado.

E com a aproximação do dia fatal, a sua submissão foi-se tornando absoluta. Mesmo quando mandei chamar o guarda-livros dos Serviços, um verdadeiro estafermo chamado Christopher, que tinha consagrado cinco dias a uma aterradora inspeção dos livros da Abercrombie & Blair, Barley, ao contrário do que eu esperava, não se mostrou especialmente revoltado.

— Mas, Chris, não há editor que não esteja falido! —, protestou, vagueando pela acolhedora sala de estar ao ritmo da sua própria agitação, agarrando com firmeza o copo de uísque, embora os joelhos fraquejassem quando dava passos mais longos. Os tubarões como o Jumbo comem as folhas e nós roemos a casca. — E, imitando os alemães: — Vocês têm seus métodos, nós temos os nossos.

Mas tanto eu como Ned ficamos preocupados. E Chris também. A operação precisava dar certo e tínhamos medo de que Barley falisse em meio aos acontecimentos. Um medo de pesadelo.

— Mas, para que hei de querer um raio de um editor?! —, exclamou Barley, gesticulando com os martirizados óculos. — Não posso pagar um raio de um editor. Minhas santas tias de Ely põem no prego as medalhas se eu contratar um raio de um editor!

Mas nessa altura já eu tinha sondado e convencido as santas tias. De fato, durante um almoço em Rules, conseguira vencer todas as

resistências de Lady Pandora Weir-Scott, a quem Barley chamava de a Vaca Sagrada, por seu fervor pela igreja. Investido do papel de Pontífice do Foreign Office, expliquei-lhe, com os maiores segredos, que a Abercrombie & Blair receberia, por baixo da mesa, uma doação destinada à promoção das relações culturais anglo-soviéticas. Mas que não dissesse uma palavra, do contrário o dinheiro iria parar numa editora que o merecesse.

— Bom, parece que eu mereço esse dinheiro mais do que qualquer pessoa —, asseverou Lady Pandora, espetando os cotovelos para extrair o que ainda restava de sua lagosta. — Experimente governar Ammerford com trinta mil por ano e vai ver se eu não mereço.

Maliciosamente, perguntei-lhe se podia abordar o sobrinho com total segurança.

— Nem pense nisso! Deixe-o comigo. Ele não distingue dinheiro de esterco e além disso não consegue mentir, seja em que circunstância for.

A necessidade de providenciar um zelador para o escritório de Barley parecia de súbito mais urgente. — Você pôs um anúncio no jornal pedindo um funcionário —, explicou Ned, mostrando a Barley um pequeno anúncio publicado na imprensa cultural dos últimos dias. *Editora britânica com nome firmado procura leitor de russo qualificado tendo em vista promoção a editor, 25 a 45 anos, ficção e temas técnicos, curriculum vitae.*

E no dia seguinte, Leonard Carl Wicklow apresentou-se para a entrevista nas muito hipotecadas instalações da Abercrombie & Blair, Norfolk Street, Strand.

— Está aqui um anjo e é para você, Mr. Barley —, ribombou a voz encharcada em gim de Mrs. Dunbar, através do velho intercomunicador. — Digo-lhe que entre?

Um anjo com cliques de ciclista e mochila nas costas. Um rosto perfeitamente angelical, sem sinal de preocupação, cachos angelicamente louros. Olhos azuis de anjo, de que toda a maldade estava ausente. Um nariz angelical, tão misteriosamente torto que a vontade era dar um tapa para endireitá-lo. Ned tinha pedido a Barley que o entrevistasse da forma mais normal possível. Leonard Carl Wicklow, nascido em Brighton em 1964, diplomado com distinção. Estudos eslavos e leste-europeus. Universidade de Londres.

— Ah, é você, entre, ótimo. Sente-se —, rosnou Barley. — Diga-me uma coisa... o que o atrai a esta profissão? Olhe que a edição é um negócio absolutamente nojento... —. Barley tinha almoçado com a mais estridente de suas romancistas e ainda estava digerindo a experiência.

— Bom, na realidade, sir, tenho pela edição um interesse continuado. Há muito tempo —, disse Wicklow com um sorriso de entusiasmo angelical.

— Bom, se ficar conosco certamente deixará de ter um interesse *continuado*, avisou Barley, irritado com aquele inopinado atropelo à língua inglesa. — É provável que persista. Pode ser que resista. Até pode acontecer que triunfe. Mas pode estar certo de que, enquanto eu estiver no leme, não terá pela edição um interesse *continuado*.

— Ainda não saquei se esse malandro late ou ronrona —, resmungou Barley em conversa com Ned, nessa mesma noite, em Knightsbridge, enquanto subíamos os três as estreitas escadas da casa de campo para a reunião diária com Walter.

— Olhe que faz ambas as coisas muito bem —, respondeu Ned. Os seminários de Walter deixavam Barley perfeitamente subjugado. Era um êxito todos os dias. Barley gostava de pessoas frágeis, de pessoas cuja atitude perante a vida revelasse sempre insegurança, e Walter tinha o ar de quem se ia cair da ponta do mundo sempre que se levantava da cadeira. Falavam das artes do ofício, de teologia nuclear, da aterradora história da ciência soviética de que a Ave Azul — fosse ela quem fosse — era inevitavelmente herdeira. Walter era muito bom professor para revelar sobre que assunto tratava, e Barley era um aluno muito interessado para se permitir perguntar.

— Controle? —, gritava indignado Walter, o ás dos falcões. — Diga sinceramente se há distinção possível entre controle e desarmamento, seu pateta! Minorar a crise mundial?! Foi isso que eu ouvi? Mas onde leu essa asneira? No *Guardian*? Nossos dirigentes adoram as crises. Festejam as crises. Os nossos dirigentes passam o tempo às voltas pelo mundo à procura de crises, pois só assim conseguem excitar suas moribundas libidos!

E Barley, longe de ficar ofendido, esticava-se todo na cadeira, atento e deliciado, gemia e aplaudia e chorava por mais. Por vezes rebatia Walter. Saltava da cadeira e com um passo pesado percorria a sala, gritando — Mas espera aí, diabos! Há um mas.

Tinha memória e capacidade, como Walter previra. E a sua virgindade científica não resistira ao primeiro assalto, quando Walter fez a sua conferência introdutória acerca do equilíbrio do terror, conseguindo transformá-lo num inventário de todas as loucuras da humanidade.

— Não há saída possível —, anunciou, certo dia, com um ar perfeitamente satisfeito. — E não são os sonhos e as fantasias que vão produzir essa saída, O demônio não voltará ao seu frasco, a confrontação será para todo o sempre, o abraço estreita-se cada vez mais e de geração em geração os brinquedos vão-se tornando cada vez mais engenhosos e nenhum dos dois lados terá alguma vez segurança que baste. Nem os manda chuvas, nem os sacaninhas dos recém-chegados ao clube que todos os anos arrecadam mais uma bombinha. Estamos cansados de acreditar nisso, porque somos humanos. Podemos até cair na ilusão de que a ameaça acabou. Nunca acabará. Nunca, nunca, nunca.

— Então quem é que nos salva, Walt? —, perguntou Barley. — Você e o Nedsky?

— Se alguma coisa nos salvar será decerto a vaidade, mas duvido que Ned, com a terminação “Sky”, tenha a salvação —, respondeu Walter. — Nenhum dirigente quer ficar na história como a besta que destruiu seu país numa tarde. E medo também, suponho. A maior parte dos nossos garbosos políticos opõem de fato uma objeção narcisista ao suicídio, e graças a Deus que é assim.

— Tirando a vaidade e o medo, não há qualquer esperança?

— Para o homem, não —, respondeu satisfeito Walter, e a resposta não era surpreendente, vinda de um homem que por mais de uma vez tinha considerado a hipótese de receber ordens sacras em vez das dos Serviços.

— Então qual é o objetivo de Goethe? —, perguntou Barley a outra altura, num tom exasperado.

— Ah, salvar o mundo, sem dúvida. Todos nós gostaríamos de salvar o mundo.

— Salvá-lo, como? Qual é a mensagem dele?

— Isso cabe a você descobrir, não?

— Mas o que ele nos disse até agora? Por que eu não posso saber?

— Meu caro amigo, não seja tão infantil —, exclamou Walter com um ar arrogante, mas Ned interveio rapidamente.

— Você sabe tudo que precisa de saber —, disse ele com autoridade calma. — Você é o mensageiro. É para isso que você está equipado, é isso que ele quer que você seja. Ele disse que há muitas coisas que não funcionam no lado soviético. Pintou um quadro de fracassos em todos os níveis — inexatidões, incompetência, uma administração deficiente e, além de tudo isso, resultados falsificados de testes enviados a Moscou. Pode ser verdade, mas também pode ser que ele tenha inventado tudo. Ou talvez alguém tenha inventado por ele. De qualquer modo trata-se de uma história muito estranha.

— E nós achamos que é verdade? —, persistiu teimosamente Barley.

— Isso você não pode saber.

— Por que não?

— Porque sob interrogatório todo mundo fala. Os heróis já acabaram. Você fala, eu falo. Walter fala. Goethe fala, ela fala. Por isso, se lhe dissermos o que sabemos nos arriscamos a comprometer nossa capacidade de espioná-los. Conhecemos algum segredo deles? Se a resposta é não, então eles ficam sabendo que nos falta o software, ou o mecanismo, ou a fórmula, ou a estação subterrânea supersecreta que nos permitiria conhecê-lo. Mas se a resposta é sim, então eles reagem de forma evasiva, para que não continuemos a observá-los e a escutá-los utilizando esse método.

Barley e eu estávamos jogando xadrez enquanto a conversa decorria.

— Então acha que o casamento só funciona havendo alguma distância entre os dois envolvidos? —, perguntou, reatando nossa conversa como se nunca a tivéssemos abandonado.

— O casamento não sei, mas o amor, com certeza —, retorqui com um estremecimento exagerado e mudei rapidamente para assuntos menos íntimos.

Na noite antes da partida, Miss Coad preparou uma truta salmonada e poliu a baixela de prata. Bob foi convidado e apareceu com um belíssimo uísque e duas garrafas de Sancerre. Mas às nossas festividades reagiu Barley com a mesma disposição introspectiva, até que o animado Sermão Final de Walter o salvou das garras da melancolia.

— A questão é por que —, trilou subitamente Walter, a sua excêntrica voz enchendo toda a sala, enquanto se servia do meu copo

de Sancerre. — É isso que nós queremos saber. O porquê. Não a substância, mas o motivo. Por quê? Se acreditamos no motivo, acreditamos no homem. E então acreditaremos no seu material. No princípio não foi o verbo, não foi o ato, não foi a estúpida da serpente. No princípio foi Por quê? Por que ela colheu a maçã? Estava chateada? Curiosa? Pagaram a ela? Foi Adão que a incitou? Se não foi ele, quem foi então? O Diabo é sempre a capa, o disfarce de qualquer mulher. Ignoremos o diabo. Será que ela serviu de fachada a alguém? Não basta dizer “porque a maçã estava ali”. Essa resposta pode servir para o Everest. Pode servir para o Paraíso. Mas não serve para o caso de Goethe e não serve para nós e decerto não servirá para os nossos garbosos aliados americanos, não é verdade, Bobby?

E quando todos desatamos a rir, Walter cerrou os olhos e a sua voz soou ainda mais estridente.

— Pegue-se o caso da encantadora Katya! Por que Goethe a escolheu? Por que motivo a levou a arriscar a vida? E por que ela permitiu? Não sabemos. Mas temos de saber. Temos de saber tudo o que pudermos acerca dela porque, na nossa profissão, os correios são a mensagem. Se Goethe é sincero, então a cabeça dela corre perigo. Disso não há dúvida. Se ele não é sincero, que podemos então concluir acerca dela? Que inventou toda essa história? Será que ela está realmente em contato com ele? Estará em contato com outra pessoa e, sendo assim, com quem? — Espetou um indicador flácido na direção de Barley. — É aqui que você entra. Goethe pensará que você é um espião? Terão dito os outros que você é um espião? O que você tem de ser é um hamster. Armazene tudo o que puder. Deus ajude a você e a todos os que, simbolicamente, vão com você.

Discretamente, enchi outro copo e bebemos. Lembro-me do profundo silêncio que então se fez. Ouviam-se perfeitamente os sinos do Big Ben flutuando sobre o rio desde Westminster.

Só às primeiras horas da manhã, quando a partida de Barley chegava, é que lhe permitimos dar uma olhada nos documentos que com tanto empenho exigira em Lisboa — os cadernos de Goethe, recriados em fac-símile por Langley, em draconianas condições de sigilo, incluindo as grossas lombadas de cartão russas e as gravuras das capas mostrando crianças soviéticas encaminhando-se alegremente para a escola.

Recebendo silenciosamente os cadernos com ambas as mãos, Barley voltou nesse momento a ser o editor enquanto nós assistíamos curiosos à sua transformação. Abriu o primeiro caderno, espreitou para dentro, sentiu-lhe o peso e fez correr apressadamente as folhas, como se estivesse a calcular quanto tempo demoraria a lê-lo. Pegou depois no segundo, abriu-o numa página ao acaso, e vendo as linhas muito juntas fez uma cara queixosa, certamente porque o texto, além de manuscrito, usava só um espaço e não dois.

Depois vagueou pelos três cadernos, saltando de ilustração para texto e de texto para a efusão literária, com a cabeça rigidamente inclinada para trás e para o lado, como se estivesse determinado a reservar sua opinião.

Porém, quando ergueu a cabeça, reparei que seus olhos não estavam ali, e que fitavam talvez uma longínqua montanha que só ele podia ver.

Uma busca de rotina no apartamento de Barley em Hampstead, conduzida por Ned e Brock após sua partida, não revelou qualquer pista importante quanto ao seu estado de espírito. Encontraram na escrivaninha um caderno velho em que ele costumava tomar notas, em meio a uma impressionante confusão de papéis. As últimas notas pareciam recentes, e a mais significativa talvez fosse um dístico retirado da última obra de Stevie Smith.

— Tenho menos medo da noite escura Do que dos amigos que não conheço. — Escrupulosamente, Ned incluiu a citação no processo, mas recusou-se a concluir fosse o que fosse. Talvez Barley fosse muito simplesmente um tipo que não ficava minimamente nervoso na véspera da sua primeira aventura.

E nas costas de uma conta velha que estava no cesto dos papéis, Brock descobriu uma citação que mais tarde descobriu ser de Roethke, e que, por obscuras razões do seu foro íntimo, só mencionaria algumas semanas depois.

— É caminhando que aprendo o rumo do meu caminho.

Katya acordou sobressaltada e, como depois se convenceu, com a imediata consciência de que aquele era o dia aprazado. Era uma soviética emancipada, mas de superstição não conseguia livrar-se.

— Estava marcado —, disse para você mesma, mais tarde. Pelas cortinas coçadas passava um sol pálido, espreitando por entre os quartéis de cimento daquele subúrbio a norte de Moscou. À sua volta, os blocos de apartamentos com fachadas de tijolo, cheios de roupa a secar, erguiam-se para um céu vazio como gigantes cor-de-rosa vestidos de andrajos.

É segunda-feira, pensou. Estou na minha cama e não na rua. A rua era no sonho.

Por um momento deixou-se ficar quieta, perscrutando seu mundo secreto e tentando libertar a mente dos maus pensamentos. Vendo que seus esforços em nada resultavam, saltou da cama e, impulsivamente, como fazia com quase tudo, avançou com extrema perícia entre a roupa pendurada e os acessórios arruinados do banheiro, entrou na banheira e tomou uma ducha.

Landau tinha razão, Katya era de fato uma bela mulher. O seu corpo alto era cheio mas sem sombra de gordura, com uma cintura pronunciada e pernas fortes. Tinha um cabelo preto luxuriante, de uma beleza selvagem quando não lhe apetecia arranjá-lo. O rosto era travesso e ao mesmo tempo inteligente e parecia animar tudo à sua volta. Vestida ou nua, todos os seus gestos primavam pela graça. Terminado o banho, fechou as torneiras tanto quanto era possível. Para que a água não ficasse pingando, deu uma pancada nas torneiras com um martelo de madeira em cuja cabeça estava escrito “Tome esta!”. Cantarolando, pegou um pequeno espelho e voltou ao quarto para se vestir. De novo a rua: onde ficava aquela rua? Leningrado? Moscou? A ducha não tinha apagado o sonho.

O quarto era muito pequeno, a menor das três divisões que constituíam seu reduzido apartamento, uma alcova com um armário e uma cama. Mas Katya estava habituada àqueles limites e os movimentos rápidos com que penteava o cabelo, com que o enrolava e prendia, possuíam uma elegância cuja sensualidade não tinha nada de estudado. Claro que o apartamento seria muito mais pequeno se Katya

não tivesse direito a vinte metros extras por causa do seu trabalho. O tio Matvey valia mais nove metros; os gêmeos e o engenho dela tinham feito o resto. Não podia queixar-se.

Talvez fosse uma rua de Kiev ' pensou, lembrando-se de uma recente visita a essa cidade. Não. As ruas de Kiev são largas, a minha era estreita.

Enquanto se vestia, o prédio começou a acordar e Katya distraiu-se de bom grado a identificar os rituais do mundo normal. O primeiro som veio do apartamento ao lado: o despertador dos Goglidzes soando as seis e meia, seguido dos latidos dos galgos russos pedindo rua. Coitados dos Goglidzes, pensou, tenho que lhes dar um presente. No mês anterior, Natasha tinha perdido a mãe e na sexta-feira o pai de Otar fora às pressas para o hospital com um tumor no cérebro. Vou dar um frasco de mel a eles, pensou — e nesse mesmo instante pôs um sorriso irônico para um antigo amante, um pintor dissidente que, contra todas as leis da Natureza, tinha decidido manter um enxame de abelhas no telhado da sua casa, numa zona para lá do Arbat. Garantiam os amigos que esse pintor a tinha tratado o pior possível. Mas Katya, interiormente, sempre o defendera. No fim de contas ele era um artista, talvez um gênio. Era um belíssimo amante e, entre os seus acessos de fúria fora capaz de fazê-la rir. Acima de tudo, Katya amara-o porque ele conseguira o impossível.

Depois dos ruídos dos Goglidzes veio o choro da filha dos Volkhovs, que tinha os dentes a rebentar. Uma segundo depois, através do assoalho, ressoava a batida da aparelhagem japonesa, acabada de comprar, e que despejava o último rock americano. Como é que eles arranjavam dinheiro para aquilo?, pensou Katya, reincidindo na empatia — Elizabeth andava sempre grávida e Sasha ganhava cento e sessenta mensais: como era possível? Depois dos Volkhovs, surgiram os barulhos dos Karpovs, os antipáticos Karpovs, para eles só a Rádio Moscou. Uma semana antes, a varanda deles ruíra, matando um policial e um cão. Os brincalhões do prédio tinham proposto que se fizesse uma coleta para o cão.

Mas nesse momento ela era Katya, a abastecedora. Às segundas-feiras era possível obter galinhas e legumes frescos, vindos do campo, por vias privadas no fim de semana. A sua amiga Tanya tinha um primo que funcionava informalmente como intermediário de pequenos agricultores. Tenho de telefonar à Tanya.

Enquanto pensava nisto, lembrou-se dos bilhetes para o concerto. Já tinha tomado uma decisão. Logo que chegasse ao escritório perguntaria pelos dois bilhetes para o concerto da Filarmônica, que o editor Barzin lhe tinha prometido como indenização para as propostas desonestas que lhe fizera, completamente 'bêbedo, na festa do Primeiro de Maio. Katya nunca tinha reparado sequer nos avanços dele, mas Barzin andava sempre a torturar-se fosse com o que fosse, e quem era ela para poder mitigar a sua culpabilidade — em especial se esta assumia a forma de dois bilhetes para um concerto?

À hora do almoço, depois das compras, negociaria os bilhetes com Morozov, o porteiro, que lhe tinha prometido vinte e quatro sabonetes importados, embrulhados em papel ornamental. Com os sabonetes compraria a peça de tecido verde axadrezado, de pura lã virgem, que o gerente da loja de tecidos guardava para ela no armazém. Katya recusava-se terminantemente pensando nas razões que o levariam a guardar-lhe a peça. Nessa tarde, depois da recepção húngara, passaria o tecido a Olga Stanislavsky, a qual, em troca de favores a serem negociados, faria duas camisas de cowboy na máquina de costura alemã oriental que trocara recentemente pela antiga Singer da família. As camisas eram para o aniversário dos gêmeos. E talvez sobrasse tecido suficiente para pagar umas consultas privadas no dentista. Os gêmeos bem precisavam.

Portanto, adeus ao concerto. Estava decidido.

O telefone estava na sala de estar, onde dormia o tio Matvey. Um telefone que era uma preciosidade, vermelho, fabricado na Polônia. Volodya o surrubiara da fábrica e tinha tido a generosidade de não levá-lo quando dera sua escapada final. Nas pontas dos pés, para não acordar Matvey — e lançando-lhe um olhar terno, já que fora o irmão favorito do pai dela —, Katya pegou o telefone e encaminhou-se para o corredor. Chegada ao quarto, sentou-se na cama e começou a ligar ainda sem ter decidido com quem falaria em primeiro lugar.

Durante vinte minutos fez a ronda dos amigos, trocando sobretudo mexericos acerca dos lugares onde era possível fazer compras, mas falando também de coisas mais íntimas. Por duas vezes o telefone tocou logo depois de desligado. Aquele diretor de cinema checo de quem tanto se fala agora tinha estado no Zoya na noite anterior. Um homem devastador, dissera Alexandra, tinha de tomar uma decisão quanto à sua vida, tinha de lhe telefonar, mas que pretexto poderia usar?

Katya matutou e deu-lhe uma ideia. Três escultores de vanguarda, até então banidos, iam expor na União dos Trabalhadores Ferroviários. Por que não convidá-lo para a exposição? Alexandra ficou encantada. Era Katya quem tinha sempre as melhores ideias.

O mercado negro dos bifes era todas as quintas-feiras à noite, nos fundos de um caminhão-frigorífico que esperava os compradores na estrada para Sheremetyevo, anunciou Lyuba; pergunte por um tártaro chamado Jan, mas não o deixe aproximar-se de você! Havia ananás de Cuba numa loja atrás da rua Kropotkin, disse Olga; diga que vai da parte do Dimitri e pague o dobro do que eles pedirem.

Ao desligar, Katya descobriu que já estava farta do livro americano sobre desarmamento que Nasayan lhe tinha emprestado. Nasayan era o novo editor da seção de ensaios e outros da Outubro. Ninguém gostava dele, ninguém compreendia como tinha ficado com aquele cargo. Mas todo mundo notara que era ele quem ficava com a chave de uma copiadora, o que desde logo o catalogava como membro das mais negras hostes da burocracia. Katya tinha a estante no corredor abarrotada de livros desde o assoalho ao texto. Não foi fácil encontrá-lo. Aquele livro era um cavalo de Troia. Queria-o fora de casa, e com o livro ia Nasayan.

— Alguém vai traduzir? —, perguntou Katya com ar sério enquanto ele andava pelo gabinete dela, espreitando cartas, bisbilhotando manuscritos que ela ainda não lera. — É por isso que quer que leia?

— Achei que talvez lhe interessasse —, replicou ele. — Você é mãe. E uma liberal, seja qual for o significado dessa palavra. Você deu na vista por causa de Chernobyl e dos rios e também dos armênios. Se não quiser levar, não leve.

Depois de descobrir finalmente o imprestável livro entalado entre Hugh Walpole e Thomas Hardy, Katya embrulhou-o em papel de jornal e meteu-o na sacola, que pendurou na maçaneta da porta, porque ultimamente lembrava e esquecia de tudo com a mesma facilidade.

A maçaneta que nós compramos juntos na feira da ladra!, pensou, num acesso de compaixão. Volodya, meu pobre querido, meu intolerável marido, reduzido a acalantar a sua nostalgia histórica num apartamento comunal com mais cinco divorciados malcheirosos como ele!

Feitos todos os telefonemas, regou apressadamente as plantas e foi acordar os gêmeos. Estavam a dormir na diagonal numa cama que só dava para um. Fitou-os com enlevo, por um momento sem coragem para lhes tocar. Pôs então um sorriso, para que eles, ao acordarem, a vissem sorrir.

Durante a hora seguinte, Katya entregou-se totalmente às crianças: era assim que queria que fosse todos os dias. Fazia o mingau, descascava laranjas e cantava canções meio doidas com eles, acabando com a Marcha dos Entusiastas, a favorita dos três, que entoavam em coro, de cabeças baixas, como heróis da Revolução — sem que as crianças soubessem que a melodia pertencia a uma marcha nazista. Depois de tomarem chá, Katya fazia a merenda, pão branco para Sergey, pão escuro para Anna, uma almôndega dentro. Depois abotoava o colarinho de Sergey, ajeitava o lenço vermelho de Anna e dava-lhes um beijo, e nunca esquecia de penteá-los, porque o diretor da escola era um pan-eslavista que pregava que a limpeza era um ato de homenagem ao Estado.

Finalmente agachou-se e abraçou os gêmeos, como fazia todas as segundas-feiras nas últimas quatro semanas.

— Então digam-me o que fariam se a mamãe não voltasse para casa uma noite, se por exemplo tiver de correr para uma conferência ou visitar alguém doente? —, perguntou Katya com ar bem disposto.

— Telefonamos ao papai e dizemos para vir ficar conosco —, respondeu Sergey, libertando-se do abraço.

— E eu cuido do tio Matvey —, disse Anna. — E se o papai não estiver, o que farão? — Começaram aos risinhos, Sergey porque a ideia o perturbava e Anna porque a excitava a perspectiva de uma calamidade.

— Vamos para a tia Olga! —, exclamou Anna. — E depois mexemos no canário do relógio da tia! E o botamos pra cantar!

— E qual é o número do telefone da tia? Pode cantar para mim? — Cantaram os três, perdidos de riso. Os gêmeos ainda riam enquanto desciam as escadas fedorentas à frente da mãe. As escadas serviam de ninho de amor para os adolescentes e de bar para os bêbados e de banheiro aparentemente para todos, exceto eles. De mãos dadas, avançaram pelo parque em direção à escola. Katya no meio.

— E qual é o objetivo de sua vida, camarada ? —, perguntou Katya a Sergey com uma ironia feroz, enquanto apertava o colarinho

uma vez mais.

— Servir ao povo e ao Partido com todas as minhas forças.

— E?

— Não deixar que Vitaly Rogov me roube o almoço!

E foi ainda rindo que os gêmeos se afastaram dela e subiram as escadas de pedra da escola. Katya acenou-lhes até desaparecerem.

No metrô dedicou-se a observar tudo e todo mundo e os seus olhos pareciam perscrutar aquela paisagem com uma extrema clareza e como que ao longe. Reparou que os passageiros tinham todos um ar taciturno, como se ela própria não fosse um deles; parecia, por outro lado, que todos liam jornais de Moscou, coisa que um ano antes teria sido impensável, pois um ano antes os jornais serviam apenas para substituir o papel higiênico e vedar correntes de ar. Noutro dia qualquer talvez Katya lesse também um jornal durante a viagem; e se não fosse um jornal, talvez um livro ou um manuscrito da sua mesa de trabalho. Mas naquele dia, apesar dos seus esforços para se libertar daquele estúpido sonho, Katya vivia demasiadas vidas ao mesmo tempo. Cozinhava sopa de peixe para o pai, como castigo da sua

teimosia. Suportava uma lição de piano em casa da velha Tatyana Sergeyevna, que não deixava de censurar a sua pouca aplicação. Corria pela rua, incapaz de acordar. Ou então era a rua que corria atrás dela. Talvez por isso quase se tivesse esquecido de mudar de comboio.

Ao chegar aos escritórios, um prédio friamente moderno com a madeira lascada e o cimento úmido — que, na sua opinião, mais parecia abrigar uma piscina pública do que uma editora estatal —, ficou surpreendida com a presença de trabalhadores martelando e serrando no hall, e por um segundo permitiu-se a terrível fantasia de que estavam a construir um cadafalso para a sua execução pública.

— A verba já é nossa —, disse, ofegante, o velho Morozov, que tinha sempre uma palavra para ela. — O dinheiro no foi atribuído há seis anos. Finalmente agora um burocrata qualquer fez o favor de assinar o despacho.

O elevador estava em reparo, como de costume. Na Rússia, pensou Katya, os elevadores e as igrejas estão sempre em reparo. Subiu as escadas rapidamente, sem saber por que ia tão depressa, saudando alegremente todos os que precisavam de uma saudação alegre. Mais tarde, ao pensar na pressa com que subira as escadas, interrogou-se sobre se, inconscientemente, não teria adivinhado o toque

do telefone. De fato, ao entrar em sua sala lá estava o telefone berrando, à espera de uma mão que o acalmasse.

Pegou o receptor e ainda ofegante respondeu com um “Da”, mas era evidente que a resposta não deveria ter sido em russo, já que a primeira coisa que ouviu foi uma voz perguntando em inglês por Madame Orlova.

— Sou eu —, disse, também em inglês.

— Madame Yekaterina Orlova?

— Quem fala? —, perguntou com um sorriso. — Lord Peter Winisey? — Algum idiota dos meus amigos que resolveu brincar comigo. Deve ser o marido de Lyuba outra vez. Quer sair comigo, não me larga. Mas não era. De repente sentiu a boca seca.

— Bom, claro que você não me conhece. Meu nome é Scott Blair. Barley Scott Blair, da Abercrombie & Blair de Londres, editores. Estou aqui em viagem de negócios. Ao que parece, Niki Landau é nosso amigo comum. Niki cansou de insistir para que eu lhe telefonasse. Como tem passado?

— E o senhor, como tem passado? —, disse Katya, ouvindo-se a si mesma, sentindo uma nuvem de calor percorrendo-a de alto a baixo e uma dor no meio do estômago sob a caixa torácica. Nesse momento Nasayan entrou na sala, de mãos nos bolsos e com a barba por fazer, que era a sua maneira de mostrar profundidade intelectual. Ao ver que ela estava falando, curvou os ombros e fitou-a com expressão de ressentimento, desejoso de que Katya desligasse.

— Bonjour, Katya Borisovna —, disse num tom sarcástico. Mas a voz ao telefone voltava a falar, decidida a não largá-la. Era uma voz forte, o que a levou a pensar que se tratava de um homem alto. Era uma voz confiante, por isso devia pertencer a um homem arrogante, um daqueles ingleses que usam ternos caros, que não têm cultura alguma e que estão sempre com as mãos atrás das costas.

— Bom, vou dizer por que decidi ligar —, dizia a voz do outro lado. — Parece que Niki lhe prometeu procurar umas edições antigas de Jane Austen com os desenhos originais. É isso? — Não lhe deu tempo de responder. — Acontece que eu trouxe alguns livros — por acaso são uma maravilha — e gostaria de saber se poderíamos marcar um encontro num local que conviesse aos dois.

Cansado da sua carranca, Nasayan pôs-se a mexer nos papéis que estavam sobre a mesa, como era aliás seu hábito.

— É muito simpático de sua parte —, disse ela de boca colada ao bocal, falando o mais baixo possível. Em seu rosto não havia qualquer expressão, era um rosto sem vida, um rosto oficial. Era o rosto para Nasayan. À sua mente ninguém teria acesso. Só ela.

— Niki mandou também uma tonelada de chá Jackson's —, prosseguiu a voz.

— Uma tonelada? —, disse Katya. — De que está falando?

— Para ser sincero, eu nem sabia que ainda havia chá Jackson's. Eles tinham uma loja ótima em Piccadilly, a pouca distância do Hatchard's. Mas voltando ao que interessa, trouxe-lhe três tipos de chá diferentes que, aliás, estão aqui a minha frente.

Nesse momento a voz desapareceu. Foi preso, pensou ela. Ele não telefonou. Estou outra vez sonhando. Meu Deus, o que faço agora?

—... Assam, Darjeeling e Orange Pekoe. Mas que raio será um Pekoe? Parece nome de pássaro exótico.

— Não sei. Suspeito que seja uma planta.

— Suspeito que tenha razão. Bom, mas a questão é, como entrego isto? Vou encontrar você em algum lugar? Ou será que você pode passar pelo hotel para bebermos algo e fazermos uma apresentação formal?

Katya começava a apreciar a prolixidade de Barley. Estava dando tempo para se acalmar. Passou com os dedos pelo cabelo, descobrindo, para sua surpresa, que ainda estava em ordem.

— Não me disse em que hotel estava —, objetou com voz severa. Nasayan abanava a cabeça em sinal de reprovação. — Calcule só! É perfeitamente ridículo, tanto tempo falando e esqueci do hotel. Estou no Odessa, conhece? Fica no alto da rua dos antigos balneários públicos. Gosto muito deste hotel. Sempre que venho a Moscou procuro reservar quarto no Odessa, mas nem sempre é possível. Durante o dia tenho o tempo muito ocupado com reuniões — é sempre assim nestas viagens corridas — mas as noites, neste momento, estão relativamente livres, se para você estiver bem. Que tal hoje à noite? Assim não deixamos para amanhã o que podemos fazer hoje. Está de acordo?

Nasayan acendeu um de seus imundos cigarros, embora no escritório todo mundo soubesse que ela odiava tabaco. Depois de acender, suspendeu-o no ar e sorveu o fumo com os seus lábios femininos. Katya fez-lhe um trejeito de repulsa, mas ele a ignorou.

— Perfeitamente de acordo —, disse Katya no tom mais militar possível. — Esta noite tenho de ir a uma recepção oficial na mesma região. É uma recepção em honra de uma importante delegação da Hungria —, acrescentou, sem saber ao certo a quem pretendia impressionar. — Há muitas semanas que a estamos preparando.

— Ótimo. Maravilhoso. Sugira uma hora. Seis? Oito? Qual é a melhor hora para você?

— A recepção é às seis horas. Talvez possa aparecer às oito e quinze.

— Pois fica combinado oito e quinze. Não esqueceu o nome, não é? Scott Blair. Scott como o Antártico, Blair como um trompete. Sou alto e feio, tenho em torno de duzentos anos, com óculos que não me deixam ver nada. Mas Niki disse que você era a réplica soviética da Vênus de Milo, de maneira que deve ser fácil reconhecê-la.

— Isso é perfeitamente ridículo! —, exclamou ela, rindo apesar de tudo o que sentia.

— Então eu a espero no hall do hotel. Mas também posso lhe dar o número do meu quarto para o caso de haver desencontro. Tem um lápis à mão?

Quando desligou, foi a explosão. Não podia mais conter os sentimentos contraditórios que se acumulavam desde que Nasayan entrara. Olhou-o com uns olhos flamejantes.

— Grigory Tigranovich. Seja qual for a sua posição aqui, não tem o direito de rondar minha sala, de vasculhar minha correspondência, nem de ouvir minhas conversas telefônicas. Eis seu livro, leve-o. Se tem alguma coisa a dizer, diga mais tarde.

Depois pegou uma pilha de folhas, uma tradução de um livro sobre as realizações das cooperativas agrícolas cubanas. Com as mãos frias, começou a passar as folhas como se as estivesse contando. Só uma hora depois telefonou a Nasayan.

— Desculpe minha irritação —, disse ela. — Um grande amigo meu morreu neste fim de semana. Estava nervosa.

Na hora do almoço, já tinha mudado de planos. Morozov podia esperar pelos bilhetes, o gerente de loja pelos sabonetes, Olga Stanislavsky pelo tecido. Andou a pé um bom trecho, apanhou depois um ônibus, e não um táxi. Saiu do ônibus, de novo caminhou, passando pátios e mais pátios, até que encontrou o forte arruinado que procurava, bem como a alameda em frente. — É onde pode me contatar quando

precisar de mim —, tinha ele dito. — O porteiro é meu amigo. Não saberá sequer quem fez o sinal.

Tem de acreditar no que está fazendo, lembrou-se Katya. Acredito. Se acredito. Levava o postal ilustrado na mão, um Rembrandt do Hermitage de Leningrado. “Amor a todos”, dizia a mensagem, assinada Alina, com um coração embaixo.

Tinha encontrado a rua. Parou. Era a rua do pesadelo. Tocou a campainha três vezes, depois meteu o postal debaixo da porta.

7

Uma manhã de Moscou perfeita, cheia de luz e vida, um ar lavado, um dia capaz de apagar todos os pecados. Feita a chamada, Barley dirigiu-se para a rua. Na calçada, que o sol já aquecera, descontraiu punhos e ombros, olhou à volta e decidiu deixar vaguear a mente, deixar que a cidade afogasse seus medos com todo aquele emaranhado de cheiros e vozes. O fedor da gasolina russa, do tabaco, dos perfumes baratos e das águas do rio — eu te saúdo, maravilhoso fedor! Daqui a dois dias já não dou por ti. As cargas de cavalaria esporádicas dos ônibus — eu vos saúdo, magníficas arremetidas! Os caminhões marrons, com seu ruído de arrote ribombando sobre os buracos das ruas, em desforra uns dos outros. O lúgubre vazio que ficava entre cada leva de caminhões. As limusines com janelas de vidros escuros, os prédios todos iguais, decadentes antes do tempo — será um bloco de escritórios, um quartel ou uma escola? Rapazes de tez pálida fumando nesta ou naquela porta, esperando. Motoristas lendo jornais, encostados aos carros nos estacionamentos, esperando. O grupo silencioso de homens solenes, de chapéu, de olhos fixos numa porta fechada, esperando.

Por que isso sempre me atraiu?, perguntou a si mesmo, contemplando sua vida no pretérito, o que nele era um hábito recente. Por que volto sempre a esta terra? Sentia-se exultante, radiante, não podia deixar de se sentir assim. Não estava habituado ao medo.

Era porque eles sabiam enfrentar aquela vida, decidiu. Porque aguentavam a dureza da vida melhor do que nós. Porque amavam a anarquia e temiam o caos. Pela tensão que sentia existir entre esses dois sentimentos.

Porque Deus sempre encontrou desculpas para não visitá-los. Por sua ignorância universal e o fulgor que dela irrompe. Por seu sentido de humor, tão bom como o nosso e melhor.

Porque eles são a última grande fronteira num mundo excessivamente descoberto. Porque eles desejam tanto ser como nós e quase do nada começam.

Pelo coração infindo que bate nos infindos campos de batalha. Porque o campo de batalha é meu próprio campo de batalha.

Talvez às oito quinze, dissera ela. O que ouvira ele naquela voz? Proteção? Mas proteção em relação a quem? A ela própria? A ele? A mim? Na nossa profissão, o correio é a mensagem.

A rua, o mundo, olhar a rua, o mundo, disse Barley a si mesmo. Só aqui na rua posso, devo estar.

Do metrô saíam, com passos rápidos e decididos, moças com saias de algodão e rapazes com blusões de gangue, a caminho do trabalho ou da escola, expressões taciturnas que, a uma palavra, se desfaziam em risos. Ao darem pelo estrangeiro, estudavam-no com olhares breves e frios — os óculos redondos com lentes muito grossas, os sapatos feitos à mão já bastante gastos, aquele terno imperialista. Pelo menos em Moscou, Barley Blair observava a etiqueta burguesa no vestir.

Juntando-se à multidão deixou que ela o conduzisse, pouco preocupado com o caminho que seguia. Em contraste com a sua disposição decididamente exuberante, as filas para comprar comida tinham um ar triste e irrequieto. Os heróis do trabalho e veteranos de guerra, vestidos com severidade, o peito cheio de medalhas retinindo ao sol, chegariam decerto atrasados, fossem para onde fossem. Mesmo a sua indolência parecia ter um tom de contestação. Na nova atmosfera que se vivia, não fazer nada era por si só um ato de oposição. Porque se não fizemos nada, não mudamos nada. E não mudando nada, agarramo-nos àquilo que entendemos, ainda que o que entendamos sejam as grades do nosso cárcere.

Talvez às oito e quinze. Ao chegar ao largo rio, Barley voltou ao ritmo de passeio. Do outro lado, as cúpulas do Kremlin, dignas de contos de fadas, erguiam-se para um céu sem nuvens. Uma Jerusalém com a língua arrancada, pensou. Tantas torres e quase nenhum sino. Tantas igrejas e não se ouve uma oração.

Ao ouvir uma voz mesmo ao seu lado, virou-se subitamente e descobriu um velho casal, trajando a sua melhor roupa, que queria saber o caminho para um lugar qualquer. Mas Barley, o da memória perfeita, poucas palavras russas conhecia. Era uma música que ouvira já muitas vezes, mas cujos mistérios não conseguira ainda penetrar.

Riu e pôs um ar de desculpa. — Desculpe, meu amigo, mas não falo russo. Sou uma hiena imperialista. Inglês, calcule!

O velho agarrou-lhe o pulso em sinal de amizade. Em todas as cidades estrangeiras que já visitara, era costume ser abordado por naturais que lhe perguntavam o caminho para lugares

que não conhecia, em línguas que não compreendia. Só em Moscou lhe agradeciam a ignorância.

Começou então a fazer o caminho de volta, parando frente a montras de vidros sujos, simulando examinar o que elas ofereciam ao olhar dos transeuntes. Bonecas de madeira pintadas. Para quem? Latas de fruta cheias de pó, ou seriam conservas de peixe? Pacotes amolgados pendurados de uma corda vermelha, um mistério o conteúdo, talvez pecos. Frascos com amostras médicas sortidas, iluminados por lâmpadas de dez watts. Estava de novo perto do hotel. Uma aldeã com olhos de bêbada abordou-o, propondo-lhe um ramalhete de tulipas agonizantes, embrulhadas em papel de jornal.

— É tremendamente simpático da sua parte —, exclamou e, vasculhando nos bolsos, pescou uma nota de um rublo.

Um Ladvendode encontrava-se estacionado frente à entrada do hotel, com o radiador esmagado. Um cartão no para-brisa tinha as iniciais VAAP, escritas à mão. O motorista, debruçado sobre o capô, retirava os limpadores, não fossem roubá-los.

— Scott Blair? —, perguntou-lhe Barley. — Anda à minha procura?

O motorista não lhe prestou a mínima atenção, continuando empenhado no seu trabalho. — Blair? —, disse Barley. — Scott?

— São para mim, querido? —, perguntou-lhe Wicklow. — Está se comportando bem —, acrescentou calmamente. — Nada a apontar.

Wicklow o protegerá, tinha dito Ned. Wicklow será o primeiro a saber se alguém o seguir. Mas haverá um segundo?, perguntava-se Barley. Na noite anterior, logo depois de chegarem ao hotel, Wicklow tinha desaparecido e só voltara depois da meia-noite. Barley, antes de ir

para a cama, assomou à janela e viu-o na rua falando com dois jovens de jeans.

Entraram no carro. Barley jogou as tulipas no apoio de trás. Wicklow sentou-se no banco da frente, e, num russo impecável, desatou numa alegre galhofa com o motorista, que não parava de rir. Wicklow ria também.

— Não me quer contar a anedota? —, perguntou Barley. Wicklow não se fez rogado. — Perguntei se ele gostaria de conduzir a Rainha quando ela vier aqui em visita de Estado. É que na Rússia há um ditado que diz, se roubar, roube um milhão, e se fornicar, fornicque uma rainha.

Barley baixou a janela e com os dedos tocou uma melodia no peitoril. A vida era uma anedota até talvez-oito-e-quinze.

— Barley! Bem-vindo à Barbária, amigo. Por amor de Deus, homem, não me cumprimente aqui na entrada, já temos problemas que cheguem! Mas você está com um aspecto ótimo —, queixou-se com algum alarme Alik Zapadny, quando tiveram tempo para se examinar um ao outro. — Por que você não tem sinais de ressaca, Barley? Está apaixonado? Voltou a divorciar-se? O que você tem tramado que precise me confessar?

O rosto cansado de Zapadny examinava-o com uma inteligência desesperada, as sombras da reclusão estampadas para sempre nas suas faces encovadas. Quando Barley o conheceu, era Zapadny um tradutor duvidoso que caíra em desgraça e tinha de trabalhar sob pseudônimo. Agora era um duvidoso herói da reconstrução, com uma camisa branca e um terno preto muito grandes para seu corpo.

— Eu ouvi a Voz, Alik —, explicou Barley, num acesso afetuoso enquanto lhe entregava uma pilha de números antigos do The Times embrulhados em papel castanho. — Vou para a cama às dez todas as noites, com um bom livro. Apresento-lhe Len Wicklow, o nosso especialista das coisas russas. Sabe mais acerca de você do que você mesmo, não é verdade, Leonard Carl?

— Bom, graças a Deus que há alguém que sabe mais de mim do que eu mesmo! —, protestou Zapadny, tendo o cuidado de não desembrulhar a prenda. — Estamos ficando muito inseguros, agora que o nosso grande mistério russo começa a ser desvendado em público. A propósito, Mr. Wicklow, sabe muito acerca do nosso novo patrão? Ouviu falar, por exemplo, da forma como ele resolveu reeducar os nossos trabalhadores? Pois. Acontece que ele tinha uma visão muito poética

dos nossos cem milhões de trabalhadores subeducados que desejariam promover a sua cultura durante os tempos livres. Queria vender uma quantidade impressionante de títulos, que iam

desde o ensino do Grego à trigonometria, passando por conselhos básicos sobre a lida da casa. Tivemos de lhe explicar que o homem da rua soviético se considera uma criatura finita e que, nos seus tempos livres, se dedica à bebedeira. Sabe o que é que acabamos por lhe comprar para ele não ficar triste? Um livro sobre golfe! Você não faz ideia da quantidade de valorosos cidadãos soviéticos que se sentem agora fascinados pelo vosso golfe capitalista. — E à socapa, uma piada ainda perigosa — Não que haja muitos capitalistas por aqui. Ali, não, de modo nenhum.

Eram dez, sentados a uma mesa amarela, sob um ícone de Lênin feito com madeira compensada, Zapadny falava, os outros ouviam e fumavam. Nenhum deles, ao que Barley sabia, tinha competência para assinar um contrato ou aprovar um negócio.

— Mas vamos lá ver, Barley, que disparate é esse que você anda para aí a espalhar de que veio cá para comprar livros soviéticos? —, perguntou Zapadny em jeito de troca de galhardetes, erguendo as sobranceiras arqueadas e juntando as pontas dos dedos à maneira de Sherlock Holmes. — Vocês, britânicos, nunca compram os nossos livros. Em contrapartida, fazem-nos comprar os vossos. Além disso, você está falido, pelo menos é o que dizem os seus amigos de Londres. A A. & B. vive do ar e do uísque escocês, é o que eles dizem. Pessoalmente acho uma dieta excelente. Mas por que razão veio? Em

minha opinião, o que você quis foi um pretexto para nos visitar outra vez.

O tempo passava. A mesa amarela flutuava sob os raios de sol. Uma nuvem de fumo de cigarro flutuava sobre a mesa. Pela cabeça de Barley flutuavam fotografias de Katya a preto e branco. O Diabo é a capa, o disfarce de qualquer mulher. Beberam chá em belas xícaras de Leningrado. Zapadny formulava os avisos do costume contra os negócios diretos com os editores soviéticos, selecionando Wicklow como audiência: a velha guerra entre a VAAP e o resto do mundo continuava bem acesa. Dois homens pálidos aproximaram-se para ouvir e logo se foram embora. Wicklow, entretanto, ganhava simpatias distribuindo Gauloises azuis.

— Tivemos uma injeção de capital, Alik —, disse Barley, desatento, longe dali. — Os tempos mudaram. A Rússia hoje é o que está a dar. Basta-me dizer aos rapazes do dinheiro que estou a fazer um catálogo de autores russos e desatam todos a correr atrás de mim, tanto quando podem com aquelas perninhas gordas e pequeninas que eles costumam ter.

— Mas, Barley, esses rapazes, como você lhe chama, podem transformar-se em homens num instante —, avisou Zapadny, o grande apreciador de sofismas, com um riso fresco e dócil. — Sobretudo quando estão pensando no reembolso, quer-me parecer.

— A coisa é como eu descrevi no meu telex, Alik. Talvez não tivesse tido tempo de o ler —, disse Barley, mostrando alguma severidade. — Se tudo correr como planejamos, a A. & B. lançará ainda este ano uma coleção novinha em folha inteiramente consagrada às coisas russas. Ficção, não ficção, poesia, literatura juvenil, ciências. Temos uma coleção nova de medicina popular, tudo em livro de bolso. Os temas viajam, bem como as reputações dos autores. Gostaríamos de contar com o contributo de médicos e cientistas soviéticos. Claro que não queremos livros sobre a criação de ovelhas na Mongólia Exterior ou viveiros de peixe no Círculo Polar Ártico, mas se vocês quiserem sugerir assuntos interessantes cá estamos nós para vos ouvir. Anunciaremos o nosso catálogo na próxima feira do livro de Moscou e, se as coisas correrem bem, publicaremos os nossos primeiros seis títulos na próxima Primavera.

— Desculpe, Barley, mas diga-me uma coisa, vocês têm atualmente peso no mercado ou estão à espera da intervenção divina como sempre aconteceu? —, perguntou Zapadny com a sua aparatosa delicadeza.

Resistindo à tentação de dizer a Zapadny que tivesse mais cuidado com os seus modos, Barley porfiou. — Estamos a negociar um contrato de distribuição com vários editores importantes e em breve anunciaremos essa ideia. Excetuando a ficção. Para a ficção, usaremos apenas a nossa extensa rede —, disse, incapaz de se lembrar por que razão tinham negociado contrato tão bizarro ou mesmo se o tinham negociado.

— A ficção, sir, continua a ser a nau almirante da frota da A. & B. —, explicou devotadamente Wicklow, evitando mais apuros a Barley.

— A ficção devia ser sempre a nau almirante de todas as frotas —, corrigiu Zapadny. — Diria mesmo que o romance é a mais grandiosa de todas as maratonas. Claro que é uma opinião estritamente pessoal. É a forma de arte mais elevada, o romance. Mais elevada que a poesia, mais elevada que o conto. Mas agradeço se não me citarem.

— Bom, sir, digamos que para nós a ficção é a superpotência literária —, comentou Wicklow, insinuante.

Sentindo-se especialmente gratificado, Zapadny virou-se para Barley. — No que toca à ficção, gostaríamos, neste caso especial, de fornecer o nosso próprio tradutor e de cobrar cinco por cento extra de direitos pela tradução —, disse.

— Isso não é problema —, disse Barley cordialmente, como que anestesiado. — Atualmente o orçamento da A. & B. comporta isso perfeitamente.

Mas para grande surpresa de Barley, Wicklow interveio bruscamente. — Desculpe, sir, mas há de fato um problema: é que isso significa o dobro dos direitos. Não acho que possamos aguentar tal proposta. Não deve ter prestado atenção ao que Mr. Zapadny disse.

— Ah, sim, claro, tem toda a razão —, disse Barley, endireitando-se muito na cadeira. — Claro, como é que nós podíamos pagar mais cinco por cento?

Sentindo-se como um conspirador prestes a cometer mais uma falcatrua, Barley tirou uma pasta da sua mala e espalhou depois meia dúzia de prospectos lustrosos na parte da mesa onde o sol batia. — As nossas ligações americanas encontram-se descritas na página dois —, anunciou. — A Potomac Boston participa conosco no projeto, a A. & B. paga todos os direitos pela publicação em inglês de qualquer obra soviética, e vende-os à Potomac para a publicação na América do Norte. Eles têm uma companhia gêmea em Toronto, portanto venderemos também no Canadá. Certo, Wickers?

— Claro, sir. — Mas como Wicklow conseguiu aprender esta droga toda tão depressa?, pensou Barley nesse momento.

Zapadny estava ainda a estudar o prospecto, virando lentamente as páginas novinhas em folha. — Foi você que fez esta merda, Barley? —, perguntou cortesmente Zapadny.

— Foi a Potomac —, disse Barley.

— Mas o rio Potomac fica tão longe da cidade de Boston —, objetou Zapadny, exibindo os seus conhecimentos de geografia

americana para os poucos que os partilham. — A menos que o tenham mudado de lugar recentemente, o rio Potomac fica em Washington. Pergunto a mim mesmo que atração mútua poderá haver entre a cidade de Boston e esse rio? Trata-se de uma companhia antiga, Barley, ou de uma nova?

— É nova neste campo. Mas antiga nos negócios. São comerciantes, tiveram sede em Washington, agora em Boston. Gostam de arriscar capital. Têm uma carteira diversificada de investimentos. Produção de filmes, estacionamento, caça-níqueis, garotas de programa e cocaína. O costume, enfim. A edição é apenas uma das ocupações.

Mas enquanto os outros desatavam a rir, era Ned que Barley ouvia. — Parabéns, Barley. Bob encontrou um rico de Boston que está disposto a ser seu parceiro. Tudo o que você tem a fazer é gastar o dinheiro dele.

E Bob, com seus pés de ferro de engomar e casaco de tweed, sorria um sorriso de comprador.

Onze e meia. Oito horas e quarenta e cinco minutos até as talvez-oito-e-quinze.

— O motorista quer saber como é a Rainha, para não ter nenhuma surpresa quando ela chegar —, gritava excitadamente Wicklow para o banco de trás do carro. — Está ficando interessadíssimo. Quer saber se ela aceita suborno. E se manda executar pessoas por pequenas ofensas. E que tal é viver num país dirigido por duas mulheres de ferro.

— Diga-lhe que é esgotante mas que nós estamos à altura da situação —, disse Barley com um bocejo enorme.

Depois de se refrescar com um gole de uísque que trazia no frasco de bolso, encostou a cabeça e ao acordar viu-se seguindo Wicklow no corredor de uma prisão. Só que em vez dos gritos dos presos, o que ouvia era o assobio de uma chaleira e o clique de um ábaco ecoando na escuridão. Um momento depois, Wicklow e Barley encontravam-se nos escritórios de uma companhia ferroviária britânica, safra de 1935. Lâmpadas salpicadas de lêndeas de mosca e ventoinhas arruinadas dançam penduradas nos caibros de ferro fundido. Amazonas com lenços na cabeça martelando em máquinas de escrever antiquadas com alfabeto cirílico, enormes como fomos. As prateleiras cheias de pó estão a abarrotar de livros-razão. Pilhas de caixas de sapatos cheias de

folhetos brilhantes e lustrosos erguem-se desde o assoalho até aos peitoris das janelas.

— Barley! Jesus! Bem-vindo a Prometeu Libertado! Dizem que finalmente conseguiu algum dinheiro. Quem deu? —, grita uma figura de meia-idade com uniforme de guerra à Fidel Castro, que corre para eles no meio de toda aquela confusão. — Negociamos diretamente, hã? Estamos nas tintas para aquelas bestas da VAAP, certo?

— Yuri, que bom encontrá-lo aqui! Apresento-lhe Len Wicklow, o nosso editor do catálogo russo.

— Você é um espião?

— Só nos tempos livres, sir.

— Jesus! Cara porreta! Faz lembrar meu irmão mais novo.

Estão na Madison Avenue. Venezianas, gráficos nas paredes, poltronas, Yuri é gordo, exuberante e judeu. Barley trouxe-lhe uma garrafa de Black Label e collants para a sua nova mulher, que é uma verdadeira beldade. Yuri tira a tampa da garrafa e dá golinhos nas xícaras de chá. Pairam no éter russo. Falam de Bulgakov, Platonov, Akhmatova. Solzhenitsyn... serão permitidos? E Brodsky? Falam de uma série de escritores britânicos contemporâneos, todos eles menores, que arbitrariamente dispuseram de favores oficiais e conseqüentemente se tornaram famosos na Rússia. Barley não conhece alguns deles, abomina os outros. Gargalhadas, brindes, notícias dos amigos ingleses, morte aos filhos da mãe da VAAP. A Rússia está mudando, não sei se o amigo Barley já se deu conta. Viu aquele artigo no Notícias de Moscou de quinta-feira sobre os fanáticos neofascistas de Pamyat? É uma gente de um nacionalismo exacerbado, antissemita, são contra tudo exceto contra eles mesmos. E aquele artigo no Ogonyok sobre Sigmund Freud? E a defesa que a Novy Mir fez do Nabokov? Editores, ilustradores, tradutores, proliferam em quantidades espantosas, como é habitual, mas quanto a Katyas, Katyas, é que não há.

Estão todos bêbados, mesmo os que declinaram do convite ao álcool. Alguém apresenta um grande escritor, de nome Misha, que se senta num lugar onde toda a audiência possa vê-lo.

— Misha ainda não esteve na prisão —, explica Yuri num tom escusatório, e todo mundo desata a rir. — Mas se ele tiver sorte, pode ser que o prendam antes que seja tarde, que é para ser publicado no Ocidente!

Falam das últimas obras-primas da ficção soviética. Yuri escolheu não mais que oito da sua própria lista — todas elas best-sellers garantidos, Barley. Publique-as que logo terá meios para abrir conta num banco suíço para mim. Uma caçada a sacolas de plástico antes de Wicklow se apoderar das cópias em papel carbono de oito manuscritos impublicáveis, porque este é um mundo em que a fotocopiadora e a máquina de escrever elétrica ainda são instrumentos de sedição e, como tal, proibidos.

Falam de teatro e do Afeganistão. Em breve nos encontraremos em Londres!, grita Yuri, como um jogador louco que resolveu apostar tudo. — Mando o meu filho, está bem? E você manda o seu? Ouça, trocamos reféns, que assim eles já não se bombardeiam uns aos outros!

Todos se calam enquanto Barley fala, todos se calam quando Misha fala. Wicklow traduz, enquanto Yuri e três outros criticam a tradução de Wicklow. Misha critica as críticas. As coisas começam a correr mal.

Alguém pergunta por que a Grã-Bretanha continua a ser governada por um partido fascista como o Conservador. Por que o proletariado ainda não correu com esses filhos da mãe? Barley oferece-lhes uma resposta muito pouco original, diz que a democracia é o pior dos regimes, salvo todos os outros. Ninguém acha graça. Talvez já tenham ouvido a piada, talvez não gostem dela. O melhor é aproveitar enquanto eles ainda estão sob o efeito do uísque e sair rapidamente. Sair antes que os sorrisos se esbatam por completo. Como é que os ingleses podem pregar os direitos humanos, pergunta alguém com ar de poucos amigos, se escravizam os escoceses e os irlandeses? Porque é que vocês apoiam o nojento governo da África do Sul?, grita uma loura de noventa anos, de vestido de baile. Eu não apoio, diz Barley, acreditem que não apoio.

— Ouça —, diz Yuri à porta. — Afaste-se do sacaria do Zapadny, certo? Não digo que ele seja do KGB. Mas acho que ele precisou de uns grandes amigos para o porem de novo em circulação. Você é um tipo porreta. Percebe onde quero chegar?

Nesse momento já se tinham abraçado uma série de vezes. — Yuri —, diz Barley. — A minha velha mãe ensinou-me que vocês todos eram do KGB.

— Eu também? — Você especialmente. Disse-me ela que você era o pior de todos.

— Adoro-o. Não se esqueça, mande-me o seu filho. Como é que ele se chama?

Uma e meia e estão atrasados uma hora para a próxima caminhada na acidentada estrada que leva até um lugar chamado talvez-oito-e-um-quarto. Madeiras escuras, uma comida esplêndida, empregados atenciosos, a atmosfera de um pavilhão de caça senhorial. Estão sentados à longa mesa na União dos Escritores, Alik Zapadny preside de novo. Vários escritores jovens e promissores já nos sessenta anos vagueiam junto à mesa, ouvem e desaparecem, levando seus grandes e profundos pensamentos. Zapadny aponta aqueles que foram recentemente libertados da prisão e os que, espera, hão de substituí-los em breve. Burocratas literários puxam cadeiras e exercitam seu inglês. Wicklow é o intérprete, Barley brilha, é o suco de frutas, os resíduos de Black Label. O mundo vai melhorar, assegura Barley a Zapadny, como se fosse um especialista na matéria chamada mundo.

Ousa citar Zinoviev. — Quando tudo acabará?

— Quando as pessoas deixarão de fazer fila para ver o túmulo?
— uma referência ao mausoléu de Lênin.

O aplauso, desta vez, não é tão ensurdecedor. Às duas da tarde, em conformidade com as novas leis do consumo de bebidas alcoólicas, e as duas da tarde neste caso são a hora H, o empregado traz uma garrafa de vinho e Zapadny, em honra de Barley, extrai uma garrafa de pepper-vodka da sua pasta velha.

— Yuri disse que eu era da KGB? —, pergunta com um ar pesaroso.

— Claro que não —, replica vigorosamente Barley.

— Não se considere caso único. Ele diz isso a todos os ocidentais. Na realidade, o Yuri às vezes me chateia muito. É um cara simpático, mas todo mundo sabe que como editor não presta. Por isso, como um cara sujeito ele consegue chegar à posição que tem? O filho mais novo dele foi batizado em Zagorsky na semana passada. Como explica uma coisa destas?

— Esse é um problema que não me diz respeito, Alik. Eu vivo e deixo viver. Nem mais, nem menos. — E à parte: — Wickers, tire-me daqui, estou ficando sóbrio.

Pelas seis, depois de mais duas reuniões extraordinariamente eloquentes, e depois de ter miraculosamente conseguido declinar meia dúzia de convites para essa noite, Barley regressa ao quarto do hotel e

luta com o chuveiro para ver se recobra a sobriedade, enquanto Wicklow lhe grita umas quantas frases da porta, todas elas sobre questões editoriais, em intenção dos microfones.

Wicklown recebeu ordens de Ned para ficar com Barley até o pano cair, não vá o homem ficar nervoso ou enganar-se no texto.

O Hotel Odessa, nesse terceiro ano da Grande Reconstrução Soviética, não era propriamente a pérola do tosco comércio turístico moscovita, embora também não fosse a mais vulgar das suas pedras. Era um hotel dilapidado, vítima de desmazelos vários, seletivo nos seus favores. Dependendo do rublo mais do que do dólar, faltavam-lhe certos requintes, como os bares abertos a moedas estrangeiras ou os grupos de americanos do Minnesota, saturados de viagens, chorando pelas bagagens desaparecidas. Encontrava-se tão mal iluminado que os candeeiros de latão e os empregados e a sala de jantar instalada numa galeria, evocavam mais um passado terrível já muito perto do seu colapso do que a fênix socialista renascendo das cinzas. E quando saíamos de um elevador que não parava de tremer durante a breve viagem, e enfrentávamos corajosamente a carranca da porteira do piso, acorada no seu cubículo e rodeada por todos os lados de chaves de quartos enegrecidas e telefones quase musguentos de tão úmidos, então é que não podíamos deixar de ter a sensação de havermos regressado, por um momento, às mais vis instituições da nossa juventude.

Mas nessa altura a Reconstrução não era ainda um médium visual. Encontrava-se ainda na fase áudio.

No entanto, para quem achasse tal pormenor importante, o Odessa, nesses tempos, era um hotel do qual se podia dizer que tinha alma, que tinha um espírito só seu, e felizmente que ainda o tem. As senhoras da recepção, sempre atenciosas, escondem corações de ouro por detrás de uns olhos normalmente duros; dos porteiros, diz-se que fazem vista grossa quando passamos e não nos pedem o passe do hotel cinco vezes ao dia. O maitre, depois de adequadamente encorajado, conduz-nos simpaticamente ao nosso canto e, em troca pede apenas um sorriso cortês. E no princípio da noite, entre seis e nove, o hall do hotel transforma-se num cortejo improvisado das cem nações do Império. Administradores elegantemente vestidos vindos de Tashkent, professores da Estônia, de pele e cabelos cor de linho, funcionários do Partido acabados de chegar do Turquistão e da Georgia, todos eles de olhar chamejante, diretores de fábricas de Kiev, engenheiros navais de Arkhangelsk — para não falar de cubanos, afegãos, poloneses, romenos

e do pelotão habitual de alemães do Leste, deselegantemente arrogantes —, toda essa gente sai em hordas dos ônibus do aeroporto e da luz da rua transplanta-se para a massacrante escuridão do hall, a fim de prestar a sua homenagem a Roma e arrastar por fases a bagagem até à recepção.

Nessa noite, também Barley, ele próprio um relutante emissário de um outro império, encontrou seu lugar no meio daquela multidão de emissários.

A primeira coisa que fez foi sentar-se, mas logo uma senhora de vetusta idade lhe tocou no ombro, pedindo-lhe o lugar. Depois, em passos flutuantes, dirigiu-se para um canto perto do elevador, onde se manteve até que uma muralha de malas de cartão e embrulhos de papel pardo quase o emparedava. Finalmente, retirou-se para a proteção de um pilar central e aí ficou, pedindo desculpas a todo mundo, fitando os movimentos da porta de vidro, afastando-se desajeitadamente das pessoas que passavam, mas interpondo-se logo de seguida em seu caminho, enquanto brandia a *Emma* de Jane Austen à altura do peito e, na outra mão, um horrível sacola de plástico do aeroporto de Heathrow.

Só Katya o salvaria e Katya não demorou. Não havia naquele encontro nada de secreto, não havia no comportamento de ambos nenhuma dissimulação. Olharam um para o outro ao mesmo tempo, enquanto Katya rompia o fluxo que entrava ou que saía. Barley ergueu num repente um braço, acenando com Jane Austen.

— Olá, sou eu, Blair! Ainda bem que chegou! —, gritou. Katya desapareceu por um momento e logo reapareceu vitoriosa. Barley não sabia se ela o tinha ouvido, mas viu-a sorrir e erguer os olhos para o céu, como num filme mudo, pedindo desculpas pelo atraso. Katya afastou uma madeixa de cabelo negro e Barley pôde ver os anéis de casamento e noivado de que Landau falara.

— Não imagina a dificuldade que tive para largar aquilo —, gesticulava ela no meio das cabeças. Ou talvez os seus gestos significassem: — Foi um custo arranjar um táxi.

— Não faz mal —, gesticulava Barley. Nesse momento Katya virou-lhe as costas e, de testa franzida, pôs-se a vasculhar a bolsa à procura de um cartão de identidade para mostrar ao policial à paisana, cuja agradável tarefa, nessa noite, consistia em vigiar todas as mulheres atraentes que entrassem no hotel. Katya mostrou-lhe um cartão

vermelho. Barley pôde concluir que se tratava do cartão da União dos Escritores.

Porém, também Barley foi perturbado pelas perguntas de um palestino de elevada estatura, a quem teve de explicar, no seu sofrível francês, que de fato não era da Associação Para a Paz, e que também não era o gerente do hotel, e que duvidava mesmo que houvesse algum gerente.

Wicklowsky, que observava estas manobras do meio das escadas, diria mais tarde que nunca vira um encontro público tão bem encenado.

Como atores, Barley e Katya estavam vestidos para peças diferentes: Katya parecia personagem de um drama sério, com o seu vestido azul e a sua gola de renda antiga que tanto tinham atraído Landau; e Barley estava equipado para uma comédia inglesa, com um terno escuro de listras brancas, que pertencera a seu pai e era curto nas mangas, e um par de botas de camurça da Duckers de Oxford, já muito gastas, que decerto fariam a delícia de um colecionador de velharias.

Quando finalmente se encontraram, a surpresa foi mútua. Afinal eram ainda uns estranhos, menos próximos um do outro do que das forças que ali os juntavam. Resistindo ao impulso de lhe dar um beijinho formal no rosto, Barley atentou espantado nos olhos dela, que eram não só muito escuros e ao mesmo tempo cheios de luminosidade, mas também dotados de pestanas muito densas, dando quase a impressão de serem postiças.

E como Barley, pelo seu lado, apresentava aquela expressão indefinivelmente pateta que certos homens ingleses põem na presença de qualquer bela mulher, Katya teve razões para suspeitar que os seus pressentimentos estavam certos e que, de fato, estava perante um indivíduo arrogante.

Entretanto já estavam suficientemente próximos para poderem sentir o calor dos corpos um do outro e para Barley poder sentir o cheiro da maquiagem dela. A Babel de línguas estrangeiras continuava a sua volta.

— Você é Mr. Barley, creio —, disse-lhe ela ofegante, passando-lhe com a mão pelo antebraço, como se procurasse assegurar-se de que aquele homem era real.

— Sim, claro, sou eu mesmo, olá, muito bem, e você é Katya Orlova, a amiga do Niki, não é verdade? Ainda bem que conseguiu vir. Chegou mesmo a tempo. Como tem passado? .

As fotografias não mentem mas também não dizem a verdade, pensava Barley enquanto observava o peito dela subindo e descendo com a respiração. As fotografias não captam a paixão de uma mulher que parece ter acabado de testemunhar um milagre e que nos escolhe a nós como seu primeiro confidente.

A multidão, que não parava de cirandar pelo hall, fê-lo voltar à realidade. No meio daquele tumulto, nenhum casal, por mais resistência que oferecesse, poderia dedicar muito tempo a uma troca serena de galanteios.

— Olhe, Katya —, disse ele, como se de repente tivesse tido uma ideia brilhante. — Convido-a para um bolo. Niki disse que você merecia todos os mimos. Conheceram-se na feira, não foi? Foi o que ele me disse. Ah, o Niki. Um cara incrível. Um coração de ouro —, prosseguiu jovialmente, conduzindo-a pela escada, na direção de uma porta que dizia — Bufê. — É um bom cara. Desagradável às vezes, mas quem não é?

— Ah, Mr. Landau é um homem muito bom —, comentou ela, falando, tal como Barley, para uma audiência indefinida, embora houvesse nas suas palavras um tom especialmente persuasivo.

— E digno de confiança —, considerou aprovativamente Barley ao chegarem ao patamar do primeiro piso. Fosse pelo que fosse, também Barley estava agora ofegante. — Se pedirmos ao Niki que faça qualquer coisa, é certo e sabido que ele a faz. À sua maneira, é verdade, mas faz. Faz e guarda os seus pensamentos para você mesmo. Sempre achei que um bom amigo é isso que faz. Não acha?

— Eu diria que sem discrição não pode haver amizade —, replicou ela como se citasse um texto da celebração do casamento. — A verdadeira amizade tem de basear-se na confiança mútua.

E Barley, embora aceitando afetosamente a profundidade daqueles conceitos, não pôde deixar de reconhecer a similaridade que havia entre as cadências daquele discurso e o tom com que Goethe lhe falara.

Numa área protegida por cortinas situava-se um balcão de nove metros de comprimento onde o único alimento à vista eram uns biscoitos espalhados sobre uma bandeja. Atrás do balcão, três mulheres corpulentas, vestidas com uniformes brancos e uma espécie de capacetes de plástico transparente, montavam guarda a um samovar enorme enquanto travavam renhida discussão.

— Mas o velho Niki, à sua maneira, claro, é também um bom conhecedor de livros —, observou Barley, esticando o tema da conversa enquanto se sentavam nos bancos frente à cerca de corda do balcão. — Bête intellectuelle, como dizem os franceses. Queríamos chá, por favor. Ótimo.

As mulheres continuaram a conversar. Katya fitava-as sem qualquer expressão no rosto. De súbito, para grande surpresa de Barley, tirou da mala o passe vermelho e rosnou para as mulheres — rosnar era a palavra exata —, resultando que uma delas se afastou das companheiras o tempo suficiente para poder arrancar duas xícaras de uma grade, instalando-as depois em dois pires, mas tão violentamente que mais parecia estar carregando uma velha espingarda. Furiosa ainda, encheu de água uma chaleira enorme. E tendo desenterrado de um bolso, com novos sinais de raiva, uma caixa de fósforos acabada de estrear, abriu o gás e jogou a chaleira em cima do bico, após o que retomou apressadamente à discussão.

— Que tal um biscoito? —, sugeriu Barley. — Ou fois gras.

— Obrigada. Já comi bolo na recepção.

— Não me diga. E era bom, o bolo?

— Nem tanto.

— E os húngaros, simpáticos?

— Os discursos não foram propriamente significativos. Diria antes que foram banais. Não posso deixar de criticar o nosso lado por causa disso. Não descontraímos o suficiente diante de estrangeiros, mesmo quando os estrangeiros vêm de países socialistas.

Por um momento ficaram ambos sem saber o que dizer. Barley lembrou-se de uma moça que tinha conhecido na Universidade, a filha de um general, com uma pele que parecia pétalas de rosa e que dedicou todas as suas energias à luta pelos direitos dos animais até que casou à pressa com um caçador local. Katya fitava melancolicamente o outro extremo da sala, onde havia uma dúzia de mesas dispostas segundo um alinhamento rigoroso. Numa delas encontrava-se Leonard Wicklow, que ria de uma piada qualquer com um jovem da sua idade. Noutra, um velho senhor calçando botas de montar, bebia limonada com uma jovem de jeans, e abria muito os braços, como se estivesse descrevendo as propriedades que perdera.

— Não percebo porque é que não a convidei para jantar —, disse Barley, reencontrando de novo os olhos dela com a sensação de que

mergulhava de cabeça neles. — Talvez por não querer avançar muito depressa. A menos que não haja qualquer problema.

— Não teria sido conveniente —, replicou ela, franzindo o sobrolho. A chaleira começou a assobiar a toda a força mas as guerreiras do bufete não lhe prestaram qualquer atenção.

— É sempre tão difícil falar no telefone, não acha? —, disse Barley para matar o silêncio. — Quer dizer, é como falar com uma espécie de flor de plástico, em vez de um rosto humano. Pessoalmente, acho o telefone uma coisa muito desagradável, não acha?

— Desculpe. O que acha desagradável?

— O telefone. O fato de se falar à distância. — A chaleira começou a cuspir vapor para cima do bico. — Quando não podemos ver as pessoas, fazemos delas as ideias mais disparatadas.

Agora, pensou Barley. Já. — Ainda outro dia disse isso a um amigo meu, editor também —, prosseguiu Barley no mesmo tom descontraído. — Estávamos discutindo um romance que me enviaram recentemente. Mostrei a ele, com toda a confidencialidade necessária, e posso lhe dizer que ele ficou deslumbrado. Disse que era a melhor coisa que via desde muito tempo. Que era dinamite. — Os olhos dela não se despregavam dos dele e eram assustadoramente diretos. — Mas é tão estranho uma pessoa não possuir sequer uma fotografia do escritor —, prosseguiu Barley num tom perfeitamente casual.

— É que nem sei o nome do homem. Isto para não falar de outros pormenores, por exemplo, onde é que ele vai buscar toda a sua informação, onde aprendeu a sua arte etc. etc. Não sei se me faço entender. É como ouvir uma peça musical e não se ter a certeza se é Brahms ou Cole Porter.

Katya franziu a testa e apertou os lábios como se estivesse a umedecê-los na boca. — Essas questões pessoais não me parecem relevantes para um artista. Há escritores que só podem trabalhar na obscuridade. E talento é talento. Não exige explicação.

— Bom, repare que eu não estava falando propriamente de explicação, mas sim de autenticidade —, explicou Barley. Uma ligeira penumbra sublinhava-lhe o osso malar mas, ao contrário do cabelo, era cor de ouro. — Quer dizer, você conhece os meandros da edição. Se um tipo escreve um romance acerca das tribos selvagens do norte da Birmânia, por exemplo, temos todo o direito de lhe perguntar se alguma vez desceu ao sul de Minsk. Sobre tudo se o romance é realmente

importante, o que é o caso. Segundo o meu amigo, é mesmo um número potencial. Num caso destes, creio que há o direito de pedir ao escritor que se apresente e declare as suas qualificações.

Mais audaciosa que as outras, a mais velha das três mulheres estava a deitar água quente no samovar. Uma outra abria a enorme caixa registradora. A terceira deitava rações de chá numa balança manual. Barley, entretanto, pôs-se a vasculhar nos bolsos e acabou por tirar uma nota de três rublos. Ao ver a nota, a mulher da caixa registradora desatou numa reclamação desesperada.

— Parece que quer dinheiro trocado*, não é? —, disse Barley estupidamente. — Não é o que todos queremos?

**No original, trocadilho entre “change” (dinheiro trocado), e “change”, mudança. (N. do T.)*

Nesse instante viu que Katya tinha já posto trinta copeques sobre o balcão e que fazia duas covinhas mínimas quando sorria. Pegou nos livros e na mala. Ele seguiu-o com as xícaras numa bandeja. Porém, ao chegarem à mesa, ela lhe dirigiu uma expressão de desafio.

— Se um autor é obrigado a provar que o que diz é a verdade, então também o seu editor tem de provar —, disse ela.

— Ah, mas quanto a isso eu defendo a honestidade para ambas as partes. Quanto mais pusermos na mesa, tanto melhor nos sentiremos todos.

— Ao que sei, o autor foi inspirado por um poeta russo.

— Pecherin —, replicou Barley. — Investiguei. Nasceu em 1807, em Dymerka, província de Kiev.

Os lábios dela perto da xícara, os olhos baixos. E embora pela sua cabeça passasse um sem número de outros pensamentos, Barley reparou que a orelha direita dela, entre os cabelos, se tinha tornado transparente à luz do fim da tarde que escoava pela janela.

— O autor também foi inspirado por certas opiniões de um inglês a respeito da paz mundial —, disse ela com a maior severidade.

— Acha que ele gostaria de se encontrar de novo com esse inglês?

— Isso pode ser estudado. Não se sabe se é possível.

— Bom, é que o inglês em questão gostaria de se encontrar com ele —, disse Barley. — Têm muitas coisas para dizer um ao outro. Onde é que você mora?

— Com meus filhos.

— E onde moram seus filhos? — Uma pausa enquanto Barley voltava a ter uma desconfortável sensação de ter infringido alguma ética desconhecida.

— Moramos perto da estação do metrô do Aeroporto. Mas já não há nenhum aeroporto na região, só há prédios. Quanto tempo vai ficar em Moscou, Mr. Barley?

— Uma semana. E seu endereço?

— Não é conveniente. E vai ficar toda a semana aqui no hotel Odessa?

— A menos que me expulsem. Que faz seu marido?

— Isso não interessa.

— Trabalha em edição?

— Não.

— É escritor?

— Não.

— Então que faz ele? É compositor? Guarda de fronteira? Cozinheiro? Como ele mantém o estilo de vida a que está habituada?

Katya voltou a rir, o que pareceu agradar tanto a ela como a ele.

— Meu marido era diretor de uma empresa de madeiras —, disse ela.

— E o que ele dirige agora?

— A fábrica dele faz casas pré-fabricadas para áreas rurais. Estamos divorciados, aliás como todo mundo em Moscou.

— E seus filhos? Meninos? Meninas? Que idade têm? — Tais perguntas puseram termo ao riso bem disposto de Katya. Por um momento Barley pensou que ela lhe daria as costas e desapareceria. A cabeça ergueu-se, determinada, o rosto fechou por completo e um fogo de raiva chispava em seus olhos. — Tenho um menino e uma menina. São gêmeos, oito anos. Mas isso não interessa.

— Você fala muito bem inglês. Melhor do que eu. Tão puro como água da nascente.

— Obrigada. Tenho uma aptidão natural para línguas estrangeiras.

— Não, não é só isso, é mais do que isso. É um inglês de um outro mundo. É como se a língua inglesa tivesse parado em Jane Austen. Onde aprendeu?

— Em Leningrado. Fui à escola em Leningrado. A língua inglesa é também minha paixão.

— Em que universidade andou? — Na de Leningrado também. — Quando veio para Moscou? — Quando me casei. — Como é que conheceu o seu marido? — Conhecíamos-nos desde crianças. Quando andávamos na escola, íamos juntos para os acampamentos de Verão.

— E pescavam? — Pescávamos e caçávamos coelhos —, disse ela enquanto o seu sorriso iluminava de novo toda a sala. — O Volodya é da Sibéria. É um homem que sabe dormir na neve, que sabe esfolar um coelho e pescar peixe através do gelo. Na altura em que casei com ele, estava a passar por uma fase em que rejeitava os valores intelectuais. Achava que esfolar um coelho era a coisa mais importante que um homem podia saber fazer.

— Na realidade, o que me interessava saber era como tinha conhecido o autor —, explicou Barley.

Viu-a então lutando no tumulto da sua indecisão, reparou como os seus olhos logo refletiram a volubilidade das suas emoções, ora perto dele, ora longe dele. Até que a perdeu de uma vez por todas, quando ela se baixou para pegar na malinha de mão, afastando depois o cabelo rebelde. — Por favor, dê os meus agradecimentos a Mr. Landau pelos livros e pelo chá —, disse ela. — Eu própria lhe agradecerei. da próxima vez que ele vier a Moscou.

— Não se vá embora. Por favor. Preciso da sua opinião. — Barley baixou a voz e de repente ficou muito sério. — Preciso das suas instruções sobre o que hei de fazer com aquele louco manuscrito. Sozinho não vou lá. Quem o escreveu? Quem é Goethe?

— Infelizmente tenho de voltar para casa, os meus filhos esperam-me.

— Não há ninguém que cuide deles?

— Naturalmente que há.

— Telefone. Diga que está atrasada. Diga que encontrou um homem fascinante que quer falar de literatura com você toda a noite. É muito breve, este encontro. Preciso de tempo. Tenho montes de perguntas para fazer.

Depois de pegar os volumes de Jane Austen, Katya encaminhou-se para a porta. Como um vendedor persistente, Barley acompanhou-a aos tropeções.

— Por favor —, disse. — Olhe. Eu sou um editor inglês perfeitamente desprezível, mas que quer discutir dez mil coisas

extremamente sérias com uma bela mulher russa. Eu não mordo, não minto. Jante comigo.

— Não é conveniente.

— E outra noite, será conveniente? O que devo fazer? Queimar incenso? Vela à janela? Foi por você que eu vim. Ajude-me a ajudá-la.

Aquele apelo deixou-a confusa.

— Posso ficar com o seu número de telefone? —, insistiu ele.

— Não é conveniente —, murmurou ela. Desciam já a vasta escadaria. Olhando num relance o mar de cabeças no hall do hotel, Barley viu Wicklow e o amigo no meio delas. Agarrou Katya pelo braço, sem violência mas com a firmeza bastante para que ela parasse.

— Quando? —, perguntou ele. Continuava a segurar o braço dela na altura do bíceps, imediatamente abaixo da axila, onde a carne era mais firme e mais cheia.

— Talvez lhe telefone mais para o fim da noite —, replicou ela, compadecendo-se.

— Talvez, não.

— Telefone. — Barley deixou-se ficar nas escadas e viu-a aproximar-se da multidão e aparentemente respirar fundo antes de abrir caminho com os braços. Suava. Parecia ter um xale molhado sobre as costas e os ombros. Precisava de um copo, uma bebida. Acima de tudo queria libertar-se do microfone. Queria esmagá-lo e calcá-lo com toda a força e mandar depois para Ned os bocadinhos, em encomenda pessoal e registrada.

Wicklow, com o seu nariz torto, subiu os degraus de dois em dois na direção de Barley e, sorrindo como um ladrão, disse-lhe um disparate acerca de uma biografia soviética de Bernard Shaw.

Katya avançou rapidamente pela rua. Procurava um táxi mas ao mesmo tempo precisava de movimento. As nuvens acumulavam-se no céu e não se via uma estrela, apenas as ruas largas e o brilho dos postes da Petrovka. Katya precisava de distância. Distância dele e de si mesma. Ameaçava apoderar-se dela um pânico que não advinha do medo, mas de uma violenta aversão. Ele não devia ter mencionado os gêmeos. Não tinha o direito de baixar as paredes de papel que separavam uma vida da outra. Não tinha o direito de importuná-la com perguntas burocráticas. Tinha confiado nele: por que ele não confiava nela?

Passou uma esquina e continuou andando. É um imperialista típico, falso, impertinente, indigno de confiança. Um táxi passou, mas não lhe prestou qualquer atenção. Um segundo reduziu o suficiente para ouvi-la gritar para onde ia e logo acelerou à procura de um serviço mais lucrativo — prostitutas que queriam ir para a outra margem, móveis para transportar, legumes, carne e vodca do mercado negro que alguém quisesse distribuir, turistas fáceis de enganar. A chuva começava a cair, forte.

Que humor tão grosseiro o dele. E a impertinência com que me interrogava! Nunca mais me aproximo dele. Katya devia apanhar o metrô, mas sentia medo dos espaços fechados. Atraente, claro, como muitos ingleses. Encantador na sua falta de jeito. Espirituoso, sem dúvida sensível. Não lhe tinha passado pela cabeça que ele pudesse aproximar-se tão intimamente dela. Ou talvez tivesse sido ela quem se aproximou muito dele.

Continuou andando, tentando se acalmar, procurando um táxi. A chuva caía agora mais forte. Tirou um pequeno guarda-chuva de mala e abriu-o. Era uma guarda-chuva da R. D. A., um presente de um amante efêmero de que nunca se orgulhara. Ao chegar a um cruzamento, e quando se preparava para atravessar a rua, um rapaz num Lada azul parou mesmo ao pé dela. Katya não o tinha chamado.

— Quer ir para algum lugar?

— Seria um impostor? Katya entrou e disse para onde queria ir. O rapaz começou a discutir. A chuva martelava na capota.

— É urgente —, disse ela, dando-lhe duas notas de três rublos. — Urgente —, repetiu, olhando para o relógio e pensando ao mesmo tempo se as pessoas costumavam ver as horas quando estavam com pressa de chegar ao hospital.

O rapaz parecia ter tomado a sério a causa dela. Dirigia e falava a uma velocidade louca, enquanto a chuva ia entrando pela sua janela aberta. Contava que a mãe, que vivia em Novgorod, tinha desmaiado quando apanhava maçãs e, como estava no alto de uma escada, tinha tido uma queda horrível e acordado com ambas as pernas no gesso. O para-brisas era uma torrente sem fim. Ele nem parara para enganchar os limpadores.

— Como está ela agora? —, perguntou Katya, pondo um lenço na cabeça. Uma mulher com urgência em chegar a um hospital não conversa sobre as desgraças dos outros, pensou.

— É aqui —, disse o rapaz, fazendo um gesto de lhe devolver as notas de três rublos. — Paga na próxima, está bem? Como se chama? Quer fruta fresca, café, vodca?

— Fique com o dinheiro —, respondeu ela, rejeitando as notas. Os portões estavam abertos. O hospital passava perfeitamente por um bloco de escritórios, com algumas luzes brilhando tenuemente. Um lance de escadas de pedra, meio cobertas de lama e lixo, conduzia a um caminho superior que, por sua vez, levava a uma pequena estrada. Olhando para baixo, Katya viu umas quantas ambulâncias estacionadas, com as suas luzes azuis rodando indolentemente, um grupo de motoristas e maqueiros fumando. Aos seus pés, uma mulher jazia numa maca, o rosto esmagado torcido para o lado, como se pretendesse escapar a um segundo embate.

Ele se preocupou comigo, pensou Katya, regressando por um momento a Barley.

Correu para o bloco cinzento que se erguia à sua frente. Uma clínica projetada por Dante e construída por Franz Kafka, recordou. Os funcionários estão sobretudo interessados em roubar remédios para os vender no mercado negro; os médicos têm dois empregos porque é a única maneira de alimentar as famílias, recordou ainda. É um lugar para a gentilha, para a ralé do nosso império, para os proletários sem sorte que não acedem às influências nem às relações da minoria. A voz que perpassava a cabeça tinha um ritmo que era o ritmo da sua marcha. Passou confiantemente pela porta dupla. Uma mulher chamou-lhe a atenção e Katya, em vez de lhe mostrar o cartão, deu-lhe um rublo. O hall ecoava como uma piscina. Atrás de um balcão de mármore, umas quantas mulheres ignoravam todo mundo. Só não se ignoravam umas às outras. Um velho de uniforme azul dormitava numa cadeira, os olhos abertos pareciam fitar uma televisão apagada. Passou por ele com um passo rápido e entrou num corredor cheio de camas com doentes. Da última vez não havia camas no corredor. Tinham-nas tirado talvez porque esperassem alguém importante. Um estagiário perfeitamente exausto dava sangue a uma velha, assistido por uma enfermeira de macacão aberto e jeans. Ninguém gemia, ninguém se queixava. Ninguém perguntava por que morrer num corredor. Num sinal luminoso brilhavam apenas as primeiras letras da palavra Urgência. Seguiu nessa direção. Faz de conta que aquilo é teu, tinha avisado ele da primeira vez. E dava certo. Ainda dava.

A sala de espera era uma sala de conferências fora de uso, tão pouco iluminada como uma enfermaria à noite. No estrado, uma matrona com cara de santa, sentada numa cadeira, encabeçava uma fila de candidatos, tão longa como um exército em retirada. No auditório, os infelizes e miseráveis resmungavam e murmuravam na penumbra, embalavam os filhos. Homens com ferimentos meio tratados aguardavam em bancos. Bêbados refestelados nas cadeiras praguejavam. O ar tresandava a antisséptico, vinho e sangue velho.

Dez minutos de espera. De novo os seus pensamentos corriam para Barley. Os olhos, tão diretos e íntimos, seu ar de coragem sem esperança. Por que não dei meu número de telefone? Por que não pude dar? A mão dele no seu braço, como se lá estivesse desde sempre. “Foi por você que eu vim.” Escolheu um banco quase caindo, perto da porta dos fundos, com um letreiro que dizia “Banheiros”. Sentou-se e pôs-se a examinar aquela fila de gente doente. Uma pessoa morre ali e ninguém pergunta o nome, dissera ele. A porta é ali, lá é a chapelaria, ensaiou. Depois são os banheiros. O telefone está na chapelaria, mas nunca é usado porque ninguém sabe que está ali. No hospital não há linha direta, mas esta foi instalada para um manda-chuva, um médico que queria falar sem problemas com seus doentes particulares e a amante, até que acabou transferido. Um idiota qualquer pôs o telefone onde ninguém o via, atrás de um pilar. E nunca o tiraram de lá. “Mas como você conhece esses lugares todos?”, perguntara ela. Há uma entrada assim, uma ala assado, o telefone fica no lugar tal, senta e espera. Como sabe tudo isso?”

Ando a pé, foi o que ele respondeu. E ela o imaginou caminhando apressado pelas ruas de Moscou, sem dormir, sem comer e imaginou-se a si mesma, caminhando, caminhando. Eu sou o Não Judeu Errante, disse ele. Caminho para estar com a minha mente, bebo para fugir dela. Quando caminho, você está ao meu lado; vejo seu rosto ao lado do meu ombro.

Caminhará até cair, pensou. E cairei com ele. No banco ao lado dela, uma camponesa com um lenço de cabeça cor de açafreão começara a rezar em ucraniano. Agarrava um pequeno ícone com ambas as mãos e sobre ele curvava a cabeça, cada vez mais baixo, até espetar a testa na figura estanhada. Crescia um brilho intenso nos seus olhos e, quando os cerrou, Katya viu lágrimas correndo entre as pálpebras. Num instante ficarei como ela, pensou.

Lembrou-se do que ele contou sobre a visita a uma casa mortuária na Sibéria, uma fábrica para mortos, situada numa das cidades-fantasma em que ele trabalhava. Os corpos desciam por uma rampa e passavam depois por um carrossel, homens e mulheres misturados, onde eram etiquetados e onde, pela calada da noite, as velhas os despojavam de todo o ouro. A morte é um segredo como qualquer outro, dissera-lhe ele; um segredo é uma coisa que é revelada a uma pessoa num momento determinado.

Porque procura sempre me ensinar o significado da morte?, perguntara ela, angustiada. Porque você me ensinou o significado da vida, replicara ele.

Esse telefone é o mais seguro de toda a Rússia, dissera ele. Nem mesmo os maiores lunáticos dos nossos órgãos de Segurança pensariam em pôr escuta num telefone sem uso de pronto-socorro.

Lembrou-se da última vez que se encontrara com ele em Moscou, no pino do Inverno. Ele apanhara um comboio dos mais lentos numa estação ignorada, um lugar sem nome situado nenhures. Não comprara bilhete e viajara em terceira classe, depositando dez rublos na mão do cobrador, como todo mundo fazia. Os nossos mundanos órgãos competentes andam tão burgueses que já nem sabem misturar-se com os trabalhadores, dissera ainda. Katya imaginara-o como uma criança perdida, dormindo na semiescuridão do beliche de cima reservado para as bagagens, só com a grossa roupa de baixo vestida, escutando a tosse dos fumadores e os roncões dos bêbados, sufocando com o fedor das criaturas humanas e o calor do aquecedor de água sempre gotejante, enquanto contemplava as coisas aterradoras que conhecia e de que nunca falava. Que inferno será esse, quando se sabe que o auge absoluto da nossa carreira significa a calamidade absoluta para a humanidade?

Reviu-se à espera dele, acampada entre milhares de criaturas já desesperadas, na estação de Kazansky, sob as baças lâmpadas fluorescentes. O trem está atrasado, foi cancelado, descarrilou, diziam os boatos. Tem caído muita neve no caminho para Moscou.

O trem está chegando, não houve nada, não precisavam de ter dito tantas mentiras. Os funcionários da estação tinham jogado formol nos banheiros e toda a estação cheirava mal. Katya usava o gorro de pele de Volodya porque lhe ocultava melhor o rosto.

O cachecol de angorá cobria seu queixo, o casaco cobria o resto. Nunca sentira um desejo tão forte por ninguém. Sob a pele do vestuário corriam calor e fome ao mesmo tempo.

Quando ele desceu do trem e se encaminhou para ela através da neve já derretida e suja, Katya sentiu o corpo tenso e embaraçado, como o de um rapazinho. Ao lado dele, no metrô cheio de gente, quase gritava no silêncio ao sentir o corpo dele colado ao seu. Tinha pedido a Alexandra que emprestasse o apartamento. Alexandra tinha ido para a Ucrânia com o marido. Abriu a porta da rua e disse-lhe para ir à frente. Por vezes, ele parecia não saber onde estava ou então pouco ligava a todos os preparativos que ela providenciava. Por vezes Katya tinha medo de tocá-lo, tão frágil que ele era. Mas não nesse dia. Nesse dia correu para ele, agarrou-o com toda a força, colocou-o a ela sem jeito nem ternura, castigando-o por tantos meses e noites de saudades infrutíferas.

E ele? Ele a abraçava como o pai dela costumava fazer, mantendo as mãos longe e os ombros firmes. E quando ela se afastou dele, sabia que nunca mais seu corpo bastaria para adormecer os tormentos daquele homem.

Você é minha única religião, murmurou ele, beijando-lhe o rosto com os lábios fechados. Ouça, Katya, ouça o que eu decidi fazer.

A camponesa ajoelhada no chão adorando seu ícone, comprimindo-o contra o peito e os lábios. Katya levantou-se e foi obrigada a passar por cima dela, para depois sair pelo corredor. Um jovem pálido de casaco de couro tinha se sentado na ponta do banco, um braço enfiado na camisa; devia ter quebrado o pulso. Como estava de cabeça baixa, só ao passar por ele Katya reparou que também tinha o nariz ferido, ainda que cicatrizado.

A chapelaria estava às escuras. Uma lâmpada queimada dançava inutilmente. Um balcão de madeira enorme barrava o caminho. Tentou erguer a aba do balcão, mas era muito pesada. Enfiou-se por baixo dela. Num segundo viu-se no meio de cabides, ganchos e chapéus que ninguém fora buscar. O pilar ficava a um metro de distância. Um cartaz escrito à mão dizia NAO TEMOS TROCO. Leu-o à luz de uma porta que constantemente abria e fechava. O telefone estava no lugar habitual, no outro lado, mas quando se acercou dele quase não o conseguia ver na escuridão.

Não despregava os olhos do telefone, desejosa de que tocasse. Acabara o pânico. Recuperara toda a sua força. Onde estás?, perguntava a si mesma. Num dos teus números postais ou num dos teus refúgios longínquos? No Cazaquistão? No Médio Volga? Nos Urais? Ele andava por todos esses lugares, ela sabia que andava. Noutros tempos, podia adivinhar, pela cor da pele, se ele estivera trabalhando ao ar livre. Ou sob a terra por meses. Onde está você com sua terrível culpa?, perguntava ela. Onde está com sua aterradora decisão? Num lugar às escuras como este? Nos telégrafos de uma pequena cidade, abertos todo o dia? Imaginou-o preso, era assim que por vezes o via nos sonhos, amarrado e lívido, a um canto de uma cabana, preso a um cavalo de pau, quase prostrado, à mercê de golpes que nunca paravam. O telefone tocava. Pegou-o e ouviu uma voz baixa.

— Fala Pyotr —, disse ele, usando o código com que se protegiam — Se estiver nas mãos deles e me forcarem a telefonar, darei um nome diferente para que você possa se esconder.

— Aqui fala Anna —, replicou ela, espantada por conseguir falar. Nada mais a preocupava. Ele está vivo. Não foi preso. Não está apanhando. Não o prenderam a um cavalo de pau. Sentiu-se indolente, cansada. Ele estava vivo, falava com ela. Fatos, apenas, nenhuma emoção na voz, uma voz de início remota e apenas semifamiliar. De uma ponta à outra, apenas fatos. Faça isto. Ele disse isto. Eu disse isto. Diga-lhe que agradeço por ter vindo a Moscou. Diga que ele está se portando como um ser humano razoável. Eu estou bem. E você?

Nesse momento, Katya desligou, incapaz de falar mais. Voltou à sala de conferências e sentou-se num banco ao lado dos outros todos, a respiração opressa, sabendo que ninguém se preocuparia com ela.

O rapaz do casaco de couro continuava sentado no banco. Reparou uma vez mais no seu nariz torto, perfeito apesar de estranho. De novo se lembrou de Barley e sentiu-se grata por existir um homem como ele.

Barley estava deitado na cama em mangas de camisa. O quarto era um caixote sem ventilação, filho de um outro quarto enorme, retalhado numa série de caixotes, todos eles atormentados pelo verdadeiro coro de águas que é da praxe em qualquer hotel russo, a fungadela constante das torneiras, o pingo da cisterna da minúsculo banheiro, os arrancos súbitos do enorme radiador preto, o gemido do frigorífico sempre que se lança nas suas convulsões periódicas. Bebia

~Y de um copo dos dentes, fazia de conta que lia à luz perfeitamente incipiente da mesa de cabeceira. Mesmo ao seu lado estava o telefone, e ao lado do telefone o caderno em que anotava mensagens e grandes pensamentos. Os telefones podem ser criaturas vivas, avisara Ned, tudo depende de estarem ou não desligados. Não é o caso deste, pensou Barley. Este só vive quando ela telefonar. Tentava ler o magnífico Márquez mas a letra parecia-lhe arame farpado; desconcentrava-se a todo o momento e tinha de voltar atrás.

Um carro passou na rua, seguindo um transeunte. Depois foi a vez da chuva, estourando como tiros abafados contra os vidros da janela. Sem um clamor, sem um riso, sem um grito de raiva, Moscou devolvera-se aos grandes espaços.

Aqueles olhos. Que viram em mim? Uma relíquia, decidiu. Vestido com o terno do meu pai. Um mau ator oculto pela sua própria representação. Atrás da maquiagem, nada. Ela procurava em mim a convicção e em vez disso o que viu foi a bancarrota moral da minha classe e deste tempo inglês. Procurava uma esperança futura e encontrou vestígios de uma história acabada. Procurava o contato e encontrou em mim um cartaz que dizia — reservado. Por isso um breve olhar lhe bastou, e fugiu.

Reservado para quem? Para que grande dia ou paixão me reservei? Tentou imaginar o corpo dela. Mas com um rosto daqueles, quem precisa de um corpo?

Bebeu. Ela é coragem. Ela é inquietação. Bebeu de novo. Katya, se é isso que tu és, é para ti que eu estou reservado.

Se. Que faltaria saber sobre Katya? Nada, a não ser a verdade. Houve uma época, há muito esquecida, em que confundia beleza e inteligência, mas Katya era tão obviamente inteligente que, desta feita, não era possível confundir as duas qualidades. Outra época houve, e Deus era testemunha, em que confundia beleza e virtude. Mas em Katya tinha pressentido virtude tão sublime que, se naquele momento ela espreitasse por aquela porta e lhe dissesse que acabara de matar os filhos, encontraria instantaneamente seis maneiras de convencê-la de sua inocência.

Se. Bebeu mais um gole de scotch e com um arrepio lembrou-se de Andy.

Andy Macready, trompetista, deitado numa cama de hospital com a cabeça cortada. Tiroide, explicou vagamente a mulher. Quando

descobriram, Andy recusou a cirurgia. Preferia dar um último mergulho e não voltar, dizia. Por isso embebedaram-se os dois e planejaram uma viagem a Capri, uma última grande comilança, rios de vinho tinto e o derradeiro mergulho rumo aos confins de terra nenhuma no imundo Mediterrâneo. Mas quando a tiroide começou realmente a afetá-lo, Andy descobriu que preferia a vida à morte, pelo que votou na cirurgia em vez de Capri. E separaram-lhe a cabeça do corpo, só as vértebras ficaram ligando-os, e com tubos fizeram-no sobreviver. E ali estava Andy, na cama do hospital, ainda uma criatura vivente, sem razão nenhuma para viver, sem razão nenhuma que o fizesse morrer, amaldiçoando o dia em que recusou Capri, e tentando encontrar um significado para si mesmo que fosse mais forte que a morte.

Vou telefonar à mulher do Andy, pensou. Pergunto como está o velho. Viu a hora, calculou que horas seriam no mundo real ou irreal de Mrs. Macready. Estendeu a mão para o fone mas não o levantou. Podia tocar.

Pensou em Anthea, sua filha. Querida Ant. Pensou no filho, Hal, imaginou-o na City. Desculpe ter estragado sua vida, Hal, mas deixe que ainda terá algum tempo para endireitá-la.

Pensou no apartamento de Lisboa e naquela mulher debulhada em lágrimas. Com um estremecimento, pensou no que poderia ter lhe acontecido. Pensou nas suas outras mulheres, mas a sua culpa estava abaixo do nível usual, assunto que também lhe proporcionou algumas cogitações. Pensou de novo em Katya e percebeu que era nela que tinha estado pensando o tempo todo.

Uma batida na porta. É ela, veio me ver. Veste apenas um roupão, está nua por baixo. Barley, querido, murmura ela. Ainda me ama depois do que aconteceu?

Não, não é o gênero dela. É uma mulher sem precedentes nem sequelas. Não tem nada a ver com todas as prostitutas decadentes que conheci.

Era Wicklow, o anjo da guarda, preocupado com seu protegido. — Entre, Wickers. Vai um gole? — Wicklow ergueu as sobrancelhas, o que equivalia a perguntar se ela tinha telefonado. Vestia um casaco de couro em que eram visíveis algumas gotas de chuva. Barley abanou a cabeça. Wicklow encheu um copo com água mineral.

— Estive dando uma olhada em alguns livros que eles nos propuseram hoje —, disse ele, no tom extravagante que ambos tinham

adotado por causa dos microfones. — Pensei que talvez lhe interessasse saber a minha opinião sobre alguns dos títulos de ensaios e manuais.

— Pois opine à vontade, Wicklow —, disse Barley hospitaleiramente, espreguiçando-se na cama uma vez mais, enquanto Wicklow pegava na cadeira.

— Bom, dos títulos que eles apresentaram há apenas um que parece interessante. Um manual de saúde física, com dietas e exercícios. Creio que podemos considerá-lo um dos nossos grandes lançamentos, neste esquema de coprodução. Talvez pudéssemos contratar um dos melhores ilustradores russos, aumentaria o impacto da obra.

— Aumente à vontade. O céu é o limite.

— Teremos de perguntar primeiro ao Yuri.

— Pergunte.

Um hiato. Continuemos com a mesma conversa, propôs mentalmente Barley.

— Ah, a propósito, sir, tinha perguntado por que os russos usam tanto a palavra “conveniente”.

— Sim, de fato perguntei —, disse Barley, que nunca lhe tinha feito tal pergunta.

— Quando dizem “conveniente”, o termo russo em que estão pensando é *udobno*. Significa conveniente, mas também próprio, o que, por vezes, pode causar alguma confusão. Quer dizer, uma coisa é não ser conveniente, outra não ser próprio.

— Sem dúvida, sem dúvida —, concordou Barley, depois de ter pensado demoradamente no assunto, enquanto sorvia o seu scotch.

Depois deve ter cochilado, já que, sem perceber por que, se viu sentado e muito ereto, com o fone colado ao ouvido e Wicklow de pé junto a ele. Estamos na Rússia, foi por isso que ela não disse o nome.

— Apareça —, convidou ele. — Desculpe telefonar tão tarde. Incomodo?

— Incomodar não, perturbar sim. Perturbar, perturba sempre. Foi ótimo aquele chá. Pena que tivesse durado tão pouco. Onde está?

— Convidou-me para jantar amanhã, segundo entendi. — Barley pôs-se à procura do caderno. Wicklow passou-o de imediato.

— Almoço, lanche, jantar, tudo —, disse ele. — Para que endereço mando o coche de cristal? — Escreveu um endereço. — A

propósito, qual é o número de seu telefone, para o caso de um de nós se perder? — Katya deu também o número do telefone, relutantemente; era um desvio das regras, mas mesmo assim deu-o. Wicklow esperou que ele escrevesse o número e, lentamente, retirou-se do quarto.

Nunca se sabe, pensou Barley, acalmando-se com mais um longo gole de scotch depois de ter desligado. Quando uma mulher é bela, inteligente e virtuosa, nunca se sabe para que lado vai cair. Gostará de mim ou não passarei para ela de um rosto na multidão?

Então, subitamente, o medo moscovita apossou-se dele num abrir e fechar de olhos. Atacou-o no momento em que menos esperava, depois de o ter combatido todo o dia. Os terrores ocultos da cidade atroavam-lhe nos ouvidos e depois deles era a voz aflautada de Walter que zunia em sua cabeça.

— Será que ela está realmente em contato com ele? Ou terá inventado esta história sozinha?

— Ou estará em contato com outra pessoa, e sendo assim, com quem?

Na sala de controle, situada nas caves da Casa da Rússia, parecia imperar a atmosfera tensa de um ataque aéreo que duraria toda a noite. Ned estava sentado à mesa de comando, atrás de uma muralha de telefones. Por vezes, um dos telefones piscava o sinal vermelho e Ned pronunciava no bocal alguns monossílabos, num estilo o mais conciso possível. Duas assistentes de gestos doces iam depositando os telegramas em cima da secretária e despejando os cinzeiros. Dois relógios dos Correios, um com a hora de Londres, outro com a de Moscou, brilhavam sob uma luz forte como duas luas gêmeas encostadas à parede do fundo. Em Moscou era meia-noite, em Londres nove horas. Ned quase não levantou a cabeça quando o seu segurança-chefe lhe abriu a porta.

Não lhe fora possível chegar mais cedo. Tinha passado a manhã com os procuradores do Tesouro e a tarde com os advogados de Cheitenham. A ceia serviria para entreter uma delegação de espiocratas da Suécia, após o que os despacharia para o espetáculo musical da praxe.

Walter e Bob debruçavam-se sobre um mapa das ruas de Moscou. Brock falava 'com a sala de códigos através do telefone interno. Ned mergulhava no que parecia ser um extenso inventário. Fez-me sinal

para me sentar e atirou-me uma remessa de mensagens da frente, copiadas à pressa e em forma de entradas.

09h54 Barley conseguiu telefonar para Katya, na Outubro. Marcaram encontro para esta noite às 20h15 no Odessa. Segue.

13h20 irregulares seguiram Katya até ao número 14 da rua tal. Deixou uma carta numa casa que parece estar vazia. Fotos seguem breve pela mala. Segue.

20h18 Katya chegou ao Hotel Odessa. Barley e Katya falam no bufete. Wicklow e um irregular observam. Segue.

21h05 Katya deixa o Odessa. Resumo da conversa segue. Gravações seguem breve pela mala. Segue.

22h00 provisório. Katya prometeu telefonar a Barley esta noite. Segue.

22h50 Katya é seguida até ao hospital tal. Wicklow e um irregular cobrem. Segue.

23h25 Katya recebe chamada num telefone sem uso do hospital. Fala três minutos e vinte segundos. Segue.

E de súbito nada mais.

O ato de espiar é a normalidade levada a extremos. Espionar é esperar.

— O Clive Sem Índia recebe esta noite? —, perguntou Ned, como se a minha presença o tivesse feito lembrar-se de alguma coisa.

Respondi que Clive estaria na sua suíte toda a noite. Tinha estado na Embaixada Americana todo o dia e disse que devia estar disponível à noite.

Seguimos no meu carro para a sede. — Já viu esta porcaria? —, perguntou, batendo com as pontas dos dedos num documento que tinha no colo.

— Que porcaria?

— A lista de nomes a quem foram distribuídos os documentos da Ave Azul. Os que os leram, mais seus sátrapas.

Cauteloso, decidi não comentar. Era lendário o mau gênio de Ned em meio das operações. Na porta do gabinete de Clive a luz estava verde, o que significava “entrem se se atrevem”. A chapa de bronze anunciava — Delegado — em letras cujo brilho eclipsaria a própria Casa da Moeda.

— É capaz de me explicar, Clive, por que raio não foi respeitada a confidencialidade do assunto? —, perguntou Ned, mal entramos,

acenando-lhe com a lista. — Damos aos caras de Langley um lote de material altamente sensível e cuja fonte não conhecemos e da noite para o dia eles recrutam um exército inteiro! Como isso é possível? Onde estamos? Em Hollywood? Temos um cara lá, em carne e osso. E temos um dissidente que nunca vimos —.

Clive deu a volta no tapete dourado. Quando discutia com Ned tinha o hábito de se virar de súbito para ele, como se fosse uma carta de jogar. E nesse momento repetiu-o.

— Então você acha que a lista de conhecedores da Ave Azul é muito longa? —, perguntou, no tom de quem ouve um testemunho.

— Acho e você também deveria achar. E Russel Sheriton também. É capaz de me explicar que raio é esta coisa que dá pelo nome de Conselho de Apoio Científico do Pentágono? E esta Comissão de Conselheiros Acadêmicos da Casa Branca, que raio de comissão é esta?

— Preferia que seguisse um procedimento mais restritivo e que insistisse para que eles limitassem o conhecimento do caso à Comissão

InterAgências? Que só os chefes soubessem do assunto, sem qualquer apoio de comissões, equipes ou assistentes? É isso que quer dizer?

— Se acha que consegue voltar a meter a pasta de dentes no tubo, então a resposta é sim.

Clive pôs um ar de quem estaria a meditar nos méritos da sugestão. Mas eu sabia, tal como Ned, que Clive não meditava nos méritos de nada. Para ele só interessava saber quem era a favor e quem era contra fosse o que fosse. Depois de o saber, dedicava-se apenas a descobrir qual era o melhor aliado.

— Em primeiro lugar, nem um só desses distintos cavalheiros a que me referi é capaz de entender seja o que for do material da Ave Azul, se não contar com o apoio de peritos —, prosseguiu Clive na sua voz perfeitamente fria. — Portanto, ou os deixamos chapinhar na mais total ignorância ou então admitimos os seus apêndices e aceitamos o preço. E isto aplica-se também à Comissão de Espionagem da Defesa e a todos os conselheiros da Marinha, do Exército, da Força Aérea e da Casa Branca.

— Quem estou ouvindo? Estou ouvindo sua voz ou a de Russell Sheriton? —, perguntou Ned.

— Como podemos pedir que não consultem as suas equipes científicas, quando simultaneamente lhes damos um material que é extremamente complexo? —, persistiu Clive, ignorando nitidamente a pergunta de Ned. — Se a Ave Azul for verdadeira, então precisarão com certeza de toda a ajuda possível.

— Se —, repetiu Ned, enfurecido. — Se for verdadeira. Meu Deus, Clive, você ainda é pior do que eles. Há duzentos e quarenta nomes nessa lista e todos têm uma mulher, uma amante e quinze amigos do peito.

— Em segundo lugar, prosseguiu Clive, numa altura em que já nos tínhamos esquecido de que houvera um primeiro, — não é à nossa espionagem que compete decidir, mas sim à de Langley —. Virara-se para mim antes de Ned ter tempo de responder. — Palfrey, confirme, por favor. No nosso tratado de cooperação com os americanos, não demos a Langley direitos de primazia sobre todo e qualquer material estratégico?

— Em assuntos estratégicos a nossa dependência de Langley é total —, concedi. — Eles dizem o que querem que saibamos. Em troca, somos obrigados a comunicar-lhes tudo o que descobrimos. Nunca descobrimos muita coisa, mas de fato o acordo é assim.

Clive escutou-me atentamente e com um ar aprovativo. A sua frieza ganhara uma ferocidade desusada, o que obviamente me deixava intrigado. Se ele possuísse uma consciência, diria que essa frieza era causada por um possível constrangimento. O que ele tinha feito na Embaixada todo o dia? Que ofertas tinha feito, e a quem, e a troco de quê?

— É comum nestes Serviços concluir-se — erradamente — que nós e os americanos estamos no mesmo barco —, continuou Clive, agora falando unicamente para Ned. — Mas não estamos. Não estamos quando se trata de estratégia. Não temos no nosso país um especialista de defesa capaz de ombrear com um americano em matéria de estratégia. No que toca a estratégia, nós, os britânicos, não passamos de uma jangada minúscula e perfeitamente ignorante do seu rumo, ao passo que eles são o Queen Elizabeth. Não cabe à jangada dizer ao transatlântico como deve navegar.

Estávamos ainda maravilhados com o vigor desta declaração quando o telefone vermelho de Clive começou a tocar. Sofregamente, correu para o auscultador, porque uma coisa que Clive adorava era

atender chamadas naquele telefone em frente dos seus subordinados. Pouca sorte a sua. Era Brock. Queria falar com Ned.

Katya tinha acabado de telefonar a Barley, e tinham combinado encontrar-se na noite seguinte, disse Brock. A equipe de Moscou precisava da aprovação urgente de Ned para as suas propostas de operação relativamente a esse encontro. Ned saiu imediatamente.

— Que anda você a tramar com os americanos? —, perguntei a Clive, que não se deu ao incômodo de me responder.

Passei o dia seguinte à conversa com os meus suecos. Na Casa da Rússia, a vida continuava morna. Espionar é esperar. Por volta das quatro escapuli-me para o meu gabinete e telefonei a Hannah. É uma coisa que faço às vezes. Pelas quatro regressa ela do Instituto de Oncologia, onde trabalha meio período, e o marido nunca volta para casa antes das sete. Contou-me como lhe tinha corrido o dia, quase não liguei ao que ela disse. Falei-lhe do meu filho, Alan, que estava apaixonado por uma enfermeira de Birmingham, uma moça sem dúvida simpática mas que realmente não tinha a classe do Alan.

— Pode ser que telefone mais tarde —, disse ela. Às vezes dizia isso, mas nunca telefonava.

Barley seguia ao lado de Katya. Os passos dela pareciam um eco dos seus, embora mais firme. Uma penumbra doentia banhava as casas velhas e esburacadas daquela paisagem dickensiana. O primeiro pátio era sombrio, o segundo tenebroso. No meio do lixo, uns quantos gatos pararam a fitá-los. Dois rapazes de cabelos compridos que podiam passar por estudantes jogavam tênis com uma fila de caixotes de cartão servindo de rede. Um terceiro observava encostado à parede. Um pouco mais à frente, uma porta borrada de grafite e com um quarto crescente pintado de vermelho. — Atenção às marcas vermelhas —, avisara Wicklow. Ela estava pálida e Barley pensou se não estaria também pálido, seria um milagre se não estivesse. Há homens que nunca serão heróis e heróis que nunca serão homens, pensou, com urgentes agradecimentos a Joseph Conrad. E Barley Blair nunca será nem uma coisa nem outra. Levou a mão à maçaneta da porta e tentou rodá-la. Katya mantinha-se um pouco afastada. Trazia uma gabardina e à cabeça um lenço. A maçaneta girava mas a porta não cedia. Empurrou a porta com ambas as mãos, primeiro ligeiramente, depois com toda a força. Os jogadores de tênis desataram a gritar-lhe em russo. Barley ficou como que paralisado, sentindo fogo pelas costas.

— Eles estão a dizer que a porta só abre ao pontapé —, disse Katya, e, para seu grande espanto, Barley reparou que ela sorria.

— Se num momento destes você consegue sorrir —, disse ele, — então imagino que cara não terá quando se sente feliz.

Mas deve tê-lo dito para você mesmo, já que ela não respondeu. Com um pontapé, a porta cedeu de fato, gemendo sobre a areia que se acumulava debaixo dela. Os rapazes, rindo da cena, regressaram ao jogo. Barley avançou na escuridão e Katya seguiu-o. Carregou num botão mas não havia luz. A porta fechou-se com estrondo atrás deles e quando, às apalpadelas, procurou a maçaneta não conseguiu encontrá-la. Por um momento pararam naquela profunda escuridão, sentindo os cheiros a gato, cebolas e fritos e escutando rádios e discussões que pertenciam a outras vidas. Acendeu um fósforo. Apareceram três degraus, depois meia bicicleta, a seguir um patamar e um elevador imundo. E nada mais porque o lume lhe chegara aos dedos. Vai para o quarto andar, dissera Wicklow. Atenção às pinturas em vermelho. Mas como vou ver coisas pintadas de vermelho no meio desta escuridão? Deus respondeu-lhe com uma luz pálida vinda do piso superior.

— Quer dizer-me onde estamos? —, perguntou ela afavelmente. — É o apartamento de um amigo meu —, respondeu ele. — Um pintor.

Barley abriu a porta do elevador, depois a grelha. Disse — faz favor —, mas Katya já estava lá dentro, olhando para cima, ansiosa por que aquilo subisse.

— Ele está fora por uns dias. Sempre é um bom lugar para falarmos —, disse.

Reparou de novo nas pestanas dela, na umidade daqueles olhos. Gostaria de consolá-la mas ela não estava suficientemente triste.

— É pintor —, repetiu, como se isso legitimasse um amigo. — Oficial? — Não. Não me parece. Não sei. — Porque não lhe dissera Wicklow que raio de pintor era o homem? Ia a carregar no botão quando uma menina com óculos de aros de tartaruga entrou correndo no elevador abraçando um urso de plástico. A criança gritou uma saudação e o rosto de Katya iluminou-se ao responder. O elevador foi subindo aos arrancos; em cada piso os botões davam um estalido que mais parecia de pistola. No terceiro andar, a criança, muito educadamente, disse-lhes adeus e Barley e Katya responderam em uníssono. No quarto, o elevador parou com um sobressalto, como se tivesse batido no texto e talvez tivesse mesmo batido. Barley deixou-a passar para terra firme e,

com um salto ligeiro, saiu também. À sua frente, havia um corredor que tresandava a bebê, talvez a muitos bebês. Ao fim do corredor, naquilo que parecia ser uma parede sem portas, uma seta vermelha apontava à esquerda, para uma estreita escada de madeira. No primeiro degrau estava Wicklow, agachado como um duende, lendo um livro enorme à luz de uma pilha. Não ergueu a cabeça quando eles passaram, mas Barley reparou que Katya o observava atentamente.

— O que é? Viu algum fantasma? —, perguntou. Ela o ouvira? E ele, se ouviu a si mesmo? Teria sequer falado? Estavam já num extenso sótão. Frestas de céu trespassavam o telhado, os caibros dos telhados estavam manchados de dejetos de morcegos. Sobre as vigas do assoalho havia um caminho feito de pranchas de andaimes. Barley segurou na mão dela. Uma mão larga e forte e seca. A nudez daquela mão contra a nudez da sua própria mão, era como a dádiva de todo um corpo.

Avançou cautelosamente, entre cheiros de terebintina e linhaça e o sopro de um vento inesperado. Com alguma dificuldade passou entre um par de cisternas de ferro e viu uma gaivota de papel em tamanho natural voando pendurada numa trave, dançando em volta do fio que a segurava. Barley avançou, conduzindo Katya. Para lá da gaivota, pendia uma cortina listrada presa a um varão de chuveiro. Se não há gaivota, então não há encontro, dissera Wicklow. Ausência de gaivota significa aborto. Ora aí está o meu epitáfio, pensou Barley. — Não havia gaivota, por isso ele abortou. — Puxou a cortina e entrou num estúdio de pintor, conduzindo-a sempre pela mão. No centro do estúdio encontrava-se um cavalete e um cubo de madeira estofado onde decerto se sentaria o modelo. Um velho sofá de espaldar alto assentava no chão sobre o seu estofo. É uma casa antiga, dissera Wicklow. Como eu, Wickers, como eu. Uma claraboia improvisada rompia o declive do telhado. Também a claraboia tinha uma marca vermelha pintada. Os russos não confiam nas paredes, explicara Wicklow, ela há de falar melhor ao ar livre.

Barley abriu a claraboia, para grande consternação de uma colônia de pardais e pombos. Fez um sinal a Katya para subir primeiro, e reparou no jeito fácil com que o seu corpo longilíneo trepou ao telhado. Seguiu-a, mas com tão pouco jeito que bateu com a espinha na borda do telhado, o que o levou a soltar um previsível “droga”. Ficaram de pé entre duas empenas, num vale coberto de chapa de chumbo, tão pouco extenso que se decidissem sentar nem os pés poderiam esticar. De ruas

que não podiam ver chegava-lhes a palpitação do trânsito. Katya olhava-o e de muito perto. E se ficássemos aqui, para sempre? —, pensou ele. Seus olhos, eu, o céu. Esfregava as costas, semicerrando os olhos por causa da dor.

— Dói?

— É só uma espinha fraturada.

— Quem é aquele homem que está nas escadas? —, perguntou ela.

— Trabalha para mim, meu editor. Fica de vigia enquanto conversamos.

— Ontem à noite estava no hospital.

— Que hospital?

— A noite passada, depois de ter estado com você, tive de ir a um certo hospital.

— Está doente? Por que foi ao hospital? —, perguntou Barley, deixando de esfregar as costas.

— Não interessa. Ele estava lá. Dava a impressão de ter um braço quebrado.

— Não, não pode ter estado lá —, respondeu Barley, sem acreditar no que dizia. — Depois de você ter ido embora ele estava comigo. Discutimos sobre livros russos.

Barley viu a suspeita abandonar lentamente os olhos dela. — Estou cansada. Desculpe.

— Deixe-me dizer-lhe o que eu resolvi, se não estiver de acordo, diga. Conversamos e depois levo-a a jantar. Se os guardiões do Povo ouvirem a nossa conversa a noite passada, estão com certeza à espera que vamos jantar. O estúdio pertence a um amigo meu, pintor e louco por jazz como eu. Nunca lhe disse o nome dele porque não consigo me lembrar e talvez nunca o tenha sabido. Pensei em trazer-lhe uma garrafa e depois dávamos uma olhada nos quadros dele, só que o homem não apareceu. A seguir, fomos jantar e conversamos acerca de literatura e da paz mundial. Apesar da minha reputação, não lhe fiz qualquer proposta amorosa. Passei o tempo a contemplar a sua beleza, a qual me infunde um respeito excessivo. Que tal?

— É conveniente. — Barley agachou-se num repente, tirou uma meia garrafa de scotch do bolso e abriu-a. — Bebe?

— Não.

— Eu também não. — Barley esperava que ela se sentasse a seu lado, mas Katya permaneceu de pé. Derramou um fio de uísque na tampa e pôs a garrafa a seus pés.

— Como se chama ele? —, perguntou. — O autor. Goethe. Quem é ele?

— Isso não interessa.

— Em que unidade ele está? Em que firma? Qual é o número da sua caixa postal? Está num ministério? Num laboratório? Onde trabalha? Não podemos desperdiçar o pouco tempo que temos.

— Não sei.

— Onde ele mora? Também não vai me dizer isso?

— Mora em muitos lugares. Trabalha em muitos lugares.

— Como o conheceu?

— Não sei. Não sei o que posso lhe dizer.

— O que ele lhe disse para me dizer? — Katya vacilou, como se ele a tivesse apanhado em falta. Com um ar pensativo, respondeu. — Disse o que era necessário. Que eu devia confiar em você. Foi generoso. É por natureza um homem generoso.

— Então o que a detém?

— Nada.

— Porque acha que vim a Moscou?

— Nada.

— Acha que me agrada brincar de polícia e ladrão em Moscou?

— Não sei.

— Por que me mandou o livro se não confia em mim?

— Foi por ele que mandei. Não fui eu que o escolhi. Foi ele —, respondeu Katya com um ar melancólico.

— Onde ele está agora? No hospital? Como falou com ele? — Barley fitou-a, à espera da resposta.

— Por que não começa muito simplesmente falando e depois se vê? —, sugeriu.

— Quem é ele, quem é você, em que trabalha ele?

— Não sei.

— Quem esteve na varanda às três da manhã na noite do crime? — Nada, só o silêncio. — Diga por que me arrastou para isto, Katya. Foi você quem começou, não eu. Katya? Está me ouvindo? Sou eu, Barley Blair. Blair, Barley Blair, tenho umas habilidades, imito pássaros, bebo. Sou um amigo.

Barley adorava aqueles silêncios graves enquanto a olhava naqueles olhos que não paravam de o fitar. Adorava senti-la escutando com os olhos. Adorava aquele retorno a uma proximidade quase íntima sempre que ela falava.

— Não houve crime nenhum —, disse ela. — Ele é meu amigo. O nome dele e a ocupação não interessam.

Barley sorveu um pouco mais de uísque enquanto pensava naquela resposta. — Então é isto que você habitualmente faz pelos seus amigos? Passa clandestinamente para o Ocidente os manuscritos ilícitos que eles produzem? — Ela também pensa com os olhos, pensou. — Ele não lhe disse por acaso o que continha o manuscrito?

— Claro que não. Não me faria correr risco sem meu consentimento.

Barley reparou no tom de defesa que havia na voz dela e isso o melindrou. — O que disse ele que havia no manuscrito? —, perguntou.

— O manuscrito descreve o envolvimento do meu país na preparação de armas de destruição em massa por muitos anos. Mostra até que ponto a corrupção e a incompetência grassam em todos os campos da nossa indústria de defesa. Fala ainda de uma administração que, de tão deficiente, se torna criminosa, bem como de vários atropelos éticos.

— Mas que grande tirada, Katya! —, respondeu Barley. — O que eu gostaria de saber era se tem conhecimento de outros pormenores, além do que acaba de dizer.

— Não estou familiarizada com assuntos militares.

— Então posso concluir que ele é um militar.

— Não, não é.

— Então, se não é militar, o que é que ele é? — Silêncio. — Mas diga uma coisa, Katya. Você aprova o que ele faz? Aprova a sua decisão de passar as informações ao Ocidente?

— Ele não as passou ao Ocidente, nem a qualquer bloco. É verdade que respeita os britânicos, mas isso não é importante. O que é importante é que seu gesto garantirá uma verdadeira abertura entre os cientistas de todas as nações. Contribuirá para destruir a corrida armamentista. — Ela ainda não tinha cedido por completo. Falava monocórdicamente como se tivesse aprendido o texto de cor. — Ele acredita que não temos tempo a perder. Temos de destruir o abuso que

se faz da ciência e os sistemas políticos responsáveis por esse abuso. Quando ele fala de filosofia é em inglês que fala —, acrescentou.

E você ouve, pensou Barley. Ouve com os olhos. Em inglês. E entretanto imagina se confiará ou não em mim.

— É um cientista?

— É. É um cientista.

— Odeio-os todos. De que ramo é? Física?

— Talvez. Não sei.

— Mas as informações do manuscrito são muito variadas. Fala de precisão, alvos, comando e controle, motores de mísseis. O nosso cientista trabalhará por acaso acompanhado? Quem lhe fornece o material? Como ele sabe tanta coisa?

— Não sei. O que sei é que está sozinho. Isso é óbvio. Não tenho assim tantos amigos. Ele não é um grupo. É possível que dirija o trabalho de outras pessoas. Não sei.

— É um homem altamente colocado? Um chefe? Trabalha aqui em Moscou? É um dirigente? O que é que ele é, afinal?

Katya abanou a cabeça a cada pergunta. — Não trabalha em Moscou. De qualquer modo, nunca lhe perguntei onde trabalha e ele também não mo diz.

— Faz testes? — Não sei. Só sei que tem trabalhado em muitos lugares. Por toda a União Soviética. Às vezes vê-se que esteve a trabalhar ao sol, outras vezes que passou muito frio, outras ainda muito sol e muito frio. Não sei.

— E nunca mencionou a unidade em que trabalha? — Não. — E números postais, não tem? Nomes de chefes? O nome de um colega ou de um subordinado, talvez ...

— Ele não está interessado em dizer-me tais coisas. — E Barley acreditava nela. Enquanto estivesse com ela, acreditaria que o norte era o sul e que as crianças nascem em jacarandás.

Katya fitava-o, à espera da próxima pergunta.

— Será que ele compreende as consequências da divulgação do manuscrito? —, perguntou-lhe Barley. — Quer dizer, as consequências que essa divulgação teriam para ele? Será que ele sabe com que fogo está brincando?

— Ele diz que há momentos em que as nossas ações têm de vir primeiro e só devemos pensar nas consequências quando elas ocorrerem. — Katya parecia estar à espera de que ele dissesse algo,

mas Barley aprendera já abrandara sua velocidade de reação. — Se a nossa frente se desenha claramente um objetivo, então podemos avançar um passo. Se nos dedicamos a todos os objetivos ao mesmo tempo, então não avançaremos nada.

— E você? Terá ele pensado nas consequências para você, se alguma vez se vier a saber?

— Ele já se resignou.

— E você?

— Também, naturalmente. A decisão também foi minha. Se não, por que o apoiaria?

— E seus filhos? —, perguntou ele.

— Tudo que estamos fazendo é para eles e sua geração —, respondeu ela com uma determinação que raiava a cólera.

— E as consequências para a Mãe Rússia?

— Nós consideramos a destruição da Rússia preferível à destruição de toda a humanidade. O nosso maior fardo é o passado. De todas as nações, não apenas da Rússia. Somos como os executores do passado. Ele diz que se não conseguirmos executar o nosso passado, nunca conseguiremos construir o futuro. Só poderemos construir um novo mundo quando nos libertarmos das mentalidades do velho. Para dizermos a verdade, temos de estar preparados para ser os apóstolos da negação. Ele cita Turgenev. Niilista é aquele que não reconhece nenhum princípio como certo, por muito que esse princípio seja venerado.

— E você, é uma niilista?

— Não. Sou uma humanista. Se nos é dada a oportunidade de desempenhar um papel na construção do futuro, então não podemos perdê-la.

Barley procurava naquela voz uma réstia de dúvida. Nem réstia, nem sinal. O seu tom era perfeito, perfeitamente seguro.

— Há quanto tempo é que ele diz essas coisas? Desde sempre? Ou só recentemente?

— Ele sempre foi um idealista. É essa a sua natureza. Sempre foi uma criatura extremamente crítica, num sentido construtivo. Houve uma época em que conseguiu convencer-se de que as armas de aniquilação eram tão terríveis que teriam decerto o efeito de abolir a guerra. Acreditou que essas armas produziriam uma alteração nas mentalidades dos sistemas militares. Admitia convictamente o paradoxo de que quanto

mais poderosas fossem as armas, maior seria a sua capacidade para implantar a paz. Por isso era um entusiasta das posições estratégicas americanas.

Katya começava a abrir-se. Barley sentia claramente que ela já não podia mais, que a contenção era já impossível. Katya despertava e aproximava-se dele. Sob os céus de Moscou, ela repelia todas as suas suspeitas, porque excessiva fora a sua solidão, porque excessivo fora o seu abandono.

— E que fato ou fatos contribuíram para a sua mudança de opinião?

— Há muito que ele conhece a incompetência e a arrogância das nossas organizações militares e burocráticas. Há muito que sabe que é essa incompetência e essa arrogância que minam as raízes do progresso, como ele diz. Inspiram-no a perestroika e a perspectiva da paz mundial. Mas não é um utópico, não é uma criatura passiva. Sabe muito bem que nada surgirá por si. Sabe que o nosso povo está iludido e que lhe falta poder coletivo. A nova revolução tem de ser imposta de cima. Pelos intelectuais. Pelos artistas. Pelos administradores. Pelos cientistas. O que ele pretende é dar o seu próprio contributo, um contributo irreversível, para essa mudança, de acordo com as exortações da nossa liderança. Por isso cita um provérbio russo que diz: "Se o gelo está fino, temos de andar depressa". Diz que vivemos há muito tempo numa era de que já não precisamos. O progresso só será um fato quando essa era tiver acabado.

— E você está de acordo?

— Estou, tal como você! — Uma exclamação inflamada. Fogo nos olhos. Um inglês muito perfeito, aprendido no convento, nos clássicos autorizados do passado. — Ele diz que o ouviu criticar seu país nos mesmíssimos termos!

— Diga-me uma coisa, Katya, ele não tem por acaso interesses vulgares como todo mundo? —, perguntou Barley. — Por exemplo, gosta de cinema? De que marca é o carro dele?

Katya afastara-se dele. Barley atentou no perfil dela, recortado contra o céu vazio de nuvens. Depois, bebeu mais um gole de scotch.

— Você disse que ele talvez fosse um físico —, lembrou. — Fez estudos de Física. Creio que também é especialista competente em certos campos da Engenharia. No campo em que trabalha, acho que tais

distinções nem sempre são rigorosamente observadas. Onde ele estudou?

— Na escola já o consideravam um prodígio. Aos catorze anos venceu uma Olimpíada de Matemática. Seu êxito foi divulgado pelos jornais de Leningrado. Depois foi para o Litmo, mais tarde fez estudos de pós-graduação. É um indivíduo brilhante.

— Eram precisamente esses indivíduos que eu odiava quando estava na escola —, respondeu Barley, verificando, com algum alarme, que ela não gostara da observação.

— Mas não odiou Goethe. Aliás, inspirou-o mesmo. Goethe cita muitas vezes o seu amigo Scott Blair. “Se queremos que haja esperança, teremos todos de trair nossos países.” Foi você mesmo que disse isso?

— O que é um Litmo? —, perguntou Barley. — Litmo é o Instituto de Ciência Mecânica e Óptica de Leningrado. Depois da Universidade, Goethe foi para Novosibirsk, onde estudou na cidade científica de Akademgorodok. Licenciou-se em Ciências, doutorou-se em Ciências. Fez tudo.

Barley gostaria de insistir com ela naquele “tudo”, mas receava assustá-la. Por isso, deixou-a falando sobre si mesma. — E como você apareceu na vida dele?

— Desde criança.

— Criança de que idade? — Barley sentiu de novo reticências na expressão dela, reticências que se dissolveram passado um momento. Era como se ela precisasse de se lembrar de que estava em boa companhia — ou em tão má companhia que pouca diferença faria comprometer-se ainda mais.

— Nos anos sessenta foi um intelectual importante —, disse ela com um sorriso grave.

— Que idade tinha o prodígio?

— Trinta.

— De que ano estamos falando?

— 1968. Nessa altura ele ainda era um idealista na defesa da paz. Dizia que os nossos dirigentes nunca seriam capazes de mandar os tanques. “Os checos são nossos amigos”, dizia ele. São como os sérvios e os búlgaros. Se fosse em Varsóvia, talvez mandassem os tanques. Mas contra os checos, contra os nossos amigos checos, nem pensar”.

Katya estava agora de costas para ele. Ela era um sem número de mulheres ao mesmo tempo. De costas para ele falava ao céu. No entanto, fazia-o penetrar na sua vida e escolhia-o como confidente.

Foi no mês de agosto, em Leningrado, disse ela, tinha dezesseis anos, estudava francês e alemão, era o último ano de escola. Era uma aluna-modelo, sonhava com a paz e tinha uma visão revolucionária o mais romântica possível. Não era ainda uma mulher feita e se julgava já uma mulher madura. Era com ironia que Katya ia falando de si mesma. Aos dezesseis anos, já tinha lido Erich Fromm, Ortega y Gasset e Kafka, vira Dr. Strangelove, de Kubrik. Considerava Sakharov homem correto no seu pensamento, mas errado no método. Preocupava-se com os judeus russos, mas partilhava a opinião do pai de que tinham sido os próprios judeus os causadores de seus problemas. O pai era professor de Humanidades na Universidade, e a escola dela era para filhos da nomenclatura de Leningrado. Tudo isto se passava em agosto de 1968, mas Katya e os amigos ainda tinham esperança política. Barley tentou lembrar-se se alguma vez tivera esperança política e concluiu que não. Ela falava como se nunca mais a pudessem impedir de falar. Nesse momento Barley gostaria de ter segurado a mão dela, como tinha feito nas escadas. Gostaria de segurado qualquer parte do corpo dela, de preferência o rosto, que gostaria de ter podido beijar em vez de ficar parado ouvindo-a desfiar a história de seus amores.

— Nós acreditávamos que o Leste e o Ocidente estavam se aproximando —, disse. — Quando os estudantes americanos se manifestavam contra a guerra do Vietnã, nós sentíamos orgulho deles e os víamos como nossos camaradas de luta. Quando os estudantes de Paris se revoltaram, nosso desejo era estar ao lado deles nas barricadas, vestindo roupas iguais às deles, claro, boas roupas francesas a que nós não tínhamos acesso.

Olhou num relance para ele e sorriu. Um quarto crescente tinha aparecido entre as estrelas e Barley tinha uma vaga ideia, seguramente literária, de que quarto crescente era um mau agouro. Um bando de gaivotas tinha-se instalado num telhado do outro lado da rua. Não te deixarei nunca, pensou.

— Havia um homem no nosso prédio que tinha estado ausente durante nove anos —, continuou ela. — Voltou certa manhã, fazendo de conta que nunca tinha estado fora. O meu pai convidou-o para jantar e durante toda a noite colocou discos para ele ouvir. Creio que nunca tinha

encontrado uma pessoa saída de um campo. Por isso, esperava que ele falasse de todos os horrores por que tinha passado. Nada disso. O homem não queria outra coisa senão ouvir Shostakovich. Nessa altura não entendia ainda que há sofrimentos que não podem ser descritos. Sabíamos que na Checoslováquia estavam ocorrendo reformas extraordinárias. Acreditávamos que estas reformas chegariam em breve à União Soviética, que em breve teríamos uma moeda forte e poderíamos viajar livremente.

— E a sua mãe, onde estava?

— A minha mãe já tinha morrido.

— De que morreu?

— De tuberculose. Já estava doente quando eu nasci. Em 20 de agosto havia uma projeção de um filme de Godard no Clube dos Cientistas. Só para convidados, claro. — Involuntariamente a sua voz tinha-se tornado severa. — Os convites eram para duas pessoas.

O meu pai tinha indagado sobre o conteúdo moral do filme e mostrava-se relutante em me levar. Eu insisti e ele acabou por ceder, com o argumento de que eu estudava francês e portanto deveria ver filmes franceses. Conhece o Clube dos Cientistas de Leningrado?

— Não posso dizer que conheça —, respondeu ele, recostando-se. — Alguma vez viu o filme *A bout de souffle*?* [*Filme de Jean-Luc Godard, com Jean-Paul Belmondo e Jean Seberg, um dos títulos básicos da nouvelle vague francesa, (N. do T.)*]

— Entrava nele —, respondeu Barley, e Katya desatou a rir enquanto ele sorvia o uísque.

— Então lembra que era um filme muito tenso. Lembra?

— Lembro.

— Foi o filme mais forte, mais poderoso que já vi. Todo mundo ficou muito impressionado, mas para mim foi um verdadeiro choque. O Clube dos Cientistas fica ao lado do rio Neva. É um edifício muito antigo, magnífico, com escadarias de mármore e sofás muito baixos, onde é difícil uma mulher sentar-se com uma saia apertada.

Katya olhava de novo à sua frente. Barley fitava de novo o seu perfil. — Há um belíssimo jardim de inverno e uma sala que parece uma mesquita, com imponentes cortinados e tapetes luxuosos. Meu pai gostava muito de mim, mas se preocupava comigo e por isso se mostrava severo. Quando o filme acabou, fomos para uma sala de jantar com painéis de madeira nas paredes. Uma sala lindíssima. Sentamos a

uma mesa muito longa, como todas as outras, e foi aí que eu conheci Yakov. Foi meu pai quem nos apresentou. “Apresento-te um novo gênio no mundo da Física”, disse ele. Meu pai cometia por vezes o erro de ser sarcástico com os jovens. Yakov era muito bonito. Tinha ouvido falar dele, mas ninguém me tinha dito que era tão vulnerável, parecia mais um artista do que um cientista. Perguntei em que estava trabalhando naquele momento e ele respondeu que tinha voltado a Leningrado para recuperar sua inocência. Desatei a rir e dei-lhe uma resposta que, numa moça de dezesseis anos seria no mínimo inesperada. Disse que achava estranho um cientista à procura da inocência, quando tantos não se preocupavam com isso e deveriam. Ele explicou que em Akademgorodok tinha realizado estudos extremamente brilhantes em certos campos e por isso os militares não o largavam. Em Física, ao que parece, a distinção entre investigação pacífica e investigação militar é frequentemente muito tênue. Os militares ofereciam-lhe tudo — privilégios, dinheiro para seu trabalho —, mas ele recusava porque queria canalizar as energias para objetivos pacíficos. Isso irritava os militares porque normalmente recrutam a nata dos nossos cientistas e não esperam recusa. Por isso Yakov voltara à sua velha universidade na esperança de reencontrar a inocência perdida. De início pensara em estudar Física Teórica e procurara para tal o apoio de gente influente. No entanto, todos se mostravam relutantes precisamente por sua atitude. Além disso, não tinha autorização para residir em Leningrado. Falava com toda a liberdade, como acontece normalmente com os nossos cientistas. E sentia um entusiasmo incrível por tudo o que se passava em Gorodok. Falava dos estrangeiros que passavam por lá, dos jovens e brilhantes cientistas americanos vindos de Stanford e do MIT, sem esquecer dos ingleses. Falava dos pintores que eram proibidos em Moscou mas que podiam expor em Gorodok. Os seminários, a intensidade daquela vida, a livre troca de ideias — e, disso estava certo, a livre troca de amor. “Em que outro país, senão na Rússia, teriam os cientistas um concerto especialmente realizado para eles, com Richter e Rostropovich, e Okudzhava cantando, e Voznesensky ler seus poemas?! Este é o mundo que nós cientistas, devemos construir para os outros!” Ele brincava e dizia suas piadas e eu ria como mulher madura. Nesses tempos ele era um homem extremamente espirituoso, mas também muito vulnerável, como hoje. Há nele uma parte que se recusa a crescer. É o artista que há nele, mas é também o perfeccionista. Já naquela

época criticava sem rodeios a incompetência das autoridades. Dizia que havia tantos ovos e tantas salsichas no supermercado de Godorok que ônibus com gente de Novosibirsk paravam lá e às dez da manhã já não havia nada nas prateleiras. Por que as pessoas precisavam fazer a viagem, e não os ovos?, perguntava ele. Seria muito melhor se os ovos fossem ao encontro das pessoas! Ninguém apanhava o lixo, acrescentava ele, e a eletricidade era cortada um dia sim outro também. Por vezes, nas ruas, havia lixo que chegava aos joelhos. E chamavam aquilo um paraíso científico! Nesse momento fiz outro comentário jocoso. “Mas esse é o problema do paraíso”, disse eu. “Não há ninguém para recolher o lixo”. Todo mundo riu muito. Para mim aquela noite estava sendo um sucesso. Depois ele falou da velha guarda, que tentava opor-se às ideias dos novos e logo debandava abanando a cabeça, como velhos camponeses que vissem pela primeira vez um trator. Pouco importam as tentativas da velha guarda, acrescentou. O progresso acaba sempre por vencer. O comboio blindado da Revolução que Stalin tinha feito descarrilar — disse ele ainda — seguia de novo em frente e a próxima escala seria Marte. Foi então que meu pai o interrompeu com uma das suas opiniões cínicas. Meu pai achava que Yakov fazia muito barulho com suas ideias. “Mas diga uma coisa, Yakov Yefremovich”, disse meu pai, “Marte não era o deus da guerra?”. Num instante a expressão de Yakov ganhou um ar intensamente reflexivo. Nunca pensei que um homem pudesse mudar tão depressa: num momento, audacioso, no momento seguinte, solitário e angustiado. Intimamente censurava meu pai. Estava furiosa com ele. Yakov tentava se recuperar do choque, mas meu pai o deixara definitivamente desesperado. Yakov não lhe falou por acaso do pai dele?

Katya estava sentada do outro lado daquele vale de telhas, com as suas longas pernas esticadas, o vestido colado ao corpo. O céu escurecia, a lua e as estrelas cresciam no negrume da noite.

— Disse que o pai tinha morrido de overdose de inteligência —, replicou Barley.

— O pai dele participou de um motim de prisioneiros num campo. Foi o desespero que o levou à revolta. Yakov não soube da morte do pai durante muitos anos. Certo dia apareceu-lhe um velho em casa, dizendo que tinha matado o pai dele. Era guarda no campo em que o pai de Yakov estivera preso e participara na execução dos rebeldes. Cumpriu ordens superiores, claro. Os amotinados tinham sido mortos às dúzias

pelas metralhadoras dos guardas, perto do terminal ferroviário de Vorkuta. O guarda soluçava ao contar isso. Yakov tinha apenas catorze anos, mas perdoou o velho e ofereceu-lhe vodka.

Não posso fazer isso, pensou Barley. Não tenho nada a ver com esta dimensão, não estou à altura desta gente.

— Em que ano foi morto o pai dele? —, perguntou. O que você tem de ser é um hamster. É praticamente a única coisa que você pode fazer, comportar-se como um hamster.

— Acho que foi na primavera de 1952. Enquanto Yakov permanecia silencioso, todo mundo na mesa começou falando com a maior veemência da Checoslováquia —, prosseguiu ela no seu inglês perfeito e arqueológico. — Diziam alguns que a URSS mandaria os tanques. Meu pai tinha certeza disso. Outros diziam que havia razão para mandar os tanques. Meu pai contrapunha que nossos dirigentes enviariam os tanques tivessem ou não razão. Os czares vermelhos fariam o que quisessem, como os brancos tinham feito. O sistema venceria porque o sistema sempre vence e o sistema era precisamente a nossa maldição. Esta a convicção do meu pai, como mais tarde viria a ser a de Yakov. Mas nessa altura Yakov ainda estava decidido a acreditar na Revolução. Gostaria que a morte do pai tivesse valido a pena. Depois de escutar atentamente o meu pai, tornou-se agressivo. “Nunca mandarão os tanques”, disse. “A Revolução sobreviverá”. E batia com o punho na mesa. Reparou nas mãos dele? São como de pianista, muito brancas, muito magras. Nesse momento, tinha já bebido demais. Meu pai também e por isso reagiu com irritação aos comentários de Yakov. Queria que o deixassem em paz com seu pessimismo. Um humanista distinto como o meu pai não podia gostar que um jovem cientista como Yakov o contestasse, tanto mais que o considerava arrogante e presunçoso. Talvez o meu pai também sentisse ciúmes, porque, enquanto discutiam, senti que me apaixonava por Yakov.

Barley bebeu mais um golinho de uísque. — Está chocado? —, perguntou ela, de novo com um sorriso nos lábios. — Não o choca que uma moça de dezesseis anos se apaixone por um homem experiente, já na casa dos trinta?

Barley não se sentia muito perspicaz, mas ela parecia necessitar de uma resposta tranquilizadora. — Não sei que lhe diga, mas, vendo a questão globalmente, diria que foram ambos muito felizes.

— Quando a recepção acabou, pedi ao meu pai três rublos para ir ao Café Sever tomar sorvete com minhas amigas. Havia várias filhas de acadêmicos na recepção, algumas delas eram minhas colegas de escola. Convidei também Yakov para vir. A caminho do café, perguntei onde ele morava. Na rua do Professor Popov, respondeu. Depois perguntou: “Quem foi Popov” Caí na risada. Todo mundo sabe quem foi Popov, disse. Popov foi o grande inventor russo do rádio, o homem que emitiu um sinal de rádio ainda antes de Marconi. Yakov não estava assim tão certo. “Talvez Popov nunca tenha existido”, replicou. “Talvez o Partido o tenha inventado para satisfazer nossa obsessão de que somos os primeiros a inventar tudo”. Com esta resposta fiquei sabendo que, lá no fundo, ele ainda tinha dúvidas sobre o que nossos dirigentes fariam na Checoslováquia.

Bailey acenou-lhe sensatamente com a cabeça, apesar de não sentir sensatez nenhuma.

— Perguntei-lhe se o apartamento dele era partilhado ou só seu. Respondeu que era um quarto que partilhava com um antigo conhecido do Litmo que trabalhava à noite num laboratório muito especial e que por isso raramente se encontravam. “Então me mostre onde mora”, disse eu. “Quero saber se mora confortavelmente.” Ele foi meu primeiro amante —, disse ela com a maior simplicidade. — Foi extremamente delicado, como eu esperava, mas foi também um homem apaixonado.

— Bravo —, disse Barley, mas tão baixo que duvidava que ela o tivesse ouvido.

— Fiquei com ele três horas e apanhei o último metrô. Meu pai estava à minha espera. Falei com ele como se fosse uma estranha de visita àquela casa. Não preguei olho, nessa noite. No dia seguinte as notícias da BBC. Os tanques tinham invadido Praga. Meu pai, que tinha previsto a invasão, estava desesperado. Mas nesse momento não era meu pai que me preocupava. Em vez de ir para a escola, fui à procura de Yakov. Seu companheiro de quarto disse que o encontraria no Saigon, nome de um café na Nevsky Prospekt, um café frequentado por poetas, traficantes de droga e especuladores, nunca por filhas de professores universitários. Yakov estava tomando café, mas via-se perfeitamente que estava bêbado. Não parara de beber vodka desde que ouvira as notícias. “Seu pai tinha razão”, disse ele. “O sistema sempre vence. Falamos de liberdade e afinal somos nós os opressores.” Três meses depois regressou a Novosibirsk. Apesar de toda a sua

amargura, regressou. “Tenho de escolher entre morrer de obscuridade e morrer de compromisso”, disse. “Como é uma escolha entre uma morte e outra, o melhor é optar pela alternativa mais confortável.”

— E como você ficou? —, perguntou Barley.

— Com vergonha dele. Disse que ele era meu ideal e que estava decepcionada. Tinha acabado de ler os romances de Stendhal, por isso falei-lhe no tom de uma grande heroína francesa. Acreditava que ele tinha tomado uma decisão imoral. Dizia uma coisa e fazia outra. Na União Soviética, disse eu, há gente demais fazendo exatamente isso. Disse que nunca mais falaria com ele enquanto não corrigisse devidamente aquela escolha imoral. Lembrei-lhe o caso de E. M. Forster, que ambos admirávamos. Disse que ele tinha de ser um homem de um só rosto. Que os seus pensamentos e ações tinham de ser uma e a mesma coisa. Claro que pouco depois tive pena dele e reatamos, mas já não era a mesma coisa, nossa relação tinha perdido todo o romantismo inicial. De Novosibirsk enviava-me cartas frias. Senti vergonha dele. Talvez de mim mesma, também.

— De maneira que acabou por se casar com Volodya —, disse Barley.

— Exato.

— E manteve a relação com Yakov? —, sugeriu Barley, como se fosse a coisa mais natural deste mundo.

Katya corou, enquanto o olhava com severidade. — Sim, é verdade, durante algum tempo eu e Yakov mantivemos uma relação clandestina. Não nos encontrávamos muitas vezes, de vez em quando apenas. Ele dizia que éramos um romance inacabado. Precisávamos um do outro para completar o destino de cada um. Ele tinha razão, mas eu não percebia o poder da influência dele sobre mim, ou do poder que eu tinha sobre ele. Pensei que se nos víssemos mais vezes talvez conseguíssemos nos libertar um do outro. Quando concluí que não era isso que acontecia, deixei de vê-lo. Amava-o mas me recusava a vê-lo. E além disso estava grávida de Volodya.

— Quando voltaram a se encontrar?

— Depois da última feira do livro de Moscou. Foi você o catalisador que Yakov esperava. Ele tinha passado as férias bebendo. Escrevera inúmeros documentos internos e apresentara muitas queixas oficiais. Nenhuma delas tinha perturbado minimamente o sistema, embora me pareça que ele conseguira incomodar as autoridades. Mas

você apareceu e falou-lhe ao coração. O que você fez foi transformar os pensamentos dele em palavras num momento crucial da sua vida, e além disso você ligava as palavras à ação, coisa que Yakov não considera fácil. No dia seguinte, telefonou para meu escritório usando um pretexto. Disse que um amigo lhe tinha emprestado o apartamento. A minha relação com Volodya estava se desintegrando a essa altura, embora vivêssemos ainda juntos porque ele procurava casa. Fui encontrá-lo no apartamento. Foi aí que ele falou de si mesmo pela primeira vez. E muito disse. Disse que você tinha feito com que tudo se tornasse claro para ele. “Aquele inglês me deu a solução. A partir de agora, temos que nos dedicar apenas à ação, e ação significa sacrifício”, disse ele. “As palavras são a maldição da sociedade russa. São um sucedâneo da ação.” Yakov sabia que eu tinha contatos com editores ocidentais, por isso pediu que procurasse seu nome nas nossas listas de visitantes estrangeiros. Lançou-se de imediato ao trabalho. Queria que eu lhe desse o manuscrito. Andava bebendo muito. Eu me preocupava com que bebesse tanto. “Como você pode escrever bêbado?”, perguntei uma vez. Respondeu que bebia para sobreviver.

Barley bebeu mais um trago de uísque. — Contou a seu marido que tinha voltado a ver Yakov?

— Não.

— E Volodya não descobriu?

— Não.

— Então quem sabe? — Katya respondeu prontamente, como se já se tivesse feito a mesma pergunta por várias vezes.

— Yakov nada diz aos amigos. Disso não tenho dúvida. Quando sou eu a pedir um apartamento emprestado, digo apenas que é por uma razão privada. Na Rússia temos palavras para segredo e solidão, mas não temos palavra nenhuma para privacidade.

— E suas amigas? Não perceberam nada?

— Não somos propriamente anjos. Se lhes peço certos favores, elas tiram determinadas conclusões. Por vezes sou eu que faço os favores. Nada mais.

— E ninguém ajudou Yakov a elaborar o manuscrito?

— Não.

— Nenhum dos amigos de copo?

— Não.

— Como pode estar tão certa?

— Porque tenho certeza de que ele está completamente sozinho com seus pensamentos.

— É feliz com ele?

— Como?

— Gosta dele? Ama-o? Ele a diverte?

— Penso que Yakov é um grande homem, e também um homem muito vulnerável que não pode sobreviver sem mim. Ser um perfeccionista equivale a ser uma criança. Equivale também a uma ausência total de sensatez, a uma incapacidade para aceitar o lado prático da vida. Creio que sem mim ele não se aguentaria.

— E neste momento, ainda aguenta?

— Yakov responderia com esta pergunta: destes dois homens, qual é o são: o que planeja o extermínio da humanidade ou o que dá os passos necessários para evitá-lo?

— E o que faz ambas as coisas? — Katya não respondeu. Sabia que ele estava provocando. Barley sentia ciúmes, queria desgastar os alicerces daquela profunda fidelidade.

— Ele é casado? —, perguntou. Uma expressão furiosa varreu o rosto de Katya.

— Não creio que ele seja casado. Mas isso não interessa.

— Tem filhos?

— Essas perguntas são ridículas.

— A situação é ridícula.

— Ele diz que os seres humanos são as únicas criaturas que fazem dos filhos vítimas. Yakov está decidido a não fazer vítimas.

Exceto as vítimas de Katya, pensou Barley, mas conseguiu não falar.

— Portanto você seguiu a carreira dele com interesse —, sugeriu ele secamente, procurando de novo situar Goethe.

— À distância e sem conhecer pormenores.

— E durante todo esse tempo nunca soube em que ele trabalhava? É isso que me diz?

— O que eu consegui saber deduzi das nossas discussões sobre questões éticas. “Que porção da humanidade teremos de exterminar se quisermos preservar a humanidade? Como podemos falar de luta pela paz se planejamos guerras terríveis? Como podemos falar de alvos seletivos se não possuímos os mecanismos de precisão necessários para os atingirmos?” Quando discutimos assuntos como estes, tenho

naturalmente consciência do seu envolvimento. Quando ele me diz que o maior perigo da humanidade não é a realidade do poder soviético mas sim a sua ilusão, eu não o questiono. Encorajo-o. Incito-o a ser um homem coerente e se necessário corajoso. Mas não o questiono.

— Rogov? Nunca lhe falou de um Rogov? Do Professor Arkady Rogov?

— Já lhe disse que ele não fala dos colegas.

— Quem lhe disse que Rogov era colega dele?

— Pela sua pergunta concluí que era —, respondeu Katya furiosa, e de novo Barley acreditou nela.

— De que modo se comunica com ele? —, perguntou Barley, retomando seu tom afável.

— Isso não interessa. Um certo amigo dele recebe uma determinada mensagem, informa-o e Yakov telefona depois.

— E esse certo amigo sabe quem envia essa determinada mensagem?

— Nada indica que saiba. Sabe que é uma mulher. Nada mais.

— Yakov tem medo?

— Fala muito de coragem, portanto posso concluir que tem medo. Cita Nietzsche. “O bem supremo é não ter medo.” Cita Pasternak. “A raiz da beleza...”

— E você? — Katya desviou os olhos. Nas casas próximas acendiam-se as primeiras luzes.

— Não posso pensar apenas nos meus filhos. Tenho de pensar nos filhos de todos —, disse ela, e Barley reparou em duas lágrimas que jaziam esquecidas no seu rosto. Bebeu mais um gole de uísque e cantarolou alguns compassos de Basie. Quando voltou a olhar para ela, as lágrimas tinha desaparecido.

— Ele fala da grande mentira —, disse ela, como se se tivesse lembrado disso nesse preciso momento.

— Que grande mentira?

— Tudo faz parte da mesma grande mentira, tudo, até a mais ínfima peça sobressalente da arma mais insignificante. Até os resultados que são enviados para Moscou fazem parte da grande mentira.

— Resultados? Que resultados? Resultados de quê?

— Não sei.

— De testes? — Katya pareceu esquecer-se da sua negativa inicial. — Sim, talvez de testes. Creio que o que ele quer dizer é que os

resultados dos testes são deliberadamente distorcidos, de modo a satisfazer as ordens dos generais e as exigências de produção oficiais dos burocratas. Talvez seja ele próprio quem os distorce. Yakov é um homem muito complicado. Por vezes fala dos seus muitos privilégios, que muito o envergonham.

A lista das compras, como Walter a tinha chamado. Com um sentido do dever já muito embotado, Barley atacou os últimos artigos da lista.

— Ele não mencionou nenhum projeto em particular?

— Não.

— Nunca se referiu a nenhuma participação sua em sistemas de comando? Nunca lhe disse como é controlado o comando operacional?

— Não.

— Nunca lhe disse que passos são necessários para prevenir ataques lançados por engano?

— Não.

— Nunca sugeriu que podia estar envolvido no processamento de dados?

Katya estava cansada. — Não.

— E promoções? Não é promovido de vez em quando? Medalhas? Festas de arromba sempre que sobe um degrau da escada?

— Só fala de promoções para dizer que a corrupção se alastra. Já lhe disse que ele talvez tenha feito críticas ao sistema muito abertamente. Não sei.

Katya tinha se afastado dele. A cortina do cabelo ocultava-lhe o rosto.

— O melhor será você lhe fazer as perguntas diretamente —, disse ela, no tom de alguém que se preparava para sair. — Ele quer encontrar você em Leningrado, na sexta-feira. Vai assistir a uma importante conferência numa das instituições científicas militares.

Primeiro os céus se agitaram, depois Barley percebeu a friagem da noite. Parecia estar encerrado numa nuvem de gelo, embora o céu escurecesse e clareasse a todo momento e a lua nova, logo que o movimento incessante das nuvens permitiu, irradiasse uma luz cálida.

— Yakov propôs três lugares e três horários —, prosseguiu Katya no mesmo tom monocórdio. — Pede que compareça em qualquer desses locais nas horas marcadas. Ele estará presente num deles caso

possa. Pediu ainda para lhe mandar suas saudações e agradecimentos. Yakov tem por você grande apreço.

Katya ditou-lhe três endereços e observou-o atentamente enquanto ele as escrevia no caderno, usando seu arremedo de código. Para saírem tiveram ainda de esperar algum tempo, já que Barley teve mais um dos acessos de espirros. Pacientemente, Katya aguardou que os espirros passassem, enquanto Barley arquejava e amaldiçoava o Criador.

Jantaram como dois amantes exaustos numa adega com um velho cão cinzento e uma cigana que cantava blues acompanhada de guitarra. Quem era o proprietário da adega, quem permitia que aquele local existisse ou por que, eram mistérios que Barley nunca se tinha dado ao trabalho de deslindar. Tudo o que sabia era que numa encarnação qualquer, numa já longínqua feira do livro, tinha aterrado naquela adega já completamente bêbado, com um grupo de editores poloneses completamente doidos, acabando a noite tocando *Bless This House* com um saxofone caído do céu.

Durante o jantar o diálogo entre os dois não ultrapassou o nível da mera formalidade. Enquanto falavam o abismo que os separava não parou de aumentar. Parecia a Barley que esse abismo se resumia afinal a toda a insignificância da sua pessoa. Fitava-a atentamente e sentia que não tinha nada para lhe oferecer que ela não tivesse em quantidade e qualidade muito superiores. Se as coisas tivessem tomado o rumo que nele era normal, ter-lhe-ia feito uma apaixonada declaração de amor. O recurso intempestivo à expressão de sentimentos puros e absolutos ter-lhe-ia sido essencial para acabar com a tensão natural numa relação recente. Porém, na presença de Katya, não encontrava sentimentos que fossem tão puros e absolutos como os dela. Sentiu que a sua vida não passava de uma série de ressurreições inúteis, um fracasso que o fracasso seguinte suplantava sempre. Horrorizado, concluía que pertencia a uma sociedade inteiramente materialista, a uma sociedade que quase não ligava importância aos grandes temas do Homem. Mas isso eram coisas que não podia dizer a Katya. Se lhas dissesse, arriscar-se-ia a destruir a imagem que ela tinha dele, e, caída essa máscara, não teria rigorosamente nada para lhe oferecer.

Enquanto falavam de livros, Barley assistia ao progressivo afastamento daquela mulher. O rosto dela parecia ausente, a voz prosaica. Tentou reencontrá-la, cantou e dançou para ela, mas Katya

estava definitivamente longe. No fundo, limitava-se a repetir as declarações formais e sem brilho que Barley tinha ouvido durante todo o dia, enquanto aguardava ansiosamente a hora do seu encontro. Não tarda nada, pensou, estou falando-lhe da Potomac Boston e a explicar-lhe que o rio e a cidade não têm nada a ver um com o outro. E Deus sabe que passado um momento era isso mesmo que estava a fazer.

Só pelas onze horas, depois de a gerência do restaurante ter apagado as luzes e quando a acompanhava já pelas ruas desertas até à estação de metrô, é que Barley se deu conta — apesar de a ideia ser no mínimo pouco razoável — de que talvez tivesse causado nela uma impressão que, embora a um nível modesto, podia ser comparada com o deslumbramento que ela provocara nele. Katya agarrava-lhe no braço. Os seus longos dedos colavam-se ao antebraço dele. Para acompanhar o ritmo de Barley, a sua passada era agora mais larga. A boca branca do elevador abriu para a receber. Os lustres reluziam por cima das suas cabeças como árvores de Natal invertidas, quando se despediram com o tradicional beijo russo: primeiro na face esquerda, depois na face direita, finalmente na face esquerda. E um — boa-noite — depois dos três beijos.

— Mr. Blair! Bem me pareceu que era o senhor! Mas que coincidência! Venha, nós o levamos para casa!

Barley entrou no carro e Wicklow, com sua agilidade de acrobata, afundou-se no banco de trás e lançou-se ao trabalho de retirar o gravador das costas de Barley.

Deixaram-no no Odessa. Tinham ainda bastante trabalho para fazer. O hall do hotel parecia um terminal de aeroporto num dia de persistente nevoeiro. Em todos os sofás e poltronas, convidados muito pouco oficiais mas que tinham pago a taxa corrente, dormitavam na escuridão. Barley examinou-os benignamente, franzindo o nariz. Alguns vestiam roupas de ginástica. Outros estavam mais formalmente trajados.

— Alguém alinha num copo? —, perguntou em voz bem alta. Respondeu-lhe o silêncio. — Não me digam que não partilham comigo um copinho de uísque! —, acrescentou, retirando a garrafa, ainda dois terços cheia, do bolso de dentro da gabardina. Bebeu um longo gole para dar o exemplo, e passou a garrafa para o vizinho do lado.

E foi assim que Wicklow o encontrou duas horas depois — no hall do hotel, amistosamente acampado no meio de um grupo de gratas

almas noctívagas, deliciando-se com um último uísque antes de recolher ao quarto.

— Quem diabos são estes americanos que Clive desencantou? —, murmurei para Ned, enquanto nos reuníamos como devotos madrugada — dores à volta do gravador de Brock na sala de controle.

O relógio de Londres marcava as seis. O estrépito matinal de Victoria Street não se fazia ainda sentir. A chiadeira da bobina do gravador parecia um coro de passarinhos no meio de tão profundo silêncio. A fita chegara pelo correio meia hora antes, depois de ter viajado por terra até Helsinque e num avião especial até Northolt, sempre na mala diplomática, como era óbvio. Se Ned houvesse cedido à diabólica tentação tecnológica, teríamos evitado processo tão dispendioso. E a tentação, neste caso, era um novo aparelho, fervorosamente recomendado pelos feiticeiros de Langley, e que, segundo eles, transmitia o mais seguramente possível a palavra falada. Mas Ned era Ned e Ned preferia os seus próprios métodos, cuja eficácia a experiência confirmava.

Sentado à sua secretária, Ned assinava um documento, ocultando-o ao mesmo tempo com a mão esquerda. Dobrou o papel depois e meteu-o num envelope, que fechou e entregou a Emma, uma das suas assistentes, uma mulher de uma altura exorbitante. Claro que nesse momento já não estava à espera de uma resposta, pelo que a sua veemência não deixou de me surpreender.

— Não passam de uns miseráveis oportunistas —, respondeu ele.

— De Langley?

— Da Segurança de quem? —, insisti. Ned abanou a cabeça, muito furioso para poder responder. Fora o documento que acabara de assinar que o deixara assim, ou a presença dos intrusos americanos? Eram dois. Quem os escoltava era Johnny, o homem deles de Londres. Vestiam blazers azul-marinho e usavam o cabelo cortado à escovinha. Exibiam um asseio, um aprumo dignos de mórmons, o que não deixava de me repugnar. Entre os dois sentara-se Clive, mas Bob tinha ficado ostensivamente num canto da sala, ao lado de Walter, que estava com um ar perfeitamente abatido — talvez por causa da hora, pensei. Mesmo Johnny parecia incomodado com a presença dos dois estranhos, e incomodado foi como eu me senti de imediato. Aqueles rostos obtusos e desconhecidos não tinham lugar possível na nossa operação e para

mais num momento tão crucial. Faziam-me lembrar duas carpideiras à espera de uma morte qualquer. Da morte de quem? Olhei de novo para Walter e a minha inquietação adensou-se.

Examinei uma vez mais os dois americanos, caídos sabe-se lá de onde, tão insignificantes, tão certinhos, tão sem caráter. Segurança, tinha dito Ned. Mas por quê? E por que agora? Por que olhavam eles para todo mundo, exceto para Walter? Por que olhava Walter para todos os presentes, exceto para eles? E por que Bob tinha se sentado longe deles? E por que Johnny não fazia outra coisa senão olhar para as mãos? Felizmente nesse momento a gravação interrompeu os meus pensamentos.

Ouvimos o estrondo de passos nas escadas de madeira. Depois, um som que parecia ser de pancadas e a imprecisão de Barley ao bater com as costas na claraboia. Finalmente, o som de pés arrastados: era o momento em que subiam ao telhado.

É uma sessão, pensei, quando começamos a ouvir aquele diálogo num telhado de Moscou. Barley e Katya falavam-nos do além. Num instante esqueci os dois intrusos e os seus rostos inexpressivos de carrascos.

Ned era o único de nós com auscultadores. Só mais tarde, quando os experimentei, é que percebi a diferença. Com os auscultadores, ouviam-se os pombos de Moscou esvoaçando no frontão e a respiração rápida que transparece na voz de Katya. E o bater do coração do nosso homem, nitidamente captado pelos microfones que ele tinha no corpo.

Brock passou toda a cena do telhado até que Ned ordenou uma pausa. Apenas os dois intrusos pareciam ter ficado impassíveis. Os seus olhos castanhos varriam-nos a todos nós e não atentavam em ninguém. Walter corara.

Brock passou depois a cena do jantar. Ninguém se mexia: não se ouvia um suspiro, o ranger de uma cadeira, um estalo de dedos. Nem mesmo quando a gravação acabou e Brock rebobinou a fita. Silêncio total. Ned tirou os fones e deu início a sua intervenção.

— Yakov Yefremovich, último nome desconhecido, físico, trinta anos em 1968, portanto nascido em 1938 —, anunciou, pegando num formulário rosa e escrevendo nele. — Walter, ofertas?

Walter tratou de recobrar ânimo. Parecia agitado, e na sua voz já não havia sinais da habitual frivolidade. — Yefrem, cientista soviético,

outros nomes desconhecidos, pai de Yakov Yefremovich, acima referido, morto em Vorkuta depois de um motim, na Primavera de 52 — declarou, sem olhar para o bloco. — Não pode haver muitos cientistas chamados Yefrem executados por overdose de inteligência, nem mesmo nos tempos do simpático Stalin —, acrescentou em tom patético.

A ideia era absurda, mas nesse momento pareceu-me ver lágrimas nos seus olhos. Talvez tenha mesmo morrido alguém, pensei, olhando uma vez mais para os dois mórmons.

— Johnny? —, disse Ned, continuando a escrever. — Creio que ficaremos com Boris, outros nomes desconhecidos, viúvo, professor de Humanidades, Universidade de Leningrado, fins dos anos sessenta, uma filha, Yekaterina —, disse Johnny, que continuava a olhar para as mãos.

Ned pegou noutro formulário, preencheu-o e atirou-o para o seu arquivo de plástico, como se fosse dinheiro que lhe agradasse deitar fora.

— Palfrey, quer jogar? — Se não vê inconveniente, ficaria com os jornais de Leningrado —, disse eu no tom mais ligeiro possível, dado que os americanos de Clive tinham os olhos castanhos pespegados em mim. — Gostaria de saber quem foram os corredores, os juízes de partida e chegada e os vencedores das Olimpíadas de Matemática de 1.952 —, acrescentei, acompanhado por alguns risos. — E por uma questão de segurança talvez não fosse mau ver também as de 51 e 53. E já agora, podíamos incluir as suas medalhas acadêmicas. Pode ser? 'Ele licenciou-se em Ciências, doutorou-se em Ciências. Fez tudo', disse ela. Poderei investigar 'tudo' o que ele fez? Obrigado.

Feitos os lances, Ned olhou à sua volta à procura de Emma e pediu-lhe que levasse os formulários para os Arquivos. Mas isso não agradou a Walter, subitamente decidido a que não o ignorassem. Num ápice levantou-se e correu para a secretária de Ned, metro e meio de insignificância, os punhos pequeninos esvoaçando à sua frente.

— Eu faço a pesquisa sozinho —, anunciou num tom excessivamente dramático, apertando o feixe de papéis cor-de-rosa contra o peito. — Esta guerra é muito importante para que a ponhamos nas mãos dos nossos generais reformados dos Arquivos, por muito irresistíveis que eles sejam.

E lembro-me de ter reparado no olhar com que os mórmons seguiram Walter até ele sair da sala, e no olhar que lançaram um ao

outro enquanto ouvíamos o passinho apressado e compassado de Walter ao longo do corredor. E não é por hoje saber o que sei que lhes digo que, naquele momento, o meu sangue gelou de inquietação por Walter, sem que eu chegasse a perceber por quê.

— Vamos apanhar um bocado de ar do campo —, disse-me Ned pelo telefone interno, uma hora depois, tinha eu acabado de regressar à minha secretária na sede. — Diga ao Clive que preciso de você.

— Então o melhor é ir, não? —, respondeu Clive, ainda trancado no seu gabinete com os dois mórmons.

Tínhamos pedido emprestado um Ford bastante rápido a um dos nossos colegas. Enquanto conduzia, Ned procurou evitar as minhas poucas tentativas de diálogo. Em vez de falar, deu-me o processo para ler. Chegados aos campos de Berkshire, Ned continuava em silêncio. E quando atendeu o telefone do carro, para responder a Brock que precisava de uma confirmação qualquer, limitou-se a resmungar um elíptico — então diga-lhe —, regressando imediatamente às suas cogitações.

Estávamos a quarenta milhas de Londres, no mais fétido planeta até hoje produzido pelo homem. Estávamos nos bairros da ciência moderna, que são lugares onde a relva está sempre bem aparada. Os pilares do portão, já umas relíquias, tinham a encimá-los dois leões de grés que a erosão corroera. Um homem de modos educados, com um casaco desportivo castanho, abriu a porta a Ned. O seu colega explorou imediatamente debaixo do chassis com um detector. Depois, muito educadamente, apalparam-nos de alto a baixo.

— Os senhores vão levar a pasta? — Vamos —, respondeu Ned. — Importa-se que a abra, sir? — É melhor não abrir. — Então, não se importam que a passemos pela caixa? Não tem negativos lá dentro, pois não, sir?

— Faça o favor —, disse eu. — Passe-a pela caixa. — Ficamos a vê-los enquanto passavam com a pasta por um objeto verde que mais parecia um balde de carvão. Acabada a operação, restituíram-nos a pasta.

— Obrigado —, disse eu, recebendo-a de volta. — Não tem de quê, sir, foi um prazer.

O furgão azul à nossa frente dizia SIGAM-ME. Um lobo da Alsácia olhava-nos com um ar feroz atrás da janela gradeada do furgão. Os portões abriram-se eletronicamente, revelando montículos de relva

aparada que mais pareciam campos cobertas de vegetação. Dunas verde-azeitona estendiam-se a perder de vista. Naquele local uma nuvem em forma de cogumelo teria parecido uma coisa perfeitamente natural.

Estávamos entrando no parque. Dois falcões voavam no céu sem nuvens. Uma vedação alta de arame farpado cercava os campos de feno. Edifícios de tijolo irrepreensivelmente limpos aninhavam-se em engenhosas cavidades. Um cartaz chamava a atenção para a necessidade de se vestir roupa protetora nas zonas D a K. Uma caveira com dois ossos cruzados dizia “Você Foi Avisado”.

O furgão à nossa frente seguia a uma velocidade de funeral. Arrastadamente, passamos uma curva. À nossa frente, quadras de tênis vazias e torres de alumínio. Caminhos de argila colorida iam ficando lentamente para trás, guiando-nos até um cacho de abrigos verdes. No meio deles, sobre uma colina, encontrava-se o último vestígio da era pré-nuclear, uma típica mansão rural de Berkshire, de tijolo e pedra, com a palavra Administrador gravada no portão. Um homem corpulento descia agilmente o caminho irregularmente empedrado. Trazia um blazer verde e uma gravata com um desenho de raquetes de squash douradas, e um lenço metido na dobra do punho.

— Vêm da Firma, não é verdade? Muito bem. Eu sou O'Mara. E os senhores são... ? Eu disse ao nosso homem para esperar no laboratório até que o chamássemos.

— Muito bem —, disse Ned. O'Mara tinha um cabelo louro com invasões de grisalho e uma voz brusca de militar, que o álcool minara de dissonâncias. O pescoço era rotundo e nos seus dedos de atleta eram nítidas as manchas amareladas provocadas por muito anos de nicotina. — O'Mara controla nossos cientistas —, dissera Ned, num dos raros diálogos durante a viagem. — Em parte pertence ao pessoal, mas também pertence à segurança, enfim pertence a esta merda toda.

A sala de estar parecia ter sido limpa e arrumada por prisioneiros de guerra napoleônicos. Até os tijolos da lareira tinham sido encerados e juntas de estuque entre eles haviam sido realçadas com primorosa pintura a cal. Sentamos em poltronas de um padrão cor-de-rosa, bebendo gim-tônica com muito gelo. Ferraduras de cavalo cintilavam nas traves negras do teto, igualmente brilhantes de longo polimento.

— Acabo de regressar dos Estados-Unidos —, lembrou O'Mara, como que explicando nossa recente separação. Ergueu o copo e

atacou-o como se estivesse sequioso. — Vocês vão lá muitas vezes?

— Uma vez ou outra —, disse Ned.

— De vez em quando —, disse eu. — Sempre que o dever chama.

— Nós, por acaso, mandamos muito pessoal para lá. Só por uns tempos, claro. São empréstimos que fazemos. Alguns vão para o Oklahoma, outros para o Nevada, outros ainda para o Utah. A maior parte gosta daquilo. Mas há sempre alguns que ficam acabrunhados e querem logo voltar para casa. — Bebeu mais um gole e demorou ainda um tempo engolindo. — Visitei o laboratório de armamentos deles, em Livermore, na Califórnia. Um belo local. E tratam muito bem as visitas. Nada-se em dinheiro por lá. Fomos convidados para assistir a um seminário sobre a morte. Claro que era um tema incrivelmente macabro, mas os psiquiatras, ao que parece, acreditavam que discutir a morte faria bem a todo mundo, e além disso os vinhos eram extraordinários. Quer dizer, quando se planeja jogar grandes quantidades de criaturas humanas na fogueira é natural que se queira saber como a coisa funciona. — Bebeu uma vez mais, bebia constantemente. A colina, àquela hora, era um local particularmente sossegado. — É surpreendente, mas a verdade é que havia muita gente que quase nunca tinha pensado no assunto. Especialmente os jovens. Os mais velhos mostravam um pouco mais de respeito. Ainda se lembravam da idade da inocência, se é que alguma vez existiu uma idade de inocência. Há dois tipos de calamidades, a versão brutal e a versão suave. Na primeira, é morte imediata, na segunda é morte lenta. Nunca tinha pensado nisso. Acho que dá um novo significado à importância de estarmos no centro das coisas. Seja como for, a verdade é que já chegamos à quarta geração. É sempre um consolo. Vocês por acaso jogam golfe?

— Não —, disse Ned.

— Eu também não —, respondi. — Nunca tive grande queda para o golfe. Andei aprendendo, mas não me serviu de nada.

— Aqui temos um campo ótimo de golfe, a chatice é que nos obrigam a usar equipamento de proteção, ou morremos de alguma tacada. — Voltou a beber, seguindo o mesmo ritual lento. — Winfle é um excêntrico —, explicou depois de engolir. — São todos uns excêntricos, mas Winfle é dos maiores. Primeiro foi socialista, depois dedicou-se a Cristo. Agora está na contemplação e no Tai Chi. Graças a Deus é

casado. Fez a Grammar School mas sabe falar. Reforma-se daqui a três anos.

— Disse-lhe muito ou pouco? —, perguntou-lhe Ned. — Eles acham sempre que estão sob suspeita. Disse-lhe que ele não estava e não podia abrir sua estúpida boca sobre a conversa que teria com vocês.

— E acha que ele abre? —, perguntei.

O'Mara abanou a cabeça. — Não sei o que achar, a maior parte só nos dá problemas, por muito que a gente ande em cima deles.

Bateram à porta e Winfle entrou, eterno estudante de cinquenta e sete anos. Era um homem alto, mas com as costas arqueadas, cabelo grisalho encaracolado que esvoaçava para os lados, e a réstia de um fulgor passado. Vestia um pulôver Fair Isle sem mangas, calças muito largas e mocassins. Sentou-se com os joelhos juntos, segurando no copo de sherry bem longe, como se fosse uma fórmula química que não inspirava confiança.

Ned voltara a ser o profissional. Tinha abafado toda a raiva. — Tentamos ver conseguimos localizar alguns cientistas soviéticos —, disse, procurando um tom suficientemente vago. — Temos seguido os meandros do sistema de defesa deles. Não é um assunto propriamente excitante.

— Ah, então são da Espionagem —, disse Winfle. — Foi o que eu pensei, mas não disse nada.

Ocorreu-me nesse momento que aquele era sem dúvida um homem muito solitário.

— Não interessa o que eles são —, avisou O'Mara num tom perfeitamente afável. — São ingleses e estão fazendo o trabalho deles, como você faz o seu.

Ned retirou páginas datilografadas de uma pasta e estendeu-as a Winfle, que só a pegou depois de pousar o copo em cima da mesa. Nas suas mãos as falanges se dobravam e os dedos encrespavam, como se fossem as mãos de um homem pedindo liberdade.

— Estamos tentando atualizar nosso velho material, ao qual não prestamos a devida atenção —, disse Ned, caindo num jargão que, em outras circunstâncias teria evitado. — Isso é uma descrição do seu interrogatório quando voltou de uma visita a Akademgorodok, em agosto de 1963. Lembra-se de um major Vauxhall? Não é propriamente uma obra-prima da arte literária, mas o que interessa é que você menciona

dois ou três cientistas soviéticos cuja história gostaríamos de pôr em dia, caso ainda vivam e você ainda se lembre deles.

Winfle puxou óculos pavorosos de armação metálica, como se estivesse se protegendo de um bombardeio de gases.

— Se bem me lembro, o major Vauxhall deu-me a sua palavra de honra de que tudo o que eu dissesse seria inteiramente voluntário e confidencial —, declarou, acentuando didaticamente certas palavras. — Portanto, surpreende-me muito que meu nome e minhas palavras apareçam agora em arquivos ministeriais a que muita gente pode ter acesso, vinte e cinco anos depois do sucedido.

— Ora, é uma maneira de você se tornar imortal, por isso o melhor é não protestar —, avisou O'Mara.

Decidi interferir como alguém que separasse beligerantes numa discussão familiar. Sugerí a Winfle que talvez ele pudesse completar o relatório do major, que era parco em pormenores. Podia talvez dizer algo sobre um ou dois dos cientistas soviéticos cujos nomes estavam na última página, ou talvez nos dar uma ideia da equipe de Cambridge em que estivera integrado. Enfim, não se importaria certamente de responder a uma ou duas perguntas que, para o caso em questão, eram realmente importantes.

— “Equipe” não é a palavra exata no contexto em causa —, respondeu Winfle, agarrando-se à palavra como um predador esfomeado. — Pelo menos do lado britânico, não é. Equipe sugere um objetivo comum. Éramos um grupo de Cambridge, isso sim. Uma equipe, nunca. Alguns foram por causa da viagem, outros por uma questão de autopromoção. Estou me referindo em particular ao professor Callow, que tinha uma opinião muito exagerada sobre seu trabalho em aceleradores, opinião entretanto refutada —. Seu sotaque de Birmingham começava a sobressair. — Claro que uma minoria muito limitada ia por motivos ideológicos. Eram homens que acreditavam na ciência sem fronteiras. Na livre troca de conhecimento para o bem comum da humanidade.

— Uns pamonhas —, explicou solícito O'Mara.

— Havia franceses, muitos americanos, suecos, holandeses, até um ou dois alemães —, prosseguiu Winfle, sem ligar para os comentários de O'Mara. — Em minha opinião, todos tinham esperança, e os russos tinham-na aos montes. Nós, os britânicos, é que não tínhamos nada de nada, só empatávamos. E continuamos a empatar.

O'Mara resmungou qualquer coisa e bebeu mais um gole de gim para recuperar forças. Porém o sorriso afável de Ned, apesar de um pouco alquebrado, encorajou Winfle a prosseguir.

— Estávamos no auge da era Khrushchev, como sem dúvida estão lembrados. Kennedy deste lado, Khrushchev do lado de lá. Diziam alguns que estávamos no limiar de uma época de ouro. As pessoas nesses tempos falavam de Khrushchev tanto como se fala de Gorbachev agora, disso estou certo. Embora deva dizer que, em minha opinião, nosso entusiasmo a essa altura era mais genuíno e espontâneo do que o pretendo entusiasmo de agora.

O'Mara bocejou e fitou-me desconcertantemente com seus olhos empapados.

— Nós dissemos tudo o que sabíamos. E eles fizeram o mesmo —, continuou Winfle, agora num tom mais confiante. — Nós líamos nossos papéis. Eles, liam os deles. Callow, disso não tenho dúvida, foi um fracasso. Perceberam logo quem ele era. Mas nós não tínhamos só Callow, tínhamos Panson na cibernética e ele de fato se saiu muito bem, e tínhamos ainda este seu criado. A minha modesta conferência foi um verdadeiro êxito, apesar de ser eu a dizê-lo. Para ser franco, nunca mais ouvi aplausos como aqueles. Não me surpreenderia que ainda falassem de mim lá por aquelas bandas. O que eu posso dizer é que as barricadas caíram tão rapidamente que era possível ouvi-las desabando, mas literalmente desabando no anfiteatro. “Circulação, sim, demarcação, não”, era a nossa palavra de ordem. “Circulação” também não era a palavra adequada para o caso, pelo menos para quem viu a quantidade de vodca que “circulou” ao fim da noite. Ou as mulheres. Ou para quem ouviu as conversas que “circulavam”. Claro que a KGB ouviu. Todos sabíamos disso. Antes de partirmos tínhamos tido uma conversa preparatória, embora muitos não estivessem de acordo. Eu não pus nenhuma objeção, sou um patriota. A questão é que nem a KGB deles nem a nossa poderiam ter feito alguma coisa para impedir tanta “circulação”.

Era evidente que tinha entrado num tema que lhe agradava, pois nesse momento endireitou-se na cadeira para proferir um discurso há muito preparado. — Gostaria de acrescentar que a KGB deles, em minha opinião, é vista de maneira muito incorreta. Sei de fonte limpa que a KGB soviética tem protegido muito frequentemente alguns dos mais tolerantes elementos da intelligentsia soviética.

— Pelo amor de Deus, Winfle, não me diga que nossa KGB não faz o mesmo —, disse O'Mara.

— Além disso, não tenho a mínima dúvida de que as autoridades soviéticas têm toda razão quando dizem que em qualquer troca de conhecimentos científicos com o Ocidente a União Soviética tem mais a ganhar do que perder. — Sua cabeça, sempre inclinada, ia saltitando na minha direção e na de Ned como se fosse um sinal ferroviário, e a mão retorcida nas falanges descansava sobre a coxa num jeito angustiado. — E, além do mais, eles tinham cultura. Nossas Letras, Artes e Ciências não são nada perto das deles. Eles tinham o sonho renascentista do homem completo, e ainda o têm. Eu mesmo não tenho muita cultura. Falta tempo para isso. Mas lá estava tudo preparado para quem tivesse interesse. E, pelo que sei, não saía muito caro. Havia mesmo coisas gratuitas.

Nesse instante Winfle precisou se assoar. E para se assoar, precisou em primeiro lugar de abrir o lenço sobre o joelho, agarrando depois nele com dedos operacionais. Ned aproveitou aquela pausa imposta pelas circunstâncias.

— Bom, talvez pudéssemos agora passar a alguns dos cientistas soviéticos cujos nomes você fez o favor de comunicar ao major Vauxhall —, sugeriu, pegando nos papéis que eu lhe dera.

Tínhamos finalmente chegado à questão que nos levava lá. De nós quatro, pareceu-me, só Winfle ainda não tinha percebido isso, já que os olhos amarelados de O'Mara pousavam agora no rosto de Ned, estudando-o com perspicácia indigesta.

Ned começou pelos nomes que tinha separado, como eu teria feito. Tinha-os marcado em verde. Dois, sabia-se que tinham morrido, um terceiro caíra em desgraça. Era um teste à memória de Winfle, em ensaio para o nome que interessava.

— Sergey? —, disse Winfle. — Ah, claro, Sergey! Mas qual era o sobrenome dele? Popov? Popovich? É isso, Protopopov! Sergey Protopopov, engenheiro especializado em combustíveis!

Num jeito persuasivo e paciente, Ned disse mais três nomes, um quarto nome, guiando a memória dele, exercitando-a: — Bom, mas pense um segundo antes de dizer não outra vez. Já pensou? É mesmo não? Está bem. Outro nome. Que me diz de Savelyev?

— Importa-se de repetir? — A memória de Winfle, reparei, tinha os problemas habituais dos ingleses com os sobrenomes russos.

Preferia nomes próprios que podia anglicizar.

— Savelyev —, repetiu Ned. Olhei nesse momento para O'Mara: continuava a examinar Ned. Este pôs-se a olhar para o relatório que tinha nas mãos, talvez com um ar excessivamente descontraído. — É esse o nome. Savelyev —. Soletrou-o.

— Jovem, idealista, falador, descrevia-se como humanista. Trabalha em partículas, criado em Leningrado. — Estas foram as suas palavras, de acordo com o major Vauxhall, já lá se vão muitos anos. Há alguma coisa que gostaria de acrescentar? Por exemplo, não manteve contato com ele? Com Savelyev?

Winfle sorria de espanto. — Então era esse o nome? Savelyev? Estou mesmo surpreso. Está vendo? Tinha esquecido por completo. Para mim ele continua a ser Yakov.

— Ótimo, Yakov Savelyev. Lembra-se do patronímico, que indica a filiação?

Winfle abanou a cabeça, sorrindo ainda.

— Tem alguma coisa a acrescentar à sua descrição original?

Tivemos que esperar. Winfle tinha um sentido do tempo completamente diferente do nosso. E, pelo sorriso posticho, um sentido de humor igualmente diferente.

— Um tipo muito sensível, o Yakov. Não se atrevia a fazer perguntas durante as conferências. Esperava o fim, puxava-nos pela manga do paletó e só então fazia perguntas. “Desculpe, qual é a sua opinião sobre o seguinte problema...” Tudo questões importantes. Era também um homem muito culto, à sua maneira, segundo ouvi dizer. Parece que deu muito na vista nas sessões de poesia. E nas exposições de arte.

A voz de Winfle sumiu nesse instante e receei que o silêncio lhe servisse para inventar alguma história, coisa que as pessoas fazem frequentemente quando não têm mais informações a dar, mas querem manter a importância. No entanto, para meu grande alívio, Winfle estava apenas vasculhando o armazém de memórias — ou talvez a colhê-las do ar com os dedos esticados.

— Andava sempre de grupo em grupo, o Yakov —, disse finalmente Winfle, com o mesmo irritante sorriso de superioridade. — Punha-se sempre a um canto, muito sério, sempre à margem das discussões. Empoleirado na beira de uma cadeira. Havia um mistério qualquer com o pai dele, nunca cheguei a saber o que era. Ouvi dizer

que também era cientista, mas tinha sido executado. Não foi só ele, muitos outros cientistas foram executados. Matavam-nos como moscas, segundo li. Se não matavam, mantinham-nos na prisão. Tupolev, Petliakov, Korolev — algumas das maiores estrelas da tecnologia aeronáutica conceberam suas melhores coisas na prisão. Raman. Inventou na prisão uma nova caldeira para máquinas térmicas. A primeira unidade soviética de investigação de balística de foguetes foi montada numa prisão. Korolev a dirigiu.

— Muito bem montada, meu velho —, interrompeu O'Mara, de novo num tom irritado.

— Deu-me uma rocha —, prosseguiu Winfle. A mão dele, de novo no joelho, palma virada para cima, abriu e fechou agarrando o presente imaginário.

— Rocha? —, respondeu Ned. — Música ou amostra geológica?*

*[*No original, rock, daí a confusão entre música e rocha. (N. do T.)]*

— Quando nós, os ocidentais, deixamos Akadem —, recomeçou Winfle, como que lançando-se numa história inteiramente nova, — despojamo-nos por completo de tudo o que tínhamos. Ficamos literalmente depenados. Se vissem nosso grupo no último dia não teriam acreditado. Nossos anfitriões russos choravam, eram só abraços e beijos, o ônibus cheio de flores, até Callow teve um acesso de choro, é incrível mas é verdade. E nós, os ocidentais, nos desfizemos de tudo o que tínhamos: livros, jornais, canetas, relógios, lâminas de barbear, pasta dentifrícia, nem as escovas de dentes escaparam. Discos também, se os havia. Roupa interior, gravatas, sapatos, camisas, meias, tudo. Tudo, a não ser o mínimo de que precisávamos para chegarmos decentemente em casa. Não tínhamos concordado com tal distribuição. Nem sequer a tínhamos discutido. Foi uma coisa que aconteceu espontaneamente. Alguns deram mais coisas que outros, claro. Sobretudo os americanos, se cansaram de dar coisas, impulsivos como são. Ouvi dizer que um cara ofereceu um casamento de conveniência a uma moça que estava desesperada para sair da URSS. Isso eu não fiz. Nunca faria. Sou um patriota.

— Mas deu suas coisas a Yakov —, sugeriu Ned, enquanto fingia que escrevia esmeradamente numa agenda.

— Dei algumas, sim. Foi como dar comida aos pássaros no parque. Vamos atrás do pombo que tem mais dificuldade em apanhar o milho e não pensamos senão em engordá-lo, coitado. Além disso, eu

gostava do jovem Yakov, era impossível não gostar dele, uma alma tão nobre.

A mão tinha ficado paralisada no jeito de agarrar a rocha inexistente, as pontas dos dedos esforçando-se por se unirem. A outra mão elevava-se agora à altura do rosto e beliscava um pedaço de carne.

— OK, Yakov —, disse eu. — Não seja lento na caminhada. Sua timidez só lhe faz mal.

— Eu, nessa altura, usava uma máquina de barbear elétrica. Com bateria, transformador, tudo num belo. estojo. Mas ele me deu a impressão de que não tinha ligado muito para o presente. Se bem me lembro, pôs o estojo de lado e começou andando de um lado para o outro, lentamente, arrastando os pés. Foi então que percebi que queria me dar algo. Era a rocha, embrulhada em papel de jornal. Eles não tinham papel de presente, naturalmente. — É um pedaço do meu país —, disse ele. — Para agradecer por sua conferência —, acrescentou. Queria que eu amasse sempre tudo o que de bom havia no país dele, por pior que pudesse parecer do exterior. Olhem que ele falava muito bem inglês, melhor do que metade de nós. Para dizer a verdade, eu me sentia bem embaraçado. Fiquei com a rocha durante muitos anos, muitos anos mesmo. Até que minha mulher, numas de suas grandes limpezas de primavera, a jogou no lixo. Ainda pensei em lhe escrever, mas nunca o fiz. Preciso dizer que ele também era um cara arrogante, à sua maneira, mas era. Bom, muitos deles eram arrogantes. Atrevo-me a dizer que nós também éramos, à nossa maneira, claro. Todos nós pensávamos que a ciência conseguiria um dia governar o mundo. Bom, creio que agora governa, mas não do modo que tínhamos idealizado, disso estou certo.

— E ele escreveu? —, perguntou Ned. Winfle, por um momento, refletiu sobre a questão. — Nunca se sabe, não é? Se escreveu, não podemos saber se as cartas foram apreendidas. Nem quem as apreendeu.

Tirei da pasta as fotografias e passei-as a Ned. Ned entregou-as a Winfle, enquanto O'Mara observava a cena. Winfle começou a olhá-las e, de repente, soltou um grito.

— É ele! Ele! Yakov! O homem que me deu a rocha —, disse, devolvendo a fotografia a Ned. — Veja com seus olhos! Repare nos olhos dele! Diga se não são os olhos de um sonhador!

Era uma fotografia extraída do vespertino de Leningrado com a data de 5 de Janeiro de 1954 e reconstituída pela Seção Fotográfica, mostrando Yakov Yefremovich Savelyev como jovem gênio.

Havia mais alguns nomes e Ned interrogou laboriosamente Winfle a propósito de cada um, lançando pistas falsas, apagando indício sobre indício, até ter certeza de que na cabeça de Winfle Savelyev não significava mais do que todo o resto.

— Foi muito inteligente de sua parte ter escondido o trunfo —, observou O'Mara enquanto, de copo na mão, nos acompanhava até o carro. — Da última vez que ouvi falar de Savelyev ele estava dirigindo testes com mísseis nos confins do Cazaquistão, conjecturando novas maneiras de ler a telemetria deles de forma a que ninguém mais conseguisse lê-las. O que é feito dele? Fechou a loja e vendeu o estoque?

É muito raro meu trabalho proporcionar prazer, mas aquele encontro, aquele lugar e, acima de tudo, aquele O'Mara, estavam me deixando literalmente doente. É muito raro eu agarrar alguém pelo braço, e quando o faço logo me arrependo e desisto a tempo. Não foi isso que aconteceu com O'Mara.

— Creio que já assinou o documento relativo aos segredos de Estado, não é verdade? —, perguntei num tom rigorosamente calmo.

— Assinar? Pois se eu quase que escrevi a minuta?! —, respondeu O'Mara, extremamente surpreso.

— Então deve estar informado de que tudo o que você possa saber por via oficial e todas as especulações baseadas nesse conhecimento constituem propriedade perpétua da Coroa —. Mais uma das minhas distorções da lei, mas pouco importava para o caso. Só nesse momento libertei o braço dele. — Portanto, se gosta do seu trabalho aqui e está à espera de promoção, e se anseia por sua aposentadoria, sugiro que não volte a pensar neste encontro nem em qualquer nome a ele associado. Obrigadíssimo pelo gim. Adeus.

Na viagem de regresso, com a identificação da Ave Azul confirmada e logo comunicada telefonicamente à Casa da Rússia, Ned permaneceu calado, refugiado em seus pensamentos. No entanto, quando chegamos a Victoria Street, mostrou-se subitamente determinado a não me deixar partir. — Fique por perto —, ordenou-me e desceu à minha frente os degraus da cave.

À primeira vista, a cena da sala de controle era uma verdadeira festa. O centro das atenções era Walter, flutuante como um pintor frente a uma tela, embora a tela fosse, desta feita, um quadro branco tão grande como ele, no qual ia escrevendo, a giz colorido, alguns dados sobre a vida de Savelyev. Se estivesse de chapéu de aba larga e bata de pintor, não teria decerto parecido mais boêmio. Só ao fim de um instante me lembrei da sinistra apreensão que sentira de manhã.

À volta dele — ou melhor, atrás dele, já que o quadro branco estava encostado à parede, debaixo dos relógios — encontravam-se Brock e Bob, bem como Jack, o nosso descodificador, Emma, a assistente de Ned, e Pat, uma mulher mais velha que Enuna e uma das principais funcionárias dos Arquivos Soviéticos. Todos eles seguravam copos de champanhe e cada um tinha um sorriso diferente, embora o sorriso de Bob fosse mais um esgar de quem acabara de ter uma dor.

— Um homem que precisa tomar decisões sozinho —, declamou epicamente Walter. Ao ouvir-nos entrar parou por um momento, mas não virou a cabeça. — Depois de muitos êxitos, um homem chega aos cinquenta anos e faz um balanço da sua vida. Pensa em sua mortal condição e na vida que desperdiçou. Como todos nós, não é?

Recuou um pouco. Depois, num arranco, escreveu uma data. Fez então uma pausa para beber um gole de champanhe. E nesse momento senti que havia algo de brutal e assustador em sua figura, como se, em seu rosto, uma maquiagem pesada estivesse agora se desfazendo.

— Viveu toda a vida adulta no centro daquele mundo secreto —, prosseguiu num tom animado. — Mas de boca fechada. Tomando as suas próprias decisões sozinho, sem que mais ninguém soubesse, honra lhe seja feita. Vingando-se da história, que o quer aniquilar, e provavelmente há mesmo de aniquilá-lo.

Outra data e a palavra OLIMPÍADAS. — É o ano crucial. Se fosse mais novo, faziam-lhe uma lavagem cerebral. Se fosse mais velho, disputaria a sinecura com um velho imbecil qualquer.

Bebeu uma vez, mais, ainda de costas para nós. Olhei para Bob à procura de um sinal esclarecedor, mas Bob não despregava os olhos do chão. Olhei para Ned. Observava atentamente Walter, mas em seu rosto estava ausente qualquer expressão.

Olhei de novo para Walter e reparei que havia algo estranho na sua respiração, como se algo o deixasse arquejante. — Inventei-o, inventei este homem, tenho certeza de que o inventei —, declarou

Walter, aparentemente ignorante da estupefação dos presentes. — Há anos que previa o seu aparecimento. — Escreveu as palavras PAI EXECUTADO. — Mesmo depois de o terem recrutado, este pobre cordeiro fez tudo para continuar a ser um cordeiro.

Não havia nele falsidade. Não guardava ressentimentos. Tinha as suas dúvidas, mas, como todos os cientistas, era um bom soldado. Até que um dia — bingo! Desperta finalmente e descobre que à sua volta só há lixo e que desperdiçou o seu gênio com um bando de gângsteres incompetentes e que, além disso, empurrara ainda mais o mundo para o abismo da ruína. — Walter escrevia com violência e raiva, o suor escorria-lhe pelas têmporas: TRABALHOU SOB A DIREÇÃO DE ROGOV NO CAMPO DE TESTES 109 NO CAZAQUISTÃO. — Ele não sabe, mas acaba de integrar-se à grande revolução andropáusica russa dos anos oitenta. Passou por todas as mentiras, passou por Stalin, pela breve luz khrushcheviana, pela longa escuridão dos tempos de Brejnev. Mas tem ainda um derradeiro trunfo, uma última hipótese andropáusica de que o mundo retenha a sua memória. E as novas palavras de ordem ressoam-lhe nos ouvidos: revolução a partir de cima, abertura, paz, mudança, coragem, reconstrução. Encorajam-no mesmo a revoltar-se.

Walter escrevia agora mais depressa do que nunca, apesar de arquejante: TELEMETRIA, PRECISÃO. — Onde vão parar? —, perguntou retoricamente, com a voz entrecortada. — Até que ponto se aproximarão dos alvos? De quantos alvos? E quantos serão disparados? E quando? Qual a expansão e a temperatura da superfície?

O que tem a gravidade com tudo isso? Questões cruciais de que a Ave Azul sabe as respostas. E sabe porque está encarregado de fazer os mísseis falarem — sem que os americanos ouçam, pois nisso está a sua arte. Porque ele inventou os sistemas crípticos que os superouvidos americanos na Turquia e no continente chinês não conseguem entender. Ele vê claramente todas as respostas, antes que o camarada Rogov as açambarque para os seus donos e senhores de Moscou. Essa é, segundo a Ave Azul, a especialidade de Rogov.

— O professor Vitaly Rogov é um lambe-botas —, diz ele no segundo caderno. Doutra opinião. É isso mesmo que Vitaly Rogov é, um lambe-botas. Um lambe-botas óbvio, inteiramente realizado, completamente invertido, uma máquina de cumprir normas e ganhar medalhas e privilégios. Lembra alguém, este professor Rogov? Ninguém. Nunca o nosso tão caro Clive. Mas a Ave Azul abre o bico. Eis

que sua panela de pressão estoura. Nossa ave confessa sua agonia a Katya e Katya lhe diz, “Chorar não basta, faça qualquer coisa”. E ele, Deus seja louvado!, segue tão corajosas palavras. Diz tudo, rigorosamente tudo a que tenha acesso. As Joias da Coroa dobrando, redobrando. A decifração dos sistemas crípticos. A telemetria clara. Chaves de código para nos ajudar a entendê-la. A verdade frontal e sem desvios, antes que a enfeitem para consumo de Moscou. Claro, claro que ele é louco. Mas quem não é? Quem é melhor que ele?

Bebeu um último gole de champanhe. Reparei nesse instante que seu rosto era uma massa rubra de dor, constrangimento e indignação. — A vida é um borrão —, concluiu, entregando-me seu copo ao passar por mim.

Num segundo Walter desapareceu da sala e subiu as escadas. Ouvimos uma sucessão de portas de aço abrindo e fechando até ele sair à rua.

— O Walter era um risco —, explicou lapidariamente Clive na manhã seguinte, perante minha insistência. — Para nós talvez ele não passasse de um sujeito excêntrico. Mas para os outros... — Nunca tinha ouvido da boca de Clive uma referência tão clara a sexo. Mas num instante a sua autocensura prevaleceu. — Mande-o para a seção de treinamento de agentes —, prosseguiu, regressando ao seu tom normal, que era absolutamente impessoal. — Houve muito alarme do outro lado.

Do outro lado do Atlântico, queria ele dizer.

E assim desaparecia de cena Walter, o magnífico Walter. Não tinha me enganado: nunca mais voltamos a ver os mórmons, nunca mais Clive se referiu a eles. Se eram mensageiros de Langley ou se muito simplesmente chegaram, julgaram e puniram, nunca poderemos saber. Ou talvez não fossem de Langley, talvez pertencessem a um daqueles grupos com nomes resumidos a iniciais que Ned tanto contestava. Ou seriam dois representantes daquela classe de gente que constituía o ódio de Ned — a classe dos psiquiatras mansos?

Fossem eles quem fossem, o certo é que o seu efeito foi sentido em toda a Casa da Rússia e a ausência de Walter deixou em nós um vazio só comparável aos portentosos buracos produzidos pelas armas do nosso melhor aliado. Bob percebeu isso e líamos no rosto dele a vergonha que sentia. Até Johnny, o duro, se mostrava constrangido.

— Vou querer você mais fundo nisso —, disse-me Ned. Fraca consolação para a ausência de Walter.

— Está nervoso outra vez —, disse Hannah enquanto caminhávamos.

Encontramo-nos mais uma vez na hora do almoço. O Instituto de Oncologia ficava perto de Regent's Park. Por vezes, nos dias de calor, encontrávamo-nos uma meia-hora, o tempo de uma sanduíche. Outras vezes, tínhamos mesmo tempo para ir até ao Jardim Zoológico. De vez em quando, Hannah metia folga e acabávamos na cama.

Perguntei-lhe pelo marido, Derek. Era um dos nosso poucos temas comuns. Tinha-se portado mal outra vez? Tinha-lhe batido? Nos tempos em que éramos amantes full-time, cheguei pensando que Derek contribuía decisivamente para a nossa união. Mas agora Hannah já não queria falar dele. Queria saber apenas por que eu estava nervoso.

— Mandaram embora um homem de quem gostava muito —, respondi. — Bom, mandar embora, não mandaram. Jogaram na lata do lixo.

— O que ele fez de mal?

— Mal nenhum. Decidiram muito simplesmente vê-lo com outros olhos.

— Por quê?

— Porque lhes convinha. Deixaram de tolerá-lo porque isso satisfazia determinadas exigências.

Hannah pensou um pouco naquela explicação. — Por outras palavras, homens de convenção se tornam —, sugeriu. Como você, dizia ela nas entrelinhas. Como nós.

Por que continuo a vê-la?, pensei. É como voltar à cena do crime? É para pedir, pela milésima vez, absolvição? Ou volto para ela do mesmo modo que se visita a escola da nossa juventude, para se tentar entender o que terá acontecido a essa porção da nossa vida?

Hannah continua uma bela mulher, o que é uma consolação. O grisalho dos cabelos e a deformação do corpo não a espreitam ainda. Quando à meia luz entrevejo o seu rosto e vislumbro o seu sorriso corajoso e vulnerável, é a Hannah de há vinte anos que estou vendo. E, numa confiança de que sou o único destinatário, murmuro que, apesar de tudo, não a destruí. — Que bem que ela está —, digo a mim mesmo. — Repare bem nela. Sorri. Ei-la sorridente e incólume. É Derek quem a maltrata, não você.

Mas tais confidências nunca me convencem. Longe disso.

A bandeira inglesa que tanto irritava o ditador Stalin quando a via das fortificações do Kremlin, ondulava desalentadamente no seu mastro do átrio da Embaixada Britânica. O palácio creme assemelhava-se a um velho bolo de casamento à espera que, o cortassem e as águas oleosas do rio corriam dóceis, apesar do aguaceiro matinal que as fustigava. Nos portões de ferro, dois policiais russos estudavam criteriosamente o passaporte de Barley. A chuva borrava já a tinta.

O mais novo tomou nota do nome. O mais velho comparou, com um ar dubitativo, os traços marcados do rosto que tinha à sua frente com o que vinha na fotografia. Barley trazia um impermeável castanho que escorria água. O cabelo lembrava gesso colado à cabeça. E parecia um pouco mais baixo.

— Francamente! Que dia este! —, exclamou a simpática jovem da saia de xadrez plissada que o aguardava no hall. — Olá, chamo-me Felicity.

O senhor é quem eu penso, não é? Enfim, um tanto ou quanto molhado, mas é Scott Blair, não é verdade? Entre, o Conselheiro Econômico está à sua espera.

— Pensava que os “econômicos” eram no outro edifício. — Ah, não, esses são os do Comercial. É outra coisa. — Barley seguiu o traseiro ondulante da jovem pela ancestral escadaria acima. Sentia-se deslocado sempre que entrava numa missão britânica. Porém, naquela manhã, sentia-se perfeitamente noutro lugar. Parecia-lhe ouvir o assobio desafinado do seu jornaleiro em Hampstead. O ruído arquejante da enceradora fez-lhe lembrar o barulho do carro do leite. Eram oito da manhã, e o Reino Unido oficial não estava ainda oficialmente acordado. O Conselheiro Econômico era um escocês atarracado de cabelo prata. Chamava-se Craig.

— Mr. Blair! Como está? Faça o favor de se sentar! Bebe chá ou café? Receio que tenham o mesmo gosto, mas estamos fazendo progressos. Gradualmente, haveremos de conseguir fazer chá com sabor de chá e café com sabor de café.

De imediato pegou a capa de Barley e pendurou-a num cabide do Ministério das Obras Públicas. Acima da mesa, uma fotografia emoldurada mostrava a Rainha em traje de montaria. Um aviso ao lado da fotografia indicava que não era seguro falar naquela sala. Felicity trouxe chá e biscoitos Garibaldi. Craig falava num tom vigoroso, como se

não pudesse esperar muito tempo para revelar suas notícias. Seu rosto vermelho brilhava de tão escanhado.

— Então, Mr. Barley, segundo ouvi dizer, os bandidos da VAAP não atam nem desatam... Disseram-me que você está farto de ouvir respostas evasivas! Diga-me uma coisa, acha que essa gente da VAAP bate bem da bola? Alguém lhe deu uma resposta concreta? Ou me engano muito ou só lhe têm dado música moscovita... Sabe, aqui é tudo aparência, incluindo naturalmente o trabalho. Transações, contratos, são coisas raras, muito raras mesmo. O apetite pelo lucro, a diligência nos negócios são termos que não existem no vocabulário deles. Isto aqui resume-se a duas coisas: conto de fadas e coçar o saco. Sempre achei que era uma combinação impossível. Calcule! Uma ociosidade incurável atrelada a visões inatingíveis. O Embaixador usou esta minha frase recentemente num despacho. Nenhum crédito dado, nenhum pedido. Diga-me, como podem aguentar uma economia sentada na indolência, no tribalismo e no desemprego oculto? Resposta: não aguentam! Será que alguma vez vão se libertar disso? E que sucederá se se libertarem? Resposta: só Deus sabe. Na minha opinião, o mundo dos livros não passa de um microcosmo em que repercute todo o dilema desta terra, está vendo? Um microcosmo apenas ...

Craig continuou a berrar até que, aparentemente, decidiu que Barley e os microfones já tinham a sua conta. — Olhe, acredite que apreciei imensamente a nossa conversinha. Devo dizer-lhe que me deu grande material para minhas reflexões. Sabe, na nossa profissão corremos sempre o risco de estarmos desligados das bases, o que não interessa. Importa-se que lhe mostre a Embaixada e o apresente ao resto do pessoal? Eles não me perdoariam se eu me esquecesse.

Com um gesto de comando, Craig avançou por um corredor que terminava numa porta metálica com um olho mágico ameaçador. A porta abriu mal eles se aproximaram e fechou-se logo que Barley entrou.

Craig é o seu contato, dissera Ned. É um tipo incrível, mas é ele que o há de levar ao seu chefe.

A primeira impressão de Barley foi de que estava numa enfermaria às escuras, a segunda de que a enfermaria afinal era uma sauna, porque a única luz em toda aquela divisão vinha de um canto, rente ao chão, e também por causa do cheiro a resina. Até que concluiu que era uma sauna suspensa, pois percebeu que o assoalho balançava.

Ao sentar-se com todo o cuidado numa cadeira viu duas imagens atrás de uma mesa. A primeira, um pôster com um Beefeater da guarda defendendo a ponte de Londres. A segunda, o lago Windermere ao pôr do sol, num anúncio das Ferrovias Britânicas.

— Bravo, Barley —, exclamou uma vigorosa voz inglesa, não muito diferente da de Ned, sob o Beefeater. Sou Paddy, ou Patrick, como queira, e este cavalheiro aqui é o Cy. É americano.

— Olá, Barley —, disse Cy. — Nós somos apenas os moços de recados daqui —, explicou Paddy. — Naturalmente a nossa ação é extremamente limitada. A nossa principal tarefa é fornecer os camelos e as refeições quentes. Ned manda-lhe calorosas saudações. Clive também. Se eles não estivessem tão mal vistos, também estariam cá a roer as unhas conosco. Riscos da profissão. Calha a todos.

Enquanto falava, a pouca luz da sala ia-lhe revelando os traços. Era um homem rude mas gracioso, com as feições marcadas e os olhos sonhadores de um explorador. Cy tinha um ar polido e citadino, e era uma dúzia de anos mais novo que Paddy. Tinham as mãos sobre um mapa das ruas de Leningrado. Paddy tinha os punhos da camisa puídos. A camisa de Cy era das que não precisam de ferro.

— Queria perguntar-lhe se quer continuar —, disse Paddy, como se tal pergunta fosse uma piada infalível. — Se você quiser sair da coisa está no seu direito e não guardamos ressentimentos. Quer sair? Que me diz?

— Zapadny me mata —, murmurou Barley.

— Por quê?

— Sou convidado dele. É ele que me paga as contas, que fixa meus programas —. Barley levou a mão à testa e esfregou-a como que procurando reavivar a comunicação com seu cérebro.

— Que quer que eu diga? Não posso sem mais nem menos pegar a trouxa e dizer adeus, até já, agora vou para Leningrado. Ele pensaria que sou maluco.

— Foi Leningrado que disse e não Londres? —, persistiu Paddy num tom perfeitamente simpático.

— Não tenho visto. O visto só dá para Moscou, não para Leningrado.

— Mas suponhamos que possa ir a Leningrado. — Outra longa pausa. — Preciso falar com ele —, disse Barley, como se isso fosse uma explicação.

— Com Zapadny?

— Com Goethe. Tenho de falar com ele. — Depois de, num gesto que nele era habitual, ter roçado com o pulso direito pela boca, Barley ficou olhando o pulso como se esperasse ver sangue. — A Goethe não posso mentir —, murmurou.

— Essa é uma hipótese que não se põe. O que Ned quer é uma parceria, não uma decepção.

— Tal como nós —, disse Cy. — Não vou usar de subterfúgios ou de artimanhas com ele. Ou falo com ele com todas as cartas na mesa ou então o melhor é não falar.

— É exatamente isso que Ned quer —, disse Paddy. — Queremos dar-lhe tudo o que ele precisa.

— Nós também —, disse Cy. — Potomac Boston, Incorporated, o nosso novo parceiro comercial americano —, propôs Paddy com uma voz fresca, olhando para um papel à sua frente. — O chefe da operação editorial deles é um tal Mr. Henziger, não é verdade?

— J. P. —, disse Barley. — Alguma vez o viu? — Barley abanou a cabeça e deu um estremeção ao corpo. — Só o nome no contrato —, disse.

— É tudo o que sabe dele? — Falamos ao telefone umas quantas vezes. Ned achou que era bom que nos ouvissem na linha transatlântica. Por uma questão de precaução.

— Mas você não faz qualquer retrato mental dele? —, persistiu Paddy, no jeito que tinha de procurar respostas claras, ainda que isso fizesse dele um pedante. — Ele não constitui para você uma personagem de contornos mais ou menos definidos?

— Para mim ele não passa de um nome com dinheiro e escritórios em Boston e de uma voz ao telefone. Nada mais.

— E nas suas conversas com terceiros locais — com Zapadny, para sermos mais precisos —, você não apresentou por acaso J. P. Henziger como uma espécie de figura tenebrosa? Não lhe pôs uma barba falsa ou uma perna de pau, não lhe atribuiu uma vida sexual sinistra? Nada que tenhamos de levar em conta para o caso de fazermos dele uma personagem de carne e osso, por assim dizer?

Barley pôs-se pensando mas parecia longe. — Não? —, perguntou Paddy. — Não —, disse Barley e de novo abanou a cabeça escusadamente.

— Então nesse caso podemos considerar a seguinte situação —, prosseguiu Paddy. — Mr. J. P. Henziger da Potomac Boston, jovem, dinâmico, agressivo, atualmente de férias na Europa com a mulher. Estamos na época das férias. Neste momento estão, digamos, no Hotel Marski em Helsinque. Conhece o Marski?

— Já lá bebi um copo —, disse Barley, como se esse fato o envergonhasse.

— E como são impulsivos como todos os americanos, meteram na cabeça que podiam fazer uma viagem-relâmpago a Leningrado. É a sua vez, Cy, creio.

Cy pôs o seu sorriso e agradeceu. Tinha uma expressão arguta quando o seu rosto ganhava vida e um modo de falar inteligente@ ainda que mal-humorado.

— Os Henziger fazem uma excursão guiada de três dias, Barley. Vistos na fronteira finlandesa, o guia, o ônibus, tudo em ordem. São gente honesta, gente decente. É a primeira vez que visitam a Rússia. Em Boston a glasnost está na berra. Ele investiu dinheiro em si. Sabe que você está em Moscou a gastá-lo, por isso pede-lhe que largue tudo e que vá num instante a Leningrado, pegar-lhe nas malas e relatar-lhe os progressos. É a prática normal, típica de um jovem capitalista. Vê alguma falha nisto? Há algo que para você não funcione?

Tudo se tomava claro na sua cabeça e na sua visão. — Não. Funciona perfeitamente. Se para você funciona, para mim também há de funcionar.

— Primeiro, hoje de manhã, hora britânica, J. P. telefona do Marski para o seu escritório em Londres, responde-lhe o gravador —, prosseguiu Cy. — J. P. não gosta de falar em gravadores. Daqui a uma hora manda-lhe um telex, ao cuidado de Zapadny, VAAP, com cópia para Craig, Embaixada Britânica, Moscou, pedindo-lhe que vá ter com ele na sexta-feira ao Hotel Evropeiskaya, aliás Europa, Leningrado, que é onde fica o grupo de turistas. Zapadny ficará furioso, talvez dê um grito de dor. Mas como você anda a gastar o dinheiro de J. P., prevemos que Zapadny não tenha outra hipótese senão submeter-se à lógica das forças do mercado. Está entendendo?

— Estou —, disse Barley. Paddy pegou então a história. — Se ele tiver juízo, ajuda-o a alterar o visto. Se recusar, Wicklow leva rapidamente o visto e o leva ao OVIR, o departamento de vistos não turísticos para soviéticos, do Ministério do Interior, que altera num

instante. Em nossa opinião, é melhor você não falar muito do caso ao Zapadny. Não se rebaixe, não lhe peça desculpa. Seria errado. Chamaria atenção. Diga muito simplesmente que é assim que as coisas se passam no mundo moderno: a grande velocidade.

— J. P. Henziger é família —, disse Cy. — É um ótimo funcionário. E a mulher dele também.

Parou abruptamente. Como um árbitro que tivesse acabado de assistir a uma infração, Barley apontava um dedo para o peito de Paddy.

— Esperem aí, vocês dois! Um momento! Nada de pressa, por favor! De que me servirão esses dois, por muito bons que sejam, se vão passar o tempo numa porcaria de ônibus turístico?

Paddy demorou um instante para se recuperar daquela inesperada investida. — Diga-lhe, Cy —, pediu.

— Barley, na quinta-feira à noite, quando eles chegarem ao Hotel Europa, Mrs. Henziger será acometida de violentas dores de barriga leningradenses. J. P. ficará sem vontade de ver a paisagem, estando sua amada dama às voltas com diarreia. Vai se recolher por isso ao quarto do hotel. Como vê, não há problema algum.

Paddy aproximou o abajur e a bateria do mapa de Leningrado. Os três endereços de Katya estavam marcados com um círculo vermelho.

Só ao fim da tarde é que Barley lhe telefonou, à hora em que ela deveria estar na arrumação final de sua mesa. Dormira uma sesta e para se pôr operacional bebera uns quantos uísques. Mas quando começou a falar, reparou que sua voz saía muito estridente. Não podia ser, tinha de baixar a voz.

— Ah. Olá! Chegou bem a casa? —, disse, com a sensação de que não conhecia aquele que estava falando. — O comboio não se transformou numa abóbora ou numa coisa parecida?

— Obrigada, cheguei sem problemas. — ótimo. Bom, eu telefonei só para saber como estava. Pois. E para lhe agradecer a noite de ontem, foi uma noite maravilhosa. Hum... E para lhe dizer adeus, até breve.

— Também eu lhe agradeço. Foi uma noite muito produtiva. — Pensava que teríamos outra hipótese de nos vermos. O problema é que tenho de ir a Leningrado. Negócios... Uma chatice. Bom, a verdade é que tive de alterar os meus planos.

Um silêncio prolongado. — Então o melhor é se sentar —, disse ela. Barley não sabia qual dos dois tinha enlouquecido. — Sentar por

quê?

— Uso nosso. Antes de uma longa viagem, costumamos sentar-nos um pouco. Está sentado?

Barley sentia a felicidade na voz e por isso sentia-se também feliz.

— Não, na realidade estou deitado. Serve?

— Nunca ouvi falar. O hábito é uma pessoa sentar em cima da mala ou num banco, suspirar um pouco e benzer-se depois. Mas espero que deitar tenha o mesmo efeito.

— Tem. — Depois de Leningrado volta a Moscou?

— Bem, nesta viagem não. Creio que voltamos diretos para a escola.

— Escola?

— Inglaterra. É uma estúpida expressão minha.

— E que significa escola nesse contexto?

— Obrigações. Imaturidade. Ignorância. Os habituais vícios ingleses.

— Tem muitas obrigações?

— Malas delas. Mas estou aprendendo a destrinchá-las. Por acaso ontem até consegui dizer não e surpreendi todo mundo.

— Por que tem que dizer que não? Por que não dizer sim? Talvez ficassem ainda mais surpresos.

— Bom, esse foi o problema de ontem à noite, não foi? Nunca consigo falar de mim mesmo. Falamos de você, dos grandes poetas de todas as épocas, do senhor Gorbachev, de edições. Mas pusemos de parte o principal tema. Eu. Tenho de fazer uma viagem especial só para a chatear com a minha pessoa.

— Tenho a certeza de que não me chateia. — Quer que lhe traga alguma coisa? — Como? — Da próxima vez. Quer alguma coisa em especial. Uma escova para os dentes elétrica? Papelotes? Mais Jane Austen?

Uma pausa longa e deliciosa. — Desejo-lhe uma boa viagem, Barley —, disse ela.

O último almoço com Zapadny foi um velório sem cadáver. Eram catorze sentados à mesa, todos homens, os únicos comensais do enorme restaurante de um hotel ainda inacabado. Os criados traziam a comida e desapareciam logo de seguida para longínquos subúrbios. Zapadny tinha de mandar patrulhas à sua procura. Ninguém bebia e só

Barley e Zapadny se entregavam à amena cavaqueira própria de um repasto. O som de fundo era de uma música enlatada dos anos cinquenta. Para além de muitas marteladas.

— Mas nós preparamos uma grande festa para você, Barley —, protestou Zapadny. — O Vassily traz a bateria, o Victor empresta-lhe o saxofone, um amigo meu que tem uma destilaria só dele prometeu-nos seis garrafas, e não faltarão os pintores e os escritores o mais loucos possível. Enfim, temos todos os ingredientes para a produção de uma noite intensamente indecente e você tem todo o fim de semana para recuperar. Diga a esse sacana desse americano da Potomac que se vá lixar. Não gostamos de o ver tão sério.

— Os nossos capitalistas, Alik, são como os vossos burocratas. Se os ignoramos corremos riscos. Como você corre.

O sorriso de Zapadny não era caloroso nem condescendente. — Chegamos mesmo pensando que você estava de coração amarrado a uma das nossas afamadas belezas moscovitas. A deliciosa Katya não o convence ficando?

— Qual Katya? —, ouviu-se Barley responder, enquanto pensava, intrigado, que, com tanta martelada, o texto já deveria ter caído.

Um zumbido de animação percorreu a mesa. — Estamos em Moscou, Barley —, lembrou-lhe Zapadny, muito divertido consigo mesmo. — Em Moscou tudo levanta ondas. A intelligentsia é pequena, estamos todos falidos e as chamadas telefônicas locais são grátis. Se você janta com Katya Orlova num restaurante íntimo e especialmente louco, na manhã seguinte há pelo menos quinze dos nossos que sabem desse jantar.

— Foi um encontro puramente comercial —, disse Barley.

— Então, por que não levou Mr. Wicklow com você?

— Porque ele é muito jovem —, respondeu Barley, provocando mais um coro de gargalhadas russas.

O trem da noite para Leningrado deixa Moscou alguns minutos antes da meia-noite, segundo consta para que os inúmeros burocratas russos possam pedir ajuda de custo para dois dias. O compartimento tinha quatro beliches, e Wicklow e Barley tinham o par de baixo antes de aparecer uma peso-pesado loura que só se calou quando Barley trocou de beliche com ela. A quarta cama era ocupada por um homem pacato e aparentemente abastado que falava um inglês elegante e exibia um ar pesaroso. Vestia um terno escuro, típico de advogado, e para dormir pôs

um pijama furiosamente listrado que teria ficado bem num palhaço, mas nem por isso os seus modos se avivaram. Houve novo período de negociações quando a loura se recusou a despir nem que fosse o chapéu enquanto os três homens não fossem para o corredor. A harmonia voltou ao compartimento quando ela os chamou e, enfiada num jogging cor-de-rosa com pompons nos ombros, lhes ofereceu bolinhos caseiros em sinal de gratidão pelo cavalheirismo demonstrado. E ficou tão impressionada quando Barley lhe ofereceu uísque que os obrigou a partilharem também do seu chouriço, insistindo mais do que uma vez para que bebessem à saúde de Mrs. Thatcher.

— De onde são os senhores? —, perguntou o passageiro melancólico a Barley quando se deitavam.

— De Londres. — Londres, Inglaterra. Não vêm da lua, nem das estrelas, mas de Londres, Inglaterra —, confirmou o melancólico e, ao contrário de Barley, pareceu cair rapidamente no sono. Porém, horas depois, ao pararem numa estação, acordou e reatou a conversa. — Que estação é esta? —, perguntou sem se preocupar em saber se Barley estaria ou não acordado.

— Não faço ideia. — Se Anna Karenina viesse conosco esta noite e encontrasse a presença de espírito necessária, seria este o local em que abandonaria o insatisfatório Vronsky.

— Não me diga —, respondeu Barley, perfeitamente aturdido. O uísque tinha acabado mas o homem triste tinha brandy da Geórgia.

— Foi em tempos um pântano, pântano continua a ser —, disse o sempre-triste. — Se quiser entender a doença russa, terá de viver no pântano russo.

Estava falando de Leningrado.

Um céu baixo, povoado de nuvens que lembravam algodão, parecia roçar os palácios importados, dando-lhes um ar lúgubre apesar dos seus vestidos de fantasia. Nos parques tocava-se uma música estival, mas o verão ocultara-se por trás das nuvens, deixando uma névoa nórdica muito branca serpenteando e tremulando sobre os canais venezianos. Como lhe acontecia sempre que visitava Leningrado, Barley tinha a sensação de que era em outra cidade que estava, por vezes Praga, outras vezes Viena, Paris ou Londres. Das cidades que conhecia, nenhuma outra escondia sua ignomínia atrás de tantas fachadas harmoniosas, nenhuma outra fazia perguntas tão terríveis com um mero sorriso. Que crentes se encontravam naquelas igrejas fechadas e irreais? E que Deus veneravam? Quantos corpos tinham atulhado aqueles graciosos canais ou flutuado gelados rumo ao mar? Em que outra cidade poderia a mais terrível das barbáries ter produzido tão belos monumentos? Até as pessoas na rua, tão lentas no falar, tão cheias de decoro e discrição, pareciam ligadas por uma monstruosa e generalizada dissimulação. E Barley, enquanto caminhava vagarosamente e apreciava os monumentos como qualquer turista — e contava os minutos como qualquer espião —, Barley sentia que partilhava essa duplicidade.

Tinha cumprimentado um capitalista americano que não era capitalista, e lamentado a doença da mulher dele que não estava doente e que provavelmente não era sua mulher.

Tinha instruído um seu subordinado, que não era subordinado, para que o socorresse numa emergência que nunca ocorreria.

la encontrar um escritor que não era escritor, mas que procurava o martírio numa cidade onde o martírio era oferecido grátis, fizéssemos ou não fila para o comprar.

O medo paralisava-o e tinha uma ressaca de quatro dias. Era finalmente um cidadão de Leningrado. Ao dar com você na Nevsky Prospekt percebeu que estava à procura de um café a que chamavam Saigon, um local frequentado por poetas, traficantes de droga e especuladores, nunca por filhas de professores universitários.

— Seu pai tem razão —, ouviu-o dizer. — O sistema acaba sempre por vencer.

Tinha um mapa das ruas da cidade, oferecido por Paddy — um mapa alemão com um texto traduzido para várias línguas. Cy tinha-lhe dado um exemplar de Crime e Castigo, uma edição da Penguin com uma tradução desesperadora. Tinha metido o mapa e o livro num saco plástico. Wicklow tinha insistido nesse ponto. Não podia ser um saco qualquer, tinha de ser aquele saco, anunciando uma porcaria de um cigarro qualquer, naturalmente americano, e reconhecível a quinhentos metros de distância. Agora a sua única missão na vida era seguir o rasto de Raskolnikov na sua caminhada fatal para assassinar a velha senhora, e era por isso que nesse momento andava à procura de um pátio que ficava em frente do Canal Griboyedev. Era um pátio com portões de ferro e uma árvore enorme que espalhava uma sombra consoladora. Entrou, avançou lentamente e lentamente começou a vaguear por ali, espreitando para o seu Crime e Castigo e examinando depois cautelosamente as janelas sujas de pó, como se esperasse que o sangue da velha agiota começasse a escorrer sob os batentes amarelecidos. Só ocasionalmente permitiu que o seu olhar passeasse por essa indistinta meia distância que é a preferida das classes altas inglesas, e que compreende objetos tão irrelevantes como transeuntes ou não transeuntes imobilizados numa espera qualquer; ou o portão que dava para a Rua Plekhanova, portão que, segundo Paddy, só era conhecido por pessoas intimamente relacionadas com aquele local, por exemplo cientistas que, na sua juventude, tivessem estudado no Litmo, situado muito perto, mas que, pelo movimento que Barley vinha investigando com o ar mais normal possível, não davam sinais de vida.

Faltava-lhe o ar. Uma bolha de náusea cravou-se em seu peito como se estivesse num poço. Tinha chegado ao portão. Abriu-o. Atravessou uma sala de entrada. Subiu os poucos degraus que davam para a rua. Olhou para todos os lados e com grande alarde fez de conta que estava a apreciar as suas descobertas, enquanto as tão amaldiçoadas correias dos microfones lhe iam serrando as costas. Deu meia-volta e, sempre no mesmo jeito de passeio, voltou ao pátio, passou a árvore enorme e retomou o caminho do canal. Sentou-se num banco e desdobrou o mapa das ruas. Dez minutos, dissera Paddy, dando-lhe um cronômetro que haveria de substituir o seu relógio de herança, muito falível. Cinco minutos antes, cinco minutos depois, e não espera mais.

— Perdeu-se? —, perguntou um homem pálido que parecia muito velho para poder dedicar-se a vendas ilícitas. Usava óculos italianos à

La piloto de corrida e tênis Nike. Seu inglês de russo tinha sotaque americano.

— Obrigado, meu velho, mas perdido ando eu sempre —, respondeu afavelmente Barley. — É assim que eu gosto.

— Quer vender-me alguma coisa? Cigarros? scotch? Canetas de tinta permanente? Quer negociar em drogas ou moeda ou qualquer coisa do gênero?

— Obrigadíssimo, mas estou muito bem assim —, replicou Barley, aliviado por ter ouvido o homem falar normalmente. — Mas ficaria ainda melhor se se desviasse um pouco do Sol.

— Deseja conhecer um grupo internacional de pessoas, incluindo algumas moças. Posso levá-lo a conhecer a verdadeira Rússia, aquela que nunca ninguém consegue ver.

— Para ser o mais honesto possível, meu velho, não creio que você conhecesse a verdadeira Rússia se ela se levantasse e lhe desse um pontapé nos tomates —, disse Barley, retomando o estudo do mapa.

O homem zarpou imediatamente.

Às sextas-feiras até os grandes cientistas fazem o que todo mundo faz, dissera Paddy. Dão por encerrada a semana e embebedam-se. Dão início aos seus três dias de folia, comunicam uns aos outros as respectivas proezas e pesquisas. Os seus anfitriões de Leningrado encham-nos com um copioso almoço, mas deixam-lhes tempo suficiente para se abastecer nas lojas antes de regressarem aos seus números postais. A corrida às lojas constituirá para o seu amigo a primeira hipótese de escapar ao grupo. Se escapar. Se decidir realmente comparecer ao encontro.

O meu amigo. O meu amigo, o meu Raskolnikov. E não o amigo dele. Meu. Para o caso de isto fracassar.

Um encontro falhou, mais dois para tentar. Barley levantou-se, esfregou as costas e, como tinha tempo, prosseguiu o seu passeio literário por Leningrado. Atravessando de novo a Nevsky Prospekt, contemplou as faces curtidas dos vendedores e, num acesso de empatia, pediu que o aceitassem no seu seio: — Eu sou um de vocês! Partilho suas confusões! Aceitem-me! Escondam-me! Ignorem-me! — Acalmou-se. Olhou à volta. Achou-se um idiota. Um idiota de boca aberta.

Para trás ficava a Catedral Kazan. À sua frente, a Casa do Livro. Como bom editor que era, Barley decidiu entrar, olhando de soslaio para

as janelas e para a torre baixa e larga com o seu odioso globo. Mas não ficou muito tempo, pois corria o risco de ser reconhecido por algum funcionário do departamento editorial. Meteu pela rua Zhelyabova, na direção de um dos grandes armazéns de Leningrado, com as suas modas inglesas dos tempos da Segunda Guerra Mundial e chapéus de pele fora de estação distribuídos pelas montras. Postou-se conspicuamente na entrada principal, segurando na sacola com o dedo do meio e desdobrando o mapa para disfarçar.

Aqui não, pediu. Por amor de Deus, aqui não. Por favor, Goethe, um pouco de privacidade. Aqui não pode ser.

— Se ele escolher a loja é porque pretende um encontro à vista de todo mundo —, dissera Paddy. — Quando ele o vir, há de abrir muito os braços e gritar bem alto, 'Scott Blair, é mesmo você? Não é possível!'.

Nos dez minutos seguintes Barley não pensou em nada. Primeiro estudou o mapa, depois ergueu a cabeça e pôs-se a apreciar os edifícios. Depois dos edifícios, apreciou as mulheres e, nesse dia de Verão em Leningrado, as mulheres retribuíam a apreciação. Mas isso não era o bastante para o tranquilizar. Enfronhou-se de novo no estudo do mapa. O suor escorria-lhe pelo peito. Passou-lhe pela cabeça a fantasia de que os microfones entrariam em curto-circuito. Por duas vezes pigarreou, porque tinha medo de não conseguir falar. Mas quando procurou umedecer os lábios descobriu que tinha a língua seca.

Os dez minutos tinham passado já. Decidiu esperar mais dois porque os mereciam: ele, Katya, Goethe. Dobrou o mapa, mal, como sempre acontecia. Guardou-o no berrante saco plástico. Deixou-se levar pela multidão e descobriu que, afinal, até sabia andar como todo mundo, não fazia paradas ou desvios súbitos nem se estatelava estrondosamente no chão.

Lentamente voltou à Nevsky e tomou a direção da Ponte Anichkov. Procurava o bonde 7 que ia para Smolny, para a sua terceira e última aparição em frente ao congresso dos espiões de Leningrado.

Esperou na fila, entre dois jovens de jeans e três babushkas.

O elétrico parou e os jovens saltaram para dentro. Barley seguiu-os. Os dois rapazes desataram numa conversa ruidosa. Um velho levantou-se, oferecendo o lugar a uma das babushkas. Fazemos uma multidão simpática, pensou Barley em mais um acesso de empatia com uma multidão de que afinal não fazia parte; fiquemos juntos o dia todo, vamos divertir-nos. Um miúdo fazia-lhe caretas, perguntava-lhe qualquer

coisa. Numa súbita inspiração, Barley subiu a manga e mostrou-lhe o relógio metálico de Paddy. O rapaz examinou-o demoradamente e soltou uma vaia ruidosa. Com um clangor de chapa o elétrico parou.

Teve medo e não veio, pensou aliviado Barley ao entrar no parque.

O sol rebentou por entre as nuvens. Tem medo: quem o pode censurar?

Mas nesse momento mesmo, viu-o. Goethe, exatamente como fora anunciado. Goethe, o grande amante e pensador, sentado no terceiro banco à esquerda do caminho de cascalho, um niilista que não reconhece nenhum princípio.

Goethe. Lendo o jornal. Sóbrio, com metade da sua estatura original, obviamente vestido de preto, mas mais parecendo o irmão mais velho e mais baixo. O coração de Barley esmoreceu e logo palpitou perante visão tão vulgar. A imagem do grande poeta extinguiu-se. Rugas sulcavam uma pele outrora macia. Não havia nada de sublime naquele russo barbado com ar de escriturário, apanhando o ar da tarde num banco do parque.

Mas o certo é que era ele, Goethe, e sentado no meio de um sem número de relíquias russas que lhe eram antagônicas: mas nenhum tiro de pistola vinha das belicosas estátuas de Marx, Engels e Lênin, que o cercavam com as suas carrancas de bronze em pedestais estranhamente separados; nenhum tiro de mosquete vinha da sagrada Sala 67, onde Lênin tinha instalado o seu quartel-general revolucionário, num internato para filhas da melhor classe de São Petersburgo; nenhuma marcha fúnebre saía da catedral azul de Rastrelli, construída para suavizar os anos de declínio de uma imperatriz; ninguém de olhos vendados saía do quartel-general do Partido, com seus policiais enormes olhando ameaçadoramente as massas libertadas.

Smola significa marinheiro, lembrou-se estupidamente Barley naquele instante eterno de monstruosa normalidade. Em Smolny, Pedro, o Grande, reuniu os seus marinheiros para a primeira Armada russa.

As pessoas que estavam perto de Goethe eram tão normais quanto ele.

O dia tinha começado cinzento, mas o sol recente produzira milagres e os cidadãos cumpridores começavam a despir camisas, como se pressionados por uma urgência comum. Rapazes nus da cintura para cima, moças como flores murchas, mulheres rotundas com

sutiãs de cetim deitadas aos pés de Goethe, com rádios ao lado, mastigando sanduíches e discutindo assuntos insondáveis, mas que as faziam passar dos esgares à reflexão e da reflexão ao riso numa sucessão rápida.

Um caminho de pedrinhas passava junto ao banco. Barley avançou decididamente, estudando as informações nas costas do mapa dobrado. No campo, dissera Ned numa sessão inteiramente devotada a uma coisa macabramente rotulada de manhas do ofício, a fonte é a estrela e a estrela é que decide se o encontro vai para a frente ou será abortado.

Menos de cinquenta metros separavam Barley da sua estrela, mas o caminho os unia como uma linha reta. Estaria andando muito depressa ou muito devagar? Num momento quase se chocava com o casal que ia à frente, no momento seguinte era empurrado por alguém com pressa. Se ele o ignorar, espere cinco minutos e passe a segunda vez, dissera Paddy. De olhos postos no mapa, Barley viu o rosto de Goethe erguer-se como se tivesse farejado a sua presença. Viu a palidez das suas faces e as covas escuras dos seus olhos. E depois a palidez do jornal, que Goethe dobrava como se fosse um lençol de acampamento. Viu que havia um jeito angular e muito pouco harmônico nos seus movimentos, de tal modo que, na mente vertiginosa de Barley, ele se assemelhou nesse momento a uma figura de um relógio ultrapreciso de uma cidade suíça: agora ergo o meu rosto pálido, agora marco as doze com a minha bandeira branca, agora levanto-me e desapareço. Dobrado o jornal, Goethe meteu-o no bolso do casaco e deu uma pedagógica olhada ao relógio. Depois, com o mesmo ar mecânico de quem fosse uma invenção alheia, tomou o seu lugar no exército de pedestres e, com passos longos, encaminhou-se na direção do rio.

Barley já sabia agora a que ritmo caminhava, já que seu passo era o passo de Goethe. A sua presa seguiu o caminho que ia dar numa fila de carros estacionados. De olhos e cérebro operacionais, Barley seguiu-o e, ao chegar aos carros, viu-o junto ao apressado Neva, o casaco inchado pela brisa do rio. Um barco de recreio passou, mas não havia nos passageiros qualquer sinal de recreação. Um navio carvoeiro avançava lentamente, sarapintado de zarcão, e era belo de ver o fumo escuro que saía da sua chaminé à luz volúvel do rio. Goethe estava encostado à balaustrada, perscrutando a corrente como se quisesse

calcular a sua velocidade. Barley avançou na direção dele sem reparar onde punha os pés, já que toda a sua atenção estava concentrada no mapa. Mesmo quando ouviu Goethe falar com ele, no seu inglês imaculado que o tinha acordado no alpendre em Peredelkino, Barley não lhe respondeu imediatamente.

— O senhor queira desculpar, mas quer-me parecer que nos conhecemos.

Mas Barley de início recusou-se a ouvir. A voz saía muito nervosa, muito titubeante. Continuou embrenhado nas informações. Deve ser mais um vendedor, disse a si mesmo. Ou um traficante ou um mendigo.

— Desculpe, creio que o conheço —, repetiu Goethe, como se ele próprio já não estivesse muito seguro.

Só então, convencido pela insistência do estranho, Barley ergueu relutantemente a cabeça.

— Se não estou enganado, o senhor é Scott Blair, o distinto editor inglês.

Perante o que Barley decidiu persuadir-se a reconhecer o homem que lhe tinha dirigido a palavra, primeiro com um ar dubitativo, depois, ao estender-lhe a mão, com um prazer sincero mas mudo,

— Estou espantado —, comentou calmamente. — Meu Deus. Quem diria, o grande Goethe. Nós nos conhecemos naquela vergonhosa festa literária. Se bem me lembro, éramos as únicas pessoas sóbrias. Como tem passado?

— Ah, muito bem —, respondeu Goethe com uma voz já mais decidida. Porém, quando o cumprimentou, Barley reparou que as mãos dele escorregavam de suor. — Não poderia estar melhor neste momento. Bem-vindo a Leningrado, Mr. Barley. É pena eu ter um compromisso esta tarde. Mas podíamos passear um pouco, não? Trocar algumas ideias? — A voz baixara de tom. — É mais seguro do que ficar aqui parado —, explicou.

Tinha agarrado o braço de Barley e o empurrava decididamente ao longo da margem. Tamanha pressa tinha anulado todas as veleidades tácticas de Barley. Olhou de relance para aquela figura curvada, para a palidez do seu rosto atormentado, para os sulcos de dor ou medo ou inquietação que o percorriam. Reparou naqueles olhos de acossado, pestanejando nervosos sempre que passava alguém.

Naquele momento, todos os sentimentos de Barley se resumiam a um só: protegê-lo. Para o bem dele e para o bem de Katya.

— Se pudéssemos caminhar uma meia hora, veríamos o navio de guerra Aurora aquele que deu o sinal para a Revolução. Mas a próxima revolução começará com alguns suaves compassos de Bach. É tempo de começar. Não concorda?

— E sem maestro —, disse Barley com um sorriso franco. — Ou talvez com uma peça do jazz que você tão bem toca. É isso! É isso mesmo! Você anunciará a nossa revolução tocando Lester Young em seu saxofone. Leu o último livro de Rybakov? Proibido durante vinte anos e por esse motivo uma obra-prima russa. É abusar do tempo, parece-me.

— Ainda não foi publicado em inglês. — E o meu, leu? — A mão magra de Goethe apertava-lhe o braço. A voz aflita volvera um murmúrio.

— Sim, li aquilo que consegui entender.

— E o que acha?

— É corajoso.

— Só?

— É sensacional. Aquilo que eu entendi. Notável.

— Nesta noite nós nos encontramos, nos reconhecemos. Foi uma noite mágica. Conhece um ditado russo que diz “um pescador conhece sempre outro a distância”? Nós somos pescadores. Alimentaremos o mundo com a nossa verdade.

— Talvez façamos isso —, disse Barley num tom duvidoso, e sentiu a cabeça macilenta virar-se para ele. — Tenho que discutir muito o seu livro com você, Goethe. Temos um ou dois problemas.

— Foi por isso que você veio. Eu também. Obrigado por ter vindo a Leningrado. Quando o publica? Tem de ser rápido. Aqui, os escritores esperam três, cinco anos para ver um livro publicado, ainda que não sejam Rybakovs. Eu não posso esperar tanto tempo. A Rússia não tem tempo a perder. E eu também não.

Uma fila de rebocadores passava nesse momento, um barco com dois remadores balançou fortemente na sua esteira. Um casal abraçava-se encostado à balaustrada. E à sombra da catedral uma jovem abanava um carrinho de bebê enquanto lia um livro que segurava com a outra mão.

— Como eu não apareci na feira de áudio de Moscou, Katya entregou o manuscrito a um colega meu —, disse cautelosamente Barley.

— Eu sei. Tinha de correr o risco. — O que você não sabe é que esse colega não me conseguiu localizar na Inglaterra e por isso deu o manuscrito às autoridades. Gente discreta. Peritos.

Alarmado, Goethe virou-se de súbito para Barley e uma sombra de terror espalhou-se rapidamente sobre o seu rosto angustiado. — Eu não gosto de peritos —, disse. — Os peritos são os nossos carcereiros. Não há ninguém que eu mais odeie na terra.

— Mas você também é um perito, não é, Goethe? — Por isso mesmo sei o que digo! Os peritos não passam de uns viciados. Não resolvem nada! São os lacaios de qualquer sistema que os contrate. Perpetuam esse sistema. Quando somos torturados, são peritos que nos torturam. Quando somos enforcados, são peritos que nos enforcam. Não leu o que escrevi? Quando o mundo for destruído, não serão loucos a destruí-lo, mas sim peritos perfeitamente sãos e burocratas perfeitamente ignorantes. Você traiu-me.

— Ninguém o traiu —, respondeu irritado Barley. — O manuscrito, muito simplesmente, extraviou-se. Os nossos burocratas não são os seus burocratas. Leram, admiraram, mas precisam saber algo mais sobre você. Só podem acreditar na mensagem se acreditarem na fonte.

— Mas querem publicá-lo?

— Primeiro que tudo precisam ter certeza de que você não é uma fraude, e a melhor forma de chegarem a essa certeza é falando com você.

Goethe caminhava muito depressa, levando Barley atrás. Olhava fixamente para ponto nenhum à frente. O suor corria-lhe pela frente.

— Sou um homem de letras, Goethe —, disse ofegante Barley a um rosto que parecia longe dele. — Tudo o que sei de Física resume-se a donjuanices, mulheres e cerveja quente. Isto são coisas que me excedem, Goethe. E que excedem também Katya. Se é este o caminho que quer seguir, então permita aos peritos que o acompanhem e deixem-nos de fora. Era isto que eu queria dizer.

Passaram um caminho e avançaram por mais um segmento de relva. Um grupo de crianças da escola abriu alas para eles passarem.

— Então foi para isso que veio? Para me dizer que se recusa a publicar-me?

— Mas como é que eu posso publicá-lo? —, respondeu Barley, cuja exasperação crescia com o desespero de Goethe. — Mesmo que pudéssemos pôr aquele material em condições de ser publicado, o que aconteceria a Katya? Ela é o seu correio, não sei se está lembrado. Foi ela quem passou segredos de defesa soviéticos a uma potência estrangeira. Isso aqui não é brincadeira nenhuma. Se alguma vez descobrem o que vocês fizeram. Katya pode encomendar a alma no dia em que o primeiro exemplar chegue às prateleiras. Qual é o papel do editor no meio disto tudo? Vou para Londres, sento-me calmamente à mesa e aperto no botão que eliminará os dois?

Goethe arfava, mas os seus olhos tinham deixado de varrer as multidões e viravam-se agora para Barley.

— Ouça-me com atenção, Goethe —, pediu Barley. — Espere um instante só. Eu entendo-o. Creio sinceramente que o entendo. Você tinha um talento e esse talento foi usado para fins indignos. Você conhece todos os podres do sistema e pretende limpar a sua alma. Mas você não é Cristo nem Pecherin. Não é o seu caso que importa. Se quer matar-se, mate-se, o problema é seu. Mas não se esqueça de que a matará também a ela. E se não o inquieta matá-la, por que razão haveria de preocupar-se em salvar pessoas?

Seguiam na direção de um parque de piqueniques, com cadeiras e mesas feitas de toros. Sentaram-se lado a lado e Barley desdobrou o mapa. Debruçaram-se sobre as ruas de Leningrado, fingindo que as examinavam. Goethe pensava ainda nas palavras de Barley, confrontando-as com os seus objetivos.

— Só o agora existe —, explicou por fim, numa voz que não excedia o murmúrio. — Não há outra dimensão a não ser o agora. No passado, fizemos tudo errado porque queríamos salvar o futuro. Agora temos de fazer tudo certo para salvarmos o presente. Perder tempo é perder tudo. A história da Rússia nunca deu segundas hipóteses. Quando saltamos sobre um abismo, o salto tem de ser perfeito e definitivo: nos abismos da história russa nunca há nada onde nos possamos agarrar. E quando falhamos, ela dá o que merecemos: outro Stalin, outro Brejnev, outra purga, outra era glacial de aterradora monotonia. Se a evolução presente se mantém, então terei estado na vanguarda. Se para ou regride, então não passarei de um número das estatísticas da nossa história pós-revolucionária.

— Tal como Katya —, disse Barley.

O dedo de Goethe, incapaz de estar parado, viajava pelo mapa. Olhou à sua volta e prosseguiu. — Estamos em Leningrado, Barley, o berço da nossa grande revolução. Ninguém triunfa aqui sem sacrifício. Você disse que precisávamos de uma experiência com a natureza humana. Por que está então tão chocado quando são precisamente as suas palavras que eu quero pôr em prática?

— Você se enganou a meu respeito nesse dia. Eu não sou o homem que você imaginou. Não sou um falastrão, sou o falastrão. Por um mero acaso você me conheceu num dia em que o vento soprava na direção certa.

Controlando desesperadamente a ira, Goethe abriu as mãos e espetou-as em cima do mapa. — Você não precisa me lembrar que o homem não é a mesma coisa que a sua retórica —, disse. — Os nossos novos chefes falam de abertura, de desarmamento, de paz. Pois os deixemos com a abertura de que falam. E o desarmamento. E a paz. Enfrentemos o embate e daremos o que pedem. E façamos com que desta feita eles não possam voltar atrás. — Estava já de pé, incapaz de suportar o espaço limitado da mesa.

Barley levantou-se também. — Goethe, por amor de Deus! Tenha calma.

— Ao diabo a calma! É a calma que mata! — Começou de novo andando no seu passo enérgico. — Não é passando os nossos segredos de mão em mão, como se fôssemos ladrões, que vamos acabar com a praga do secretismo! Eu tenho vivido desde sempre na mentira! E vem você me dizer para manter secreta essa mentira! Por que a mentira sobrevive? Porque o segredo a alimenta. Por que nossa visão grandiosa se esfarelou por completo até dar nessa mesquinha confusão? Por causa do segredo. Como vocês conseguem manter seu povo na ignorância da insanidade de seus planos de guerra? É o secretismo. Impedindo que se faça luz. Mostre o meu trabalho aos seus espiões, se é isso que tem de fazer. Mas publique também. Foi isso que você me prometeu e eu acredito na sua promessa. Deixei cair um caderno na sua bolsa, nesse caderno encontrará novos capítulos da minha obra. Não tenho dúvida de que ele responde a muitas perguntas que esses idiotas querem me fazer.

A brisa do rio refrescava o rosto afogueado de Barley enquanto caminhavam. Olhando de relance para o rosto de Goethe, que o suor

tornara brilhante, pareceu-lhe vislumbrar sinais de uma inocência ferida que, aparentemente, era a razão do seu ultraje.

— Para o meu livro quero uma capa só com letras —, anunciou.
— Nada de desenhos, por favor, nada de coisas que deem na vista. Está me ouvindo?

— Mas se ainda nem tem um título! —, objetou Barley.

— Agradeceria se usasse meu próprio nome. Nada de fugas. Não quero pseudônimos. Usar um pseudônimo é inventar mais um segredo.

— Mas eu nem sei o seu nome, Goethe.

— Eles saberão. Depois do que Katya lhe disse, e com os novos capítulos, não terão o mínimo problema para me identificar. Faça as suas contas corretamente. E a cada seis meses mande o dinheiro para uma causa que mereça. Ninguém poderá dizer que faço isto pensando no lucro.

Através das árvores próximas, acordes de música marcial competiam com o ruído de bondes invisíveis.

— Goethe —, disse Barley.

— Qual é o problema? Tem medo?

— Venha para Inglaterra. Eles o farão sair clandestinamente. Eles conhecem as manhas do ofício. Na Inglaterra você poderá dizer ao mundo tudo o que quiser. Alugamos o Albert Hall para você. Levamos à televisão, à radio — aonde você quiser. E quando a sua missão estiver cumprida, dão-lhe um passaporte e dinheiro e você poderá passar o resto da sua vida tranquilo e feliz na Austrália.

Tinham parado outra vez. Goethe o ouvira? Teria compreendido? Nos seus olhos paralisados não havia qualquer expressão. Tinha os olhos fixos em Barley como se ele fosse um local distante nos confins de um vasto horizonte.

— Eu não sou um desertor, Barley. Sou um russo, e o meu futuro é aqui, ainda que seja um futuro curto. Publica ou não? Preciso saber.

Para ganhar tempo, Barley meteu a mão no bolso do casaco e tirou o livro já muito surrado que Cy lhe dera. — Pediram que lhe entregasse isto —, disse. — Uma recordação do nosso encontro. As perguntas deles estão no próprio texto, juntamente com um endereço na Finlândia para onde poderá escrever e um número de telefone em Moscou com instruções sobre o que deve dizer quando telefonar. Se você os contatar diretamente, poderão dar-lhe toda uma série de

engenhosos brinquedos que tomarão muito mais fácil a comunicação.
— Pôs o livro na mão de Goethe e o livro ali ficou.

— Publica? Sim ou não.

— Como eles podem entrar em contato com você? É uma coisa que eles têm de saber.

— Diga-lhes que podem entrar em contato comigo através do meu editor.

— Tire Katya desta embrulhada. Fale com os espiões e afaste-se dela.

O olhar de Goethe tinha descido até o terno de Barley e assim se manteve, como se o terno o tivesse perturbado. Seu sorriso triste era como um último dia de férias.

— Hoje está de cinzento, Barley. O meu pai foi jogado na prisão por homens cinzentos. Foi morto por um velho que usava um uniforme cinzento. Foram os homens cinzentos que destruíram minha bela profissão. Tenha cuidado ou um dia destes destroem também a sua. Jura que publica a minha obra ou tenho de procurar de novo um ser humano decente?

Por um momento Barley não foi capaz de responder. Já não sabia como escapar à pergunta.

— Se conseguir ter acesso ao material e se conseguir colocá-lo em forma de livro, publico —, replicou.

— Perguntei sim ou não.

Prometa tudo o que ele quiser, desde que dentro de limites razoáveis, dissera Paddy. Mas o que eram limites razoáveis?

— Está bem —, respondeu. — Sim.

Goethe devolveu-lhe o livro e Barley, espantado com o gesto, meteu-o de novo no bolso. Abraçaram-se e Barley sentiu o cheiro de suor e fumo de muitos cigarros fumados e encontrou de novo naquele abraço a força desesperada da despedida em Peredelkino. Tão abruptamente como o abraçara, Goethe separou-se dele e, depois de olhar nervosamente em volta uma vez mais, encaminhou-se rapidamente para o ponto do bonde. Ao vê-lo afastar-se, Barley reparou num velho casal que, numa esplanada, seguia a cena, oculto pelas sombras de árvores.

Barley espirrou uma vez e depois começou a espirrar seriamente. Já não podia evitar a crise. Voltou para o parque, a cara enfiada no

lenço, enquanto sacudia os ombros e espirrava e sacudia de novo os ombros.

— Scott! Ora viva! —, exclamou J. P. Henziger, com o entusiasmo excessivo de um homem ocupado, obrigado a esperar, abrindo rapidamente a porta do maior quarto do Hotel Europa. — Scott, este é um daqueles dias em que descobrimos quem são os nossos verdadeiros amigos. Faça o favor de entrar. O que o fez demorar tanto? Venha falar com Maisie.

Era um homem na casa dos quarenta, musculoso e ágil, mas tinha o tipo de rosto feio e amistoso com que Barley costumava simpatizar à primeira vista. Usava um cabelo de elefante num dos pulsos e uma pulseira de ouro no outro. Meias-luas de suor manchavam sua camisa de algodão nas axilas. Wicklow apareceu por trás dele e num segundo fechou a porta.

Camas separadas, com cobertas verde azeitona, dominavam o centro do quarto. Numa delas estava deitada a supostamente debilitada Mrs. Henziger, uma gatinha de trinta e cinco anos, sem maquiagem, os cabelos soltos caindo tragicamente sobre os ombros sardentos. Um homem de terno preto rondava pouco à vontade a cabeceira da paciente. Tinha óculos marrons. Uma mala de médico esperava aberta sobre a cama. Henziger prosseguiu o seu improvisado para os microfones.

— Scott, quero apresentar-lhe o Dr. Pete Bernstorf do Consulado Geral Americano aqui em Leningrado, um ótimo médico. Sem ele não sei o que faríamos. A Maisie está muito melhor. Ah, e Mr. Wicklow foi inexcelável. Leonard arranhou o hotel, o passeio guiado, a farmácia, tratou de tudo. Como foi seu dia?

— Lindo! Desesperadamente bom! —, atirou-lhe Barley e, por um momento, o passeio improvisado ameaçou descambar em catástrofe.

Barley atirou com a sacola de plástico e o livro de bolso para cima da cama. Com as mãos trêmulas despiu o casaco, desprende as correias dos microfones e atirou-as para cima da sacola e do livro. Levou uma mão atrás das costas e, recusando a oferta de ajuda de Wicklow, extraiu o pequeno gravador cinzento, atirando-o também para cima da cama, de tal modo que Maisie foi obrigada a desviar as pernas, acompanhando o ato com um — Merda! — abafado. Liberto de todos os seus adereços, Barley enfiou-se no banheiro. Jogou todo o uísque do frasco de bolso no copo envolvendo com o braço o peito como se

tivesse levado um tiro. Bebeu e voltou a beber, perfeitamente indiferente à expedita manobra que entretanto se desenrolava no quarto.

Henziger, leve que nem um gato apesar do corpanzil, pegou a sacola, tirou o caderno e passou-o a Bernstorff que o meteu de imediato na mala de médico entre frascos de remédios e instrumentos vários, onde desapareceu por artes mágicas. Henziger passou-lhe depois o livro, que também desapareceu. Wicklow, por sua vez, passou-lhe o gravador e os fios dos microfones, que logo entraram na mala. Enquanto fechava a mala, Bernstorff deu as suas últimas instruções à paciente: nada de sólidos durante quarenta e oito horas, chá, uma fatia de pão de centeio, mas se puder evitar, melhor, e tome o antibiótico até o fim mesmo que se sinta melhor. Henziger não o deixou acabar.

— Doutor, se por acaso passar por Boston, e precisar de alguma coisa, seja o que for, há?, já sabe. Aqui tem o meu cartão, garanto-lhe que será bem recebido e ...

De copo na mão, Barley permanecia encostado ao lavatório, olhando furiosamente para o espelho, enquanto a mala do Bom Samaritano se encaminhava para a porta.

De todas as noites que Barley passou na Rússia e, vendo bem, de todas as noites de toda a sua vida, aquela foi sem dúvida a pior.

Henziger ouvira dizer que um restaurante funcionando em regime de cooperativa tinha acabado de abrir em Leningrado, o que significava, de acordo com o último código, que se tratava de um restaurante privado. Wicklow foi espreitar o local mas veio com más notícias — estava a abarrotar de gente. A golpes de simpáticos telefonemas e de ainda mais simpáticas gorjetas, conseguiram uma mesa extra, a um metro de distância da mais terrível e barulhenta ópera cigana que Barley alguma vez esperara ouvir.

E ali estavam eles sentados à mesa do restaurante cooperativo, celebrando a miraculosa recuperação de Mrs. Henziger. Os miados dos cantores eram amplificados por megafones eletrônicos. Não havia pausas entre os números.

E à volta deles estava sentada a Rússia que o puritano adormecido em Barley odiava desde há muito, mas nunca vira: os nem-por-isso-muito-secretos czares do capitalismo, os novos-ricos da indústria e exibicionistas do consumo, os ricos que financiavam o Partido e os exploradores do mercado negro, com as mulheres ao lado, cobertas de joias e tresandando a perfumes ocidentais e desodorizantes

russos, e com os empregados sempre ao lado, sempre babados à volta das mesas dos mais ricos. As vozes medonhas dos cantores elevaram-se, a música, à disputa, conseguiu abafá-las, mas as vozes voltaram a impor-se num chinfrim extraordinário que só a voz de Henziger conseguiu vencer.

— Scott, há uma coisa que você tem de saber —, berrou ele para Barley, debruçando-se excitadamente sobre a mesa. — Isto por aqui está a dar a volta. Cheira-me a esperança por estas bandas, cheira-me a mudança, cheira-me a comércio. E nós na Potomac estamos a participar nessa mudança. Sinto-me orgulhoso do nosso papel. — Nesse momento já o grupo de cantores tinha abafado os seus berros. — Orgulhoso —, repetiram os seus lábios, que um milhão de decibéis ciganos tinham reduzido à mudez.

Para Barley, o problema estava em que Henziger não deixava de ser um tipo simpático e Maisie era decididamente uma boa camarada, o que piorava ainda mais as coisas. A agonia arrastava-se e Barley chegava finalmente ao abençoado estado da surdez. Foi no meio da cacofonia que encontrou afinal o seu refúgio. Através das pequenas aberturas das janelas, o seu eu secreto mergulhava na noite de Leningrado. Para onde foste, Goethe?, perguntava. Quem a substituiu quando ela não está? Quem cirze as tuas meias pretas e cozinha as tuas sopas ralas, enquanto a arrastas pelos cabelos ao longo de teu mui nobre e altruístico caminho, que há de te conduzir à autodestruição?

Sem saber exatamente como, viu-se no hotel. De fato, ao acordar, estava pendurado no braço de Wicklow, no meio de um bando de bêbados finlandeses que, envergonhados, vagueavam aos tropeções pelo hall.

— Grande festa! —, comunicou a quem o ouvisse. — Um conjunto esplêndido. Obrigado por terem escolhido Leningrado.

Porém, enquanto Wicklow o rebocava para a cama, Barley que resistira à bebedeira espreitou para baixo, na direção da escada vazia. E, na escuridão que circundava a entrada, viu Katya, sentada, de pernas cruzadas, a sacola no colo. Usava um casaco preto cintado e um lenço de seda branco preso sob o queixo e os seus olhos seguiam-no com insistência e o seu sorriso era o sorriso de sempre, tenso, triste e cheio de esperança, um convite ao amor.

Porém, quando a turvação se extinguiu nos seus olhos, viu-a dizer pelo canto da boca qualquer coisa de picante para o porteiro do

hotel, e só então compreendeu que aquela mulher não passava de mais uma prostituta de Leningrado à procura de cliente.

E no dia seguinte, para grande fanfarra dos mais discretos clarins britânicos, o nosso herói regressou à pátria.

Ned não queria qualquer aparato, não queria americanos e obviamente não queria que Clive estivesse presente, mas estava decidido a marcar o acontecimento com um gesto qualquer. Por isso seguimos para Gatwick e, depois de termos deixado Brock nas Chegadas com um cartaz que dizia — Potomac —, instalamo-nos numa sala de espera que os Serviços partilhavam com o Foreign Office com algum constrangimento e discussões intermináveis sobre quem teria bebido o gin.

Esperamos alguns minutos, o avião estava atrasado. Clive telefonou de Grosvenor Square para perguntar, — Já chegou, Palfrey? —, como se em parte esperasse que Barley tivesse ficado na Rússia.

Passou mais meia hora e Clive voltou a telefonar, mas dessa feita foi Ned quem atendeu. Tinha acabado de desligar quando a porta se abriu e Wicklow entrou com um sorriso arreganhado de menino de coro, mas conseguindo ao mesmo tempo lançar sérios avisos com o olhar.

Segundos depois entrou Barley, com o mesmo ar que tinha nas fotografias do processo, exceto que estava lívido. — Os sacanas gostaram! —, exclamou, ainda antes de Brock ter podido fechar a porta. — Aquele comandante todo não-me-toques que falava à moda de Surrey! Um dia mato aquele porco!

Enquanto Barley barafustava, Wicklow explicou discretamente a causa de tanta agitação. O avião tinha sido ocupado por uma delegação de jovens homens de negócios britânicos, que Barley tinha desde logo rotulado de yuppies da pior espécie, e que, pelos vistos, o eram. Vários deles estavam já bêbedos quando entraram no avião e os outros depressa os acompanharam. Estavam há apenas alguns minutos no ar quando o comandante, na opinião de Barley o verdadeiro provocador do incidente, anunciou que o avião tinha deixado o espaço aéreo soviético. Ouviu-se um estrondo de vivas e as hospedeiras irromperam pelo avião distribuindo pressurosamente champanhe. De copo na mão, todos, yuppies, hospedeiras e restante tripulação, desataram então a cantar Rule, Britannia!

— A partir de agora só vou de Aeroflot! —, protestava Barley perante os nossos rostos impassíveis. — Vou escrever à companhia que

nos transportou. Vou ...

— Não vai nada —, interrompeu-o afavelmente Ned. — Vai é nos deixar fazer-lhe uma festa. Depois pode embarafustar.

Dito isto, cumprimentou-o e só lhe largou a mão quando Barley esboçou um sorriso.

— Onde está o Walt? —, perguntou, espreitando em volta.

— Não está, está tratando de outros assuntos —, disse Ned, mas nesse momento Barley já estava pensando noutra coisa. A sua mão tremia violentamente enquanto bebia. Chorou mesmo um pouco. Acontece com novatos sempre que regressam de uma operação, garantiu-me Ned.

Tudo o que sucedeu nos três dias seguintes foi mais tarde examinado minuciosamente como se dos destroços de um avião se tratasse. Não podíamos deixar passar nenhum erro técnico. Poucos encontramos.

Depois da explosão no aeroporto. Barley passou à fase animada, perdendo-se em sorrisos que só ele entendia durante a viagem de carro, saudando paisagens familiares no seu jeito timidamente afetuoso. Ainda no carro teve um ataque de espirros.

Mal chegamos à casa de Knightsbridge, onde Ned o obrigava a passar a noite antes de regressar ao seu apartamento, Barley depositou a bagagem à entrada, correu a abraçar Miss Coad e, declarando-lhe amor eterno, presenteou-a com um esplêndido chapéu de pele de lince, que nem Wicklow o vira comprar.

Nesse momento abandonei-os. Clive tinha-me chamado ao décimo segundo andar para aquilo que designava por — discussão crucial —, embora não pretendesse outra coisa senão tirar nabos da púcara. Então, como estava ele? Nervoso? Eufórico? Como é que ele estava, Palfrey? Johnny estava presente. Escutava, mas quase não falava. Bob, disse, tinha sido chamado a Langley para consultas. Conte-lhes o que tinha visto, sem tirar e certamente sem pôr. Ambos ficaram espantados com as lágrimas de Barley.

— Quer dizer então que ele disse que ia voltar?, sublinhou Clive. Nessa mesma noite, Ned jantou com Barley. Ainda não era o interrogatório sobre a missão. Era apenas o regresso à terra. As gravações revelam um Barley falando com desenvoltura e um tom acima do usual. Quando me juntei a eles para beber o café, estava falando de Goethe, mas com uma objetividade artificial.

Estava mais velho, tinha perdido toda a sua vitalidade. Estava uma ruína. Uma verdadeira ruína.

Parecia que tinha deixado de beber. Agora a droga era outra. — Havia de ter visto as mãos dele, Harry, não paravam de tremer em cima do mapa.

Havia de ter visto as suas, pensei eu, quando estava a beber champanhe no aeroporto.

Nessa noite referiu a Katya apenas uma vez, e também de um modo deliberadamente desprendido. Creio que estava decidido a mostrar-nos que não nutria sentimentos diferentes dos nossos, sentimentos que exigissem da sua parte um controle particular. Em Barley isso não constituía uma desonestidade. Com exceção dos que lhe tínhamos ensinado, Barley era incapaz de embustes. O que o motivava era o seu medo de até onde poderiam levar os sentimentos que ocultava, se perdesse o pano de fundo que nós éramos. Katya estava mais assustada por causa dos filhos do que por si mesma, disse, de novo com um desapego ensaiado. Como a maior parte das mães, não acham?, acrescentou. Por outro lado, os seus filhos eram a chave para o mundo que ela queria salvar. Portanto, num certo sentido, o que ela estava a fazer era uma versão absoluta do amor maternal, não está de acordo, Nedsky?

Ned concordou. Mas olhe que com os próprios filhos, será mais dura das experiências, acrescentou.

Uma moça maravilhosa, insistiu Barley, agora num tom paternalista. Um tanto ou quanto muito enérgica para o seu gosto, mas para quem gostava de mulheres com a fibra moral de Joana d'Arc 'Katya era decerto a indicada. E além disso era uma bela mulher. Sem a mínima dúvida. Traços talvez muito fortes para ser clássica, não sei se estão a perceber, mas inegavelmente atraente.

Não lhe podíamos dizer que andávamos há uma semana a admirar fotografias de Katya, de maneira que limitamo-nos a receber a informação sem mais comentários.

Às onze horas, queixando-se da diferença horária, Barley caía de sono e cansaço. Ficamos na entrada a vê-lo arrastar-se pelas escadas acima a caminho do quarto.

— Seja como for, o material é bom, não é? —, perguntou, agarrado ao corrimão, lançando-nos um olhar sorridente de malícia através dos seus óculos redondos e minúsculos. — Deve ser de primeira o caderno que ele nos deu. Já o viram, suponho.

— Os cientistas estão a queimar as pestanas com esse caderno —, replicou, Ned. Foi melhor não lhe ter dito que disputavam o caderno que nem trinta cães a um osso.

— Peritos são viciados —, comentou Barley, de novo maliciosamente sorridente.

— Uma coisa só, Nedsky. Talvez não fosse má ideia melhorar a instalação dos microfones. Tenho as costas em ferida. É melhor arranjam uma correias menos duras para o próximo tipo que mandarem. A propósito, onde é que para o tio Bob?

— Mandou abraços —, disse Ned. — Por enquanto está numa grande efervescência, mas espera estar com você em breve.

— Não está caçando com Walt?

— Mesmo, que soubesse, não diria —, respondeu Ned, e desatamos os três a rir.

Nessa noite, lembro que recebi um telefonema perfeitamente irrelevante da minha mulher, Margaret, sobre uma multa por estacionamento proibido que lhe tinham aplicado em Basingstoke — uma multa injusta, segundo ela.

— Aquele espaço era meu, tinha acabado de fazer sinal quando se meteu na minha frente um sacaninha num Jaguar novinho em folha, um Jaguar branco, com cabelo preto cheio de gel...

Inadvertidamente comecei a rir e sugeri-lhe que os Jaguares com cabelo preto cheio de gel também precisavam estacionar. O humor nunca foi o ponto forte de Margaret.

Na manhã seguinte, era um domingo, Clive voltou a chamar-me, primeiro porque queria informações sobre a noite anterior, e depois porque queria que eu falasse abertamente com Johnny acerca de questões tão esotéricas como as possibilidades legais de considerar Barley funcionário dos Serviços. Mas Clive queria saber mais. Queria saber se, no caso afirmativo, Barley tinha renunciado a certos direitos

— o seu direito a representação legal na eventualidade uma disputa conosco, por exemplo. Respondi-lhe com alguma ambiguidade, o que não deixou de o aborrecer, mas o que lhe disse resumia-se basicamente a um — sim —. Sim, ele tinha renunciado a tais direitos. Ou mais exatamente, sim, podíamos levá-lo pensando que tinha renunciado, qualquer que fosse o teor da lei.

Johnny, creio que ainda não o referi, tinha-se diplomado em Direito, em Harvard, pelo que, ao contrário do que era habitual, Langley não se vira na necessidade de enviar um batalhão de conselheiros legais.

De tarde, e visto que Barley não estava com disposição para ficar em casa e o dia permanecia ensolarado, fomos de carro até Maidenhead e passeamos depois pelas margens do Tamisa. No

regresso, pareceu-me adivinhar que Barley tinha já sido interrogado; assim sendo, e não tendo os nossos analistas mais questões e pôr-lhe, e estando todos os seus encontros operacionais cobertos pelos necessários meios técnicos, pouco mais haveria a vasculhar na sua missão.

Estaria Barley abalado com nossas preocupações? Aparentávamos disposição o mais jovial possível, mas não pude deixar de pensar que a atmosfera de estagnação que ameaçava a operação começava também a contaminá-lo. Ou talvez seus sentimentos estivessem num tremendo turbilhão de confusões e decepções em que nós não passávamos de um entre muitos fatores.

Na noite de domingo jantamos os três em Knightsbridge e Barley estava tão pacífico e calmo que Ned decidiu — como eu teria feito — que seria seguro mandá-lo de volta a Hampstead. Seu apartamento ficava num edifício vitoriano perto da East Heath Road e o posto de vigilância estático situava-se no piso de baixo, dirigido por um jovem e brilhante casal dos Serviços. Os inquilinos desse apartamento tinham sido temporariamente instalados em outro local. Por volta da onze, nosso casal contou que Barley estava sozinho no apartamento e não parava de andar de um lado para o outro. Podiam ouvi-lo, mas não o viam. Ned se opusera a câmeras. Barley não parava de falar consigo mesmo, acrescentou o casal, e quando abriu a correspondência a sua voz encheu os microfones de imprecações.

Ned não ficou inquieto com a informação. Já tinha lido a correspondência de Barley e sabia que ele não continha horrores maiores que os do costume. Por volta de uma da manhã, Barley telefonou à sua Anthea, que vivia em Grantham.

- O que é um ig?
- A casa de um esquimó sem o *lu*. Que tal estava Moscou?
- O que obtemos se cruzarmos o Atlântico com o Titanic?
- Meio Atlântico aproximadamente. Que tal estava Moscou?
- E que obtemos se cruzarmos uma ovelha com um canguru?
- Perguntei que tal estava Moscou.
- Um saltador de lã2. Que tal está o chato do teu marido?
- Dormindo ou tentando dormir. O que aconteceu ao torrãozinho de açúcar que você levou a Lisboa?
- Foi-se.
- Pensei que era permanente.

— Ela é. Eu não.

De seguida Barley telefonou a duas mulheres, a primeira uma ex-mulher em relação à qual mantinha direitos de visita, a segunda, alguém que não tínhamos ainda na nossa lista. Nenhuma delas o poderia receber assim sem mais nem menos, tanto mais que tinham os maridos ao lado na cama.

À uma e quarenta, o casal informou que as luzes do quarto de Barley, estavam apagadas. Ned foi de bom grado deitar-se, mas eu estava já no meu pequeno apartamento o dormir era a última coisa que naquele momento conseguiria fazer. Recordações de Hannah formigavam-me na cabeça, misturadas com imagens de Barley na casa de Knightsbridge. Lembrei-me da forma falsamente desprendida como ele falava de Katya e dos seus filhos e não podia deixar de compará-lo com a insistência com que eu negava o meu amor por Hannah, nos tempos em que esse amor constituía para mim um sinónimo de perigo. A Hannah anda um bocado em baixo, dizia-me uma voz inocente de cinco em cinco minutos. Deve ser o marido que anda a chateá-la, pensava eu, e sorria. Aposto que ele gosta de bater-lhe, dizia eu, exatamente com o mesmo tom superior de desprendimento que ouvira em Barley, enquanto os fogos — secretos que ardiam dentro de mim me roíam o coração com as suas labaredas cancerosas.

Na manhã seguinte Barley voltou ao seu escritório, mas tinha ficado combinado que passaria pela casa de Knightsbridge depois do trabalho, caso houvesse pontos a esclarecer. Esta combinação não era propriamente formal ou irrelevante, já que Ned acabou fechado no décimo segundo andar travando renhida batalha e era muito provável que, ao fim do dia, tivesse de ceder terreno ou, caso contrário, de aguentar uma guerra sem quartel com os mandarins.

Mas por essa altura já Barley tinha desaparecido.

Segundo os informadores comandados por Brock, Barley deixou o seu escritório da Norfolk Street alguns minutos antes do previsto, precisamente às quatro e quarenta e três, levando com você o saxofone. Wicklow, que se encontrava nesse momento nos fundos da Abercrombie & Blair passando à máquina um relatório da viagem a Moscou, não deu pela sua partida. Mas alguns dos rapazes de Brock, todos eles de jeans vestidos, seguiam Barley num passeio pelo Strand e, quando ele mudou de ideias, acompanharam-no até ao Soho, onde o viram enfiar-se num bebedouro vespertino frequentado por editores e agentes. Passou vinte

minutos no bar, emergiu dele ainda com o saxofone e com um ar perfeitamente sóbrio. Chamou um táxi e um dos rapazes estava suficientemente perto dele para poder ouvir a morada do nosso abrigo. O mesmo rapaz avisou Brock, que telefonou para Knightsbridge e pediu a Ned que esperasse, pois o convidado ia a caminho. Eu não estava em cena nesse momento, travava outras guerras.

Até então nada de especial, só que nenhum dos rapazes de Brock se lembrou de anotar a matrícula do táxi, um esquecimento que mais tarde lhes custaria caro. Era a hora de ponta. Uma viagem desde o Strand até Knightsbridge podia demorar séculos. Só às sete e trinta Ned desistiu de esperar e, inquieto mas ainda não alarmado, regressou à Casa da Rússia.

Pelas nove horas e visto que ninguém conseguia sugerir saídas para o caso, Ned declarou relutantemente um alerta interno, o qual, por definição, excluía os americanos. Como de costume, Ned mostrou-se friamente operacional. Talvez inconscientemente se tivesse defendido em relação àquela situação de crise, já que, segundo Brock, optara por seguir um esquema rotineiro, normalmente aplicado e

casos idênticos. Não informou Clive. Explicou-me mais tarde que, numa atmosfera tão envenenada como a que se vivia nesse momento, informar Clive equivaleria a enviar um telegrama circunstanciado aos homens de Langley.

Ned seguiu em primeiro lugar para Bloomsbury, onde os serviços de escutas dispunham de uma série de caves sob a Russell Square. Usou um dos carros dos Serviços e deve ter sido mais rápido que o vento. A chefe das escutas era Mary, uma bulimia de quarenta anos 'de faces rosadas e decididamente solteirona. Os únicos amores que lhe conhecíamos eram vozes longínquas. Ned mostrou-lhe uma lista dos contatos de Barley, compilada pelo saudoso Walter a partir de intercepções e relatórios de informadores. Seria possível cobri-los imediatamente? Já?

Claro que Mary não podia fazer uma coisa daquelas. — Esticar os regulamentos até onde é possível é uma coisa, Ned. Uma dúzia de escutas ilegais é outra coisa. É completamente diferente. Será que você não percebe, Ned?

Ned poderia ter argumentado que os telefones em questão estavam abrangidos pela autorização do Ministério do Interior, mas não se quis dar ao trabalho. Telefonou-me para Pimlico, no preciso momento

em que eu abria a garrafa de Borgonha com que tencionava consolar-me depois de um dia miserável. Como o meu apartamento é minúsculo, tinha a janela aberta para que saísse o cheiro a fritos. Lembro-me de que fechei a janela enquanto falávamos.

As autorizações para escutas, teoricamente são assinadas pelo secretário do Interior ou, na sua ausência, pelo ministro. Só que há um truque para escapar a este esquema. De fato, o secretário do Interior delega automaticamente a sua autoridade no Conselheiro Legal em casos de emergência, devendo o mesmo Conselheiro apresentar no prazo de vinte e quatro horas um relatório escrito acerca do uso que fez dessa autoridade. Por isso, num átimo, escrevi minha autorização, assinei-a, desliguei o gás — as couves de Bruxelas ainda estavam no fogo —, entrei num táxi e vinte minutos depois estava a entregar o documento a Mary. Menos de uma hora depois já os doze contatos de Barley estavam sob escuta.

Em que pensava eu enquanto procedia a todas estas operações? Terei pensado que Barley se suicidara? Não, isso não pensei. Barley estava preocupado, mas com os vivos. A última coisa que faria seria abandoná-los ao seu destino.

No entanto, considerei a possibilidade de se ter escapado, e suponho que a pior das minhas fantasias foi aquela em que Barley desatava a aplaudir quando o piloto da Aeroflot anunciava que o avião com destino a Moscou tinha entrado em espaço aéreo soviético.

Entretanto, por ordem de Ned, Brock tinha convencido a polícia a divulgar um aviso urgente, em que era procurado um motorista de táxi londrino que tinha transportado um homem alto com um saxofone desde a esquina da Old Compton Street, por volta das cinco e trinta, destino inicial Knightsbridge, provavelmente alterado durante a viagem. Sim, um saxofone tenor — um saxofone barítono tinha o dobro do tamanho. Pelas dez, estava encontrado o motorista. O táxi tinha seguido rumo a Knightsbridge, mas por alturas da Trafalgar Square, Barley mudara de fato de ideias e pedira ao motorista que o levasse à Harley Street. A viagem custara três libras. Barley dera-lhe cinco e dissera-lhe que guardasse o troco.

Por um repentino milagre de associação de ideias, e também por obra e graça do trabalho do saudoso Walter, Ned ligou o instrumento jazzístico ao elo que faltava — Andrew George Macready, aliás Andy, antigo trompetista de jazz e referido como contato de Barley, tinha sido

admitido no Hospital das Irmãs da Caridade, Harley Street, há três semanas, ,ide rascunho de carta a lápis de Mrs. Macready para Hampstead, número de série 47A, e o comentário lapidar de Walter nas anotações: Macready é o guru de Barley no que respeita à condição mortal do ser humano.

Lembro-me ainda que me agarrei com as duas mãos à alça do passageiro mal Ned arrancou. No hospital, disseram-nos que Macready estava sob sedação. Barley estava. com ele há uma hora e tinham conseguido trocar algumas palavras. A enfermeira-chefe da noite, que tinha acabado de entrar para o seu turno, levava a Barley uma xícara de chá sem leite nem açúcar. Barley deitara no chá um pouco de uísque do frasquinho de bolso. Oferecera um gole à enfermeira, mas esta recusara. Tinha-lhe pedido que o deixasse — tocar para o Andy alguns dos seus números favoritos —. A enfermeira deixou-o tocar mas apenas durante dez minutos e muito, muito baixinho. Algumas das freiras tinham-se juntado no corredor para ouvir, e uma delas reconheceu mesmo o tema: era o Blue and Sentimental de Count Basie. Finalmente Barley deixou o seu número de telefone e um cheque de cem libras — para o crupiê — num pratinho de bronze que havia na entrada. A enfermeira-chefe disse-lhe que podia voltar sempre que quisesse.

— Os senhores não são da polícia, pois não? —, perguntou-me ela com um ar triste quando íamos a caminho da porta.

— Graças a Deus que não. Porque havíamos de ser? — A enfermeira-chefe abanou a cabeça e não respondeu, mas pareceu-me entender o que ela tinha visto nele. Um homem em fuga, um homem que se escondia das suas próprias ações.

No regresso à Casa da Rússia, tão vertiginoso como a ida ao hospital, Ned telefonou do carro para Brock e ordenou-lhe que fizesse uma lista de todos os clubes, salas de concerto e bares da área de Londres onde houvesse espetáculos de jazz nessa noite. Brock teria de distribuir o maior número possível de informadores por esses locais.

Por precaução meti a colherada legal. Nem Brock nem nenhum dos seus vigilantes poderia, fosse em que circunstância fosse, cortar os movimentos de Barley ou entrar em confronto físico com ele. Barley podia ter renunciado a muitos direitos, mas não tinha certamente renunciado ao direito de se defender e além disso era um homem possante.

Estávamos nos preparando para uma longa espera quando Mary, a chefe das escutas, nos telefonou, desta feita toda doçura. — Ned, acho que seria melhor passar aqui. Não demore muito. Algumas das suas galinhas já puseram ovo.

A toda a velocidade seguimos para Russell Square, com Ned fazendo curvas apertadas a cem por hora.

Mary recebeu-nos na sua toca, com o sorriso babado que ela reservava para momentos desastrosos. Uma assistente, a quem chamavam Pepsi, estava também presente, vestida com um macacão verde. Na secretária rodava a fita de um gravador.

— Mas quem é que se atreve a me telefonar a esta hora? —, perguntou uma voz estridente que identifiquei imediatamente como da magnífica Pandora, tia de Barley, a Vaca Sagrada com quem tivera um almoço de negócios. Uma pequena pausa enquanto caíam moedas na máquina. E a seguir a voz cortês de Barley.

— Creio sinceramente que já tive a minha dose, Pan. Vou mesmo deixar a firma.

— Não diga asneiras —, respondeu a tia Pandora. — Ou me engano muito ou tem outra tonta na jogada.

— Estou falando a sério, Pan. Desta vez é mesmo verdade, tinha de lhe dizer.

— Mas você fala sempre sério! É por isso que se sai tão mal quando pretende mostrar-se frívolo.

— Amanhã de manhã vou falar com o Guy. — Guy Solomons, soficitador da família, contato de Barley. — Wicklow, o novo editor, tem todas as qualidades para tomar conta do barco. É um rapaz decidido e aprende depressa.

— Localizou a cabine? —, perguntou Ned a Mary quando Barley desligou.

— Não deu tempo —, disse orgulhosamente Mary. Do gravador veio entretanto o som de mais um telefone tocando. Era Barley outra vez.

— Reggie? Vou tocar esta noite. Não quer vir?

Mary passou um cartão em que tinha escrito Cônego Reginald Cowan, baterista e sacerdote.

— Não posso —, respondeu Reggie. — Tenho crisma.

— Descarte —, disse Barley.

— Não posso. Os caras já estão aqui.

— Precisamos de você, Reggie. O nosso velho Andy está morrendo.

— Estamos todos. Estamos todos morrendo aos poucos.

Com a gravação terminando, ouviu-se outro telefonema, desta vez ao vivo e da Casa da Rússia. Era Brock que queria falar urgentemente com Ned. Segundo os seus vigilantes, Barley tinha passado pelo bar do Soho uma hora antes, bebeu cinco uísques e seguira para o Noah's Arch em King's Cross.

— Noah's Arch? Deve ser Ark*.

— Arch. É um arco sob a linha do trem. O Noah é um antilhano com mais de um metro e oitenta. Barley está tocando.

**Noahs Arch, o Arco de Noé, em vez de Noahs Ark, a Arca de Noé. (N. do T.)*

— Sozinho?

— Por enquanto.

— Que tipo de lugar é esse Noah's Arch?

— Comidas e bebidas, sobretudo bebidas. Sessenta mesas, palco, paredes de tijolo, putas, o costume.

Brock achava que todas as moças bonitas eram putas.

— Está muito cheio? —, perguntou Ned.

— Dois terços, mas ameaça encher mais.

— O que ele está tocando?

— *Lover Man*. Ramirez, Davis e Sherman.

— Quantas saídas?

— Uma.

— Ponha três homens numa mesa junto à porta. Se ele sair, detenha-o, mas não toque nele. Telefone para Recursos e diga-lhes que quero que o Ben Lugg vá imediatamente com o seu táxi para o Noah's Arch e que espere lá com o sinal de ocupado. Ele sabe o que fazer. — Lugg era o taxista dos Serviços. — Há telefones públicos no bar?

— Dois.

— Ocupem os dois até eu chegar. Ele não o viu?

— Não.

— Não deixe que ele o veja. O que há do outro lado da rua?

— Uma lavanderia.

— Está aberta?

— Não.

— Espere por mim junto à lavanderia —. Virou-se para Mary, que continuava a sorrir. — Há dois telefones no Noah's Arch, King's Cross —, disse ele, muito lentamente. — Ponha-os sob escuta já. Se a gerência tiver um telefone, também. Já. Não me interessa que haja poucos engenheiros, o que me interessa é que os telefones fiquem controlados e já. Se houver cabines na rua, ponha-as também sob escuta. Agora.

Abandonamos o carro dos Serviços e chamamos um táxi. Brock estava à espera na porta da lavanderia, como ordenado. Ben Lugg estacionou no meio-fio. Pagamos cinco libras e noventa e cinco pence para entrarmos. Sem olhar para a mesa dos vigilantes, Ned abriu caminho até as mesas da frente.

Ninguém dançava. A primeira linha da banda fazia uma pausa. Barley estava no centro do palco na frente de uma cadeira dourada, tocando saxofone com o suave pano de fundo do contrabaixo e da bateria. Acima dele um arco de tijolos servia de câmara de som. Ainda estava com o terno de editor e parecia ter esquecido de tirar o paletó. Luzes coloridas rotativas volteavam acima dele, incidindo por vezes sobre seu rosto suado. Tinha uma expressão sossegada e ausente. Prolongava as notas e eu sabia que essas notas eram um réquiem por Andy e sabe-se lá por quem mais, por uma quantidade de rostos que povoavam sua cabeça cercada de confusão. Duas moças se sentaram à mesa reservada à banda e o olhavam fixamente. Uma rodada de cerveja esperava por ele. Ao lado, braços cruzados contra o peito, o imenso Noah escutava de cabeça baixa. A peça terminou. Com gestos deliberadamente ternos, como se estivesse tratando da ferida de um amigo, Barley limpou o saxofone e guardou-o no estojo. Noah não permitia aplausos, mas o público não deixou de manifestar o seu agrado estalando os dedos. Houve ainda alguns gritos de bis, mas Barley não ligou. Bebeu umas cervejas, despediu-se com um aceno e delicadamente abriu caminho até à porta. Nós o seguimos imediatamente e, ao chegarmos à rua, passava Ben Lugg com o sinal de livre no táxi.

— Para o bar Mo's —, ordenou Barley enfiando-se no banco de trás e abrindo outro frasco de uísque que tinha no bolso.

— Olá, Harry. Como vai o amor à distância?

— Ótimo, eu recomendo, obrigado.

— Em que raio de lugar fica o Mo's? —, perguntou Ned enquanto se instalava ao lado dele e eu me sentava no banco da frente.

— Tufnell Park. Descendo Falmouth Arms.

— A música é boa? —, perguntou Ned.

— A melhor. — Mas não foi a falsa jovialidade de Barley que me alarmou. Foi seu ar longínquo. Foram os seus olhos mortos, o fato de se ter limitado a sua cortesia inglesa.

Mo era uma loura de cinquenta anos. Deu muitos beijos em Barley e só depois se lembrou de nós, deixando-nos sentar à sua mesa. Barley tocou blues e Mo queria que ele ficasse mais tempo, que passasse talvez a noite com ela, mas Barley não conseguia ficar muito tempo em lugar nenhum, pelo que dali fomos para uma pizzeria em Islington que também tinha música ao vivo. Barley tocou mais um solo e Ben Lugg entrou conosco para beber um chá e apreciar o espetáculo. Ben tinha sido pugilista em seu tempo e ainda dava cartas na arte. Deixamos Islington, passamos o rio e fomos ao Elephant ouvir um grupo negro tocar soul numa garagem de ônibus. Eram quatro e quinze, mas Barley não mostrava sinal de sono; preferiu juntar-se aos músicos e partilhar com eles chocolate com um cheirinho de álcool em canecas de louça de meio-litro. Quando por fim o acompanhamos ao táxi de Ben, as duas moças de Noah's Arch irromperam vindas não se sabe de onde e se sentaram ao lado dele no banco de trás.

— Então, meninas, o que é isso? —, perguntou Ben, enquanto Ned e eu esperávamos na calçada. — Saíam do táxi.

— Fiquem onde estão, por favor —, advertiu-as Barley.

— Este táxi não é seu, minhas queridas, é daquele senhor —, disse Ben, apontando para Ned. — Vá, tenham juízo e andem.

Barley ensaiou um murro na direção da cabeça de Ben, que estava adornada com um chapéu de feltro, mas Ben aparou o golpe como se estivesse afastando uma teia de aranha e, com o mesmo movimento, puxou cuidadosamente Barley para fora do carro e entregou-o a Ned, que o recebeu com um abraço igualmente cuidadoso.

Ainda de chapéu, Ben desapareceu no banco de trás do táxi e saiu com as duas moças pela mão.

— Que tal se apanhássemos ar fresco? —, sugeriu Ned, enquanto Ben dava dez libras a cada moça para que os deixassem em paz.

— Boa ideia —, disse Barley. Atravessamos o rio em lenta procissão, com os vigilantes de Brock na retaguarda e o táxi de Ben Lugg avançando lentamente atrás de nós. O dia raiava escuro e fuliginoso sobre os cais.

— Lamento o sucedido —, disse Barley ao fim de um tempo. — Não há problema, não é, Nedsky?

— Que eu saiba, não —, respondeu Ned.

— Fique alerta —, avisou Barley. — O País Precisa de Gente Alerta. Não é, Nedsky? Acontece que queria tocar um pouco mais —, explicou, virando-se para mim. — Você é um homem musical, Harry? Um amigo meu costumava tocar ao telefone para a namorada. Mas tocava piano e não saxofone. De qualquer modo ele dizia que dava certo. Não quer experimentar com a sua patroa?

— Amanhã partimos para a América —, informou Ned. Barley reagiu à notícia como se nela não houvesse nada de inesperado. — Vai ser ótimo para você, Ned. Nesta altura faz um tempo muito agradável na América. Diria mesmo que é nesta altura que a América se apresenta mais radiante.

— Para você também vai ser bom —, respondeu Ned. — Achamos que era melhor levá-lo conosco.

— Mas diga uma coisa, Ned, que roupa devo levar? —, perguntou Barley. — Esporte, férias? Ou será melhor meter na mala um smoking para o caso de ser necessário?

Voamos para a ilha no fim do dia, num pequeno avião que pertencia a uma grande empresa americana. Ninguém nos disse a quem pertencia a ilha. Era um bocado de terra estreito e cheio de árvores, com uma cova ao centro e as extremidades elevadas, encimadas por picos cônicos. Vista do ar, fazia lembrar uma tenda de beduíno no meio do Atlântico. Calculei que teria pouco mais de três quilômetros de comprimento. Vimos uma mansão típica da Nova Inglaterra com os seus terrenos numa das extremidades e um cais minúsculo numa outra. Vim a saber mais tarde que à mansão chamavam casa de Verão, porque no Inverno ninguém lá estava. Tinha sido construída na viragem do século por um abastado bostoniano, nos tempos em que tal gente se intitulava rústica. Sentimos as asas do avião a abanar e um cheiro a sal que entrava pelas janelas da cabine, as quais tinham chocalhado durante toda a viagem. Vimos réstias de sol adejando sobre as ondas como holofotes num toque de recolher, e alcatrazes guerreando ao vento.

Vimos um farol ao longe, a oeste, no continente. Pelo meu relógio, há cinquenta e oito minutos que seguíamos a costa do Maine. As árvores apareceram então a rodear-nos, o céu evaporou-se e, de repente, demos conosco aos saltos e às voltas enquanto o avião aterrava numa avenida de relva, no fim da qual nos esperava um jipe com Randy e os seus homens. Randy tinha um aspecto tão saudável como só os americanos privilegiados podem ter. Vinha de anorak e gravata. Parecia-me conhecê-lo há muito.

— Bem-vindos à ilha, meus senhores. Vou ser seu anfitrião enquanto desejarem ficar —. Cumprimentou Barley em primeiro lugar. Deviam ter mandado fotografias. — Mr. Brown, uma honra conhecê-lo. Ned? Harry?

— É muito simpático de sua parte —, respondeu Barley.

Enquanto descíamos a colina, os pinheiros perfilavam-se num pano de fundo negro contra o mar. Os homens de Randy seguiam-nos em outro carro.

— Então vieram pela British? Não há dúvida, Mrs. Thatcher deu nova vida a essa companhia aérea. — disse Randy.

— Não admira —, respondeu Barley. — Há muito que ela afundou o navio.

Randy riu como se tivesse aprendido o riso no curso. Brown era o nome de guerra de Barley enquanto durasse a viagem. Até o seu passaporte, que Ned levava, dizia que ele era Brown.

Finalmente entramos por um caminho elevado e acidentado que conduzia à portaria. Os portões abriram-se e logo se fecharam atrás de nós. Estávamos num promontório, no nosso promontório. No ponto mais alto ficava a mansão, iluminada por lâmpadas de arco voltaico escondidas no mato. Extensas zonas de relva e arbustos queimados pelo vento rodeavam a casa. Os pilares de um quebra-mar destruído enfrentavam precariamente as ondas. Randy estacionou o jipe e, pegando a bagagem de Barley, conduziu-nos ao longo de um caminho iluminado e orlado de hortênsias, até chegarmos a uma casa de marinheiro. Na viagem até Boston, Barley dormiu, bebeu e resmungou contra o filme. De Boston até a ilha, protestou contra a paisagem da Nova Inglaterra como se sua beleza o perturbasse. Mas logo que aterrissamos pareceu reentrar em seu próprio mundo.

— Mr. Brown, as ordens que tenho são para acomodá-lo na suíte nupcial —, disse Randy.

— São certamente os melhores aposentos, meu velho rapaz —, respondeu polidamente Barley.

— Há um contrassenso nessa expressão, Mr. Brown. Não faz sentido dizer “velho rapaz”.

Randy conduziu-nos por um hall de entrada com chão de tijolos até uma cabine de capitão. O estilo era rural. A um canto, uma réplica de cama de ferro antiga, junto à janela uma escrivaninha feita com madeira de segunda e nas paredes duvidosos apetrechos marítimos. No recanto onde fora instalada uma cozinha tipicamente americana, Barley identificou de imediato o frigorífico, abriu-o e examinou seu conteúdo, animado da maior expectativa.

— Mr. Brown gosta de uma garrafa de scotch todas as noites em seu quarto, Randy. Ficaria muito grato se lhe trouxesse umas quantas do seu paiol.

A casa de verão era um museu de infâncias douradas. Na varanda, vários tacos de croquet cor de mel jaziam encostados a um carrinho de jardinagem coberto de pó e cheio de gaiolas de lagosteiros trazidas da praia. Havia no ar cheiros de cera e couro. No hall de entrada, as paredes estavam repletas de retratos de jovens de ambos os sexos, todos com chapéus de aba larga, lado a lado com pinturas primitivas representando baleeiros. Subimos com Randy uma vasta escadaria primorosamente encerada. Barley arrastava-se atrás de nós. Em cada patamar, janelas arqueadas debruadas com vitrais abriam-se para o mar como que enfeitadas por joias. Avançamos por um corredor de quartos azuis. O maior fora reservado para Clive. Das nossas varandas via-se a casa de marinho para lá dos jardins e o continente, para lá do mar. O crepúsculo volvia já noite.

Numa sala de jantar com as vigas do teto brancas, uma vestal de Langley esforçava-se por não olhar para nós enquanto servia lagosta do Maine e vinho branco.

Enquanto comíamos, Randy explicou as normas da casa. — Em primeiro lugar, meus senhores, nada de confraternizações com a equipe, apenas bom-dia e olá. Se precisarem de lhes dizer qualquer coisa, informem-me, eu falo com eles. Em segundo lugar, os guardas são para vossa conveniência e segurança, mas gostaríamos que permanecessem nos limites da propriedade. Obrigado.

Terminados o jantar e os discursos, Randy levou Ned à sala de comunicações e eu acompanhei Barley até à casa que lhe tinha sido

destinada. Um vento forte varria o jardim. Sob os cones de luz que iluminavam o jardim, Barley parecia sorrir abertamente. Guardas com walkie-talkies observavam-nos.

— Que tal uma partidinha de xadrez? —, perguntei-lhe ao chegarmos à porta.

Naquele momento gostaria de ter entendido melhor a sua expressão, mas já não ia a tempo, como já não ia a tempo de adivinhar a sua disposição. Senti uma palmadinha no braço enquanto ele me desejava boa-noite. A porta abriu e fechou-se num segundo, o tempo de eu ver na escuridão a figura espectral de uma sentinela a menos de dois metros de nós.

— Um brilhante advogado, um ótimo funcionário —, assim me anunciou Russel Sheriton na manhã seguinte, num murmúrio reverente, sabendo perfeitamente que eu não era nem uma coisa nem outra, enquanto as suas palmas fortes e cheias envolviam literalmente a minha mão. — Um dos grandes, dos verdadeiros grandes, Harry, como tem passado?

Pouco mudara o seu aspecto desde a última viagem de trabalho que o levara a Londres: os anéis sob os olhos estavam agora um pouco mais inchados, um pouco mais tristes, o terno azul um ou dois tamanhos acima, a mesma barriga sob a camisa branca. O mesmo after-shave de agente funerário, seis anos depois, ungia o mais recente chefe das operações soviéticas da Agência.

Um grupo dos seus rapazes mantinha-se respeitosamente a alguma distância dele, carregando as malas com um ar de passageiros encahados num aeroporto. Clive e Bob tinham-se instalado ao seu lado como se fossem cúmplices. Bob parecia ter envelhecido dez anos. Um sorriso contrito tinha substituído a antiga segurança à americana. Saudou-nos de forma muito efusiva, como se o tivessem avisado de que devia afastar-se de nós.

A Conferência da Ilha, como eufemisticamente se tornou conhecida, estava prestes a começar.

Ao descrever os acontecimentos dos dias seguintes, corro o risco de esquecer a amenidade que aparentemente caracterizou as relações entre toda aquela gente, a atmosfera de reunião de homens honestos e esforçados tratando dos seus negócios.

É esse lado — simpático — do encontro na ilha que mais me repugna descrever. No entanto foi o próprio Barley que me levou a dar-

lhe algum relevo, já que nunca o vi ir contra os nossos anfitriões — de fato, nunca os censurou por nada do que lhe aconteceu, nesses dias na ilha ou mais tarde. É certo que Barley contestava os americanos em geral. Porém, bastavam-lhe os contatos individuais com cidadãos americanos para os considerar a todos criaturas perfeitamente decentes. Não havia entre os americanos presentes na ilha um único com quem não desejasse partilhar uns copos numa noite qualquer, num qualquer local — local de que obviamente não dispúnhamos naquelas circunstâncias. E, como seria de esperar, Barley entendeu sempre a justeza das críticas que lhe foram feitas, tal como sempre se sentiu extremamente impressionado com o caráter diligente e zeloso dos americanos.

E que diligentes e zelosos eles eram! Se os números, o dinheiro e o mero empenho bastassem para produzir inteligência, a Agência teria aos montes — só que, para mal dos seus pecados, a cabeça humana não se resume, longe disso, a tal terceto, além do que não produz apenas inteligência, mas também o seu contrário.

E com que ansiedade desejavam o amor dos outros! — e Barley percebia perfeitamente esse desejo e tratava de o satisfazer. Mesmo quando o massacravam com palavras, era amor que pediam. E também o amor de Barley! Tal como sempre precisaram e continuam a precisar de ser amados por todos os complots que tramaram, por toda a desestabilização que provocaram, por todas as aventuras em que se lançaram contra o terrível Inimigo Externo.

No entanto, foi precisamente este mistério de corações bondosos que não deixavam de ter o seu reverso que explicou o terror que também se viveu — subterraneamente, como tudo o mais — naquela semana na ilha.

Há alguns anos, falei com um homem que tinha sido chicoteado, um mercenário inglês que nos fazia alguns favores em África e que

queríamos recompensar. Do que ele melhor se lembrava, não era das chicotadas, mas sim do sumo de laranja que lhe deram depois da tortura. Lembrava-se de que o tinham ajudado a regressar à sua cabana, de que o tinham deitado de costas sobre a palha. Mas aquilo de que realmente se lembrava bem era do copo de sumo de laranja acabado de espremer que um guarda lhe pôs a um palmo da cara, o mesmo guarda que depois se agachou ao seu lado, esperando

pacientemente até que ele tivesse forças bastantes para beber um pouco. E no entanto fora esse mesmo guarda que o tinha açoitado.

Também tivemos os nossos sucos de laranja. E tivemos também guardas decentes, ainda que disfarçados com walkie-talkies e uma animosidade superficial que depressa se derreteu ao calor das efusões de Barley. Um dia depois da nossa chegada, já esses guardas com quem estávamos proibidos de confraternizar andavam agitados a caminho da casa de Barley, subtraindo coca-cola e uísque de seu frigorífico e regressando depois apressadamente a seus postos. Os guardas tinham pressentido que Barley era o tipo de homem com quem podiam dar-se ao luxo de uma tal proximidade. E, como bons americanos que eram, tinha ficado fascinados com a sua celebridade.

Havia um velho guarda chamado Edgar, um antigo marine, que se revelou um ótimo xadrezista, capaz de ombrear com Barley. Vim a saber mais tarde que Barley, contrariando todas as regras, ficara com o seu nome e morada, para que pudessem disputar um torneio pelo correio — quando aquilo acabasse.

Mas estes fenômenos não se passaram apenas com os guardas. No coro de jovens de Sheriton, e no próprio Sheriton, havia uma moderação que marcava como que um ritmo regular de sanidade, em oposição aos altos e baixos histéricos daqueles a quem o próprio Sheriton atribuía o epíteto de egomaníacos.

Mas tudo o que acabo de expor é, segundo creio, a tragédia das grandes nações. Tanto talento ansiando por se manifestar, tanta generosidade à espera de um destinatário. E no entanto tudo isso era tão miseravelmente expresso que por vezes nem parecia que era a América, a grande, a enorme América, que estava falando conosco.

Mas era mesmo a América. O chicote era verdade.

Os interrogatórios decorreram na sala de bilhar. O assoalho tinha sido pintado de vermelho escuro porque a sala era agora para bailes e em vez da mesa de bilhar havia um anel de cadeiras. Mas na parede havia ainda um marcador de marfim e uma série de estojos com tacos de bilhar marcados com iniciais, e a luz era a mesma que noutros tempos incidia sobre a mesa de bilhar. Era no centro dessa luz que Barley tinha de sentar-se. Ned fora buscá-lo à casa onde estava instalado.

— Mr. Brown, é com orgulho que o cumprimento. Acabo de decidir que, enquanto durar o nosso relacionamento, o meu nome será

Haggerty —, declarou Sheriton. — Mal olhei para você, senti-me irlandês, não me pergunte por quê. — Sheriton conduzia Barley pela sala num passo decidido. — Em primeiro lugar, quero felicitá-lo. Você tem todas as virtudes: memória, observação, a determinação britânica, o saxofone.

Tudo isto disse-o Sheriton de um só fôlego, exibindo uma fluência perfeitamente hipnótica, enquanto Barley arreganhava um sorriso tímido e deixava que o instalassem no lugar de honra.

Nesse momento já Ned estava sentado, com um ar rígido, os braços cruzados contra o peito, e Clive, apesar de pertencer ao círculo, tinha conseguido ficar fora da fotografia. Sentara-se entre os jovens de Sheriton e puxara a sua cadeira para trás, de maneira ficando escondido.

Sheriton ficou de pé em frente a Barley. Dirigia-se apenas a ele, mesmo quando as suas palavras visavam outras pessoas presentes. — Clive, permite-me que bombardeie Mr. Brown com algumas questões impertinentes? Ned, importa-se de dizer a Mr. Brown que está nos Estados Unidos da América e que se não responder a alguma coisa, o seu silêncio será considerado como uma prova evidente da sua culpa?

— Mr. Brown é capaz de tratar de si mesmo —, respondeu Barley, mas ainda com um sorriso estranho, como se não conseguisse acreditar naquela tensão.

— É capaz, Mr. Brown? Ótimo! Fazemos votos para que saiba cuidar-se nos próximos dias.

Sheriton foi até ao aparador, serviu-se de café e regressou com a xícara. A sua voz tinha agora o tom mais calmo do senso comum. — Mr. Brown, estamos a comprar um Picasso, certo? Todo mundo que aqui está pretende comprar o mesmo Picasso. Azul, sangrento, um grande trabalho, enfim, um Picasso. Há talvez umas três pessoas em todo o mundo que o entendem. Porém, depois do quadro bem estudado, há uma questão que se levanta. Foi mesmo Picasso que o pintou, ou terá sido um qualquer J. P. Pateta Jr. de South Bend, Indiana, ou de Omsk, Rússia, que fez muito simplesmente um pastiche de Picasso no seu armazém de batatas? Porque, Mr. Brown, não se esqueça de uma coisa. — Sheriton batia com uma mão no peito enquanto segurava na xícara com a outra. — Nada de enganos. Isto aqui não é Londres. É Washington. E, para Washington, a inteligência tem de ser uma coisa útil, e isso quer dizer que tem de ser usada, e não contemplada com

socrático desprendimento. — Baixou a voz num tom de reverente comiseração. — E você, Mr. Brown, você é o indivíduo que nos está a vender o Picasso. Quer queira quer não, o senhor é aquele que nos aproxima da fonte, até ao dia em que consigamos convencer o homem a que chama Goethe a mudar de processos e falando conosco diretamente. Se é que alguma vez vamos conseguir. É duvidoso. Muito, muito duvidoso.

Sheriton virou-lhe as costas e foi até à ponta do anel. — Você é a cavilha essencial em todo este mecanismo, Mr. Brown. Você é o homem. É isso que você é. Mas até que ponto? Que quantidade? Um pouco apenas? Metade? Ou tudo? É o argumentista, o ator, o produtor e o realizador do filme? Ou o seu papel é apenas uma ponta, como diz que é? Será você apenas o espectador inocente que proclama ser, mas que não convence nenhum de nós?

Sheriton suspirou, como se tanta dureza fosse demais para um homem da sua sensibilidade. — Mr. Brown, diga-me uma coisa, você tem por acaso uma namorada regular ou anda aos caídos?

Ned já estava meio-levantado, mas Barley antecipou-se e respondeu. No entanto, a sua voz não mostrava qualquer irritação ou hostilidade. Era como se não quisesse perturbar a atmosfera simpática de que todos desfrutávamos.

— E você, meu caro, como é que tem passado? Mrs. Haggarty ainda está para isso ou obriga-o a recorrer a práticas da nossa juventude?

Sheriton pareceu não o ouvir sequer. — Mr. Brown, é o seu Picasso e não o meu que queremos comprar. Washington não gosta que os seus peões andem ao engate em bares para solteiros. Temos de jogar este jogo de uma maneira muito franca, muito honesta. Nada de reticências inglesas, nada de conversas à moda antiga. Já nos aconteceu cairmos nessa esparrela e nunca mais, nunca mais voltaremos a cair.

Esta observação pareceu-me dirigida a Bob, uma vez mais de cabeça baixa, fitando as mãos.

— Mr. Brown não anda ao engate em bares para solteiros —, interrompeu Ned furioso. — E o material não é dele. É de Goethe. Não me parece que a sua vida privada seja para aqui chamada.

Guarde para você os seus pensamentos, dissera-me Clive. Era essa a mensagem que os seus olhos transmitiam a Ned naquele

momento.

— Ora, Ned, francamente! —, protestou Sheriton. — Da forma como está Washington atualmente, até para se entrar no raio de um ônibus é preciso uma pessoa casar e nascer de novo. O que o leva a visitar a Rússia tão frequentemente, Mr. Brown? Anda a comprar propriedades por lá?

Barley continuava a sorrir, mas já sem muito agrado. Sheriton estava a minar-lhe as defesas, e era precisamente isso que Sheriton queria.

— Para lhe dizer a verdade, meu velho, esse é um papel que me coube de herança. O meu pai sempre preferiu a União Soviética aos Estados Unidos, e teve de enfrentar muitos problemas por publicar livros soviéticos. O meu pai era um Fabiano* [*da Sociedade Fabian, movimento socialista criado em fins do século 19. (N do T.)*]. Uma espécie de New Dealer*. [**Adepto do New Deal, o programa econômico de Roosevelt na década de 30. (N. do T.)*] Se fosse americano, iria para a lista negra.

— Se fosse americano, seu pai teria sido denunciado, emboscado, frito e imortalizado. Li o processo dele. É horrível. Conte mais acerca dele, Mr. Brown. Que mais herdou dele?

— Mas que raio interessa isso? —, perguntou Ned. E tinha razão. A questão da excentricidade do pai de Barley fora há muito tempo considerada irrelevante pelo décimo segundo andar. Mas tal não acontecia com a Agência, pelo menos aparentemente. Ou já não acontecia.

— E nos anos trinta, como sem dúvida também sabe —, continuou Barley no seu tom perfeitamente sereno, — o meu pai lançou um Clube do Livro Russo. Não durou muito tempo mas teve algum êxito. E durante a guerra, sempre que arranjava papel, publicava propaganda pró-soviética, a maior parte da qual glorificando Stalin.

— E depois da guerra o que é que ele fez? Foi ajudá-los a construir o muro de Berlim aos fins de semana?

— Ao princípio ainda teve esperanças, depois perdeu-as —, replicou Barley após breve reflexão. A sua parte contemplativa começava a dominá-lo. — Podia ter perdoado aos russos muitas coisas, mas nunca o Terror, nunca os campos e as deportações. Despedaçaram-lhe o coração.

— Se os soviéticos tivessem usado métodos menos musculados, o coração do seu pai teria sido igualmente despedaçado?

— Não me parece. Creio que teria morrido feliz. — Sheriton limpou as palmas das mãos a um lenço e, como um Oliver Twist muito pesado, segurou com ambas as mãos a sua xícara de café até chegar ao aparador, onde, depois de ter aberto o termo e de ter espreitado pesarosamente para o seu conteúdo, encheu de novo a xícara.

— Bolotas —, queixou-se. — Juntam a bolota, moem-na e sai café. É assim que se faz café por estas bandas. — Havia uma cadeira vazia ao lado de Bob. Sheriton sentou-se com um suspiro. — Mr., Brown, permite-me que seja eu a contar a história? Já não há nas nossas vidas tempo e espaço para julgarmos cada humilde membro da família humana pelas suas qualidades, certo? De maneira que todo mundo que é alguém tem a sua vida discriminada num processo. Vou resumir-lhe o seu. O seu pai foi um simpatizante comunista, posteriormente desiludido. Nos oito anos que passaram após a sua morte, você fez nada mais nada menos do que seis visitas à União Soviética. Vendeu-lhes exatamente quatro livros execráveis do seu catálogo e comprou-lhes exatamente três. Dois romances modernos horrorosos que não venderam nada, uma porcaria sobre acupuntura que vendeu dezoito cópias na edição comercial. Embora esteja a um passo da bancarrota, calculamos que tenha gasto com essas viagens doze mil libras e que tenha tido uma receita de mil e novecentas libras. É divorciado, não assume compromissos, estudou em internato particular. Bebe como se estivesse regando o deserto sozinho e escolhe amigos do jazz que fazem Benedict Arnold parecer uma Shirley Temple. Visto de Washington, você é um extravagante. Visto daqui, não há dúvida de que é uma criatura simpática, mas diga-me, como explicar isso à próxima subcomissão do Congresso cujos membros, uns caras doidos pela verdade e nada mais que a verdade, meteram na cabeça que condenarão à força o material de Goethe porque põe em perigo a Fortaleza América?

— Por que acham isso? —, perguntou Barley.

Creio que todos ficamos surpreendidos com a sua calma. Sheriton ficou sem dúvida espantado. Até então tinha olhado de alto para Barley, pondo um ar ligeiramente desdenhoso enquanto lhe explicava o seu dilema. Agora, porém, olhava-o de frente, muito direito, num jeito alarmado e trocista.

— Desculpe, Mr. Brown? — _ — Porque é que o material de Goethe lhes mete medo? Se os russos não conseguem acertar no alvo, a Fortaleza América devia estar a dar pulos de contente.

— Mas, estamos, Mr. Brown, estamos a dar pulos de contentes. Estamos perfeitamente extasiados. Pouco importa que todo o poder militar americano assente na crença de que os armamentos soviéticos são de uma precisão extraordinária. Pouco importa que a nossa percepção da capacidade de precisão soviética seja tudo neste jogo. Pouco importa que, com armamentos de grande precisão, seja possível atacar furtivamente o inimigo enquanto ele está calmamente a jogar uma partidinha de golfe, que seja possível destruir os seus ICBM num abrir e fechar de olhos e deixá-lo absolutamente incapaz de dar uma resposta à altura. Ao passo que, sem essa precisão, o melhor é nem tentar, porque o inimigo dá meia-volta e num instante reduz a cinzas as vinte cidades favoritas do agressor. Pouco importa que zilhões de dólares dos contribuintes e toneladas de esterco de retórica política tenham sido esbanjados no tão acalentado pesadelo de um primeiro ataque soviético e da barreira de vulnerabilidade americana. Pouco importa que ainda hoje a ideia da supremacia soviética continue a ser o principal argumento a favor da Guerra das Estrelas e o principal tema das piadas sobre estratégia que se ouvem nos coquetéis de Washington.

Para minha surpresa, Sheriton. mudou repentinamente de sotaque: era agora um perfeito camponês do mais profundo Sul. — É tempo de a gente rebentar com esses sacanas antes que eles nos façam o mesmo, Mr. Brown. É que o nosso velho planeta é muito pequeno para albergar duas superpotências, Mr. Brown. Qual das duas vai você apoiar, Mr. Brown, quando a coisa der para o torto?

Nesse momento fez uma pausa, enquanto o seu rosto bochechudo retomava a contemplação das muitas injustiças da vida.

— E eu acredito em Goethe —, prosseguiu de súbito. — É público e notório que eu acreditei inteiramente em Goethe desde o dia em que ele decidiu dar um ar da sua graça. Nem uma dúvida me passou pela cabeça. Em minha opinião, Goethe é uma fonte que brotou no momento certo. E sabe você o que isto me leva pensando? Leva-me a

pensar que tenho também de acreditar neste Mr. Brown que está aqui à minha frente e que Mr. Brown tem de ser muito franco comigo, pois caso contrário sou um homem morto. — Num jeito reverente, levou

uma mão ao peito esquerdo. — Eu acredito em Mr. Brown, acredito em Goethe, acredito no material. Portanto estou à rasca.

Há pessoas que mudam de ideias, pensava eu nesse instante. Outras mudam de amores. A Russell Sheriton dá-lhe para anunciar que viu a luz ao fundo do túnel. Ned fitava-o com um ar rigorosamente descrente. Clive preferia admirar os estojos dos tacos de bilhar. Mas Sheriton continuava a olhar amuado para o café, refletindo acerca da sua pouca sorte. Dos seus jovens, um examinava a ponta do seu sapato Harvard, com o queixo assente no punho fechado. Outro olhava o mar através da janela como se a verdade estivesse ao largo.

Mas ninguém olhava para Barley, parecia que ninguém tinha a coragem de olhar para ele. Estava calmo, quieto, com um ar mais jovem. Nós o tínhamos prevenido, mas não o suficiente. E sobretudo não dissemos que o material da Ave Azul já agitara as diversas facções da indústria militar e provocado berros de ultraje por parte dos lobbies menos comedidos de Washington.

Foi então que o velho Palfrey falou pela primeira vez. Enquanto falava, tive a sensação de estar a fazer uma qualquer cena do teatro do absurdo. Era como se o mundo real se estivesse esvaindo sob os nossos pés.

— O que Haggarty lhe está a perguntar é o seguinte —, disse eu. — Submete-se voluntariamente a um interrogatório feito pelos americanos para que eles possam ter uma ideia exata da fonte de uma vez por todas? Pode recusar-se. A escolha é sua. Não é assim, Clive?

Clive não gostou que eu lhe fizesse tal pergunta, mas lá acabou por dar o seu assentimento antes de desaparecer uma vez mais de cena.

Os rostos à volta do anel tinham-se virado para Barley como flores sedentas de sol.

— Qual é sua resposta? —, perguntei-lhe. Por um momento Barley manteve-se em silêncio. Espreguiçou-se, passou as costas do pulso na boca, parecia vagamente embaraçado. Encolheu os ombros. Olhou para Ned mas não encontrou os seus olhos, por isso virou-se para mim, com um ar absolutamente desorientado. Em que pensava, se é que pensava nalguma coisa? Pensaria que dizer — não — equivaleria a dizer adeus a Goethe para sempre? A Goethe ou a Katya? A sua percepção teria chegado assim tão longe? Não consegui até hoje

perceber o que se passaria na sua cabeça. Limitava-se a um sorriso estranho, aparentemente confuso.

— E que é que você acha, Harry? Vamos até ao fim? Que diz o meu porta-voz?

— O que está em causa é sobretudo o que o cliente diz —, respondi-lhe brilhantemente, retribuindo-lhe o sorriso.

— Sem experimentarmos é que não sabemos, não é? — Parece que sim —, retorqui. A sua aceitação resumiu-se àquela pergunta. Não o ouvimos dizer aceito ou concordo ou está bem, mas apenas "Sem experimentar é que não sabemos, não é?"

— Yale é que tem essas sociedades secretas, não sei se entende —, explicou-me Bob. — Quer dizer, está mesmo enxada delas. Se você ouvir falar dos Skull and Bones e dos Scroll and Key, então só ouviu falar da ponta do iceberg. E estas sociedades servem para dar relevo à ideia de equipe. Quando a Harvard, é completamente diferente. Harvard põe o acento no brilhantismo individual. É por isso que a Agência, quando procura recrutas nessas águas, manda os de Yale para trabalhos de equipe e os de Harvard para as operações individuais. Claro que não vou ao ponto de dizer que qualquer homem de Harvard é uma prima-dona ou que qualquer homem de Yale segue cegamente a causa. Mas de uma maneira geral é essa a tradição. Você é um homem de Yale, Mr. Quinn?

— De West Point —, respondeu Quinn. Era o fim do dia e a primeira delegação tinha acabado de entrar. Sentamo-nos na mesma sala, a sala do assoalho vermelho com a luz do bilhar, à espera de Barley. Quinn sentou-se na cabeceira, Todd e Larry foram sentar-se depois a seu lado. Todd e Larry eram os homens de Quinn. Eram dois homens perfeitos, de físico bem proporcionado, e, para um homem da minha idade, absurdamente jovens.

— O Quinn vem de cima —, dissera-nos Sheriton. — Fala com a Defesa, com as grandes empresas, fala com Deus.

— Mas quem o contrata? —, perguntara Ned. Sheriton pareceu sinceramente espantado com a pergunta. Sorriu-lhe como que perdoando um solecismo num estrangeiro.

— Ora, ora, Ned. Parece que o contratamos todos —, respondeu. Quinn tinha um metro e oitenta e cinco de altura, ombros largos e orelhas enormes. Usava o terno como se fosse uma armadura. Não ostentava medalhas nem distintivos de posto. O seu posto lia-se no

rosto, no rictus inflexível, nos olhos vazios e sombrios, e no sorriso de enraivecida inferioridade que se apossava dele sempre que estava na presença de civis.

Ned entrou em primeiro lugar, só depois veio Barley. Ninguém se levantou. Do seu lugar deliberadamente humilde no meio dos americanos, Sheriton fez mansamente as apresentações. Quinn gosta deles brutos e estúpidos, avisara Sheriton. Digam ao vosso homem que não se arme em inteligente. Sheriton estava a seguir o seu próprio conselho.

Era de esperar que fosse Larry a abrir o interrogatório já que era ele o mais extrovertido. Todd tinha um ar virginal, longínquo. Larry, em contrapartida, usava um enorme anel de casamento e uma gravata berrante e ria pelos dois.

— Mr. Brown, vamos ver toda esta história do ponto de vista dos seus detratores —, explicou com estudada insinceridade. — Para. nós, há dois tipos de espionagem: a verificada e a não verificada. Gostaríamos de verificar a sua espionagem. É esse o nosso trabalho, é para isso que nos pagam. Por favor não pense que existe qualquer suspeita da nossa parte. Mr. Brown. A análise é uma ciência que nada tem a ver com suspeitas. Temos de respeitar as leis.

— Temos de imaginar que estamos perante uma amálgama organizada —, interrompeu beligerantemente Todd do outro lado. — Fumo.

Uma pausa divertida, até que Larry, ainda rindo, explicou a Barley que Todd não tinha oferecido um cigarro: fumo era o jargão que usavam para fraude.

— Diga-me uma coisa, Mr. Brown, de quem partiu a ideia de irem a Peredelkino naquele dia de outono, há dois anos? —, perguntou Larry.

— De mim, provavelmente. — Tem a certeza? — Estávamos bêbedos quando decidimos ir a Peredelkino, mas tenho a certeza absoluta de que a proposta foi minha.

— O senhor bebe muito, não bebe, Mr. Brown? —, disse Larry. As mãos enormes de Quinn agarravam num lápis como se o quisessem estrangular.

— Razoavelmente.

— E a bebida ajuda esquecer coisas?

— Por vezes. Outras vezes não. No fim de contas, até dispomos de longas descrições dos seus diálogos com Goethe e estavam ambos

completamente embriagados. Já tinha estado em Peredelkino antes desse dia?

— Já.

— Quantas vezes?

— Duas ou três vezes. Talvez quatro.

— Visitou a amigos dessas vezes?

— Sim, visitei amigos —, respondeu Barley, consertando automaticamente o americanismo.

— Amigos soviéticos? — Claro. — Larry fez uma pausa tão longa que — amigos soviéticos — quase soou a confissão.

— Importa-se de identificar esses amigos? — Barley identificou os amigos. Um escritor. Uma poetisa. Um burocrata da literatura. Larry tomou nota dos nomes, movendo lentamente o lápis para impressionar. Sorrindo enquanto escrevia, enquanto os olhos sombrios de Quinn continuavam a fitar fixamente Barley do outro lado da mesa.

— Portanto, no dia do seu passeio a Peredelkino —, recomeçou Larry, — nesse Dia Um, como podemos chamar, não lhe ocorreu tocar às campainhas de alguns dos seus velhos conhecidos, ver se estavam ou não estavam, cumprimentá-los? —, perguntou Larry.

Barley parecia não saber se isso lhe tinha ou não ocorrido. Encolheu os ombros, cedeu ao tique de passar com as costas da mão pela boca, enfim, gestos que normalmente indicariam uma testemunha insincera.

— Não queria sobrecarregá-los com o Jumbo, creio. Éramos demais. Realmente não me ocorreu.

— Certo —, disse Larry. Três explicações, lamentei. Três, onde uma teria bastado. Olhei para Ned e verifiquei que estava pensando o mesmo que eu. Sheriton estava ocupado em não pensar nada. Bob estava ocupado com o seu papel de assistente de Sheriton. Todd murmurava qualquer coisa ao ouvido de Quinn.

— Então também foi sua a ideia de visitar o túmulo de Pasternak, Mr. Brown? —, inquiriu Larry, como se fosse uma ideia capaz de orgulhar qualquer um.

— Campa —, corrigiu-o Barley irritado. — Sim, foi minha. Não creio que os outros soubessem onde estava sepultado Pasternak.

— E a ideia de visitar a dacha de Pasternak também foi sua, creio. — Larry consultou as suas notas. — 'Se os sacanas ainda não a

deitaram abaixo'. — Deu à palavras sacanas um acento especialmente ofensivo.

— É verdade, também fui eu que me lembrei da dacha. — Mas não visitaram a dacha, pois não? Nem sequer viram se a dacha ainda existia. A dacha de Pasternak desapareceu por completo do programa.

— Estava chovendo —, disse Barley. — Mas tinham carro. E motorista, Mr. Brown. Ainda que um tanto malcheiroso.

Larry sorriu de novo e abriu a boca o suficiente para que a ponta da língua acariciasse o lábio superior. Depois fechou a boca e permitiu-se uma nova pausa para pensamentos decerto perturbantes.

— Portanto, Mr. Brown, foi você organizou a festa, foi você que definiu os objetivos da jornada —, prosseguiu Larry num tom comicamente triste. — Conduziu a viagem, conduziu o grupo até ao túmulo. Campa, desculpe. Foi com você, e não com qualquer outro, que Mr. Nejdánov falou quando desciam a colina. Perguntou-lhe se era americano. Você respondeu “Não, graças a Deus sou britânico” —.

Ninguém riu. Nem Larry sorriu sequer. Quinn tinha um ar de quem estava dissimulando um ferimento abdominal.

— Foi também você, Mr. Brown, que, por mero acaso, foi capaz de citar o poeta e de falar por todos os outros durante uma discussão sobre os seus méritos e que, quase por mágica, se isolou dos seus companheiros e se viu sentado durante o almoço ao lado do homem a quem chamamos Goethe. “Apresentamos Goethe, o nosso distinto escritor.” Mr. Brown, temos um relatório de campo proveniente de Londres, envolvendo a funcionária da Penguin Books, Magda. Sabemos que foi obtido discretamente, em circunstâncias sociais não suspeitas, por um terceiro não americano. Magda ficou com a impressão de que você quis ficar com Nejdánov só para você. Pode nos explicar isso?

Barley desaparecera uma vez mais. Não da sala mas da minha compreensão. Deixara as suspeitas para quem as quisesse imaginar e entrara nos seus próprios domínios da realidade. Foi Ned, e não Barley, que, incapaz de se conter perante a revelação daquela velhacaria da Agência, produziu a desejada explosão.

— Ora vejamos, Larry, ela não ia dizer ao seu informador que estava desejosa de passar a tarde com o namorado na cama, pois não?

De novo essa resposta bastaria se Barley não tivesse acrescentado a sua. — Talvez eu os tivesse mesmo despachado —, concedeu Barley numa voz longínqua, mas perfeitamente amistosa. —

Ao fim de uma semana de feira do livro, qualquer criatura normal fica farta de editores para toda a vida.

No sorriso de Larry havia uma inclinação de dúvida. — Muito bem, muito bem —, disse, e abanou a sua bonita cabeça antes de passar a testemunha a Todd.

Ainda não, visto que foi Quinn quem usou da palavra. Não falava para Barley, nem para Sheriton, nem tão pouco para Clive. De fato não falava para ninguém. Falava. A boquinha até então subjugada pelo silêncio contorcia-se agora como enguia presa ao anzol.

— Este homem foi à batedeira? — Temos problemas de protocolo, sir, explicou Larry, olhando de relance para mim.

Ao princípio, e muito honestamente, não compreendi. Larry tinha de explicar.

— É aquilo a que costumávamos chamar detector de mentiras. Um polígrafo. Batedeira no nosso jargão. Creio que vocês não usam essas máquinas.

— Usamos em certos casos —, emendou Clive afavelmente atrás de mim, antes de eu ter tempo de responder. — Em casos em que é absolutamente necessário. Estão a tornar-se moda.

Só então é que o perturbado e introspectivo Todd deu início à sua intervenção. Todd não era um homem prolixo; à primeira vista, aliás, não era coisa nenhuma. Mas eu já tinha conhecido uns quantos advogados como ele: homens que fazem uma cruzada da sua falta de

charme e que aprendem a usar a inabilidade verbal como um autêntico cacete.

— Descreva a sua relação com Niki Landau, Mr. Brown. — Não tenho relação nenhuma com ele —, respondeu Barley. — Fomos declarados dois estranhos até ao dia do Juízo Final. Tive de assinar um papel dizendo que nunca falaria com ele. Pergunte ao Harry.

— Antes desse papel —. — Partilhávamos uns jarros. — Partilhavam o quê? — Bebíamos uns copos juntos. Ele é um tipo simpático. — Mas não é da sua classe social, pois não? Não estive em Cambridge e Harrow, quer-me parecer.

— E que diferença é que isso faz? — Reprova a estrutura social britânica, Mr. Brown? — Sempre me pareceu, meu velho, que a estrutura social britânica era um dos desastres mais gritantes do mundo moderno.

— Ele é um tipo simpático. Isso significa que gosta dele? — Sim, o Niki é um camaradinho particularmente irritante, mas mesmo assim gosto dele. Ainda gosto.

— Nunca fez negócios com ele? Qualquer negócio? — Ele trabalhava para outras casas, eu era patrão de mim mesmo. Que negócios poderíamos fazer?

— Nunca lhe comprou nada? — Porque haveria de comprar? — Gostaria de saber, por favor, de que falavam você e Niki Landau nas ocasiões em que se encontravam sozinhos, frequentemente em capitais comunistas.

— Ele vangloriava-se das suas conquistas. Gostava de boa música. Clássica.

— E nunca lhe falou da irmã dele? Da irmã que ainda vive na Polônia?

— Não —. — E nas vossas conversas, ele nunca manifestou o seu ressentimento em relação à forma alegadamente errada como as autoridades britânicas trataram o pai dele?

— Não.

— Quando foi a sua última conversa íntima com Niki Landau, por favor?

Barley permitiu-se finalmente exprimir uma certa irritação. — Quem o ouvir há de pensar que eu e Niki somos um casal —, queixou-se.

O rosto de Quinn permaneceu impassível. Provavelmente tinha concluído o mesmo antes de Barley.

— A questão foi quando, Mr. Brown —, disse Todd, num tom que sugeria que já não dispunha de muita paciência.

— Frankfurt, creio. O ano passado. Com umas moças no Hessischer Hof.

— Isso foi na feira do livro de Frankfurt?

— Meu velho, a gente não vai a Frankfurt para se divertir.

— Desde então não falou com Landau?

— Que me lembre, não.

— Não terá falado com ele por acaso na feira do livro de Londres na Primavera passada?

Barley pareceu mergulhar em profunda reflexão. — Ah, claro! Stella! Tem razão!

— Como?

— O Niki tinha conhecido uma moça que trabalhava para mim, a Stella. Decidiu que gostava dela. Na realidade ele gostava de todas. Gostava de mostrar que era um garanhão. E queria que eu os apresentasse.

— E você apresentou-os?

— Tentei. — Quer dizer, você engatou para ele. É como se fosse o chulo de Stella, não é verdade?

— Precisamente, meu velho. — E em que é que isso deu? — Eu a convidei para um copo no Roebuck às seis horas. O Roebuck é um bar que fica a dois passos do escritório. O Niki apareceu, ela não.

— De maneira que você ficou sozinho com o Landau, não é? Frente a frente?

— Exato. Frente a frente. — De que falaram? — Da Stella, creio. Do tempo. De tudo e de nada, suponho. — Mr. Brown, tem ou teve algum relacionamento com antigos cidadãos soviéticos que se encontrem no Reino Unido?

— Encontro-me com o adido cultural de vez em quando. Quando ele se dá ao luxo de responder, o que não sucede muitas vezes. E se algum escritor soviético nos visita e a Embaixada dá uma festa, normalmente apareço.

— Sabemos que gosta de jogar xadrez num certo café da zona de Camden Town, Londres.

— E então? — Esse café não é frequentado por exilados russos, Mr. Brown? — Barley levantou a voz mas manteve-se calmo. — Ora, conheço o Leo, que é um tipo que gosta sempre de partir de uma posição fraca. No xadrez, claro. E o Josef, que é o contrário do Leo, pois ataca tudo o que mexa. Não vou para a cama com eles e não negocio segredos com eles.

— Você tem uma memória muito seletiva, não tem, Mr. Brown? Tendo em conta as descrições extremamente pormenorizadas de outros episódios e pessoas, parece que tem.

Barley não reagiu logo, o que tornou a sua resposta ainda mais devastadora. Por um momento pareceu mesmo que nem ia responder; a tolerância de que estava agora tão profundamente animado parecia dizer-lhe que era melhor não se dar ao incomodo de uma reação. Mas tal não aconteceu.

— Meu velho, eu lembro-me do que é importante para mim. Se não tenho uma cabeça tão porca como a sua, o problema é seu.

Todd corou. E continuou corado por muito tempo. O sorriso de Larry abriu, ia quase de uma orelha à outra. Quinn tinha posto uma carranca de sentinela. Clive não tinha ouvido nada.

Mas Ned gozava que nem um preto e mesmo Russel Sheriton, mergulhado num sono de crocodilo, parecia estar a lembrar-se naquele momento de algo vagamente belo, no meio de tantos desapontamentos.

Nessa mesma noite, enquanto passeava pela praia, dei com Barley e dois dos seus guardas, longe dos olhos da mansão, jogando seixos para ver quem conseguia dar mais saltos sobre as águas...

— Ganhei! Ganhei! —, ouvi-o gritar, endireitando-se e lançando os braços para as nuvens.

— Os mulás acham que há heresia no ar —, declarou Sheriton, oferecendo-nos o último ponto da situação. Barley não estava presente: alegara uma dor de cabeça e pedira que lhe levassem um omeleta. — A maior parte destes tipos apostaram e muito na necessidade de uma margem de segurança. Isso implica um aumento das despesas militares e o desenvolvimento de um qualquer novo sistema, por muito louco que ele seja, de maneira a que a indústria de armamentos possa viver em paz e prosperidade nos próximos cinquenta anos. Se eles não dormem com os fabricantes de armas, pelo menos comem à mesma mesa, disso não tenho dúvida. A Ave Azul veio contar-lhes uma história muito triste.

— E se essa história for verdade? —, perguntei. Sheriton, com um ar pesaroso, serviu-se de mais uma porção de torta de nozes. — A verdade? Que os soviéticos não estão à altura? Que eles estão fartos de cortar nos custos e que os bufões em Moscou não sabem metade das más notícias porque os cientistas bufões os enganam para ganharem os seus relógios de ouro e terem caviar de graça? Acha que é essa a verdade? — Meteu na boca um pedaço enorme de torta que não lhe alterou minimamente a forma do rosto. — Acha que não têm sido feitas comparações desagradáveis? — Serviu-se do café e prosseguiu. — Sabe qual é a pior coisa para os nossos Neandertais democraticamente eleitos? A pior de todas? São as implicações que tudo isto tem contra nós. Moribundo do lado soviético significa moribundo do nosso lado. Os mulás odeiam isso. E os fabricantes também. — Abanou a cabeça num jeito reprovativo. — Claro que não gostam de ouvir dizer que os soviéticos não sabem fazer combustível sólido a partir de merda, que os motores dos seus mísseis não funcionam: que os erros de aviso rápido dos soviéticos são piores do que os nossos, ou que a sua artilharia

pesada nem consegue sair do canil, ou que os cálculos da nossa espionagem são ridiculamente exagerados. Tudo isso são para os nossos mulás vibrações muito negativas.>; Por um momento, pareceu refletir acerca da inconstância dos mulás. — Como é que podemos vencer a corrida aos armamentos, se o único sacana que a disputa somos nós mesmos? A Ave Azul significa uma ameaça permanente. Imensos privilegiados extremamente bem pagos correm o sério risco de ficar sem o seu ganha-pão e tudo por causa da Ave Azul. Você quer a verdade, pois a verdade é esta.

— Então por que arriscar? —, objetei. — Se a coisa não é popular, por que insistir nela?

E de repente fiquei sem saber onde me meter. Não, é muito frequente o velho Palfrey conseguir parar uma conversa e levar todas as cabeças a virarem-se para ele espantadas. E não era essa a minha intenção nesse momento. No entanto, Ned e Bob e Clive fitavam-me como se eu tivesse perdido a razão, e os jovens de Sheriton — eram dois, se bem me lembro — puseram os garfos no prato e começaram a limpar os dedos aos guardanapos, sem se darem conta de que estavam a fazer exatamente os mesmos gestos.

Apenas Sheriton parecia não ter ouvido. Tinha decidido que, no fim de contas, uma pequena dose de queijo não lhe faria mal. Puxara o carrinho para você e examinava atentamente os produtos em exposição. Mas nenhum de nós acreditou que era no queijo que estava pensando. Para mim, era evidente que estava a ganhar tempo enquanto pensava se me havia de responder e como.

— Harry —, começou com todo o cuidado, dirigindo-se não a mim mas a uma dose de Danish Blue. — Harry, juro-lhe por Deus que tem à sua frente um homem que ama a paz e a fraternidade. Com isto quero dizer que a minha grande ambição é malhar nos falcões do Pentágono tanto e tão pouco que eles nunca mais possam dizer ao Presidente dos Estados-Unidos que vinte coelhos fazem um tigre ou que qualquer pescador de sardinha a três milhas do seu porto é um submarino nuclear soviético disfarçado. Também não quero mais saber dessa conversa idiota sobre buracos no chão para sobrevivermos à guerra nuclear. Eu sou um adepto da glasnost, Harry. Fiz algumas descobertas acerca de mim mesmo. Nasci adepto da glasnost, os meus pais são glasnósticos há muito tempo. Para mim, o glasnosticismo é uma forma de vida. Eu quero que os meus filhos vivam. Cite-me e que lhe faça bom proveito.

— Não sabia que tinha filhos —, disse Ned. — Em sentido figurado —, respondeu Sheriton. Mas não havia dúvida, lá no fundo, Sheriton estava mesmo contando uma versão verdadeira do seu novo eu. Ned apercebeu-se disso, eu também. E se Clive não se apercebeu, era apenas porque abreviava deliberadamente o seu poder de percepção. Era uma verdade que não residia tanto nas suas palavras, que por vezes escondiam mais do que expressavam os seus sentimentos, mas sobretudo numa nova e irreprimível humildade que não existia no homem desapiedado que conhecêramos em Londres. Aos cinquenta anos, após um quarto de século de defesa da Guerra Fria, Russel Sheriton, para usar a expressão de Walter, fazia o balanço de meia vida e punha-a em causa. Nunca me tinha passado pela cabeça que poderia gostar daquele homem, mas a verdade é que nessa noite comecei a gostar dele.

— O Brady é muito bom —, avisou Sheriton com um bocejo ao retirar-se para o seu quarto. — Até a relva a crescer ele é capaz de ouvir.

E Brady era de fato muito bom, era de fato brilhante a todos os níveis.

Isso notava-se imediatamente no seu rosto inteligente, na imobilidade tranquila de um corpo habituado à cortesia. O antigo casaco desportivo que trazia vestido era mais velho do que ele. Quando o vi entrar na sala, percebi que lhe dava muito prazer não ser uma criatura espetacular. O seu jovem assistente usava também um casaco desportivo e, tal como o mestre, exibia um desalinho verdadeiramente chique.

— Parece que você fez um bom trabalho, Barley —, disse afavelmente Brady numa cadência sulista, colocando a sua pasta sobre a mesa. — A propósito, já alguém lhe agradeceu? Mas deixe-me apresentar primeiro. Chamo-me Brady e já sou muito velho para inventar nomes. Este é Skelton, meu assistente. Obrigado, Barley.

Estávamos de novo na sala de bilhar, mas sem a mesa e as cadeiras de costas muito direitas de Quinn. Em vez disso, pudemos sentar-nos comodamente em fofas almofadas. Havia no ar ameaças de tempestade. As vestais de Randy tinham baixado as cortinas e acendido as luzes. O vento começou a soprar mais forte e a mansão desatou a tilintar como garrafas tremendo numa prateleira. Brady abriu a sua pasta, uma joia dos tempos em que as pastas eram pastas. Como

professor universitário que ocasionalmente era, usava uma gravata azul às pintinhas.

— Barley, terei lido em algum lugar, ou terei sonhado, que você há tempos tocou saxofone na banda do grande Ray Noble?

— Era um rapaz imberbe nesses tempos, Brady. — O Ray não foi mesmo o homem mais simpático e terno que você alguma vez conheceu? E a melhor música de todos os tempos não foi a dele?, perguntou Brady como só os sulistas sabem.

— O Ray era um príncipe —, respondeu Barley, cantarolando depois alguns compassos de Cherokee.

— Pena ter aquelas ideias políticas —, disse Brady, sorrindo. — Tentamos todos tirar-lhes aqueles disparates da cabeça, mas o Ray seguia sempre em frente. Alguma vez jogou xadrez com ele?

— Sim, na realidade joguei. — Quem ganhou? — Ganhei eu, creio. Não tenho a certeza. Sim, fui eu. — Brady sorriu. — Eu também lhe ganhei. — Skelton sorriu também. Falaram depois de Londres e da parte de Hampstead onde Barley vivia. — Barley, eu adoro essa zona. Hampstead corresponde perfeitamente à minha ideia de civilização. — Depois, falaram dos grupos em que Barley tinha tocado. — Meu Deus, não me diga que esse tipo ainda mexe! Se eu tivesse a idade dele, nem me atrevia a comprar bananas verdes! — Falaram por fim de política britânica e Brady tinha grande curiosidade em saber o que Barley achava de tão ruim em Mrs. T.

Barley parecia ter de refletir sobre o assunto e de início não foi capaz de sugerir fosse o que fosse. Talvez tivesse reparado nos olhos de Ned, que o avisavam claramente.

— Ora, Barley, não é culpa dela que a oposição não preste, ou é?

— Essa mulher é uma maldita vermelha —, rosnou Barley, para grande, e naturalmente secreto, alarme do lado britânico.

Brady não riu, apenas ergueu as sobrancelhas e aguardou, como todos nós.

— É uma ditadura aprovada por eleições —, prosseguiu Barley, reunindo calmamente forças. — Mil pernas é bom, duas pernas não presta. Deus abençoe a grande empresa e que se lixe o indivíduo.

Barley parecia estar com vontade de dissertar sobre esta tese, mas de repente mudou de ideias e, para nosso alívio, refreou-se.

No entanto aquele era um começo perfeitamente agradável e, ao fim de dez minutos, Barley devia sentir-se completamente à vontade. Até

que, no seu jeito lânguido, Brady decidiu abordar — esta coisa em que você se meteu, Barley — e propôs-lhe que contasse com as suas próprias palavras tudo o que se passara, — mas concentrando-se especialmente naquele histórico face a face que vocês os dois tiveram em Leningrado.

Barley fez o que Brady lhe pediu, e embora me pareça que o ouvi tão atentamente como Brady, a verdade é que não encontrei na narrativa nada de contraditório ou de particularmente revelador em relação ao que tinha sido gravado.

E, à primeira vista, Brady pareceu também não ter ouvido nada de surpreendente, já que quando Barley acabou, lhe respondeu com um sorriso tranquilizador e um — muito bem, Barley, obrigado —, numa voz de aparente aprovação. Os seus dedos magros puseram-se então a vasculhar nos papéis da pasta. — A pior coisa que há no trabalho de espião sempre me pareceu que era a espera, o fazer tempo, as voltas que se tem de dar para fazer tempo. Deve ser um bocado como o que acontece com os pilotos de aviões na guerra —, disse, selecionando uma folha e examinando-a. — Num momento estamos muito sossegados em casa a comer a galinha do jantar e no momento seguinte temos de enfrentar todos os medos do mundo a oitocentas milhas à hora. E logo a seguir voltamos para casa, a tempo de lavar a louça. — Parecia ter encontrado o que procurava. — Foi assim que você se sentiu, Barley, perdido e abandonado na enorme Moscou?

— Em parte. — Às voltas à espera de Katya? Às voltas à espera de Goethe? Parece quem você se fartou de dar voltas depois da sua miniconferência com Goethe.

Empoleirando os óculos na ponta do nariz, Brady estudou o papel antes de o passar a Skelton. Sabia que a pausa era propositada, mas mesmo assim assustei-me, e creio que Ned também se assustou, já que deu uma olhadela para as bandas de Sheriton e depois lançou um olhar ansioso para Barley. — De acordo com os nossos relatórios obtidos in loco, você e Goethe separaram-se por volta das catorze horas e trinta e três minutos, hora de Leningrado. Já viu a fotografia? Skelton, mostre-lhe a fotografia, se faz favor.

Todos nós a tínhamos visto. Todos, exceto Barley. Mostrava os dois homens no jardim de Smolny logo após a despedida. Goethe estava de costas. As mãos de Barley surgiam ainda suspensas depois do abraço de despedida. No canto superior podia ler-se a hora

eletronicamente determinada: catorze horas, trinta e três minutos e vinte segundos.

— Lembra-se das últimas palavras que lhe disse?, perguntou Brady, com ar de quem evocava doces recordações.

— Disse-lhe que o publicava. — Lembra-se das últimas palavras que ele lhe disse? — Goethe queria saber se deveria procurar um outro ser humano decente.

— Que raio de despedida —, comentou Brady tranquilamente, enquanto Barley continuava a olhar para a fotografia, e Brady e Skelton para ele. — Que fez depois disso, Barley?

— Regressei ao Europa. Para entregar o material. — Por que ruas seguiu? Lembra-se? — Segui pelo mesmo caminho. Apanhei o elétrico para a cidade, depois andei um bocado.

— Esperou muito tempo pelo elétrico? —, perguntou Brady, enquanto o seu acento sulista, pelo menos aos meus ouvidos, se transformava em algo que se aparentava mais com uma imitação do que com um desvio linguístico regional.

— Que me lembre, não. — Quanto tempo? — Cinco minutos. Talvez mais. — Parecia ser a primeira vez que Barley alegava deficiências de memória.

— Estava muita gente à espera do elétrico? — Nem por isso. Algumas. Não as contei. — Há elétricos de dez em dez minutos. A viagem até à cidade demora outros dez. A caminhada até ao Europa, no seu passo, demora outros dez. O nosso pessoal fez e cronometrou todas essas viagens. Dez é o número. Porém, de acordo com Mr. e Mrs. Henziger, você só apareceu no hotel às quinze e cinquenta e cinco. Pelo meio fica um grande buraco, Barley, um buraco no tempo. É capaz de me dizer como vamos preencher esse buraco? Espero que não tenha ido para nenhuma farra. A mercadoria que transportava era muito valiosa. Era de esperar que quisesse ver-se livre dela o mais depressa possível.

Barley estava ficando desconfiado e Brady deve ter percebido isso, porque o seu hospitaleiro sorriso sulista oferecia-lhe agora um novo tipo de encorajamento, um tipo de encorajamento que dizia — desembuche.

Quanto a Ned, estava perfeitamente paralisado, com os dois pés colados ao chão, e os olhos fixos no rosto conturbado de Barley.

Apenas Clive e Sheriton pareciam ter jurado que não exibiriam qualquer emoção.

— O que é que andou a fazer esse tempo todo, Barley? —, disse Brady.

— Vagueei —, respondeu Barley, mentindo muito mal. — Com o caderno de Goethe na sacola? O caderno que ele lhe tinha confiado com a sua vida? Vagueou? Mas que raio de tarde que você escolheu para vaguear, Barley. Onde é que foi.

— Voltei para trás, dei um passeio junto ao rio, onde nós tínhamos estado. Paddy tinha-me dito que não me apressasse, que fizesse horas. Que não fosse a correr para o hotel, que andasse a um ritmo de turista.

— É verdade —, murmurou Ned. — Foram essas as minhas instruções. comunicadas pelos nossos homens em Moscou.

— E demorou cinquenta minutos? —, teimou Brady, ignorando a intervenção de Ned.

— Não sei quanto tempo demorei. Não olhei para o relógio. Disseram-me para eu não me apressar e eu não me apressei.

— E não lhe passou pela cabeça que, com um gravador e uma bateria nas calças, e um caderno cheio de material secreto provavelmente de um valor inestimável metido na sacola de plástico, a distância mais curta entre os dois pontos só podia ser uma reta?

Barley estava ficando perigosamente irritado mas só ele corria perigo. Se nesse momento tivesse olhado para Ned, e creio que para mim também, teria percebido isso mesmo.

— Brady, você não está me ouvindo, está? —, respondeu rudemente. — Já lhe disse. Paddy me aconselhou a não ter pressa. Foi para isso que me treinaram em Londres, quando dei aquelas voltinhas estúpidas pelo quarteirão. Vá devagar, faça hora. Se levar alguma coisa com você, não se apresse, nunca se apresse. Pelo contrário, faça um esforço para ir devagar.

Uma vez mais o corajoso Ned fez o que lhe era possível. — Foi isso que lhe ensinaram, de fato —, comentou.

Mas enquanto falava era para Barley que continuava a olhar. Brady olhava também para Barley. — De maneira que você andou a vaguear desde a paragem do elétrico, na direção da sede do Partido Comunista no Instituto Smolny — isto para não falar do Komsomol e de uma série de outros santuários do Partido — e com o caderno de

Goethe na sacola? Porque é que fez uma coisa dessas, Barley? Há pessoal operacional que faz as coisas mais estranhas, eu sei muito bem que é assim, mas o que você fez surpreende-me, parece-me perfeitamente suicida.

— Mas eu estava obedecendo ordens, Brady! Que raio! Estava a fazer tempo! Quantas vezes tenho de lho dizer?

Esta súbita explosão fez-me concluir que Barley se debatia mais com um dilema do que com uma mentira. Havia demasiada honestidade no seu apelo, demasiada solidão nos seus olhos acossados. E Brady, honra lhe seja feita, pareceu entender isso mesmo, já que não exhibia qualquer sinal de triunfo face ao desânimo de Barley, preferindo ajudá-lo a espicaçá-lo.

— Barley, pense um pouco. Repare que um buraco destes levanta imensas suspeitas na cabeça de muita gente —, disse Brady. — Começam. logo a vê-lo no gabinete ou no carro de alguém, e depois imaginam que esse alguém fotografou o caderno de Goethe e lhe deu ordens. Fez alguma coisa dessas? Parece que este é o momento adequado para você responder, caso tenha feito uma coisa dessas realmente. É o melhor momento que se pode arranjar, não haverá outro tão bom.

— Não.

— Não, como? Não vai responder? — Não foi isso que aconteceu. — Então sempre aconteceu qualquer coisa. Lembra-se do que é que lhe passou pela cabeça enquanto vagueava?

— Goethe. Pensava na hipótese de o publicar. Deitar abaixo o templo, já que ele tinha de o deitar abaixo.

— Que templo, mais exatamente? Deixemos a metafísica de lado um pouco, está bem?

— Katya. Os filhos dela. Se ele fosse apanhado, arrastá-los-ia com ele. Não sei se alguém tem o direito de fazer uma coisa dessas. Não encontro uma resposta. — Portanto enquanto vagueava tentava encontrar uma resposta.

Talvez Barley tivesse mesmo vagueado pelas ruas de Leningrado, talvez não tivesse mesmo vagueado nada. Naquele momento estava fechado que nem uma concha.

— Não teria sido mais normal entregar o caderno primeiro e tentar encontrar uma resposta para essas questões éticas mais tarde? Surpreende-me que tenha sido capaz de raciocinar claramente, quando

levava uma bomba na sacola. Não quero sugerir que as pessoas se comportem muito logicamente nessas situações, mas mesmo segundo as leis do ilógico, parece que a opção o condenava a uma situação extremamente desconfortável. E me parece que, além de perambular, fez outra coisa.

— Comprei um chapéu.

— Que gênero de chapéu?

— Um chapéu de pele. De mulher.

— Para quem?

— Para Miss Coad.

— É sua namorada?

— É a governanta de nosso refúgio em Knightsbridge —, interrompeu Ned antes que Barley pudesse responder.

— Onde o comprou?

— No caminho entre a paragem dos bondes e o hotel. Não sei onde foi. Numa loja.

— Não comprou mais nada?

— Só o chapéu. Um chapéu.

— Quanto tempo demorou nas compras?

— Tive de entrar na fila.

— Durante quanto tempo?

— Não sei.

— E que mais fez?

— Nada mais. Comprei só o chapéu.

— Está mentindo, Barley. Não é uma mentira grave, mas é uma mentira. Que mais fez, além de comprar o chapéu?

— Telefonei.

— Para Miss Coad?

— Para Katya.

— De onde?

— De um posto dos Correios.

— Qual?

Ned tinha encostado a mão na testa como se quisesse proteger os olhos do sol. Mas a tempestade durava e além da janela tanto o mar como o céu eram um negrume.

— Não sei. Era um lugar grande. Com cabines telefônicas sob uma espécie de galeria de ferro.

— Telefonou para o escritório ou para casa?

— Para o escritório. Àquela hora ela ainda estava trabalhando.

— E por que não ouvimos esse episódio nas gravações?

— Porque eu desliguei o gravador.

— Qual foi o objetivo da chamada?

— Quis ter certeza de que ela estava bem.

— Como foi a conversa?

— Eu disse alô, ela respondeu. Disse que estava em Leningrado, que tinha encontrado meu contato, que os negócios corriam bem. Quem ouvisse pensaria que eu estava falando de Henziger. Katya sabia que eu estava falando de Goethe.

— Sim, isso faz sentido —, respondeu Brady com um sorriso de perdão.

— Depois eu disse, então adeus, até à próxima feira do livro de Moscou. Cuide-se, acrescentei. Ela respondeu que sim, que iria se cuidar. E disse adeus.

— Nada mais?

— Disse também que jogasse fora as obras de Jane Austen que eu lhe dei. Expliquei que não era a edição certa. Depois levaria a edição correta.

— Por que fez isso?

— Os livros tinham perguntas destinadas a Goethe impressas no texto. Questões idênticas às do livro que ele recusou. A Jane Austen era para o caso de eu não me encontrar com ele. Para ela era um perigo. Como ele de qualquer modo não responderia a essas perguntas, era preferível que ela não ficasse com os livros em casa.

Nada se mexia na sala. Ouvia-se apenas o vento que vinha do mar assolando as persianas e bufando nos beirais.

— Quanto tempo demorou a ligação, Barley?

— Não sei.

— Quanto pagou?

— Não sei. Paguei no guichê. Dois rublos e qualquer coisa. Falei muito da feira do livro e ela também. Queria ouvir a voz dela.

Desta vez era Brady que se calava.

— Tinha a sensação de que enquanto falasse tudo estaria normal. De que ela estaria bem.

Brady fez uma pausa e depois, contra todas as expectativas, deu por encerrado o espetáculo: — Portanto, foi uma conversa sem

importância —, sugeriu, enquanto ia devolvendo seus papéis à pasta do avô.

— Foi isso mesmo —, concordou Barley. — Uma conversa sem importância. Ninharias.

— Como uma conversa entre amigos —, sugeriu Brady, fechando a pasta. — Obrigado, Barley. Pode crer que o admiro.

Sentamos na enorme sala de estar, com Brady no meio, depois de Barley nos ter deixado.

— Trate de ser ver livre dele, Clive —, aconselhou Brady, numa voz ainda impregnada de cortesia. — É um tipo fraco, pode ser um perigo. E além disso pensa demais. A Ave Azul está fazendo ondas que você nem acredita. Os senhores feudais estão em pé de guerra, os generais da Força Aérea estão tendo ataque de nervos, a Defesa diz que com ele ainda damos a loja de graça, o Pentágono acusa a Agência de promover mercadoria falsificada. Sua única esperança é se ver livre deste homem e arranjar um profissional, um dos nossos.

— A Ave Azul não quer contato com profissionais —, replicou Ned. A raiva fervia em sua voz, prestes a transbordar.

Skelton também tinha uma sugestão a fazer. Era a primeira vez que o ouvia falar, e tive de fazer um esforço para entender o seu culto discurso.

— Que se lixe a Ave Azul —, disse. — A Ave Azul não tem de querer ou deixar de querer. É um traidor e além disso é um maluco atacado de culpa e sabe-se lá o que mais! Ponham esse cara entre a espada e a parede. Digam que se deixar de produzir nós o entregaremos gente dele e a moça vai junto.

— Se ele se portar bem, ganha o dinheiro, prometeu Brady. — Um milhão não é problema. Dez milhões é melhor. Se o assustarem e pagarem o suficiente, pode ser que os Neandertais acreditem que ele é um homem honesto. Russell, meus cumprimentos. Clive, foi um prazer. Harry. Ned.

Com Skelton ao lado, encaminhou-se para a porta. Mas Ned não se despedido ainda. Não ergueu a voz nem deu murro na mesa. Mas também não calou o brilho soturno nos olhos, nem o ultraje na voz.

— Brady!

— Teve alguma ideia, Ned?

— A Ave Azul não pode ser maltratada. Nem por eles, nem por vocês. A chantagem até pode parecer uma coisa engraçada em suas

discussões de gabinete, mas no campo não dá certo. Escutem as gravações se não acreditam no que eu digo. O que a Ave Azul busca é o martírio. Não se ameaça um mártir.

— Então o se faz com um mártir, Ned?

— Barley mentiu?

— Só dentro do normal.

— Barley é um sujeito correto, honesto. Este caso é meramente de honestidade, de sinceridade, coisa de que estamos afastados. Enquanto você se envolve em meandros, a Ave Azul corre direto para seu objetivo. E escolheu Barley como companheiro de aventura. Barley é a única opção de que dispomos.

— Ele está apaixonado pela moça —, disse Brady. — É um cara complicado. É um risco.

— Ele está apaixonado por centenas de moças. Faz propostas a todas. Ele é assim mesmo. Não é ele que pensa demais, vocês é que pensam demais.

Brady mostrava-se interessado. Não em suas convicções, se é que as tinha, mas nas de Ned.

— Já me passaram casos de todo tipo pelas mãos —, prosseguiu Ned. — Pelas suas também. Há casos que nunca são claros, mesmo depois de acabarem. Este é um caso límpido desde o primeiro dia, e se alguém está jogando sombras somos nós. — Nunca o tinha ouvido falar com tanto fervor. Nem Sheriton, que olhava a cena petrificado. Talvez por isso Clive tenha sentido a obrigação de intervir com uma charanga de despedida, num linguajar próprio de funcionário público. — Bom, parece que temos matéria para ampla reflexão, Brady. Russell, temos de discutir isso. Talvez haja um meio termo. Sinceramente acho que deve haver. Por que não analisamos melhor o caso? Podíamos rever todo o processo, discuti-lo uma vez mais.

Mas ninguém foi embora. Brady, apesar de todas as trivialidades de Clive, ficou exatamente como estava, e detectei em seus traços uma generosidade pura, como um rosto real por trás da máscara.

— Ninguém nos contratou pelo nosso amor à humanidade, Ned. Não é por isso que nós, os fantasmas*, estamos aqui. Sabíamos que era assim quando nos contrataram. — Sorriu e prosseguiu. — Suponho que se a decência pura e simples fosse a regra do jogo, era você que dirigiria a coisa em vez do Chefe Clive. [*No original, “spooks”,*

literalmente fantasma, espectro; na gíria da espionagem, significa espião. (N. do T.)]

Clive não gostou da sugestão, mas isso não o impediu afinal de escoltar Brady até o jipe.

Por um momento pensei que estava sozinho com Ned e Sheriton, até que vi Randy, nosso anfitrião, parado na porta, com expressão de incredulidade. — Mas aquele era mesmo o Brady? —, perguntou, ofegante. — O Brady que gostava de tudo?

— Não, era a Greta Garbo —, respondeu Sheriton. — Vá embora, Randy. Por favor.

Poderia descrever o ramerrão de conversas que se seguiu, todas elas idênticas às anteriores, numa espécie de prelúdio ao novo ato marcado para o dia seguinte, enquanto os jovens de Sheriton pegavam Barley para um passeio na praia, e após muita conversa e anedotas e piadas lhe apresentavam o mapa de Leningrado, e após muitos esforços localizavam a loja onde o chapéu de Miss Coad fora comprado, e descobriam quanto ele teria gasto e discutiam onde o recibo tinha ido parar, se é que houvera algum recibo, e se Barley tinha ou não declarado o chapéu na alfândega em Gatwick, e finalmente identificavam o posto dos Correios onde tinha telefonado para Katya.

Poderia descrever o ramerrão das horas que Ned e eu passamos na casa da pesca, tentando ingloriamente encontrar formas de tirá-lo dos impulsos introspectivos.

Mas não era esse ramerrão de incidentes menores que importava.

O fato essencial era que o afastamento de Barley em relação a nós — senti-o mesmo naqueles circunstâncias — não parava de se acentuar desde o momento em que concordara com os interrogatórios. Tinha-se tornado um peregrino solitário. Mas qual era o seu destino? E de onde vinha? E a quem dedicava a peregrinação?

Mas passemos ao ato seguinte, à manhã seguinte — uma manhã radiante de sol, creio que terá sido na quinta-feira —, ao preciso momento em que o pequeno avião vindo do aeroporto de Logan nos trouxe Merv e Stanley, a tempo de seu café da manhã favorito: panquecas mais bacon mais xarope puro de bordo.

A cozinha de Randy conhecia perfeitamente seus gostos.

Eram homens rudes, afáveis homens do campo, com rostos de pedra-pomes e mãos enormes, e à chegada mais pareciam um duo de

vaudeville, com seus chapéus de feltro escuros e as suas malas de caixeiros-viajantes que nem para comer largavam e que depois instalaram com todo o cuidado no assoalho pintado de vermelho da sala de bilhar.

A profissão tinha dado a seus rostos os traços da estupidez, mas eram homens do tipo que os nossos próprios Serviços preferiam e preferem — soldados rasos francos e diretos, leais, sem complicações na cabeça, com um trabalho a cumprir e filhos para alimentar, que amavam o país sem alardes nem rebuliços.

O cabelo de Merv estava reduzido a uma penugem cor de algodão. Stanley tinha as pernas arqueadas e na lapela usava uma espécie de distintivo de lealdade ao país.

— Tanto faz que você seja Jesus Cristo ou uma datilógrafa com salário mensal de mil e quinhentos dólares, Mr. Brown —, dissera Sheriton enquanto esperávamos na casa de Barley, concluindo assim um rosário de súplicas matreiras. — Pode ser que aquilo seja vodu, ou alquimia, ou coisa de médiuns ou leitura de folhas de chá. O que eu sei é que se você não aceita, está feito.

Clive falou a seguir. Ele conseguia achar motivo para tudo. — Se ele não tem nada a esconder qual é o problema? —, argumentou. — Aquilo é a versão deles da nossa lei dos Segredos de Estado.

— O que o Ned acha? —, perguntou Barley. Ned já não era Nedsky. Já era só Ned. Havia um tom de derrota na resposta — e nos olhos — de Ned que nunca poderei esquecer. O interrogatório de Brady tinha abalado sua confiança em si mesmo, bem como no seu recruta.

— É você que escolhe —, respondeu sem convicção. E, como se falasse consigo mesmo, acrescentou. — É uma escolha muito, mas muito desagradável mesmo, se quer saber o que eu acho.

Barley virou-se para mim, exatamente como tinha feito quando lhe perguntei se aceitava os interrogatórios dos americanos.

— Harry? O que é que eu faço? — Porque insistia ele na minha opinião? Não era justo. Creio que o meu ar se assemelhava ao do Ned em constrangimento. Foi o que eu senti naquele momento, embora conseguisse produzir um despreocupado encolher de ombros. — Ou lhes faz a vontade e vai para a frente ou então manda-os para o diabo que os carregue. A escolha é sua —, respondi eu, quase como da primeira vez.

Ou seja, cumpria o eterno papel de advogado. De novo o silêncio de Barley. A sua indecisão transformando-se lentamente em resignação. Longe de nós enquanto olha pela janela à procura do mar. — Bom, façamos votos para que não me apanhem dizendo a verdade —, diz.

Levanta-se e abana os pulsos, relaxando os ombros, enquanto nós, feitos mordomos, confirmamos com olhares e acenos furtivos que o patrão aceitou.

Em funções, Merv e Stanley exibiam a presteza respeitosa dos algozes. À hora certa apareceram com um trono que no lado esquerdo tinha um braço ornado com recortes: ou o tinham trazido com eles ou então o trono encontrava-se permanentemente na ilha à sua disposição. Merv instalou-o perto da tomada enquanto Stanley falava com Barley como se fosse seu avô.

— Mr. Brown, numa situação com esta não deve reear hostilidade alguma. É nosso desejo que o nosso relacionamento com você não o perturbe. O examinador não é um adversário, é um funcionário imparcial. Quem faz o trabalho é a máquina. Agradeceria agora se tirasse o casaco, não precisa dobrar as mangas nem desabotoar a camisa. Obrigado. Prontinho, agora fique calmo, relaxe, isso.

Entretanto, com a maior delicadeza possível, Merv enfiou no braço esquerdo de Barley uma faixa para a medição da tensão, ajustando-a cuidadosamente à veia. Depois, encheu de ar a faixa até o mostrador marcar cinquenta milímetros, enquanto Stanley, com a devoção de um subalterno diligente, ajustou ao peito de Barley um tubo revestido de borracha com uma polegada de diâmetro, tendo o cuidado de evitar os mamilos para não provocar atrito. De seguida, Stanley colocou-lhe um segundo tubo à volta do abdômen, enquanto Merv enfiou uma dedeira dupla nos dois dedos do meio da mão esquerda de Barley, dedeira com um eletrodo dentro para determinar o funcionamento das glândulas sudoríferas e a resposta galvanizada da pele e as mudanças da temperatura da pele, sobre as quais um indivíduo, desde que tenha consciência, não tem qualquer controle — pelo menos era isto que pregavam os adeptos da máquina, e o que me pregou antecipadamente Stanley, e assim fiquei elucidado, depois de muitos rogos meus, como se eu fosse um familiar chegado desejoso de saber os pormenores da operação a que um ente querido ia ser submetido. Alguns poligrafistas, Harry, gostam de pôr uma faixa suplementar à volta da cabeça, como se

fosse um encefalógrafo. Não é o caso de Stanley. Alguns poligrafistas gostam de gritar e barafustar com as pessoas. O Stanley, não. Stanley reconhecia que muitas pessoas ficavam perturbadas com questões acusatórias, fossem ou não culpadas.

— Mr. Brown, agradecíamos que não fizesse nenhum movimento, rápido ou lento —, disse Merv. — Se fizer algum movimento, é possível que todo o sistema se ressinta fortemente, o que implicará a realização de novos testes e a repetição das questões. Obrigado. Em primeiro lugar, gostaríamos de estabelecer uma norma. Por norma entendemos um nível de voz, um nível de resposta física, imagine um sismógrafo, você é a terra, é você que faz tremer a agulha. Obrigado. Responda apenas ou — sim — ou — não —, e, por favor, responda sempre a verdade. Paramos sempre ao fim de oito questões, a fim de esvaziarmos um pouco a faixa da tensão arterial, que provoca algum desconforto. Enquanto esvaziamos a faixa, poderemos ter uma conversa normal, mas, por favor, sem graças nem excitações exageradas, sejam de que tipo forem. O seu nome é Brown?

— Não.

— Seu nome é diferente do que usa?

— Sim.

— É britânico por nascimento, Mr. Brown?

— Sim. — Veio de avião veio para a ilha, Mr. Brown?

— Sim.

— Veio para a ilha de barco, Mr. Brown?

— Não.

— Respondeu com a verdade às perguntas que fiz até agora, Mr. Brown?

— Sim.

— Tenciona responder com a verdade a todas as perguntas que restam, Mr. Brown?

— Sim.

— Obrigado —, disse Merv, com um sorriso afável, enquanto Stanley esvaziava a faixa. — Estas são as perguntas que consideramos irrelevantes. Casado?

— Atualmente não.

— Filhos?

— Sim, tenho dois.

— Meninos ou meninas?

— Um menino e uma menina.

— Enfim, um homem sensato. Tudo bem? — Começou a encher de novo a faixa. — Agora vamos passar às relevantes. Fique calmo. Isso. Isso mesmo.

Na mala aberta, as quatro garras metálicas espectrais descreviam os seus quatro perfis cor de malva ao longo do papel milimétrico, enquanto as quatro agulhas pretas se agitavam dentro dos seus mostradores. Merv pegara numa pilha de cartões com perguntas e instalara-se a uma mesinha ao lado de Barley. Nem Russel Sheriton tinha sido autorizado a ler as perguntas que inquisidores sem rosto tinham selecionado em Langley. Nada de intromissões. Os companheiros de aventura de Barley não estavam autorizados a perturbar os poderes místicos da máquina.

Merv falava sem qualquer inflexão. Estou certo de que se orgulhava da imparcialidade da sua voz. Ele era a Marcha do Tempo. Ele era o Controle de Houston.

— Estou conscientemente envolvido numa conspiração para fornecer informações falsas aos serviços de espionagem da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos da América. Sim, estou envolvido. Não, não estou envolvido.

— Não.

— O meu objetivo é promover a paz entre as nações. Sim ou não?

— Não.

— Atuo em conluio com a espionagem soviética.

— Não.

— Orgulho-me da minha missão a favor do comunismo internacional.

— Não.

— Atuo em conluio com Niki Landau.

— Não.

— Niki Landau é meu amante.

— Não.

— Foi meu amante.

— Não.

— Sou homossexual.

— Não. — Uma pausa, enquanto Stanley esvaziava uma vez mais a faixa. — Que tal está, Mr. Brown? Não dói?

— Nunca dói o bastante, meu velho. Estou bem. — Reparei que durante as pausas não olhávamos para ele. Olhávamos para o chão e para as nossas mãos, ou então para as árvores que lá fora o vento agitava. Agora era a vez de Stanley. Um tom mais simpático, mas a mesma insípidez mecânica.

— Atuo em conluio com Katya Orlova e o amante dela.

— Não.

— Tenho conhecimento de que o homem a quem chamo Goethe é um espião soviético.

— Não.

— O material que ele me passou foi preparado pela espionagem soviética.

— Não.

— Sou vítima de uma armadilha sexual.

— Não.

— Sou vítima de chantagem.

— Não.

— Sou vítima de coação.

— Sim.

— Coação soviética?

— Não.

— Ameaçam-me de ruína financeira se não colaborar com os soviéticos.

— Não. — Nova pausa. Era o terceiro assalto e era a vez de Merv.

— Menti quando disse que tinha telefonado a Katya Orlova de Leningrado.

— Não.

— De Leningrado telefonei ao meu controlador soviético e contei-lhe a minha discussão com Goethe.

— Não.

— Sou amante de Katya Orlova.

— Não.

— Já fui amante de Katya Orlova.

— Não.

— Estou sendo vítima de chantagem em consequência da minha relação com Katya Orlova.

— Não.

— Até agora respondi sempre a verdade.

— Sim.

— Sou um inimigo dos Estados Unidos da América.

— Não.

— O meu objetivo é minar a capacidade de resposta militar dos Estados Unidos.

— Importa-se de repetir essa, meu velho?

— Para —, disse Merv, e Stanley, de serviço na mala, parou, enquanto Merv anotava qualquer coisa a lápis no papel milimétrico.

— Não quebre o ritmo, Mr. Brown, por favor. Há pessoas que fazem isso de propósito quando querem evitar uma pergunta que não lhes agrada.

Quarto assalto, de novo Stanley. As perguntas sucediam-se monótonas e era evidente que só acabariam quando atingissem o auge da vulgaridade. Os “nãos” de Barley tinham-se tornado um ramerrão de fundo, tinham agora uma passividade escarninha. Barley continuava sentado na mesma posição em que o tinham colocado. Nunca o vira tão quieto por tanto tempo.

Fizeram nova pausa, mas Barley já não descansava entre os assaltos. Sua calma estava se tornando insuportável. Tinha o queixo erguido, os olhos fechados e parecia sorrir, só Deus sabia de quê. Por vezes o seu “não” não deixava acabar a pergunta. Por vezes aguardava tanto tempo que os dois homens paravam e olhavam para ele, um junto dos mostradores, o outro de fichas na mão; parecia que, nesses momentos, o que eles sentiam era a ansiedade do torturador, o medo de que tivessem abusado da vítima. Até que o “não” voltava a cair, nem mais alto nem mais baixo que os outros, apenas uma carta que se atrasara nos correios.

De onde lhe vem o estoicismo? Não, não, não em tudo. Por que se senta ali como um homem que se prepara para suportar as indignidades da velhice, mansamente repetindo “não”? Que significa essa mansidão, não, sim, não, não, até à hora do almoço, quando o tirarem da máquina?

Intimamente, numa outra zona de mim mesmo, creio que conhecia a resposta a estas perguntas, ainda que naquele momento não a conseguisse traduzir em palavras. E a resposta era que Barley não estava pura e simplesmente lá. O seu cenário não era a máquina, eram outras paragens.

Espionar é esperar. Esperamos três dias, tantas horas quanto os meus cabelos brancos. Tinham nos distribuído de acordo com as nossas posições hierárquicas: Sheriton foi com Bob e Clive para Langley; Ned ficou com seu homem na ilha, e Palfrey permaneceria com eles, à espera não se sabia do que, exceto que era um mistério. Nessa altura eu já odiava a ilha e suspeitava que Ned e Barley também a odiavam, embora Ned estivesse já tão esquivo quanto Barley. Ganhara uma expressão ausente, um ar abatido. Algo mexera com seu orgulho.

Portanto, esperamos. E jogamos xadrez sem convicção, raro foi o jogo que concluímos. E escutamos as dissertações de Randy acerca do iate. E ansiamos pelo toque do telefone. E escutamos os gritos dos pássaros e a pulsação do mar.

Foi um tempo de loucos este tempo de espera e toda a estranheza daquele local isolado, com os seus céus furiosos e as suas tempestades e os seus recantos de idílica beleza, contribuiu ainda mais para a loucura desses dias. Uma — masmorra, de nevoeiro —, como Randy lhe chamava, caiu sobre a ilha e com ela um medo irracional de que de fato fosse uma masmorra, de que nunca mais conseguíssemos sair dali. O nevoeiro levantou mas nós continuamos na ilha. A intimidade a que éramos obrigados deveria ter-nos aproximado, mas tanto Ned como Barley se refugiavam nos seus reinos: Ned, no seu quarto, Barley, fora de casa. Mesmo que chovesse a cântaros sobre a ilha, era certo que, se chegasse à janela, o veria às voltas no penhasco, com o impermeável vestido, levantando os joelhos como que em luta com sapatos muito desconfortáveis. Certa vez dei com ele jogando um críquete solitário na praia, com Edgar, o guarda. O taco era um bocado de madeira que dera à costa, a bola era uma bola de tênis. Quando fazia sol, punha um velho boné azul de marinheiro, um boné que tinha encontrado num baú da casa. Usava-o com uma expressão severa, os olhos sonhando colônias por conquistar. Certa vez, Edgar apareceu com um velho cão pastor que tinha descoberto não sei onde e o cão servia de parceiro de corrida. Num outro dia disputava-se uma regata junto à costa: ao longe, um anel de um sem número de barcos à vela fazia lembrar uma dentadura minúscula e muito branca. Barley não desprendia os olhos dos barcos, aparentemente deliciado com aquela festa branca, enquanto Edgar, a pouca distância, o observava.

Está pensando em Hannah, pensei. Está à espera que a vida lhe traga o momento da escolha. Só muito mais tarde me ocorreu que há

peessoas que seguem vias completamente diferentes para tomar uma decisão.

A minha última imagem da ilha tem os traços distorcidos de um sonho. Tinha falado ao telefone com Clive apenas duas vezes, e duas vezes, para ele, eram praticamente nada. Numa dessas vezes, quis saber — como é que os seus amigos estão se portando; soube depois que tinha feito exatamente a mesma pergunta a Ned. Da outra vez, pediu-me que lhe descrevesse os arranjos a que tinha chegado tendo em vista a indemnização a pagar a Barley, incluindo o cheque a pagar à editora. Queria saber ainda se o dinheiro viria dos nossos próprios fundos ou se seria necessário recorrer a verbas extraorçamento. Como tinha algumas notas comigo, pude esclarecê-lo convenientemente.

É meio-dia, o New York Times e o Washington Post acabam de chegar à mesa do jardim de inverno. Enquanto os leio, ouço Randy aos gritos, pedindo aos guardas que vão avisar Ned porque há uma chamada para ele. Viro-me e vejo Ned entrando pela porta do jardim e correndo pela sala de entrada na direção da sala das comunicações. Olho para o patamar do primeiro andar e vejo Barley, uma silhueta sem vida. Há nesse patamar algumas estantes velhas e ele acabara de persuadir Randy a abri-las, pois queria dar uma olhada pelos livros. É o patamar com a janela semicircular, aquela que dá para as hortênsias e para o mar.

Está de pé, de costas, um livro caindo de uma longa mão, perscruta o Atlântico. Tem os pés afastados, a outra mão erguida — nele, um gesto habitual — a um palmo da cabeça, como que protegendo-se de um possível ataque. Deve ter ouvido tudo — os gritos de Randy, os passos apressados de Ned, o estrondo da porta da sala de comunicações a fechar-se. O chão é de cerâmica e nele os passos ressoam como sinos da igreja rangendo de velhos. Ouço-os agora e vejo Ned sair da sala de comunicações, dar alguns passos e parar.

— Harry! O Barley onde está? — Aqui —, responde calmamente Barley, agarrado ao corrimão — Está aprovado, Barley! —, grita Ned, com o júbilo de uma criança. — Pedem desculpa. Falei com o Bob, com o Clive, com o Haggarty. Goethe é o caso mais importante com que eles deparam desde há muitos anos. Oficial. Apostam nele a cem por cento. Já não se olha mais para trás. Você venceu todo o aparato deles.

Ned já estava habituado às reações impassíveis de Barley, e por isso não deve ter ficado surpreendido com a aparente apatia daquele a

quem anunciara as boas novas. Barley continuava a mirar o Atlântico. Está vendo algum barco minúsculo afundando? Todo mundo vê, todo mundo acredita ver. Basta olhar para os mares do Maine por algum tempo e logo os vemos por todo lado, uma vela, um casco, um grão no horizonte que é afinal a cabeça ou a mão de um sobrevivente, e que logo se debate sob as ondas para nunca mais emergir. Só ao fim de muito tempo nos damos conta de que os barquinhos longínquos são afinal águias-pescadoras e alcatrazes na sua rapina rotineira.

Mas quando as emoções o envolvem, Ned é um homem tão susceptível como qualquer outro. É capaz de se sentir magoado. É um daqueles raros momentos em que o profissional deixa cair a máscara e revela o homem precário.

— Vai voltar a Moscou, Barley! Não era isso o que queria? Voltar?

E Barley apercebe-se finalmente de que magoou Ned e apieda-se. Dá meia-volta para que Ned possa ver seu sorriso. — Pois era, meu velho. Claro que era. Era precisamente isso que eu queria.

Entretanto é a minha vez de entrar na sala de comunicações. Randy acena-me para que entre.

— Palfrey? É você?

— Sou eu, Palfrey.

— Langley vai tomar conta do caso —, diz Clive, como se essa fosse a outra parte das boas novas. — Consideram-no como um caso que exige inteira disponibilidade. É o máximo que poderiam fazer —, acrescenta num tom definitivo.

— Ah, sim? Parabéns —, digo eu e, afastando o auscultador do ouvido, ponho-me a olhar incrédulo para aquele objeto, enquanto a fala arrastada de Clive continua a gotejar os seus sons, como uma torneira que nada nem ninguém consegue fechar. — Quero que elabore imediatamente o texto de um acordo e que prepare um documento global para cobrir as contingências habituais. Conseguimos domesticá-los, portanto mostre-se firme. Firme mas justo. Estamos lidando com gente muito realista, Palfrey. Gente pragmática.

O pingo continua a cair. Não para. Não parará. Langley compromete-se a pagar a pensão e todos os reajustamentos que Barley terá de introduzir na sua vida, como penhor do seu controle total sobre as operações. Langley partilhará a exploração da fonte, mas terá direito a voto de qualidade em caso de divergência.

— Eles estão a preparar uma lista de compras enorme. Palfrey, uma jogada em grande. Vão apresentá-la ao Departamento de Estado, à Defesa, ao Pentágono e aos organismos científicos. Vão debater todas as grandes questões do momento e elaborar uma lista a que a Ave Azul deverá responder. Sabem que há riscos mas isso não os detém. Quem não arrisca, não petisca, é isso que eles pensam. É uma posição que exige coragem.

É a sua voz de burocrata-chefe. Clive tem finalmente a sua índia. — No grande equilíbrio ataque-defesa, Palfrey, nada existe num vácuo —, explica arrogante, — citando, disso não tenho dúvida, algo que ouviu uma hora antes. — É um assunto extremamente sensível. Qualquer questão é tão importante como qualquer resposta. Eles sabem isso. Sabem-no muito claramente. O maior tributo que poderiam prestar à fonte reside precisamente no fato de terem elaborado um questionário que não envolve qualquer coação. É uma coisa que eles não fazem há muitos, muitos anos. Estão a abrir um precedente. Pelo menos em relação aos últimos tempos.

— O Ned sabe disso? —, perguntei-lhe quando consegui falar. — Não pode saber. Nenhum de nós pode. Trata-se de assuntos da maior importância estratégica.

— O que eu perguntei foi se o Ned sabia que você lhes deu de presente precisamente o homem dele.

— Quero que venha imediatamente para Langley, a fim de negociar as nossas condições com os seus colegas americanos. O Randy trata do transporte. Palfrey?

— O Ned sabe? —, repito. Clive faz um dos seus silêncios telefônicos, silêncios durante os quais o interlocutor é implicitamente convidado a descobrir todos os erros que terá cometido.

— Ned ficará ao corrente de tudo quando regressar a Londres.

O que não demorará muito. Até lá espero que não lhe diga nada.

O papel da Casa da Rússia será respeitado. Sheriton reconhece o nosso valor. A nossa posição será mesmo reforçada a certos níveis, talvez permanentemente. O Ned só pode ficar grato.

A imprensa econômica britânica foi a que recebeu a novidade com maior júbilo. Casamento com Futuro, intitulava a Booknews algumas semanas depois, num artigo acerca da Feira do Livro de Moscou. Confirma-se finalmente o acordo entre a Abercrombie & Blair da Norfolk Street, Strand e a Potomac Traders, Inc. of Boston, Mass.!

Jack Henziger, um empresário de peso, associou-se finalmente a Barley Scott Blair da A. & B., formando uma nova sociedade anônima, a Potomac & Blair, que projeta lançar uma campanha agressiva nos mercados do bloco de Leste, cada vez mais receptivos. — A Potomac & Blair é uma janela virada para o futuro —, declara confiantemente Henziger. Muita atenção, pois, à Feira do Livro de Moscou!

A notícia era acompanhada por uma fotografia enternecedora de Barley e Jack Henziger cumprimentando-se frente a uma jarra de flores. A imagem era do fotógrafo dos Serviços no nosso refúgio de Knightsbridge. Flores de Miss Coad.

Encontrei-me com Hannah um dia depois do meu regresso da ilha. Imaginei que faríamos amor. Parecia-me alta e radiante: é assim que os meus olhos a veem sempre que passo algum tempo longe dela. Era uma quinta-feira, e por isso ia levar o filho a um charlatão qualquer

com consultório nos fundos da Harley Street. Nunca gostei muito de Giles, talvez por saber que ele fora concebido no rescaldo do nosso fracasso, logo a seguir a Hannah ter voltado para Derek. Sentamos no maldito café de costume, bebendo um chá mofado, enquanto ela esperava que a consulta acabasse, e fumava, coisa que odeio. Mas desejava-a e ela sabia.

— Em que local da América? —, perguntou ela, como se isso interessasse.

— Não sei. Numa ilha qualquer, cheia de águias-pescadoras e mau tempo.

— Aposto que não eram águias-pescadoras. — Eram, de fato eram. São muito comuns naquelas paragens. — Pela tensão que lhe li nos olhos, soube que também me desejava. — Bom, acontece que tenho de levar o Giles à casa —, disse ela, depois de termos lido e relido os pensamentos um do outro.

— Ponha-o num táxi —, sugeri. Nesse momento começava mais uma das nossas discussões e, com ela, o mútuo esmorecimento. Katya passaria às dez da manhã de domingo pelo imenso Mejdunarodnaya, o hotel onde Henziger tinha insistido para que ficassem. Barley esperá-la-ia na rua, junto à entrada. Tanto Wicklow como Henziger, sentados no hall disparatadamente grande do Mej, como o chamavam os ocidentais, tencionavam assistir ao feliz encontro e à partida para o passeio.

Estava um belo dia e no ar pairavam aromas pronunciadamente outonais. Barley fora para a entrada do hotel muito cedo. Enquanto

esperava, deambulou no meio das inexpugnáveis limusines que a todo o momento carregavam e descarregavam líderes do Terceiro Mundo. Até que surgiu o Lada vermelho de Katya, uma explosão de alegria no meio de todo aquele funeral. A mãozinha branca de Anna ondeava à janela como um lenço. Sergey, sentado ao lado da irmã, mais direito que um comissário, segurava na sua rede de pesca.

Para Barley era importante que reparasse nas crianças em primeiro lugar. Tinha pensado nesse pormenor e concluía que era isso que tinha a fazer, porque já não havia pormenores insignificantes, nada podia ser deixado ao acaso. Só depois de ter saudado entusiasticamente as crianças e de ter feito uma careta a Anna, se permitiu espreitar para os bancos da frente, para o tio Matvey, afundado no assento, com o seu rosto trigueiro reluzente que nem uma castanha e os olhos de marinheiro cintilando sob a pala do boné axadrezado. Fizesse sol ou a maior tempestade, Matvey vestiria sempre as suas melhores roupas porque era preciso honrar aquela visita, aquele distinto inglês: por isso trazia o casaco de sarja e o lacinho e evidentemente as suas melhores botas. Na sua lapela, um alfinete exibia os símbolos da Revolução. Matvey baixou a janela, Barley curvou-se e cumprimentou-o, repetindo incontáveis olás. Só então se aventurou a olhar para Katya. E nesse momento houve uma espécie de hiato na sua atuação, como se já não soubesse qual era a sua fala ou em que peça estava, ou se de repente se tivesse lembrado de que ela era de fato muito bela. Só ao fim de um momento conseguiu fabricar um sorriso.

Katya, no momento, não mostrou tais reticências. Num ápice saiu do carro. Trazia umas calças largas que, apesar de mal cortadas, lhe ficavam lindamente. Num passo rápido deu a volta ao carro, radiante de felicidade e confiança. — Barley! —, exclamou, de braços tão abertos que o seu corpo logo se entregou alegre e despreocupadamente ao abraço dele — abraço que, como qualquer moça russa bem-comportada, logo tratou de refrear, afastando-se um pouco, mas continuando agarrada a ele, examinando o rosto, o cabelo, o velho traje de passeio de Barley, enquanto tagarelava sem cessar, numa torrente de espontânea camaradagem.

— Que bom. Barley! Que bom vê-lo de novo! —, exclamou. — Bem-Vindo à feira do livro, bem-vindo a Moscou outra vez. Matvey nem queria acreditar no seu telefonema de Londres? — Os ingleses sempre foram nosso amigos —, dizia ele. — Ensinaram o Pedro a navegar, e se

não fosse isso hoje não teríamos Marinha —. O Pedro de que ele fala é Pedro, o Grande. Matvey vive ainda em Leningrado. Não gosta do belo carro de Volodya? Ainda bem que ele se voltou a apaixonar.

Katya libertou-o e Barley, com ar de idiota feliz que tinha nesse momento, soltou uma exclamação inesperada: — Meu Deus! Quase me esquecia! —. Era aos sacos que se referia. Tinha-os deixado encostados a uma parede, junto à porta de entrada. No instante em que reapareceu com os sacos, Matvey fazia um esforço desesperado para sair do carro, pois era sua intenção dar o lugar da frente a Barley. Este, no entanto, não o permitiria.

— Não, não e não! Eu fico perfeitamente bem com os gêmeos! Mesmo assim muito obrigado, Matvey —. Dito isto, enfiou-se no carro e moldou o seu longo corpo ao banco de trás, como se estivesse a estacionar um caminhão articulado, enquanto distribuía as suas prendas e os gêmeos olhavam para ele trocando risinhos temerosos: este gigante vindo do Ocidente, com um corpo tão grande que nem cabe aqui dentro, que nos trouxe chocolates ingleses, e lápis de cera suíços, e livros para colorir, um para cada, e as obras de Beatrix Potter em inglês para os dois, e um belíssimo cachimbo para o tio Matvey que, diz Katya, vai ficar louco de contente, e uma bolsa de tabaco inglês.

E para Katya, tudo aquilo que ela poderia desejar para o resto da sua vida — batons; e um pulôver e perfumes e uma echarpe de seda francesa, muito bela para ser usada.

Entretanto, Katya tinha deixado as cercanias do hotel e metera por uma estrada cheia de buracos. Enquanto conversava sobre a feira do livro que abriria no dia seguinte, avançava sem grande destreza entre as crateras alagadas.

Dirigiam-se vagamente para leste, sob um sol dourado, o sol acolhedor de Setembro que conseguia mesmo pôr alguma beleza nos subúrbios da capital. Entraram na triste planície das cercanias de Moscou, com os seus campos sem dono, igrejas desoladas e transformadores de eletricidade com muros à volta. Ao longo da estrada, espalhavam-se cachos de velhas dachas que se assemelhavam a antigas cabanas de praia. Ao ver as suas empenas esculpidas e os pequenos jardins separados por cercas, Barley lembrava-se sempre das estações ferroviárias inglesas de província que tinham povoado a sua juventude. Matvey entretanto envenenava-os a todos com o cachimbo e proclamava o seu êxtase no meio das nuvens de fumo. Mas estava

muito ocupada com as funções de guia para poder prestar atenção ao tio.

— Depois daquela colina fica a fundição tal e tal, Barley. Aquele edifício de cimento arruinado à esquerda é de uma quinta coletiva. — Sim senhor! —, disse Barley. — Sensacional! Apesar de tudo, temos um belo dia à nossa frente!

Anna tinha espalhado os lápis pelo colo e descobrira já que se molhasse as pontas eles deixavam rastros úmidos de tinta. Sergey ordenava-lhe que metesse os lápis na lata e Barley procurava instaurar a paz desenhando animais para ela colorir, mas a verdade é que as estradas de Moscou não são nada generosas para com os artistas.

— Verde? Verde, não, sua patetinha —, disse-lhe Barley. — Onde já se viu uma vaca verde? Katya, por amor de Deus, a sua filha pensa que as vacas são verdes.

— Ah, a Anna é a pessoa menos prática que eu conheço! —, gritou Katya, rindo-se. Depois virou-se e traduziu para Anna, que se pôs a olhar e a rir para Barley.

E tudo isto tinha de ser ouvido com o pano de fundo constituído pelo monólogo constante de Matvey, pela inesgotável hilaridade de Anna e pelas interjeições nervosas de Sergey, isto para não falar do ribombar angustiado do pequeno motor, até que cada um deixou de ouvir fosse o que fosse a não ser a sua própria voz. De repente saíram da estrada e meteram por um campo relvado, após o que começaram a subir uma colina onde não existia qualquer caminho, o que acicatou ainda mais as gargalhadas das crianças e as de Katya também, enquanto Matvey segurava o chapéu com uma mão e o cachimbo com a outra.

— Está vendo? —, perguntou Katya a Barley, vencendo por uma vez a algazarra, como se tivesse encerrado a seu favor uma antiga teima entre amantes, — Na Rússia podemos perfeitamente ir para onde a nossa imaginação nos leva, desde que não invadamos as propriedades dos nossos milionários ou dos funcionários governamentais.

Subiram a colina com gargalhadas ainda mais turbulentas e mergulharam depois numa cova cheia de relva, após o que subiram uma vez mais, como um barquito corajoso enfrentando as ondas, até chegarem a um caminho que acompanhava um riacho. O riacho passava por um bosque de bétulas e aí o caminho desviava-se um pouco do riacho, rodeando o bosque. Katya conseguiu travar então o

carro, manobrando o travão de mão como se estivesse a parar um tremó. Estavam sozinhos no Paraíso com o riacho para brincarem ao diques e um belo local para fazerem o piquenique, e muito espaço para jogarem lapta com o bastão e a bola de Sergey que vinham no porta-bagagens, e o lapta exigia muito espaço porque era preciso que todos ficassem numa grande roda e depois um deles atirava a bola e outro apanhava-a e disparava-a com o bastão.

Depressa se verificou que Anna não tinha grande empenho em jogar lapta. A sua ambição era divertir-se o mais possível com o jogo e depois instalar-se na relva para almoçar e namoriscar com Barley. Mas Sergey, o soldado, era um adepto, e Matvey, o marinheiro, um entusiasta. Enquanto preparava o piquenique, Katya explicou a Barley a sublime importância que o lapta teve na evolução da cultura ocidental.

— Matvey garante que o lapta está na origem do baseball americano e do críquete inglês. Crê que emigrantes russos o levaram para Inglaterra. Estou certa de que também acha que foi Pedro, o Grande, quem inventou o lapta.

— Se isso é verdade, é a morte do Império —, comentou Barley com um ar muito sério.

Deitado sobre a relva, Matvey continua a tagarelar enquanto fuma com o seu novo cachimbo. Os generosos olhos azuis, devolvidos ao seu glorioso passado em Leningrado, enchem-se de uma luz heroica. Mas Katya ouve-o como se ouvisse um rádio que não se pode desligar. Apanha uma ou outra coisa, as mais invulgares, mas está surda para tudo o mais. Caminha pela relva, entra no carro, fecha a porta e reaparece de calções, com um saco de oleado na mão, na sacola vêm as sanduíches, embrulhadas em papel de jornal. Preparou galinha fria e pastéis de carne. Salgou pepino e ovos cozidos. Trouxe garrafas de cerveja Zhiguli, Barley trouxe scotch, com o qual Matvey brinda fervorosamente a algum monarca ausente, talvez o próprio Pedro.

Sergey fica na margem, esquadrinhando as águas com a sua rede.

O sonho dele, explica Katya, é apanhar um peixe e cozinhá-lo para todos os que deles dependem. Anna desenha. Num jeito ostensivo, afasta-se do seu trabalho para que os outros possam admirá-lo. Quer dar a Barley um autorretrato. Para que ele o pendure no seu quarto em Londres.

— Ela quer saber se você é casado —, diz Katya, rendendo-se às perguntas importunas da filha.

— Não, atualmente não, mas sou sempre um homem disponível. — Anna faz outra pergunta, mas Katya cora e repreende-a. Cumpridos os seus deveres de lealdade, Matvey descansa sobre a relva, o boné sobre os olhos, tagarelando sabe-se lá o quê, exceto que, seja o que for, para ele é a delícia das delícias.

— Daqui a pouco está a descrever o cerco de Leningrado —, diz Katya com um sorriso terno.

Uma pausa. Olha para Barley. — Agora podemos falar —, é o que os seus olhos dizem.

O caminhão cinzento foi embora. A festa tinha acabado. Durante uns bons minutos Barley espreitou inquieto para o caminhão sem que Katya se apercebesse, fazendo votos -para que fosse um caminhão amigo, mas desejando de todo o coração que os deixasse sozinhos. As janelas da cabine estavam pretas de pó. Foi com alívio que o viu arrastar-se pesadamente na direção da estrada e desaparecer depois de vista e da sua cabeça.

— Ah, ele está muito bem —, dizia Katya. — Escreveu-me uma carta enorme. Tudo lhe corre o melhor possível. Esteve doente mas já está completamente recuperado, disso estou certa. Tem imensos assuntos para discutir e por isso vai fazer uma visita especial a Moscou durante a feira, a fim de se encontrar com você. Quer saber como está o livro. Gostaria mesmo de ver o manuscrito já preparado, talvez apenas uma página. Em minha opinião isso seria perigoso, mas o problema é que ele está extremamente impaciente. Quer propostas quanto ao título, quanto às traduções, talvez mesmo quanto a ilustrações. Parece que está se transformando no típico escritor ditatorial. Confirmará tudo muito em breve e arranjará também um apartamento onde poderão se encontrar. Veja lá que quer ser só ele a tratar de todos os pormenores. Parece-me que você tem representado para ele uma influência muito positiva.

Katya procurava qualquer coisa na mala. Um carro vermelho estacionara do outro lado do bosque de bétulas, mas ela parecia ignorar tudo exceto a sua boa disposição. — Pessoalmente, acho que este trabalho será considerado redundante dentro de algum tempo. Com as conversações sobre desarmamento a avançarem tão rapidamente e a nova atmosfera de cooperação internacional, todas estas coisas terríveis

em breve pertencerão ao passado. Claro que os americanos suspeitam de nós, tal como nós suspeitamos deles. Mas quando juntarmos as nossas forças, poderemos chegar ao desarmamento total prevenir todos os conflitos no mundo. — Esta era a sua voz didática, avessa a qualquer contestação.

— Como poderemos prevenir todos os conflitos do mundo se não tivermos armas para os prevenir? —, objetou Barley e a sua temeridade valeu-lhe um olhar friamente agressivo.

— Barley, quer-me parecer que essa é uma resposta tipicamente ocidental e negativa —, respondeu ela, retirando o envelope da mala. — Foi você, não eu, quem disse a Yakov que aquilo de que precisávamos eram experiências com a natureza humana.

Não tinha selo, reparou Barley. Nem carimbo dos correios. Apenas — Katya — em Cirílico. Parecia a letra de Goethe, mas como sabê-lo? De repente sentiu como que um calor na cabeça e nos ombros, como uma peçonha, ou uma alergia que começava a atacar.

— De que está ele a recuperar? —, perguntou. — Ele estava nervoso quando se encontraram em Leningrado? — Estávamos os dois. Era do tempo —, replicou Barley, esperando ainda por uma resposta. Sentia-se também ligeiramente bêbado. Devia ser qualquer coisa que tinha comido.

— Ele estava nervoso porque estava doente. Muito pouco tempo depois do vosso encontro, teve um colapso, tão súbito e grave que nem os seus colegas sabiam onde é que ele se tinha metido. Chegaram a temer o pior. Um amigo de confiança disse-me que chegaram pensando que tinha morrido.

— Não sabia que ele tinha amigos de confiança além de você.

— Ele me escolheu para representá-lo aqui. Mas claro que tem outros amigos para outras coisas. — Retirou a carta do envelope mas não a entregou.

— Não foi isso que você me disse. Bem pelo contrário —, disse Barley com uma voz débil, enquanto continuava às voltas com os seus múltiplos sintomas de desconfiança.

Katya não ficou nada perturbada com a objeção dele. — Porque havemos de dizer tudo num primeiro encontro? Uma pessoa tem de proteger-se. É normal.

— Sim, creio que sim —, concordou Barley. Anna tinha acabado o autorretrato e queria que o apreciassem imediatamente. Era uma Anna

apanhando flores num telhado.

— Magnífico! —, exclamou Barley. — Diga-lhe que vou pô-lo por cima da lareira. Sei exatamente o lugar onde o vou pôr. Há uma fotografia de Anthea esquiando, dum lado, e uma de Hal num navio, do outro. A Anna fica no meio.

— Ela quer saber que idade tem o Hal —, disse Katya. Uma pergunta daquelas obrigava-o a uma série de cálculos. Primeiro teve de se lembrar em que ano nascera Hal@ depois em que ano estava; finalmente, procedeu à difícil subtração entre as duas datas, enquanto lutava com um zumbido que não lhe largava os ouvidos. — Pronto, já está. Tem vinte e quatro anos. Mas receio bem que tenha feito um casamento perfeitamente disparatado.

Anna estava desapontada. Pôs-se a olhá-los com um ar acusador enquanto Katya reatava a conversa.

— Logo que soube que ele tinha desaparecido, tentei contatá-lo pelos meios habituais, mas sem êxito. Fiquei extremamente deprimida. — Passou-lhe finalmente a carta; nos seus olhos havia uma luz de prazer e alívio. Ao receber a carta, Barley pousou distraidamente a sua mão sobre a dela. Katya não afastou a mão. — Então, há oito dias, fez ontem, sábado, uma semana, ou seja, dois dias depois de você me ter telefonado de Londres, Igor ligou-me para casa. — Tenho uns remédios para você. Venha tomar um café comigo que eu lhe dou. — Remédio é o nosso código para carta. Era uma carta de Yakov. Fiquei espantada e muito feliz. Há anos e anos que Yakov não me mandava uma carta. E que carta!

— Quem é Igor? —, perguntou Barley, falando muito alto para abafar o tumulto que lhe ia na cabeça.

A carta eram cinco folhas de um bom — e difícil de obter — papel branco, escritas numa letra bonita e regular. Barley não tinha imaginado Goethe capaz de produzir um documento aparentemente tão convencional: Katya só então afastou a mão, mas suavemente.

— O Igor é um amigo do Yakov, de Leningrado. Estudaram juntos.

— Muito bem. E que faz ele agora? — Katya ficou irritada com a pergunta e estava impaciente por ouvir a reação dele à carta, ainda que ele não percebesse nada do que estava escrito. — Ele é um cientista, não sei de que ramo, trabalha para um ministério. O que interessa saber o que faz o Igor? Quer que eu traduza a carta ou não?

— Qual é o sobrenome dele? — Katya disse e Barley, no meio da sua confusão, sentiu-se feliz com a irritação dela. Devíamos ter anos e não apenas horas, pensou. Devíamos ter puxado o cabelo um ao outro quando pequenos. Devíamos ter feito tudo o que nunca fizemos, pois em breve será muito tarde. Barley segurou a carta para que Katya lesse e ela ajoelhou-se despreocupadamente atrás dele, pondo uma mão em seu ombro para se equilibrar, enquanto com a outra ia apontando as linhas à medida que traduzia. Barley sentia os seios dela roçando suas costas. Sentia o seu mundo íntimo caindo numa calma profunda, e a monstruosidade de suas primeiras suspeitas dava lugar a sentimentos mais racionais.

— Isto é o endereço, apenas um número postal, o que é normal —, disse ela, apontando para o canto superior direito. — Está num hospital especial, talvez numa cidade especial. Escreveu a carta na cama — está vendo como escreve bem quando está sóbrio? Deu a um amigo que seguia para Moscou. O amigo passou a Igor. É normal. “Minha querida Katya” — não é exatamente assim que ele começa, quer dizer, a palavra não é bem “querida”, mas isso não interessa. “Fui subitamente acometido de uma variedade de hepatite, mas a doença é um estado muito instrutivo e além disso estou vivo”. Isto é mesmo típico dele, tira uma conclusão moral logo de primeira. — Katya apontava novamente para o texto. — Esta palavra torna a hepatite pior. É “irritada”.

— Agravada —, emendou calmamente Barley. A mão que tinha sobre o ombro deu-lhe um beliscão reprovador. — Que importância tem a palavra exata? Quer que vá buscar um dicionário? *Tive febre alta e muitas fantasias...*

— Alucinações —, emendou Barley.

— A palavra é *gaflutsinatuya*... —, respondeu ela, furiosa. — Está bem, prossigamos.

— “... mas agora já me sinto bem e dentro de dois dias vou para uma unidade de convalescença junto ao mar, vou ficar lá uma semana”. Ele não diz de que mar se trata, mas por que haveria de dizer? “Poderei voltar a todas as minhas atividades, exceto beber vodca, mas essa é uma limitação burocrática que, como bom cientista que sou, depressa ignorarei.” Aqui está outra coisa típica dele. Vencida a hepatite, pensa logo em vodca.

— Inteiramente de acordo —, disse Barley, sorrindo para lhe ser agradável e talvez também para se tranquilizar.

As linhas estavam tão retas que pareciam escritas em papel pautado. Não havia uma só emenda.

— “Se todos os russos pudessem ter hospitais como este, que nação saudável seríamos.” Mesmo doente, permanece um idealista. “As enfermeiras são tão bonitas e os médicos tão jovens e bem parecidos que isto mais parece uma casa de amor do que uma casa de doenças.” Ele diz isso para me fazer ciúmes. Mas sabe uma coisa? É extremamente raro ele fazer comentários felizes. Yakov é um trágico. É mesmo um cético. Creio que, além da hepatite, também lhe curaram o mau humor. “Ontem fiz exercício pela primeira vez, mas depressa me senti tão cansado como uma criança. Depois fui descansar na varanda e apanhei um bom banho de sol antes de dormir que nem um anjo, sem nada na minha consciência a não ser o fato de te ter tratado muito mal, de ter sempre te explorado.” Agora é conversa de namorados, não traduzo.

— Isso é frequente nele? — Katya riu. — Já lhe disse. Nem sequer é normal ele me escrever, e há muitos meses, ou mesmo anos, que ele não fala do nosso amor, que é agora inteiramente espiritual. Creio que a doença o deixou um tanto sentimental, por isso o melhor é perdoarmos. — Virou a página e as mãos dos dois voltaram a se encontrar, mas a mão de Barley estava mais fria que um dia de inverno. Para sua surpresa, Katya não comentou esse fato. — Bom, agora passamos para Mr. Barley. Você mesmo. Claro que ele se mostra muito cauteloso. Não menciona o seu nome. A doença pelo menos não lhe afetou a discrição. “Diz por favor ao nosso bom amigo que vou fazer o possível por me encontrar com ele durante a sua visita. O que é preciso é que a recuperação prossiga. Ele que traga o seu material, eu vou tentar fazer o mesmo. Durante essa semana tenho uma conferência em Saratov”. Igor diz que é na Academia Militar, ele sempre faz uma conferência na Academia Militar em setembro — as coisas que ficamos sabendo quando uma pessoa está doente — “e de Saratov seguirei para Moscou logo que possa. Se falar com ele antes de mim, diga-lhe por favor o seguinte: que me traga todas as perguntas que querem me fazer porque, depois disso, não quero responder a mais nenhuma pergunta dos homens cinzentos. Diga que a lista de perguntas terá de ser exaustiva e definitiva.

Barley escutou em silêncio as instruções de Goethe, tão enfáticas como as que lhe ouvira em Leningrado. E enquanto as escutava, as sombras negras da sua desconfiança transformaram-se num secreto temor, e a náusea voltou a incomodá-lo.

Uma página da tradução, uma página ao acaso, mas impressa, por favor, a letra impressa é incomparavelmente mais reveladora, dizia Goethe, pela voz dela. Gostaria que o livro tivesse uma introdução do Professor Killian de Estocolmo, contate-o por favor logo que possível, lia ela. Houve novas reações por parte de sua intelligentsia? Se as houve, agradeceria que me avisasse. Datas de publicação. Goethe tinha ouvido dizer que o outono era a melhor época, mas será mesmo preciso esperar um ano inteiro?, perguntava ela, em representação do seu amante. De novo o título. Que tal A Maior Mentira do Mundo? Quanto à publicidade, agradeceria que me mostrasse um rascunho. E logo que o livro esteja pronto, mande por favor um exemplar ao Dr. Dagmar Qualquer-Coisa em Stanford e ao Professor Herman Qualquer-Coisa do MIT...

Barley escreveu esmeradamente tudo em seu caderno, numa página a que pusera o título de FEIRA DO LIVRO.

— Que diz o resto da carta? —, perguntou. Mas Katya já estava guardando as folhas no envelope. — Já lhe disse. Conversa de namorados. Ele está bem consigo mesmo e deseja reatar uma relação plena.

— Com você. — Uma pausa enquanto os olhos dela o estudavam.

— Barley, acho que está sendo um pouquinho infantil.

— Portanto serão amantes? —, insistiu Barley. — Viverão felizes para o resto da vida. É isso, não é?

— No passado, Yakov teve medo da responsabilidade. Agora já não tem. É isso que ele escreve, só que naturalmente a questão já não se põe. O que passou, passou. Não se pode voltar atrás.

— Então por que ele escreve essas coisas? —, teimou Barley.

— Não sei.

— Acredita no que ele diz? — Katya estava ficando seriamente irritada quando detectou algo na expressão dele que não era ciúme nem hostilidade, mas uma inquietação intensa, quase assustadora, em relação à segurança dela.

— Estar doente não é razão para ele fazer propostas, não é? Ele não é uma pessoa para brincar com as emoções dos outros, certo? Goethe orgulha-se de dizer a verdade, apenas a verdade.

Nem mesmo o olhar penetrante de Barley conseguiria demovê-la ou alterar o sentido da carta.

— Ele está sozinho —, respondeu ela, numa atitude protetora. — Ele tem saudades de mim, é por isso que exagera. É normal. Barley, acho que está sendo um pouquinho...

Ou não encontrou a palavra ou reconsiderou e decidiu não pronunciá-la. Mas Barley disse por ela. — Ciumento — era a palavra.

E então fez aquilo que sabia que ela queria: sorriu, pôs um sorriso bom, um sorriso sincero de amizade desinteressada, apertou-lhe a mão e com algum esforço levantou-se. — Ele parece estar ótimo —, disse. — Estou muito contente por ele. Pela sua recuperação.

E estava sendo sincero. Inteiramente sincero. Era com convicção que o dizia, o tom de sua voz não podia ser mais verdadeiro. Mas nesse momento já seus olhos procuravam o carro vermelho estacionado para lá das bétulas.

Então, para satisfação de todos, Barley entrega decididamente ao papel de pai de fim de semana, um papel para que a sua muito agitada vida o preparou convenientemente. Sergey quer que ele tente a sorte na pescaria. Anna quer saber por que ele não trouxe o calção de banho. Matvey dorme, dorme com um sorriso que é produto tanto do uísque como das recordações. Katya entrou na água à procura de pedras. Parece-lhe mais bela — e longínqua — do que nunca. Mesmo apanhando pedras para construir uma represa Katya é a mais bela mulher que ele já viu.

No entanto ninguém trabalhou mais do que Barley na construção daquela represa, ninguém tinha uma ideia tão clara como ele de como as águas deviam ser contidas. Puxa até os joelhos suas estúpidas calças de flanela cinza e se molha até a virilha. Recolhe paus e pedras até ficar exausto, enquanto Anna, de cavaleiro, dirige as operações. Encanta Sergey com as suas visões práticas de comerciante e Katya com floreios românticos. Um carro branco substitui o vermelho. Há lá dentro um casal, as portas estão abertas, comem. Barley sugere às crianças que vão até ao alto da colina dizer oi ao casal. As crianças vão, mas o casal não responde.

A noite aproxima-se e um cheiro penetrante a queimadas de Outono irrompe entre as folhas amarelecidas das bétulas. Moscou volta a ser uma cidade de casas de madeira, e arde. Enquanto arrumam as coisas no porta-bagagens, um par de gansos selvagens sobrevoa o riacho, são os dois últimos gansos no mundo.

No regresso ao hotel, Anna adormece ao colo de Barley, enquanto Matvey papagueia e Sergey folheia desconfiado as páginas do Squirrel Nutkin, como se se tratasse do Manifesto do Partido.

— Quando volta a falar com ele? —, pergunta Barley. — Já está combinado —, diz ela, enigmaticamente. — Foi Igor que tratou disso? — O Igor não trata de nada. Ele é o mensageiro. — O novo mensageiro —, emenda ele. — Igor é um velho amigo e um novo mensageiro. Por que não? — Katya olha para ele e percebe as suas intenções. — Você não pode ir ao hospital comigo, Barley. Não é seguro para você.

— Para você também não é propriamente um divertimento —, responde ele.

Ela sabe, pensou Barley nesse momento. Ela sabe, mas não sabe que sabe. Tem os sintomas, uma parte dela fez o diagnóstico. Mas a outra parte se recusa a admitir que há qualquer coisa que não combina.

A sala de controle anglo-americana já não se situava numa miserável cave em Victoria, mas sim nas radiantes águas-furtadas de um arranha-céu novinho em folha perto de Grosvenor Square. Autodenominava-se Grupo de Conciliação Inter-Aliado e era guardada por turnos de marines americanos perfeitamente conciliadores, trajados à paisana. Uma atmosfera de excitada conspiração impregnava a sala quando todos aqueles jovens irrepreensivelmente vestidos esvoaçavam entre secretárias irrepreensivelmente limpas, respondiam a telefones que não paravam de piscar luzinhas, falavam com Langley usando linhas absolutamente seguras, passavam papéis uns aos outros, batiam documentos em teclados rigorosamente silenciosos ou recostavam-se em poses nervosamente descontraídas em frente dos múltiplos monitores de televisão que tinham substituído os relógios gêmeos da velha Casa da Rússia.

Era um convés de dois pisos, e Ned e Sheriton estavam sentados lado a lado na ponte coberta, enquanto no piso de baixo, do outro lado do vidro à prova de som, as respectivas tripulações, tão pouco parecidas entre si, cumpriam os respectivos deveres. Brock e Emma tinham uma divisória, Bob, Johnny e os seus homens tinham a outra mais a galeria central. Mas todos viajavam na mesma direção. Todos exibiam as mesmas expressões obedientemente diligentes, todos atentos às mesmas filas de telas que rolavam e tremulavam como quadros das cotações da Bolsa, à medida que a decodificação automática ia chegando.

— O caminhão regressou sem problemas à doca —, disse Sheriton quando as telas dispararam subitamente a palavra de código BARCAÇA.

Aquele caminhão era um milagre de penetração. O nosso caminhão! Em Moscou! E fomos nós que o pusemos lá! Em inglês deveríamos chamar de *lony*, mas, por deferência ao proprietário americano, chamávamos *truck**. [**Variantes inglesa e americana para caminhão (N. do T.)*]

Uma operação enorme, separada de tudo mais, envolvera sua aquisição e a viagem. Era um Karnaz, gigantesco e negro de sujo, um dos muitos caminhões da frota da SOVTRANSVTO, cuja abreviatura,

em letras romanas, surgia pintada — ou antes, borrada — nos flancos imundos. Tinha sido recrutado, e com ele o motorista, pela enorme sucursal da Agência em Munique, durante uma das suas muitas incursões à Alemanha Ocidental, destinadas à compra de artigos de luxo para os raros privilegiados moscovitas que tinham acesso a uma rede de distribuição especial. Uma imensidão de coisas — desde sapatos e tampões ocidentais, passando por peças sobressalentes para carros ocidentais — já passara por suas entranhas. Quanto ao motorista, era um dos Caçadores de Longa Distância, nome dado a essas infelizes criaturas na União Soviética — empregados do Estado, miseravelmente pagos, sem seguro médico ou de acidentes que os proteja de qualquer infortúnio no Ocidente, e que, mesmo no pico do inverno, aguentam estoicamente em seus abrigos, devorando salsichas antes de partilharem mais uma noite de sono em cabines sem nenhum conforto — mas que, em contrapartida, aproveitam as viagens ao Ocidente para fazerem fortunas que, no contexto da Rússia, são mais que razoáveis.

E agora, em troca de uma recompensa incomparavelmente mais atraente, este Caçador de Longa Distância, tinha concordado em — emprestar — o seu caminhão a um — comerciante ocidental —, após negociações realizadas no coração de Moscou. E este mesmo comerciante, que era um dos cupinchas de Cy, emprestou-o a Cy, o qual, por sua vez, o encheu de todo o tipo de equipamento áudio e vigilância, todo ele engenhosamente portátil, equipamento que recolheria às suas bases antes de o caminhão retornar ao seu condutor legal, naturalmente através de intermediários.

Era a primeira vez que uma coisa destas sucedia. Dispúnhamos pela primeiríssima vez de uma fortaleza móvel dentro da própria cidade de Moscou!

Só Ned achou a ideia temerária. Os Caçadores de Longa Distância trabalhavam aos pares, como Ned sabia melhor do que ninguém. Por ordens do KG13, estes pares eram deliberadamente incompatíveis, e, em muitos casos, cada homem era responsável perante o outro. Mas quando Ned quis ler o processo relativo a esta operação, isso foi-lhe negado. E para justificar tal recusa, foram invocadas precisamente as leis de segurança que ele próprio tanto valorizava.

No entanto, a peça mais impressionante do novo arsenal¹ de Langley estava ainda para vir e, uma vez mais, a força de Ned não

chegou para a combater. A partir desse momento, as fitas dos gravadores em Moscou seriam submetidas a uma codificação aleatória e transmitidas através de impulsos digitais, demorando esta transmissão um milésimo do tempo que gastaríamos a ouvir as gravações normais. No entanto, insistiam os feiticeiros de Langley, quando os impulsos digitais eram transformados em som pela estação receptora, nem se sonhava que as fitas tinham passado por tantas aventuras.

A palavra ESPERAR ia formando lindas pirâmides. Espionar é esperar.

A palavra SOM substituiu-a. Espiar é escutar. Ned e Sheriton puseram os auscultadores e Clive e eu fizemos o mesmo, depois de nos sentarmos nas cadeiras vagas que havia atrás deles.

Katya estava sentada na cama. Com um ar pensativo olhava para o telefone: não queria que ele voltasse a tocar.

Porque revela você o seu nome se nenhum de nós o faz?, perguntava-lhe ela mentalmente.

E porque revela o meu? Está? Katya? Como vai? Fala Igor. É para lhe dizer que não tive mais nenhuma notícia dele.

Então porque me telefona? Para não me dizer nada? À hora do costume, certo? O lugar do costume. Não há problema.

O mesmo de sempre.

Porque repete você aquilo que não precisa de ser repetido, depois de eu lhe ter dito que estaria no hospital à hora combinada?

Nessa altura já ele sabe qual é a sua situação, que avião pode apanhar, tudo. Portanto, não se preocupe, certo? Então, e o editor? Sempre apareceu?

— Igor, não sei a que editor se refere.

E desligou antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa. Estou a ser ingrata, pensou Katya. Quando estamos doentes é normal que os velhos amigos nos ajudem. E se, de um dia para o outro, se promovem de conhecidos a velhos amigos, e se de repente nos rodeiam de atenções após anos e anos em que quase não nos falaram, isso pode, mesmo assim, ser um sinal de lealdade, não há nada de sinistro numa história dessas, ainda que há apenas seis meses Yakov tenha declarado Igor um caso irrecuperável — Igor prossegue no caminho que eu já deixei —, comentara Yakov depois de um encontro casual na rua. — Ele faz demasiadas perguntas.

E, no entanto, aqui tínhamos Igor agindo como o amigo mais chegado de Yakov, correndo riscos por ele, prestando-lhe uma ajuda inestimável. — Se quer mandar alguma carta para o Yakov, basta me dar. Estabeleci uma excelente linha de comunicação com o sanatório. Conheço alguém que lá vai quase todas as semanas —, dissera-lhe Igor no seu último encontro.

— Sanatório? —, exclamara ela inquieta. — Então é aí que ele está? Onde é que fica esse sanatório?

Mas era como se Igor ainda não tivesse pensado na resposta a dar a essa pergunta, já que se limitou a franzir a testa e a argumentar com o segredo de Estado com um ar particularmente constrangido. Segredos de Estado?! Mas se nós próprios andamos a espalhá-los! Não faz sentido.

Estou sendo injusta com ele, pensou Katya. Começo vendo falsidade por todo lado. Em Igor, até mesmo em Barley.

Barley. Fez uma cara de poucos amigos. Não tinha nada que criticar a declaração amorosa de Yakov, não era da sua conta. Quem ele pensa que é, esse ocidental de modos afetuosos e suspeitas cínicas? Envolvendo-se comigo tanto e tão depressa, fingindo-se de benfeitor com Matvey e meus filhos? Nunca confiarei num homem que foi educado sem um dogma, disse severamente a si mesma. Posso amar um crente, posso amar um herético, mas não posso amar um inglês.

Ligou o rádio portátil e pôs-se a percorrer a onda curta, depois de ter posto o receptor no ouvido, pois não queria perturbar o sono dos gêmeos. Mas enquanto escutava as diferentes vozes que clamavam pela sua alma — Deutsche Welle, Voice of America, Radio Liberty, Voice of Israel, mais a Voz só Deus sabia de Quem, todas elas tão simpáticas, tão superiores, tão atraentes —, uma revolta confusa ia crescendo nela. Mas eu sou russa!, era o que lhes queria gritar, àquelas vozes todas. Mesmo no meio da tragédia, sonho com um mundo melhor do que o vosso!

Mas que tragédia?

O telefone tocou. Katya atendeu. Mas era apenas Nasayan, que nos últimos dias parecia outro, confirmando os planos para o dia seguinte.

— Ouça, eu telefonei para confirmar se realmente quer ir para o stand da Outubro amanhã. Acontece que temos de começar muito cedo, não sei se entende. Se você tem de levar os filhos à escola ou qualquer

outra coisa do gênero, não há problema em dizer à Yelizavyeta Alexeyevna para a substituir. Apenas tem de me dizer se quer ou não.

— É muito simpático da sua parte, Grigory Tigranovich, e agradeço-lhe a chamada. Mas passei a maior parte da semana passada ajudando a montar a exposição, de maneira que gostaria de estar presente na abertura oficial. O Matvey leva as crianças para a escola, não há problema.

Com um ar absorto, Katya pôs o auscultador no descanso. Nasayan, meu Deus — porque falamos um com o outro como se fôssemos personagens num palco? Quem pensamos nós que nos está a ouvir? Por causa de quem vigiamos tanto as nossas palavras? Se posso falar com um estrangeiro, com um inglês, como se ele fosse meu amante, porque não posso falar normalmente com um arsênio que é meu colega?

O telefone tocou de novo e ela soube nesse mesmo instante que era aquela a chamada por que esperava há algum tempo, porque foi com um sorriso que atendeu. Ao contrário de Igor, ele não disse o seu nome nem o dela.

— Fuja comigo —, disse ele.

— Esta noite?

— Os cavalos estão arreados, temos comida para três dias.

— Mas você está suficientemente sóbrio para fugir?

— É espantoso, mas estou. — Uma pausa. — Não é que não tenha tentado, mas a verdade é que não bebi um único copo. Deve ser da idade.

E de fato parecia sóbrio. Sóbrio e íntimo. — Então é a feira do livro? Vai abandoná-la como fez com a feira de áudio?

— Que se lixe a feira do livro. Temos de fazer agora ou nunca. Depois estarei muito cansado. Como você está?

— Ah, estou furiosa com você. Você enfeitiçou por completo a minha família, e agora não param de me perguntar quando é que volta com mais cigarros e mais lápis.

Outra pausa. Ele não costumava mostrar-se tão pensativo quando gracejava.

— É isso o que eu faço. Enfeitiço as pessoas e a partir desse momento deixo de sentir seja o que for em relação a elas.

— Mas isso é horrível! —, exclamou ela, profundamente chocada. — Barley, que história é essa?

— Limito-me a repetir as sábias palavras de uma ex-mulher minha. Ela dizia que eu tinha impulsos mas que não tinha sentimentos e que não devia usar uma canadense em Londres. Se alguém nos diz uma coisa destas, uma pessoa acredita para toda a vida. Desde então nunca mais voltei a usar uma canadense.

— Barley, essa mulher... Barley, essa mulher disse uma coisa perfeitamente cruel e irresponsável. Lamento, mas ela está completamente enganada. Tenho certeza que disse isso no meio de uma discussão. Mas a verdade é que está enganada.

— Está? Está mesmo enganada? Então, o que é que eu sinto? Esclareça-me.

Katya desatou a rir, percebendo que tinha caído redondamente na armadilha.

— Barley, você é mesmo muito mau. Não quero nada com você.

— Por quê? Porque não sinto nada?

— Uma das razões é porque você protege as pessoas. Todos nós reparamos nisso hoje, e estamos gratos.

— Mais.

— Outra é porque você tem um sentimento de honra intato, digamos assim. Claro que você é uma criatura decadente, pudera, sendo ocidental. É normal. Mas a honra, esse sentimento de honra o redime.

— Ainda tem pastel de carne?

— Não me diga que também está com fome?!

— Quero ir a sua casa comer a sobra.

— Agora?

— Agora.

— Mas isso é completamente impossível! Já estamos todos na cama, é quase meia-noite.

— Amanhã.

— Barley, isto é perfeitamente ridículo. Estamos prestes a começar a feira do livro, temos pelo menos uma dúzia de convites.

— A que horas? — Um belo silêncio instalou-se entre os dois. — Pode vir por volta das sete e meia.

— Sou capaz de chegar antes. — Durante um longo momento nenhum deles falou. Mas o silêncio aproximou-os mais do que as palavras alguma vez poderiam ter feito. Nesse longo momento de silêncio, Katya e Barley transformaram-se repentinamente em duas

cabeças numa única almofada, ouvido contra ouvido. E quando ele desligou, não foram as suas piadas nem o seu discurso autoirônico que ela guardou, mas o tom de sinceridade, uma sinceridade feliz — sinceridade ou mesmo solenidade, hesitava Katya — que ele não fora capaz de reprimir na sua voz.

Barley cantava. Dentro da sua cabeça, e fora também. No seu coração e por todo o seu corpo, Barley Blair finalmente cantava.

Estava no seu quarto enorme e cinzento do sombrio Mej, na véspera da feira do livro de Moscou, e cantava. Cantava — Bless This House —, ao jeito inconfundível de Mahalia Jackson, enquanto dançava piruetas à volta do quarto com um copo de água mineral na mão, olhando sua imagem refletida na enorme tela de televisão que constituía a única glória daquele quarto.

Sóbrio. Completamente sóbrio. Barley Blair. Sozinho. Não tinha bebido nada. Durante o interrogatório no caminhão, e apesar de ter suado que nem um cavalo, não bebeu nada. Nem um copo de água, enquanto presenteava Paddy e Cy com uma versão adocicada e despreocupada do seu dia.

Na festa dos editores franceses, no Rossiya, com Wicklow, onde teve atuação brilhante, irradiando confiança: aí também nada bebeu.

Na festa dos suecos no Nacional, com Henziger, onde brilhou ainda mais do que na outra, tinha apanhado um copo de shampanskoye da Georgia, só porque Zapadny estava aborrecido por não vê-lo beber. Mas conseguiu não beber nada, deixando o copo atrás de um vaso de flores. Portanto: nada.

E na festa conjunta, no Ukraina, de novo com Henziger, agora brilhando quase tanto como a Estrela do Norte, agarrara-se a um copo de água mineral com uma rodela de limão flutuando lá dentro para dar a impressão de que era gim-tônica.

De maneira que nada. Nem um só copo. Mas a sua abstinência não adivinha de qualquer reviravolta nos seus princípios. Barley não estava curado, graças a Deus. Não tinha prometido abstinência nenhuma, não tinha virado página nenhuma na sua vida. Não bebia, muito simplesmente porque não queria que coisa alguma perturbasse o êxtase lúcido e racional que a pouco e pouco se ia apoderando dele, esse sentimento tão estranho de quem corre um risco terrível e sabe que é capaz de o enfrentar, e sabe que está preparado seja para o que for que aconteça, e se nada acontecer também está preparado para

isso, porque essa sua preparação é um círculo de defesa girando em tomo de uma certeza sagrada.

Agora sou uma daquelas poucas pessoas que sabem o que farão em primeiro lugar se o navio se incendiar a meio da noite, pensou; e o que farão em último lugar, se é que farão alguma coisa. Fizera uma lista pormenorizada do que valia a pena salvar e do que para ele não tinha qualquer importância. E de tudo o que era preciso afastar, ignorar ou dar como perdido.

A sua cabeça tinha levado uma limpeza geral, compreendendo tanto pormenores perfeitamente modestos como grandes temas. Por que, como Barley observara recentemente, o fato de os grandes temas provocarem a sua própria destruição era também um pormenor perfeitamente modesto.

A clareza da sua visão surpreendia-o. Examinava tudo à sua volta, dava uma volta ou duas, cantava uns quantos compassos. Regressava ao ponto de partida, e sabia que nada tinha sido esquecido.

Não tinha esquecido o momentâneo tom de incerteza na voz dela. Ou a sombra de uma dúvida pairando no poço escuro dos seus olhos.

Ou a caligrafia perfeita de Goethe, em vez dos rabiscos indecifráveis.

Ou as piadas de Goethe, tão desajeitadas e tão pouco típicas dele, acerca de burocratas e de vodka.

Ou a choradeira culposa de Goethe acerca da forma como a tinha tratado, quando há vinte anos que a tratava como bem entendia, e a usava de todas as maneiras e feitios, incluindo como mensageiro para usar e jogar fora.

Ou a imatura promessa de Goethe de que a recompensaria no futuro, desde que ela não abandonasse o jogo, quando é um artigo da fé de Goethe que o futuro já não lhe interessa, que a sua única obsessão é com o momento presente. — Só o agora existe!

No entanto, a partir destas teorias pouco consistentes que, provavelmente, não eram outra coisa senão teorias, a mente de Barley voava sem qualquer esforço para o principal galardão da sua percepção recém-esclarecida, a saber, que no contexto da ideia que Goethe tinha do que estava fazendo, Goethe estava certo, e que, durante a maior parte da sua vida Goethe se mantivera num dos lados de uma equação corrupta e anacrônica, ao passo que Barley, em sua ignorância, estivera no outro.

E que se Barley alguma vez tivesse de escolher, escolheria certamente o caminho de Goethe e não o de Ned ou de qualquer outro, porque a sua presença seria urgentemente atraída pelo extremo país central de que se elegera cidadão.

E que tudo o que acontecera a Barley desde Peredelkino tinha provado isso mesmo. Os velhos ismos estamos mortos, a competição entre o comunismo e o capitalismo tinha acabado numa lamúria sentimentalóide. A retórica dessa competição ficara enterrada nas câmaras secretas dos homens cinzentos, que continuavam a dançar apesar de a música ter acabado há muito.

Quanto à lealdade ao seu país, Barley resumia-a à questão de saber que Inglaterra escolher servir. Estavam mortos os elos que ainda o poderiam ligar à fantasia imperial. Revoltava-o o rufar de tambores chauvinista. Preferia que a marcha dos tambores o atropelasse a seguir com ela. Conhecia uma Inglaterra decididamente melhor, uma Inglaterra que estava dentro dele mesmo.

Deixou-se ficar quieto na cama, à espera que o medo se apoderasse dele. Mas o medo não veio. Em vez disso, Em vez disso começou a jogar uma espécie de xadrez mental, porque o xadrez era um jogo sobre probabilidades, e parecia-lhe melhor contemplá-las tranquilamente do que ordená-las e separá-las quando o teto estivesse caindo.

Porque se Armagedon não atacasse, nada se perdia. Mas se Armagedon atacasse, havia muito a salvar.

E assim Barley começou pensando. E começou a fazer os seus preparativos com a cabeça fria, exatamente como Ned o teria aconselhado se Ned ainda segurasse as rédeas da operação.

Pensou até às primeiras horas da manhã e dormitou um pouco e quando acordou continuou pensando, e na altura em que alegremente se encaminhou para a sala dos pequenos-almoços, com os olhos já atentos às diversões da feira, havia toda uma parte da sua cabeça que se dedicava por completo à tarefa de pensar aquilo que os loucos que o fazem descrevem como o impensável. — Francamente, Ned —, disse despreocupadamente Clive, ainda alvoroçado com a magia da transmissão. — Não é a primeira vez que a Ave Azul está doente. Já esteve doente uma série de vezes.

— Eu sei —, respondeu Ned com um ar ausente. — Eu sei. — De repente, virou-se para Clive e acrescentou: — Mas não é o fato de ele

estar doente que me preocupa. O que me preocupa é que ele tenha escrito.

Sheriton escutava a conversa de queixo na mão, a mesma posição em que ouvira a gravação. Entre Ned e Sheriton tinha-se desenvolvido uma afinidade que só poderia ser benéfica para a operação. Estavam a reagir à transferência de poderes como se ela tivesse acontecido há muito.

— Mas, meu caro Ned, é precisamente isso o que todos nós fazemos quanto estamos doentes —, exclamou Clive, exibindo um falso entendimento de natureza humana. — Quando estamos doentes, escrevemos para todo mundo!

Nunca me tinha ocorrido que Clive fosse uma criatura susceptível de contrair doenças, ou que tivesse amigos a quem escrever.

— Preocupa-me que ele passe cartas tão reveladoras a intermediários misteriosos. E preocupa-me que ele diga que vai tentar trazer mais material para Barley —, disse Ned. — Sabemos que normalmente ele não escreve a Katya. Sabemos também que tem um cuidado extremo no que toca à segurança. E agora, sem mais nem menos, adoece e escreve uma carta de amor perfeitamente arrebatada com cinco páginas, cinco, e manda-a através de uma criatura chamada Igor. Igor de quê? E quando lhe deu a carta? E como a deu?

— Ele devia ter fotografado a carta —, disse Clive, censurando Barley. — Ou então ficava com ela. Uma coisa ou outra.

Ned estava muito concentrado nos seus pensamentos para contemplar tal sugestão com o desdém que ela merecia.

— Como ele poderia? Katya o conhece como editor. É tudo o que ela sabe dele.

— A menos que a Ave Azul lhe tenha contado —, disse Clive.

— Não contou —, respondeu Ned, e logo retornou aos seus pensamentos.

— Havia um carro —, disse. — Um carro vermelho e depois um carro branco. Vocês viram o relatório dos informantes. O carro vermelho apareceu primeiro, depois o carro branco substituiu-o.

— Isso é pura especulação. Num domingo quente, toda Moscou vai para o campo —, disse Clive com um ar de entendido.

Por um momento Clive aguardou uma reação, mas em vão, pelo que retornou ao assunto da carta. — Katya não teve qualquer problema com a carta —, objetou. — Katya não desatou a chorar, pelo contrário,

deu saltos de contente. Se ela não viu tramoia nenhuma naquilo tudo, se Scott Blair também não viu, por que cargas d'água preocupar-nos por eles, nós que, afinal, estamos aqui em Londres e não no campo de operações?

— Ele pede a lista de compras —, disse Ned, como se ainda estivesse a ouvir música distante. — Uma lista de questões exaustivas e definitiva. Por quê? Por que razão?

Sheriton tinha finalmente se mexido. Com a sua mão enorme acenava a Ned para que se acalmasse. — Ned, Ned, Ned, Ned. Bom, estamos outra vez de volta ao Dia Um, não admira que estejamos nervosos. Vamos dormir um pouco.

Levantou-se, tal como eu e Clive. Mas Clive ficou teimosamente quieto no seu lugar, as mãos juntas sobre a mesa.

Sheriton insistiu. Com afeto, mas também com determinação. — Ned, pode ouvir só por um momento? Ned?

— Eu não sou surdo.

— Não é surdo, mas está cansado. Ned, se começamos a falar mal e a desconfiar desta operação, então aí é que ela não se acerta. Esta é uma operação realizada pelo seu homem, aquele que vocês levaram à ilha com o intuito de nos convencerem. Movemos céu e terra para chegarmos a este ponto. Temos a fonte. Temos verba. Temos a audiência influente. Estamos a um passo de obter informações que nenhuma máquina sofisticada, que nenhuma criatura eletrônica, que nenhum jesuíta do Pentágono poderia obter nos séculos mais próximos. Se nos mantivermos calmos, nós, Barley e a Ave Azul ficaremos com uma mina que ultrapassará em muito os sonhos dos mais consumados fantasistas. Mas para isso precisamos ficar calmos.

Mas Sheriton estava falando com demasiada convicção e o seu rosto, apesar de indecifrável, de tão rechonchudo que era, traía uma insegurança quase desesperada.

— Ned?

— Estou ouvindo, Russel. Estou ouvindo perfeitamente.

— Ned, por amor de Deus, isto já não é uma empresa familiar. Apostamos, investimos forte, portanto agora temos de pensar nos mesmos termos. Não era possível conseguir melhor. As decisões presidenciais não são um convite para que duvidemos dos nossos próprios pontos de vista. Decisões presidenciais são ordens. Ned, francamente acho que devia ir dormir.

— Não acho que eu esteja cansado —, respondeu Ned.

— Pois eu acho que está. Acho que qualquer pessoa dirá o mesmo que eu. E talvez digam mesmo que Ned deixou de apostar em cheio nesta operação a partir do momento em que o lobo mau americano levou seu homem. Então, de repente, a Ave Azul passou a ser uma fonte muito problemática. Acho que as pessoas vão dizer que você está mesmo muito cansado.

Nesse momento olhei para Clive. Clive fitava também Ned, mas nos seus olhos havia tamanha frieza que não pude deixar de ficar inquieto. Hora de mexer, era o que seus olhos diziam. Hora de te chutar.

Nesse dia, tanto Henziger como Wicklow acompanharam atentamente Barley e enviaram informações frequentes acerca dos seus movimentos. Henziger via Cy, através de meios que só eles conheciam. Wicklow via Paddy, através de um irregular. Ambos referiram a sua boa disposição, os seus modos descontraídos e, usando linguagens diversas, a sua independência. Ambos descreveram como ele soube encantar um casal de editores finlandeses que se mostravam interessados no projeto da Ferrovia Transiberiana.

— Ele dominou-os por completo —, disse Wicklow, fornecendo uma imagem inconscientemente cômica' daquele pequeno-almoço, mas a verdade é que no Mejtudo era possível.

Ambos se referiram divertidamente à determinação de Barley em atuar como guia turístico dos dois antes de chegarem à feira, e o fato de ele ter obrigado o táxi a deixá-los no fim da grande avenida, para que pudessem fazer o caminho a pé, quais peregrinos acabando de deixar o mundo do capitalismo.

Assim, os dois espiões profissionais deram um alegre passeio, sob um úmido sol de Outono, com os casacos pelas costas, com o seu homem, o novato Barley, no meio. Barley que os obsequiava com uma excêntrica — ou muito sua — viagem guiada, exaltando a arquitetura do último período Essoldo — e os jardins — revolucionários rococós —. Fez depois o elogio do imenso tanque ornamental, com os seus peixes dourados vomitando jatos de água para os rabos de quinze ninfas nuas e igualmente douradas, cada uma das quais representando uma das quinze repúblicas socialistas. Insistiu para que parassem um pouco frente aos retiros do amor, aos templos das delícias com os seus enormes pilares brancos, e cujos portais eram dedicados não a Vênus

nem a Baco, mas sim às precárias deusas da economia soviética — o carvão, o aço e até a energia atômica, vejam só!

— Estava bem-humorado, espirituoso, mas não estava bêbedo —, referiu Henziger, que já em Leningrado tinha ficado a gostar de Barley. — Foi divertidíssimo.

E depois dos templos, Barley conduziu-os pela triunfal avenida, o Passeio do Imperador, talvez uma milha de comprimento e sabe-se lá quanto de largura, celebrando as Realizações do Povo ao Serviço da Humanidade. Decerto nunca a visão do poder popular deu origem a imagens tão despóticas como estas!, proclamou. Decerto nenhuma Revolução acabou por venerar tanto como esta tudo o que tinha demolido! Mas nesse momento já Barley tinha de berrar as suas irreverências por causa do alarido dos alto-falantes, que despejavam durante todo o dia torrentes de mensagens autocongratulatórias para cima das cabeças das multidões ignorantes.

Até que chegaram — e alguma vez tinham de chegar — aos dois pavilhões que abrigavam a feira.

— À minha direita, os editores da Paz, do Progresso e da Boa-Vontade —, anunciou Barley, fazendo o papel de árbitro num combate de boxe. — À minha esquerda, os distribuidores das mentiras fascistas e imperialistas, os pornográficos, os envenenadores da verdade. Segundos fora. Podem começar!

Mostraram os passes e entraram.

O stand da muito recente e geograficamente confusa Potomac & Blair constituía a sensação da feira, uma pequena sensação, é certo, mas inteiramente satisfatória. O símbolo P & B, que Langley, com tanto amor, criara, resplandecia entre as exposições desmazeladas da Astral Press e da Purbeck Media. A concepção e a decoração do interior do stand, sem grande aparato mas denotando bom gosto incontestável, segundo as palavras dos arquitetos de Langley, eram para provocar um impacto imediato. Os objetos expostos, muitos deles, como era costume, réplicas de livros que ainda não tinham entrado na linha de produção — haviam sido tratados com toda a atenção ao pormenor que os serviços de espionagem tradicionalmente concedem às falsificações. Além disso, o único café em condições da feira borbulhava numa engenhosa máquina, no cubículo dos fundos da P & B. E lá estava Mary Lou, diretamente vinda de Langley, para o servir. Para os poucos privilegiados, havia mesmo um cheirinho proibido de scotch para os ajudar na labuta diária — proibido, evidentemente, por especial decreto da organização, para a qual até a reconstrução literária deveria ser obra de homens sóbrios.

E Mary Lou, com o seu sorriso simples de mocinha e sua saia de tweed, era um verdadeiro produto natural da parte mais simpática da Madison Avenue. Ninguém adivinharia, por certo, que também ela tinha um fiozinho de Langley debaixo da saia.

E Wicklow, com a sua conversa, tão polida quanto fiada, passava perfeitamente por um daqueles jovens editores de olho rápido e ascensão ainda mais rápida que agora há aos centos.

Quanto ao honesto Jack Henziger, ele era o arquétipo do aventureiro instalado do moderno negócio do livro americano. Não escondia os seus antecedentes, longe disso. Oleodutos no Médio Oriente, humanidade no Afeganistão, feijão vermelho para as tribos do ópio na Tailândia — tudo isso Henziger vendera; só faltava saber o que vendera, em nome de Langley, nas suas horas vagas. Mas o seu coração estava com os livros, e ali estava ele para o provar.

E Barley parecia divertir-se com o artifício. Entregou-se a ele de alma e coração, como se o artifício fosse para ele uma realidade há muito perdida, trocando cumprimentos, recebendo os parabéns de

competidores e colegas, até que, por volta das onze, se confessou impaciente e propôs a Wicklow que desse uma volta pelas trincheiras para confortar as tropas.

E assim fizeram. Barley levava um maço de envelopes brancos, que ia distribuindo por mãos antecipadamente selecionadas, enquanto gritava saudações e abria alas por entre o engarrafamento de visitantes e expositores.

— Macacos me mordam se não é Barley Blair! —, exclamou uma voz familiar no meio de uma exposição multilíngue de Bíblias ilustradas. — Lembra-se de mim? Eu era o terceiro a contar da esquerda com ceroulas de pele, mas claro que éramos todos pobrezinhos...

— Spikey! Com que então deixaram você entrar outra vez! —, comentou Barley com evidente satisfação, e entregou-lhe o respectivo envelope.

— O que me preocupa não é se me deixam entrar, mas sim se me deixam sair. Não me apresenta seu paizinho?

Barley apresentou-lhe o distinto editor Wicklow, e Spikey Morgan de imediato lhe concedeu sua bênção sacerdotal com dedos manchados de nicotina.

Seguiram em frente, mas logo tropeçaram em Dan Zeppelin. Dan não falava. Dan conspirava num murmúrio de coveiro, debruçado sobre o balcão com os braços cruzados.

— Diga-me uma coisa, Barley, só uma coisa. O que somos nós, somos pioneiros ou uns estupores? Quer dizer, há uns quantos livros que não eram livros mas que são livros este ano. Há uns quantos escritores que não eram escritores que saíram da prisão. Enfim, um grande negócio. Mas hoje de manhã entro no meu stand e não é que dou com um sujeito tirando livros das minhas estantes? “Posso fazer uma pergunta pessoal?”, disse eu. “Que raio você está fazendo aí com os meus livros?”; “São ordens”, respondeu ele. “Seis livros, confiscou-me seis livros. Mary G. Ambleside, A Consciência Negra nas Canções e nas Palavras. Ordens! Quer dizer, mas afinal quem somos nós, Barley? E quem são eles? O que eles acham que estão reestruturando, quando nunca houve sequer uma estrutura? Como se reestrutura um cadáver?”

Na Lupus Books, mandaram-nos para o café, onde o nosso Presidente em pessoa, o recentíssimo cavaleiro Sir Peter Oliphant, tinha reservado uma mesa, conseguindo desviar muitas atenções em princípio reservadas aos russos. Um aviso bilíngue escrito à mão confirmava o

seu triunfo. As bandeiras da Grã-Bretanha e da União Soviética tiravam qualquer dúvida aos céticos. Rodeado de intérpretes e altos funcionários, Sir Peter perorava sobre as muitas vantagens que os soviéticos teriam se subsidiassem as generosas compras que pretendia fazer.

— Mas é o Conde! —, exclamou Barley, entregando-lhe um envelope. — Só lhe falta o diadema!

Quase sem pestanejar, o grande homem continuou a sua dissertação. No stand israelita reinava uma paz armada. Algumas pessoas faziam fila, soturnas, ordenadas e mudas. Rapazes de jeans e tênis esperavam encostados à parede. Lev Abramovitz era um homem de cabelo totalmente branco e extremamente alto. Tinha servido nos Irish Guards, da infantaria do Exército Britânico.

— Lev. Que tal vai o Sião?

— Talvez estejamos a vencer, talvez seja o princípio de um fim feliz —, respondeu Lev, metendo no bolso o envelope de Barley.

Vencida a etapa israelita, e com Barley conduzindo as operações a meio-galope, abriram caminho entre a multidão que se acumulava no átrio, e entraram no Pavilhão da Paz, do Progresso e da Boa-Vontade, onde já não podia haver dúvidas de que se estava a assistir a uma gigantesca reviravolta histórica. Sobre quem eram os seus autores, também já não estava qualquer dúvida.

Todas as bandeiras e todos os bocadinhos de parede berravam o novo Evangelho. Em todos os stands de todas as Repúblicas, os pensamentos e os escritos do novo profeta que já não era assim tão novo, com o sinal de nascença censurado e um sorriso de orelha a orelha, surgiam engalanados ao lado dos do seu descolorido mestre, Lênin. No Stand da VAAP, onde Barley e Wicklow apertaram umas quantas mãos e Barley derramou uma fornada de envelopes, os discursos do Chefe, embrulhados em capas brilhantes e traduzidos para inglês, francês, espanhol e alemão, produziam um apelo perfeitamente resistível.

— Quanta mais merda desta teremos de engolir, Barley? —, perguntou-lhe no caminho, em voz quase sumida, um editor de Moscou, muito louro e branco. — Quando é que eles começam a reprimir-nos outra vez para nós ficarmos sossegados? Se o nosso passado é uma mentira, quem é que nos garante que o nosso futuro não será também uma mentira?

Prosseguiram a sua caminhada ao longo dos stands. Barley sempre à frente, Barley saudando, Wicklow seguindo-o.

— Joseph! É um prazer voltar a vê-lo! Aqui tem um envelope para você. Não o coma todo já.

— Barley! Meu amigo! Não lhe deram a minha mensagem? Se calhar não deixei mensagem nenhuma.

— Yuri, como está? Que bom voltar a vê-lo! Aqui tem seu envelope.

— Apareça esta noite para bebermos uns copos, Barley! Vêm o Sasha e a Rosa. O Rudi dá um concerto amanhã, por isso quer ficar sóbrio. Ouviu falar dos escritores que eles libertaram? Ouça, isto são coisas da aldeia Potenkin. Deixam que saiam, dão-lhes algumas refeições, mostram-nos ao público e enjaulam todos outra vez dentro até o próximo ano. Venha cá, tenho de lhe vender uns livros para chatear o Zapadny.

De início, Wicklow nem percebeu que tinham chegado ao destino. Viu um estandarte romano coberto com bandeiras desbotadas e letras douradas costuradas. Ouviu Barley gritando. — Katya, onde você está? — Mas nada indicava de quem era o stand e provavelmente o que via era apenas parte da exposição, pois o resto ainda não teria chegado. Viu os livros do costume, absolutamente ilegíveis, acerca do desenvolvimento agrícola na Ucrânia e das danças tradicionais da Georgia, expirando nas prateleiras maltratadas de exposições e feiras anteriores. Viu a habitual meia dúzia de mulheres de ancas largas às voltas por ali como se estivessem à espera de um trem, e um sujeito pequenino com barba por fazer agarrado no cigarro como se fosse uma vara mágica, olhando com cara de poucos amigos o crachá de Barley.

Nasayan, leu Wicklow, Grigory Tigranovich. Primeiro Editor, Publicações Outubro.

— Está procurando Miss Katya Orlova, não é verdade? —, perguntou Nasayan a Barley em inglês, segurando ainda mais alto o cigarro, como se quisesse iluminar o outro para ver melhor.

— Parece que sim! —, respondeu bem disposto Barley, e duas das mulheres sorriram.

Um terrível esgar de cortesia colara-se ao rosto de Nasayan. Dando ao cigarro um movimento floreado, Nasayan afastou-se e Wicklow logo reconheceu Katya pelas costas. Estava falando com dois asiáticos de baixa estatura, que lhe pareceram birmaneses. Então,

instintivamente, Katya virou-se e viu Barley primeiro, depois Wicklow, e de novo olhou para Barley, com um sorriso esplêndido que lhe iluminava todo o rosto.

— Katya! Genial —, disse Barley timidamente. — Como estão as crianças? Sobreviveram?

— Ah, obrigada, estão muito bem! — Sob os olhares de Nasayan e de suas damas, bem como de Wicklow, Barley entregou-lhe um convite para a grande e glasnóstica festa da Potomac & Blair.

— Ah, a propósito, é muito possível que eu tenha perder algumas festanças desta noite —, observou Barley, no caminho de regresso ao pavilhão ocidental. — Você, Jack e Mary Lou terão de se virar sozinhos. Vou jantar com uma bela dama.

— E alguém que conhecemos? —, perguntou Wicklow e ambos desataram a rir. Era um dia de sol radiante.

Ela está bem, pensava satisfeito Barley. Se alguma coisa está acontecendo, ainda não a atingiu

Não sei até que ponto algum de nós entendeu ou adivinhou os sentimentos de Barley em relação a Katya. Num caso tão escrupulosamente dirigido e controlado, a questão do amor era muito simplesmente desvalorizada.

Wicklow, conhecido por levar uma vida ativamente promíscua, adotava em relação a Barley uma atitude puritana. Talvez o fato de ser jovem o impedisse de levar muito a sério uma paixão tardia. Para Wicklow, aquele episódio não passava de mais um desvario entre os inúmeros desvarios da vida de Barley. Para ele, pessoas na idade de Barley não se apaixonavam.

Henziger, que não andava longe da idade de Barley, considerava o sexo prerrogativa da vida secreta, tão vulgar quanto inofensiva. Para ele, era óbvio que uma pessoa honesta e leal como Barley saberia acomodar o corpo ao dever. Tal como Wicklow, embora por razões diferentes, não via nada de excepcional nos ternos sentimentos de Barley em relação a Katya e operacionalmente achava-os mesmo muito recomendáveis.

E em Londres? Em Londres não havia um ponto de vista único, um ponto de vista rigorosamente definido. Na ilha, Brady tinha dito tudo o que era preciso dizer sobre o caso, mas a sua intervenção fora rejeitada e, com ela, a sua opinião de que Barley estava apaixonado.

E Ned? Ned tinha uma esposa com uma mente tão de caserna quanto a dele, e igualmente pouco atenta aos meandros do amor. Mostrem-me um só tipo que seja que, num país hostil, não fique de amores com uma cara bonita, se ela estiver do seu lado contra o mundo — costumava ele dizer com um sorriso pesaroso.

E Bob, Sheriton e Johnny pareciam todos ter concluído, por diferentes vias, que a vida privada e os apetites de Barley eram de uma complexidade tão decadente, que o melhor seria ignorá-los pura e simplesmente.

E que pensava Palfrey, o velho Palfrey, que a todo o momento coma para Grosvenor Square e que, se não podia lá ir, telefonava para Ned a perguntar — pelo nosso homem — ?

Palfrey pensava em Hannah. A Hannah que amara e continua a amar, como só os cobardes sabem amar. A Hannah cujo sorriso fora em tempos tão quente e intenso quanto o de Katya. — És um bom

tipo, Palfrey —, diz ela, controlando-se a todo o custo, nos dias em que tenta entender-me. — Achará um caminho. Talvez não agora, mas um dia, achará. — E Palfrey encontrou de fato um caminho! Alegou a norma — essa norma tão conveniente que diz que um jovem advogado apanhado em flagrante delito de adultério fica ipso facto sem saída possível. Alegou os filhos, dela e dele — é uma questão que envolve tanta gente, minha querida. Alegou o casamento, o grande sacana — como é que eles se vão ver sem nós, minha querida, o Derek nem cozer um ovo sabe. Alegou a sociedade, e quando a sociedade se dissolveu, enterrou a sua estúpida cabeça nas areias do deserto secreto, onde nenhuma Hannah conseguiria voltar a encontrá-lo. E teve mesmo a desfaçatez de alegar o dever — mas, minha querida, os Serviços nunca me perdoariam um divórcio sujo -

não, nunca aceitariam que o seu conselheiro legal fizesse uma coisa dessas.

Pensava também na ilha. Na noite em que eu e Barley demos uma volta pela praia dos seixos e ficamos vendo o banco de nevoeiro avançando na nossa direção por sobre as ondas cinzentas do Atlântico.

— Nunca a deixariam sair, não é? —, perguntou Barley. — Quer dizer, se as coisas correrem mal, é evidente que não deixam.

Não respondi e não creio que Barley esperasse uma resposta minha, mas não havia dúvida que ele tinha razão. Ela era uma cidadã cem por cento soviética e cometera um crime cem por cento soviético. Não havia para o caso dela qualquer possibilidade de negociação.

— De todo modo, ela nunca deixaria os filhos —, disse ele, confirmando as suas próprias dúvidas.

Por um momento contemplou o mar, os seus olhos fitando Katya, os meus fitando Hannah, Hannah que também nunca deixaria os seus filhos, mas que queria trazê-los com ela, e que queria transformar num homem honesto um advogado rotineiro e obcecado com a carreira, que ia para a cama com a mulher do seu sócio mais velho.

— Raymond Chandler! —, gritou o tio Matvey da sua cadeira, vencendo o clamor das televisões dos vizinhos.

— Fantástico —, disse Barley. — Agatha Christie!

— Ah, e Agatha.

— Dashiell Hammett! Dorothy Sayers, Josephine Tey. — Barley sentou-se no sofá para onde Katya o conduzira. A sala de estar era minúscula. Seus braços abertos quase a abarcariam. Um armário de canto com portas de vidro continha os tesouros da família. Katya tinha-os já apresentado ao visitante. As canecas de cerâmica, feitas por um amigo quando ela se casara, com medalhões retratando o noivo e a noiva. O serviço de café de Leningrado, a que já faltavam peças e que tinha pertencido à senhora da fotografia emoldurada

da prateleira de cima. A velha fotografia em sépia de um casal tolstoiano, o homem, de barba, um rosto resoluto sobre os colarinhos brancos engomados, a jovem com o seu gorro e o seu regalo de pele.

— O Matvey adora livros policiais —, gritou Katya da cozinha, onde ainda tinha algumas coisas a fazer.

— Eu também —, respondeu Barley, ainda que mentisse. — Ele está dizendo que os policiais não eram permitidos no tempo dos czares. Nunca teriam tolerado tal intromissão em seu sistema policial. Já se serviu de vodca? Não dê mais ao Matvey, por favor. Tem de comer

qualquer coisa. Nós não somos alcoólatras como vocês, ocidentais. Não bebemos sem comer.

Sob o pretexto de examinar os livros dela, Barley instalou-se no estreito corredor, de onde podia vê-la perfeitamente. Jack London, Hemingway e Joyce, Dreiser e John Fowles. Heine, Remarque e Rilke. Os gêmeos estavam no banheiro, em alegre conversa. Observou-a através da porta aberta da cozinha. Havia nos seus gestos uma demora deliberada, um jeito esquivo a qualquer pressa. Voltou a ser a Katya russa, pensou. Quando as coisas funcionam, ainda bem. Quando não funcionam, é a vida, o que se há de fazer. Na sala de estar, Matvey continuava a tagarelar alegremente.

— O que diz ele agora? —, perguntou Barley.

— Está falando do cerco.

— Amo você. — Os habitantes de Leningrado recusaram-se a aceitar a derrota —. Katya preparava croquetes de fígado com arroz. As mãos pararam por um momento, após o que regressaram ao trabalho. — Shostakovich continuou a compor apesar de a tinta gelar no seu tinteiro. Os romancistas continuaram a escrever, bastava ir às celas certas para se ouvir todas as semanas um capítulo de um novo romance.

— Amo você —, repetiu. — Todos os meus fracassos foram apenas etapas para chegar a você. É um fato. Indiscutível.

Katya soltou um suspiro profundo e ambos ficaram em silêncio, surdos por um momento ao animado monólogo de Matvey e ao ruído de pés chapinhando que vinha do banheiro.

— O que ele está dizendo agora? —, perguntou Barley.

— Barley... —, protestou ela.

— Por favor. Traduza o que ele dizendo.

— Os alemães estavam a quatro quilômetros da cidade, ao sul. Cobriram os arredores com fogo de metralhadora e bombardearam o centro com artilharia. — Katya passou-lhe as toalhas de mesa individuais e as facas e os garfos e seguiu-o até a sala de estar. — Duzentos e cinquenta gramas de pão para um operário, para os outros cento e vinte e cinco. Barley, você está mesmo fascinado pelo Matvey ou o seu interesse é motivado apenas pela cortesia, como de costume?

— É um amor maduro, um amor absoluto, arrebatador, um amor de que todo o egoísmo está ausente. Nunca senti nada que se assemelhasse a isto. Achei que você devia ser a primeira a saber.

Matvey sorria radiante para Barley, numa expressão de pura adoração. O seu novo cachimbo inglês brilhava no bolso de cima. Katya olhou para Barley, por um momento suportou seu olhar fixo, depois desatou a rir e abanou a cabeça, não porque quisesse negar algo, mas porque se sentia aturdida. Os gêmeos irromperam na sala em correria, já com os roupões vestidos e Barley segurou-os, fazendo-os balançar em suas mãos. Katya conduziu-os para a mesa e pediu a Matvey que se sentasse à cabeceira. Barley sentou-se ao lado dela, enquanto ela servia a sopa de couve. Com prodigiosa exibição de força, Sergey tirou a rolha de uma garrafa de vinho, mas Katya beberia apenas meio copo e a Matvey só era permitida a vodca. Anna levantou-se para ir buscar um desenho que tinha feito depois de uma visita à Academia Timiryasev: cavalos, um trigal de verdade, plantas que sobreviviam à neve. Matvey contava a história do velho da oficina em frente, e uma vez mais Barley insistiu em não perder palavra.

— Era um velho que o Matvey conhecia, um amigo do meu pai —, disse Katya. — Tinha uma oficina. Passou tanta fome e estava tão fraco que decidiu se amarrar a uma máquina para não cair. Foi assim que Matvey e meu pai o encontraram, mas já estava morto. Amarrado à máquina. Gelado. Matvey também quer que você saiba que usava um distintivo luminoso no casaco — e Matvey indicava com orgulho o lugar onde usava o distintivo — para não chocar com os amigos na escuridão, quando iam buscar água de balde no Neva. Pronto. Já chega de Leningrado —, disse ela firmemente. — Tem-se mostrado muito generoso, Barley, aliás como é seu hábito. Espero que, além de generoso, seja sincero.

— Nunca fui tão sincero em toda a minha vida. — Barley estava em meio de um brinde à saúde de Matvey quando o telefone começou a tocar ao lado do sofá. Katya ergueu-se num segundo, mas Sergey se adiantou. Levantou fone, escutou, mas logo em seguida desligou, abanando a cabeça.

— Há sempre enganos —, disse Katya, e começou a distribuir os pratos para os croquetes.

Havia apenas o quarto dela. Havia apenas a cama dela. As crianças tinha ido para a cama e Barley podia ouvir a sua respiração ruidosa. Matvey deitara-se no seu saco-cama do exército na sala de estar, e já sonhava com Leningrado. Katya estava sentada numa

cadeira, muito reta, e Barley, a seu lado, segurava a mão dela, enquanto fitava seu rosto emoldurado pela janela sem cortinas.

— Também amo Matvey —, disse ele.

Katya aquiesceu e soltou um risinho. Ele encostou os nós dos dedos em seu rosto e descobriu que ela estava chorando.

— Claro que não gosto dele da mesma maneira que gosto de você —, explicou. — Gosto de crianças, de tios, de gatos, de cães e de músicos. A Arca, toda a Arca, é inteiramente da minha responsabilidade. Mas você eu amo tão profundamente que tenho até vergonha de dizer. Ficaria muito grato se encontrássemos um jeito de me calar. Olho para você e fico tonto com o som da minha voz. Quer que lhe escreva?

Então, com ambas as mãos, Barley puxou o rosto dela e a beijou. Depois, conduziu-a até a cabeceira da cama, pôs a cabeça dela sobre o travesseiro e a beijou de novo, primeiro nos lábios e depois nos olhos fechados e molhados, enquanto os braços dela o prendiam pelas costas e o colavam a ela. Então, de repente, ela o afastou, saltou da cama e num instante correu ao quarto dos gêmeos. Num instante voltou e, lentamente, fechou a porta à chave.

— Se as crianças aparecerem, você se veste e armamos o ar mais sério do mundo —, avisou ela, beijando-o.

— Posso dizer a eles que a amo?

— Pode, mas eu não traduzo.

— E a você, posso dizer?

— Muito baixinho.

— Assim. Traduz? — Ela não chorava mais, mas não sorria. Olhos negros, determinados, procurando, perscrutando como os dele. Um abraço sem reservas, nenhuma cláusula escondida, nenhum aditamento em letra miúda ao acordo que se firmava.

Nunca vira Ned naquela disposição. Tinha-se transformado no Jonas da sua própria operação e o seu severo estoicismo tornava ainda mais insuportáveis os maus presságios que resolvera propalar. Na sala de controle, sentava-se à sua mesa como se presidisse um tribunal marcial, enquanto Sheriton se refestelava na cadeira ao lado como um ursinho de pelúcia inteligente. E quando eu saía com ele para jantar no Connaught, onde por vezes levava Hannah, e o acompanhava rua abaixo à velocidade louca do seu passo e lhe proporcionava um jantar magnífico, capaz de compensar qualquer espera, a sua máscara ausente permanecia impenetrável.

A verdade é que o seu pessimismo estava a afetar seriamente a minha própria disposição. Sentia-me num balanço. Clive e Sheriton estavam numa das pontas. Ned era o contrapeso. E como eu não sou propriamente um especialista em tomar decisões, mais perturbado ficava ao ver um homem normalmente tão incisivo resignar-se por completo ao ostracismo.

— Você está vendo fantasmas, Ned —, disse eu com um pouco da convicção de Sheriton. — Você fica matutando sobre coisas que não passaram pela cabeça de mais ninguém. Está bem, pronto, o caso já não é seu, já não se trata do seu caso. Mas isso não significa que estejamos perante um malogro. Bom, mas a sua credibilidade vai, digamos, decaindo.

— Uma lista definitiva e exaustiva —, repetiu Ned, como se um hipnotizador lhe tivesse metido a frase na cabeça. — Definitiva por quê? Exaustiva por quê? Podem responder? Quando eles se encontraram em Leningrado, Goethe nem aceitou o questionário preliminar. Jogou-o positivamente na cara de Barley. Agora, pelo contrário, pede a lista de compras toda e de uma só vez. É ele que pede. A lista definitiva. Tudo. E temos de ter a lista pronta no fim de semana. Depois disso a Ave Azul não responde a mais nenhuma pergunta dos homens cinzentos. “Esta é a sua última oportunidade”: é isso que ele está dizendo. Por quê?

— Tente ver o caso com os olhos dele por um minuto —, supliquei-lhe eu num murmúrio desesperado, depois de o criado dos vinhos nos ter trazido uma segunda garrafa de um clarete tão notável que nenhum dinheiro o pagaria. — Muito bem. Os soviéticos deram-lhe a volta. Ele agora está do lado errado. Os soviéticos controlam-no. Mas se o controlam, por que carga de água é que vão encerrar o caso precisamente agora? Porque não aguentam e aproveitam para nos trapacearem? Você não pararia neste momento se estivesse no lugar deles. Não nos poria um ultimato, não nos imporia prazos. Ou estou enganado?

A resposta dele arruinou por completo o melhor e mais caro jantar que eu alguma vez oferecera a um camarada de ofício.

— Talvez me visse obrigado a fazer tudo isso —, disse ele. — Se fosse russo...

— Por quê?

O brutal desapego da sua voz tornou ainda mais gélidas as suas palavras.

— Porque é muito possível que ele já não esteja em condições de se mostrar seja a quem for. Porque talvez já não esteja em condições de falar. Ou de pegar no talher. Ou de pôr sal no frango. É muito possível que tenha feito algumas declarações voluntárias sobre sua encantadora amada de Moscou, a qual não fazia ideia nenhuma, mas rigorosamente nenhuma, da gravidade dos seus atos. É muito possível que ...

Voltamos a pé para Grosvenor Square. Barley tinha deixado o apartamento de Katya à meia-noite, hora de Moscou, e regressara ao Mej, onde Henziger esperara por ele sentado no hall, lendo ostensivamente um manuscrito.

Barley estava extremamente bem disposto mas não tinha qualquer novidade. Tinha passado uma noite em família, uma simples noite em família, mas apesar de tudo divertida — foi isso o que disse a Henziger. E a visita ao hospital continuava de pé, acrescentou.

No dia seguinte, nada. Um espaço em branco. Espionar é esperar.

Espiar é a angústia de assistir ao declínio de Ned. Espiar é levar Hannah ao meu apartamento em Pimlico entre as quatro e as seis, as duas horas de uma suposta aula de alemão, embora não faça sentido nenhum que ela tenha aulas de alemão. Espiar é imitar o amor, e estar atento às horas, não vá ela chegar atrasada para dar o jantar a seu querido Derek.

lam no carro de Volodya. Ela o pedira emprestado para a noite. Barley tinha de esperar por ela à saída do metrô do Aeroporto, às nove horas, e às nove em ponto o Lada encostou precariamente para ele entrar.

— Você não devia ter insistido —, disse ela. Os blocos de torres reluziam nas alturas, mas nas ruas caía já a atmosfera ameaçadora do despovoamento. Odores de outono percorriam o ar úmido da noite. Uma meia-lua, envolta num manto de névoa, acompanhava-os na viagem. De vez em quando as suas mãos se tocavam. De vez em quando as suas mãos se prendiam num abraço violento. Barley olhava atentamente para o retrovisor. Estava quebrado e faltavam alguns pedaços, mas mesmo assim conseguia ver os carros que os seguiam sempre a alguma distância. Katya virou à esquerda, mas nenhum dos carros os ultrapassou.

Katya não falava, Barley a imitava. Como ela sabia onde era ou não seguro falar?, interrogava-se Barley. Onde teria aprendido as regras do ofício? Na escola? As moças mais velhas ensinariam às mais novas? Ou teria sido o médico da família, naquela conversazinha muito séria por volta do segundo ano de puberdade? — Minha filha, chegou sua hora de aprender que os carros e as paredes também têm ouvidos. Tal qual as pessoas...

Seguiram depois por uma estrada secundária cheia de buracos, até estacionarem num parque inacabado.

— Faça de conta que é um médico —, avisou ela por cima do teto do carro. — Tem de parecer exatamente um médico.

— Eu sou um médico —, respondeu Barley. Nenhum deles brincava. Avançaram por um labirinto de charcos que a lua iluminava, até chegarem a uma entrada coberta com toldo de amianto, a qual conduzia às portas duplas e a um balcão de recepção vazio. Barley sentiu os primeiros cheiros de hospital, os odores penetrantes de qualquer hospital: desinfetante, cera, fluidos cirúrgicos. Com passo firme, Katya, conduziu-o por uma entrada circular de cimento sarapintado e um corredor revestido de linóleo. Passaram depois por um balcão de mármore, guardado por algumas mulheres de ar taciturno. Um relógio marcava dez e vinte e cinco. Com o ar intencionalmente

compenetrado de quem tinha responsabilidades, Barley comparou-o a seu relógio. O do hospital estava atrasado dez minutos. O corredor seguinte estava cheio de vultos afundados em cadeiras de cozinha.

A sala de espera era uma catacumba sombria suportada por pilares, com um estrado numa das extremidades. Na outra, portas giratórias davam para os lavabos. Alguém tinha improvisado uma luz temporária para indicar o caminho. A essa luz tênue, Barley conseguiu descortinar cabides atrás de um balcão de madeira, macas das salas de cirurgia estacionadas e, encostado ao pilar mais próximo, um telefone antigo. Junto à parede, havia um banco. Katya, sentou-se, Barley sentou-se ao lado dela.

— Ele tenta sempre ser pontual. Às vezes se atrasa por causa da ligação —, disse ela.

— Posso falar com ele?

— Ele ficaria furioso.

— Por quê?

— Se eles ouvem falar inglês numa chamada interurbana, é óbvio que ficam logo alertas.

Junto às portas giratórias um homem com a cabeça envolta em ataduras, fazendo lembrar um soldado cego acabado de chegar da frente, encaminhava-se para os lavabos das senhoras no momento em que duas mulheres saíam. As mulheres agarraram-no pelos braços e o conduziram à porta certa. Katya abriu a bolsa, tirou um caderno e uma caneta.

Ele vai tentar às dez e quarenta, disse ela. Às dez e quarenta tentará a primeira ligação. Não falará muito tempo, disse ela. É imprudente falar muito tempo, mesmo quando os telefones são seguros.

Katya, levantou-se e encaminhou-se para o telefone, abaixando-se, como um soldado na trincheira, sob o balcão da chapelaria.

Talvez ele diga que a ama, pensou Barley. “Amo-a tanto que arrisco sua vida por mim”. Talvez lhe diga isso. Ou se limitará à conversa fiada da carta? Ou dirá que ela é um preço aceitável para lavar sua alma inquieta?

Katya estava de lado para ele, fitando atentamente as portas giratórias. Teria entrevisto algum perigo? Teria ouvido alguma coisa? Ou a sua mente estava já longe, com Yakov?

É assim que ela fica quando está à espera dele, pensou Barley — como alguém que está pronto a esperar o dia inteiro.

O telefone soltou um toque rouco, como se tivesse poeira na laringe. Um sexto sentido tinha-a já guiado na direção ao telefone, que por isso não grasnou segunda vez. Barley estava perto, mas mal situado para poder ouvir a voz dela no meio do tumulto de fundo do hospital. Katya tinha-lhe virado as costas, provavelmente por um desejo de privacidade, e tapava o ouvido esquerdo para ouvir melhor o amante. Barley só conseguia ouvi-la dizer sim, sim, sim submissamente.

Deixe-a em paz!, pensou furioso. Já lhe disse e vou voltar a dizer neste fim de semana. Deixe-a em paz, não a envolva. Trate disso com os homens cinzentos ou comigo!

O caderno aguardava aberto em cima de uma prateleira precária pregada ao pilar. Em cima do caderno, a caneta. Katya não tinha tocado em nenhum deles. Sim. Sim. Sim. Era isso que eu respondia na ilha. Sim. Sim. Sim. Viu os ombros dela se erguerem e o pescoço afundar-se entre os ombros e assim permanecer, as costas esticarem-se como se ela tivesse respirado muito fundo ou como se um fio de prazer lhe tivesse abalado o corpo. O cotovelo ergueu-se para que a mão colasse ainda mais o fone ao ouvido, para que o som penetrasse mais fundo em sua cabeça. Sim. Sim. E que tal um não, para variar? Não, eu não me vou imolar por você!

A mão que estava livre tinha encontrado o pilar e Barley viu os dedos se retesarem no estuque escuro. Viu a mão muito branca e perfeitamente imóvel e de repente aquela mão o alarmou. Tinha encontrado um ponto de apoio e se colava nele como se fosse o último elo que a ligava à vida. Katya colava-se à face do penhasco e o estuque do pilar era tudo o que a prendia entre o amante e o abismo.

Voltou-se, o receptor ainda preso ao ouvido, e Barley viu finalmente seu rosto. Quem era aquela mulher? Em que se transformara? Pela primeira vez via aquele rosto sem expressão nenhuma, e o telefone esmagado contra a têmpora era o revólver que alguém lhe apontava, ali, naquele instante.

Seu olhar era o olhar de um refém. Então seu corpo começou a deslizar pilar abaixo como se nada mais pudesse mantê-lo ereto. De início foram apenas os joelhos que cederam, mas a cintura logo se esvaiu. Nesse momento, Barley já a segurava. Com um braço prendeu-a pela cintura, com o outro arrancou-lhe o telefone. Encostou-o ao ouvido e gritou — Goethe! —, mas nada mais ouviu senão o sinal e desligou.

Era estranho, mas a verdade é que Barley tinha esquecido até esse momento que era afinal um homem forte. Começaram andando, mas de súbito Katya tentou libertar-se, convulsionada por violenta revolta contra o homem que a prendia. Silenciosamente, disparou o punho fechado contra o maxilar de Barley, com tanta força que, por um momento, ele não viu outra coisa à sua frente senão uma luz estonteante. A reação de Barley foi rápida. Prendeu-lhe as mãos junto ao corpo e puxou-a por baixo do balcão e assim a conduziu ao longo do hospital e do estacionamento. — É uma doente perturbada —, explicava a si mesmo. — Uma doente perturbada ao cuidado do médico.

Agarrando-a ainda, Barley despejou o conteúdo da malinha de mão no carro, encontrou a chave, abriu a porta ao lado do passageiro e empurrou-a para dentro. Depois, deu a volta, abriu a outra porta e sentou-se no lugar do motorista, caso ela tentasse fugir de novo, arrancando subitamente.

— Quero ir para casa —, disse ela.

— Não sei o caminho.

— Leve-me para casa —, repetiu ela.

— Mas eu não sei o caminho, Katya! Vai ter que me dizer! Katya, está ouvindo? — Agarrou-a pelos ombros. — Sente-se direito. Pare de olhar a janela. Onde é a marcha à ré desta porcaria?

Barley começou a experimentar as mudanças mas ela o interrompeu. Pegou a alavanca e brutalmente pôs na **marcha à ré**, fazendo a caixa de mudanças guinchar.

— As luzes —, disse ele. Barley já as tinha localizado, mas mesmo assim obrigou-a a ligá-las, na esperança de que sua raiva a fizesse reagir. Avançou pelo macadame esburacado do parque, mas a meio teve de desviar-se subitamente para evitar uma ambulância que seguia a toda a velocidade. Lama e água saltaram para o para-brisas, mas não havia limpadores porque não estava a chover. Parou novamente o carro, saiu num instante, pegou no lenço e procedeu a uma limpeza rápida que deixou o para-brisas embaçado. Voltou para o carro.

— Esquerda —, ordenou ela. — Mas rápido, por favor. — Não foi por aí que viemos, foi pela estrada à direita. — Essa só tem um sentido. Acelere. — A voz dela era um murmúrio longínquo, mas ele nada podia fazer para a devolver à vida. Ofereceu-lhe o frasco de uísque. Ela repeliu-o. Barley avançava lentamente, ignorando os apelos dela. Faróis

dianteiros reluziam no espelho, sempre à mesma distância. É Wicklow, pensou. É Paddy, Cy, Henziger, Zapadny, o batalhão todo. Os candeeiros de sódio iluminavam intermitentemente o rosto dela, mas era um rosto sem vida. Os olhos dela perdiam-se nas imagens aterradoras que lhe passavam pela cabeça. O punho fechado procurara a boca. Os dentes cravavam-se nas juntas dos dedos.

— Viro aqui? —, perguntou ele asperamente. Mas teve de lhe gritar uma vez mais. — Tenho de virar aqui, Katya?

Ela respondeu-lhe primeiro em russo, depois em inglês. — Agora. À direita. Vá mais depressa.

Aquele era para ele um território absolutamente desconhecido. Cada rua vazia era igual à rua seguinte e à rua anterior.

— Vire agora. — Esquerda ou direita? — Esquerda! — Katya gritou a palavra com toda a força que tinha, uma, duas vezes. Depois do grito vieram as lágrimas, lágrimas como um rio, entre soluços desesperados, sufocantes. Então, gradualmente, os soluços foram-se esbatendo e, quando chegaram ao prédio onde ela morava, já tinham cessado. Barley puxou o travão de mão mas estava partido. Katya não esperou que o carro parasse para abrir a porta. Ele ainda tentou detê-la mas não foi a tempo. Numa corrida, Katya atravessou o passeio e o átrio do prédio, vasculhando na mala à procura das chaves. Encostado à porta, um rapaz com um blusão de couro parecia querer barrar-lhe o caminho. Mas nesse momento já Barley a tinha alcançado e o rapaz desviou-se num ápice para que eles passassem. Katya não esperou pelo elevador ou talvez se tivesse esquecido de que havia um elevador no prédio. Subiu as escadas a correr, seguida de perto por Barley. Passaram por um casal que se abraçava no escuro. No primeiro andar, sentado a um canto, estava um velho completamente embriagado. Subiram mais um lanço, e outro, e outro. Agora era uma velha que estava bêbeda, depois um rapaz. Subiram tantos lanços que Barley chegou a temer que ela se tivesse esquecido do andar em que morava. Até que, de súbito, a viu abrir a porta. Mal entraram, Katya correu para o quarto dos gêmeos, ajoelhou-se junto à cama com a cabeça pairando inquisitiva sobre os filhos, arquejante como um nadador desesperado, um braço arremessado sobre os dois corpos que dormiam.

Uma vez mais só havia o quarto dela. Barley conduziu-a até lá, porque nem mesmo ali, naquele espaço minúsculo, ela sabia o caminho. Katya sentou-se na cama a medo, como se não soubesse a altura que a

cama tinha. Barley sentou-se ao lado dela, fitando o seu rosto apático, os olhos fechados que por um momento se entreabriram para logo se voltarem a fechar, não se aventurando a tocar-lhe porque aquele era um corpo rígido, um corpo em pânico, um corpo longe dele. Katya agarrava um pulso como se ele estivesse partido. Suspirou, um suspiro profundo. Barley pronunciou o nome dela, mas Katya pareceu não o ouvir; depois, pôs-se a pesquisar o quarto, minuciosamente. Fixa a uma das paredes havia uma bancada minúscula que fazia as vezes de toucador e de escrivaninha. No meio de um monte de cartas velhas via-se um caderno idêntico aos que Goethe usava. Uma reprodução de Renoir emoldurada por cima da cama. Barley tirou-a da parede e pô-la sobre o seu colo. O espião experiente rasgou uma folha do caderno, colocou-a sobre o vidro do quadro, tirou uma caneta do bolso e escreveu:

Conte-me. Barley pôs o papel à frente dela, ela leu-o com indiferença, sem

largar o pulso. Encolheu os ombros, sem força. O ombro dela apoiava-se no dele, mas Katya não se dava conta disso. Tinha a blusa aberta e o abundante cabelo negro ficara desgrenhado por causa da corrida. Barley escreveu de novo Conte-me, depois agarrou-a pelos ombros enquanto os seus olhos lhe imploravam com um amor desesperado. Bateu com o indicador na folha. Pegou no quadro e comprimiu-o contra o colo dela para que ela respondesse. Ela fitou o papel e aquele Conte-me, soltou um longo e terrível suspiro e deixou cair a cabeça, de tal modo que Barley deixou de lhe ver o rosto, inteiramente coberto pela caótica cortina do seu cabelo.

Apanharam o Yakov, escreveu ela. Barley pegou na caneta. Quem lhe disse? Yakov, respondeu ela. O que lhe disse ele exatamente? Vem a Moscou na sexta-feira. Encontra você no apartamento de Igor às vinte e três horas. Traz-lhe mais material e responderá às suas perguntas. Leve uma lista com questões precisas. Será a última vez. Deve levar-lhe notícias sobre a publicação, datas, pormenores. E leve um bom uísque. Ele ama-me.

Barley pegou de novo a caneta. Foi Yakov que falou? Ela acenou que sim. Por que diz que o apanharam? Porque ele usou o outro nome. Que outro nome? Danii. Era o combinado. Piotr, se ele estivesse bem. Danii, se o apanhassem.

A caneta passava apressadamente de uma mão para a outra. Agora só Barley a usava, escrevendo pergunta atrás de pergunta. Ele

cometeu algum erro?, escreveu.

Katya abanou a cabeça. Ele esteve doente. Esqueceu o código?, escreveu Barley. Katya abanou uma vez mais a cabeça. Ele nunca se enganou? Katya abanou a cabeça, pegou a caneta e escreveu furiosamente: Ele me chamou de Mariya. Perguntou, alô, Mariya? Mariya é o meu nome para o caso de haver encrenca. Se não, meu nome é Alina.

Escreva exatamente o que ele disse. Fala Danii. Alô? Mariya? Minha conferência foi o maior sucesso de toda a minha carreira. Era mentira.

Por quê? Ele costuma dizer, na Rússia o único sucesso é não vencer. É uma piada interna. O que ele disse opõe-se deliberadamente a essa piada. O que ele estava me dizendo é que estamos perdidos.

Barley foi até à janela e olhou para o pátio do prédio e a rua lá em baixo. Sombras negras povoavam o seu mundo interior, sombras negras e um profundo silêncio. Nada mexia, nada respirava. Mas ele estava preparado. Toda a sua vida o preparara para aquilo, ainda que nunca se tivesse apercebido disso. Ela era a mulher de Goethe, portanto se Goethe estava perdido, também ela o estava. Ainda não estava, porque até esse momento Goethe a tinha protegido com o último grão de coragem que lhe restava. Mas era apenas uma questão de tempo: bastava-lhe que eles estendessem o seu longo, enorme braço para a colherem da árvore.

Durante cerca de uma hora, Barley permaneceu à janela antes de voltar para a cama. Katya estava deitada, com os olhos abertos e os joelhos erguidos. Barley abraçou-a e puxou-a para você e sentiu aquele corpo frio esvair-se entre os seus braços, um corpo que começou a soluçar em ondas silenciosas e convulsivas, como se tivesse medo de que houvesse microfones a captarem o seu choro.

Barley pegou de novo na caneta e escreveu, em letras maiúsculas, nítidas e decididas: PRESTE ATENÇÃO AO QUE EULHE VOU DIZER.

As notícias iam passando na telas com poucos minutos de intervalo. Barley deixou o Mej. Segue. Chegaram à estação de metrô. Segue. Abandonaram o hospital, Katya apoiada em Barley. Segue. Os homens mentem mas o computador é infalível. Segue.

— Mas porque carga de água é que ele vai a conduzir? —, perguntou alarmado Ned quando apareceu essa informação.

Sheriton estava muito concentrado nas suas coisas para lhe poder responder, mas Bob, que se encontrava de pé atrás de Ned, ouviu a pergunta e tratou de dar a sua opinião.

— Os homens gostam de conduzir as mulheres, Ned. Ainda estamos na era machista.

— Obrigado —, respondeu educadamente Ned. Clive exibia um sorriso de aprovação. Intervalo. A sequência para, enquanto Anastasia acompanha o desenrolar dos acontecimentos. Anastasia é uma sexagenária tempestuosa, nascida na Lituânia, que está na Casa da Rússia há uns vinte anos. Anastasia tinha forçosamente de ser a escolhida para vigiar a sala de espera.

Eis o que diz a lenda: Anastasia passou duas vezes frente ao bengaleiro; a primeira vez, quando foi aos lavabos, a segunda, quando voltou para a sala de espera.

Quando passou pela primeira vez, Barley e Katya estavam sentados num banco à espera do telefonema.

Quando passou pela segunda vez, Barley e Katya estavam de pé, junto ao telefone, e pareciam abraçar-se. Uma das mãos de Barley

tocava o rosto de Katya, esta tinha também uma mão erguida, a outra caía-lhe colada ao corpo.

Nesse momento já teriam atendido a chamada? Anastasia não sabia. Embora se tivesse metido num cubículo dos lavabos e tivesse tentado escutar tudo o que se passara no bengaleiro, a verdade é que não ouvira o telefone tocar. Por isso, ou a chamada não se tinha efetuado ou então já tinha terminado quando ela passou pela segunda vez frente ao bengaleiro.

— Mas por que diabos ele a estava abraçando? —, perguntou Ned.

— Talvez ela tivesse poeira nos olhos —, respondeu azedamente Sheriton, de olhos postos na tela.

— Foi ele quem dirigiu —, insistiu Ned. — Ele não pode dirigir carro nenhum em Moscou, mas a verdade é que quem guiou foi ele. Quem guiou o carro no passeio ao campo foi ela. Foi ela quem dirigiu até o hospital. E de repente, sem mais nem menos, é ele que se senta ao volante. Por quê?

Sheriton pôs o lápis em cima da secretária e com o indicador tentou folgar um pouco o colarinho. — Então o que é que arrisca, Ned? A Ave Azul fez ou não fez a chamada? Vá, diga lá qual é a sua aposta.

Apesar de tudo, Ned teve a decência de encarar seriamente a pergunta. — Possivelmente fez. Se não tivesse feito, eles teriam continuado à espera.

— Talvez ela tivesse ouvido alguma coisa de que não gostou. Más notícias, por exemplo —, sugeriu Sheriton.

As telas tinham se apagado, deixando a sala envolta numa luz pálida.

Sheriton tinha uma sala à parte, feita de pau-rosa e improviso. Mudamos para lá nosso acampamento, servimo-nos de café, esperamos.

— Que diabos ele está fazendo no apartamento dela há tanto tempo? —, perguntou Ned, num aparte. — Tudo o que ele tem a fazer é obter a informação sobre a hora e o local do encontro. Já deve ter obtido essa informação há duas horas.

— Talvez tenham feito uma pausa para o amor —, disse eu. — Quem me dera que assim fosse. — Se calhar foi comprar outro chapéu —, comentou rispidamente Johnny, que nos tinha ouvido apesar de estarmos falando muito baixo.

— Ao ataque! —, disse Sheriton ao ouvir a campainha, e todo o grupo se encaminhou para a sala de controle.

Um mapa iluminado das ruas da cidade mostrava o apartamento de Katya assinalado com uma luzinha vermelha. O local de encontro ficava trezentos metros a leste do apartamento, na esquina sudeste de duas ruas principais assinaladas em verde. Barley devia estar nesse momento avançando pela calçada sul, caminhando junto ao meio-fio. Ao chegar ao ponto de encontro, devia abrandar o passo como se estivesse à procura de um táxi. O nosso carro passaria nesse momento. Barley tinha sido instruído para dizer ao condutor o nome do hotel em voz bem alta e negociar o preço através de gestos.

Chegando ao segundo largo, o carro meteria por uma rua lateral e entraria num terreno onde estavam a ser construídos prédios. Nesse terreno encontrava-se o nosso caminhão, com as luzes apagadas; o motorista parecia dormir na sua cabine. Se a antena estivesse puxada, o carro faria um círculo no sentido da direita e voltaria para junto do caminhão.

Caso contrário, o plano abortaria.

O relatório de Paddy chegou às telas à uma da manhã, hora de Londres. Menos de uma hora depois já nós tínhamos acesso ao

conteúdo das gravações, disparado pelas antenas da embaixada americana. O relatório seria mais tarde arrasado e despedaçado de todas as maneiras e feitios. Para mim, essas páginas de Paddy permanecem um modelo do relatório de campo fático.

Naturalmente que o escritor precisa de ser conhecido, já que não há criador neste mundo que não tenha as suas limitações. Paddy não era propriamente um brilhante psicólogo, mas era uma infinidade de outras coisas, um antigo gurkha posteriormente membro das forças especiais e finalmente oficial dos serviços de espionagem, um linguista, um planejador e um improvisador bem ao gênero de Ned.

Para a sua personagem moscovita, tinha escolhido uma aparência tão ridiculamente inglesa que os não iniciados o elegiam como tema favorito das suas piadas: os shorts pelo joelho que usava no verão quando dava longos passeios pelos bosques de Moscou; as suas longas viagens no Inverno, quando enchia o seu Volvo com esquis velhos e batons de bambu e provisões e finalmente com a sua incrível pessoa, equipe da com um gorro de pele que parecia ter vindo diretamente dos trens do Ártico. Mas só um homem inteligente sabe fazer de parvo e suportar um tal papel durante muito tempo, e Paddy era um homem inteligente, ainda que mais tarde se tivesse tornado cômodo levar as suas excentricidades à letra.

No que toca ao controle da sua excêntrica coleção de pseudoestudantes de línguas, agentes de viagens, pequenos negociantes e cidadãos de outros países, Paddy era excelente. O próprio Ned não podia superá-lo. Velava por eles como um dedicado pároco de aldeia e todos eles, quando entregues aos seus trabalhos solitários, se revelavam à altura das expectativas do mestre. Não era culpa sua que as qualidades que faziam dele um condutor de homens o tornassem também vulnerável ao logro.

Mas voltemos ao relatório de Paddy. Em primeiro lugar, Paddy ficou surpreso com a precisão da descrição de Barley; a gravação corrobora indubitavelmente a sua surpresa. A voz de Barley denota uma segurança que não encontramos em qualquer outra gravação. Paddy ficou impressionado com a determinação de Barley e com a sua devoção à missão de que estava incumbido. Comparou o Barley que teve à sua frente no caminhão com o Barley que tinha interrogado antes da viagem a Leningrado e a evolução registrada não deixou de o

entusiasmar. E tinha razão. Barley era outro homem, um homem que evoluíra muito.

A descrição de Barley, por outro lado, condizia com todos os fatos verificáveis à disposição de Paddy, desde o encontro à saída do metrô e da viagem ao hospital, até à espera no banco e ao inaudível toque do telefone. Katya estava ao pé do telefone quando ele tocou, disse Barley. Ele quase não o ouvira tocar. Não admirava que Anastasia não tivesse ouvido nada, concluiu Paddy. Katya devia ter-se literalmente atirado ao telefone mal o ouviu tocar.

A conversa entre Katya e a Ave Azul tinha sido curta, dois minutos no máximo, disse Barley. O que também encaixava perfeitamente. Sabia-se que Goethe tinha medo das conversas longas ao telefone.

Dispondo de tantas garantias e da certeza de que Barley estava a cumprir bem a sua função, era natural que Paddy não tivesse pensado em levar imediatamente Barley para a embaixada e em mandá-lo de volta para Londres, preso e amordaçado — no entanto foi isto mesmo que algumas vozes defenderam mais tarde. E no meio deste coro, tínhamos obviamente a voz de Clive.

Por essa altura também não faziam muito sentido os três mistérios que apoquentavam Ned — o abraço, a viagem de volta com Barley ao volante, as duas horas que passaram juntos no apartamento. De fato, tínhamos forçosamente de entender as respostas de Barley como Paddy as entendeu, curvado sob a luz baixa que incidia sobre a mesa no interior do caminhão, o rosto reluzindo do calor. Há o ruído de fundo do ar condicionado. Ambos têm auscultadores, entre eles encontra-se um microfone em circuito fechado. Barley murmura a sua história, em parte para o microfone, em parte para o seu chefe local. Paddy não teria decerto encontrado uma atmosfera tão dramática em todas as noites de aventura que passou na Fronteira Noroeste.

Oculto, Cy ouve a conversa com um terceiro par de fones.

O caminhão é de Cy, mas ele tem ordens para deixar Paddy fazer as honras da casa.

— Foi nesse momento que eu reparei que ela estava toda tremeliques —, diz Barley, emprestando ao interrogatório um tom de conversa de homens que, evidentemente, faz Paddy sorrir. — Não admira, andou excitada toda a semana com esta ligação e de repente a ligação é feita e cai. Provavelmente não ajudou nada eu estar ali com

ela. Se eu não estivesse, creio que ela se aguentaria até chegar em casa.

— W provável —, concordou Paddy, compreensivo. — Aquilo foi de mais para ela. Ouvir a voz dele, saber que ele estará em Moscou dentro de dias, as preocupações que ela tem por causa dos filhos — e por causa dele, e dela também —, tudo isso foi de mais para ela.

Paddy compreendeu perfeitamente. Nos seus tempos conhecera umas quantas mulheres dadas a explosões sentimentais e era um homem traquejado no sortido de razões que as levavam ao pranto.

A partir daí tudo fluiu naturalmente. O logro volveu sinfonia. Barley tinha feito tudo o que lhe era possível para a confortar, mas ela estava tão mal que se viu obrigado a abraçá-la e a arrastá-la para o carro e a guiar o carro.

No carro ela continuou a chorar mas quando chegaram à casa estava melhor. Barley fez-lhe um chá e afagou-lhe as mãos e só foi embora quando a achou em condições de digerir o sucedido.

— Bem feito, sim senhor —, disse Paddy. E se, ao dizer isto, Paddy faz lembrar um oficial do Exército Indiano do século xix felicitando os seus homens depois de uma carga de cavalaria absolutamente inútil, é unicamente porque ficou impressionado com o relato e porque a sua boca está muito perto do microfone.

Há por fim a pergunta de Barley, e é aí que Cy entra. Ouvida agora, e passadas que foram muitas águas, não há dúvida que tal pergunta trai óbvios intentos ilícitos. Mas não foi assim que Cy a ouviu, nem tão-pouco Paddy. E em Londres só uma pessoa a ouviu com ouvidos desconfiados — Ned, cuja impotência desaguava agora num profundo desalento. Ned estava se transformando no pária da sala de controle.

— Ah... já me esquecia... então e a lista das compras? Já está pronta? —, diz Barley ao despedir-se. A questão não surge isoladamente, mas integrada numa série de pequenas preocupações administrativas. — Quando é que me passam a lista das compras para as mãos? Já estou ficando impaciente ... —, diz ele, num tom de rotina.

— Por quê? —, diz Cy, uma voz nas sombras. — Bom, não sei, mas não era melhor eu estudá-la um pouco antes de a passar a Goethe?

— Não há nada para estudar —, diz Cy. — São questões escritas, respostas de sim ou não, e é da maior importância que você não

conheça nenhuma das perguntas. Obrigado pelo interesse, mas nada feito.

— Então quando é que ma passam? — A lista das compras é um assunto a tratar o mais tarde possível —, diz Cy.

Quanto à opinião de Cy sobre o estado de espírito de Barley, há uma pepita que ficou. Ao que consta, foi este o seu comentário: — Bom, seja como for, com os britânicos, todo o cuidado é pouco. Nunca se sabe o que se passa naquelas cabeças.

Pelo menos nessa noite, Cy tinha alguma razão do seu lado.

— Nem uma má notícia —, insistia Ned, enquanto Brock passava a gravação pela terceira vez ou pela trigésima vez.

Estávamos de novo em nossa Casa da Rússia. Era o nosso refúgio temporário. Como se tivéssemos voltado ao princípio. Anunciava-se a manhã, mas estávamos muito despertos para pensar em dormir.

— Sem más notícias —, repetiu Ned. — Só boas notícias. “Estou bem. Em segurança. Dei uma grande conferência. Vou apanhar o avião. Até sexta-feira. Amo você.” E então ela desata a chorar.

— Por que não? — retorqui eu, contra a corrente dos meus pensamentos. — Ned, você nunca chorou de felicidade?

— Ela chora tanto ou tão pouco que ele se vê obrigado a arrastá-la pelos corredores do hospital. Ela chora tanto ou tão pouco que nem consegue dirigir. Quando chegam ao apartamento, ela desata a correr à frente dele como se ele não existisse, porque ela está imensamente feliz, pois a Ave Azul já não demora. E Barley conforta-a. Conforta-a por causa de todas as boas notícias que ela acaba de receber. — A voz gravada de Barley tinha-se intrometido de novo. 'E ele está calmo. Perfeitamente calmo. Naquela cabeça não há a mínima inquietação. Está tudo andando sobre rodas, Paddy. Tudo a correr bem. É por isso que ela chora.' Claro, é por isso mesmo que ela chora.

Ned recostou-se e fechou os olhos, enquanto a fidedigna voz de Barley continuava a entrar-lhe pelos ouvidos, via gravador.

— Aquele homem já não nos pertence —, disse Ned. — Zarpou. — Tal como Ned tinha zarpado, embora num sentido diferente. Ned tinha desencadeado uma grande operação. Agora julgava-se condenado a assistir ao seu inapelável desmoronamento. Nunca vi em toda a minha vida um homem tão isolado, excetuando talvez eu mesmo.

Espionar é esperar. Espiar é inquietação. Espiar é sermos nós mesmos, ainda mais nós mesmos. As palavras mágicas do extinto Walter e do vivente Ned ressoavam aos ouvidos de Barley. O aprendiz herdara os feitiços dos mestres, mas a sua magia era agora mais poderosa do que a deles alguma vez tinha sido.

Barley chegara a alturas a que nenhum deles ascendera. Barley tinha um objetivo definido, os meios para o atingir e aquilo a que Clive teria chamado a motivação, ou determinação, se traduzido por vozes mais brandas. Tudo o que eles lhe tinham ensinado estava agora a dar os seus frutos, agora que Barley se encaminhava calmamente para uma batalha em que os enganaria. No entanto, não era a eles que intrujava, se é que intrujava alguém.

As bandeiras deles nada significavam para ele. Eram bandeiras que podiam flutuar a qualquer vento. Mas não eram elas que traía, se é que traía alguém. Ele não era a causa por que ia lutar. Sabia que batalha tinha de vencer e por quem a tinha de vencer. Sabia que sacrifício ia fazer, e estava preparado. Não eram a eles que traía. Barley limitava-se a ser ele mesmo.

Não precisava das túbias etiquetas e dos débeis sistemas a que eles recorriam. Era um homem sozinho, mas maior, mais grandioso que a soma de todos aqueles que tinham pensado poder controlá-lo. Todos aqueles que, para ele, eram a pior de todas as armas destruidoras, porque a sua existência justificava os alvos que escolhiam.

Brandamente, ou talvez não tão brandamente como isso, Barley descobrira a revolta. E a revolta era um fogo. Sentia já o cheiro dos gravetos, ouvia já os galhos crepitando.

Só o agora existia. Goethe tinha razão. Não havia amanhã, porque amanhã era a desculpa. Ou agora ou nada, e Goethe, ainda que transformado em nada, continuava a ter razão. Temos de abater os homens cinzentos que existem dentro de nós, temos de queimar nossos ternos cinzentos e libertar tudo o que há de bom em nossos corações, e esse é o sonho de qualquer alma decente, e mesmo — por muito estranho que pareça — de alguns homens cinzentos. Mas como, com quê?

Goethe tinha razão e não era por culpa sua ou de Barley que, por um mero acaso, os dois tivessem acabado por formar uma engrenagem perfeita. Com o fulgor que crescia no seu espírito, Barley sentia que o ligava àquele improvável amigo uma afinidade extraordinária.

Transbordava de dedicação ao sonho desvairado que Goethe acalentava, aquele sonho que libertava de todas as amarras as forças da sanidade e que punha a nu todas as imundícies que o mundo escondia.

Mas Barley pouco discorria sobre a agonia de Goethe. Goethe estava no inferno e era muito provável que Barley fosse ter com ele em breve. Chorarei por ele quando tiver tempo, pensava. Até lá, tinha de cuidar dos vivos a que Goethe, tão indignamente, tinha feito correr riscos e que, num derradeiro gesto de coragem, tinha conseguido proteger.

Para as tarefas mais próximas, Barley tem de usar os estratagemas dos homens cinzentos. Tem de ser ele mesmo, ainda mais ele mesmo do que alguma vez foi. Tem de esperar. Tem de enfrentar a sua inquietação. Tem de ser um homem de duas caras, interiormente reconciliado, exteriormente um arremedo de si mesmo. Secretamente, interiormente, tem de caminhar nas pontas dos pés, tem de ser um gato vigilante, um gato pronto a assanhar-se; no palco dos outros, tem de interpretar o Barley Blair que eles querem ver, tem de ser rigorosamente a criatura que eles criaram.

Entretanto, o jogador de xadrez estuda os seus lances. O negociador adormecido, sem que ninguém se dê conta, começa a despertar.

O editor está prestes a realizar o que nunca realizara, está prestes a tornar-se o sereno e frio intermediário entre a necessidade e o sonho.

Katya sabe, pensa ele. Ela sabe que Goethe foi apanhado. Mas eles não sabem que ela sabe, porque ela não se desmanchou ao telefone.

E eles não sabem que eu sei que Katya sabe. Em todo o mundo sou eu a única pessoa, excetuando Katya e Goethe, que sabe que Katya sabe.

Katya continua livre. Por quê? Porque não lhe levaram os filhos, porque não lhe revistaram o apartamento, porque não puseram Matvey no manicômio, porque não a brindaram com nenhum dos tão corteses tratamentos tradicionalmente reservados a senhoras russas que servem de mensageiro a físicos da defesa soviética decididos a confiarem os segredos da nação a um editor ocidental arruinado.

Por quê? Também eu por enquanto estou livre. Não prenderam o meu pescoço a nenhuma parede.

Por quê? Porque eles não sabem que nós sabemos que eles sabem. Por isso eles querem mais. Querem-nos a nós, mas mais do que nós. Podem esperar por nós, porque querem mais. Mas o que é esse — mais — ? Até onde vai a paciência deles? Como sabê-lo? Todo mundo fala, dissera Ned: não havia hipótese, era mesmo assim. Com os métodos de hoje todo mundo fala. Com isto queria dizer a Barley que não resistisse caso fosse apanhado. Mas Barley já não estava pensando em si. Pensava em Katya.

Em cada noite, em cada dia que se seguiu, Barley foi encaixando as peças do puzzle na sua cabeça, limando arestas ao seu plano enquanto aguardava, como todos nós, o prometido encontro com a Ave Azul, o encontro marcado para sexta-feira.

Ao pequeno-almoço, Barley comparecia pontualmente à parada, editor e espião modelo. E todos os dias, todo o dia, era ele a vida e a alma da feira.

Goethe, não posso fazer nada por ti. Nenhum poder na terra te arrancará às garras deles.

Katya, Katya ainda pode ser salva. Os filhos dela ainda podem ser salvos. Ainda que todo mundo fale, ainda que Goethe não consiga ser exceção.

Quanto a mim, nunca tive grandes possibilidades de salvação. Goethe deu-me coragem, pensava, enquanto o seu secreto propósito ia ganhando forma dentro dele, e Katya deu-me amor.

Não. Foi Katya quem me deu a coragem e o amor. E continua a me dar.

E a sexta-feira decorre tão calma como os dias anteriores. Nas telas são raras as informações, e Barley vai-se preparando metodicamente para a grande Festa de Lançamento da Potomac & Blair no Espírito de Boa-Vontade e Glasnost, como rezam os nossos espalhafatosos convites em forma de trítico e em papel não cortado, impressos há menos de duas semanas pela tipografia dos Serviços.

E intermitentemente, com uma casualidade aparente, Barley certifica-se de que Katya continua bem. Telefona sempre que pode. Conversa com ela e fá-la usar a palavra — conveniente — com o um sinal de segurança. Em troca, inclui a palavra — francamente — na sua descontraída contribuição para aquelas conversas informais. Não discutem nada de pesado; não falam de amor, nem de morte, nem de grandes poetas alemães. Apenas: Que tal vai isso? Diga francamente,

Katya, a feira não a tem esgotado? Como vão os gêmeos? E o Matvey? Continua se deleitando com o cachimbo? O que, traduzido, significa te amo, te amo, te amo, te amo demais.

Para se certificar melhor da segurança dela, Barley manda Wicklow olhá-la no pavilhão socialista.

— Ela está bem —, informa Wicklow com um sorriso, indulgente com o nervosismo de Barley. — Perfeitamente normal.

— Obrigado. —, diz Barley. — Agradeço muito, meu velho rapaz.

Da segunda vez, de novo por ordem de Barley, é o próprio Henziger quem vai vê-la. Talvez Barley se esteja a poupar para a noite. Ou talvez não confie nas suas próprias emoções. Mas ela ainda lá está, ainda está viva, ainda respira, e já vestiu mesmo o vestido para a festa.

No entanto, durante todo o tempo, mesmo quando regressa mais cedo que o costume ao hotel a fim de se antecipar aos seus convidados, Barley não para de convocar o seu exército privado de fatos alteráveis e inalteráveis, com uma lucidez que faria inveja ao mais experiente e comprometido dos advogados.

— Gyorgy! Que maravilha! É fantástico! Onde está Varenka?

— Barley, meu amigo, salve-nos, pelo amor de Deus! Nós não gostamos mais do século XX do que vocês, ingleses. Vamos fugir dele juntos! Partimos hoje à noite, está bem? Compre você os bilhetes?

— Yuri. Meu Deus, esta é a sua nova esposa? Deixe-o. Ele é um monstro.

— Barley! Ouça! Tudo está correndo bem! Já não temos problemas! Dantes só podíamos suspeitar que era tudo uma grande bagunça! Agora basta-nos olhar para os jornais para o confirmarmos!

— Misha! Como é que vai o seu trabalho? Melhor que bem? — É a guerra, meu Deus, a guerra sem quartel, Barley. Primeiro temos que enforcar a velha guarda, depois temos que lutar outra Stalingrad!

— Leo! Que bom voltar a vê-lo! Como está a Sonya? — Barley, preste atenção! O comunismo não é uma ameaça! É uma indústria parasita que vive à custa dos erros que as bestas do Ocidente cometem!

A recepção era na sala de espelhos ao cimo das escadas de um velho hotel do centro da cidade. Havia guardas à paisana fora do edifício, no passeio e mais alguns pairavam no hall e na escadaria e à entrada da sala.

Uma centena de pessoas tinha sido convidada pela Potomac & Blair. Oito tinham aceite, ninguém tinha recusado, mas já ali havia cerca de cento e cinquenta. Contudo, Barley preferiu ficar junto à entrada até Katya chegar.

Um bando de moças ocidentais irrompeu, escoltado pelos habituais e duvidosos intérpretes oficiais, todos homens. Um corpulento filósofo, também clarinetista, entrou de seguida, acompanhado pelo seu mais recente namorado.

— Alexander! É fantástico! Que maravilha! — Um siberiano solitário de nome Andrey, já bastante alcoolizado, precisou falar com Barley sobre um assunto de natureza vital. — O socialismo de partido único é um desastre, Barley. Destroçou-nos os corações. Mantenham o vosso pluralismo britânico. Vai publicar o meu romance?

— Bem, eu não sei nada sobre esse assunto, Andrey —, replicou cautelosamente Barley, dando uma olhadela para a entrada. — O nosso

editor russo apreciava o seu trabalho, mas não crê que o mercado inglês esteja muito receptivo. Mas estamos pensando no seu caso.

— Sabe porque é que eu estou aqui hoje? —, perguntou Andrey.
— Diga lá. — Outro divertido grupo entrou nesse momento, sem que Katya dele constasse.

— Eu vim para vos exhibir a minha melhor roupa. Nós, russos, conhecemos muito bem os truques uns dos outros. Precisamos do vosso espelho ocidental. Vocês chegam, passam aqui uns dias, vão-se embora levando gravada a nossa melhor imagem, e isso faz-nos sentir importantes. Se publicaram o meu primeiro romance, a lógica seria publicarem o segundo.

— Não, Andrey, essa não é a lógica, se o primeiro não tiver dado lucro —, respondeu Barley com uma firmeza pouco comum, no exato momento em que Wicklow, para seu grande alívio, atravessou a sala na direção dos dois.

— Já sabem que Anatoly morreu em dezembro, na prisão, após uma greve de fome? Dois anos depois da fundação desta Grande Nova Rússia de que hoje desfrutamos? —, prosseguiu Andrey, servindo-se de mais uma enorme dose de uísque, fornecido por cortesia da embaixada americana, em sinal de apoio a uma Rússia mais sóbria.

— É claro que já ouvimos falar disso —, atalhou Wicklow apaziguadoramente. — Foi horrível.

— Então porque é que não publica o meu romance? — Abandonando Wicklow à sua sorte, Barley estendeu os braços e correu, radiante, para a entrada. Natalie, uma soberba sexagenária de discreta beleza, acabava de chegar. Caíram nos braços um do outro.

— Então qual há de ser hoje o nosso assunto de conversa, Barley? James Joyce ou Adrian Mole? O que é que lhe aconteceu para ter ficado subitamente com esse ar tão inteligente? Ah, já sei, é por se ter transformado num capitalista.

Houve então uma debandada de metade dos presentes para o canto mais longínquo da sala, o que levou os guardas alarmados a assomarem à porta de entrada. O tumulto das conversas esbateu-se por momentos, mas logo se voltou a impor. O bar acabara de abrir.

Mas não havia ainda sinais de Katya.

— Hoje, sob a perestroika, tudo é muito mais fácil —, dizia Natalie, com o seu irresistível sorriso. — As viagens ao estrangeiro já não são problema. A única declaração que temos de fazer aos nossos

burocratas resume-se a uma descrição daquilo que pensamos de nós próprios. Para ir à Bulgária, por exemplo: os búlgaros, como é natural, precisam de nos conhecer antes da nossa chegada. Devem estar avisados do que os espera. Precisam de saber se somos pessoas inteligentes, medianas ou simplesmente normais. Os búlgaros precisam de se preparar com antecedência, e mesmo de ter tempo para pequenos aperfeiçoamentos. Precisam de saber se somos calmos ou excitáveis, pouco ou muito imaginativos. Depois de respondermos a estas questões simples e a mais um milhar de outras do mesmo gênero, passamos a assuntos mais importantes, tais como o endereço e o nome completo da nossa avó materna, a data do seu falecimento, o número da sua certidão de óbito e, caso eles achem conveniente, o nome do médico que a passou. Como vê, os nossos burocratas estão a fazer todos os possíveis para introduzir, rapidamente, uma regulamentação nova e moderada, para nos mandarem a todos, mais aos nossos filhos, de férias para o estrangeiro. Barley, de quem é que você anda à procura de cabeça no ar? Será que eu perdi o meu bom aspecto, ou já está aborrecido com a minha conversa?

Barley deu uma gargalhada e, esforçando-se por manter os olhos nela, perguntou: — E o que é que você lhes respondeu?

— Bem, disse-lhes que era muito inteligente, calma, discreta mas divertida e que os búlgaros ficariam encantados comigo. O que os burocratas querem é testar a nossa determinação. A esperança deles é que o fato de termos de enfrentar tantos departamentos nos esfrie a coragem e nos decida ficando por cá. Mas as coisas estão a melhorar. Aliás, tudo está a melhorar um pouco. Talvez você não acredite, mas a perestroika funciona para nós, não é apenas fachada para estrangeiro ver.

— Como está o seu cão, Barley? —, murmurou uma voz masculina e triste junto a Barley. Era Arkady, um escultor não oficial, acompanhado por uma bela namorada não oficial.

— Eu não tenho nenhum cão, Arkady. Porque é que pergunta? — Porque a partir deste momento é mais seguro falarmos do nosso cão do que dos nossos amigos, se é que me faça entender.

Barley virou a cabeça para seguir o trajeto do olhar de Arkady e deu com Alik Zapadny, no extremo oposto da sala, conversando com Katya. Pelo ar dos dois, devia ser conversa séria.

— Nós, os moscovitas, falamos hoje de uma maneira muito perigosa —, continuou Arkady, de olhos fixos em Zapadny. — A nossa excitação tornou-nos imprudentes. Os informadores vão ter uma boa colheita no próximo Outono, mesmo que mais ninguém a tenha. Pergunte-lhe. Dir-se-ia que ele está no auge da carreira.

— Alik, seu velho malandro, com que histórias está a massacrar esta pobre moça? —, perguntou Barley, enquanto abraçava Katya, e,

logo a seguir, Zapadny. — Eu de lá do fundo até a vi enrubescer. Cuidado com ele, Katya. O inglês dele é quase tão bom como o seu, mas muito mais fluente. Como está você, Katya?

— Ah, obrigada —, respondeu calmamente Katya. — Estou muito bem —.

Ela trazia o mesmo vestido que tinha usado no encontro no Odessa. Estava retraída, mas segura de si, embora o seu rosto revelasse a ansiedade torturada da perda. Dan Zeppelin e Mary Lou também estavam no grupo.

— Na realidade, estávamos a ter uma conversa particularmente interessante acerca de direitos humanos, Barley —, explicou Zapadny, fazendo um gesto circular com o copo, como se estivesse fazendo uma coleta. — Não é verdade, Mr. Zeppelin? Nós ficamos sempre imensamente agradecidos aos ocidentais, quando eles nos ensinam como devemos comportar-nos com os criminosos, não sei se está vendo! Mas então qual é a diferença, pergunto eu, entre os países que encarceram algumas ovelhas ranhosas e aqueles que deixam à solta os seus gângsteres? Na verdade, penso que acabei de encontrar uma boa base de negociação para os líderes soviéticos. Amanhã de manhã, vamos anunciar ao chamado Comitê de Vigilância de Helsinque que não queremos mais nada com eles, enquanto a Máfia americana não estiver atrás das grades. Que acha, Mr. Zeppelin? Nós soltamos os nossos, vocês prendem os vossos. É um pato leal, parece-me.

— Quer uma resposta educada ou uma resposta verdadeira? —, atirou Dan, sobre o ombro de Mary Lou.

Outro grupo poliglota de convidados irrompeu pelo hotel, seguido, após breve pausa teatral, por nada mais nada menos do que o grande Sir Peter Oliphant em pessoa, rodeado por um séquito de carregadores russos e ingleses. O barulho cresceu, a sala encheu-se. Três correspondentes ingleses com um ar adoentado, inspecionaram o bar desfalcado e desandaram. Alguém abriu o piano e começou a tocar uma

canção da Ucrânia. Havia uma mulher que cantava bem e algumas outras se juntaram a ela em coro.

— Não, Barley, eu não sei o que o aterroriza —, estava a responder Katya, ante a surpresa de Barley, que julgava não ter perguntado coisa nenhuma. — Estou certa de que você é muito corajoso, como, aliás, todos os ingleses.

No calor daquela sala e no turbilhão do momento, a excitação de Barley tinha-se bruscamente voltado contra ele. Sentia-se embriagado, mas não de álcool, porque durante toda a noite não fizera senão embalar um único uísque no copo, esquecendo-se de beber aquela coisa já requentada.

— Talvez não haja afinal revelação nenhuma —, arriscou, falando, não só para Katya, como também para uma série de caras desconhecidas. — Talvez não haja afinal nenhum talento no fundo dos baús. — Todo mundo ficou à espera, Barley também. Tentava olhar para todos eles, mas os seus olhos só viam Katya. O que tinha dito? O que é que eles tinham ouvido? Todos aqueles rostos continuavam a fitá-lo, mas não havia neles qualquer luz, nem mesmo no de Katya; o que neles havia era apenas interesse. Prosseguiu. — Todos nós, durante anos e anos, imaginamos que havia grandes artistas russos à espera de serem descobertos —. Vacilou. — É verdade, não é? Todos nós imaginamos grandes romances épicos, grandes peças de teatro. Grandes pintores, banidos, trabalhando em ateliers secretos. Sótãos abarrotando de coisas belíssimas, naturalmente ilegais. E com os músicos, o mesmo, não é verdade? Quer dizer, durante anos e anos, fartamo-nos de falar sobre isso. De falar e de sonhar. O prolongamento secreto do século xix. 'E quando o degelo vier, eles surgirão de sob o gelo para nosso deslumbramento', dizíamos nós uns aos outros. Pois então, onde diabo estão todos esses gênios? Terão morrido enregelados? Talvez a repressão tenha afinal resultado. É tudo quanto tenho a dizer.

Seguiu-se um silêncio de estupefação antes que Katya viesse em seu auxílio. — O talento russo existe e sempre existiu, Barley, mesmo nas piores crises. É indestrutível —, disse ela como uma réstia da sua antiga firmeza. — Talvez tenha de adequar-se primeiro às novas circunstâncias, mas em breve acabará por se exprimir de forma brilhante. Estou certa de que era isto que você queria dizer.

Henziger entretanto faz o seu discurso. É uma obra-prima de hipocrisia inconsciente. — Que a experiência pioneira da Potomac &

Blair constitua um modesto contributo para a nova grande era do entendimento Leste-Oeste! —, declara, inchado de convicção. A sua voz eleva-se e com ela o seu copo. Ele é o comerciante honesto, ele é todos os americanos decentes com o coração no lugar certo. E não há dúvida que ele é precisamente aquilo que pensa que é, porque o mau ator que há nele é uma capa facilmente detectável. — Contribuamos para a nossa mútua riqueza! —, grita ele, erguendo o copo ainda mais alto. — Libertemos uns aos outros! Façamos juntos os nossos negócios, conversemos e bebamos juntos, tomemos este mundo um lugar melhor. Senhoras e senhores — à vossa saúde, à saúde da Potomac & Blair, à saúde do nosso proveito comum — e à saúde da perestroika! Amém!

Gritam por Barley. Spikey Morgan começa, Yuri e Alik Zapadny apoiam, e todos os velhos habitués, obviamente dentro da jogada, desatam a gritar, — Barley! Barley! — Num instante o salão inteiro grita por Barley, alguns nem sabem por que mas gritam, e por um momento ninguém sabe onde Barley está. Mas, de repente, ei-lo que sobe em cima da mesa do bar, empunhando um saxofone emprestado. Começa a tocar My Funny Valentine, o tema que sempre toca em todas as feiras do livro de Moscou, enquanto Jack Henziger o acompanha ao piano, no seu estilo inconfundível de Fats Waller.

Os guardas que estavam à porta da sala e os do hall instalam-se nas escadas, enquanto as primeiras notas do canto de cisne de Barley procuram o caminho do mais puro som e ganham depois um vigor magnífico.

— Pelo amor de Deus, Barley, vamos comer no novo restaurante indiano —, protesta Henziger, já na rua, sob o olhar enfatiado dos agentes. — Traga Katya com você! Reservamos uma mesa!

— Não posso, Jack. Já estamos comprometidos. Temos um encontro marcado há muito tempo

Henziger está só fazendo teatro. — Ela precisa de assistência —, acaba de lhe confiar Barley. — Vou levá-la daqui e convidá-la para uma ceia sossegada num lugar qualquer —.

Mas Barley não levou Katya para jantar na noite de despedida, como o confirmaram os irregulares antes de serem dispensados. E desta feita foi Katya, e não Barley, quem tomou a iniciativa. Levou-o ao local que todos os rapazes e moças das cidades russas conhecem e que fica situado precisamente no topo de qualquer bloco de apartamentos de qualquer dessas metrópoles. Não há nenhum russo da

geração de Katya que não incluía esse cenário nas memórias dos seus primeiros amores. E um tal lugar existia também ao cimo das escadas do prédio de Katya, entre o último lanço e as águas furtadas, embora fosse mais procurado no inverno do que no verão, porque incluía o infecto depósito das águas quentes, bem como as fumegantes canalizações, consertadas a golpes de fita adesiva preta.

Mas antes de subirem, ela teve de ir inspecionar Matvey e os gêmeos e certificar-se de que estavam bem e em segurança, enquanto Barley esperava no patamar. Então, conduziu-o pela mão ao longo dos diversos lanços de escada até chegarem ao último, que era de madeira. Ela tinha uma chave que servia na porta enferrujada, a qual ordenava a todos os transgressores que não caíssem na tentação. E depois de ter aberto a porta e tornado a fechá-la, conduziu-o por entre as vigas até à pequena clareira de chão duro onde tinha preparado uma cama improvisada, com uma vaga vista para as estrelas através de uma claraboia imunda e os gorgolejos das canalizações e o fedor de roupa a secar por companhia.

— A carta que você deu a Landau foi desviada —, disse ele. — Acabou nas mãos dos nossos agentes. Foram eles que me mandaram vir encontrar você. Lamento muito que tenha sido assim.

Mas já não havia tempo para nenhum deles ficar chocado. Ele pouco lhe tinha contado sobre o seu plano e nada acrescentou. Ficou entendido entre os dois que ela já sabia até demais. E, além disso, eles tinham assuntos mais importantes a tratar, pois foi também nessa noite que Katya contou a Barley tudo quanto, mais tarde, restou do conhecimento que ele pôde ter dela.

E ela confessou o seu amor por ele em termos suficientemente simples para que Barley suportasse a separação que ambos sabiam certa e imediata.

No entanto Barley não abusou da hospitalidade dela. Não queria semear a ansiedade entre os homens da frente, nem entre os que estavam em Londres. Regressou ao Mej por volta da meia-noite, a tempo de tomar uma última bebida com os rapazes.

— Ah, Jack, Alik Zapadny me convocou para nossa tradicional despedida formal. É amanhã à tarde —, confidenciou a Henziger enquanto saboreava o último uísque dessa noite no bar do primeiro andar.

— Quer que eu vá com você? —, perguntou Henziger. É que, tal e qual os russos, Henziger não alimentava ilusões acerca das lamentáveis ligações de Zapadny.

Barley sorriu tristemente. — Você anda nisto há pouco tempo, Jack. A despedida é só para as velhas glórias, os que sobram dos dias em que não havia esperança.

— E a que horas é isso? —, perguntou Wicklow, sempre prático. — Acho que ele disse que era às quatro. Mas é uma hora muito estranha para beber um copo. Não, foi mesmo às quatro que ele disse.

Então, desejou a todos uma noite santa e subiu para o céu no elevador, o qual, no Mej, é uma gaiola de vidro que lentamente escorrega ao longo de um cabo de aço, para secreta inquietação de muitas almas honestas que o esperam cá em baixo.

Era a hora do almoço e, depois de tantas noites em claro e de tantos alvoreceres em sono, era de certo modo indecente que a bomba caísse em cheio na hora do almoço. Mas não havia dúvida: era mesmo uma bomba. Uma bomba entregue por mão própria. Uma bomba dentro de um envelope amarelo dentro de uma pasta metálica fechada à chave. O esquelético Johnny, da sucursal da Agência em Londres, irrompeu pela sala de controle com a pasta. Da Embaixada, que ficava do outro lado da praça, até nossas instalações, Johnny viera acompanhado por guardas. Atravessou correndo o primeiro piso e correndo subiu a pequena escada que conduzia à sala de comando. Só quando chegou percebeu que estávamos todos no salão de pau-rosa de Sheriton comendo sanduíches e bebendo café.

Entregou a pasta a Sheriton e, cumprindo o seu papel de mensageiro, adotou uma atitude de teatral expectativa, debruçando-se sobre Sheriton enquanto este lia em primeiro lugar a nota explicativa, que logo meteu no bolso, e depois a mensagem propriamente dita.

Depois, debruçou-se sobre Ned enquanto Ned lia a mensagem. Só quando Ned lhe passou a carta é que Johnny pareceu decidir que já a tinha lido o suficiente: era a interceptação de um texto em código, transmitido pelo Exército Soviético a partir de Leningrado, interceptado na Finlândia pelos americanos e decodificado na Virgínia por um banco de computadores tão poderoso que seria capaz de iluminar Londres durante um ano inteiro.

De Leningrado para Moscou, cópia para Saratov.

O professor Yakov Savelyev está autorizado a passar um fim de semana de descanso em Moscou, na sequência da sua conferência na Academia Militar de Saratov, a realizar-se na sexta-feira. É favor tratar dos transportes e de outras formalidades.

— Pois muito obrigado, senhor funcionário da administração de Leningrado —, murmurou Sheriton.

Ned pegou uma vez mais a mensagem e relia-a. De todos nós, parecia ser o único que não tinha ficado impressionado.

— E foi só isto que eles apanharam? —, perguntou.

— Não sei, Ned —, respondeu Johnny, pouco preocupado em esconder sua hostilidade.

— Aqui diz *um sobre um*. O que quer dizer? Pergunte se há mais algumas coisa. Se houver, talvez não fosse má ideia você descobrir o que eles pescaram mais, se é que vale a pena —. Esperou até Johnny ter abandonado a sala. — Perfeito —, comentou acidamente. — Que banalidade, meu Deus, até parece que estamos tratando com os alemães.

E ali ficamos à espera, mordendo com ar ausente nossos sanduíches. Sheriton tinha enfiado as mãos nos bolsos e, de costas para nós, observava o trânsito silencioso fora da janela de vidros escuros. Vestia um casaco preto de lã grossa. Através da vidraça interior, podíamos observar Johnny falando num dos telefones supostamente seguros. Desligou e o vimos atravessar a sala, de regresso ao gabinete de Sheriton.

— Zero —, anunciou.

— O que é isso, zero? —, perguntou Ned. —Um sobre um significa um sobre um. É um solo. Um solo sem acompanhamento.

— Então foi um acaso, não é? —, sugeriu Ned.

— Um solo —, repetiu obstinadamente Johnny. Ned contornou Sheriton, que continuava de costas para nós. — Russell, tente ver o que está por trás disso. Esta interceptação surge completamente isolada sem que se perceba por quê. Caiu do céu sem mais nem menos. Francamente, não me cheira a boa coisa. O que eles estão vendo é se nós mordemos a isca.

Agora era a vez de Sheriton proceder a um segundo exame da folha. Quando finalmente falou, fez uma cara profundamente entediada: era evidente que atingira os limites da paciência.

— Ned, os criptógrafos me deram todas as garantias de que a interceptação proveio de um monte de merda militar de qualidade muito inferior, produzido numa cagada do exército, colheita 1921. Ned, ninguém mais trapaceia ninguém dessa maneira. Ninguém mais procede assim. Não é a Ave Azul que se está despistando, você é que está.

— Talvez seja por isso mesmo que eles recorreram a esse processo! Não era precisamente isso que você e eu provavelmente faríamos? Atacar de maneira que ninguém espere?

— Sim, talvez fizéssemos isso —, concedeu Sheriton, como se o assunto lhe interessasse muito pouco. — Você se meteu por esse caminho, não é agora que vai mudar de ideia.

Clive no seu pior. — Ned, nós não vamos pedir ao Sheriton que suspenda a operação com o argumento de que está tudo correndo bem —, disse ele numa vozinha açucarada.

— Com o argumento de que no meio disso tudo há uns duendes nos pregando peças —, corrigiu-o Sheriton, cada vez mais irritado, ao regressar ao gabinete num jeito lento e taciturno. — Com o argumento de que tudo o que corre bem esconde um complô do Kremlin, e de que tudo o que estragamos prova nossa integridade. Ned, a minha Agência esteve quase às portas da morte por causa dessa doença. E vocês também. Não é por aí que nós vamos hoje. Esta operação é minha e o rabo é meu.

— A operação é sua, mas o homem é meu —, respondeu Ned, — Perdemo-lo. Tal como perdemos a Ave Azul.

— Claro, claro —, disse Sheriton com uma afabilidade gelada. — Sem dúvida.

Olhou sem a mínima simpatia para Clive. — Então, chefe, o que é que o senhor acha?

Clive tinha os seus próprios processos para dar uma no cravo e outra na ferradura, todos eles já devidamente testados. — Russell — se me permite que o trate assim —, Ned. Parece-me que ambos estão a ser um tanto ou quanto egotistas. Não se esqueçam que nós somos um serviço. Cada um de nós está integrado numa organização que nos transcende. Foram os nossos chefes — e não nós próprios isoladamente — que deram a benção a esta operação. Há nisto tudo um poder, uma vontade inerentes à organização, que são mais fortes do que qualquer um de nós.

Uma vez mais você se engana, pensei. Esse poder, essa vontade, são menos fortes do que todos nós. O que Clive acabava de dizer era um insulto à capacidade de cada um de nós, exceto talvez de Clive que, por isso mesmo, precisava dizer aquilo.

Sheriton voltou à carga, mas mantendo um tom razoavelmente cordial. — Ned, você faz alguma ideia do que acontecerá em Washington e em Langley se eu abortar a operação agora? É capaz de imaginar o coro de risadinhas de hiena que vai ressoar do outro lado do Atlântico, na Defesa, no Pentágono, e entre os Neandertais, se eu fizer uma coisa dessas? É capaz de imaginar com que olhos tem sido visto até agora o material da Ave Azul? — Aparentemente sem qualquer rancor, apontou para Johnny que, sentado numa cadeira, distribuía o seu olhar esbugalhado pelos dois contentores. — Pode imaginar o relatório que este sujeito, este Judas, teria de fazer? Nós pregamos a moderação, Ned, não sei se se deu conta. E depois de tanto pregarmos a moderação é que você me vem dizer para jogar a Ave Azul aos chacais?!

— O que eu quero dizer, Sheriton, é que não lhe dê a lista das compras.

Sheriton inclinou o ouvido como se fosse ligeiramente surdo. — A quem não dou a lista, Ned? A Barley ou ao Ave Azul?

— A nenhum deles. Aborte. — Só nesse momento Sheriton ficou realmente fora de si. Tinha se preparado para um tal momento e ei-lo que chegava. Postou-se à frente a Ned, a pouco mais de meio metro dele, e, repentinamente, abriu furiosamente os braços, levando atrás deles as abas do fofo paletó de lã, com tanta ou tão pouca força que, por um momento, me fez lembrar um morcego muito gordo acometido de ira maligna.

— Pois muito bem, Ned! Vejamos qual poderia ser o nosso pior cenário, cozinhado à sua moda. Certo? Muito bem. Suponhamos que mostramos a lista das compras a Ave Azul e que ele afinal seja trunfo deles e não nosso. Será que eu considere essa possibilidade? Ned, cansei de considerar essa possibilidade. Se a Ave Azul é deles e não nossa, se Barley é deles, se a moça é deles, se todos ou algum jogador falhar, o máximo que pode acontecer é a lista das compras mostrar muito bem mostrado tudo o que se passa no orifício anal dos Estados Unidos da América. — Pôs-se andando de um lado para o outro. — Mostrará aos soviéticos aquilo que nos foi oferecido pelo homem deles.

Portanto, eles ficarão sabendo o que nós sabemos. O que já é mau. Os soviéticos ficarão também sabendo o que não sabemos, e os porquês de não sabermos. O que também é mau, mas ainda há pior. Inteligentemente analisada, a lista de compras pode revelar-lhes as lacunas da nossa máquina de obtenção de informações; se a análise for invulgarmente inteligente, revelará as lacunas do nosso arsenal, um arsenal grotesco, miseravelmente ridículo, incompetente e caricatamente superestocado. Por quê? Porque finalmente nos concentramos naquilo que tememos, e isso é o que nós não podemos fazer e eles podem. Este é o lado desagradável desta coisa toda. Ned, eu sei perfeitamente quais são os saldos possíveis. Sei quais são os riscos. Sei o que podemos ganhar com a Ave Azul e o que ele pode nos custar se isto der errado. Se perco, é uma desilusão. Sei que posso perder. Não me impressiona. Se estamos errados, é uma merda completa. Já sabíamos quando nos encontramos na Ilha Fantasma e agora sabemos melhor ainda porque agora é que a guerra começou. Mas este não é o momento para começarmos a nos hostilizar uns aos outros, a menos que tenhamos uma razão muito, muito forte!

Acercou-se uma vez mais de Ned. A Ave Azul é sincera, Ned! Lembra? As palavras são suas. Essas palavras me fizeram gostar de você! E continuam! A Ave Azul conta a verdade impoluta, a verdade tal e qual como ela a conhece. E os míopes dos meus chefes vão levar com ela no cu ainda que isso lhes custe tudo. Está me ouvindo, Ned? Ou será que já o pus para dormir?

Mas Ned não se deixava influenciar pela sanha de Sheriton. — Não lhe dê a lista, Russell. Nós o perdemos. Se lhe der alguma coisa, dê-lhe fumo.

— Fumo? O que quer dizer com isso? Pôr o Barley na defesa? Admitir que a Ave Azul não presta? Está brincando comigo? Dê-me a prova, Ned! Não me venha com palpites! Dê-me a merda da prova! Todo mundo em Washington me diz que a Ave Azul é a Bíblia Sagrada, o Talmude e o Corão! E agora vem você dizer para lhe dar fumo! Foi você que nos meteu nisto, Ned! Agora não fuja do tigre ao primeiro arranhão!

Ned refletiu por um momento no que Sheriton acabava de lhe dizer. Enquanto isso, Clive refletia sobre o caso de Ned. Finalmente, Ned encolheu os ombros como que para dizer, talvez, que tanto fazia. Depois, regressou à sua secretária, sentou-se e para ali ficou sozinho,

aparentemente lendo papéis. De repente pensei se ele também não teria uma Hannah, ele ou todos nós, que o mantinha agarrado ao leme.

Talvez fosse verdade que a VAAP não tinha salas pequenas ou talvez Alik Zapadny, depois de tantos anos na prisão, tivesse uma compreensível aversão a tudo o que fosse divisões minúsculas.

Fosse como fosse, a sala que ele tinha escolhido para o embate parecia a Barley capaz de albergar o baile de um regimento, e a única coisa pequena que nela havia era o próprio Zapadny, agachado na extremidade de uma longa mesa como um rato no meio de uma jangada, disparando olhares dardejantes para o seu visitante, enquanto este avançava pelo assoalho de tacos na sua direção, os braços enormes balançando junto ao corpo, os cotovelos um pouco erguidos, e uma expressão no rosto que nem Zapadny, nem talvez qualquer outra pessoa, lhe tinha visto alguma vez: uma expressão que não era contrita, nem obscura, nem intencionalmente tola, mas que revelava uma firmeza de intenções quase ameaçadora.

Zapadny tinha disposto uns quantos papéis à sua frente, e uma pilha de livros ao lado dos papéis e um jarro de água e dois copos. E era evidente que queria dar a impressão de que o visitante o tinha apanhado no cumprimento dos seus afazeres; assim, não teria de o enfrentar a sangue-frio, sem adereços ou a proteção dos seus inúmeros assistentes.

— Barley, meu caro amigo, olhe que é muito simpático da sua parte passar por cá para despedir-se, deve estar tão ocupado como eu, faço ideia —, começou Zapadny, falando a uma velocidade incrível. — Quer--me parecer que se a nossa indústria editorial continua a expandir-se assim, não temos outra hipótese senão empregar mais uma centena de pessoas e muito provavelmente ver-nos-emos na obrigação de procurar escritórios maiores. — Com não pouco espalhafato continuou a mexer a remexer nos seus papéis, tendo mesmo assim tempo de puxar uma cadeira para Barley, num gesto que, para ele, seria representativo da antiga cortesia europeia. Mas Barley, como de costume, preferiu ficar de pé. — É para mim uma honra incalculável poder oferecer-lhe uma bebida nas nossas instalações, a uma hora em que o sol ainda nem desceu direito, como dizemos, mas sente-se, Barley, sente-se, conversemos descontraidamente por uns momentos — ergueu as sobancelhas e consultou o relógio, — meu, Deus, devíamos ter um mês disto, e não apenas cinco dias! Então que tal vai a Ferrovia

Transiberiana? Quer dizer, não vejo nenhum problema básico nessa história, desde que a nossa posição seja respeitada, e as regras do jogo integralmente observadas por todas as partes contraentes. Que tal os finlandeses? Muito gananciosos⁹ Ou o ganancioso é o seu Mr. Henziger? O que não há dúvida é que ele é uma criatura obstinada.

Deu de novo com o olhar de Barley e o seu desconforto aumentou. Debruçado sobre ele, Barley não tinha nada do ar de quem queria discutir a Transiberiana.

— Para lhe dizer a verdade, Barley, parece-me um tanto ou quanto estranho que tenha insistido tão peremptoriamente em encontrar-se comigo rigorosamente a sós —, prosseguiu Zapadny cada vez mais desesperado. — Afinal este assunto foi já encaminhado sem problemas à Sra. Korneyeva. Ela e a equipe dela são diretamente responsáveis pelo fotógrafo e por todos os arranjos práticos.

Mas Barley tinha também um discurso preparado, com a diferença de que o nervosismo de Zapadny não o contagiara. — Alik —, disse ele, continuando a rejeitar o convite para se sentar, — esse telefone funciona?

— Claro que funciona.

— Ouça. Preciso de trair o meu país e estou com pressa. E o que eu quero é que você me ponha em contato com as autoridades competentes, porque há determinadas coisas que têm de ser analisadas e combinadas previamente. E não me venha dizer que não sabe a quem é que tem de recorrer. Limite-se a fazer o que lhe peço, ou ainda fica muito mal visto pelos porcos que pensam que são os seus donos.

A tarde ia a meio, mas uma obscuridade invernosa pairava sobre Londres. Uma luz crepuscular banhava o pequeno escritório de Ned na Casa da Rússia. Estava recostado na sua cadeira, com os pés em cima da secretária, os olhos fechados e um sombrio uísque ao alcance da mão — e era fácil de ver que aquele não era o primeiro uísque do dia, longe disso.

— Então? Clive *Sem Índia* ainda está enclausurado com os nobres de Whitehall —, perguntou-me com uma frivolidade cansada.

— Está na Embaixada Americana a tratar da lista das compras. — Pensei que nenhum britânico estava autorizado a cheirar essa lista.

— Por enquanto estão discutindo questões gerais. Sheriton tem de assinar uma declaração nomeando Barley cidadão honorário americano. E Clive tem de acrescentar uma menção da sua lavra.

— Dizendo o quê?

— Que Barley é um homem honrado, uma pessoa idônea e decente.

— Foi você que lhe fez o rascunho? — Claro.

— Que idiota você é —, disse Ned num tom vagamente reprovador. — Acabam por enforcá-lo. — Recostou-se de novo e fechou os olhos.

— A lista de compras vale assim tanto? —, perguntei. Por uma vez, tinha a sensação de encarar alguma coisa com uma visão mais prática do que a de Ned.

— Oh, a lista de compras vale tudo o que há no mundo —, respondeu Ned, indiferente à questão. — Se há nisto tudo algo que valha alguma coisa, só pode ser essa lista.

— Importa-se de me dizer por quê?

— Eu não tinha sido autorizado a compartilhar os segredos mais profundos do material da Ave Azul, mas sabia que se os tivesse compartilhado não entenderia rigorosamente nada. Porém, Ned, o consciencioso Ned, tinha feito aulas extras. Tinha procurado as explicações dos nossos mestres, tinha almoçado com nossos maiores cientistas da defesa no Athenaeum, a fim de com eles dissecar bem o caso.

— A confusão total —, respondeu com um ar de desdém. — A confusão mutuamente garantida. Nós espiamos os brinquedos deles. Eles espiam os nossos. Vigiamos as provas de pontaria uns dos outros, mas nenhuma das partes sabe para que alvos a outra aponta. Se eles apontam para Londres, será que vão acertar em Londres ou acabarão por atingir Birmingham? O que é o erro? O que é que é e não é deliberado? Quem está mais perto da probabilidade zero? — Nesse momento, Ned percebeu meu espanto, o que o deixou lisonjeado. — Nós vigiamos os ensaios que eles fizeram com os ICBM, na península de Kamchatka. Aí os ICBM acertavam no alvo. Mas conseguirão eles acertar num silo Minuteman? Não sabemos, eles também não. Muito simplesmente porque os armamentos mais poderosos — tanto os de um lado, como os do outro — nunca foram testados em condições de guerra. As trajetórias dos testes não são as que eles usarão quando a festa começar. A terra, Deus a abençoe, não é um globo perfeito. Aliás, com a idade que ela tem, como poderia sê-lo? A densidade da velhota é variável. Tal como a sua força de gravitação quando as coisas voam por

cima dela, como mísseis e ogivas. Por isso é preciso levar em conta os desvios. Os nossos especialistas em balística tentam compensá-los nas suas calibragens. Goethe também tentou. Os nossos têm aproveitado os dados dos satélites de observação da terra e talvez tenham mais êxito do que Goethe. Ou talvez não. Só ficaremos a saber quando o abençoado balão for pelos ares, tal como eles, donde resulta que ninguém ficará a saber, porque só se pode fazer a experiência uma vez. — Espreguiçou-se com um prazer óbvio. O assunto parecia agradar-lhe. — De maneira que os campos dividem-se. Os falcões gritam, “Os soviéticos atingiram uma precisão extrema! Conseguem enrubar uma mosca a dez mil milhas de distância!” E as pombas respondem, “Nós não sabemos o que os soviéticos são capazes de fazer, e os soviéticos não sabem o que eles próprios são capazes de fazer. E quem não sabe se a sua espingarda funciona, não vai certamente disparar primeiro. É por causa desta incerteza que nós nos portamos bem”, dizem as pombas. Mas este não é um argumento capaz de satisfazer a mentalidade prosaica dos americanos, porque a mentalidade prosaica dos americanos é completamente avessa a conceitos obscuros ou visões grandiosas. E ainda menos ao nível das muito prosaicas coisas militares. Ora acontece que, o que Goethe diz, constitui uma heresia ainda maior. O que ele diz é que não há outra coisa senão incerteza. E eu concordo inteiramente com ele. Por isso, os falcões odiaram-no e as pombas ficaram tão contentes que, no meio da festa, até se penduraram nos candelabros. — Bebeu uma vez mais. — Se ao menos Goethe tivesse ajudado o pessoal da balística... Nesse caso, tudo teria corrido melhor —, disse ele num tom de censura.

— E a lista de compras? —, repeti.

Com um ar bizarro, Ned inspecionou o conteúdo do copo. — Meu caro Palfrey, nós estudamos os alvos e a maneira de os atingir, baseando-nos naquilo que cremos saber acerca do outro lado. E vice-versa. *Ad infinitum*. Consolidamos a proteção dos nossos silos? Que interessa isso, se o inimigo não consegue atingi-los? Transformamo-los em fortalezas inexpugnáveis — se é que sabemos como — ao preço de bilhões? E na realidade já estamos a fazer isso, ainda que pouco se fale no assunto. Ou protegemo-los de uma forma imperfeita com a SDI, a um preço ainda mais alto? A resposta depende de quais são os nossos preconceitos e de quem assina os nossos cheques. A resposta variará conforme formos fabricantes ou meros cidadãos com os impostos para

pagar. Pomos os nossos mísseis em comboios e ou em autoestradas ou estacionamo-los em veredas no meio do campo, que é a última moda? Ou defendemos que isso é tudo merda e que o melhor é mandá-los para o inferno?

— Então estamos no fim ou no princípio? —, indaguei.

Ned encolheu os ombros. — Mas alguma vez estivemos no fim? Se você ligar a televisão, o que vê? Os líderes dos dois lados trocando abraços muito afetuosos. Até choram! Estão cada vez mais parecidos uns com os outros. Hurra, acabou o pesadelo! Tudo treta. Veja a coisa por dentro que logo se percebe que o quadro nem retocado foi.

— E se eu desligar a televisão? O que vejo? — Ned já não sorria. Longe disso. O seu rosto bondoso estava mais sério do que nunca, embora a sua raiva — se é que era raiva — parecesse dirigir-se unicamente a si mesmo.

— Se desligar a televisão, vai nos ver. Escondidos atrás de nossas máscaras cinzentas. Dizendo uns aos outros que estamos defendendo a paz —. A nebulosa verdade de que Ned falava foi se desenhando lentamente através de uma série de imagens distorcidas, como geralmente acontece no nosso supramundo secreto.

Avisavam repetidamente as telas que às seis da tarde Barley fora visto saindo dos escritórios da VAAP. Uma rajada de inquietação varreu a sala de controle, já que era muito possível que Barley estivesse bêbedo, tanto mais que Zapadny era um aficionado dos copos e quem bebia vodcas de despedida com ele se arriscava a despedir-se para sempre de toda a vodca do mundo. Barley apareceu na porta da rua e com ele Zapadny. Abraçaram-se com uma afetuosidade teatral na soleira da porta, Zapadny muito afogueado e um tanto ou quanto nervoso nos seus movimentos e Barley bem rígido, o que explica o receio dos agentes de que Barley estivesse bêbedo e a decisão um tanto ou quanto estranha de o fotografarem — como se, congelando aquele momento, pudessem por artes mágicas devolvê-lo à sobriedade. E como esta é a última fotografia de seu processo, bem pode o leitor imaginar com que atenção ela foi esquadrinhada. Barley tem Zapadny nos braços e há uma força nítida no abraço que os une, pelo menos da parte de Barley. Na minha imaginação — e talvez só na minha — é como se Barley estivesse tentando manter de pé o pobre coitado, para lhe dar coragem de cumprir sua metade do contrato; ou como se Barley estivesse literalmente insuflando-lhe coragem. E o cor-de-rosa faz um

efeito estranhíssimo. A sede da VAAP fica numa antiga escola da Rua Bolshaya Bronnaya, no centro de Moscou. A escola, creio eu, foi construída na virada do século, com janelas enormes e fachada de estuque. E esta fachada foi recentemente pintada num tom rosa claro que, na fotografia, se transformou num laranja flamejante, possivelmente devido aos últimos raios de um sol de fogo. Os dois homens enlaçados surgem por isso envoltos por uma medonha auréola escarlate, como se um clarão vermelho os tivesse iluminado naquele momento.

Um dos informantes conseguiu até entrar no hall do edifício, sob o pretexto de que queria ir ao café, e tentou fotografá-lo do lado oposto. No entanto, entre ele e o par enlaçado interpôs-se um indivíduo de elevada estatura que assistia à cena na calçada. Junto à banca dos jornais, um segundo homem, tão alto quando o primeiro, bebia alguma coisa de uma caneca, mas sem muita convicção, já que seus olhos estavam também postos nas duas figuras que se abraçavam.

Os olheiros não tomaram nota da quantidade de pessoas que entraram ou saíram da VAAP durante as duas horas em que Barley lá esteve, mas como poderiam tê-lo feito? Não faziam a mínima ideia se os visitantes iam negociar direitos de autor ou segredos de Estado.

Barley regressou ao seu hotel, onde bebeu um copo com um grupo de camaradas ligados ao negócio dos livros, entre os quais Henziger, que, para grande alívio de Londres, pôde confirmar que Barley não estava bêbedo — bem ao contrário, o homem estava perfeitamente calmo e concentrado.

Barley mencionou de passagem que estava à espera de um telefonema de um dos assistentes de Zapadny. — Estamos nos últimos retoques naquela história da Transiberiana —, disse ele a Henziger. E por volta das sete, confessou-se subitamente faminto, de modo que Henziger e Wicklow decidiram levá-lo ao restaurante japonês, convidando para a função duas animadas jovens da Simon & Schuster, segundo Wicklow um verdadeiro antídoto para qualquer tensão, e portanto as companheiras ideais para quem, como Barley, ia ter um encontro muito sério.

Durante o jantar, Barley teve um desempenho tão fulgurante que as jovens tentaram convencê-lo a voltar com elas para o Nacional, onde um grupo de editores americanos oferecia uma festa. Barley respondeu que tinha um encontro, mas que talvez ainda fosse à festa, caso o encontro não demorasse muito.

Às oito em ponto, segundo o relógio de Wicklow, Barley foi chamado ao telefone e recebeu a chamada no restaurante, a menos de cinco metros da mesa onde o grupo estava. Por uma questão de rotina, Wicklow e Henziger apuraram o ouvido, vendo se apanhavam as palavras. Wicklow lembra-se de ter ouvido “Só isso me importa”; Henziger acredita ter ouvido “Negócio feito”, mas admite que pudesse ser “nada feito” ou mesmo “ainda a ser feito”.

Fosse como fosse, Barley veio mal-humorado do telefone e queixou-se a Henziger de que os caras continuavam a exigir muito dinheiro. Henziger atribuiu aquele mau humor ao cansaço e à tensão, mais do que a qualquer interesse pelo projeto transiberiano.

Um quarto de hora depois, o telefone voltou a tocar e Barley, d6sa feita, regressou sorridente. — Conseguimos! —, disse radiante, para Henziger. — Está selado, assinado e em marcha! Eles nunca voltam atrás com a palavra dada. — Perante o que Wicklow desatou a bater palmas e Henziger assinalou que — precisávamos de mais uns quantos assim em Moscou.

Parece não ter ocorrido a nenhum deles que Barley nunca mostrara um entusiasmo tão fulgurante perante um acordo editorial. Mas nessa altura Wicklow e Henziger não pensavam noutra coisa senão no grande golpe da noite.

As conversas de Barley ao jantar foram mais tarde reconstituídas com todo o cuidado, mas sem qualquer resultado. Falou muito mas não estava nervoso. O grande tema foi o jazz, o seu ídolo Slim Gaillard. Os grandes eram sempre proscritos, defendeu. O que era o jazz senão uma forma de protesto? O jazz tinha regras — acentuou — mas mesmo essas regras acabavam por ser infringidas pelos improvisadores dignos desse nome.

E todo mundo concordou com ele, claro, claro, viva a diferença, viva a dissidência! Viva o indivíduo, abaixo os homens cinzentos! Todo mundo concordou, mas ninguém entendeu o verdadeiro significado daquelas palavras. Mas, uma vez mais, porque haveriam de entender?

Às nove e dez, com quase duas horas à sua frente, Barley anunciou que descansaria um pouco em seu quarto, e além disso tinha cartas para escrever e uns assuntos para estudar. Tanto Wicklow como Henziger se ofereceram para ajudar, já que tinham ordens de não o deixarem sozinho, sempre que a possibilidade se apresentasse. Mas Barley declinou as ofertas e nenhum se atreveu a insistir. De maneira

que Henziger ocupou o seu posto no quarto ao lado e Wicklow instalou-se no hall, enquanto Barley descansava, embora, na realidade, não lhe tenha sido possível descansar um segundo que fosse, pois os trabalhos a que se dedicou beiram o heroico.

Num breve espaço de tempo, escreveu nada mais nada menos do que cinco cartas, isto para não falar de dois telefonemas para a Inglaterra, um para cada filho, ambos escutados em território britânico e comunicados depois a Grosvenor Square, ambos sem consequências operacionais. Barley estava unicamente interessado em saber notícias da família e em perguntar pela neta, que tinha quatro anos. Insistiu para que ela fosse ao telefone, mas a criança ou era muito tímida ou estava muito cansada para poder falar. Quando Anthea, a filha, perguntou como estava a sua vida amorosa, Barley respondeu “preenchida”, resposta que foi considerada invulgar, mas a verdade é que, naquele momento, as circunstâncias também eram invulgares.

Só Ned reparou que Barley nada dissera quanto a seu regresso a Londres no dia seguinte, mas Ned já era nessa altura uma voz no deserto, e Clive considerava seriamente a hipótese de afastá-lo por completo do caso.

Barley escreveu também duas cartas mais breves, uma para Henziger e outra para Wicklow. E como ninguém sequer as abriu (pelo menos foi isso o que os laboratórios mais tarde concluíram) e — o que é mais ainda de realçar — o hotel as deixou nos quartos certos às oito em ponto da manhã seguinte, presumiu-se que tais cartas constituíam de algum modo parte do pacote que Barley negociara na VAAP.

As cartas notificavam os dois homens de que se deixassem calmamente o país nesse mesmo dia levando Mary Lou, nada de mal lhes aconteceria. Além do aviso, Barley tinha uma palavra de conforto para ambos.

— Wickers, há em você um verdadeiro editor. Não o perca de vista! — E para Henziger, — Jack, espero que isto não signifique para você uma reforma prematura em Salt Lake City. Diga-lhes que a verdade é que nunca teve muita confiança em mim. Se eu mesmo não confio em mim, como poderia você confiar?

Nada de sermões, nada de citações a propósito retiradas de seu vasto e desordenado repertório. Aparentemente, Barley estava se aguentando muito bem sem a assistência da sabedoria alheia.

Às dez horas, deixou o hotel acompanhado unicamente por Henziger, e passados alguns minutos estavam nos arrabaldes ao norte da cidade, onde Cy e Paddy aguardavam uma vez mais no nosso caminhão. Desta feita, era Paddy que conduzia. Henziger sentou-se ao seu lado e Barley foi para os fundos com Cy, despiu o casaco e deixou que Cy lhe colocasse as correias com os microfones e lhe comunicasse as últimas informações relativas à operação: a saber, que o avião de Goethe, proveniente de Saratov, tinha chegado a Moscou na hora prevista; e que uma pessoa correspondendo à descrição de Goethe fora vista a entrar no prédio de Igor quarenta minutos antes.

Pouco depois, as luzes tinham-se acendido no apartamento em questão.

Cy entregou-lhe então dois livros, o primeiro, *From Here to Eternity*, que continha a lista de compras; o segundo, um volume mais grosso, encadernado em couro, que dissimulava um dispositivo de áudio, ativado sempre que se abria a capa do suposto livro. Barley tinha ensaiado com um dispositivo em Londres e ficou exímio em seu uso. Os microfones estavam sintonizados para anular os impulsos do aparelho, ao contrário do que sucedia com os microfones de parede. Barley também conhecia os inconvenientes do dispositivo. A sua presença na sala era fácil de detectar. Se o apartamento de Igor estivesse sob escuta, quem ouvisse a conversa perceberia imediatamente que no meio havia um receptor de áudio. Tanto Londres como Langley tinham considerado este risco aceitável.

O outro risco não tinha sido considerado, e o outro risco era que o aparelho podia cair nas mãos dos adversários. Encontrava-se ainda no estado de protótipo e tinha custado já uma pequena fortuna e vários anos de investigação.

Às dez e cinquenta e quatro dessa mesma noite, no momento em que abandonava o caminhão, Barley entregou um envelope a Paddy, dizendo-lhe: — Isto é uma carta pessoal para o Ned, para o caso de me acontecer alguma coisa. — Paddy guardou o envelope no bolso interior do blusão. Reparou que o recheio era volumoso e, embora o ambiente de penumbra do caminhão não o ajudasse muito, apercebeu-se de que não estava endereçado.

A descrição mais viva da caminhada de Barley até a porta do bloco de apartamentos não encontramos nos relatórios militares de Paddy, menos ainda no depoimento de Cy perante Haig, mas no tom

áspero de seu bom amigo Jack Henziger, que o escoltou até o local. Barley não abria a boca, disse ele. Jack também não. Nada os identificava como estrangeiros.

— Íamos lado a lado, mas era difícil acompanhá-lo —, disse Henziger. — Barley tem uma passada larga, ao contrário da minha, que é curta. Eu me chateava por não conseguir acertar o passo. O prédio era um daqueles monstros de tijolo que eles constroem com uma milha de concreto à volta, de maneira que cansamos de andar sem ir a parte alguma. Bom, pensei, isto parece ser um daqueles sonhos em que um cara cansa de correr e vai vendo que não saiu do mesmo lugar. E ainda por cima estava muito quente. Calor abrasador. Suei horrores, Barley, não, estava fresquíssimo. Perfeitamente calmo, disse não há dúvida. Ele estava ótimo, correto. Finalmente, olhou-me bem nos olhos e me desejou muita, muita sorte. Estava bem consigo mesmo. Sentia-se que estava.

No entanto, quando lhe apertou a mão, Henziger teve por um momento a sensação de que Barley estava zangado por qualquer razão. Talvez estivesse zangado com ele., pois, na semiobscuridade da entrada, parecia determinado a evitar o olhar de Henziger.

— Mas depois pensei, vai ver ele está chateado é com a Ave Azul por tê-lo metido nisso. E pensei ainda, chateado com nós todos, só não diz porque é muito educado para isso. Quer dizer, o que parecia é que ele estava se comportando bem à inglesa, muito na calma, muito contido, guardando tudo para si mesmo.

Noventa segundos depois, quando se preparavam para partir, Cy e Paddy viram uma silhueta na janela de Igor. Concluíram que se tratava de Barley. A mão direita compunha o cortinado, e esse era o sinal combinado para dizer que estava tudo bem. Foram então embora no caminhão, deixando a vigilância do apartamento aos informantes, que se revezaram em turnos durante toda a noite, mas a luz no apartamento manteve-se acesa e Barley não saiu.

Uma teoria entre centenas diz que Barley nunca subiu ao apartamento, e que o levaram imediatamente até às traseiras do edifício, por onde saiu, e que a figura na janela era um dos homens deles, altões que aparecem na fotografia tirada à tarde no foyer da VAAP. Nunca me pareceu que estas teorias explicativas tivessem algum interesse, ao contrário do que pensavam os peritos, e lá teriam suas razões. Quando

um problema ameaça nos afogar, não há nada como os pormenores irrelevantes para nos manter à superfície.

As especulações acerca do desaparecimento de Barley começaram lentamente e foram ganhando forma ao longo da noite. Os otimistas como Bob, e durante algum tempo Sheriton, porfiaram até nascer o dia e mesmo depois. Barley e a Ave Azul tinham-se embebedado outra vez, insistiam teimosamente a fim de se animarem uns aos outros. Era a repetição de Peredelkino, sem dúvida, um verdadeiro remake, confiavam-se mutuamente.

Depois, inventaram uma história de rapto que não durou muito tempo, já que pouco depois das cinco e meia da manhã — graças à diferença horária — Henziger e Wicklow receberam as suas cartas e Wicklow, sem excessivo espalhafato, apanhou um táxi para a Embaixada Britânica, onde os guardas soviéticos o deixaram passar sem quaisquer problemas. Paddy enviou imediatamente um flash em código para Ned, que o leitor facilmente decifrá. Entretanto, Cy enviava idêntica mensagem para Langley, Sheriton e todo mundo que ainda quisesse ouvir um homem cuja estada em Moscou corria o risco de acabar muito em breve.

Sheriton encarou as notícias com a sua fleuma habitual. Leu o telegrama de Cy, olhou à sua volta e apercebeu-se de que toda a equipe tinha os olhos nele — as meninas elegantes, os rapazes engravatados, Bob, o, leal Bob, o ambicioso Johnny com os seus olhos de pistoleiro. E no campo britânico, Ned, eu próprio e Brock, já que Clive, à cautela, descobrira que tinha assuntos urgentes a tratar longe dali. Havia muito de ator em Sheriton, tal como aliás em Henziger, e foi com o ator que nos confrontamos nesse momento. Levantou-se, compôs a cintura, massageou o rosto como que suspeitando que precisava de barbear-se.

— Muito bem, rapazes. É melhor arrumarmos a loja até à próxima. — Depois, encaminhou-se na direção de Ned, que continuava sentado à sua secretária, estudando o telegrama de Paddy, e pôs-lhe uma mão sobre o ombro.

— Ned, um dia destes convido-o para jantar —, disse. Seguiu então na direção da porta, tirou do cabide a sua gabardine nova, vestiu-a, abotoou-a e saiu, seguido pouco depois por Bob e Johnny.

Outros houve que não se retiraram com tamanha elegância. Especialmente os barões do décimo segundo andar.

Uma vez mais foi nomeada uma comissão de inquérito. Apontar responsáveis. Nenhum nome poupado. Há cabeças que vão rolar.

A Presidente, o Chefe, a Secretário, este vosso Palfrey. Um outro propósito destas comissões, descobri entretanto, consiste em conferir uma aparência de solenidade a eventos que nunca tiveram nenhuma. E que solenes que nós ficamos.

Os primeiros a ser ouvidos, como de costume, foram os teóricos da conspiração, rapidamente recrutados no Foreign Office, no Ministério da Defesa e num organismo especialmente antipático denominado Consultores Informais, formado por cientistas ligados à indústria e às universidades, que se imaginavam espiões de fim de semana. Estes espiocratas amadores dispunham de enorme influência nos bazares de White Hall, e a comissão os presenteou com uma atenção desmedida. Um professor de Edimburgo, durante o seu depoimento, retribuiu-nos a atenção enchendo por cinco vezes o seu cachimbo e quase nos sufocando, mas ninguém foi lhe pedir para apagar a chaminé.

A primeira grande questão consistia em saber o que aconteceria a seguir. Haveria expulsões, um escândalo? Que sucederia à nossa sucursal em Moscou? Tinha havido problemas com os irregulares?

O caminhão reservado às transmissões, embora propriedade soviética, era um problema americano, e o seu súbito desaparecimento lançou uma inquietação silenciosa entre as hostes que tinham defendido o seu uso,

A questão de saber quem é expulso e a troco de quê nunca é uma questão simples, já que os chefes de posto em Moscou, Washington e Londres são atualmente declarados aos respectivos países anfitriões. Ninguém no Kremlin tinha quaisquer ilusões acerca das atividades de Paddy ou Cy. As suas atividades de fachada visavam protegê-los, não do adversário, mas sim da curiosidade do mundo real.

Fosse como fosse, a verdade é que nenhum deles foi expulso. Ninguém foi expulso. Ninguém foi preso. Quanto aos irregulares, cujos serviços foram suspensos indefinidamente, continuaram tranquilamente nos seus empregos oficiais.

Os panditas ocidentais apressaram-se a considerar como extremamente significativa a ausência de qualquer gesto retaliatório.

Um lance conciliatório em tempo de glasnost? Um sinal muito claro de que a Ave Azul era um gambito que tinha por único fim obter a lista das compras americana?

Ou um sinal menos claro de que o material Ave Azul acertava no alvo, mas era muito embaraçador para que o reconhecessem?

As linhas da batalha estavam definidas. Pombas e falcões de ambos os lados do Atlântico reocupavam com o maior júbilo as suas trincheiras, separadas pela fronteira que Ned definira.

Se os soviéticos nos mandam um sinal de que o material é bom, então é evidente que o material não presta, diziam os falcões.

E vice-versa, diziam as pombas.

E vice-versa outra vez, diziam os falcões. Papéis escritos, guerras travadas. Promoções, exonerações, pensões, medalhas, transferências vexatórias, baixas de posto. Mas consenso, nada. Apenas o costumeiro triunfo dos mais fortes, sob o disfarce da dedução racional.

Na nossa comissão só Ned recusou o jogo. Parecia alegremente decidido a aceitar a crítica. — A Ave Azul foi sincera, Barley foi sincero —, não se cansava de repetir, sem nunca perder o bom humor — Ninguém enganou ninguém. Nós é que nos enganamos a nós mesmos. Nós é que fomos desonestos. Não a Ave Azul.

Poucos dias depois de ter proferido esta opinião, concordou-se que Ned sofria de esgotamento e sua presença passou a ser menos solicitada.

Ah, e foi anotado. Na passiva, já que na ativa os verbos têm a desagradável particularidade de traírem o sujeito. Anotação muito séria. Anotada por todos. Foi anotado que Ned não cumprira o dever de avisar o décimo segundo andar da fuga alcoólica de Barley após seu regresso de Leningrado.

Foi anotado que Ned tinha requisitado todo tipo de recursos nessa mesma noite, requisição que nunca explicara, e entre os requisitados figuravam Ben Lugg e os serviços da chefe das escutas, Mary, que conseguiu reduzir a pó sua lealdade a um colega para oferecer à comissão uma sinistra descrição do despotismo de Ned. Pediu escutas ilegais! Imaginem só! Infração nas escutas! Que desplante!

Mary foi aposentada pouco tempo depois e vive agora em Malta, para sempre enraivecida. Teme-se que esteja escrevendo as memórias.

Foi também anotado, ainda que com um “lamentamos”, a discutível conduta do nosso Conselheiro Legal de Palfrey — me devolveram o *de* —, que se eximiu de justificar o uso que fizera da autoridade delegada do Secretário do Interior, embora sabendo que isso

estava previsto nas Normas Regulamentadoras das Atividades dos Serviços após as alterações aprovadas *etcetera* e no parágrafo não sei quantos de um contestável protocolo do Ministério do Interior.

No meu caso, porém, encontraram uma atenuante: o calor da batalha. O Conselheiro Legal não foi aposentado nem procurou refúgio em Malta. Também não foi exonerado. Na melhor das hipóteses, tratava-se de um perdão parcial. Um Conselheiro Legal não devia estar tão envolvido numa operação. Um uso inadequado das atribuições do Conselheiro Legal. A palavra imprudente andou de boca em boca.

Foi também anotado, e igualmente com a devida lamentação, que o mesmo Conselheiro Legal redigira, para que Clive assinasse, um documento atestando que Barley era a melhor das criaturas em todo o universo, menos de quarenta e oito horas antes do desaparecimento de Barley, documento que permitiu que Barley ficasse com a listas das compras, embora presumivelmente por pouco tempo.

Nas minhas horas livres, redigi os termos da exoneração de Ned e imaginei com inquietação o que me aconteceria se fosse exonerado. A vida nos Serviços pode ter as suas limitações, mas só a ideia de uma outra vida lá fora, sem os Serviços, deixava-me positivamente aterrado.

A notícia da morte da Ave Azul constituiu um contratempo temporário nas deliberações de nossa comissão, a qual, no entanto, não demorou a se recuperar. A desagradável notícia ocupava seis linhas no *Pravda*, e fora cuidadosamente elaborada para não parecer nem muito grande nem muito pequena. Mencionava morte após doença do distinto físico professor Yakov Savelyev, de Leningrado, e enumerava suas várias condecorações. Tinha morrido de causa natural — garantia o comunicado — pouco tempo depois de pronunciar importante conferência na Academia Militar de Saratov.

Ned saiu de folga mal soube da notícia, e a folga transformou-se em três dias e numa gripe ligeira. Mas os teóricos da conspiração adoraram. Savelyev não tinha morrido. Já estava morto há muito tempo e a versão com que tínhamos negociado era muito simplesmente um impostor.

Savelyev continuava a fazer o que sempre fizera: dirigia a Seção de Desinformação Científica do KGB.

Estava provado que o material era verdadeiro, não estava nada provado. Não valia nada. Era ouro puro. Era fumaça. Era uma sincera mensagem de paz que nos fora enviada pelos moderados das classes

dirigentes soviéticas, apesar dos tremendos riscos que isso representava. Seu objetivo era mostrar que a espada nuclear soviética enferrujara na bainha e o escudo nuclear soviético tinha mais buracos do que uma peneira.

Era um plano diabólico para convencer os americanos mais teimosos a largarem o gatilho nuclear.

Em suma, o bolo chegava para todos os dentes.

E como na relação simbiótica que existe entre estados beligerantes tudo o que ocorre num deles desencadeia no outro uma reação automática e inteiramente dependente do fato que a provocava, depressa se desenvolveu uma contraindústria, que reescreveu a história da participação americana no caso Ave Azul.

Langley sempre soube que a Ave Azul não prestava, dizia a contraindústria.

Ou que Barley não prestava. Ou que nenhum deles prestava. Sheriton e Brady tinham jogado um jogo duplamente duplo, dizia a contraindústria. O seu único objetivo era espalhar o fumo convincentemente e ganhar mais uns quantos pontos aos russos na interminável luta pela Margem de Segurança.

Sheriton era um gênio. Brady era um gênio. Todos eles eram uns gênios. Todos! Sheriton tinha dado um golpe notável. Brady também. A Agência estava abarrotada de estratégias brilhantes, completamente diferentes dos seus homônimos do mundo público, que não passavam de personagens apagadas. Que Deus proteja a Agência. Que seria de nós sem ela?

Como se isto não bastasse, novas fieiras de hipóteses vieram juntar-se às antigas. Passou a constar, por exemplo, que Sheriton fora um instrumento involuntário do Pentágono e da Defesa. Estes é que tinham preparado a lista das compras, que não passava de uma falsificação, e tanto o primeiro como a segunda sabiam desde o princípio que a Ave Azul era um espião.

E cada novo boato tinha de ser sucessivamente levado a sério, ainda que o único mistério digno desse nome consistisse em saber quem o tinha fabricado ou por quê. A resposta, em muitos casos, parecia ser Russel Sheriton, que naturalmente tratava de defender a sua pele,

Quanto à Ave Azul, se não tinha morrido de causa natural, decerto estava morrendo agora de causa natural.

Só Ned, regressado da sua vigília autoimposta, cometeu de novo o erro crasso de dizer a verdade provável. — A Ave Azul era um homem sincero e nós o matamos —, disse ele sem rodeios, na primeira reunião de que participou. Para a seguinte já não foi convidado.

Entretanto as nossas buscas prosseguiram sem afrouxar. Procurávamos Barley por todo lado, ainda que alguns de nós ficassem contentes por não o encontrar. Sorrateiramente aproximamo-nos dele, sorrateiramente andávamos em volta dele, vezes demais estivemos longe dele. Mas nós éramos homens honrados. Homens que nunca afrouxavam. Que nunca deixavam cair os braços.

Mas o que teria Barley negociado? E a troco de quê? O que querariam os russos comprar de um homem que, até então, precisara apenas de um almoço dispendioso, pago muito provavelmente do seu próprio bolso, para se convencer de uma perda irreversível?

É que afinal ele estava literalmente feito! Feito e desfeito, desfeito e em cacos. Já estava feito no momento em que fora ter com eles! E ele o sabia.

O que tinha ele a oferecer que eles não pudessem obter? É que havia sempre a hipótese de o torturaram, de o submeterem às práticas mais abomináveis, a todo um catálogo de agonias, das quais por vezes se regressa, mas para um inferno inimaginável. Os russos podiam estar retocando a imagem, mas ninguém acreditava que fossem abandonar, de um dia para o outro, métodos que lhes tinham sido tão úteis durante milênios.

A primeira e a mais óbvia das respostas era a lista das compras. Barley podia dizer muito simplesmente aos russos que só conseguiria obter a lista das compras depois de dispor das necessárias garantias. E que preferia passar o resto da vida numa panela com azeite fervente a dar-lhes de mão beijada a lista das compras.

E eles acreditaram nele. Perceberam que ficariam sem a lista das compras se não jogassem o jogo dele. E porque os homens cinzentos, de ambos os lados, ficam tão assustados com a abnegação como com o amor, os frágeis sábios do KGB preferiram negociar com o Barley que entendiam, em vez de se confrontarem com o Barley que não podiam compreender.

Sabiam que ele tinha o poder de lhes dizer não. — Não, não vendo a lista das compras. Não, não vou ao apartamento de Igor enquanto não me derem sua mais do que solene palavra de honra.

Ao ouvi-lo, eles sabiam que era ele quem tinha o poder. E tal como nós, isso os deixava um tanto embaraçados.

E Barley — como ele próprio dissera a Henziger e a Wicklow durante o jantar — nunca tinha encontrado um russo que não cumprisse com a palavra dada. Claro que nesse momento ele não estava falando de política, mas apenas de negócios. E em troca? Que comprou Barley com o que vendeu?

Katya. Matvey. Os gêmeos. Não foi mau negócio. Pessoas reais em troca de argumentos irrealistas, E para ele? Para ele, nada. Nada que pudesse perturbar a força da sua reivindicação. Nada para ele, porque quem estava em causa eram as pessoas que tomara à sua proteção.

E, pouco a pouco, foi-se tomando claro que Barley, por uma vez na vida, tinha arrancado um contrato de primeira. Se a Ave Azul era uma causa perdida, Katya e os filhos exibiam todos os sinais de serem uma causa salva. Katya permaneceu na Outubro, foi vista ocasionalmente em recepções, era a voz dela que atendia o telefone de casa e do escritório. Os gêmeos continuaram a ir para a escola e a cantar as mesmas canções malucas, e Matvey continuou a entregar-se às suas felizes divagações,

Não admira que entretanto uma nova e notável teoria viesse juntar-se às demais. — Os soviéticos lançaram uma operação de encobrimento para consumo interno —, constava. — Não querem que se espalhem as revelações da Ave Azul acerca da incompetência generalizada. De maneira que, durante algum tempo, o disco mudou e o material da Ave Azul foi considerado genuíno. Mas não por muito tempo.

— Isso é o que eles querem que nós pensemos —, gritou uma voz poderosa.

De maneira que voltamos rapidamente ao disco antigo, porque ninguém queria passar por imbecil.

Mas o negócio de Barley estava dando frutos. Katya não perdeu os privilégios que tinha, o cartão vermelho, o apartamento, o emprego. Nem mesmo seu belo rosto pareceu muito afetado. De início, é certo, os relatórios falavam da palidez da viúva, de uma aparência descuidada, de longas ausências do trabalho. E além disso é óbvio que ninguém prometera a Barley que ela seria dispensada de fazer uma declaração voluntária acerca de seu relacionamento com a falecida Ave Azul.

Porém, gradualmente e após um apropriado período de recolhimento, Katya regressou aos antigos cenários com o mesmo

entusiasmo de sempre.

E quanto a Barley? Que foi feito dele? Quente, primeiro, frio, depois, muito, muito frio, por fim: assim evoluíram as nossas buscas.

Poucos dias depois da feira do livro, as tias receberam uma carta formal de renúncia, com carimbo dos correios de Lisboa, carta com todos os traços habituais do estilo de Barley — estava cansado dos livros, a indústria se tornara muito grande, era tempo de ele se dedicar a outras coisas enquanto tinha uns anos à frente.

Quanto aos planos imediatos, propunha-se extraviar-se durante algum tempo — e explorar locais invulgares. Era portanto óbvio que já não se encontrava na Rússia.

Quer dizer, aparentemente óbvio. No fim de contas, foi isto mesmo que ele pensou: aparentemente óbvio. E o que pensou a bonita empregada da Agência de Viagens Barry Martin, que tem os seus escritórios no Mejdunarodnaya. Mr. Scott Blair decidira seguir para Lisboa, em vez de regressar a Londres, disse ela. Um estafeta da VAAP comprou-lhe o bilhete. A empregada fez as necessárias alterações e marcou-lhe lugar no voo direto da Aeroflot, que partiria às 11h20 de segunda-feira, chegada a Lisboa às 15h30, escala em Praga.

E alguém usou esse bilhete. Um homem alto que não falava com ninguém, igualzinho a Barley, ou quase. Talvez tão alto como os homens que assistiram à cena na porta da VAAP. De qualquer modo, demo-nos ao trabalho de controlar. E controlamos em toda a linha, e a linha só parou quando chegou Tina, a mulher que tratava da casa de Barley em Lisboa. Sim, sim, tivera notícias dele, disse ela a Merridew — um bonito postal de Moscou dizendo que iriam passar férias em Lisboa, ele e uma amiga que conhecera recentemente.

Merridew ficou profundamente aliviado ao saber que afinal Barley ainda não tinha regressado à sua zona.

Ao longo dos meses seguintes, foi-se esboçando uma imagem da vida do desaparecido, imagem que não demorou muito tempo a diluir-se.

Um traficante de droga alemão ocidental, que fora preso na URSS, ouviu dizer que um homem correspondendo à descrição de Barley se encontrava numa prisão perto de Kiev, sob interrogatório. Era um tipo bem-disposto, disse o alemão. Benquisto entre os reclusos. Um tipo livre. Até os guardas lhe sorriam, de má vontade mas sorriam.

Um casal francês dado a aventuras, que regressava ao seu país, foi ajudado por um inglês alto e muito simpático quando seu carro se

chocou com uma limusine soviética, devido a uma colisão em cadeia perto de Smolensk. Ninguém ficou ferido. Um metro e oitenta, cabelo castanho farto, muito educado, com um riso franco e vigiado por uns russos enormes.

E certo dia, perto do Natal, pouco depois de Ned ter abandonado formalmente a Casa da Rússia, veio uma mensagem de Havana, citando uma fonte cubana segundo a qual havia um inglês em regime de detenção especial numa prisão para presos políticos perto de Minsk. Um inglês que não se cansava de cantar.

Cantar?, perguntamos, indignados. Cantar o quê? Cantava Satchmo, respondeu Havana. A nossa fonte era um fanático do jazz, como o inglês.

E o texto da carta para Ned? Não deixa de ser um mistério o fato de a carta nunca ter ido parar no processo, e na história oficial do caso Ave Azul não encontramos referência alguma a sua existência. Creio que Ned a conservou muito simplesmente em seu poder. Atribuía-lhe importância demais para passá-la a outras mãos, para lhe dar o destino dos arquivos.

Bom, este deveria ser o fim da história, ou melhor, a história não deveria ter fim algum. Diziam os entendidos que Barley tinha todas as condições para se juntar aos outros espectros que assombram os atalhos mais negros da sociedade soviética — os esmagados e apagados desertores e espiões, os indignos de qualquer confiança, com as suas patéticas esposas e os seus emaciados zeladores, partilhando rações minguentes de delícias e memórias ocidentais.

Era este de fato o ritual em que julgávamos encontrar Barley, quando subitamente um telegrama urgente do sucessor de Paddy nos informou que um inglês alto, de cabelo castanho-alourado, tinha sido visto — e não só visto como também ouvido — tocando saxofone num bar da cidade velha que acabara de abrir, um ano exato após seu desaparecimento.

Clive foi arrancado ao sono, mensagens voaram entre Londres e Langley, pediu-se ao Foreign Office que desse sua opinião. De fato deu. Uma opinião por uma vez inequívoca — nada temos a ver com isso e vocês também não. Parece que achavam que os russos estavam bem mais equipados do que nós para acalmar Barley. Afinal os russos já tinham dado boas provas.

No dia seguinte chegou um segundo telegrama, desta feita proveniente de Lisboa, do gordo Merridew. A empregada de Barley, Tina, com quem Merridew mantivera um relacionamento relutante, recebera instruções para preparar o apartamento para a chegada do patrão.

Mas como recebeu instruções?, perguntou Merridew. Pelo telefone, respondeu ela, o Senhor Barley tinha telefonado.

Mas telefonou de onde, sua idiota? Tina não perguntara e Barley não dissera. Por que haveria de perguntar onde ele estava, se ele chegaria a Lisboa em dias?

Merridew ficou estupefato. E não foi o único. Avisamos aos americanos, mas Langley fora acometida de amnésia coletiva. Só faltaram perguntar “quem? Barley de quê?” Generalizou-se entre o público a ideia de que Serviços como o nosso infligem violentas represálias a todos os que traem seus segredos. Bom, por vezes isso corresponde à verdade, mas raramente os visados são pessoas da classe de Barley. Neste caso, porém, ficou imediatamente claro que ninguém — e menos ainda Langley — tinha o mínimo desejo de transformar num farol cintilante uma pessoa que dariam tudo para esquecer. O melhor será suborná-lo, concordaram todos — ah, e não metam os americanos nisso.

Subi a escada apreensivo. Declinara da proteção de Brock e a tímida oferta de ajuda de Merridew. As escadas eram escuras, íngremes e inóspitas e desagradavelmente silenciosas. Caía a noite, mas nós sabíamos que ele estava em casa. Toquei a campainha, mas como não ouvi som algum, bati na porta. Era uma porta pequena e maciça, com almofadas compactas. Fez-me lembrar a casa do marinheiro na ilha. Ouvi passos lá dentro e recuei imediatamente, ainda hoje não sei bem por que, mas suponho que era como que uma espécie de medo de animais. Como ele estaria? Violento, irado ou extremamente efusivo? Me jogaria escadas abaixo ou me daria um abraço afetuoso? Trazia comigo uma pasta e lembro de a ter mudado para a mão esquerda, como se estivesse me preparando para me defender. Embora, e Deus é testemunha, eu não seja propriamente um homem dado a lutas. Senti cheiro de pintura recente. A porta não tinha olho mágico e era rente ao batente de ferro. Ele não tinha como saber quem batia antes de abri-la. Ouvi o trinco deslizando na fechadura. A porta abriu.

— Olá, Harry —, disse ele.

— Olá, Barley —, respondi eu. Eu vestia um terno escuro e leve, mas azul, pois antes azul que cinzento. Disse, — Olá, Barley —, e fiquei à espera do seu sorriso.

Estava mais magro e tinha um ar mais vigoroso e desempenado, de onde resultava que parecia muito mais alto e a verdade é que eu lhe batia no ombro. Você é um viajante cansado, lembro-me de ter pensado enquanto esperava. A expressão era de Hannah. Teremos de aprender a ser viajantes cansados quando chegar a hora, dizia ela noutros tempos. Os velhos gestos espontâneos e soltos tinham-no abandonado. A disciplina dos pequenos espaços produziu seus efeitos. Era agora uma criatura contida, alinhada. Vestia jeans e camiseta de mangas compridas arregaçadas até o cotovelo. Tinha salpicos de tinta branca nos antebraços. A testa também não escapara, pois estava besuntada de tinta. Vi uma escada atrás dele e uma parede meio-pintada de branco, e no meio da sala pilhas de livros e discos parcialmente protegidos por um pano branco.

— Então, Harry, veio jogar uma partidinha de xadrez? —, perguntou ele, ainda sem sorrir.

— Só queria falar com você, se me deixar —, disse eu, como poderia ter dito a Hannah ou a qualquer outra pessoa a quem quisesse propor a paz.

— Oficialmente?

— Bom ...

Ele me estudava como se não tivesse me ouvido, abertamente e sem pressa, já que tempo era coisa que não lhe devia faltar e me estudava como, creio eu, se estudam os companheiros de cela ou os interrogadores num mundo em que as mais vulgares cortesias tendem a ser ignoradas.

Mas não havia no seu olhar atento nenhum abatimento ou vergonha, nenhuma arrogância ou manha. Pelo contrário, parecia ainda mais límpido do que antes, como se se tivesse instalado para sempre nas regiões por onde ocasionalmente vagueara.

— Tenho vinho na geladeira, não sei se vai gostar —, disse ele, e recuou para me deixar passar, sem tirar os olhos de mim. Depois, fechou a porta.

Mas continuava sem sorrir. Seu estado de espírito constituía um mistério para mim. Senti que não entenderia minimamente aquele homem, a menos que ele decidisse se abrir. Por outras palavras, compreendia tudo o que estava a meu alcance compreender.

O resto, era uma infinidade.

Havia também panos brancos sobre as cadeiras, mas ele retirou-os e dobrou-os como se fossem seus lençóis. As pessoas que alguma vez foram presas — concluí ao longo de anos e anos de experiência — demoram muito tempo a libertar-se do orgulho.

— Diga-me então o que pretende —, disse ele, servindo vinho de garrafão.

— Pediram-me para pôr tudo a limpo —, disse eu. — Eles querem algumas respostas. Em troca, dão as garantias necessárias. — Já me sentia perdido. — Queremos saber se podemos ajudar com alguma coisa —, acrescentei. — Se precisa de alguma coisa. Se podemos chegar a um acordo quanto ao futuro etc. etc.

— Tenho todas as garantias de que preciso, obrigado —, respondeu ele afavelmente, pegando na única palavra que parecia ter captado o seu interesse. — Não precisam de acompanhamento. Prometi

que não abria a boca. — Finalmente um sorriso. — Segui seu conselho, Harry. Agora sou um amante a distância, como você.

— Estive em Moscou —, disse eu, tentando desesperadamente orientar nosso diálogo. — Visitei os locais. Estive com as pessoas. E usei meu próprio nome.

— E qual é esse nome? —, perguntou-me com a mesma urbanidade. — O seu nome. Qual é?

— Palfrey —, disse, omitindo o *de*. Sorriu uma vez mais, um sorriso compreensivo ou agradecido. — Os Serviços me mandaram à Rússia para ver o que houve com você. Não foi uma visita oficial, embora ao mesmo tempo fosse, digamos assim. Perguntei aos russos por você. Tentei esclarecer as coisas. Pensamos que era tempo de saber o que lhe tinha acontecido. De sabermos se podíamos ajudá-lo. E de sabermos se eles estavam cumprindo as regras, podia ter acrescentado. De termos a garantia de que ninguém em Moscou entornaria o caldo. E entornar o caldo significava fuga de informações mais ou menos idiotas ou golpes publicitários mais ou menos bem-sucedidos.

— Já lhes contei o que me aconteceu —, disse ele.

— Nas cartas que mandou? Nas cartas para Wicklow, Henziger e os outros?

— Sim.

— Bom, claro que nós sabíamos que as cartas tinham sido escritas sob coação, se é que foi você que as escreveu. Pense por exemplo naquela carta do desgraçado do Goethe.

— Mentira —, respondeu. — Escrevi-as em inteira liberdade.

Aproximei-me um pouco mais do cerne da minha mensagem. E da mala, que estava no chão ao meu lado.

— Em nossa opinião, você se comportou de forma muito honrosa —, disse, retirando da mala um processo e abrindo-o no meu colo. — Todo mundo fala sob coação e você não podia ser exceção. Estamos gratos pelo que fez por nós e temos consciência do preço que teve de pagar. Profissionalmente e pessoalmente. Sentimo-nos na obrigação de lhe proporcionar uma compensação inteiramente justa. Com condições, claro. Poderá ser uma soma vultosa.

Onde tinha ele aprendido a me observar assim? A fechar-se com tanta firmeza? A inculcar tensão nos outros, tensão a que ele parecia imune?

Li as condições, que pareciam o inverso exato das de Landau. Viveria fora do Reino Unido e só entraria no país com nosso consentimento prévio. E para um acordo completo e definitivo, a condição mais importante — seu silêncio perpétuo — expressa *ex abundanti cautela* e segundo meia dúzia de fórmulas diferentes. E muito dinheiro, basta assinar aqui, desde que — condição *sine qua non* — não abra a boca.

No entanto, Barley não assinou. Já estava farto. Limitou-se a afastar a minha arrogante caneta.

— A propósito, o que vocês fizeram ao Walter? Trouxe um chapéu para ele. Parece um abafafor de bule com listras de pele de tigre. Mas ainda não consegui encontrar o raio do chapéu.

— Se me mandar, farei com que seja entregue a ele —, disse eu. Barley entendeu-me nas entrelinhas e me lançou um sorriso triste. — Coitado do Walt. Correram com ele, não foi?

— Na nossa profissão chega-se depressa ao topo —, respondi, sem conseguir olhá-lo nos olhos. Mudei rapidamente de assunto. — Creio que já sabe que as suas tias venderam a editora à Lupus Books.

Desatou a rir — não era o mesmo riso desenfreado de outros tempos, é certo, mas apesar de tudo era o riso de um homem livre. — Minha nossa! O grande sacana! Conseguiu enganar a Vaca Sagrada! Vá confiar nele!

Mas Barley aceitou bem a ideia. A decisão parecia agradá-lo sinceramente, já que era uma decisão correta. Como todo mundo do meu ofício, assustam-me as pessoas de bons instintos. Mas fui capaz de entender sua tranquilidade. Barley parecia ter desenvolvido uma tolerância absoluta.

— Ela virá um dia, contou enquanto contemplava o porto. Prometeram que um dia virá. Não é para já, depende deles, não de mim, — acrescentou. — Mas um dia vem, disso não tinha dúvidas. Talvez este ano, ou o próximo, disse. Mas o montanhoso ventre dos burocratas russos acabaria por inchar e dar à luz um rato de compaixão. Barley não duvidava. Seria um movimento gradual, mas o rato acabaria por nascer. Tinham prometido.

— Eles não faltam ao prometido —, garantiu-me e, perante tão arraigada confiança, seria grosseria contradizê-lo. Mas havia algo mais que me impedia de exprimir meu costumeiro ceticismo. Era Hannah, novamente. Senti que ela me implorava que o deixasse viver com a sua

humanidade, ainda que eu tivesse destruído a dela. — Você acha que as pessoas nunca mudam porque você nunca muda —, disse ela um dia. — Só se sente seguro quando desiludido.

Convidei-o para jantar, mas ele pareceu não me ouvir. Continuava na janela, fitando as luzes do porto enquanto eu fitava suas costas. A mesma pose em que ele se pusera quando o entrevistamos pela primeira vez em Lisboa. O mesmo braço segurando o copo. A mesma pose da ilha, quando Ned lhe disse que tinha ganho. Mas mais firme. Falava de novo comigo? Percebi que sim. Estava vendo o navio deles chegando de Leningrado, disse. Via-a descer às pressas o passadiço, correndo para ele com os filhos ao lado. Imaginava-se sentado com o tio Matvey sob a árvore enorme do parque em frente, no mesmo banco onde se tinha sentado com Ned e Walter nos tempos em que ainda não era um homem. Ouvia Katya traduzindo as heroicas histórias de resignação que Matvey contava. Acreditava em todas as esperanças que enterrei comigo quando escolhi o bastião seguro da infinita descrença em vez do perigoso caminho do amor.

Consegui convencê-lo a jantar comigo e teve a amabilidade de me deixar pagar. Mas nada mais arranquei dele. Não assinou, não aceitou nada, não quis nada, não cedeu nada, não se comprometeu a nada. E mandou-nos a todos, sem qualquer raiva, para o diabo.

Mas sua tranquilidade era magnífica. Sua voz, tudo nele ignorava a estridência. Mostrou-se atento aos meus sentimentos, ainda que fosse muito educado para perguntar sobre eles. Nunca lhe falei de Hannah, e sabia que nunca poderia fazê-lo, porque o novo Barley não teria paciência para me ouvir falar de uma situação que nunca mudaria.

Quanto ao resto, pareceu interessado em me contar sua história, a fim de que eu pudesse levar alguma coisa aos meus amigos. Conduziu-me de volta ao apartamento, insistiu para que bebêssemos um último copo e repetiu que eu não tinha culpa de nada.

E falou. Para mim. Para ele mesmo. Falou. Uma infinidade de palavras. Contou a história tal qual tentei contá-la aqui, do seu ponto de vista, mas também do nosso. Falou até o dia nascer e, quando eu ia embora, às cinco da manhã, disse que talvez fosse acabar de pintar a parede antes de se deitar. Há muita coisa para tratar, explicou. Carpetes. Cortinas. Estantes.

— Vai correr tudo bem, Harry —, assegurou enquanto me acompanhava à porta. — Diga-lhes isso mesmo.

Espionar é esperar.

FIM

Table of Contents

<u>Rosto</u>	
<u>O Autor</u>	
<u>Sinopse</u>	
<u>Prefácio</u>	
<u>1</u>	
<u>2</u>	
<u>3</u>	
<u>4</u>	
<u>5</u>	
<u>6</u>	
<u>7</u>	
<u>8</u>	
<u>9</u>	
<u>10</u>	
<u>11</u>	
<u>12</u>	
<u>13</u>	
<u>14</u>	
<u>15</u>	
<u>16</u>	
<u>17</u>	
<u>18</u>	